

31º FESTIVAL DO FOLCLORE

13 a 20 de agosto de 1995



31
ANOS
JUBILEU DE BADANA

Olímpia - SP
Capital do Folclore

Bumba-Meu-Boi (São Luís-MA)

Colaboração

BRADESCO

BUMBA-MEU-BOI



BUMBA-MEU-BOI

Bumba-meu-boi é a mais característica manifestação folclórica do estado do Maranhão. Rico em cores, ritmos e danças, esse auto popular ligado ao ciclo do gado, mantém um enredo básico. Trata-se de um drama ocorrido em uma fazenda: Catirina, afilhada do patrão, está grávida e deseja comer a língua do boi mais bonito daquele pasto e induz seu marido, Pai Chico, a matar o novilho. O boi é morto e, depois de muitos entremeios de personagens caricaturados da sociedade, que vêm opinar sobre o acontecido, o criminoso é descoberto. De modo fantástico, o boi ressuscita, geralmente após várias rezas e toadas. O faltoso é perdoado e tudo vira festa.

NOSSA CAPA AUTO DO BUMBA-MEU-BOI

Auto do Bumba-Meu-Boi - adaptação livre de um autêntico Bumba-Meu-Boi do Maranhão pelo Grupo Cazumbá de Teatro e Dança, de São Luís, que pela 14ª vez se apresenta nos festivais do Folclore de Olímpia. Não é folclore, é teatro folclórico. O folclore é a matéria-prima.

O autor foi buscar as origens do folguedo, típico do ciclo junino, e transpôs para o palco um enredo que hoje está praticamente perdido. Trouxe o enredo, as toadas, as danças, o compasso, os instrumentos, os vistosos figurinos. Criou o clímax e o anticlímax, trabalhou o ajuste das marcas, a precisão das coreografias e a utilização de alguns recursos cênicos. O resultado é um teatro limpo e tecnicamente correto. Um espetáculo ágil, colorido e vibrante, já mostrado nos melhores teatros brasileiros.

São 38 figurantes, entre bailarinos, ritmistas, coro e atores dedicados de corpo e alma ao espetáculo.

O amor pelo folclore torna a arte do Cazumbá mais colorida, cheia de ritmo e de alegria.

Autor: Américo Azevedo Neto - pesquisador, escritor e teatrólogo.

Foto colhida no dia 21 de agosto de 1994, encerramento do 30º Festival do Folclore de Olímpia, por **Clodoir de Oliveira**, fotógrafo do Departamento de Marketing do BRADESCO, Cidade de Deus, Osasco - SP.



31 ANOS JUBILEU DE BADANA

Badana, palavra de origem árabe **bidana**, entre os seus significados tem, como modismo próprio da linguagem do Brasil, o de **pele macia e lavrada que se coloca sobre o coxinilho**. É de formato retangular. Última peça colocada sobre o arreio, em cima do pelego de lã, no arreamento de equinos e muares. Lonca curtida.

Os cavaleiros distorcem a pronúncia dessa palavra. De um modo geral, a tendência das pessoas incultas é encurtar a palavra, dificilmente a torna mais extensa.

Mas com **badana** ocorre um fato curioso. Sons são acrescidos no interior da palavra (epêntese): **badrana, baldrana**. Mas não ficam só nestes vocábulos. São ouvidas também outras variações do termo: **badrama, baldrama e baldrame**. Essas alterações que as pessoas simples operam em relação à palavra são bem mais eufônicas que a forma correta. Futuramente, cremos estarem integradas ao léxico da língua.

Os 31 anos de comemoração de um acontecimento são celebrados como Jubileu de Badana, exceção ao de casamento, ao qual se dá o nome de Bodas de Badana.

Olímpia, neste ano, comemora o **Jubileu de Badana** do Festival do Folclore.

José Sant'anna.
1995

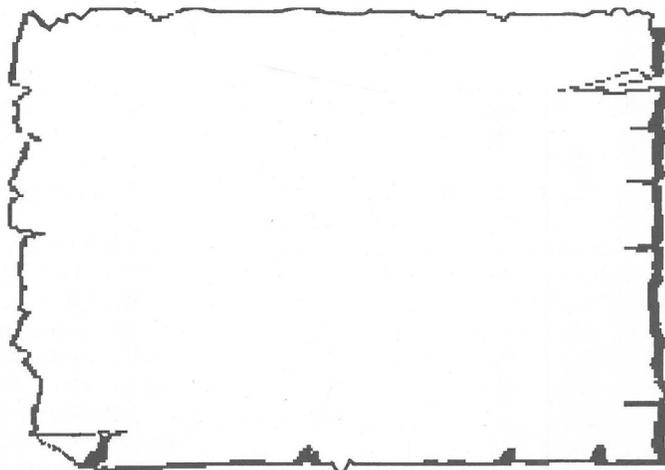


Prefeitura Municipal de Olímpia
Estado de São Paulo
Administração: 1993 - 1996

ANUÁRIO DO
**31^o FESTIVAL DO
FOLCLORE**

13 A 20 DE AGOSTO DE 1995
OLÍMPIA - SP - A CAPITAL NACIONAL DO FOLCLORE

- Diretor:** José Sant'anna
Redatora: Iseh Bueno de Camargo
Revisão: André Luiz Nakamura e José Sant'anna
Assessores: Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin e João José Abra
Sumário: André Luiz Nakamura
Cromos: Clodoir de Oliveira (do BRADESCO)
Fotografias: Agnor Guevara, Edinaldo Luppi e Paulo de Tarso Pereira
Desenhos: João Carlos Oliveira da Rocha, Paulo César Férris e Willian Antônio Zanolli
Pentagramas: Maestro Antônio Possato, Jailton Teixeira de Oliveira e Maestro Jônatas Manzolli.
Diagramação Eletrônica: José Antônio Arantes
Composição, Fotolitos Internos e Cópias: Folha da Região (Rua David de Oliveira, nº 1255, Patrimônio de São João Batista - Telefone: (0172) 81-1261 - Olímpia - SP)
Fotolitos em Cores (capas): Quadricolor — Estúdio de Reproduções Gráficas Ltda. (Rua Joaquim Carlos, 96 - Belenzinho - São Paulo-SP)
Impressão: Centrograf (Praça Rui Barbosa, nº 47, Patrimônio de São João Batista - Telefone (0172) 81-1060 - Olímpia-SP)



ANO XXII

22 DE AGOSTO DE 1995

Nº 25

**Edição do Departamento de Folclore
do Museu de História e Folclore
"Maria Olímpia"
da Prefeitura Municipal de Olímpia.**

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

EXPEDIENTE

Rua David de Oliveira, 420
Caixa postal 60
Patrimônio de São João Batista
15400-000 - Olímpia - SP
Telefone: (0172) 81-1851 - FAX: (0172) 81-1941

Patrocínio:

Banco **BRADESCO S.A.**

SUMÁRIO

LITERATURA ORAL

O POVO INTERPRETANDO AS AVES

Os mais populares seres de nossa multitudinária fauna alada são comentados nesta edição pelo Prof. **José Sant'anna**, que num belíssimo trabalho registra as impressões e opiniões que das aves o povo tem, manifestas no folclore verbal por meio de quadrinhas anônimas, poesia popular, metáforas, provérbios, enfim, dos fatos da linguagem. O autor fala ainda das crenças e superstições envolvendo o tema em foco, além de oferecer sólidos esclarecimentos e informações a respeito do assunto.

Página 3

PAREMIOLOGIA

O PROVÉRBO NA MÚSICA BRASILEIRA

Superintendente de Eventos da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, **Neide Rodrigues Gomes** retrata neste artigo o rico aproveitamento que se vê, na música popular e folclórica brasileira, dos provérbios, frases feitas, ditos e afins, especialmente no cancionário momístico. A folclorista apresenta também, em meio a múltiplos exemplos, uma sistemática classificação dos provérbios e seus similares, bem como notas explicativas acerca da música folclórica e das distinções e analogias que se verificam entre esta e a música popular.

Página 12

FOLHETOS

ACEDILO NOVAES, O POETA DE CORDEL

Acedilo Novaes, o mais atuante poeta cordelista de Olímpia, autor de quase uma vintena de folhetos, é retratado nesta edição por **Clarismundo Sant'Ana**, na qual são publicados cinco poemas de Acedilo: Vida na Roça; Forró no Sertão; Brasil Novo; Não sou mais Caçador e Caipira Valentão, cujas estrofes são constituídas de sete versos (septilhas).

Página 20

COSTUMES E CRENDICES

O FOLCLORE DE TIETÊ - SP

Ostentando uma resistência tão bela e firme quanto a do bronze, o velho estudioso da cultura folclórica, jornalista **Benedicto Pires de Almeida**, neste trabalho faz uma homenagem à sua querida terra ao registrar os costumes e tradições do Município de Tietê - SP, mediante uma abrangente sinopse: - festas; - folguedos; - danças; - brincadeiras; - contos; - mitos; - lendas; - crenças e superstições.

Página 27

CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA

OS PORTUGUESES E A CULTURA POPULAR

Doralécio Soares, Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, faz neste artigo

uma síntese analítica sobre a contribuição portuguesa à formação cultural brasileira, abordando os seguintes temas: Transmissão de Conhecimentos; Habitação; Iluminação, Vestimenta; Os Lugares; Brinquedos Infantis; As Festas de Igrejas; Formas de Culturas Populares.

Página 35

CONTOS FOLCLÓRICOS

QUEM CONTA ESTÓRIAS DE DIA CRIA RABO

Catarse, passatempo, meio de fantasia, a milenar prática de se contar histórias, mundialmente apreciada, é sem dúvida imortal, evoluindo com o vertiginoso progresso tecnológico dos meios de comunicação, conquanto que em detrimento dos contadores de "causos", que se vão escasseando cada vez mais. No entanto, visto que muitos ainda sobrevivem, está à procura deles o Prof. **José Sant'anna**, que nesta edição publica mais quinze contos, recolhidos aqui na Capital do Folclore, e reproduzidos "ipsis litteris", mantendo integral fidelidade à linguagem e ao estilo dos contadores.

Página 36

O FOLCLORE DO FUMO

A CHUPETA DO CAPETA - E OUTRAS MAIS TABAQUICES E BAFORADAS -

Objeto de insuperável controvérsia na atualidade (e do ódio feroz dos antitabagistas) o fumo é o tema sobre o qual discorre **André Luiz Nakamura**, que apresenta um atualizado panorama acerca do tabagismo e suas conseqüências e implicações. Neste trabalho, estão descritos os aspectos históricos e sociológicos do fumo, bem como as diversas formas de se consumi-lo (cigarros, cachimbo, charuto, rapé, "masca"), e, sobretudo, o rico folclore existente em torno dele: superstições, crenças, provérbios e similares, o fabrico artesanal, quadrinhas, medicina folclórica, misticismo, adivinhações, brincadeiras, mitos que fumam, lendas, etc.

Página 52

MEDICINA RÚSTICA

A MAGIA DAS TISANAS

Em "A Magia das Tisanas", a Prof.^a **Iseh Bueno de Camargo** faz um amplo estudo sobre o folclore do chá, oferecendo boas lições de como prepará-lo, e ensinando numerosas receitas, tanto do chá gustativo como do medicinal. A autora ainda elucida a distinção que há entre os diferentes modos de preparo, fala da história e da importância sociológica dos diversos tipos de chá, e o apresenta figurando em meio aos mais variados fatos folclóricos, como a folquemedicina (pelos chás terapêuticos), as lendas, as charadas e a linguagem figurada sobre o tema.

Página 73

ADIVINHAÇÕES

GINÁSTICA PARA A INTELIGÊNCIA

Publicação que tem grande expectativa especialmente entre crianças e juvenis, as adivin-

inhações renovam-se nesta edição, numa inédita coletânea arrolada por **Anali de Oliveira**, do Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos - Olímpia. Desta vez, são 100 adivinhações cuja decifração ora exige não apenas raciocínio, mas também algum conhecimento de geografia, história, ciências, botânica, zoologia, etc.

Página 85

O DOIS

DOIS, NÚMERO SÍMBOLO DO EQUILÍBRIO E DO ANTAGONISMO

O dois é nesta edição exaustivamente calculado e apreendido pelo professor **José Carlos Rossato**, que contempla aquele número sob a ótica do povo, focalizando-o por entre as mais variadas manifestações do folclore: frases feitas, ditados, termos e expressões, quadrinhas anônimas, literatura de cordel, música e medicina folclóricas, simpatias, adivinhações, lazer, etc.

Página 88

FOLCLORE DEVOCIONAL

CAI CHUVA, CAI LÁ DO CÉU!

Tema que há muito tempo vem sendo pesquisado pelo Prof. **José Sant'anna**, este artigo é resultado de um exaustante e intenso trabalho realizado por ele junto à comunidade católico-popular do Município de Olímpia, a fim de registrar toda a ritualística da manifestação devocional expressa pela gente do povo na grande adversidade dos períodos de seca. "Cai chuva, cai lá do céu" contém, de um lado, orações e rezas para aplacar tempestades; de outro, um amplo relato das novenas invocadoras de chuva, com uma completa organografia musical dos hinos nelas entoados; e, finalmente, como ilustração, provérbios e quadrinhas sobre a chuva, e meteorologia popular.

Página 96

REGISTROS

NOTICIÁRIO DA ISEH

A professora e jornalista **Iseh Bueno de Camargo** faz um amplo e completo registro do 30.º Festival do Folclore (1994), narrando e comentando os principais fatos e acontecimentos que marcaram este evento de caráter folclórico, detentor de projeção nacional. Além do que, a autora noticia e nos informa sobre as atividades envolvendo o movimento da Folclorística.

Página 108

CORRESPONDÊNCIAS

MANIFESTAÇÕES RECEBIDAS

Este espaço é reservado para a opinião dos leitores desta revista, bem como para a publicação de parte da correspondência freqüente que o Departamento de Folclore de Olímpia mantém com folcloristas e com instituições de pesquisas e estudos folclóricos de todo o Brasil, a fim de que se promova uma firme sintonia, informativa e atualizadora em benefício da cultura do povo. **Célio José Franzin** é o responsável pelo arquivamento da correspondência.

Página 141

O povo interpretando as aves

JOSÉ SANT'ANNA

Departamento de Folclore - Olímpia

Humberto de Campos disse que “os pássaros são a miúda biblioteca de Deus”.

As **aves** se amam com ternura e devotamento. São como os homens. Só que o “homem nasce para o trabalho e a ave para voar”, Jó, capítulo 5.º, versículo 7. Há nas Efemérides um dia dedicado à ave: 5 de outubro. Foi entre as aves que os homens escolheram o **pelicano** como símbolo deste sentimento. Diz a lenda que, em crise de fome, o pelicano-mãe abre o ventre e dá aos filhos as suas próprias entranhas.

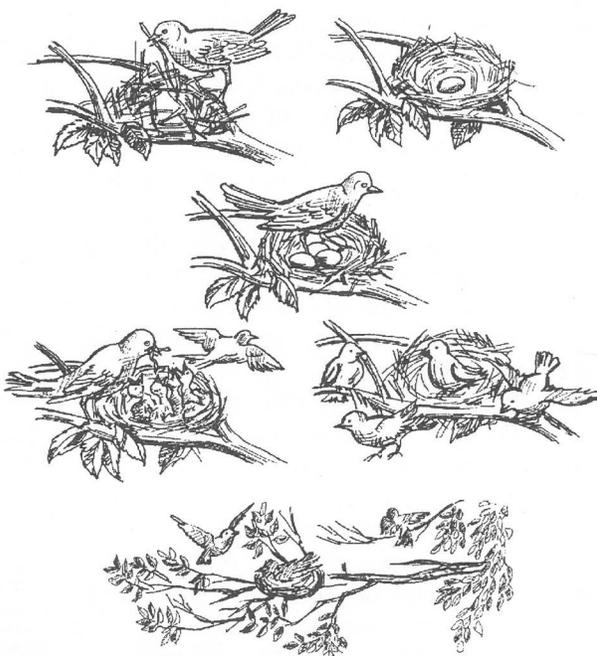
O povo força interpretações divinatórias das aves.

As **saracuras** e **seriemas**, quando se excedem nos cantos e gritos, estão prevendo chuva. O **sabiá** é a ave de canto mais belo. No Brasil há doze espécies de sabiá. O **sabiá-laranjeira**, encontrado no Sul do País é ave-símbolo do **Estado de São Paulo** e o **sabiá-verdadeiro** (sabiá-da-baía ou pardão), ave-símbolo do **Brasil**.

A **garça** habita os banhados, lagos e rios. É ictiófaga. Há muitas espécies de garça. A de grande plumagem de cor branca é muito procurada tanto por selvagens como por civilizados que a apreciam como adorno. É uma ave cruelmente sacrificada em benefício da moda.

A **andorinha** é exemplo de benevolência, mansidão, fidelidade e amor materno. Vive sempre junto com outras. O casamento entre andorinhas é “indissolúvel”. Só a morte pode desfazê-lo. Poetas e prosadores de todo o mundo escreveram páginas inesquecíveis a propósito destas simpáticas avezinhas.

Não há ave menor, nem mais graciosa e dinâmica que o maravilhoso **beija-flor** (colibri, chupa-mel, cuitelo, pica-flor, guainumbi). É bravo e batalhador. Seu vôo apresenta particularidade curiosa: é a única ave que voa para trás. Quando entra numa casa é sinal



de felicidade para seus habitantes.

Quando se fala em **coruja**, pensa-se logo em fantasmas, feiticeiros, casas mal-assombradas, torres de igrejas, cavernas e árvores ocas. A coruja enxerga melhor de noite que de dia. Por ser de vida noturna, é considerada ave de mau agouro, má sorte. Mas pelo contrário, é amiga dos fazendeiros. Caça milhares de ratos, anualmente. Por isso é considerada “guarda-noturno das fazendas”.

A coruja é o único pássaro que pode olhar para o mesmo objeto ao mesmo tempo e com ambos os olhos.

O **tico-tico** é ave insetívora de plumagem cor cinza-carregada, cabeça estriada de preto, peito cinza-claro, coberteiras da asa com pintas claras, riscadas de preto. É explorado pelo **chupim**, do qual choca os ovos e cria os filhotes.

O **pica-pau** exerce as funções de “carapina das matas”. Ajuda na conservação das nossas florestas, pois escavando larvas para comer, o pica-pau ajuda a conservar as árvores. É ave que apresenta variedade de cor, viva e mesclada. Ninguém pode dela se aproximar. Levando-se em conta a sua utilidade à lavoura, comendo os insetos,

não é perseguido pelos caçadores.

A **águia** é uma ave majestosa. Necessita de grandes ninhos. Algumas fazem seus ninhos no alto das montanhas. É carnívora e hábil caçadora. Alimenta-se de coelhos, lebres, ratos. A espécie pescadora alimenta-se principalmente de peixes. A águia é capaz de suspender pesados animais como carneiros, cabritos, etc.

O **bem-te-vi** é encontrado em quase todas as regiões do Brasil. Vive em casais. Briguento e ousado, expulsa, sem piedade, outros pássaros da árvore que escolheu para fazer o ninho. Alimenta-se de insetos, tendo predileção por abelhas, lagartas e peixes. Come até filhotes de outros pássaros.

A **cegonha** é uma ave pernalta de arribação. É formosa, flutua no espaço. É das poucas aves amantes do silêncio, não grita nem canta. Apenas cascadeia com o bico, rapidamente, voltando a cabeça para trás. Na primavera, a cegonha faz o ninho sobre os telhados das casas. Os mesmos casais voltam a cada ano para o mesmo ninho. Alimentam-se de rãs, lagartas, insetos, anfíbios. Destruidora de víboras.

Exageram-se as suas qualidades lendárias. São numerosos os exemplos de amor filial dessa ave.

O dito popular “visita da cegonha”, para significar o nascimento das crianças, tem origem no amor materno da ave.

A **cotovia** é pássaro bonito, de plumagem cinzenta com manchas mais escuras. Levanta vôo dos campos, diretamente para o céu, como uma flecha. Não pousa nas árvores. É mais útil que nociva à agricultura. É caçada, atraída com um espelho, por causa da excelente qualidade de sua carne. A carne é comida assada.

Os **galináceos** são aves de tamanho médio, corpo bonito. Têm boas patas para andar e correr, mas são medíocres voadoras. Os dedos são quatro:

LITERATURA ORAL

três para a frente e um para trás. Os homens gostam de assistir à “briga de galos”. Os galos são os “reis do terreiro”. Nas lutas, usam, como arma, os esporões que têm nas patas. A plumagem dos machos é viva, enquanto a das fêmeas (**galinhas**) é mais tímida. Os sentidos mais desenvolvidos dessas aves são a visão e a audição.

O **gaturamo** é ave canora do Brasil, de tamanho pequeno. É pássaro dos craupídeos, sobretudo os do gênero *Tanagra*, que recebem também outros nomes populares como **tem-tem**, **vem-vem** e **vivi**. É também chamado de **gaipara**, **guatinhuma** e **gurinhato**. Há: gaturamo-serrador; gaturamo-miudinho, conhecido por **puvi**; gaturamo-rei, chamado de **tereno** e o gaturamo-verdadeiro, que recebe os nomes de **tieté** e **bonito**.

A **rola** (rolinha) vive nas clareiras e invadem as fazendas, onde às vezes, por seu grande número, se torna nociva. Nas cidades, é comum ver seus aglomerados, nos gramados e praças, ou no meio da rua, com seu andar característico. Como o pombo, é mansa e só alça vôo quando dela se aproxima demasiado.

Apesar de pequena, tem carne saborosa e, por isso, é perseguida pelos caçadores.

Os **sanhaços** são frugívoros e dão grande prejuízo aos pomares. Reúnem-se, em grande número, nas árvores frutíferas. É conhecido por sanhaço ou sanhaçu. Há seis espécies de sanhaço no Brasil.

O **tucano** é ave da família dos ranfastídeos, a que também pertencem os aracarís, menores no tamanho.

Tem bico muito grande, com as ventas escondidas; plumagem preta, com o papo branco, amarelo ou vermelho.

É ave da mata, que se alimenta não só de frutos como também de animais vivos que consegue apanhar: passarinhos e ratos.

Na mata, em vez de voar, anda aos pulinhos. É ágil nos galhos das árvores, mas no chão é desajeitado.

Dorme com a cabeça debaixo da asa e dobra a cauda toda para a frente.

O manto imperial de D. Pedro II foi todo confeccionado com penas de tucano.

O **rouxinol** tem bico pontudo e asas bem abertas. É útil ao agricultor, pois se alimenta de lagartas e larvas de inseto. É pássaro migratório. Nidifica no chão ou em arbustos de pequena altu-

ra. É célebre não pela plumagem, que é simples, mas pela beleza do canto. Na época do acasalamento, o macho canta do pôr-do-sol ao amanhecer. “Cantar como rouxinol” significa cantar com muita suavidade e beleza.

O **canário** é ave muito apreciada pelo seu canto. Vive em casais ou em bandos. Alimenta-se de frutas silvestres, insetos e grãos. Constroem seus ninhos nos ocos das árvores ou nas casas de **joão-de-barro**. Reproduz-se também em cativeiro. É muito apreciado pelos criadores de pássaros.

A par da beleza de cores, o **pintasilgo** tornou-se famoso como cantor. Habita as matas e constrói seus ninhos sobre árvores de pouca altura. O pintasilgo adulto dificilmente se habitua ao cativeiro. É insetívoro e conhecido, ainda, pelo nome de **pintassilva**.

Muita gente gosta de **pombo**, criando-o até na cidade, pelas cores e feitios exóticos de algumas espécies. Sua carne é apreciada, principalmente quando ainda novo.

Come grão e, por vezes, frutos. É até inimigo das plantações de cereais. Tem necessidade de sal.

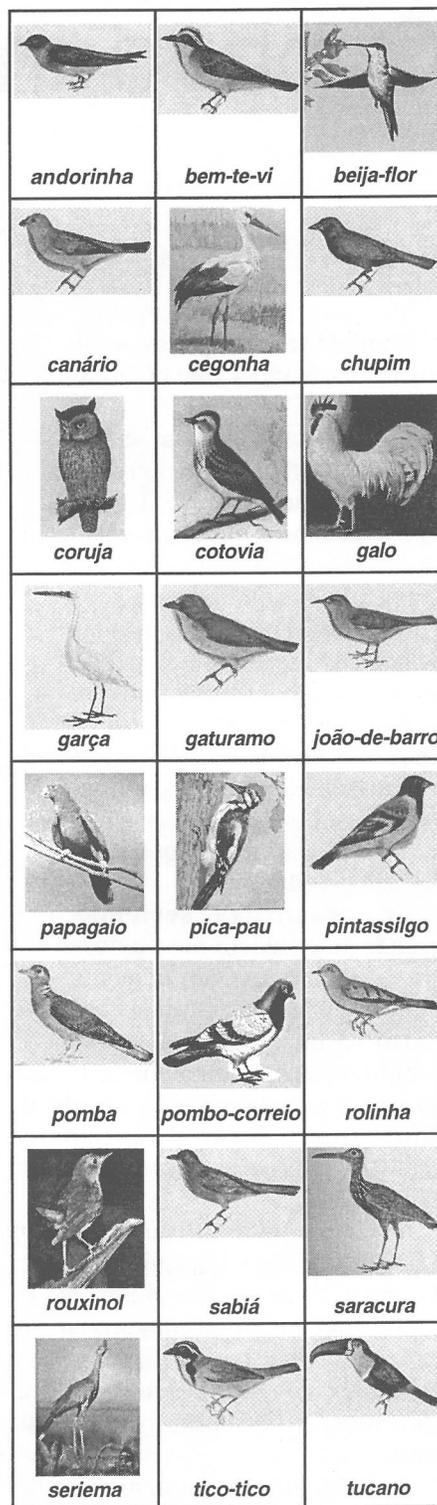
Anda em casais; macho e fêmea chocam os ovos e cuidam dos filhotes.

Existem numerosas raças de pombos. Além do pombo comum, há: pombo-correio, pombo-leque, pombo-papo-de-vento ou pombo-pavão, etc.

O **pombo-correio** devido as suas qualidades e orientação é apropriado para levar mensagens à longa distância. Notável foi o desempenho dessa ave mensageira durante os dois grandes conflitos mundiais, apesar dos modernos meios de comunicação.

Por serem facilmente domesticados e por imitarem a voz humana, os **papagaios** ganharam a estima dos homens. O Brasil chegou a ser chamado de “terra dos papagaios” pela abundância desta ave em sua fauna. Há inúmeras anedotas maliciosamente contadas que são atribuídas a essa ave.

Em quase toda parte, sobre terra ou sobre água, vemos e ouvimos as aves. São elas importantes e úteis para os homens. Despertam muito interesse e fascinação nos pintores e escultores. Exercem importante influência sobre os poetas. O Folclore também dá o seu testemunho através de **quadrinhas anônimas**, que as gerações sucessivas guardam cuidadosamente na memória.



1 - A ave perdeu a pena,
O peixe perdeu a escama,
Eu vivo perdendo tempo
Atrás de quem não me ama.

2 - A ave procura ninho
Onde possa descansar,
O homem, um coração
Em que possa confiar.

3 - Os peixes nadam nas águas,
As aves voam no ar,
Meu coração está preso
Nos laços do seu olhar.

LITERATURA ORAL

4 - O **pássaro** da goiabeira,
Bateu asa e voou,
Fez igual ao meu amor
Que se foi e não voltou.

5 - Todo **pássaro** do mato
Tem seu pio diferente,
Cantiga de amor doído
Acaba matando a gente.

6 - Eu queria ser um **pássaro**,
Um pássaro tesoureiro
Para fazer o meu ninho
Nos cachos de teu cabelo.

7 - Se o meu bem fosse **pássaro**
Eu prendia em gaiola,
Dava comida na boca
E beijava toda hora.

8 - Passou por aqui um **pássaro**
Que neste instante cantou,
Agora fiquei sabendo
Que você nunca me amou.

9 - Gostaria de ser um **pássaro**
Pra voar no seu quintal,
Para dar-te aquele beijo
Numa noite de Natal.

10 - Quisera eu ser um **pássaro**
Para no céu eu voar,
Buscar a luz tão distante
E na terra te entregar.

11 - Subi em cima do morro
Sentei em cima da grama,
Veio um **pássaro** e me disse:
Vida triste de quem ama.

Variante:
Esta noite eu tive um sonho
Sonhei deitado na grama,
Um **passarinho** me disse:
Triste vida de quem ama.

12 - Não há tronco que eu não suba,
Não há dor que eu não cure,
Não há **pássaro** no mato
Que com bala eu não fure.

13 - Escrevi teu belo nome
Na palma da minha mão,
Passou um **pássaro** e disse:
Escreva em teu coração.

14 - Eu sou uma árvore triste
Que no rochedo brotou,
Tu és o **pássaro** lindo
Que nos meus braços pousou.

15 - **Passo-preto** cantadô
Que canta no buriti

Vai dizê para meu bem
Que de tristezas, parti.

16 - Arretira **passo-preto**
Que o canário qué chegá
Estô c' arapuca armada
Mais num é pra te pegá.

17 - Gostaria de ter sorte
Como tem o **passo-preto**,
Todo coberto de luto,
Cantando bem satisfeito.

18 - Os **pássaros** quando nascem,
Nascem dando uns beijinhos;
Assim fazem os namorados
Quando eles estão sozinhos.

19 - Os **pássaros** perdem penas,
Os peixes suas escamas;
Estou perdendo o meu tempo
Por ti que nunca me amas.

Variante:
Os **pássaros** perdem penas,
Os peixes perdem escamas,
Eu perco meu tempo amando
Aquele que não me ama.

20 - Os **pássaros** do jardim
Cantam sempre, sem parar,
Os olhos do meu amor
Nunca param de chorar.

21 - As folhas são para as árvores
O que o sol é para as flores,
A primavera, aos **pássaros**
O que sou aos meus amores.

22 - **Passarinho**, passarinho,
Com você quero voar;
Meu querido passarinho
Tem pena do meu penar.

23 - **Passarinho**, passarinho,
De tão grande coração,
Leve um beijo e abraço
Para o meu querido João.

24 - **Passarinho**, passarinho,
Que canta no meu jardim,
Não o prendo, amiguinho,
Canta bem perto de mim.

25 - **Passarinho** no coqueiro
Joga coco no deserto,
Se queres falar comigo
Chegue um pouquinho mais perto.

26 - **Passarinho** prisioneiro
Com vontade de chorá,
Te tiraro a liberdade
Só para te vê cantá.

27 - **Passarinho** pintassilgo
Que pintou Nosso Senhor,
Pinta a casa do meu sogro
Onde mora o meu amor.

28 - **Passarinho** pintassilva
Que pintou Nossa Senhora,
Pinta o nome de Maria
Nos braços desta viola.

29 - **Passarinho** dos beirais
És mais feliz do que eu,
Tu choras cantando a vida
E eu choro o que já morreu.

30 - **Passarinho** pintassilgo
De sua gaiola disse:
Vida de solteiro é alegre,
Mas a de casado é triste.

Variante:
Passarinho pintassilva
Chegou na janela e disse:
Tempo de solteiro, alegre,
Depois de casado, triste.

31 - **Passarinho** cantou triste,
Pois é triste o seu cantar,
Quem tem seu amor distante,
Seu alívio é chorar.

Variante:
Passarinho triste canta,
Triste só deve cantar,
Quem tem seu amor ausente
O seu consolo é chorar.

32 - **Passarinho** de dois ninhos
Um em casa, outro no mato;
Um amor que ama a dois,
Ama a três e ama a quatro.

33 - O **passarinho** co'o bico
Na branca areia escreveu,
Não fique triste, menina,
Que o amor dele é só seu.

34 - Um **passarinho** cantou,
No ninho da solidão,
Que desejas me abraçar
Na noite de São João.

35 - Um **passarinho** na praia
Com o bico escreveu:
Você não se desanime
Porque ele será seu.

36 - Conheci um **passarinho**
Que se chama beija-flor,
Mas conheci um loirinho
Que me chama de amor .

37 - Voa, voa, **passarinho**
Se tu já queres voar,

LITERATURA ORAL

Os pezinhos pelo chão
E as asinhas pelo ar.

38 - Cante, cante, **passarinho**,
Pois quando moço cantei;
Você a cantar começa,
Eu de cantar já acabei.

39 - Queria ser **passarinho**
Nem que fosse assanhaço,
Queria fazer meu ninho
Na voltinha do seu braço.

Variante:
Se eu fosse um **passarinho**
Eu voaria no espaço,
Para fazer o meu ninho
Na corrente do seu braço.

40 - Sou como um **passarinho**
Vou baixinho pelo ar,
Procurando um carinho
E alguém para me amar.

41 - Queria ser **passarinho**,
Passarinho do sertão;
Para fazer o meu ninho
Dentro do teu coração.

42 - Bate asas, **passarinho**,
Vai dizer ao meu amor
Que você me viu tristonho
Quase a soluçar de dor.

43 - Sou igual a um **passarinho**
Que vive só a cantar,
Ele canta de alegria;
Eu canto pra não chorar.

44 - Já fui livre, **passarinho**
Sem grades no coração,
Hoje quero suas asas
Pra fugir dessa prisão.

45 - Se eu fosse um **passarinho**
Voaria nesta hora
Para ver quem eu deixei
No dia em que fui embora.

46 - Se eu fosse um **passarinho**
Voava e não cairia,
Andaria pelos ares
Pra ver que meu bem fazia.

47 - Lá voou um **passarinho**
Foi dizer ao meu amor
Que eu era traçoeiro
Como o espinho na flor.

48 - Se eu fosse um **passarinho**
Voaria em seu quintal
Pra desejar a você
Boas Festas no Natal.

Variante:
Se eu fosse um **passarinho**
Voaria em seu quintal
Para lhe dar boas festas
Numa noite de Natal.

49 - O nosso amor é tão triste
Como um triste **passarinho**
Que voa de galho em galho,
Sem encontrar o seu ninho.

Variante:
Nosso amor é tão tristonho
Como um triste **passarinho**,
Que vive de galho em galho
E não encontra seu ninho.

50 - Eu vou dar a despedida
Como deu o **passarinho**
Que se despediu cantando,
Deixando as penas no ninho.

51 - Menina, minha menina,
Com andar de **passarinho**,
Carcanhá de arrancá toco,
Unha de roçá o caminho.

52 - O pobre pra comer carne
Tem que ser de **passarinho**,
Ainda assada na brasa
Porque não tem nem toicinho.

53 - Fui no mato apanhá coco
Para ver se mato a fome,
Passarinho respondeu:
- Coco verde não se come.

54 - As coisas que dão tristeza
O meu coração bambeia:
Passarinho na gaiola,
Homem preso na cadeia.

55 - Como é bonito o mato
Quando vem surgindo a aurora,
Bate as asas, **passarinho**,
Abre o bico, canta e chora.

56 - Meu amor quando tu fores
Escreva lá do caminho,
Se não achares papel,
Nas asas de um **passarinho**.

57 - Os galo já tão cantano
Os **passarinho** também
Evém a barra do dia
E aquele ingrato não vem.

Variante:
Os galos já estão cantando
E os **passarinhos** também;
Já está amanhecendo
E aquela ingrata não vem.

58 - **Passarinhos** quando nascem,

Já nascem dando beijinhos;
Assim há de ser nós dois;
Quando estivermos juntinhos.

59 - **Passarinhos** cantam cedo
E cantam até no frio,
Uns cantam de papo cheio
Outros de papo vazio.

Variante:
Os **pássaros** tão cantando
Lá na beirada do rio,
Uns cantam de papo cheio,
Outros de papo vazio.

60 - Sou feliz como uma **águia**
Que vive solta no ar,
Nada me falta no mundo
Pois tenho alguém para amar.

61 - **Andorinha** do coqueiro
Sabiá de beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.

Variante:
Andorinha do coqueiro
Sabiá de beira-mar
Você diz que me quer bem,
Mas só vive a me enganar.

62 - **Andorinha** das palmeiras
Dê juízo a quem não tem,
Dê juízo àquela ingrata
Que não sabe querer bem.

63 - Queria ser **andorinha**
E viver voando o espaço
Para beijar os teus lábios
E repousar nos teus braços.

64 - **Andorinha** do coqueiro
Dá notícia de meu bem,
Se está vivo ou se está morto,
Se está nos braços de alguém.

Variante:
Andorinha do coqueiro
Dá notícia de alguém:
Se está vivo ou se está morto,
Vivo ou morto por alguém.

65 - Como duas **andorinhas**
Numa tarde de verão
Seremos sempre amigos,
Amigos do coração.

66 - Lá se vai cortando os ares
Um bando de **andorinhas**,
Que te levem um abraço
E muitas lembranças minhas.

67 - Sou nesta tarde da vida
Cheio de saudades minhas
Como um telhado de igreja,

LITERATURA ORAL

Todo cheio de **andorinhas**.

68 - **Beija-flor**, beija-florzinho,
Vai-se embora pr' o seu ninho;
Pode dar as suas voltas,
Mas volte pra seu benzinho.

69 - **Beija-flor**, se tu beijasses
Os lábios do meu amor,
Com certeza nunca mais
Bejarias outra flor.

70 - O meu **beija-flor** dourado,
Dos matos e das campinas;
Leva um punhado de beijos
Para as mais belas meninas.

71 - Quando vejo um **beija-flor**
Voando de ramo em ramo,
Eu também quero voar
Nos braços de quem mais amo.

72 - Voa, voa, **beija-flor**;
Voa, voa, sem parar,
Eu também hei de dar vãos
Até conseguir amar.

73 - Eu vou dar a despedida
Como deu o **beija-flor**,
Agora fiquei sabendo
Que você tem outro amor.

74 - Se eu soubesse voar
Como voa um **beija-flor**,
Bejaria a tua boca
Como prova de amor.

75 - Eu já te mandei recado
No bico de um **beija-flor**,
Se eu não for correspondido,
Suspiro e choro de dor.

76 - Esta noite tive um sonho
Com você, meu grande amor:
Eu era uma rosa branca
E você um **beija-flor**.

77 - Não chores, meu bem, não chores,
Não demonstres tanta dor,
Vou te mandar uma carta
Nas asas de um **beija-flor**.

78 - Comparo este meu viver
Como um **canário** cinzento
Que canta pra não chorar,
Disfarçando o sofrimento.

Variante:

Eu comparo minha vida
Como um **canarim** cinzento
Que canta pr' o seu amor,
Disfarçando o sentimento.

79 - Pássaro que cantou aqui
Foi **canário** trovador:
Canta a vida, canta a morte,
Mas não canta meu amor.

80 - Eu tenho um **canarinho**,
Eu tenho um beija-flor,
Eu tenho você na vida,
Eu tenho um grande amor.

81 - Eu comparo minha vida
Com um triste **canarinho**,
Que cantando vive triste,
Retirado do seu ninho.

Variante:

Eu comparo a minha vida
Como um triste **canarinho**
Que cantando vive preso,
Retirado do seu ninho.

82 - Quando eu tinha quinze anos,
Uma moça deu pra mim
Um casal de **canarinhos**
Pra cantar no meu jardim.

83 - Olha bem aqueles dois,
Que namoro sem-vergonha!
E depois vêm me dizer
Que a culpada é a **cegonha**.

84 - Eu sou o teu **colibri**,
Você é a minha flor;
Dê-me um pouco de seu mel
Que eu lhe dou o meu amor.

85 - Querida, tu és tão linda,
Delicada como a flor,
Quisera ser **colibri**
Para colher teu amor.

86 - **Coruja** é pássaro triste
Até no cantar demora,
Quem não tem amor aqui
Por que não se vai embora?

87 - A **coruja** cantou alto
Perto da minha janela,
Eu comparo o meu amor
Com uma rosa amarela.

88 - Em cima da minha casa
Tem **galinha**, tem arara;
Quem roubar meu lindo amor,
Não tem vergonha na cara.

89 - De cima daquele morro
Vem vindo uma **galinha**;
Vão quebrar a asa dela,
Quero ver quem quebra a minha.

90 - Dormir com as **galinhas**

E com galos madrugara,
Assim age quem quiser
Boa saúde gozar.

91 - Eu não vou na sua casa
Pra você não ir na minha,
Você tem a boca grande
Vai comer minhas **galinhas**.

92 - Quando era **galo** novo
Comia milho na mão,
Agora que é galo velho
Bate co' o bico no chão.

93 - Toda vez que o **galo** canta
No retiro onde eu moro,
Então me aperta a saudade,
Saio pr' o terreiro e choro.

94 - Faca com ponta é faca,
Faca sem ponta é cuié,
Galo sem crista é galinha,
Home sem barba é muié.

95 - Quando eu vim da minha terra
Trouxe faca e facão
Pra tirá espora de **galo**,
Orelha de valentão.

96 - **Garça** preta, leviana,
Pescoço de imperador,
Você que vai lá pra cima
Dê lembrança ao meu amor.

97 - A **garça** passô voano
Com a corrente no pé,
Vô buscá amô de longe
Que o de perto não me qué.

98 - A **garça** perde as penas
Os pássaros se desertam,
Como é triste amar de longe
Sem poder amar de perto.

Variante:

A **garça** fez a mudança
Do jardim para o deserto,
Como é ruim amar de longe
Não podendo amar de perto.

99 - A **garça** pôs o pé nágua
E o bico para bebê;
Morena, minha morena,
Eu não fico sem você.

100 - Lá vem a **garça** voando
Com a corrente na asa,
Desgraçado é o homem
Que namora e não se casa.

101 - Lá vem a **garça** voando
Com uma toalha de renda,
Meu amor é quem trabalha

LITERATURA ORAL

Nossa Senhora o defenda.

102 - Lá vem a **garça** voando
C'uma corrente no pé,
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

103 - Lá vai a **garça** voando
Com a corrente no pé,
Homem que não tem dinheiro
Pra que ele quer muié?

104 - Lá vai a **garça** voando
Baixa aqui, baixa acolá,
Procurando um amor firme
Que nesta terra não há.

105 - Lá vai a **garça** voando
Levando o vento no ar,
Eu também viro a cara
A quem não quero falar.

106 - Lá vai a **garça** voando
Dos encontros vai fugindo,
É sinal de quem quer bem
Passar por outro sorrindo.

107 - Quando vês a **garça** branca
Pelo ar ir "avoando",
Isto são saudades minhas
Que te vão acompanhando.

108 - A respeito à **garça** branca
Eu agora estou falando,
Bateu asa e foi-se embora
Me deixou aqui chorando.

109 - Lá vai a **garça** voando
Co'as penas que Deus lhe deu,
Contando pena por pena,
Mais pena padeço eu.

Variante:

Lá vai a **garça** voando
Co'as penas que Deus lhe deu,
Contando pena por pena,
Quem mais tem pena sou eu.

110 - Eu vou me vestir de branco
Como a **garça** se vestiu
Pra dançar um requebrado
Que o moreno me pediu.

111 - A blusa desta menina
É branca como algodão,
Tem a beleza das **garças**
Voando pelo sertão.

112 - Eu vou dar a despedida
Como faz o **gaturamo**,
Bateu asas, foi dizendo:
Que saudades de quem amo!

113 - **Papagaio** pena verde,
Toda a pena no jardim,
As penas todas se acabam
Só os ninhos não têm fim.

114 - Vô comprá um **papagaio**
Pra ensiná ele a falá,
Numa gaiola de oro
Vô prendê meu sabiá.

115 - Da Bahia me mandaro
Um presente num balaio,
Pensei que era quitanda
Era nim de **papagaio**.

116 - Em cima daquele morro
Vem uma **pomba** voando,
Co'o bico vem escrevendo,
Co'as asas vem apagando.

117 - Queria ser **pomba-rola**
Lá no fundo do sertão
Pra construir o meu ninho,
Na palma da sua mão.

118 - A **pombinha** está cansada
De batê o bico na lama,
Eu também já estô cansada
De querer quem não me ama.

119 - Parte, ó **pombinha** branca,
Vai voando pelo além,
Vai levar saudade minha
Praquela que eu quero bem.

120 - Coitadinha da **pombinha**,
Veja onde fez seu ninho
Nos galhos do pau mais alto
Na beira de um caminho.

121 - Meu belo **pombo-correio**
Que voava sobre a grama,
Voando ele dizia:
Muito sofre quem te ama.

122 - **Pica-pau** da mata virgem
Tem catinga no sovaco,
De dia pica no pau,
De noite, no seu buraco.

123 - **Pica-pau** é curioso
De um pau fez um tambor
Para tocar o seu hino,
Na porta do seu amor.

Variante:

O **pica-pau** atrevido
De um pau fez um tambor
Para fazer alvorada,
Na porta do seu amor.

124 - **Sabiá** canta na mata,

Descansa no pau agreste,
Um amor longe do outro
Não dorme sono que preste.

125 - **Sabiá** desce da arve
Vem posá na minha mão
Pra senti o quanto sofre
O meu pobre coração.

126 - Saracura da campina,
Sabiá peito amarelo,
Bate o vento no coqueiro,
Traz aquela que eu mais quero.

127 - Eu vou dar a despedida
Como faz o **sabiá**,
Vou voltar pra minha roça,
É o melhor lugar que há.

128 - Na frente de minha casa
Sempre canta um **sabiá**,
Se eu não casá com você
Sô capaz de me matá.

129 - Meu **sabiá-laranjeira**
Que só vive a cantar;
Tu cantas por ter saudade,
Eu canto pra não chorar.

130 - A **rolinha** já voou
Lá pra banda do sertão,
Para voar deixou pena,
Para voltar fez verão.

131 - **Rouxinol** canta de dia,
Sabiá de madrugada;
Eu canto a quarqué hora
Pra esquecer uma marvada.

132 - **Rouxinol** canta de noite,
De manhã a cotovia
Todos cantam, só eu choro
Toda noite, todo dia.

133 - O **rouxinol** quando canta,
Canta queixoso, sentido,
Eu também vivo queixando
Por não ser compreendido.

134 - Meu canário de gaiola,
Rouxinol de laranjeira,
Não há dinheiro que pague
Beijo de moça solteira.

135 - **Saracura**, sabiá,
Bem-te-vi e beija-flor
Todos cantam, todos gritam:
Viva o nosso imperador!

136 - Vou lhe dar a despedida
Como deu a **saracura**;
Bateu asa e foi embora,

LITERATURA ORAL

Coisa boa não atura.

137 - **Seriema**, seriema,
Não cante triste assim não,
Teu cantar me traz saudade
Que me mata de paixão.

138 - **Tico-tico** no farelo,
Sabiá na laranjeira,
Quem quiser casar comigo
Traga ouro na algibeira.

139 - **Tico-tico** no terreiro,
Chuva grande não me molha,
Onde tem moça solteira
Pr'as casadas não se olha.

Variantes:

Tico-tico no terreiro
Nem que chova não se molha
Onde tem moça bonita
Moça feia não se olha.

Tico-tico no terreiro
Quando chove não se molha,
Onde há moças bonitas
Para as feias não se olha.

140 - Quero dar a despedida
Como deu o **tico-tico**:
O que é bom é para mim
E não é para o seu bico.

141 - Quem me dera ser **tucano**,
Um tucano araçari,
Pra eu entrar no teu peito
E pra nunca mais saí.

NOTAS E COMENTÁRIOS

1 - **Avicultura** é a arte ou técnica de criar e multiplicar aves. **Ornitologia** é a parte da zoologia que trata das aves; tratado acerca das aves.

2 - No mundo das aves, os machos são sempre mais belos que as fêmeas.

3 - Em nossa fauna alada, toda ave de porte pequeno é chamada **passarinho**, termo empregado para designar a ave que chilreia ou gorjeia. Daí, as expressões: **Morrer como um passarinho** = morrer sem experimentar sofrimento físico. **Ver passarinho verde** = mostrar-se muito alegre sem razão aparente. **Um passarinho me disse**: quando se quer ocultar o nome de quem revelou um fato. **Apetite de passarinho** = diz-se de quem come pouco. **A vôo de passarinho**: com rapidez. **Água-que-passarinho-não-bebe**: cachaça. **Passarinho de relógio**: pessoa pontual. **Passarinho sem rabo**:

bife enrolado com presunto. **Passarinho vive e deixa-me viver**: coexistência pacífica. **Não adianta botar passarinho sem asa em gaiola**: não exigir trabalho de quem é incapaz. **Tampa as frestas para que nem passarinho vê ele nu**: oculta os sentimentos.

4 - Os nomes de pássaros, quanto ao gênero gramatical, na sua maioria, são **epicenos**, isto é, têm uma única forma assim para o masculino como para o feminino. A distinção do sexo é feita com o auxílio das palavras **macho** e **fêmea**. Por exemplo: a andorinha macho - a andorinha fêmea, o bem-te-vi macho - o bem-te-vi fêmea ou: o macho da andorinha - a fêmea da andorinha; o macho do bem-te-vi - a fêmea do bem-te-vi.

5 - Nos provérbios o **pássaro (passarinho)** é empregado nas lições de vida. Registramos alguns deles sem a determinação das espécies: O **pássaro** que se separa do outro, vai voando adeus o tempo todo. / Canta cada **pássaro** conforme o bico que tem. / O amor é **pássaro** que põe ovos de ferro. / Mais vale um **pássaro** na mão do que dois voando. / Homem apaixonado e **pássaro** com visgo quanto mais se debatem, mais se prendem. / Por mais alto que um **pássaro** voe, tem de baixar para comer. / **Passarinho** que voa com morcego acaba dormindo de cabeça para baixo. / **Passarinho** cantor caga no cocho. / **Passarinho** que se debruça: o vôo já está pronto. / **Passarinho** cai de voar, mas bate com suas asinhas no chão. / **Passarinho** que muito canta caga no ninho. / Pequeno **passarinho**, pequeno ninho. / Festas e **passarinhos** só na casa dos vizinhos. / Sofrer como **passarinho** na mão de menino. / De raminho em raminho, o **passarinho** faz o ninho. / O homem sem dinheiro é **passarinho** sem asas. / Cobra não gera **passarinho**. / De mau caminho sai **passarinho**. / Gaiola bonita não dá de comer a **passarinho**.

6 - Na Bíblia há referências aos **pássaros**. O oferecimento de dois pássaros fazia parte das cerimônias da purificação de um leproso (Levítico 14,4).

Embora pequeno e insignificante na aparência, o pássaro é também objeto dos cuidados da Providência divina (Mateus 10,29 e Lucas 12, 6-7).

7 - Os verbos com que se exprimem

as vozes das aves só se conjugam na terceira pessoa (singular e plural). São verbos **unipessoais**. Por não possuírem todas as formas, ou seja, por não se conjugarem integralmente, classificam-se como **defectivos**. Grande parte desses verbos é constituída por palavras **onomatopaicas**. Vejamos os verbos que exprimem as vozes das aves, integrantes das quadrinhas coletadas: **águia** (crocitar, grasnar, gritar, piar), **andorinha** (chilrar, chilrear, grazear, grinfar, trinfar, trissar, zinzilular), **beija-flor** (afar, arrular, ciciar, ruflar, sussurar), **bem-te-vi** (cantar, estridular, assobiar), **canário** (cantar, dobrar, modular, trilar, trinar), **cegonha** (gloterar, grasnar), **cisne** (arensar, grasnar), **coruja** (chirriar, crocitar, piar, pipiar, pipilar, sussurar, ulular), **cotovia** (cantar, gorjear), **galinha** (cacarejar, carcarear, gaguear), **galo** (amiudar, cacarejar, cantar, clarinar, cocoricar, cucuritar), **garça** (gazear, grasnar, gazinar), **gaturamo** (cantar, chilrear, gorjear) **papagaio** (chalrar, chalrear, falar, grazinar, palrar, palrear, taramelar), **pelicano** (grasnar, grassitar), **pica-pau** (chiar, piar), **pintassilgo** (cantar, dobrar, modular, trinar), **pombo**, **rola** (arrolar, arrular, arrulhar, gemer, rular, rulhar, turturinar), **rouxinol** (cantar, gorjear, trilar, trinar), **sabiá** (cantar, gorjear, modular, trinar), **seriema** (cacarejar, gargalhar), **tico-tico** (cantar, gorjear, piar, trinar), **tucano** (chalrar).

Convém lembrar que estes verbos perdem sua defectibilidade quando usados no **fabulário** ou quando empregados em sentido figurado.

8 - As aves ministram, pelas suas qualidades, ou defeitos, fartos subsídios aos homens, para indicar os predicados bons ou maus de seus semelhantes. Assim, se um indivíduo é briguento, aplicam-lhe os qualificativos de **galo**; se é atilado, perspicaz, cabele o de **águia**; se é trabalhador, fica-lhe bem o de **joão-de-barro**; se é esperto, muito rápido, o de **beija-flor**; se é bom cantador, o de **rouxinol**, **patativa**, **sabiá**; se nada bem, o de **cisne**; se é muito feio, o de **coruja**; se é molóide, toleirão, o de **pato**; se é narigudo, o de **tucano**; se é muito falante, tagarela, o de **papagaio**, etc.

O emprego de um vocábulo, em sentido figurado, é um recurso natural, de que se serve geralmente o povo para exprimir, com mais energia e rapidez, as suas idéias.

LITERATURA ORAL

9 - Pássaros Feiticeiros

Há pássaros que a tradição popular considera feiticeiros, dotados de poderes mágicos. Por exemplo: Quem ouve o canto do **acauã** fica enfeitiçado e começa logo a arremedá-lo. O **saci** vive sempre sozinho em casa ou em fazenda abandonada, onde trama os seus feitiços. A **juriti-pepena** é ave sofredora que mora dentro de uma planta. Se alguém a irritar, ela é capaz de enfeitiçar a pessoa, deixando-a parálitica. Etc.

10 - Sonhar com pássaros, segundo a sabedoria popular, significa: vê-los e ouvi-los: **felicidade**. / em liberdade; **nova paixão**. / em gaiola: **desgostos**. / bicando uns aos outros: **declaração de amor**. / cantando de manhã: **alegria**. / ver ninho de pássaro: **prosperidade**. / ver ninho vazio: **aborrecimento**. / ver alguém destruir ninho: **ameaça de desmoralização**.

11 - Crendices

A presença (visita) de passarinho em casa:

- **Passarinho** entrando dentro de casa, de um modo geral, é sinal de muita sorte para a família.

- Quando um **passarinho** entra em casa é sinal de recebimento de carta, boas notícias ou visita de pessoas distantes.

- Se um **passarinho** entrar em casa, pela porta da cozinha, é visita de mulher; se pela porta da sala, é visita de homem.

- Se um **passarinho** entrar na sala e permanecer um tempinho, e dela sair por onde entrou, é indício de morte na família.

- Quando um **passarinho** entrar na cozinha, e sair imediatamente após, é sinal de fartura.

- Quando um **passarinho** entrar na sala e sair logo após, é sinal de visita.

- Se um **passarinho** entrar no quarto está anunciando doença.

- Se um **passarinho** entrar pela janela e sair pela porta está anunciando mudança de casa.

- Se um **passarinho** entrar em casa e ficar parado no meio dela é indício de casamento.

- Quando um **passarinho**, todinho azul, entrar em casa é sinal de morte, mas se tiver o rabo branco está anunciando

ando o recebimento de carta.

- Se um **passarinho** verde entrar na sala de visitas, é sinal de esperança, de que algo bom vai acontecer; se for branco, é sinal de paz.

- Quando um **passarinho** cinzento, de rabo branco, entrar em casa indica recebimento de carta com boas notícias, felicidade; se for preto, indica luto.

- Quando entrar em casa um **passarinho** de duas cores (branca e preta) é certeza de que a família receberá carta.

- Se o **passarinho** que entrar em casa for pintadinho só trará notícias ruins.

- Quando um **passarinho** de rabo verde entrar em casa é prenúncio de casamento.

- Quando um **passarinho** entrar em casa e for em frente a um espelho é indício de recebimento de carta com boas notícias.

- Se um **passarinho**, de uma só cor, entrar em casa e tiver dificuldade para sair, é sinal de doença.

- **Passarinho** que entra em casa e morre dentro dela é prenúncio de morte de uma pessoa da família.

- Se um **passarinho** cantar, numa quarta-feira, na janela de uma moça que tem namorado, é sinal de que o casamento está próximo.

- Quem guardar, entre seus pertences, uma pena de **passarinho**, encontrada dentro de casa, durante a visita da avezinha, terá muita sorte.

- Se um passarinho estiver cantando numa árvore verde do quintal é sinal de que haverá chuva; se em árvore seca, muitos meses de sol.

- **Passarinho** que desce no quintal da casa de quem está enfermo, é sinal de que o doente morrerá.

- Se **passarinho** vier beber água ou alimentar-se com sobra de comida na área da cozinha ou quintal da casa, é sinal de fartura.

- Quem matar um **passarinho**, pelo simples prazer de vê-lo morto, será muito infeliz.

- Se em casa, alguém comer carne de **passarinho** que esteja chocando, além de sofrer perigosa disenteria, estará sujeito a perder as sobrancelhas e os cílios.

- Quando um **passarinho** faz o seu ninho na área da cozinha ou na sala é sinal de muita sorte.

- Quando um **passarinho** faz o seu ninho entre as telhas da casa é sinal de mudança da família.

- Quem, em casa, desfizer um ninho de **passarinho**, com os ovos, chamará desgraça para si.

- Se os **passarinhos** estão alvoroçados no quintal de casa é sinal de chuva.

- Quando alguns **passarinhos** passam por cima de casa é sinal de que em breve haverá casamento.

12 - Poesia: Ama as Aves

À sombra de um arvoredo
Não seas um caçador:
Quem mata por gosto as aves
É maldoso e pecador.

Os ninhos onde se criam
E cantam as avezinhas
São benditos como os berços
Que embalam as criancinhas.

É a dor mais cruciante
A de uma mãe desgraçada
Que ao ver seu filhote morto
Sente a alma estraçalhada.

E as aves se não têm alma,
Sofrem como quem a tem.
Não as mates, porque as aves
São filhas de Deus também.

De autor desconhecido.

13 - Cabelo Preto Anelado

CA - BE - LO PRE - TO ANE - LA - DO, O - LHOS A - ZUIS, COR DO
MAR QUEM NÃO A - AMA COR MO - RE - NA --
MOR - RE SEM DEUS, NÃO VÊ NA DA A.
MAR, A - MAR, A - MAR, DI - ZEM QUEA - MAR É DO - I.
DO - MEU CO - RA - ÇÃO MAR - GU - RA - DO
É QUEM ME TRAZ TÃO SEN - TI DO

1 - Cabelo preto anelado,
Olhos azuis, cor do mar,
Quem não ama a cor morena,
Morre sem Deus, não vê nada.

LITERATURA ORAL

Estrilho

Amar, amar, amar,
Dizem que amar é doído,
Meu coração (a)margurado
É quem me traz tão sentido.

2 - Fui passear com meu bem
Na sombra de uma roseira,
Ela fez um juramento
De ser minha companheira.

Estrilho

3 - Na sombra de uma paineira,
Sentei, estava descansando,
Quando eu olhei para cima
Vi um passarinho cantando.

Estrilho

4 - Se eu soubesse, passarinho,
Esta sua bela canção,
Fazia seu lindo ninho
Dentro do meu coração.

Estrilho

Cantada por José Tomás de Oliveira (Lé) e seu amigo Chiquinho Baiano, no distrito de Ribeiro dos Santos (Olímpia), na década de 1950. Letra cedida por Lé.

Observação: Conhecemos duas outras estrofes que também eram entoadas, com a mesma música, por outros cantadores.

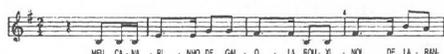
- Perguntei ao passarinho
O que ele estava sofrendo
Ele não me disse nada,
Bateu asas, foi morrendo.

Estrilho

- Passarinho, se eu pudesse
Não te enterrava no chão.
Abria tua sepultura
Dentro do meu coração.

Estrilho

14 - **Morte do Canário**
(Canto alegre, chistoso)



Meu canarinho de gaiola,

Rouxinol de laranjeira,
Não há dinheiro que pague,
Beijo de moça solteira.

Mandei fazê uma gaiola
Para pôr meu canário dentro,
Quando foi no otro dia
Meu canário amanheceu doente.

Mandei chamá o doutor
Com a navaia na mão
Pra sangrá o meu canário
Bem rente do coração.

Na primeira navaiada,
Meu canário esmoreceu,
Na segunda, bateu asas,
Na terceira, ele morreu.

O enterro do meu canário
Este foi de muito luxo,
Veio o gato do vizinho
Passô meu canário no bucho.

Contado por Jesus Francisco de Miranda, 48 anos (1960), carrinheiro, residente na Av. Júlio Ferrânti, 235, Vila São José, Olímpia.

15 - Nas quadrinhas 15, 16 e 17, aparece a palavra **passo** em vez de **pássaro**. Explica-se o emprego do termo reduzido **passo**, pois as pessoas incultas têm aversão às proparoxítonas.

Pássaro-preto é ave de coloração inteiramente preta, distinguindo-se de outros pássaros pretos pelas penas estreitas e pontiagudas na cabeça, com sulcos oblíquos na maxila inferior, em direção à base do bico. Freqüenta as fazendas e roças, onde causa danos aos arrozais e roças recém-plantadas. Não põe os ovos em ninho alheio, como o verdadeiro chupim, cupido, gaudério, iraúna, papa-arroz, parasita, vira-bosta.

A palavra composta **pássaro-preto** transformou-se em **ássum-preto**, numa composição musical brasileira.

Trata-se de uma justaposição inexistente e, portanto, não dicionarizada. Criou-a o ilustre compositor Humberto Cavalcânti Teixeira que, para fugir à palavra **pássaro** (de pássaro-preto), mal pronun-

ada pelas pessoas incultas, achou simpático substituí-la por **ássum**, o que lhe facilitou a construção rítmica dos versos do baião-marcha **Ássum-Preto** (1949), em parceria com Luís Gonzaga do Nascimento, autor da música.

16 - Na quadrinha **115** há o emprego da palavra **nim** (4.º verso) por **ninho**. Na linguagem do povo, os vocábulo terminados em **-inho**, perdem a sílaba **nho** (portadora de dígrafo), conservando apenas a nasalização que esta impõe ao **i** da sílaba precedente. O mesmo fato se verifica com a palavra **canarim** (2.º verso da variante da quadrinha **81**).

17 - As **141** quadrinhas (e suas variantes), que recolhemos sobre as aves, compõem-se de versos heptassílabos (7 sílabas poéticas). São trovas nas quais rimam o 2.º com o 4.º versos. Esquema rimático: **abcb**.

As rimas são **soantes** (consoantes, perfeitas ou puras), na maioria das estrofes, pois rimam sons iguais a partir da vogal da sílaba tônica.

Há, em algumas delas, as rimas **toantes** (assonantes, imperfeitas ou impuras), uma vez que a identidade sonora entre as palavras não é total.

Predominam, nestas quadrinhas, as rimas pobres ou vulgares.

São de rimas toantes as quadras: **6** (tesoureiro/cabelo), **7** (gaiola/hora), **17** (preto/satisfeito) **variante da 19** (escamas/ama), **28** (Senhora/viola), **30 e variante** (disse/triste), **32** (mato/quatro), **39** (assanhaço/braço) e **variante** (espaço/braço), **63** (espaço/braços), **98** (desertam/perto) e **126** (amarelo/quero).

Na variante da quadrinha **64**, a rima se opera com a mesma palavra: alguém/algóem.

18 - Quadras recolhidas por José Sant'anna com a colaboração de estudantes do extinto Colégio Olímpia (1955-1963) e da E.E.P.S.G. "Capitão Narciso Bertolino" (1964-1977), estabelecimentos de ensino de Olímpia.

PAREMIOLOGIA

O provérbio na música brasileira

NEIDE RODRIGUES GOMES

Superintendente de Eventos

Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo

PROVÉRBIO:

S.m. - Máxima ou sentença de caráter prático e popular, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens.

(AURÉLIO - Minidicionário, 1977)

OS PROVÉRBIOS

Os provérbios desempenham as mesmas funções controladoras dos bons costumes, regras do bem viver e além dos deste tipo podemos apontar um rico rifoneiro de observações referentes ao tempo e as suas ligações com o plantio, à alimentação, etc.

Há uma certa dificuldade em se classificar, em se traçar uma linha demarcatória entre um rifão e uma crendice. Muitos são oriundos desta e, por sua vez, uma crendice pode gerar um anexam.

Na literatura oral são encontradas com abundância as máximas expressas em poucas palavras, uma forma de sabedoria popular que as pessoas mais idosas da comunidade costumam usar nas mais diversas situações quando estão conversando. Em geral o provérbio é uma espécie de manual de boa conduta decorado pelos que desejam bem comportar-se. É paremiologia na sua verdadeira acepção.

"Quem não sabe ler é cavalo bategado".

"Antes ser estimado do que abusado".

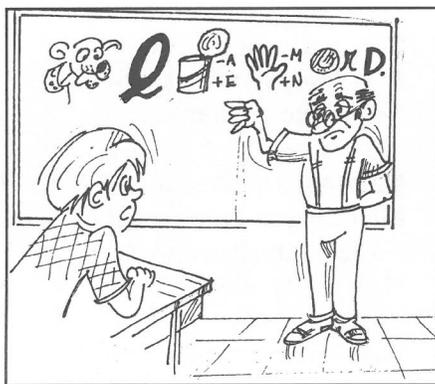
"Cada um no seu canto, chora seu pranto".

"Não sou bengala de cego que vai para onde se puxa".

"Quem bota pobre pra frente é topada".

PAREMIOLOGIA

"Quem cabras tem, cabritos vende". / "Vaidade em pobre é defeito e em rico é enfeite". / "Quem vê cara, não vê coração". / "Quem não tem dinheiro não beija santo". / "Por causa do santo, beija-se o altar". / "Orvalho não enche poço". (ARAÚJO, Alceu Maynard, - **Cultura Popular Brasileira**, São Paulo, Melhoramentos, 1973).



PROVÉRBIOS - EXPRESSÕES POPULARES - COMPARAÇÕES

1 - Quem dorme com criança acorda molhado./ 2 - Quem mexe com porcos farelo come./ 3 - Quem muito fala dá bom dia a cavalo./ 4 - Quem não tem cão caça com gato./ 5 - Quem pariu Mateus que o embale./ 6 - Quem não pode beber pinga cheira o barril./ 7 - Quem nasce para "cinquinho" não chega a dez réis./ 8 - Quem não pode com mandinga não carrega patuá./ 9 - Quem não tem o que fazer faz colher de pau e borda o cabo./ 10 - Quem não quer ouvir bulha (barulho) não ajunte cabaças./ 11 - Quem não quer se molhar não sai na chuva./ 12 - Quem convida dá banquete./ 13 - Quem nunca comeu melado quando come se lambusa./ 14 - Quem não chora não mama./ 15 - Quem dá o pão dá o castigo./ 16 - Quem quer vai quem não quer manda./ 17 - A cavalo dado não se olha os dentes./ 18 - Morre cavalo para alegria de urubu./ 19 - Praga de urubu não mata cavalo gordo./ 20 - Urubu quando está sem sorte até na pedreira atola./ 21 - Em boca fechada não entra mosca./ 22 - Pé de galinha, não mata pinto./ 23 - Em terreiro de galinha barata não tem vez./ 24 - Pato, pinto e parente - /três pês-sujam a casa da gente./ (Pato, pinto e padre-três pês-sujam a casa da gente)/ 25 - Papagaio come milho, periquito leva a fama./ 26 - Laranja madura na beira da estrada ou é azeda ou tem maribondo./ 27 - O olho do dono é que engorda a cria./ 28 - O dono do boi pega no chifre./ 29 - Língua é bacalhau da bunda./ 30 - Pedra que muito rola não cria limo./ 31 - Deus dá o frio conforme a coberta./ 32 - De

pequenino é que se torce o pepino./ 33 - Para barriga cheia goiaba verde tem bicho./ 34 - Negro tem ação da altura do cabelo./ 35 - Negro quando não borra na entrada, suja na saída./ 36 - É melhor lambar do que cuspir./ 37 - Panela que muitos mexem, ou sai salgada ou sai sem sal./ 38 - Ponha a barba de molho, que a do vizinho está ardendo./ 39 - Pau que nasce torto até a cinza é torta./ 40 - Entre marido e mulher ninguém meta a sua colher./ 41 - A bodas e batizados não vá sem ser convidado./ 42 - Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz./ 43 - Homem de fala fina, mulher de fala grossa e homem muito cortês, Deus me livre de todos os três.

FRASES FEITAS

1 - Para quem sabe ler um pingo é letra./ 2 - Para bom entendedor meia palavra basta./ 3 - Para uns, boi pare; para outros, vaca move (aborta)./ 4 - Porta da rua é serventia da casa./ 5 - Chegou, viu, pediu, comeu, cuspiu, saiu./ 6 - Come torresmo e arrota empada./ 7 - Lá no calcanhar do Judas./ 8 - Lá onde o Judas perdeu as botas./ 9 - Chegou com uma mão adiante e outra atrás./ 10 - Sair benzendo bicheira com o nome de fulano./ 11 - Um gambá cheira o outro./ 12 - Lé com lé, cré com cré./ 13 - Não se ter um couro para cair morto./ 14 - Mia gato, toucinho está alto./ 15 - Olho viu, boca pediu./ 16 - Festa acabada, músicos a pé./ 17 - Não pregar prego sem estopa./ 18 - Não valer um cem réis furado./ 19 - Não agüentar uma gata pelo rabo./ 20 - Bate-se na cangalha para o burro entender./ 21 - Pensa que berimbau é gaita./ 22 - Estar pingando água de barrela./ 23 - Estar em pé nas pernas./ 24 - Estar lavando cachorro sem sabão./ 25 - Sapo de fora não ronca./ 26 - Sua alma sua palma./ 27 - Estar como burro olhando para o palácio./ 28 - Dar com os burros n'água./ 29 - Chover no molhado./ 30 - Pagar o pato por alguém./ 31 - Falar de barriga cheia./ 32 - Comer o pão que o diabo amassou com o rabo./ 33 - Santo de casa não faz milagres./ 34 - Não comi o boi do Divino./ 35 - Tarde piaste!./ 36 - Agora é tarde, Inês é morta./ 37 - Quando você ia com o milho,

PAREMIOLOGIA

eu já vinha com o fubá./ 38 - Estes dois Deus fez e o diabo juntou./ 39 - Pôr a mão onde o braço não alcança./ 40 - Vá com Deus e as pulgas./ 41 - Estar jogado para as traças./ 42 - Sem eira nem beira./ 43 - Jogar verde para colher maduro./ 44 - Manhoso como burro velho./ 45 - Velhaco como tamanduá tapera./ 46 - Suando como burro frouxo. (LACERDA, Regina - Vila Boa, 2.^a edição, Goiânia, Oriente, 1977).

DITADO, DITO POPULAR, ADÁGIO

Como o próprio nome diz é expressão que através dos anos se mantém imutável, servindo de exemplos morais, filosóficos, religiosos.

1 - Laranja madura na beira da estrada ou é azeda ou tem maribondo no pé./ 2 - Macaco velho não põe a mão em cumbuca. (DELLA MÔNICA, Laura, Manual de Folclore, 2.^a Edição - São Paulo, Edart, 1982).

MÚSICA POPULAR

Baseado no resultado do II Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Curitiba em 1953, a **Música Popular** é escrita por pessoas que conhecem mais ou menos as técnicas de composição, vivem em função da moda, da imitação de época, do que é de hoje ou do momento. Não possui, o compositor, as técnicas eruditas, mas sabe organizar sua composição através de ligeiras explicações de um outro mais experimentado. A música é escrita com o objetivo comercial ou para ganhar concursos. O compositor se torna conhecido através de boa propaganda e bem dirigida. Quando gravada deve passar pelas paradas de sucessos.

Música popular somente poderá ser "escrita" por aquele que tiver conhecimentos mais ou menos rudimentares de teoria musical. Por vezes ele nem sabe transpor para o pentagrama e solicita a outrem que o faça. Estas músicas têm objetivo comercial de difusão através de rádios e tevês ou mesmo de gravações. Elas sempre aparecem em função da moda.

CARACTERÍSTICAS DA MÚSICA POPULAR

Ter autor ou intérprete conhecido (através dos meios eruditos de divulgação)./ Realização técnica mais ou menos aperfeiçoada./ Transmissão comercial./ Vive em função da moda.

É, assim, criada ou adaptada por autor ou intérprete conhecido pelos meios normais de publicidade, dentro da téc-

nica ensinada nos meios eruditos e semi-eruditos, existe quase sempre em função da moda, e, muitas vezes, da moda internacional, transmitindo-se pelos meios comuns de divulgação musical. (DELLA MÔNICA, Laura — **Manual do Folclore**, 2.^a Edição, São Paulo, Edart, 1982).

MÚSICA POPULAR

É a música que, sendo composta por autor conhecido, se difunde e é usada, com maior ou menor amplitude, por todas as camadas de uma coletividade.

"Essa música usa os recursos mais simples ou menos rudimentares, da teoria e técnicas musicais cultas. Transmite-se por meios teóricos convencionais ou por processos técnico-científicos de divulgação intensiva: grafia e imprensa musicais, fonografia, radiodifusão. Tem o seu nascimento, difusão e uso geralmente condicionados às modas, tanto nacionais quanto internacionais. E ao mesmo tempo que revela por isso um grau de permeabilidade e mobilidade que a tornam campo permanentemente aberto às mais várias influências, possui um certo lastro de conformidade com as tendências musicais mais espontâneas, profundas e características da coletividade, que lhe confere a capacidade virtual de folclorizar-se". (ALVARENGA, Oneida).

MÚSICA FOLCLÓRICA E POPULAR BRASILEIRA

Música folclórica é aquela que, criada ou aceita coletivamente no meio do povo, é destinada à vida funcional da coletividade e se mantém por transmissão oral, transformando-se, variando ou apresentando aspectos novos.

A **popular** ou **popularesca**, como preferia chamá-la Mário de Andrade, é criada por autor conhecido, dentro da técnica mais ou menos aperfeiçoada e transmitida pelos meios comuns de divulgação musical.

A diferença entre a música folclórica e a música popular é que esta última, sendo composta por autor conhecido, se difunde e é usada com maior ou menor amplitude, por todas as camadas da sociedade.

Sua estrutura varia dependendo do modismo. Pode ser em modo maior ou menor. Sua tessitura não ultrapassa a uma oitava, as melodias são simples, bem como as harmonias.

A partir de 1961 com o advento da bossa nova, a música popular brasileira ganhou nova feição. As melodias passaram a ser mais sofisticadas e as harmonias muito mais trabalhadas. João Gil-

berto, Antônio Carlos Jobim, Vinicius de Moraes, Chico Buarque de Holanda foram os principais responsáveis pela mudança estrutural da música brasileira neste último quartel.

ADÁGIO

"Os adágios são as mais aprovadas sentenças, que a experiência achou nas ações humanas, ditas em breves e elegantes palavras" define o Padre Antônio Delicado. (Adágios Portugueses reduzidos a lugares comuns, 1651). Os adágios têm forma rítmica e, em sua maioria, com sete sílabas, mantendo a tradição da redondilha maior, tradicional no idioma. O povo brasileiro não faz distinção entre adágio, anexam, rifão, máxima, ditado, dito, ignorando a nomenclatura erudita, aforismo, apotegma, exemplo, sentença. É uma das formas clássicas da sabedoria, espécie de condensação de experiência, malícia, ironia e sátira, em conceitos breves. Um provérbio do século XV dizia: "De couro alheio, grande correia". No Brasil deduz-se: "Pimenta no olho dos outros é refresco". (CASCUDO, Luís da Câmara - Dicionário do Folclore Brasileiro, Ed. de Ouro, 1969, Rio de Janeiro).

PROVÉRBIOS

Na literatura oral são encontradas com abundância as máximas expressas em poucas palavras, uma forma de sabedoria popular que as pessoas mais idosas da comunidade costumam usar nas mais diversas situações quando estão conversando.

"O pobre é cambão de quem tem"/ "Quem não sabe ler é cavalo bategado"/ "Antes ser estimado do que ser abusado"/ "Cada um no seu canto, chora seu pranto"/ "Não sou bengala de cego que vai para onde se puxa"/ "Quem bota pobre pra frente é topada"/ "É melhor levar por engano do que deixar por esquecimento"/ "Ninguém se julgue feliz ainda estando em bom estado, que venha tirando a sorte que faz de um feliz um desgraçado"/ Na época de inverno confia em Deus, quando menos se espera vem a chuva"/ "Casa alheia, brasa no seio./ De parente a brasa é mais quente"/ "Quem gaba a noiva é o noivo"/ "Trabalhando com os dentes para comer com a gengiva"/ "Quem tem vizinho perto não toma farinha longe"/ "Quando pobre come galinha um dos dois está doente"/ "Cautela e caldo de galinha não faz mal a ninguém"/ "Pata de galinha não esmaga pinto"/ "O boi velhaco conhece o outro pelo berro"/ "Boi velhaco não se encosta em pau d'espinho"/ "Quem gosta de boda de cano é

PAREMIOLOGIA

ferrugem”./ (ARAÚJO, Alceu Maynard - **Escorço do Folclore de uma Comunidade**, Piaçabuçu - Separata da Revista do Arquivo Municipal CLXVI e CLXVII, Prefeitura do Município de São Paulo, 1962).

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE PROVÉRBIOS, LOCUÇÕES E DITOS CURIOSOS

Citar provérbio é proclamar vivência. Requer idade, ponderação, experiência. **Maynard**, Araújo Alceu (**Folclore Nacional**, vol. III), especifica: “As pessoas mais idosas da comunidade costumam usar nas mais diversas situações”, os provérbios.

De fato. É raro criança citar um ditado. Por vezes, na seqüência de um diálogo ou no desenvolvimento de uma situação, repetem um provérbio ouvido. Fazem-no para justificar-se, defender-se. Já as moças, com o serem recatadas, conformadas, gregárias, invocam-nos, ajeitando-os à gama e ao grau de emotividade dos seus problemas. Mães, servem-se deles para exemplificar, educar, advertir, incentivar. Tenho observado que a mãe campesina serve-se do ditado como de uma luz vermelha: com a experiência irrecusável que ele condensa e transmite, está sempre exemplando avisando, contendo, disciplinando. Os homens, pais, conselheiros, desejosos de fazer valer sua experiência, tomam com frequência material adequado, no formulário da vasta paremiologia caipira...

Portanto, para citar provérbios, basta haver motivações. E estas não escasseiam.

Isoladamente, os provérbios podem ser perigosos, induzir ao erro, torcer situações, justificar vícios, encorajar maus costumes. Por isso, são os mais velhos a empregá-los. Sendo experientes, podem inseri-los no contexto da situação, aplicá-los segundo o painel e não apenas em decorrência de um ângulo do problema ou um certo traço da criatura que o tenha motivado.

Daí não ser incomum que duas pessoas, em situações contrastantes, conflitantes, invoquem provérbios perfeitamente adequados à respectiva posição. A mulher que, em tarde de sábado, subindo a um trem da Sorocabana, animava o marido a mover-se rapidamente a fim de ser o primeiro com os queijos no mercado da cidade, terminava por dizer: “Boi lerdo só bebe água suja”. Mas ele, que certamente amava seus vagares e tivera interrompida a pescaria, respondeu que: “Quem anda depressa não enxerga o que procura”.

Mas o uso geral é específico. Os di-

tados têm endereços bem claros: são **acusatórios** ou **denunciadores** (Quem cospe a semente é que é o dono da fruta - Se de um cavalo se diz que é tobiano, alguma mancha ele tem);

Filosoficamente consoladores (Para quem traz barriga cheia toda goiaba tem bicho - Quem faz força é o boi, quem geme é o carro);

Didáticos (Não se pode bater o sino e carregar o andor. É pelas beiradas que se come o angu fervente);

Esperançosos (Deus querendo, água fria é remédio - O tempo só é ruim para quem não pode esperar).

Defensivos (Se conselho fosse mandioca, ninguém morria de fome - Lagartixa é que sabe por que não gosta da vara);

Restritivos (Quando a jabuticaba é pouca a gente engole o caroço - Filho de burro pode ser lindo, mas um dia dá coice);

Avisadores (Galinha vesga cedo procura o poleiro - Não é boa coisa se passarinho não cheira);

Edificantes (Tem tempo pra perder quem dá conselho pra velho e cata pulgas de cachorro - Muita vez, não fosse o galo cantar gambá não achava a capoeira);

Estimulantes (Cachorro molenga só come com os olhos - Quem usa a cabeça não cansa os pés);

Tranqüilizantes (Pra encontrar o diabo não é preciso madrugar - Carreiro bom é o que menos chucha o boi).

E assim por diante. Provérbios há para ajudar a viver, a perdoar, a castigar, a encorajar. Para todas as horas e situações.

Amadeu de Queirós dividia as motivações dos provérbios em “resignação, paciência, fatalismos, injustiça, iniquidades, desigualdade, destino, premeditação, complacência, indiferença, inércia, preguiça, ociosidade, imprudência, etc.” **Theo Brandão** (**Folclore das Alagoas**) afirma que “Só a paremiologia constitui um verdadeiro tratado prático de agronomia e zootecnia”.

Seja qual for a divisão, é certo que o ditado reflete situações e anseios universais e eternos.

E até pretende mais. É conseqüente, sério, sábio, analítico, condimentado, dramático, gravado pela experiência. Sobretudo é conclusivo. Uma vez citado, o diálogo ou o coro a que atendeu, pode ser encerrado. Substitui o sermão oportuno, o conselho pedido, a lição necessária. É ainda uma história completa, com enredo, ação, uma ou mais personagens, ambientada no mundo caipira e falando a linguagem deste. São assim:

“Cachorro que fuça tatu, encontra mordida de cobra”.

“Quem não pode com o porte, não se exhibe com a rodilha”.

“Pra quem traz barriga cheia, toda goiaba tem bicho”.

O ditado é, pois, fruto coletivo. Não recolhe a aventura de um indivíduo, mas a experiência de muitos. Onde oferecer a alguém a citação de um ditado é praticar esforço comunitário, manifestar solidariedade, transferir vivência, poupar dissabores, minorar o irreparável.

Ditados e ditos são, de fato, o espírito e o recurso da sabedoria popular. O povo precisa deles. O ditado expõe, encaminha, formaliza o seu pensamento. Revela a sabedoria, a cautela, a experiência, o traço precavido da fisiologia rurícola. Mais, ainda; descobre a mão, insinua a malícia, acentua o recato. É defesa e acusação. Absolve e justifica. Consola e admoesta. Acolhe e expurga. E em tudo é sumário e doméstico, empregando conceitos breves e linguagem corrente.

Hernani Donato

O presente texto foi extraído do livro: **Dicionário Brasileiro de Provérbios, locuções e ditos curiosos**, de R. Magalhães Júnior, Editora Documentário - Rio de Janeiro, 1977 - Col. Documenta/2

FLORILÉGIO DE FRASES FEITAS

Sempre tivemos o vezo, condenável ou não - que o digam possíveis leitores de, em conversações esparsas e na lida diuturna recolher e comentar não só vocábulos e locuções que engrossam o caudal de nossa dialetologia, como, também, essas graciosas expressões que o povo vai formando a esmo, inconscientemente e que constituem atraentes maneiras de dizer a par de traduzirem cambiantes de idéias a um tempo triviais, jocosas e avisadas. O povo, às vezes cria palavras por inspiração do momento e assim também são construídas frases inteiras que, proferidas por uns, repetidas por outros, caem no domínio público propaladas pela gíria e passam, grosso modo, a pertencer ao patrimônio de todos.

“Correr, não é honra, mas é bom para a saúde”./ “Antes fanhosos do que sem nariz”./ “Quem nasce tatu, morre fossando”./ “Quem tem coragem não é filho de pai assustado”./ “Tanta lida para tão pouca vida”./ “Quando a cabeça não regula o corpo é que padece”./ “Quanto mais se aperta a mão, mais a gordura sai pelo vão”./ “Atrás de quem corre, não

PAREMIOLOGIA

falta valente”./ “Quem brinca com espinhos se arranha”./ “Fazer-se de bobo, para ganhar bernal cheio”./ “Não pense que babado é bico, e que bico é repinique”./ “Casamento, queima de roça e mudança não se aconselham”./ “Quem tem mesa não come no chão”./ “Quando um burro fala, o outro murcha a orelha”./ “Quando ele ia com o milho, eu voltava com o fubá”./ “O olho do dono é que engorda o capado”./ “Deixe de lembrança, cabelo de negro não dá trança”./ “Quem tem olho fundo, chora cedo”.

NO REINO DOS PROVÉRBIOS AFINS

O passado é a única realidade humana, opina **Anatole France**. Tudo o que existe é passado e nós vivemos imersos na tradição de onde emana toda a filosofia popular, e os provérbios - jóias mentais colhidas nas minas diamantíferas do espírito, definição que Alger banhou de poesia - os provérbios representam a mais sublimada quintessência de tão encantadora filosofia.

No estudo e classificação dos provérbios, anexins, frases feitas, prolóquios, rifões, máximas e sentenças, se nos deparam a cada passo, conceitos repetidos, semelhanças e correlações de indistigável identidade. Cotejá-los entre si, dois a dois, para provar quão rico é esse precioso filão da sabedoria popular.

“Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”./ “Tanto dá co’o martelo o carpinteiro que enterra o prego na alma do madeiro”./ “Alfaiate pobre, a agulha se dobra”./ “Urubu infeliz até na lage se atola”./ “A mau capelão, mau sacristão”./ “A mau amo, mau moço”./ “Andar o carro adiante dos bois”./ Ir o sapateiro além das chinelas”./ “A necessidade é a mãe de todas as invenções”./ “A necessidade faz o sapo saltar”./ “Antes a lã se perca que a ovelha”./ “Vão-se os anéis e fiquem os dedos”./ “A noite é boa conselheira”./ “Antes de fechar o negócio, consulte o travesseiro”./ “Barco parado não ganha frete”./ “Dinheiro parado não dá juros”./ “Bruto como argola de laço”./ “Surdo como uma porta”./ “Cabra manca morro abaixo faz viagem”./ “Para baixo todos os Santos ajudam”./ “Cabra que não salta, berra”./ “Negro, quando não faz na entrada, faz na saída”./ “Cada macaco no seu galho”./ “Cada qual com seu igual”./ “Casa a tua filha com o filho do vizinho”./ Quem ao longe vai casar, ou vai enganado ou vai enganar”./ “Casa de pobre, tacho de cobre”./ “Casa de ferreiro espeto de pau”./ “Cobrir o céu com uma joeira”./ “Tapar o sol com a peneira”./ “De boas intenções está o inferno

cheio”./ “Por causa do **não tem dúvida**, vem muita gente a este vale de lágrimas”./ “De grão em grão a galinha enche o papo”./ “De gota em gota o mar se esgota”./ “De raminho em raminho, o passarinho faz o ninho”./ “De pouco a pouco se vai ao longe”./ “Deus dá nozes a quem não tem dentes”./ “Deus dá a farinha e o diabo foge com o saco”./ “Deus dá o frio conforme o cobertor”./ “Deus quando tira os dentes, endurece as gengivas”./ “Em festa de jacaré não entra nambu”./ Sapo de fora não chia”./ “É maior o ruído que as nozes”./ “Quando a esmola é demais o Santo desconfia”./ “Em terra em que não há galinhas, urubu é frango”./ “Em terra de cegos quem tem um olho é rei”./ “Entre marido e mulher, não metas a colher”./ Em brigas de irmãos, não metas as mãos”./ “Fala pouco e bem, ter-te-ão por alguém”./ “Em boca fechada não entra mosquito”./ “Fica mais caro o molho do que o peixe”./ “Mais vale o molho do que o frango”./ “Grande mau, grande tormenta”./ “Deus dá o frio conforme a coberta”./ “Macaco que muito mexe, quer chumbo”./ “Quem procura acha, ou xiringa ou borracha”./ “Quanto mais alto se está, maior é a queda”./ “De grande subida, grande caída”./ “Em tempo de murici, cada um cuide de si”./ “Em tempo de figos não há amigos”. (OLIVEIRA, **Sebastião Almeida - Folclore e outros temas**, Empresa Gazeta de Limeira S.A. Editora, 1948, São Paulo).



Os provérbios e os adágios tradicionais do povo, se constituem numa das mais ricas e atraentes matérias folclóricas relacionadas com a música.

Nem sempre nós deparamos que nos versos de uma ou de outra canção há uma citação proverbial; e a nossa intenção neste trabalho é mostrar como esses adágios se colocam dentro da música brasileira.

A história da música “**Fala meu louro**” do **Sinhô**, é muito interessante. No ano de 1920 o grande estadista Rui Barbosa havia se afastado um pouco da política, desgostoso com o insucesso político que sofrera, e **Sinhô** procurou fazer um samba que confortasse o extraordinário brasileiro, usando um ditado popular.

“QUEM QUER SE FAZER NÃO PODE, QUEM É BOM JÁ NASCE FEITO”.

A Bahia não dá mais coco, para botar na tapioca.

Pra fazer um bom mingau e embrulhar o carioca.

Papagaio louro do bico dourado,

Tu que falavas tanto, qual a razão que vives calado?

Não tenhas medo, coco de respeito.

Quem quer se fazer não pode, quem é bom já nasce feito.

“NADA COMO UM DIA APÓS OUTRO, COM UMA NOITE NO MEIO”

(Este provérbio aparece na música folclórica **Meu limão, meu Limoeiro**)

Meu limão, meu limoeiro,

Meu pé de jacarandá,

Uma vez dindolelê,

Outra vez dindolalá.

Ninguém pense que a ventura, tem a duração segura

De perene e doce enlevo, **Deus fez com sabedoria**

Um dia e após outro dia, com uma noite no meio.

Meu limão, meu limoeiro,

Meu pé de jacarandá,

Uma vez dindolelê,

Outra vez dindolalá.

Dindolelê é promessa, é ternura que começa

Entre sorrisos de amor, Dindolelê vem chegando

E o dia já vai começando, na madrugada da dor, ai...

A sabedoria do povo, está expressa nessas frases tradicionais, muitas das quais não são apenas brasileiras porque são ditas em outras partes do mundo em língua própria, construídas conforme os costumes e as tradições de cada povo.

O provérbio “**O Sol nasce pra todos**” também foi utilizado numa música de Mário Reis.

O dia vem chegando, vou rezar mi-

PAREMIOLOGIA

nha oração

A igreja é a floresta e o sino é o violão

Porque você me nega, a esmola de um olhar,

“O sol nasceu pra todos, também quero aproveitar”

Deus quando inventou o mundo
Fez o sol e fez a lua, fez o homem e a mulher

Fez o amor em um segundo, sou o sol você é a luz

Sejá lá o que Deus quiser.

Se você é a triste lua, que ilumina a minha rua

onde mora a minha dor.

Mas, uma lua diferente, é o do sol independente

Com luz forte e com calor.

Entre os ditados populares, muitos se referem aos bichos.

“Amarra-se o burro, a vontade do dono”.

“A cavalo dado não se olha os dentes”.

“De noite todos os gatos são pardos”.

“Cão que ladra não morde”.

“Quem é burro, peça a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue”.

“Gato escaldado tem medo de água fria”.

“A galinha do vizinho é mais gorda do que a nossa”.

“Praga de urubu, não mata cavalo”.

“Papagaio velho não aprende a falar”.

“A onça não está, o mato é nosso”.

A propósito da música a seguir, há um ditado muito sério.

“DOU UM BOI PARA NÃO ENTRAR NA BRIGA E UMA BOIADA PARA NÃO SAIR DELA”

Nosso ranchinho assim estava bom,
Gente de fora entrou, trapalhou.

Estou aqui para brincar.

Eu quero é me divertir

**Dou um boi pra não brigar,
Boiada pra não sair.**

Quem tem seu bem está perfeito

Por isso eu trato do meu.

Quem ama a vida que tem

Não cheira o que não é seu.

Um homem apaixonado

Está sempre de pé atrás

Não usa muito a razão

Não sabe bem o que faz.

Estou aqui pra brincar

Eu quero é me divertir

**Dou um boi pra não brigar,
Boiada pra não sair.**

Noel Rosa, também aplicou o recurso do provérbio, em sua composições. No samba **Quem ri melhor**, composto em 1936, achamos a máxima popular **Ri melhor, quem ri por último**, na variante **“quem ri melhor, é quem ri no fim”**.

Pobre de quem, já sofreu neste mundo

A dor de um amor profundo

Eu vivo bem sem amar a ninguém

Ser infeliz é sofrer por alguém.

Como ninguém sofre assim.

Quem me fez chorar, hoje chora por mim.

Quem ri melhor é quem ri no fim.

Felicidade é o que resolvem dar.

Honestidade, ninguém sabe aonde está.

Acaba mal, quem é ruim

Pois quem me fez chorar, hoje chora por mim.

Quem ri melhor é quem ri no fim.

Fazer bonito eu não quero rir primeiro

Pois o feitiço, vira contra o feiticeiro

Eu vivo bem, pensando assim

Pois quem me fez chorar, hoje chora por mim.

Quem ri melhor é quem ri no fim.

No repertório de Noel Rosa, encontramos um outro samba chamado **Vitória** no qual encontramos dois ditados célebres:

“Antes da vitória não se deve contar glória”.

“Cria fama e deita-te na cama”.

Observando-se que o segundo ditado aparece no samba com uma figuração diferente:

Você criou fama, deitou-se na cama.

Antes da vitória, não se deve contar glória

Você criou fama, deitou-se na cama

Eu que não estou dormindo vou subindo, vou subindo

Enquanto você vai decaindo.

Quero a minha independência

E contar-se da ciência me preparo pr'o futuro.

Aqui estou resolvido, e você tome sentido

Que entre nós o páreo é duro.

Agüentei muita indireta, mas andei na minha reta.

Não maldigo a minha sorte.

Vou agindo com paciência, sei que a minha independência

Há de ser a sua morte.

Sou voz se alguém percebe,

De humilde me recebe, sua entrada de quem erra

Gostas de boa ventura, mas quem vive em grande altura

Leva sempre maior queda.

Sempre fiz papel bonito, não tenho medo de grito

O que falo é bem pensado.

Não receio escaramuça

E que aceite a carapuça

Quem se sente melindrado.

Nos tempos de **Carmem Miranda**, havia em seu repertório um Samba chamado **Coração**, que era número obrigatório em todas as suas apresentações. Nos seus versos, uma das mais conhecidas máximas aplicada quando se está na expectativa de um acontecimento. Um acontecimento ou notícia onde tudo faz crer em resultado negativo, mas que no fundo a gente espera que esse resultado seja bom e positivo.

**“A ESPERANÇA É
A ÚLTIMA QUE MORRE”**

Coração governador da embarcação do amor.

Coração em companheiro da alegria e na dor

A felicidade procura dar sorte.

E a esperança é sempre a última que morre.

Coração, que não descansa noite e dia
Sempre aguardando com alegria,

Esperando no mar desta vida a embarcação

À procura de um porto feliz de salvação.

Há um provérbio que diz:

Pé de galinha não mata pinto

Isto quer dizer que quando uma pessoa é **habilidosa** sabe tratar das coisas sem quebrá-las, sem ofendê-las, enquanto outras são capazes de provocar verdadeiros desastres.

Com o mesmo sentido também dizemos **“O espinho não machuca a flor”**

PAREMIOLOGIA

e é este provérbio que está no samba de Nelson Cavaquinho, **A flor e o espinho** e neste samba também aparece um outro provérbio "**O sol não pode viver perto da lua**", aplicando para as coisas antagônicas.

Tira o seu sorriso do caminho
Que eu quero passar com a minha dor.

Hoje pra você eu sou espinho
Espinho não machuca a flor.

Eu só erreí quando juntei minha alma à sua

O sol não pode viver perto da lua.
É no espelho que eu vejo a minha mágoa

A minha dor e os meus olhos rasos d'água

Eu na sua vida já fui uma flor
Hoje sou espinho em seu amor.

É sabido que muitas vezes o esforço de um só é inútil. O que vale mais é o trabalho em conjunto. Sábio portanto é o provérbio que diz "**Uma andorinha só não faz verão**" (como "**Um dedo só não faz a mão**").

O povo que criou esse ditado, encarregou-se também de simplificá-lo dizendo apenas:

**"UMA ANDORINHA
NÃO FAZ VERÃO"**

Vem moreninha, vem tentação
Não andes assim tão sozinha
Que **uma andorinha, não faz verão.**

Dizem, morena, que teu olhar
Tem corrente de luz que faz pegar
O povo anda dizendo que esta luz do teu olhar

A Light vai mandar cortar.

Refrão

Vem meu amor, deixa de medo
O amor é uma espécie de brinquedo
Que acaba terminando o nosso sonho a luz do dia

Eu gasto a minha fantasia
Primeiro é preciso julgar
Pra depois condenar.

Quando o infortúnio nos bate à porta
O amor nos foge, pela janela
A felicidade para nós está morta
E não se pode viver, sem ela
Para o nosso mal, não há remédio, coração

Ninguém tem culpa de nossa desunião.

O provérbio seguinte tem muitas variantes; nem sei mesmo, qual a mais popular.

"Quanto mais alto se sobe, maior queda se dá".

"Quem mais alto subir, de mais alto vai cair".

"Quando mais alto, maior é o tombo".

"Quem mais alto sobe, de mais alto cai".

Não fala com pobre
Não dá mão a preto
Não carrega embrulho
Pra que tanta pose, doutor,
Por que esse orgulho?

A bruxa que é cega
Esbarra na gente
E a vida estanca.
O infarto lhe pega, doutor
E acaba essa banca.

A vaidade é assim
Põe o povo no alto
E retira a escada,
Mas fica por perto
Esperando sentada
Mais cedo ou mais tarde
Ele acaba no chão.

Mais alto é o coqueiro
Maior é o tombo do corpo afinal
Todo mundo é igual, quando o tombo termina
Com terra por cima e na horizontal.

Curioso é que certos provérbios podem ter duas aplicações.

"Longe dos olhos, longe do coração".

"Longe dos olhos, mas perto do coração".

Que saudade, nesta solidão
Ela tão longe, **longe dos olhos e perto do meu coração.**

Ai meu Deus, quanta dor, longe choro sem saber como vai meu amor.
Coração parte mas, sofre, canta
Para ver se ela escuta os meus ais.

Refrão

Há folcloristas brasileiros que se dedicam ao estudo dos provérbios, ditados, adágios, máximas ou pensamentos da sabedoria popular, porque eles são sem dúvida um dos ramos mais interessantes desse complexo de coisas anônimas que fazem a estória normal de um

povo.

É bom a gente dedicar alguns momentos a meditar sobre essas frases sábias ditas diariamente e que encerram profundas verdades.

O provérbio "**Laranja madura na beira da estrada, ou é azeda ou tem marimbondo**", é muito antigo e muito conhecido em vários Estado do Brasil, principalmente em Minas Gerais e Goiás, e foi aproveitado por Ataúlfo Alves em 1967, sob a forma:

"Laranja madura, na beira da estrada, está bichada ou tem marimbondo no pé"....

Você diz que me dá casa e comida
Boa vida e dinheiro para gastar
O que é que há minha gente, o que é que há

Tanta bondade que me faz desconfiar.

**Laranja madura, na beira da estrada,
Está bichada, Zé, ou tem marimbondo no pé.**

Santo que vê muita esmola na sua sacola

Desconfia e não faz milagres não.
Gosto de Maria Rosa, mas quem me dá prosa é Rosa Maria

Vejam só que confusão.

"Laranja madura, na beira da estrada
Está bichada, Zé, ou tem marimbondo no pé."

"Há sempre um chinelo velho para um pé doente"(ou descalço)

Muita sabedoria se a inclui nessa frase.

A gente sempre se a arranja como pode mesmo na adversidade; é tal coisa: "**Deus dá o frio, conforme o cobertor**". Esse adágio aparece no samba **Saudosa Maloca**, de Adoniram Barbosa.

Se o senhor não está lembrado, dá licença de contar

Que aqui onde agora está, este adfício arto

Era uma casa velha, um palacete assobradado.

Foi aqui seu moço, que eu, Mato Grosso e o Joca

Construímos nossa maloca.

Mas um dia nós nem pode aembrá
Veio os home quas ferramenta, que o dono mandô derrubá.

Peguemos todas nossas coisas

PAREMIOLOGIA

E fumos pr 'o meio da rua, aprecia a demolição

Que tristeza que nós sentia, cada tauba que caía.

Doía no coração.

Mato Grosso quis gritá, mas em cima eu falei:

Os home está qua razão, nós arranja outro lugar.

Só se conformemos quando Joca falou

"Deus dá o frio conforme o cobertor"

E hoje nós pega as paia, nas grama do jardim

E prá esquecer, nós cantemos assim: Saudosa maloca, maloca querida

Inde donde nós passemos os dias feliz de nossas vidas.

Citamos, muitas vezes, provérbios que têm variantes em sua construção, e vamos mencionar mais um:

"Onde vai o ferro, vai a fumaça".

"Onde vai o carro, vão os bois".

"Onde vai o Rei, vai a Corte".

"Onde vai a corda, vai a caçamba".

Quem duvidar da vida, até hoje não trouxe

O bem de se fazer, da vida amarga doce

Eu não espero o dia, pouco me importa

Se o velho é sábio, se a menina é louca

Se a tristeza é muita, se a alegria é pouca

Se o José é fraco, ou se o João é forte

Eu quero a todo custo encontrar a sorte.

Vou-me embora, vou-me embora e levo na partida

Resolução no no peito, firme e definida

Quem vem da minha ida, ouve a minha voz

E cada um por si e Deus por todos nós.

Vou-me embora, vou-me embora, vou buscar a sorte

Caminhos que me levam, não tem sul nem norte

Mas meu andar é firme

Meu anseio é forte.

Dizem que os provérbios são as mais sábias e aprovadas sentenças que a experiência encontrou nas ações humanas, ditas em breves e elegantes palavras.

Muitas vezes têm formas rítmicas como na poesia, muitas vezes têm sete sílabas como na redondilha maior tradicional do nosso idioma. E quase na maioria das vezes eles são rimados:

"Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura".

"Lua nova e trovejada, são três dias de molhada".

Outras vezes o provérbio é como uma frase solta qualquer e como um exemplo a mais, temos a composição de Paulo Diniz, influenciada pelo ditado.

"Em terra de cego, quem tem um olho é rei".

Numa terra de cegos, quem tem um olho é rei

Quem tem um olho é rei, quem tem um olho é rei

Foi aí que Júlio César, convocou o Senado e proclamou-se Deus, proclamou-se Deus.

Dengo, dengo, dengo, dengo, dengo, dengo, dengo

Colombo já dizia: eu ponho um ovo em pé,

Mas só eu sei como é que é, mas só eu sei como é que é.

Cabral foi navegante da pesada e coisa e tal,

Se eu for a lua qualquer dia, vai ser coisa normal.

Dengo, dengo, dengo, dengo, dengo, dengo, dengo

Tem juiz de futebol, que é durão no gramado,

Mas na intimidade é muito mesmo delicado.

Galo no seu terreiro, sempre canta afinado

E numa terra de cegos, quem tem um olho é rei

Quem tem um olho é rei, quem tem um olho é rei.

Dengo, dengo, dengo, dengo

Dengo, dengo, dengo, dengo.

O macaco é um animal, talvez pela sua aparência com o homem, que está sempre presente nos ditados e provérbios;

"Macaco que se mexe muito, quer chumbo".

"Macaco velho, não mete a mão em cumbuca".

"Cada macaco no seu galho".

Xô, chuá, cada macaco no seu galho

Xô, chuá, não me canso de falá

Xô, chuá, o meu galho é na Bahia

Xô, chuá, o seu é em outro lugar.

Não me aborreça, nego da cabeça grande

Você vem não sei de onde, chegue aqui não vá pra lá.

Esse negócio de mãe preta ser leiteira

Já encheu a mamadeira, vá mamar noutro lugar.

A idéia de reunir canções que contêm provérbios, não é tarefa das mais fáceis, porque a quantidade desses adágios é muito grande. Talvez fosse melhor catalogar todos para uma análise mais profunda, mas isso demandará anos de pesquisa, que pretendo continuar fazendo. Por isso o que está valendo mesmo neste trabalho é a memória, é o que vem na lembrança.

Vamos seguir com um provérbio superconhecido.

"Onde há fumaça há fogo".

Conforme o lugar do Brasil, ele é dito de maneira diferente:

"Onde há fumo há fogo".

"Não há fumo sem fogo".

Não há fumaça sem fogo".

"Se existe fumaça há sinal de fogo".

E bem conhecida ainda outra máxima que tem o mesmo significado.

Todo boato tem um fundo de verdade".

Ambas as formas indicam que alguma coisa há, pode ser que esteja escondida, mas **"Se há fumaça há fogo"** ou melhor **"Todo boato tem um fundo de verdade".**

Você foi um boato, só agora eu sei

E que acreditei

Andou de boca em boca no meu coração

Até que um dia desmentiu minha ilusão

Você foi a mentira que deixou saudade

Todo boato tem um fundo de verdade.

Haja o que houver, custe o que custar Hoje de você eu quero paz.

Sei que vou chorar, todo o meu sofrer

Boato só o tempo desfaz.

PAREMIOLOGIA

CONCLUSÃO

Para concluir podemos observar as outras feições características dos provérbios; são a concisão e a elegância. Notamos que não existem palavras inúteis. Frequentemente dispensam-se mesmo palavras que poderiam ser úteis, para dar ao conjunto mais o atrativo de uma tal ou qual obscuridade. A frase é cadenciada: o provérbio - quando não é puro verso, é parente próximo deste, pelo ritmo e, muitas vezes, também pela rima. O todo, firme, enérgico, definitivo, geralmente com certa originalidade de invenção e de expressão, grava-se facilmente na memória.

Em suma, os exemplos citados, como milhares de outros, distinguem-se pelo seguinte:

- a) pelo seu caráter de unidades completas e independentes;
- b) pelo seu fundo de generalidade e de saber experimental;
- c) pela sua forma sentenciosa, concisa e pitoresca.

Quanto ao seu aproveitamento na música popular, é normal que o compositor ou letrista vá buscar no seu universo de vida a forma mais fácil de se expressar.

Havendo no decorrer do texto musical um provérbio, ou uma frase feita já conhecida, é "meio caminho andado" para o ouvinte assimilar o conteúdo da letra.

"Voa o tempo, como o vento" por isso vou acabando. "Viva quem tem bigode, quem tem cavanhaque é bode", "Uma vez se engana o prudente e duas o inocente", "Um dia bem começado parece quase sempre bem passado", "Um coração contente é festim permanente". "Quem gostou, contente ficou", se não gostou....não tenho nada com isso.

OBSERVAÇÃO: Temos uma coleção de partituras musicais, cujas letras foram o objeto do trabalho. Elas foram dispostas cronologicamente por ano de impressão; não temos certeza se foram ou não compostas na mesma época.

BIBLIOGRAFIA

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque, **Minidicionário da Língua Portuguesa**, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara, **Dicionário do Folclore Brasileiro**: Ed. de Ouro, **Locuções Tradicionais no Brasil**, 2.^a Edição Rev. e Aum., Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Fol-

lore Brasileiro, 1977.

ARAÚJO, Alceu Maynard, **Cultura Popular Brasileira**, São Paulo, Melhoramentos, 1973.

LACERDA, Regina, **Vila Boa**, 2.^a Edição, Goiânia, Oriente, 1977.

DELLA MÔNICA, Laura, **Manual do Folclore**, 2.^a Edição, São Paulo, Edart, 1982.

ALVARENGA, Oneyda, **Música Popular Brasileira**, Rio de Janeiro, Globo, 1960.

ARAÚJO, Alceu Maynard, **Escorço do Folclore de uma comunidade, Piaçabuçu**, Separata da Revista do Arquivo Municipal, CLXVI e CLXVII - Prefeitura do Município de São Paulo, 1962.

MAGALHÃES Júnior, R. **Dicionário Brasileiro de Provérbios, Locuções e Ditos Curiosos**, Ed. Documentário, Rio de Janeiro, 1977, Coleção Documenta 2.

OLIVEIRA, Sebastião Almeida, **Folclore e outros temas**, Empresa Gazeta de Limeira S. A. Editora, 1948, São Paulo

SANTOS, Luiz Cristóvão dos, **Brasil de Chapéu de Couro**, Edição Civilização Brasileira S.A., 1958. Rio de Janeiro.

MOTTA, Leonardo, **Sertão Alegre**, Imprensa Oficial de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1928.

———, **Cantadores**, Livraria Castilho, Rio de Janeiro, 1921.

———, **Violeiros do Norte**, Gráfica e Editora Monteiro Lobato, 1925, São Paulo.

RODRIGUES Gomes, Neide e outra, **Brasil - Música e Folclore**, 2.^a Edição, Edart, São Paulo, 1982.

AMARAL, Amadeu, **Tradições Populares**, Instituto Progresso Editorial S.A, São Paulo, 1948.

LAMENZA, Mário, **Provérbios**, 3.^a Edição, F. Briguiet e Cia. Editores, Rio de Janeiro, 1950.

ALMEIDA, Renato, **Manual de Coleta Folclórica**, Rio de Janeiro, Olímpica, 1965.

———, **Tablado Folclórico**, São Paulo, Ricórdi Brasileira, 1961.

PELEGRINI FILHO, Américo, **Formas Escritas de Comunicação Folclórica**, em SP Cultura 1(3), São Paulo, 1982.

———, **Literatura Folclórica**, São Paulo, Nova Stella, Edusp, 1986.

ANDRADE, Mário, **Ensaio Sobre a Música Brasileira**, 3.^a Edição, São Paulo, Martins, Brasileira, I.N.L., 1972.

———, **Música no Brasil**, Curitiba, Ed. Guaíra, 1941, Tapajós, Paulo - Projeto Minerva, 1975.

Você foi a mentira que deixou saudade.

Todo boato tem um fundo de verdade.

Na música "**Cheiro de Saudade**", aparece o provérbio:

"Quem semeia vento colhe tempestade".

No Pagode, que é uma forma de partido alto, muito em voga nos dias de hoje, encontramos também adágios em algumas de suas letras.

"Quem não chora não mama" aparece na letra do samba de Tatty, **Quem não chora...gravado recentemente por Ivo Meirelles.**

Quem não chora não mama

Então deixa eu chorar
Se ela ainda me ama
Não custa nada tentar
Ela é aborrecida
Mas tem um bom coração
Eu ainda gosto dela
Não perdi a ilusão
Menina dos olhos castanhos
Tô aqui pra te amar
Tire a raiva do seu peito
Que eu estou cheio de amor pra dar
Menina dos olhos castanhos
Tô aqui pra te amar
Tire a raiva do seu peito
E me coloque em seu lugar
Quem não chora não mama
Então deixa eu chorar
Se ela ainda me ama
Não custa nada tentar.

MANEIRAS

Se eu quiser fumar, eu fumo
Se eu quiser beber, eu bebo
Pago tudo o que consumo com o suor do meu emprego

Confusão eu não arrumo, mas também não peço arrego

Em um dia eu me aprumo, tenho fé no meu apego

Eu só posso ter chamego com quem me faz cafuné

Como o vampiro e o morcego, é o homem e a mulher

O meu linguajar é nato, não estou falando grego

Amores a amigas de fato nos lugares onde chego.

Eu estou descontraído não que eu tivesse bebido

Não que eu tivesse fumado para falar da vida alheia

Mas digo sinceramente, da vida a coisa mais feia

É gente que vive chorando de barriga cheia.

FOLHETOS

Acedilo Novaes, o poeta de cordel

CLARISMUNDO SANT'ANA
Departamento de Folclore de Olímpia

Em Olímpia há um poeta popular e sobre ele já nos referimos algumas vezes em edições anteriores. Em versos, ele diz de suas alegrias, esperanças, tristezas e de-



sesperos do dia-a-dia. Numa população estimada em 50 mil habitantes, é o único que tem revelado este pendor artístico em fazer versos; e já escreveu uma série de livretos de literatura de cordel: **Acedilo Novaes**. De cordel é a literatura de pouco valor literário, como a de livretos pendurados em cordões (barbantes) nas bancas de jornaleiros. **Literatura de cordel** é o nome dado pela elite intelectual que não lê essa literatura. A tradição dessas publicações populares é em versos.

Este poeta tem, entre os olimpienses, um público apreciador de seus versos, geralmente entre pessoas mais humildes da população rural ou urbana. Mas não são só estes; há leitores ilustres que o apreciam.

O Cordel é um grande passatempo, especialmente rico, que diverte e instrui.

Acedilo prefere chamar ao seu trabalho de folheto. Cada folheto é um pequeno livro impresso em papel barato, com número que varia de 6 a 10 páginas, de 11 por 16 centímetros de tamanho. A tiragem é pequena.

Diz Acedilo ser poeta pelo simples prazer de fazer versos. Escreve nas horas vagas, pois exerce outras atividades para viver. Por isso, ele mesmo tem a iniciativa da publicação, contando sempre com o apoio da Comissão Municipal de Folclore. Os folhetos são mais para presentear os amigos que para a venda.

A capa traz um desenho relativo ao tema, o tema, o nome do autor, o núme-

ro do folheto, bem como o local e a data da publicação.

Nosso poeta é um autodidata. Possui pouca instrução escolar, ou seja, curso primário antigo incompleto.

Aborda variados assuntos: o campo, a religião, eleições, acontecimentos políticos, mudanças sociais, etc.

O fato de ser o poeta popular o portavoz do povo, o único que pode expressar o seu pensamento, dá ao seu trabalho, o folheto, mais importância como meio de comunicação.

VIDA NA ROÇA

Livreto 10

Autor: ACEDILO NOVAES

(3 de maio de 1989)

Olímpia - SP



1 - Às vezes fico pensando
Por que pobre na cidade
Se a vida no sertão
Tem muita tranquilidade
Mesmo sendo uma choupana,
Aqui tudo é tão bacana
E tem mais felicidade.

2 - Todo mundo se conhece
E se ama como irmão
Pode até não ter luxo
Mas nunca falta o pão
Se acabar pede ao vizinho
Nem que seja um pouquinho
Pra acudir a precisão.

3 - Para arranjar a mistura
Fica um preço bem baixo
O caboclo co'a varinha
Busca o peixe no riacho
Janta com toda a família
Inda sobra pr'o outro dia
Conforme tiver o mormaço.

4 - Porque não tem geladeira
Para guardar a metade,
Come-se ou joga-se fora
Não é como na cidade
Que se guarda por três dias
E quando come dá azia
Diga se não é verdade?

5 - O peixe na frigideira
Chega até a pular fora
Precisa correr atrás
E pegar ele na hora
Os tais vindo do mercado
Vêm lá de outros estados
Tá bonito só por fora.

6 - Quando comemos galinha
Pegamos em nosso quintal
Ou então no do vizinho
Depois vorta pra pagar
No mercado, é diferente
Vendem o frango p'ra gente
Quando começa a estragar.

7 - A abóbora das quitandas
Vem sempre amarela e murcha
Quando se cozinha ela
Fica com gosto de bucha
As nossas aqui no mato
Custam menos que o barato,
E são lindas como a Xuxa.

8 - Pepino, jiló e tomate
A gente pega na horta
Em cada cesta ou bacia
Que as muié vêm até torta
Também o arroz e o feijão
Têm sobrado de montão
Bem encostados na porta.

9 - Quando chega o mês de março
Colhe milho de pipoca

FOLHETOS

Fazemo grande fogueira
Assamos carne e mandioca
Precisa ver que beleza
E a nossa sobremesa
Batata, amendoim e paçoca.

10 - A gente come demais
Sem coragem de ir p'ra casa
Aí então torna a comer
Queijo assado na brasa,
Depois que suja o bigode
Cai com tudo no pagode
Até que a festa se arrasa.

11 - Todos os dias tomamos
O bom leite no curral,
Legumes trago da roça,
Frutas pego no quintal,
Com minha barriga cheia
Pego a viola e ponteia
E nunca penso no mal.

12 - Não pagamos aluguel,
Nem moramos em casa boa,
Se não quiser trabaiaá
Pode até viver à toa,
Nas tardes encaloradas
Passeamos de jangada
Ou numa véia canoa.

13 - Quando vortamos ao rancho
A caça já está segura,
Sempre no canto da mesa
Tem requeijão e rapadura,
Enquanto prepara a janta,
Pega na viola e canta
Pra esquecer a vida dura.

14 - Nossa energia é a lua
Que aparece atrás da mata,
A orla parece ouro
Toda coberta de prata,
Deus não rouba nenhum tostão,
Pois ela na amplidão
Faz-nos uma serenata.

15 - Quando rompe a madrugada,
O sol brilha no espaço
Clareando nosso rancho
Acordando logo os pássaros,
Aqui na vida sertaneja
Mesmo entre as pejejas
É o melhor lugar que acho.

16 - Há os que ainda criticam
Nossa vida de caipira,
Vivem comendo sardinha
E nós comemos traíra,
Quando fazemos o rango
Com carne de porco ou frango,
O bom comedor suspira.

17 - No sítio tem mexirica,
Abacaxi e mamão,

Manga, banana e goiaba
Jaboticaba e melão
E a gostosa melancia
Que se chupa todo o dia
E toda vez acha bão.

18 - Pitanga e gabirola
Encontra-se no serrado
Também se encontra veludo,
Pois nada ali é comprado
Chega em casa, que alegria!
Come junto co'a fãmia
Pra ver o mais enganado.

19 - A diferença do sertão
É que a gente não tem luxo
Todo o dinheiro que ganha
É só pra encher o bucho
As coisas que nós não fica
É sem água lá na bica
E espingarda sem cartucho.

20 - Eu nunca compro sapato,
Ou descalço ou de botina
Minhas roupas são bem grossas
Nem faço questão da fina,
Dando pra tampar o sol
Pego uma vara de anzol
E parto para a rotina.

21 - Pesco, armo arapuca
Para pegar a mistura
Quando não pego jaó
Pego pato ou saracura,
Não é uma carne boa
Como é a de leitosa,
É meio enxavida e dura.

22 - Se os pobres da cidade
Viessem para o sertão
Acabava com a miséria
Que assola a nação
Todos plantavam e colhiam
O seu pão de cada dia
Com a sua própria mão.

23 - A gente lá do sertão
Não gasta nem com remédio
Quando temos um doente
Falamos que tá com tédio,
Damos pra ele uma viola,
Caboclo sara na hora,
Fica bom ou fica médio.

24 - Se tá com dor de cabeça
Faz chá de erva-cidreira
E se a doença teimá
Nós leva na benzedeira
E se não sará depressa,
Faz-se logo uma promessa
De ir nove sexta-feira.

25 - No mato tem tanto jeito
De se curar um doente

Todos sabem bom remédio
E não registra patente,
Só morre se for o dia,
Pois raízes e simpatias
Têm salvado muita gente.

26 - Até de mordida de cobra
Para dizer a verdade
Não tem as burocracias
Que existem na cidade,
Amarra-se a perna com tira
Ou até mesmo com embira
Conforme a necessidade.

27 - Toma-se até salmoura
Pra rebater o veneno,
Um copo de leite grande
Ou então três dos pequeno
Mata-se a cobra e dá um nó,
E na manga do paletó
Como diz o véio Roseno.

28 - Não precisa injeção
E nem ir pr'o hospital
Tomar o tar de soro
Acaba é fazendo mal
No sertão tudo é puro,
O nosso remédio só cura
E são raízes de pau.

29 - Nosso mundo é tão grande
Veja que barbaridade
Em vez de morar no mato
O povo só quer cidade
Todos só compram de quilo
Seja isso, seja aquilo,
Na roça tem à vontade.

30 - É por isso que eu moro
E defendo o meu sertão
Não tenho inimidade
Meus vizinhos são tão bão
Criei a minha fãmia
Não me lembro que algum dia
Em casa faltasse o pão.

“VIDA NA ROÇA”- O autor tece loas à vida simples na roça, onde acha tudo mais fácil e foge ao bulício da cidade. Encontra solução para todos os problemas. A vida é mais pura e mais sadia. Compõe-se de trinta estrofes. Cada estrofe é constituída de 7 versos (septilha) e cada verso de 7 sílabas (heptassílabo). Rimam o 2.º com o 4.º e 7.º versos, assim como o 5.º com o 6.º. As rimas, na maioria das estrofes, são soantes, aparecendo, de quando em vez, as toantes.

Livreto com 10 páginas, medindo 11 por 16 centímetros.

FOLHETOS

FORRÓ NO SERTÃO

Livreto 12

Autor: ACEDILO NOVAES

(1.º de janeiro de 1990)

Olímpia - SP



- 1 - Eu vou contar pra vocês
De uma festa no sertão
Não tava nem na metade
Já começou a confusão
Foi tapa de todo lado
Os lampiões apagados,
Todos de arma na mão.
- 2 - Solteira erguia a saia
E caía na quicaça
Casadas caçava os fios
Apavoradas, sem graça
As véias corriam pr'os morros
Com fé, pedindo socorro
Para acalmar a ruaça.
- 3 - Eu fiquei com muita pena
Do compadre Zé Filó,
Tomou um murro na boca
Ficou com um dente só
Servindo só de escora
Todos que vê ele agora
Fica rindo ou com dó.
- 4 - Compadre Toim Benedito
Montou no burro amarrado,
Cortava o bico na espora
Pulava pra todos lados
Gritou: me acode, muié,
Saiu correndo a pé,
Foi esconder no roçado.
- 5 - Zelão que saiu correndo
Fazendo uma barueira
Pra aumentar seu azar,
Enroscou numa cadeira
Cada vez corria mais
E a cadeira sempre atrás,
Quase morreu de canseira.
- 6 - Zé Custódio ficou doido
Quando viu essa baderna,
Não tinha onde esconder
Caiu dentro da cisterna
Sem saber, tinha caído
- 7 - Dum Aquino inteligente
Subiu em cima da casa,
Deitou junto à cumeeira
Disse: aqui ninguém me esbarra.
Veja como estava o clima
Descobriram ele lá em cima
Fizeram descer na marra.
- 8 - Manduca mais sua muié
Quando ouviram o zunzum
Saiu procurando os fios
Mais sempre faltava um.
Saíram como um pato
E foram esconder no mato,
Não apanharam nenhum.
- 9 - A muié contava os fios
Queria vortar pra trás
O Sô Manduca dizia
Lá não vorto nunca mais
Nóis temo tantos fios
Que parece peixe no rio
Um só, farta não faz.
- 10 - Libório enganchou na cerca
De maneira diferente
Queria vortá pra trás,
Logo pulava pra frente.
Pela força que fazia
O pobre homem gemia,
Chegava a ranger os dentes.
- 11 - Aí chegou três ou quatro
Deu-lhe uma surra de vara,
Bateram no corpo inteiro
Depois bateram na cara.
Veja só como ficou,
De tanto que apanhou
Quase que perdeu a fala.
- 12 - O Chiquinho entrou no quarto
E pôs roupa de muié
Mesmo assim inda tomou
Muito soco e canga-pé,
Quando saiu correndo
É que foram percebendo
Que tipo que ele é.
- 13 - O senhor Joaquim Júlio
Tomava conta da festa
A primeira que fizeram
Foi dar-lhe um murro na testa
O véio saiu correndo
Olhava pra trás dizendo
Este povo aqui não presta.
- 14 - Honório também correu
Entrou no canavial,
Quebrando cana no peito
Para evitar todo mal
Não tomou nem um só tapa
Mas intê hoje ele rapa
Espinhos ponta-de-pau.
- 15 - O Barduíno sem rumo
Entrou lá no galinheiro
As galinhas acordaram,
Fizeram grande griteiro
Na hora que ele vortou
Muita gente se mandou
Não agüentava o mau cheiro.
- 16 - Já falei de todo mundo,
Esqueci do sanfoneiro
Que até hoje está correndo
Foi o que apanhou primeiro
E quis sair na carreira,
Tropeçou numa cadeira
E saiu por derradeiro.
- 17 - Vestiram o violão
Na cabeça do Zé Mata
O trem ficou espichado
Parecendo uma gravata,
Ia correr, embaraçava
E o coitado murmurava
Ô tar sorte mais ingrata!
- 18 - Zé Pedro montou num bode
Pensando ser seu cavalo
O bicho saiu na toda
Lhe jogou dentro do valo
O que aconteceu com ele
Por eu ser amigo dele
Nem que pagar eu não falo.
- 19 - Pr'os lados do seu Roseno
É que a coisa ficou feia
Não sabia onde entrava
Entrou junto das abeia
Ficou todo ferroadado
Com nariz e zóio inchado,
A cara toda vermeia.
- 20 - O Tibúrcio teve o azar
De pegar mulher trocada
Pensando que era a dele
Era uma vizinha assanhada
Chegou em casa abriu a porta
Viu a esposa toda torta
De tanto levar pancada.
- 21 - Aí ele não sabia
A qual botava pra fora
Apareceu o marido
E quase que lhe devora
O Tiba disse, enfezado,
Éh! tar que sou azarado
Ia ficar bom agora.
- 22 - Também fiquei eu com pena
Do meu primo Zé Godêncio,
Pensou que as briga acabou,
Porque estava em silêncio

FOLHETOS

Quando entrou na barraca
Encostaram-lhe a faca,
Foi parar lá do Lourenço.

23 - O Sô Lourenço pensou
Que era ladrão de galinha
Entrou logo na despensa
Pegou a espingarda que tinha
Deu tiro pra todos lados
E o meu primo, coitado,
Procurou outra vizinha.

24 - Ele esqueceu que ela tinha
Um cachorro perdigueiro
Que mordida até no dono
Se saísse no terreiro,
Veja só que triste sorte,
Quase se encontrou a morte
Se não sobe num coqueiro.

25 - Tudo isso aconteceu
Por causa de uma morena,
Muito charmosa e bonita,
De cor de inhambu sem pena
Todos queria dar-lhe um beijo
E por causa do desejo.
Virou tão grande problema.

26 - Foi a última das festas
Que teve lá no sertão
Todo mundo lá reclama
Pela festa de São João
A morena ficou feia,
Alguns estão na cadeia
Por causa da confusão.

27 - Na beira dos corredores
Flore os cipós-de-são-joão
O ipê roxo ou amarelo
Cobre de flores o sertão,
Mas nunca mais houve festa
Depois que aconteceu esta
Lá naquela região.

28 - Tudo isso que narrei
Com toda simplicidade
Ficou tudo registrado
Na polícia da cidade,
Não vou dizer o meu nome
Eu só sei que sou um home
Que sempre falo a verdade.

“FORRÓ NO SERTÃO” retrata a confusão havida num baile, na roça, no dia de São João. Compõe-se de 28 estrofes. Cada estrofe é constituída de 7 sílabas poéticas (heptassílabas). Rimam o 2.º com 4.º e 7.º versos, assim como o 5.º com o 6.º. As rimas, na maioria das estrofes, são soantes, aparecendo, vez ou

outra, as toantes. Livreto de 10 páginas, medindo 11 por 16 centímetros.

BRASIL NOVO

Livreto 13

Autor: ACEDILO NOVAES

(5 de abril de 1990)

Olímpia - SP



1 - Vou fazer um retrospecto
De como era a inflação
Quando o rico e o esperto
Tavam de rédeas na mão
Esvaiam alegrias
Novos preços todos dias
Só pra ver a confusão.

2 - Às vezes achava graça,
Quando ia ao mercado
A gente revia os preços
E enquanto olhava de lado,
Chegavam co'a maquininha
E para surpresa minha
Os preços tinham dobrado.

3 - Nada valia clamar,
Pois não davam atenção:
Quem não pode isto comprar
É favor não pôr a mão!
Não adulamos freguês,
Amanhã dobra outra vez
Por causa da inflação.

4 - Em vez de pegar um quilo
O pobre pegava meio,
Mesmo assim desconfiado
Com vergonha e receio,
Pois seu dinheiro não dava
Muitos coitados pegavam
E saíam de esgueio.

5 - Não tinham pegado leite,
Pão, açúcar nem café
Chegavam em casa irados
Ou com medo da muié:
Que comprinha tão à toa!
Não me trouxe coisa boa,

Deste jeito não dá pé!

6 - O homem mostrava a nota
Do que havia comprado,
A mulher só desculpava
Do que havia falado,
Meu marido é um santo,
Mas o preço sobe tanto
Que duvidei do coitado.

7 - Quem fosse numa farmácia
Pra tomar uma injeção,
Gastava todo dinheiro
Não lhe sobrava um tostão,
Curava o resto com chá,
Pois não podia pagá
A segunda aplicação.

8 - Ricos comiam maçã
E o pobre só serigüela,
Madames compravam carne,
O pobretão só costela.
Rico não dizia nada,
A família bem corada
E a do infeliz, amarela.

9 - Se entrasse numa loja,
Levava um susto danado
Qualquer peça que pegasse
Custava dez mil cruzados
E o gerente ainda sorria
E cinicamente dizia:
Não posso vender fiado.

10 - Se o pobre fosse à loja
Pra comprar cama e colchão,
Voltava desapontado,
Continuava no chão;
Nem que vendesse a casa,
O dinheiro ainda não dava
Pra primeira prestação.

11 - Toda marmita do pobre
Só tinha arroz e pimenta,
O dia que variava
Era jiló com polenta.
Comiam com esperança
Que houvesse uma mudança,
Desse jeito, quem agüenta?

12 - Para alegria do povo,
Entrou novo presidente,
Corrigindo todo erro,
Não perdoou nem parente,
Prendeu grana dos reis-mundo
Acabou c'os vagabundos
Que puniam inocentes.

13 - Tinha muito pé-rapado
Dando uma de visconde;
No mercado, a maquininha
De vergonha, se esconde
E os que davam de bacana

FOLHETOS

NÃO SOU MAIS CAÇADOR

Livreto 14

Autor: ACEDILO NOVAES

(5 de fevereiro de 1991)

Olímpia - SP



Ficaram todos sem grana
Esconderam não sei onde.

14 - Agora chegou a vez
Do pobre ganhar parada
Para todos que trabalham
É claro, não falta nada.
Deixe o rico que se ofenda
Cada vez de que se lembra
Da inflação desgraçada.

15 - Ministra Zélia Cardoso,
Símbolo mãe-brasileira,
Pelo que fez, hoje temos
Fatura na geladeira
Deixa o rico que se morda
E o "puxa" que se exploda,
Com Collor a vida inteira.

16 - Por isso estou orgulhoso
De pertencer à nação,
Tudo é ordem e progresso,
Todos nós somos irmãos.
Viva o povo brasileiro,
Viva a moeda cruzeiro,
Andando de mão em mão.

17 - Senhor presidente Collor,
Faço minha petição:
Não deixe que avacalhem
Esta nobre intenção
Seja breve ou devagar,
Ninguém deve atrapalhar
O progresso da nação.

18 - O Brasil era pequeno
Cresceu da noite pr' o dia
Cento e quarenta milhões
Querem vida em harmonia
Honrando o verde e amarelo,
Fernando Collor de Melo
Dá-nos esta isonomia.

Em "BRASIL NOVO", o autor comenta sobre os problemas trazidos à nação pela inflação, mas confia, com entusiasmo, no presidente Fernando Afonso Collor de Melo na resolução de todos eles. Compõe-se de 18 estrofes. Cada estrofe é constituída de 7 sílabas (setessílaba). Rimam o 2.º com o 4.º e 7.º versos, bem como o 5.º com 6.º. As rimas, na maioria, são soantes, aparecendo, também, as toantes. Livreto de 6 páginas, medindo 11 por 16 centímetros.

NOTA: Deve ter sido grande a decepção do poeta ao acompanhar a situação político-administrativa do senhor presidente e tomar conhecimento da sua renúncia.

1 - Eu vou contar pra vocês
Como eu vivi no sertão
Sempre caçando e pescando
Montado em cavalo bão
Durante a mocidade
Pouco ia à cidade
E vou explicar a razão.

2 - De tudo o que eu mais gostava
Era sempre andar nas matas
Tomar banho no riacho
Ou então numa cascata
Assim eu passei a vida
C'uma viola querida
Cantando nas serenatas.

3 - Pelas manhãs de domingo,
Antes do nascer do sol
Embrenhava nos serrados
Já levava o meu farol
Voltava só noite a dentro
Não importava o vento
E nunca perdi um anzol.

4 - Não vinha de mãos vazias
Fui o rei dos caçadô
Tinha uma espingarda boa
Que herdei do meu avô
O que pintasse na mira
Vida pra nunca mais tinha
Não é papo não, sinhô.

5 - Atirei numa andorinha
Quase pertinho do céu
E a pobre da avezinha
Veio caindo ao léu
Sorri, então, de contente
Mostrando pra toda gente
Que eu não era um tabaréu.

6 - Saía pr'as tais caçadas

Parecendo o Lampião
Faca boa na cintura
Minha espingarda na mão
Os pássaros com tão medo
Porque se eu puxasse o dedo
Eles caíam no chão.

7 - Um dia eu fui pr'a caçada
Montado num alazão
Vi uma morena linda
Na frente de um portão
Quase perdi o sentido
Deixei a tralha escondida
E fui apertar-lhe a mão.

8 - O domingo no sertão
É o dia da preguiça
Esperei-a no portão
Quando voltasse da missa
Eu sorri e ela sorrindo
Era o domingo mais lindo
Depois da minha conquista.

9 - Cinco meses se passaram
Com minha tralha guardada
Juntinho ao meu amor
Eu não pensava em mais nada
Sempre trocando alguns beijos
Perdi todo o meu desejo
De fazer outras caçadas.

10 - Os cães ficaram vadios
Dormiam o dia inteiro
Não perseguiam os bichos
Mesmo vindo ao terreiro
Com minha vida mudada
Só pensava em minha amada
E no amor verdadeiro.

11 - Mas nossa felicidade
Em breve chegou ao fim
Por eu não ser diferente
Tal azar veio pra mim
Ela foi para a cidade
Deixando-me só saudade
E uma dor tão ruim.

12 - Levantei-me muito cedo
Com minha alma vazia
Uma dor foi-me apertando
Isto pelo meio-dia
Peguei de novo a tralha
Botei meu chapéu de palha
E parti pr'a tirania.

13 - Vou matar tudo que encontro
Pombo, garça ou beija-flor
Só assim vou descontando
A falta do meu amor
Untei bem a espingarda
Rezei pr'o Anjo da Guarda
Para ser meu protetor.

FOLHETOS

14 - Sai lá pela quiçaca
De raiva estava tremendo
A saudade apertando
E meu coração doendo
Hoje pr'eu ficar contente
Mato o que vem pela frente
E de nada me arrependo.

15 - Nisto eu vi sobre a árvore
Um pássaro, um tal jaó
O pobre estava piando
Tão triste que dava dó
Quando eu olhei para o chão
Partiu o meu coração
Na garganta deu um nó.

16 - Uma cobra horrorosa
Atraía a companheira
Foi por isso que o jaó
Nem viu minha cartucheira
Fiquei tão emocionado
Dei um tiro acertado
Na tal cobra traiçoeira.

17 - Ainda cheguei a tempo
De salvar a coitadinha,
Joguei-lhe um pouco d'água
Que no meu cantil eu tinha
Devolvi-lhe a liberdade
Quase morri de saudade
Da tal namorada minha.

18 - Quando cheguei lá em casa
Com a capanga vazia
Todo mundo deu risada,
O Pois era o primeiro dia
Que o maior dos caçadô
Por uma cena de amô
Desviou a pontaria.

19 - Eu senti a dor do pássaro
Vendo presa a sua amada
Por uma cobra faminta
Cruel, terrível, danada.
Destruindo um casal
Que nunca pensou no mal,
Mas eu matei a danada.

20 - Dependurei a espingarda
Só para recordação
Das maldades que eu fiz
Em nosso imenso sertão
Hoje não mato mais nada,
E Deus me deu a amada
Em paga da boa ação.

21 - Hoje eu vivo tão feliz
Dentro de um pobre ranchinho
Feliz com a minha amada
Como são os passarinhos
Minha mulher, só bondade,
De tanta felicidade
Já temos muitos filhinhos.

22 - Maribondos se arrancharam
Dentro da minha espingarda
Eu limpo ela por fora
Pra ficar bem conservada

Por capricho do destino
Quero provar pr'os meninos
Que eu fui o rei da caçada.

23 - Meus filhos são diferentes
Só vivem bola jogando
Nunca mataram um pássaro,
Vivem contentes, brincando,
Não imitaram a mim
Agora chegou ao fim
O que eu ia contando.

"NÃO SOU MAIS CAÇADOR"
relembra o autor o tempo em que foi caçador e de sua espingarda que ainda conserva, para recordação. Fala da tentativa de conquista de um amor que, a princípio, não deu certo. Descreve, também, sua revolta e o que o motivou a deixar de caçar. Compõe-se de 23 estrofes. Cada estrofe é constituída de 7 versos (septilha). Rimam o 2.º com o 4.º e 7.º versos, assim como o 5.º e 6.º. As rimas são soantes, aparecendo, vez por outra, as toantes. Livreto de 8 páginas, medindo 11 por 16 centímetros.

CAIPIRA VALENTÃO

Livreto 15

Autor: ACEDILO NOVAES

(21 de dezembro de 1993)

Olímpia - SP



1 - Não faço um pingo de conta
Que me chamem de caipira
Em todo lugar que eu chego
A moçada me admira
Não que eu queira me gabar
Até pra me namorar
Chegam até fazer fila.

2 - Em toda festa que eu chego
Vem moça de todo lado
Eu, então, fico bem sério
E não dou nem um piscado
Minha mãe me encomendou
Muitas vezes me falou
Pra eu não ficar falado.

3 - Fomos criados na roça

Tudo lá é diferente
Lá não se pode pegar
Nem mesmo em mãos das parentes
Só se olha nos buracos
Que existem nos barracos
E pulamos de contente.

4 - Tenho mais de cinquenta anos
Não me casei com ninguém
Mas se eu quiser namorada
Eu arranjo mais de cem
Se ainda estou solteiro
É só pra arranjar dinheiro
O tanto que me convém.

5 - Já namorei moça rica
De mil alqueires de terra
Falei: não caso com você
Nem que saia uma guerra,
Porque eu não sou coruja
Pra viver de cara suja
Morando no pé da serra.

6 - A moça saiu chorando
Eu fiquei dando risada
Aqui vai o meu conselho
Pra toda rapaziada
A liberdade da gente
Pra quem é inteligente
Não pode trocar por nada.

7 - No dia em que estou triste
Ponteio minha viola
Umás modas bem sentidas
E minh'alma se consola
Detesto homem medroso
Papudo e mentiroso
Ou então muito gabola.

8 - Aprecio caça e pesca
Andar a pé no sertão
Se encontro um bicho bravo
Logo o rasgo no facão
Num dia fraguei uma onça
Coçando a sua poupança
Em cima do meu fogão.

9 - Dei uma facada nela
Co'os olhos arregalados
Ela subiu a janela
E foi parar no telhado
O fim do caso eu não vi,
Porque quando percebi
Eu já estava deitado.

10 - Quando foi no outro dia
Deu um baita de um "bode"
Meu vizinho chegou bravo
E me disse: vê se pode!
Quase mataram meu gato
Vou lhe contar bem o fato
Tiraram até o bigode.

11 - Perguntou se eu tinha visto
O gato pr'aquele lado
Falei assim: eu não vi
Nem escutei o miado
Aí, então, descobri

FOLHETOS

- Que a onça que eu vi
Era o gatinho do coitado.
- 12 - Outro dia fui à pesca
Digo mesmo sem receio
Peguei um peixe tão grande
Olhos vermelhos e feio
Só a fotografia dele
Nunca vi quadro daquele
Pesou sete “quilo” e meio.
- 13 - O rio andava pra frente
Assustou, correu pra trás
Se estiverem duvidando
Do que este caboclo faz
Então vamos apostar
Que eu sou capaz de pegar
Mais outros peixes iguais.
- 14 - A metade deste peixe
Deu pr’o povo de Ribeiro *
Cento e oitenta quilos
Eu tinha vendido primeiro
E ainda me sobrou peixe
Para eu comer no azeite
Durante o mês inteiro.
- 15 - Matei uma sucuri
Verdadeiro cemitério
Dentro tinha quatro porcos,
Três cachorros amarelos,
Dois cabritos, três carneiros,
Um enorme boi carreiro
E um cavalo bem magrelo.
- 16 - Dei uma facada nela
Que ficou lá rebolando
Assustava todo mundo
Que na ponte ia passando
Pra não deixar ir embora
Pulei em cima na hora
E fiquei lá segurando.
- 17 - Pra essa bicha morrer
Eu lutei mais de uma hora
Peguei uma junta de bois
Arrastei ela pra fora
De tão pesada que era
A danada desta fera
Quase que a corrente “estora”.
- 18 - Arrastei ela pr’o mato
Fui fazendo uma erosão
Todo mundo até pensava
Que se via o Japão
Todos tremiam de medo
Eu não tremia nem dedo,
Tremia de emoção.
- 19 - Acabei co’a sucuri
Que deu tanto prejuízo
E torno a matar outra
No dia que for preciso
Sou caboclo destemido
Não temo nem o perigo
E no facão sou bem liso.
- 20 - Outra cobra vendo a luta
Disparou pelo riacho
Co’a ponta do rabo em cima
Mas a cabeça pra baixo
Com meu facão afiado
Procurei feito adoidado
Coitada dela se eu acho.
- 21 - Até hoje está correndo
Por este rião afora
Mas na minha região
Ela nunca mais amola
Porque se aparecer
Eu digo para você
Que mato na mesma hora.
- 22 - Agora conto pr’ocês
Como que passo na vida
Tendo carne com mandioca
Eu não ligo pra comida
Jogo pimenta no rango
Como peixe, como frango
Só não gosto de bebida.
- 23 - Todo dia eu me deito
Quando vai entardecendo
E só vou me levantar
Quando está amanhecendo
Fico na cama o dia inteiro
De olho para o terreiro
Se o tempo estiver chovendo.
- 24 - Às vezes faço o almoço
Depois me deito na rede
Com uma cabaça d’água
Para matar minha sede
Pra não ver o sol entrá
Fico atrás dum pé de ingá
Ou olhando pr’a parede.
- 25 - Assim é a minha vida
Sai semana, entra semana,
Não há alugel pra pagar
Pois moro numa choupana
Sou caboclo bem folgado
Vivo sempre descansando
E não preciso de grana.
- 26 - A minha luz é a lua
Aparecendo na brenha
Minha água vem da bica
O meu fogão é de lenha
Vejo a natureza em festa
No cenário da floresta
E não preciso de senha.
- 27 - Minha vida é bem melhor
Que a de vocês da cidade
Se na garganta há um nó
Eu já sei que é a saudade
Então eu sento lá fora
Se mosquito não me amola
Toco viola à vontade.
- 28 - Meu fogaréu sempre aceso
Fazendo enorme clarão
- Caburé piando triste
No alto do espigão
Conforme estiver o clima
Dou uns três tiros pra cima
Pra espantar a sombração.
- 29 - Deito na minha tarimba
Não devo nada a ninguém
Agradeço tudo a Deus
E o sono logo vem
Vida melhor do que esta
Pode procurar à bessa
Quero ver quem é que tem.
- 30 - Ninguém bate em minha porta
Nem para me dar recado
Espingarda sob a cama
E um facão bem do lado
Já vou indo me deitar
Meio-dia levantar
Até já, muito obrigado.

Em “CAIPIRA VALENTÃO”- O autor se refere à vida de um caipira destemido, preguiçoso, cheio de vantagens, e até mentiroso, cuja vida parece ser um mar de rosas. Na estrofe 14, quando o poeta se refere a Ribeiro, trata-se do distrito de **Ribeiro dos Santos**, no município de Olímpia, onde morou durante muitos anos. O poema se compõe de 30 estrofes constituídas de 7 versos heptassílabos. Rimam o 2º com o 4º e o 7º versos, assim como o 5º com o 6º. As rimas, na maioria, são soantes, aparecendo, poucas vezes, as toantes.

Livreto de 10 páginas, medindo 11 por 16 centímetros.

ACEDILO NOVAES nada guardou dos primeiros trabalhos que produziu. Realizava-os como esporte artístico, mas não se importou em preservá-los. Somente a partir de 1980, advertido por seu amigo, Prof. Sant’anna, foi que passou a organizar o acervo das poesias escritas. Relacionamos 15 livretos, de 1980 a 1993, assim intitulados:

1 - **Inesita Canta e Encanta**, 30 estrofes - 1980/2 - **O Festival do Folclore e o BRADESCO**, 53 estrofes - 1983/3- **Lamentação e Testamento do Judas**, 24 estrofes - 1985/4 - **Prefeito Wilson Zangirolami**, 27 estrofes - 1986/5 - **Triste Vida de um Bêbado**, 30 estrofes - 1986/6 - **A Triste Sina de um Galo**, 40 estrofes - 1988/7 - **Curupira (Patrono do FEFOL)**, 37 estrofes - 1988/8 - **Seu Bode de Paletó**, 33 estrofes - 1989/9 - **As Idades do Homem**, 39 estrofes- 1989/10 - **Vida na Roça**, 30 estrofes - 1989/11 - **Proezas de São Pedro**, 57 estrofes - 1989/12-**Forró no Sertão**, 28 estrofes, - 1990/13 - **Brasil Novo**, 18 estrofes - 1990/14 - **Não sou mais Caçador**, 23 estrofes - 1991/. 15 - **Caipira Valentão**, 30 estrofes - 1993.

O Folclore de Tietê - SP

BENEDICTO PIRES DE ALMEIDA
- Folclorista Tieteense -

Antes de comentarmos sobre o **folclore de Tietê**, ocorreu-nos a feliz idéia de transcrevermos as palavras do eminente folclorista **João Ribeiro de Andrade Fernandes** acerca do termo Folclore, no seu livro **O Folclore, cuja primeira edição data de 1919**, e que foi reeditado pela Organização Simões, editora, com a colaboração da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro - MEC, em 1969 - cinquentenário de seu lançamento.

“Mais de setenta anos há que apareceu pela primeira vez a palavra folk-lore (folclore), em um artigo do Atheneum de Londres. Propunha-o W. Thoms, como expressão técnica apropriada ao estudo das lendas, tradições e da literatura popular.

A palavra teve a boa fortuna de se difundir igualmente pelos povos latinos cujas línguas não possuem a faculdade plástica de criar neologismos senão em condições raras. Em geral, recorremos ao grego em tais casos e o termo **demologia** seria o correspondente literal de **folclore**. O alemão seguiu a mesma corrente inglesa com os vocábulos **Volkslehre** e **Volkskunde**.

Conhecemos a distinção estabelecida por R. Köhler e K. Weinhold que dá ao folclore uma área mais restrita e limitada que o **Volkskunde** que abrange todo o estado do homem social, sem excluir certas feições físicas, a alimentação, o vestuário, os gêneros da vida, profissões, o direito, a religião, a linguagem, etc.

A palavra **folclore** empregada no Atheneum de 22 de agosto de 1846 sob a assinatura de Ambrose Merton, pseudônimo de William John Thoms e usada principalmente no mundo com o sentido e equivalência de **traditions populaires**, **tradizione popolare** e **Volksüberlieferungen**. Estas tradições constituem o material do **Volkskunde** que se preza de ciência histórico-comparativa.

Entre nós, o vocábulo folclore tanto se aplica à coleta de materiais de estudo como ao próprio estudo metódico, da história e da comparação.

Folclore ou **Volkslehre** ou **volkskunde**, significa mais ou menos a ciência

ou o saber popular. O estudo era necessitado pela existência das histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral.

Uma vez ordenados estes documentos da literatura popular nenhuma expressão conviria melhor que aquela.

Muito antes de achada a denominação comum, era já o **folclore** uma ciência histórica com os seus métodos próprios de pesquisa, rica de confrontos, paralelismos e de resultados comparativos, colhidos na tradição de todos os países.

A existência dessa literatura não escrita explica-se pelo enciclopedismo ingênito de todos os povos e pela sua psicologia coletiva (**Völkerpsychologie**), base e antecedente da psicologia individual.

Todos os povos, desde os mais incapazes, têm ciência, arte e literatura, como têm direito ou religião. São coisas e funções humanas, em qualquer grau.

Os rústicos, os campônios, os elementos humanos de qualquer gregário, tribo ou sociedade possuem em comum certas idéias e doutrinas elementares acerca das coisas. Selvagens, bárbaros ou civilizados, homens enfim, possuem uma alma coletiva onde repousam as próprias superstições, crendices, as suas formas d'arte ou de ciência elementares que lhes dão a intuição do mundo, anterior, preliminar e precedente às criações pessoais mais tardias da ciência abstrata ou da arte culta.

Quem do povo inculto não é médico com as suas mezinhas? jurista com o seu bom senso leigo, engenheiro com a sua mecânica rudimentar, calculista com as mãos e os dedos? Astrólogo, pajé, adivinho ou teólogo?

Nesse enciclopedismo inculto, formado de pensamentos elementares, de emoções e de inteligência, é que consiste a alma popular.

Essa psicologia coletiva ou étnica, alma do grupo, alma da raça, é o fundo comum e a camada primigênia que explica e define o caráter especial de cada povo, no seu tríplice aspecto psíquico, antropológico e histórico.

A diferença essencial entre o rústico e o civilizado, entre o letrado e o analfabeto e que noções de um representam a camada de idéias étnicas antigas e de repouso; as do outro a camada nova insustentável que lhe foi acrescida pela cultura.

A ciência quantificou o enciclopedismo grosseiro e rústico; a poesia estilizou os versos populares; a medicina originou-se da magia e das superstições; a astrologia, etc.

Em resumo, o progresso do espírito precisou e quantificou as noções ingênuas do povo.

A diferença entre incultos e letrados de hoje faz esquecer que essa distinção é eterna; a própria palavra de **empíricos** que se dá aos ignorantes reconhece que são observadores, o que é melhor que serem teóricos.”

AS FESTAS RELIGIOSAS E PROFANAS

As festas populares dos caipiras consistem em festejar Santo Antônio, São João e São Pedro, com o levantamento do mastro, suas respectivas bandeiras, tiros de roqueira, rojões, buscapés, etc.

Na festa de São João é concentrado maior interesse e devoção do povo, na qual além da reza, da lavagem da imagem num ribeirão ou no rio, consta dos festejos populares: **cururu**, **fandango**, **bate-pé** e o brinquedo para as moças - **viuvinha** e **cana-verde**, e, após, pela madrugada tem a pulação da fogueira e lançamento de sortes. É muito usada a da quebra de um ovo em um prato deixado ao sereno, durante a noite. Pela madrugada, ao clarear do dia, vão os observadores ver o resultado: a configuração que toma a clara do ovo, lembrará navios, igrejas, que significa comumente próximo casamento. Ainda há sinais de esquifes mortuários; será a manifestação da sorte indicando viagens, casamento ou morte.

O mastro enfeitado de folhas, de pencas de laranjas, para adoçar as dos pomares, levantado em honra do santo, cuja bandeira se voltar para a estrada denuncia morte ou mudança. Alguém de casa sairá nesse ano para não mais voltar a ela. E quem não enxergar seu ros-

COSTUMES E CRENDICES

to, pela manhã, refletido nas águas límpidas do rio, não chegará a ver outro São João.

Ao mesmo tempo que Tietê se desenvolvia materialmente o seu povo católico, em extremo, firmava por um voto de seus maiores, a promessa ou compromisso de promover a **Festa do Divino** que se realiza anualmente em dezembro. A crônica remonta a um passado de mais de 140 anos.

Em 1830, Tietê foi assolada por um surto epidêmico de sezões ou maleitas que devastou as populações ribeirinhas e da Capela de São Sebastião, hoje distrito de Laras.

Foi daí, amainada a epidemia, que se chamou Peste Grande. Os sofredores habitantes do Pau-Cavalo fizeram uma promessa de festejar o **Divino**, caso não mais se repetisse a hecatombe. A maleita campeava de janeiro a março, com a cheia do rio Tietê.

Daí para cá, bastava que se não fizesse a festa do Divino para que a maleita voltasse a castigar os tietenses.

Criaram-se duas irmandades do Divino - a de **baixo** e a de **cima**. A de **baixo**, da Capela de São Sebastião e a de **cima**, da cidade. Fixada a data das festas, porque eram estas do Divino e da Santíssima Trindade, as irmandades percorriam o município: a de **cima**, em primeiro lugar, rio acima, a montante da cidade e a de **baixo**, rio abaixo, esmolando em benefício das festas.

Quando a irmandade de baixo retornava de sua viagem, coincidia com a véspera da festa, um sábado, e a irmandade de cima ia aguardá-la, em seus batelões adornados, daí resultando o célebre e belíssimo **Encontro das Canoas**.

Durante essa viagem que dura cerca de 40 dias, onde o Divino pousa, há festa durante a noite: antecedendo celebração da reza, depois do jantar oferecido aos irmãos remeiros e ao povo, depois, seguida de **cururu**, e outros festejos.

A comitiva do Divino é formada por um bandeiro, conduzindo a Bandeira do Divino, o violeiro, que é o **folião**, e dois meninos, um com a caixa surda e outro com o triângulo, e ainda, o **salveiro**, para anunciar chegada da comitiva aos lares.

Onde a irmandade chega canta o folião pedindo uma esmola, um café, o almoço e, no fim da tarde, o pouso para o **Senhor Divino** e seus irmãos.

Chegado o Divino ao pouso, a Bandeira é colocada em um altar improvisado e é rezado o **terço**, por um capelão do bairro.

A celebração do terço marca o fim da parte religiosa do dia e dá início às festas profanas.

COSTUMES E CRENDICES DO TIETÊ

Dentro de pouco tempo está formado o **cururu** em frente do altar. É dança de respeito perante o santo. Um grupo de caboclos desempenhados formam a roda, uns com violas e outros com o requereque, adufe e puíta.

Ao iniciar-se a dança, os cururueiros fazem a louvação, elogiando o Santo, o dono da casa e os colegas, entrando em seguida no assunto, da poesia.

É digno de nota o fato de muitos caipiras semi-analfabetos, e com uma inspiração que causaria admiração aos grandes poetas, discorrerem a noite toda sobre passagens exclusivamente bíblicas.

É o que os cantadores chamam **Cantar na Escritura**. E cantam desde a formação do universo segundo a corrente paradisíaca, ao Novo Testamento, falando até em astronomia, etc.

E aí do caboclo ou mulato que, cantando, não seguir em continuação ao fato cantado pelo precedente. Chovem-lhe os debiques, as mofas, trava-se a contenda mais interessante que se pode imaginar, sucedem-se os ataques e as defesas, tudo em verso, trazendo a assistência no mais vivo interesse, desejando que este ou aquele seja vencido.

Alguns cantadores, não os de primeira, não conhecem a Escritura. Estes então cantam versos a um e outro dos presentes, debaixo dos gritos daqueles a quem são os versos dedicados.

Os versos são cantados observando-se uma determinada **carreira**, ou seja, a rima. A maneira de cantar chama-se **toada**.

Podemos citar as carreiras do "sagrado", do "dia", de "São João", etc. Cantando nesta última carreira, o cururueiro diz:

Vou dizê o meu verso
Na carreira de São João,
Matei o meu carneiro
Pra comê c' o meu irmão.
Depois do carneiro morto
Quero meu carneiro são.
Carreira de São João.
Fui desceno rio-abaixo
Na canoa batelão.

Em cima da pedra lisa
Dois valentes não põe a mão
Saio da boca da cobra,
Entro na boca do leão,
Adeus senhor Luís Garcia
Que não deu sua explicação.

Às vezes um cantador dá uma "alfinetada" no outro, um preto, dizendo:

Santo Antônio é milagroso
Mas é um santo traidô,
Santo Antônio amarra negro
Pra levá pr' o seu sinhô.

Ele prontamente responde:

Mecê disse que Santo Antônio
É um santo traidô,
Santo Antônio amarra negro,
Mas a mim nunca amarrô.

Outro cantador cheio de si diz:

Quem tivê catarro tussa,
Quem tivê réiva rebente,
Quem tivê dor de canela,
Faça por vivê contente.
Desaforo matô bicho,
Sete ponta matô gente,
Eu canto os meus versos,
Na carreira do presidente.

E assim como catadupas, vão os versos saindo da boca dos cantadores, até surgir a barra do novo dia.

Mais ao longe, num canto do terreno, "tine" o fandango...

Um caboclo com a viola e mais três ou quatro formando a roda.

O cantador num magnífico "ponteio" dedilha a viola e canta uma moda. À terminação de um verso, os demais entram num lindo sapateado e depois batem palmas compassadas ao ritmo do instrumento, enfeitado com o tinir das rosetas da espora, propósito usadas por um dos cantadores. Ao sapateado, a poeira se levanta.

Vejamos o que o caboclo cantou:

Moça bonita
Que linda senhora,
Do cabelo crespo
Que nem flor de amora,
Cuitelinho chega,
Beija e vai-s' imbora.
Passarinho canta
Tudo diz que chora.
Mecê me preguntô,
Cumô é que se namora.
Amarra o cabelo,
Põe Água Flora,
Lenço na gibeira
No dedo memória.
Eta seu namoro
É nossa caipora.
Mecê preguntô
Adonde é que eu moro.
Eu não sou daqui,
Tô chegado agora.
Se mecê qué i comigo
Apronte e bamo imbora,

COSTUMES E CRENDICES

Munte na garupa
Que nós dois atora.
Não precisa reio
Nem acupa espora.
Marcha na andadura,
Na guínia rola,
Quanto mais caminha
Pra nós dois miora.

Para outros afeiçoados, em outro canto do vasto terreiro há o **samba**: dança muito brasileira e apreciadíssima, principalmente pelos nacionais. O samba é de uma atração irresistível e dizem-na inventada pelo Diabo quando andou pela terra. Os cantadores assim afirmam, dizendo:

O samba arrenegado
Foi o Diabo que inventô.
O Diabo foi-s'imbora
O samba aqui ficô.

Formam-se filas de homens de um lado, alguns com instrumentos, e as mulheres de outro. O cavalheiro vai dançando e requebrando, vai até a frente das mulheres, faz mesura pra uma delas e recua dançando. A mulher agitando um lenço numa das mãos e atendendo a provocação vem dançando até onde se encontram os homens apontando-os com o lenço.

Assim, um por um, forma-se o samba. A música provém de pandeiros, caixa-surda e, às vezes, até de sanfona. Ao mesmo tempo que dançam, cantam ao compasso determinado pelo pandeiro. Os versos são soltos, cantados por um e outros, na ordem da colocação na fila, sendo o coro a repetição do verso, feito por todos os cantores. Cantam eles:

Arriba o meio
Da verada,
O samba é triste,
De madrugada.

O vapor subiu a serra
Subiu bufando.
O vestido da morena,
Já está serenando.

Mulata pediu,
Não sei se dô
Uma saia de chita,
Um paletô.

O samba vai
O samba vem,
Eu co'a morena,
Sei sambá também.

Ei bananinha,
Ei bananá,
Outra vez, ó bananera

Tão quereno me matá.

Meu lencinho branco,
Que Iaiá me deu.
Fui passeá na ponte
E lá perdeu.

Menina que sai no samba,
Porque não lava o pé,
Água passa na porta,
Não lava praquê num qué.

Menina que sai no samba
Não deixe a saia arrastá,
Saia custa dinheiro,
Dinheiro custa ganhá.

Palmeira me dê uma palma,
Roseira me dê um botão,
O dia que tô no samba
É pra alegrá meu coração.

Diz a boa gente do sítio que não há coisa melhor que dançar samba.

Para as jovens namoradeiras e os rapazes em plena mocidade e florescência da vida, a dança adequada é a **caninha-verde**.

Forma-se grande roda de rapazes e moças, um pegando na mão do outro e girando sempre. Cada um dos componentes da roda é obrigado a cantar um verso. Pode até repetir algum já cantado, não há inconveniente, porém, é preciso que cante. São quadras populares, dessas que andam de boca em boca e algumas vezes improvisadas. Citemos algumas:

Na hora de minha saída,
Duas salvas mando dá,
Uma de eu ir-s'imbora
Outra de torná voltá.

Se esta rua fosse minha,
Eu mandava ladriá.
Inda que não fosse em tudo,
Ao menos em certo lugá.

Antoninho cor de lima,
Manuel cor de limão,
Antoninho no meu braço,
Manuel no coração.

Limoeiro pequenino
Do que estais tão desfolhado?
Foi o vento desta noite,
Serenando da madrugada?

Plantei um pé de palma,
No caminho do sertão,
A palma nasceu direito,
Co'a raiz no coração.

Meu pai chama-se prata,
Minha mãe prata Maria.

Como não hei de ser prata,
No meio da prataria.

A foia da bananera,
De tão verde amarelô.
A boca do meu benzinho,
De tão doce açucarô.

No tempo que te amava
Varava matos e espinhos.
Agora pago dinheiro
Pra não ver o teu focinho.

Meu amor não é este
Nem aquele que lá vem,
Meu amor veste de branco
De longe conheço bem.

Chorando tomei amores,
Chorando amores tomei,
Chorando tu me mataste,
Chorando morto fiquei.

Morena dos olhos grandes
Olhos de jabuticaba,
Não sei se você se lembra,
Do tempo em que nós brincava.

Cachorrinho jaguapeva
Lá do fundo do quintal,
Cale a boca cachorrinho,
Para o meu bem passear.

Para a mocidade amorosa não é só a **caninha-verde**, há também o brinquedo de **viuvinha** ou **casamento espanhol**, muito brincado no sítio e, às vezes, até nas cercanias da cidade.

Forma-se a roda de homens e mulheres, em número certo de pares, ficando a **viuvinha ao centro**, enquanto vai a roda girando e cantando:

Viuvinha, viuvinha,
Da porta da lenha
Quer se casar
Não acha com quem.
Case comigo, que eu sou vosso bem
Tenho um dez réis
Pra gastar c'o meu bem...

Parando a roda de girar, um dos rapazes pergunta à viuvinha:

- **Quer casar comigo?**

Se ela responde pela negativa, voltam todos a cantar:

Tomaste de uma purunga,
Achada na bagaceira,
Podes ficar descansado
Que não achas quem te queira.

Outro rapaz repete a consulta e se esta consente no casamento, a viuvinha entra para a roda e a outra moça que fazia par, salta para o centro e continua o brinquedo.

COSTUMES E CRENDICES



Mais distante, um pouco fora do terreiro, está formado perto de enorme caieira - o **batuque**.

Extensa roda de pretos, homens e mulheres. Dançam ao som do tambu, um tubo de madeira com pele numa das extremidades e que de vez em quando aquecem na fogueira.

Os pretos, homens de um lado e as mulheres noutra fila em frente, dançam requebrando e fazendo volteios depois do que se encontram e dão valentes umbigadas, uns com os outros. Os homens contra as mulheres.

O coro é feito pela repetição do verso do cantador. Cantam-no muitas vezes, substituindo-o sempre, de acordo com as novas improvisações.

Entre os versos que ouvimos, podemos citar:

Subi o morro,
Desci a serra,
Acabou-se a fama
Do Olegário treme-terra.

Olegário treme-terra
Anda de garrucha e faca,
Pra largá desta morena
Pra pegá nesta mulata.

Ferreiro bateu c'ô maio
Deu na janela do bispo
Perguntô pra batuqueiro
Quem é mais velho que Cristo.

Clareia o dia... cessam-se os rumores da festa...

O povo dispersa... Uns para o trabalho, outros para a cama, dormir um pouco, preparar-se para a noite vin-doura.

A FESTA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS

No assento de um barranco escarpado dominando o rio Tietê, que descreve uma graciosa curva, está plantada a cidade de Porto Feliz.

Destaca-se no casario antigo a silhueta simpática da velha Igreja Matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens, e as palmeiras imperiais que dão um aspecto tão solene à paisagem.

Porto Feliz fundada antes de 1700, foi o ponto de embarque das monções

para Cuiabá, tendo sido até cem anos atrás, um porto de mar em miniatura. A sua primeira Igreja Matriz foi fundada em 1721 por Antônio Aranha Sardinha e Antônio Cardoso Pimentel.

Consta que a atual igreja foi construída em 1744, tendo sido autorizada por provisão de 27 de novembro daquele remoto ano, firmado pelo Vigário da Vara de Itu, o Padre Miguel Dias Ferreira já sob a invocação de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

A imagem que se venera no templo pesa 12 arrobas, e contavam os antigos que foi trazida do Rio de Janeiro a fim de ser transportada para Mato Grosso. Um dia aprestou-se a expedição que deveria partir em demanda de Cuiabá e a imagem foi colocada na canoa principal do comboio.

Um fato extraordinário aconteceu. Do primeiro pouso, a Santa desapareceu e foi encontrada na capela provisória de Porto Feliz, voltando a canoa e os tripulantes decepcionados pelo acontecimento.

Novo embarque foi marcado. No dia estabelecido os homens incumbidos de carregarem a imagem não puderam transportá-la; pesava tanto que se julgaram incapazes e desistiram do intento.

O povo, sabedor dos dois fatos, entrou a murmurar que a Santa não queria ir para Mato Grosso, deliberando-se a construção de uma Igreja, para abrigá-la. O Padre Felipe de Campos, pároco, tomou sobre seus ombros a empreitada e dentro de pouco tempo a Igreja estava pronta e a imagem colocada no seu altar. Assim rezam velhas crônicas.

O culto de Nossa Senhora Mãe dos Homens desenvolveu-se tanto que nos meses de agosto, em 15, numerosos fiéis oriundos dos mais distantes lugares, vinham em piedosa romagem.

As festas religiosas e profanas duravam uma semana e gozavam de grandioso prestígio dilatados anos. As promessas variavam entre as mais rigorosas, daqueles que procuravam acompanhar a procissão, uns descalços afrontando os seixos nas ruas sem calçamento, outros com pedras na cabeça, até as simples oferendas de uma vela acesa.

A multidão se comprimia no jardim fronteiro e as alas da procissão demandavam a rua de Sorocaba, estando já a sagrada imagem no seu carrinho puxado pelos homens mais notáveis do lugar, descendo o patamar da igreja de pedras de Itu, acompanhada por multidão de fiéis.

As festas profanas e folclóricas de Porto Feliz são as mesmas de Tietê, com pequenas variações, e remontam às mesmas origens, não resta a menor dúvida.

MITOS E LENDAS

Síntese de três raças das quais desce, delas herdou o caipira as suas qualidades físicas e morais, estas estão transparecendo nos seus vícios, nos seus erros, nas suas virtudes e crenças.

Incapaz de compreender do branco o sublime do seu monoteísmo, herdando-o, amalgamou-o num misto de fetichismo do africano e do índio. Daí a amálgama de sua religião que diz ser católica, unicamente por ser batizado, observando-se raramente os dogmas e os preceitos que mal conhece.

Eivado de crenças absurdas, acredita na existência de gênios malfazejos.

O LOBISOMEM

Caboclo opilado, extremamente descorado, ressequido e de sombrio aspecto,

produto do sétimo parto, às sextas-feiras, à meia-noite, procura os galinheiros, onde se esponja nas fezes e se alimenta das mesmas, metamorfoseando-se em



um grande cão de enormes orelhas pendentes, que estralam no calor da carreira na qual sai o desgraçado para percorrer sete bairros antes do nascer do sol, em cumprimento ao seu triste fadário.

Se mulher, transforma-se em uma bruxa ou uma grande e bravia porca acompanhada de sete leitões e sai, estrada afora, a atacar os retardatários fofasteiros.

Quem for ferido das agudas presas do duende, terá o mesmo fadário; quem, porém, a ferir derramando-lhe o sangue porá fim a sua triste sina.

Narra a lenda que sendo uma mulher casada com um lobisOMEM, só lhe soube a sina quando, certa noite, despertou sobressaltada com enorme cão dentro do quarto.

Gritou apavorada para o marido que julgava a dormir e o cão, enfurecido, atacou-a, esfacelando-lhe a dentadas, a saia de baeta vermelha que vestia. Na manhã seguinte, ao surpreender entre os dentes do marido filamentos de lã de sua saia, compreendeu horrorizada o desgraçado destino, abandonou-o e levou o resto da vida a penitenciar-se do tempo em que coabitou com o horrível duende.

COSTUMES E CRENDICES

O SACI-PERERÊ

Pretinho arteiro, de olhos carburantes e barrete de rubra cor à cabeça, traquinando e assoviando pelas estradas em horas-mortas, a pelear, maldosamente, com suas travessuras, os animais e a trançar-lhes as crinas. Com efeito, o viandante que, no sertão, ao cair da tarde, cochilando o seu cansaço, as pernas lassas, caídas sobre as espendas da sela, busca o pouso para descansar os membros doridos da jornada, ao encilhar a montaria, na manhã seguinte, para seguir viagem, encontrará muitas vezes, a crina do animal emaranhadamente trançada.



Atribuir por certo às artes do Saci, sem indagar de uma pequenina ave do sertão que revela o curioso característico de, em procurando no dorso dos animais a alimentação que lhe é cara, carapatos e outros parasitas, nunca deixam sem antes trançá-las com o bico o sedenho.

Os redemoinhos, fenômenos produzidos por desequilíbrio das atmosferas, verdadeiras trombas aéreas que se formam vertiginosamente em espiral, carregando folhas secas, gravetos e areia em suas passagens, esses fenômenos consoante à crença entre os caipiras, são produzidos pelo Saci, e se algum dotado de verdadeira fé, lançar sobre a tromba um rosário de capim, aprisioná-lo-á, por certo, e se lhe conseguir o barrete, terá em prêmio a ventura que aspirar.

Os redemoinhos, fenômenos produzidos por desequilíbrio das atmosferas, verdadeiras trombas aéreas que se formam vertiginosamente em espiral, carregando folhas secas, gravetos e areia em suas passagens, esses fenômenos consoante à crença entre os caipiras, são produzidos pelo Saci, e se algum dotado de verdadeira fé, lançar sobre a tromba um rosário de capim, aprisioná-lo-á, por certo, e se lhe conseguir o barrete, terá em prêmio a ventura que aspirar.

SAMAMBAIA-AÇU

Planta que nasce nas florestas virgens, cuja fruta amadurece e cai nas sextas-feiras santas, à meia-noite.

Quem dela se apossar obterá riquezas; porém, é preciso ser dotado de muita bravura, pois ela pertence ao Diabo, que, nesse dia, aguarda o seu amadurecimento para levá-la consigo.

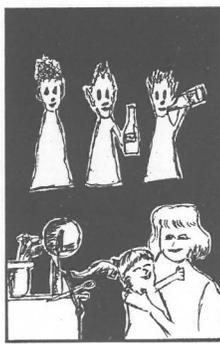


Quem a ambicionar, que escarique o solo, em torno da árvore, desenhando o signo-de-são-salomão, de sete cruzes, e se coloque dentro do desenho, para se livrar das garras do tinhoso, que se enfurece por não colher a fruta talismã.

AS BRUXAS

Além dessas abusões, tomam vulto, na imaginação do caipira, crenças na existência de bruxas, velhas e fanáticas harpias, estrições famélicas, que se ajudam de bom vinho e sugam, à noite, o sangue das crianças não batizadas.

Esconjuram-nas as mães. Para afugentá-las, trazem uma vela benta acesa durante a noite toda, sob o leito do filho, e uma tesoura aberta em forma de cruz.



O CORPO SECO

Homem que passou pela vida semeando malefícios e que se viu a própria mãe. Ao morrer, nem Deus nem o Diabo o quiseram, e a própria terra o repeliu enojada de sua carne, e um dia, mirrado, defecado, com a pele engelhada sobre os ossos, da tumba se levantou em obediência ao seu fado, vagando e assombrando os vivos na calada da noite.

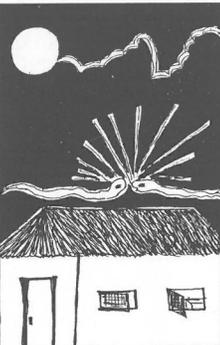


“Pobre mulher certa vez, conta-se no sertão, amadora dos bons guisados de urupês (orelha de pau) vagava pela mata para colher os apetecidos, quando se deparou caído um pau-piúca, onde abrolhavam os saborosos parasitas, alvos muito alvos como pipocas.

Colhia-as quando, no desvendar a parte extrema do madeiro, se tomou de pavor e muito susto ante dois olhos escarninhos que a fitavam, e disparou a correr desorientada sob o riso cacinado do Corpo Seco a chancear da peça que pregou à pobre mulher.”

FOGO FÁTUO

A mulher que avilta o leito conjugal, transformando-o em latíbulos, no qual recebe o padrinho do seu filho, não só ela, também o amante se transformam em fachos de fogo. Correm por cima da casa em que moraram, quando vivos, caminham um para o outro e, no encontro



chocam-se e chispas, fagulhas rútilas aparecem perseguindo os notívagos transeuntes para lhes roubar a vida.

Chamam-na os caipiras “botatá” - “bitatá” ou mais apropriadamente Boitatá.

MULA-SEM-CABEÇA

Concumbinas de clérigos transformam-se em Mula-sem-cabeça. Quem tiver a desdita de encontrá-las, ouvindo-lhes o silvo tétrico e estridente, deve ocultar as unhas que para elas têm extraordinário brilho e as atraem.



O BODE PRETO

No sertão um inseto existe que habita o subsolo, e fura o terreno para abrigar-se. A terra extraída do lugar em que escava, lembra a forma do fundo de uma garrafa. Diz o caipira ser a pegada do duende.

Entes há, acreditam, que patuam nas sextas-feiras santas, nalguma encruzilhada onde os caminhos se bifurcam, à meia-noite, com o gênio do mal, metamorfoseando-se em um grande bode preto, conquistando a felicidade em troca da alma e selando com algumas gotas de sangue, contratos macabros minutados pelo próprio demônio.

Para isso, porém, é preciso que o aspirante à felicidade seja dotado de grande fortaleza d'alma para que o Sujo não lhe pague uma peça, como sucedeu a um que combinara firmar contrato com o Espírito das Trevas e lhe entregava a alma com a condição deste fazê-lo invencível no jogo do facão.

Combinaram que o Diabo o ensinaria e o familiarizaria com todos os truques do jogo. O aspirante, por maior que fosse o apeto, não poderia chamar pelo nome de santo algum.

Em meio da lição, porém, tal foi a conjuntura, ameaçado pelos coriscos do Diabo, que olvidando a combinação, a um bote que lhe deu o macabro professor, num salto à retaguarda, irrefletidamente, exclamou:

- São Bento!!

- Serás molambento, urrou o Diabo,



COSTUMES E CRENDICES

sovertendo-se pelo chão a dentro. Desde então o triste viveu andrajoso: não havia roupa que o agüentasse, por mais forte e bem tecido que fosse o pano e, apupado, viria a arrastar seus molambos com a alma entregue ao Diabo, sem a compensação que ambicionava.

INICIAÇÃO DO HOMEM

- Quando o pai quer que seu filho seja macho, isto é, homem de caráter, deve, por ocasião da puberdade (quando começa apontar o buço ou bigode) dar ao menino uma faca para ele usar na cintura. No sítio é faca e na cidade, canivete.

COISAS QUE NÃO PRESTAM

- Enquistado de superstições sente o caipira a percorrer-lhe a espinha frêmitos de terror no uivar dos cães, pela calada da noite e quando os mesmos escavam o chão, preparam a sepultura do seu dono e carpem-lhe a morte: dizem que para esconjurar o agouro colocam nas soleiras das portas, chinelo em cruz.



- Quando os pombos desertam dos pombais e procuram novos asilos, é desgraça, na certa, para casa. A prosperidade irá com eles para a nova paragem que escolheram.

- A coruja que crocita anuncia a morte de doentes e a suindara, que no seu piar estridente, lembra o rasgar de pano, prepara a mortalha com que hão de ser enterrados.

- O caipira mata a galinha, sem demora, quem por acaso prolongar o seu cacarejar por tempo excessivo, lembrando o cantar do galo. É de mau agouro e cozinham-na para esconjurá-la.

- Outrossim, o galo que cantar fora das horas costumeiras, anuncia a fuga de donzelas, ou esposa que foi desprezando o tal amo, em busca de conúbio reprovado.

- Não comem a carne de galinha choca porque acreditam que a mesma enlouquece quem ingere a sua carne.

- Se os ovos forem postos para chocar de forma que o nascimento dos pintinhos coincida com a Noite de Natal, sairão da ninhada galos músicos, consistindo essa virtude em ser muito de-

morado o cantar dos mesmos, até que a nota final espire quando baixando lentamente a cabeça tocar a ave com o bico no chão.

- Beija-flor que invade os ranchos esvoaçando doidamente pelos aposentos, se for verde, boa nova, se pardo ou negro, má notícia.

- Grilo que cantar dentro da casa é visita. Deve-se interrogá-lo pronunciando todos os nomes dos conhecidos e familiares da casa. O nome no qual o grilo parar de cantar, esse será o da visita a chegar.

CUIDADO COM AS CRIANÇAS

- Quando a criança nasce, defumar com arruda e pôr um galinho atrás da orelha da criança, para curar o mal-de-sete-dias.

- Para entrar no quarto da parturiente esquentar as mãos, senão arroxa o umbigo.

- Quando a criança nasce e não chora, bater pratos para acordá-la e fazer chorar.

- Se gato, rato ou cão comer o umbigo de alguém, este, ao crescer, será ladrão.

- Para a criança não ter dores de barriga, não se deve torcer os cueiros e fraldas.

- Nascer num domingo indica que a criança terá sorte.

- É obrigação batizar a criança logo que nasce.

- A mãe não deve assistir ao batizado do filho, é pecado.

- Criança que morre antes de ser batizada, vira serpente.

- Criança que morre antes de ser batizada, irá para o limbo. À noite, ouve-se o choro dela, pedindo que a tirem de lá.

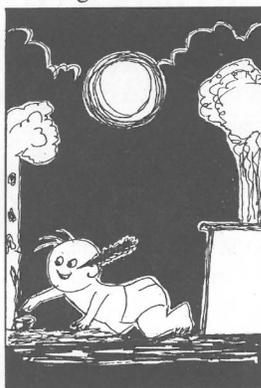
- Casal que tem sete filhos homens seguidos precisa fazer o primeiro batizar o sétimo para que este não vire lobisomem.

Quando se tratar da sétima filha, é necessário que a sétima seja batizada pela primeira, porque senão vira bruxa.

- Não presta saltar por cima de uma criança que está sentada no chão, porque senão vira bruxa.

- Não presta saltar por cima de uma criança que está sentada no chão, porque não crescerá mais.

- Não deixar a criança colocar cha-



ve na boca porque ela não aprenderá a falar.

- Menino que passa por baixo do arco-íris vira mulher, e menina vira homem.

NOIVADO

Às jovens casaduras ou que estiverem namorando firme para casar são dedicadas estas crendices:

- A noiva não pode fazer o seu próprio vestido de noiva, porque será infeliz.

- Noivos que batizam uma criança não se casam.

- Não presta a noiva sonhar com o noivo, é sinal de rompimento de noivado.

- Moça solteira não deve ajudar vestir uma noiva, pois nunca se casará.

- Noiva que usa objeto azul, no dia do casamento, terá muita sorte e vida feliz.

- A noiva que se colocar diante do espelho ao terminar sua aprontação, terá uma grande desgraça.

- Se um dos noivos der a outrem uma medalha de Santo Antônio, o casamento não se realizará nunca.

- A noiva deve evitar pentear-se com espelho iluminado por uma vela, pode arriscar a perder o noivo. Luz de lamparina não traz esse perigo.

- Caso os noivos, ao saírem da igreja, virem um enterro, nunca serão felizes.

- Ferver imagem de Santo Antônio, na água em que vai ferver o café e dá-lo à namorada, é casamento na certa.

Esta crendice é da cidade:

- A noiva deve levar alguma peça do seu enxoval, tendo bordada com uma espiga de trigo para ter felicidade e nunca faltar nada para o casal.

SOBRE O CASAMENTO

- Chover no dia do casamento significa sorte para o novo casal.

- O solteiro que comer na panela tem chuva no dia do seu casamento.

Moça solteira que come e raspa a panela chama chuva no dia do seu casamento.

- Para um casal ter sorte, é preciso que se case numa quinta-feira ou num sábado.

- Ninguém deve casar na quaresma, porque será infeliz a vida toda. Outra versão: acontecerá um desastre, e um dos cônjuges morre antes do Natal.

- Uma noiva não deve usar crucifixo no dia do casamento, pois carregará uma cruz o resto da vida conjugal.

- Não presta dois irmãos casarem-se no mesmo dia; dividem a felicidade.

- A mulher que pular por cima do marido, quando se levanta da cama,

COSTUMES E CRENDICES

acaba abandonando-o. Ele obedecerá a ela que nem um cachorrinho.

- Moça que bebe água em concha (de cozinha) ou vasilha de coco, casará com um homem careca.

- Não presta varrer os pés de pessoas. A moça solteira que as tiver varrido, casará com viúvo.

- Nunca se deve experimentar aliança de mulher casada, pois essa pessoa não casará.

LENDAS

A fértil imaginação do caipira criou lendas e guarda fielmente as que herdou do português, do africano e do índio, como já dissemos.

Uma brejeira é a do corvo e a dos cães, aquele porque tem a cabeça desplumada, estes, porque quando se encontram, se farejam mutuamente. Algumas com certo fundo moral, como... a Mãe de São Pedro e outras muitas; algumas tocantes de poesia como a do curiango e a do Urutau e outras de imaginação no versejar como a origem do Morcego e a do violeiro São Gonçalo.

O BURRO E O CORVO

A do corvo é assim contada pelos caipiras:

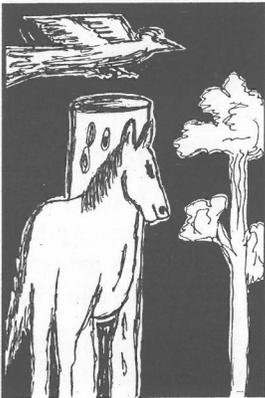
Certa vez o burro tomou-se de ódio contra o corvo porque este fizera do estômago a sepultura de um irmão dele. Depois de muito matutar de encontro a um moirão de velha porteira, friccionou todo o corpo para arrepiar o pêlo, chafurdou-se na lama, à beira de uma pequena aguada, com a cauda levantada, e estirou-se a fingir de morto.

O corvo que pairava muito alto, nos ares, ao avistar a carniça, desceu rápido, antegozando o pastio.

Iniciou o festim por onde achou mais apetitoso: ao bicar a vítima, porém, esta recolheu rápida a cauda, recolhendo em si a cabeça do corpo.

Correu valados, atravessou vargens, ganhou morros, desceu furnas e por fim, depois de muito correr, expulsou o triste corvo, que saiu correndo e corrido de vergonha e com a cabeça desplumada, onde, dantes, ostentava, com orgulho, lindo penacho.

E foi assim que se vingou o burro. É a razão porque até hoje o corvo é calvo.



A MÃE DE SÃO PEDRO

Era muito velhinha e má a mãe de São Pedro.

Egoísta, não fazia favor, nem prestava socorros a ninguém. Se lhe sobravam jantares, preferia vê-los mofar a atirá-los aos próprios cães. Por seu gênio intratável e mau,

ao morrer não quis Deus que São Pedro lhe abrisse as portas do céu àquela alma, condenando-a, por milhares e milhares de séculos, às chamadas purificadoras do purgatório, benévolo castigo que impunha à velha em atenção ao filho.

Apelou, porém, o santo porteiro para a solidariedade divina, e, após muitos rogos, permitiu Deus a entrada, no céu, da alma da egoísta velha, com a condição, porém, de subir por uma trança de cebolas, que lhe seria lançada por São Pedro.

Agarrou-se a velha à frágil concessão; mas como às saias se lhe agarraram outras almas para também aproveitar o divino favor — não por medo da sobrecarga, mas por não querer que subisse com ela as outras — tanto esperneou que, por fim, estalou, ao meio, a trança.

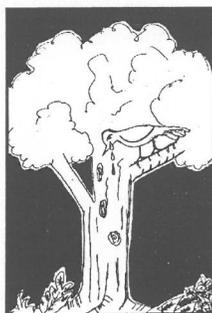
Voltou São Pedro à presença de Deus e rogou-lhe nova trança, mas o Eterno negou-se formalmente a dar-lhe, e afinal por muita intercessão de Jesus, forneceu-lhe apenas tenra folha de cebola.

Diante de tão frágil meio assustou-se a mãe de São Pedro. Agarrou-se porém, a ela, jurando a si mesma nem sequer bulir para não arrebentá-la, mas o seu egoísmo a perdeu. Ao sentir que outras almas lhe agarravam às vestes, entrou a dar coices e rebentou a frágil folha de cebola pela qual deveria subir ao céu e não foi. Continua no purgatório a pagar suas culpas.

O URUTAU

Antigamente (quando, ninguém o diz) um caboclinho havia, muito modesto e tímido filho estremecido de um casal paupérrimo que, perambulando pelo mato, encontrou uma moça muito bonita por quem se apaixonou.

A ele a figura da jovem disse:



- Serás o meu amor, lhe disse a moça e sumiu.

Após tantos acontecimentos chegou a abandonar a casa dos pais, por causa daquela figura imaginária, e embrenhou-se na mata e por fim transformou-se numa ave triste - o Urutau.

E por esta razão, diz a lenda que qualquer viandante que encontrar o Urutau à beira da estrada, poderá inquiri-lo:

- Urutau, teu pai morreu...

Sacudirá as asas, solfejando pios intercadentes e onomatopaicos, como a dizer:

- Não tenho nada com isso.

A lenda do Urutau inspirou ao poeta Orlando de Almeida Sales, estes lindos versos:

À noite, na mudez da mata escura
solta o Urutau seu grito de saudade.

- Pranto ou soluço, pleno de amargura,
de quem a nostalgia o peito invade.

É o rouxinol proscrito que procura
na escuridão noturna a soledade.
A Ninfa ingrata, a Naiade perjura
encheu-o assim de taciturnidade.

De noite, no silêncio, de repente
se escuta o grupo seu a ressoar,
sonoro, triste, quérulo, plangente.

Parece inda mais flebil ao luar,
parece ouvir-se misteriosamente,
um trecho do almo réquiem de Mozart...

OS MORTOS

Costumam as almas freqüentar as taperas velhas, fazendas abandonadas e os ranchos que abrigam as cruzes dos caminhos.

Um caboclo corajoso, conta-se, que pernoitando na casa em ruína d'uma fazenda abandonada, à meia-noite, a clássica hora dos duendes, ouviu uma voz que partia do velho telhado. Eu caio... eu caio...

Com uma das mãos a segurar o rosário de capiá e com outra a garrucha fiel, corajosamente, ordenou:

- Caia com Deus ou com o Diabo.

E uma perna caiu vindo colocar-se no meio do recinto onde dormia o caboclo. Eu caio, e outra perna caiu e veio juntar-se à primeira. Depois os braços, o tronco e afinal, em meio ao asfixiante cheiro de enxofre, caiu a cabeça, e o corajoso caboclo desmaiou, reconhecendo o pai que tinha morrido em pecado.

O culto pelos mortos é um tanto interessante entre os caipiras. Quando morre algum membro da família fazem ceias lautas regadas a cachaça

COSTUMES E CRENDICES

para os amigos que passam a noite a velar o cadáver.

No dia seguinte, levavam-no conduzido em rede a trote apressado, estrada a fora, para o cemitério da vila.

Quando passavam as aguadas, os carregadores descobriam-se e ninguém olhava para traz para não lobrigara alma do defunto que acompanhava o corpo caminhando na cauda do cortejo.

Se o defunto pesa muito é porque não quer sair da antiga casa, diziam:

Isso antigamente era assim...

LENDA DO MORCEGO

Eis como o caipira cantador, nos contou a origem do morcego:

Camondongo namorou
Uma linda taperá.
No telhado duma igreja
Numa noite de luá.

Depois então se casaram
Fizeram ninho num covo
Camondongo não dormia,
Taperá chocava o ovo.

Ao clareá doutra lua
Os fios todos saiu,
E taperá vendo os tais
No chão de susto caiu.

Enquanto o camondonguinho
De satisfação se via
Apois, em sua vida
Nunca tivera tanta alegria.

De ter fios tão bonitos
Feitos com amor e sossego
Que tinham asas e pêlo
Pois era tudo morcego.

Concluindo o que me levou a escrever ligeiramente sobre as festas, usos, costumes e poesia, dos nossos queridos patrícios, os antigos caipiras, hoje raros, cuja civilização os leva ao desaparecimento, devo complementar que algumas lendas e mitos menores existem mas que deixei de referir-me para não alongar nem tornar fastidioso este trabalho.

Debruçando sobre o rio Tietê que é o símbolo de uma epopéia, que flui silencioso em demanda do Paraná, quero prestar minha homenagem à **Semana das Monções**, na sua representação que Porto Feliz lhe consagra, para cultuar esse episódio de que tanto se orgulham

os paulistas, que tantas páginas de heroísmo legou à grei de São Paulo.



Poeta José Martins Fontes
(1884 - 1937)

Encerrando esta despreziosa palestra, quero transcrever os versos de **Martins Fontes**, escritos em 1934, uma homenagem ao rio Tietê, o Rio Grande de Anhembi, a que denominou:

O ÍNDIO VELHO

O Tietê, para mim é um índio velho,
Anhembi, feiticeiro do sertão,
Figura de profeta do Evangelho,
De barbas brancas e cajado à mão.

De tão idoso, às vezes caducando,
Vive, ao fundo de um antro ou cafundó,
Por debaixo das pontes resmungando,
E, sem saber por que, falando só.

Ai, quantas noites, indo à Ponte Grande,
No seu remanso, em doce placidez,
Da água lhe provo, cor de açúcar-cândi,
E falamos de sua intrepidez!

E ele me conta a história da cidade,
De todo o Estado de São Paulo, com
A voz trêmula e cheia de bondade,
E acaipirada, de pausado tom.

E, conversando sobre o tempo antigo,
Informações de tudo ele me dá:
Fala de João Ramalho, seu amigo,
E de seu primo-irmão Tibiriçá.

Conheceu, ainda virgem, nossa terra,
Como Bartira, inda botão em flor.
E do álveo de seu cofre desenterra
Inexauríveis cabedais de amor.

Relembra os Guaianeses, a tapera
Negra, no vale do Pacaembu,
Onde pousava o mágico Anhangüera,
Bartolomeu da Silva, o Belzebu.

Inumeráveis cenas noveleiras,
Irradiam em fulvas mutações.
Foi ele o Pai de todas as Bandeiras,
O Abençoador de todas as Monções.

No que me diz, repontam, de mistura,
Termos tupis, palavras de nagô,
E eu arremedo, com desenvoltura,

O mesclado falar de meu Avô.

Quando ele narra, às vezes eu soluço;
Pensando o que sofreram meus irmãos.
Sobre o pranto paulista me debruço,
Na água que chora mergulhando as mãos.

Ele é o Pajé longevo, o Landgrave,
Ele é o Tuxuaua do País do Sol:
O Patriarca feliz, na idade grave,
De alto pendão e com lustrosa prol.

Ele é o Monge Piedoso, o Padre-Santo,
O Catequista, o bom desbravador,
Que agasalha, nas dobras do seu manto,
A grande terra do meu grande amor.

Escravidado à gleba, ergue nos ombros
Cargas e embarcações. Dá de beber,
Sendo capaz de todos os assombros,
Para servir, cumprindo o seu dever.

Alimentando a toda a nossa gente,
Abluindo, fluindo a sanear,
Em seu trabalho, seu esforço ingente,
Há uma epopéia quatrissesecular.

Operário, nas agras brasileiras,
Abastecendo solidões sem fim,
Movendo engenhos, fecundando leiras,
Nenhum existe que moureje assim.

Ele é a água pura que nos mata a sede,
Ele é a paz, ele é a vida, sendo o pão.
Cantando, à tarde, ao recolher da rede,
Os pescadores vêm beijar-lhe a mão.

Em seu leito as farturas se condensam
No seu curso a grandeza se revê.
E os Poetas todos vão pedir a bênção
Ao bem-amado Bisavô **Tietê**.

(Ilustração deste trabalho: **Willian A. Zanolli** - Olímpia)

NOTA: Recebemos este trabalho em 7 de outubro de 1991, acompanhado desta carta:

Ao Prof. Sant'anna

Anexo a esta envio ao eminente amigo um exemplar fotocopiado do meu trabalho sobre o Folclore do Tietê, para que seja incorporado à biblioteca especializada dessa Comissão eu fiquei em poder do nobre amigo caso assim o decida.

Este trabalho foi publicado na imprensa local, mas não foi editado.

Depois de lê-lo, peço que me escreva, dando a sua opinião.

Um afetuoso abraço do confrade amigo

Benedicto Pires de Almeida

N.R.: Esta é a nossa resposta, amigo Zico Pires: a publicação do seu valioso trabalho.

CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA

Os portugueses e a cultura popular

DORALÉCIO SOARES

Presidente da

Comissão Catarinense de Folclore

Os portugueses foram os donos da terra brasileira, quando do Brasil Colônia e do Brasil Império. Mas o processo de adaptação, para se transformarem em efetivos donos, foi longo, após manterem os primeiros contatos com o índio: os problemas com o domínio dos africanos, cujo contingente se apresentava em número superior aos brancos; a influência dos espanhóis, franceses, holandeses, até mesmo dos italianos, judeus e povos asiáticos, cobiçando a conquista portuguesa, etc. obrigaram estes a procederem com mais rapidez a colonização da terra descoberta.

TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

É do conhecimento de todos, através da nossa história, o que a cultura portuguesa nos transmitiu, na habitação, no artesanato, na arte popular, nas vestimentas, em condução e transporte, nos brinquedos de crianças (lúdica), povoamento, formas literárias e de organização social.

HABITAÇÃO

Na habitação é marcante o estilo de casas avarandadas com alpendre, casa de porta e janela, construída de barro-massapé e, posteriormente, de grossos tijolos fabricados no aproveitamento da cerâmica da cultura indígena; os casarões do senhor de engenho, com extenso varandão, janelas de guilhotina; poço de água próximo à senzala, para o serviço de casa e de atendimento dos escravos.

Dentro da casa, o oratório do Senhor, Sinhá, Sinhazinha e serviçais. Móveis feitos de madeiras rústicas, cepos de troncos de árvores; camas de tábuas, baús e arcas.

Cozinha ampla, com fogão de chapa, alimentado por lenha forte. Fumeiro para defumar carne de caça e de gado. Ampla caixa de madeira servindo para salgar as grandes quantidades de carnes e o costumeiro tacho de cobre, reluzente, pela esfregação dos escravos do casarão.

ILUMINAÇÃO

Era produzida em candeeiros alimentados a óleo e lanternas pendentes no varandão. As salas, iluminadas por be-

lhos lampiões adquiridos em Portugal. No serviço de limpeza eram usadas escovas de piaçava que serviam para a lavagem da casa. Os quintais, sempre limpos, eram varridos com vassouras vivas (vassourinhas), pequenos arbustos campestres.

VESTIMENTA

O português do Brasil colonial era um tipo que se distinguia conforme as suas posses, ou cargo na administração pública. Mas o homem valia mesmo era pelo que possuía. A cultura também dava-lhe "status", distinguindo-o do português comum.

Os homens quando de posse, "Senhores de Engenho", que eram sempre tratados por "Coronéis", se distinguiam trazendo com aprumo: calça às vezes com botas, paletós, lenço grande ao pescoço no lugar do colarinho e, nas festas, usavam gravata e chapéu de massa (feltro). Já as mulheres, esposas, filhas, senhoras e moças de destaque na comunidade, se distinguiam pelos seus vestidos com saias rodadas; os vestidos dominqueiros, chamados de vestidos de missa, usando custosos xales que distinguiam o grau social da "madame", tendo sempre nos cabelos lindos pentes a prendê-los, ornamentando-os.

Os portugueses comuns faziam uso costumeiro de tamancos de pau, mesmo porque, além de conservar os pés secos e quentes, protegiam-nos das pedras, lamas e sujeiras comuns em todo o arraial. Os tamancos eram usados por todos, dentro e fora da casa. Aos escravos não era permitido o uso de quaisquer espécies de calçados, a não ser aqueles a serviço doméstico.

OS LUGARES

Os lugares se distinguiam pelas cidades, praças, vilas, aldeias, arraiais, ruas, travessas, bairros, quarteirões, arrabaldes, sítios, etc.

A transferência da cultura portuguesa com todos os seus costumes, outorgou ao luso-brasileiro o mesmo sistema de vida.

Nas cidades, as praças eram cercadas por custosas grades de ferro importado, tendo ao centro um coreto para a costu-

meira retreta da banda de música local.

As ruas quando não possuíam nomes, os endereços eram indicados pela existência de um mercado, chafariz, sítio de fulano, etc. E assim indicavam "quando chegar no chafariz, dobre à mão direita, passe o sítio do seu "Antônio", e pergunte pela Sinhaninha parteira, que todo mundo sabe.

BRINQUEDOS INFANTIS

Os brinquedos das crianças eram simples, feitos por artesão ou qualquer adulto ou adolescente jeitoso: papagaio de seda (pandorga), pião, corrupio, berra-boi, perna-de-pau, catavento, fundas (baladeiras), carrinhos de madeira, bonecas de pano (bruxas). Muito embora a indústria de brinquedos tenha prosperado e lançado centenas e milhares de brinquedos dos mais variados tipos, inspirados em figuras de ficção científica, etc; as crianças após destruírem estes, sempre recorrem aos velhos carrinhos de madeira, às bonecas de pano, às fundas e baladeiras.

AS FESTAS DE IGREJAS

Serão registradas em outro trabalho, com as características folclóricas que os portugueses nos legaram, e que permanecem até a época atual, acrescidas de novos valores: as barraquinhas, os fogos de artifício, com as girândolas, os foguetões (salvas), os painéis de fogos coloridos, os balões multicores, etc. Comidas típicas, guloseimas, bolos, doces dos mais variados tipos e gostos, e tantas outras atrações alimentares.

FORMAS DE CULTURAS POPULARES

Na literatura infantil e na linguagem em geral, portugueses nos legaram as mais ricas formas de expressão: nos provérbios, adágios, trovas, poesias, prosas, lendas, contos, mitos, fábulas, parlendas, jogos infantis, cantigas de roda, crendices, superstições e na riqueza da medicina popular.

A essas formas de cultura somaram-se as que herdamos dos aborígenes, dos africanos, dos povos europeus, asiáticos e orientais.

Quem conta estórias de dia cria rabo

JOSÉ SANT'ANNA

Departamento de Folclore - Olímpia

Há muitos anos colete contos. Minha grande preocupação é a de que a memória dos contadores locais se desgaste ou a de que a morte leve tantos conhecimentos extraordinários.

A maioria dos contos está gravada em fita magnética e, para transcrever qualquer um deles, padeço muito. O horário indicado é sempre o noturno, e bem tarde. Gravador tocando um pouco baixo, para não perturbar ninguém. A fita vai e volta, repetidas vezes, obrigatoriamente, para colher tudo quanto ali está impresso pela voz. Chega a ser cansativo. E o trabalho prossegue até altas horas da madrugada. Mas não me desanimo nunca.

Aos poucos, todos os anos, vão sendo publicados no Anuário de Folclore, onde há muito espaço às criações populares.

Os contadores são pessoas simples que gostam de narrar os contos, principalmente quando há bom número de ouvintes. E sentem-se felizes e estimulados quando têm essa oportunidade.

A massa popular precisa ter vez para falar o que sabe, aquilo que está guardado na memória, que nunca foi esquecido, mas que está preservado no silêncio.

Há muito sentido de vida nos contos folclóricos: trabalho, criação, compaixão, ódio, amor, assombração, feitiço, encantamento, crença, luta, revolta, vingança, resignação. É tudo muito interessante.

Para as crianças ainda são os maiores entretenimentos, a ponto de quere-m ouvir estórias, diversas vezes por dia. Para fugir a essas exigências infantis é que nosso Proverbiário enriqueceu-se com mais este: **Quem conta estórias de dia cria rabo**. Assim, os mais novos não perturbam os contadores de estórias durante as horas de trabalho. O horário propício para narrá-las é o noturno.

Desta feita, são publicados apenas quinze contos. Um deles com variante. São apenas registros, para não se perderem.

Na narrativa popular, o narrador, com a total liberdade de expressão, fuge, naturalmente, às categorias lógicas, gramaticais, epistemológicas que

compõem o universo da cultura erudita.

Neste trabalho foi mantido o discurso de cada um: a sintaxe, a semântica, ou seja, a forma original.

Agora, leia, você também, todos eles. É um lenitivo para a alma esta contribuição cultural popular.

1 - JOÃOZINHO BORRALHEIRO

“Tinha um fazendeiro que tinha três filhos: Joãozinho, Antônio e Pedro. Quando eles já estavam moços, na idade de casar, o pai falou que eles precisavam arrumar a vida deles. Sair de casa, aprender a negociar, pra levar vida independente.

Esse fazendeiro era muito rico. Possuía uma fazenda muito grande, muitos animais e tinha dinheiro.

O filho Joãozinho tinha pouco estudo e passava o dia todo na cozinha, no borralho do fogão e, por isso ficou apelidado de Joãozinho Borrallheiro. O pai não se conformava com a atitude desse filho. Maltratava muito ele. Era desprezado pelo pai. A mãe procurava acertar a situação. Antônio era engenheiro e Pedro era advogado. Estes dois eram bem tratados pelo pai.

Um dia, Antônio disse pr'o pai:

- Papai, eu vou sair de casa e procurar defender a minha vida. Eu já pretendo arrumar casamento.

O pai perguntou para ele:

O que você quer: muito dinheiro e pouca benção ou muita benção ou pouco dinheiro?

Ele respondeu:

- Eu quero muito dinheiro. Muito mesmo.



Então, no outro dia, ele arreou um burro castanho, de boa qualidade, pegou aquela dinheirama, despediu dos pais e de Pedro e disse um tiauzinho amarelo pr'o Joãozinho e partiu. Viajou uns cinco dias.

Numa tarde ele chegou numa grande fazenda e foi atendido pelo capataz:

- O que o senhor deseja?

Ele disse:

- Eu quero falar com o patrão.

O patrão recebeu ele e perguntou o que ele desejava.

Ele foi logo dizendo:

- Vim para comprar dez mil cabeças de gado. Quero gado bom. E pago à vista.

O fazendeiro pensou: Este senhor deve ser muito rico! Vou ganhar muito dinheiro. E falou:

- Hoje o senhor dorme aqui. Janta, dorme, descansa e amanhã o senhor vê o gado e seleciona as reses.

No dia seguinte juntaram o gado, mas levaram três dias para selecionar.

No último dia da seleção do gado, a filha do fazendeiro deu o ar da graça lá no trabalho. Era uma moça muito linda, de corpo perfeito, chamada Arlinda. Num olhar eles se gostaram.

A moça foi para casa e pediu à mãe

CONTOS FOLCLÓRICOS

pra falar pr'o pai para ele permitir o namoro deles dois.

Depois de terminado o trabalho, o fazendeiro convidou o moço para ir tomar café. Quem serviu o café foi a filha do fazendeiro.

Nessa hora, o fazendeiro perguntou:

- O senhor está satisfeito com o negócio que fez?

Ele respondeu:

- Estou muito satisfeito. Estou satisfeito também com o café, mas mais satisfeito ainda vou ficar se o senhor me conceder a mão desta sua filha em casamento.

O fazendeiro respondeu:

- Eu e minha mulher concedemos a mão dela, com muito prazer.

A moça, então, deu uma fotografia dela para ele mostrar aos pais dele.

Aí, o moço, antes de se despedir, disse ao fazendeiro;

- Preciso de muitos peões seus para conduzir essa boiada até a fazenda do papai. Até comitiva e cargueiro. Eu pago muito bem.

Demorou uns quinze dias para chegar a boiada na fazenda do pai.

O fazendeiro, quando ouviu o toque de berrantes, subiu no mirante da fazenda e viu aquela boiada imensa e pensou consigo: Deve ser alguém que vem pedir pouso pra essa boiada, mas minha fazenda não comporta tanto gado.

Não demorou muito, chega Antônio, todo pomposo, montado no seu burrão.

O pai perguntou:

- Que gado é esse, filho? Não posso dar pouso. Parece que são mais de três mil bois.

Antônio falou:

- Esse é o meu ramo de negócio. São dez mil cabeças. Paguei muitos milhões.

O pai ficou tão contente e respondeu pra Antônio:

- Está bem, meu filho, eu acomodo todas elas aqui na fazenda.

Antônio se dirigiu ao pai novamente e contou que arrumou um namoro e ia ficar noivo de Arlinda e mostrou a foto, para o pai saber quem era.

O pai todo feliz disse:

- Marque o casamento para o dia primeiro de setembro.

O pai contou ao Pedro o sucesso de Antônio, no negócio e no namoro.

Pedro falou pr'o pai:

- Eu também vou cuidar de um ramo de negócio. Vou sair amanhã bem cedo, na mula baia.

O pai perguntou:

- Você vai querer muito dinheiro e pouca benção ou muita benção e pouco dinheiro?

Pedro respondeu como o irmão:

- Eu quero muito dinheiro.

No outro dia partiu, levando uma quantia grande de dinheiro. Despediu dos pais e de Antônio e fez muito pouco de Joãozinho.

Joãozinho, como sempre, estava no borralho. O pai dele, com estupidez, deu-lhe um pontapé, chamando ele de vagabundo e que fosse, pelo menos, estudar.

O irmão Pedro, depois de ter viajado cinco dias chegou, numa tarde, numa fazendona de cereais.

Foi atendido e disse que só falaria com o patrão.

O patrão atendeu e já indagou o que ele queria:

- Sabe, meu amigo, eu sei que esta é a maior fazenda de cereais que temos. Eu, então, quero comprar toda a sua produção de arroz, feijão, café, milho, soja, amendoim, algodão. Compro tudo e pago na hora. Vou gastar muitos milhões aqui, porque este vai ser o meu ramo de negócio.

Comprou também alguns lotes grandes de bois, burros e porcos para ir buscar em outra ocasião.

O vendedor dos cereais disse para ele:

- Eu tenho muitos cereais, mas talvez não dê para completar esse tanto que o senhor quer, mas eu vou falar com os meus meeiros das outras fazendas e dá pra atender o senhor.

Fecharam, então, o negócio. E Pedro deixou muitos milhões em dinheiro para o cerealista.

Nisto Pedro viu a filha do cerealista e ficou apaixonado por ela. Ela também ficou muito caída por ele, só no olhar.

A moça, toda leteque, falou pra mãe conversar com o pai para deixar que ela namorasse o moço.

Mas, nisto, o vendedor dos cereais convidou o rapaz para ir tomar café, na sala.

A moça não perdeu a oportunidade, ela quem foi servir o café. E, na conversa, o fazendeiro perguntou ao comprador:

- Ficou contente com a compra?

O moço respondeu:

- Fiquei muito contente. Está tudo muito bem feito. Mas tudo ficará ainda melhor se o senhor permitir o meu namoro com esta sua filha.

O fazendeiro deu uma olhada na

cara da mulher, outra na cara da filha e respondeu, com firmeza:

- Permito sim e fico muito contente. O senhor é um homem muito trabalhador.

- Quero que o senhor mande comprar pra mim todos os carros de boi e carroções que sejam suficientes para transportar todas essas mercadorias lá pra fazenda do papai. Inclusive compre também todas as juntas de boi de carro. Ajuste muitos carreiros e can-deeiros. Eu vou pagar muito bem todos eles.

O fazendeiro ruminou consigo: Este homem é podre de rico, e respondeu pra ele:

- Pode deixar! Daqui a três dias eu já despacho tudo pr'o senhor.

A viagem durou mais de vinte dias. Quando foi se aproximando da fazenda do pai de Pedro, ele ouviu o barulho dos carros de boi. Eram muitos. Ele subiu no mirante, e falou:

- Vêm vindo carros de bois que não têm fim. Se quiserem pousada para os animais eu não tenho jeito de arrumar. É muita criação e não vai ter lugar nem para os carros, de tantos que são.

Não demorou nada, aparece Pedro, muito garboso, na mulona baia.

O pai perguntou pra ele:

- Que procissão de carros é essa que parece que não ter fim? Se eles quiserem ficar aqui, estão enganados. Não há como acomodar.

Pedro, vitorioso, disse:

- Papai, isto tudo é meu. É o meu ramo de vida. Vou trabalhar com cereais. Vou ficar muito rico.

O pai mudou de idéia e já disse:

- Então vamos dar um jeito para guardar tudo e tratar dos bois de carro. Aqui tem muita madeira. Em poucos dias nós vamos construir quantos depósitos precisar. E ria de satisfação.

Pedro, aproveitando a alegria do pai, contou que tinha arrumado namoro e ficado noivo de uma moça muito bonita, filha do fazendeirão de quem ele comprou tudo, e mostrou a fotografia dela. O nome dela é Helena, ele falou.

O velho disse pra ele:

- Você volta lá e marca o casamento para o dia primeiro de setembro, junto com o do seu irmão. Vai ser a maior festança.

O velho, muito satisfeito, falou pra mulher dele:

- Me orgulho desses dois filhos. Já estão feitos na vida. Mas o tal de Joãozinho, o borralheiro, só dá desgosto. É um vagabundo.

CONTOS FOLCLÓRICOS

Naquela noite, por causa de João, ele perdeu o sono.

Rolava na cama, de nervoso, e prometia: Amanhã ele me paga.

No outro dia, bem de madrugada, ele se levantou e foi assistir aos empregados a tirar leite. Joãozinho também se levantou e foi para o borralho. A mãe dele aconselhou:

- Meu filho, não fica aí no borralho que o seu pai vai te bater.

Então, ele foi pr'o quintal tratar das galinhas.

O pai dele, quando viu aquilo gritou:

- Você é um vagabundo mesmo, não tem outro ramo de negócio, só serve pra tratar de galinhas.

Joãozinho ficou muito aborrecido e disse à mãe:

- Fala pr'o papai que eu também quero pegar um ramo de negócio. Vou tomar um destino na vida.

A mulher falou pr'o marido.

O velho chamou Joãozinho e perguntou:

- Você quer pegar um destino na sua vida? Precisa mesmo, já passou da hora. Só que não tenho confiança em você.

O rapaz respondeu:

- Quero sim, papai. Vou sair de casa, ainda hoje, depois do almoço.

Ele pediu à mãe que matasse um frango e fizesse uma farofa pra ele levar. A mãe fez.

Na hora da saída, o pai perguntou:

- Você quer muito dinheiro e pouca benção ou muita benção e pouco dinheiro?

Ele respondeu:

- Quero pouco dinheiro e muita benção.

- E quanto em dinheiro você quer?

Ele respondeu:

- Um conto e quinhentos.

Nesta hora, o pai já ficou revoltado, e disse:

- Você quer ir pra vila comer doce?

Aí a mãe entrou na conversa.

- Não xingue ele, não. Ponha a benção nele. Quem sabe ele vai trabalhar e fazer um bom negócio.

O pai falou:

- Não tenho esperança nenhuma nesse vagabundo.

O rapaz almoçou, vestiu uma calça arranca-toco, uma camisa xadrez, pegou um saco com umas mudas de roupas juntamente com um rolo de cordas e um facão, uma espingarda picapau e munição e também uma porunga d'água, e disse aos pais:

- Depois que eu pedir a benção, cada passo que eu der, até descer o espigão, um quilômetro mais ou menos, vocês vão ficar dizendo:

Deus te abençoe, Deus te abençoe...

Os irmãos ricos ficaram debochando dele. Por fim, até o pai. Só a mãe tinha piedade.

Depois que ele desceu o espigão, saiu da estrada e entrou numa mata muito fechada. Como tinha muitos bichos bravos, ele teve uma idéia e falou:

- Vou subir nesta árvore alta e copada e vou pousar lá em cima. Com o facão cortou uns ramos, amarrou com a corda e fez uma caminha.

Comeu a matula que levava, tomou a água da porunga e dormiu. De madrugada, ele ouviu o cantar de um galo, muito longe, e marcou o rumo. Desceu e partiu pra lá. À tardezinha, ele chegou.

Era uma fazenda com uma casa enorme e uma colônia muito grande. Bateu palma na sede da fazenda, no parapeito. Uma voz estranha disse:

- Pode subir! A casa está às ordens.

Ele subiu, entrou, mas não viu ninguém. Então foi sentar-se numa cadeira do alpendre.

Quando ele se sentou, percebeu que a roupa estava quase toda rasgada e ele quase todo nu, por ter andado entre muitos arranha-gatos e espinhos. A voz tornou a repetir:

- Entre na sala.

Ele estava acanhado, mas entrou.

A voz ordenou:

- Senta.

A voz insistiu:

- Pode sentar que a casa é sua.

Ele ficou um pouco descansando. A voz disse:

- Agora que você já está um pouco descansado, vai ao banheiro tomar um bom banho.

Ele ainda envergonhado foi tomar o banho. No banheiro tinha de tudo o que era necessário. Coisas para rei. Vestiu-se. A roupa era dourada e parecia ter sido feita para ele mesmo. Quando olhou no espelho, ele parecia um príncipe.

A voz disse para ele:

- Você está cochilando. Está muito cansado. Vai dormir. A cama já está preparada.

Ele entrou. Era quarto de rei. Quis dormir, mas a voz lhe disse:

- Uma macaca vai pular sobre você. Quando ela pular, você diz: Com o poder de Deus, desencanto o reino dos

macacos.

A macaca pulou sobre ele e ele pronunciou aquelas palavras mágicas e a macaca se transformou na princesa mais linda do mundo. Chamava Floripes.

Naquela hora a fazenda se desencantou e se transformou num luxuoso palácio.

Acontece que o rei e a rainha tinham morrido e uma bruxa, por maldade, encantou o palácio.

A princesa, então, falou pr'o Joãozinho assim:

- Volte para sua casa e lá você vai aparecer com a mesma roupa e as coisas que saiu de casa. Eu sei que você é desprezado por todos, menos de sua mãe. Devolva aquele conto e quinhentos ao seu pai. Ele vai perguntar se você foi feliz. Diga que sim. Vai ser uma gozação dobrada sobre você. Leve essa minha fotografia de macaca e diga que é sua noiva. O palácio vai ficar encantado até o dia do nosso casamento. Mas leve também esta varinha encantada, para lhe servir no dia do casamento.

Joãozinho voltou para casa. Todos acharam a volta dele muito esquisita. Estava como saiu.

O pai perguntou:

- Você foi feliz? Arrumou o seu ramo de negócio?

Ele respondeu:

- Arrumei sim papai. Aquele conto e quinhentos que o senhor me deu, estou devolvendo para o senhor.

O velho, muito estúpido, disse:

- Não, não quero. Fique com eles pra comprar doces.

E ainda perguntou:

- Você arrumou namorada?

Ele falou:

- Eu também arrumei namorada, papai.

E mostrou a fotografia de uma macaca.

O pai completou:

- Agora acabei de crer que você também é bicho.

O moço acrescentou:

- Mas estou muito feliz. O senhor pode marcar o casamento.

O velho, por zombaria, disse:

- Marque, também, para o dia primeiro de setembro.

Joãozinho concordou, dizendo:

- Está combinado.

E o coitado do Joãozinho ficou sofrendo as armaduras da vida, em família, até as vésperas do dia primeiro de setembro.

No dia primeiro de setembro esta-

CONTOS FOLCLÓRICOS

2 - SÃO LONGUINHO

vam armados um altar para o casamento religioso e uma grande guarita para o casamento civil. Muita gente contratada para servir os convidados que eram muitos. O fazendeiro mandou matar cinquenta novilhas para o churrasco. Estava uma beleza. Banda de música. Fotógrafos, jornalistas.

Nisto, Joãozinho pegou a varinha mágica e bateu com ela três vezes, no chão, dizendo: Com o poder de Deus, desencante o reino dos macacos. E traga além de todo o pessoal do palácio e as coisas necessárias para o banquete, o padre, o juiz de casamento, a noiva, os padrinhos e todos os reis de todos os palácios conhecidos, para o nosso casamento.

Não demorou nada, foram chegando aqueles bichos, todos macacos e conforme chegavam se transformavam nas figuras mais importantes. Depois chegaram carruagens e mais carruagens com os reis de outros palácios.

Aquilo tudo que estava pronto foi muito enriquecido com ouro, guardas com espadas, etc. Multiplicou a quantidade de pratos finos, de bebidas especiais e garções grã-finos.

Estava combinado que o primeiro casamento era de Antônio e Arlinda, o segundo o de Pedro e Helena e por fim o de Joãozinho Borracheiro com a macaca.

Mas, depois daquilo, tudo mudou. Até o padre e o juiz resolveram deixar o casamento por conta do padre e juiz do palácio e os irmãos exigiram que o casamento de Joãozinho com Floripes fosse feito em primeiro lugar. Antônio e Pedro estavam envergonhados.

O pai de Joãozinho, de arrependido, caiu de joelhos, nos pés dele, pedindo perdão.

Ele respondeu:

- Não é preciso isto, papai. Só quero a bênção do senhor e da mamãe e que depois vão conhecer o meu palácio. Eu agora sou rei.

Foi a festa mais linda que até hoje já existiu.

Eu também fui à festa. Ia trazendo um pedaço de churrasco pr'o senhor, mas eu caí no chão, a carne sujou e eu a joguei fora.

Aí eu tropecei no pé do mais novo, pisei no pé do mais velho e cada um que conte dez."

Contada por José Rodrigues, 51 anos (1994), residente na Avenida Júlio Ferrânti, nº 235, Bairro de São José, Olímpia.

"Quando o Menino Jesus já estava com quase dois anos de idade, o rei Herodes, preocupado em dar cabo à criança anunciada como o rei do mundo, mandô os seus soldados à procura do Menino Jesus, com a finalidade de matar ele.

Esse soldado era ainda muito novo e muito inteligente. Depois de muitas investigações, ele encontrô o menino, numa tarde, no colo da Virge Maria, ao lado de São José. Conversô com os pais do Menino, brincô bastante com a criança, mas não teve a menor coragem de fazê o serviço, pois a criança era encantadora.

O soldado Longuinho, despediu da Família Sagrada e voltou para a sua cidade. Chegando, Herodes quis saber se ele havia encontrado o Menino Jesus.

Longuinho disse:

- Vou falar a pura verdade. Eu encontrei o Menino. Mas achei a criatura mais perfeita do mundo. Então não tive coragem de matar ele. O senhor, se quiser me castigar, me castigue, mas é a pura verdade.

- A família estava descansando debaixo de uma tamareira. E de lá prosseguiria viagem para lugar incerto.

Herodes, revoltado, mandô cegar os dois olhos do soldado Longuinho.

Longuinho ficou revoltado, mas não tinha mais condição para vingar de Herodes.

Passaram mais de 30 anos e Longui-



nho ouviu dizer da crucificação de Jesus.

E pensou: Era pra eu ter matado ele enquanto criança, agora ele está sendo crucificado.

Então, apoiado em sua bengala, Longuinho foi para o Monte Calvário, onde a multidão estava reunida, para participar da crucificação do Senhor.

Num dado momento, quando um soldado recebeu ordem para ferir, com lança, o coração de Jesus, o soldado esmoreceu, mas o cego que estava por perto, ouviu a conversa, e teve a seguinte interferência:

- Soldado, há mais de 30 anos sou um cego, por não ter matado este homem, quando ainda era criança. Agora vou-me vingar. Me dá a lança e coloque bem na direção dele, que eu quero dar o empurrão.

Quando ele empurrou a lança, foi certinho no coração de Jesus. Um jato de sangue jorrou, com muita força, do coração de Jesus e uma gota caiu sobre os olhos do cego Longuinho. No instante que o sangue jorrou, Longuinho conseguiu abrir novamente os olhos e ver a luz do mundo. Aí, ele se pôs de joelho, suplicando o perdão.

Jesus perdoô e a partir daquele instante, Longuinho virô santo."

Contado por Antônio de Miranda Sobrinho, 59 anos (1994), residente na Rua Manuel Loureiro, nº 164, distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

3 - O LAÇO DE OURO

"Era um home que tinha três fia legítima e um fio de criação. Eles era muito pobre. Vivia na roça.

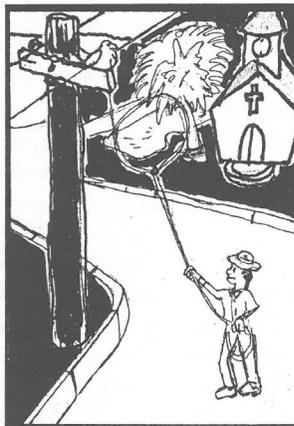
Um dia ele falô pra muié:

- Ó muié, eu num agüento mais esse sofrimento nosso. Eu vô pegá essas três fia nossa e doá pra três Cão, três Diabo.

Então ele pegô as três fia e doô uma pra cada Diabo que aparecia. E cada diabo dava um destino para elas.

O menino quando foi estudá numa escola, os colega dele caçoava, dizem:

- Óia, rapaz, o teu pai deu as tuas irmã



pr'o Diabo. E ocê nem sabe disso.

O rapaz botô aquilo na cabeça e depois de formado, falô pr'o pai:

- Pai, eu vô saí pr'o mundo atrás das minhas três irmã, porque até hoje eu não consegui achá elas.

O pai dele respondeu:

- Larga de sê bobo, rapaz. Já faz tantos ano e eu nem sei pra onde elas tá.

- Mas eu vô.

Saiu andano pelo mundo. Andô, andô, andô. Chegô berano aonde tinha um senhor, pediu poso.

O senhor respondeu pra ele:

- Pr'ocê ficá aqui, ocê tem que me

CONTOS FOLCLÓRICOS

arrancá cinco mil pé de mandioca. No fim do serviço eu vô te dá uma gratificação.

Ele falô:

- Eu arranco.

Trabaiô dez dia pr'o home e arrancô os cinco mil pé e espinicô todas elas.

- Eu vou te dá esse capotinho pr'ocê. Esse capotinho, ele é encantado. Tudo o que vié te pegá, ocê fala assim:

- Capotinho, me esconde. E este capotinho vai te escondê.

Ele pegô o capotinho e foi embora.

Andô, andô, andô e achô um palácio. Um palácio com muitos cão na frente. Bateu parma e foi atendido por uma muié ainda nova, uma moça.

Ele falô:

- Escuta: É aqui que mora fulana?

A muié respondeu:

- Sô eu mema.

- Ocê sabe que ocê é minha irmã?

- Não, não sô tua irmã. Quando eu saí de casa eu não lembrava d'ocê.

- Ocê é minha irmã sim. Ocê num é fia de fulano e sicrana?

- Sô.

- Então ocê é minha irmã, porque eu também sô fio deles.

- Que seja! Só que ocê vai embora que o meu marido é o Rei dos Carnero. A hora que ele chegá aqui em casa, ele vem fazeno o maiô dos fuá. Ele vai querê assá ocê pra armoço.

O rapaz falô:

Não, eu vô ficá.

Nisto que a muié falô, ele já vinha vino co'aquele mundo de carnero, de chifre enorme, fazendo uma baruiada.

O rapaz falô:

- Capotinho, me esconde!

O marido da muié já chegô falano:

- Nessa casa aqui tem carne humana.

Quero comê.

A muié disse:

- Que é isso? Não tem não! É que eu matei um carnerinho pra fazê, no armoço, pr'ocê comê.

Na hora que ele tava armoçoando, a muié falô pra ele:

- Marido, hoje aqui tá meu irmão. Faz muitos ano que eu não vejo ele. Ele tá com muito medo d'ocê. Se eu chamasse ele aqui, agora, ocê fazia alguma coisa contra ele?

O marido respondeu:

- O que é isso? Eu até fico satisfeito com a visita dele, porque aqui no meu palácio nunca veio ninguém, nunca veio visita. Num faço nada de mal pra ele, não. Até agradeço ele. Ele é o primeiro que recebo aqui, porque os otro eu aca-bei armoçoando eles.

Então a muié falô:

- Pode aparecê aqui, meu irmão.

Então ele saiu de dentro do capoti-

nho.

Aí o Rei dos Carnero abraçô, agradô muito ele, fez aquela festa pra ele, queria que ele ficasse no palácio, mas ele disse que não, que ainda tinha mais duas irmã que ele queria encontrá.

O rapaz agradeceu muito a bondade do Rei dos Carnero e ao despedi, o Rei dos Carnero disse:

- Já que ocê não qué ficá aqui no palácio, quarqué perigo que ocê passá e em quarqué lugá que ocê tivé, ocê só fala assim: Me vala, Rei dos Carnero. No memo instante, eu tô lá pra te valê.

O rapaz disse:

- Tudo bem.

Pegô e foi embora. Andô, andô, andô e achô otro palácio, mais bonito do que o primero. Chegô, bateu parma e saiu uma muié. Ele perguntô:

- É aqui que mora fulana?

- É sim! Por quê?

- Então, ocê é minha irmã.

- Não, num é possive, quando eu saí de casa, eu num tinha irmão nenhum.

- Ocê num é fia de sicrano e bertrana?

- Sim, esses é os meus pai.

- Pois é, eu também sô fio deles. Ocê é minha irmã.

- Se fô assim, eu sô sua irmã, mas eu quero que ocê vai embora, porque meu marido é o Rei dos Gavião. E ele vai chegá aqui agorica memo para o armoço, vai encontrá ocê aqui e vai acabá armoçoano ocê tamém. É mió ocê i embora.

O rapaz respondeu:

- Não, eu não vô embora. Eu num tenho medo. E ficô.

Num demorô nada, chegô o Rei dos Gavião, com milhares de gavião em vorta dele e já desceu bravo, falano:

- Tá cherano carne humana aqui, e eu quero comê. Meus gavião, procura!

Os gavião procura daqui, dali, por toda parte e nada de encontrá ele, porque ele já tinha pedido pr'o capotinho escondê ele.

Aí, a muié convenceu o marido de que ela tinha matado um gaviãozinho pra fazê o armoço dele. E na hora do armoço, ela fez a pergunta pr'o marido:

- Se viesse aqui meu irmão que já faz muitos ano que eu não vejo ele, ocê fazia alguma coisa de mal?

- Que é isso, muié? Fazia a maió festa pra ele, porque aqui, no meu palácio, eu nunca recebi ninguém, e os que aqui viero, eu comi.

Aí o rapaz saiu de dentro do capotinho e participô daquela bonita festa que o Rei dos Gavião fez. O Rei queria que o rapaz ficasse no palácio, mas ele respondeu:

- Eu não posso ficá aqui, porque tem mais uma irmã pra mim achá. É por isso que preciso i embora.

O Rei dos Gavião, então, disse pra ele:

- Já que ocê não pode ficá, em quarqué lugá que ocê se encontrá em dificurdade, ocê só fala assim:

Me vala, ó Rei dos Gavião!

O rapaz agradeceu e foi embora. Andô, andô, andô. Chegô berano perto de uma casa véia e viu uma moça e falô: aquela muié ali parece sê minha irmã. É minha irmã memo!

Bateu parma e a muié atendeu:

- Escuta, ocê não é fia de fulana e bertrano?

- Sô.

- Ocê sabia que ocê é minha irmã?

- Não! Quando eu saí de casa eu não conheci nenhum irmão.

- Mas ocê é minha irmã.

- Tudo bem! Mas ocê vai embora, porque o meu pai não deu eu pra um home. Deu eu pra uma muié. Ela vive no porão de casa. Ela é ruim, é pió que o diabo. Como eu tenho as trança comprida, quando ela percebe que chega gente, ela grita pra mim assim: Maria, me joga as trança!

Eu sorto as trança do cabelo e ela sobe pelas trança pra vê quem chegô.

O rapaz falô:

Podê dexá, eu não tenho medo dessa véia.

A véia percebeu a conversa e falô:

- Maria, me joga as trança.

Maria jogô as trança e ela subiu e já foi perguntano:

- Quem é que tá aí?

- Ninguém mamãe, eu tô conversano com as flor.

- Não, ocê tá conversano com arguém.

Fala a verdade.

- Não mamãe, eu tô conversano com as flor.

Então a mãe dela falô:

- Maria, por que ocê rega essas flor tanto, essas rosa tão bonita?

- Uai, mãe, eu tô cuidano daquilo que a senhora gosta, da sua vida.

A muié respondeu:

- Não! A minha vida não tá nesses pé de flor. A minha vida tá dentro de uma caixa de ferro, no fundo do mar. Dentro da caixa de ferro tem um porco-espinho, dentro do porco-espinho tem uma pomba branquinha e dentro da pomba tem uma vela acesa. Se um dia aquela vela apagá, então, eu perco a minha vida.

- É assim, mamãe?

- É! E ocê num precisa aguá essas flor, porque daqui a dois ou três mês eu vô te matá pra te comê.

A véia era muito ruim. Queria matá ela e bebê todo o sangue dela.

O rapaz que estava escondido dentro do capotinho dele ouviu tudo.

Depois que a véia vortô pr'o porão, o

CONTOS FOLCLÓRICOS

rapaz falô pra irmã:

- Eu escutei tudo e vô dá um jeito nestas coisa.

Saiu de lá, despediu da moça, e logo depois pediu a primeira ajuda pr'o Rei dos Carnero.

O Rei dos Carnero apareceu, ele contô o caso. Então, o Rei dos Carnero disse que ia pedi a ajuda do Rei dos Peixe pra encontrá essa caixa. O Rei dos Carnero falô:

- Me vala, Rei dos Peixe.

Na hora chegô o Rei dos Peixe e perguntô:

- O que que você qué?

- Eu quero que ocê desce no fundo do mar e me traz uma caixa que tá lá.

O Rei dos Peixe respondeu:

- Eu ando por todo o lado, no fundo do mar. Já andei nos sete mar e nunca vi esta caixa. Vô perguntá pra um desses peixe meu. Se algum deles viu, eu mando i buscá.

Perguntô pra um, perguntô pra otro e foi um lambarizinho, o menor de todos, que respondeu:

- Eu sei aonde ela tá.

- Ocê sabe?

- Sei! Quando os peixe grande que me comê eu escondo debaxo dela.

O Rei dos Peixe disse:

- Então vamo lá buscá.

Ele desceu lá em baixo e troxe aquela caixa, muito pesada.

Então, o Rei dos Carnero, já tinha resorvido o pobrema e foi embora.

Quando o Rei dos Peixe pôs a caixa fora do mar, o rapaz disse otra vez:

- Me vala, Rei dos Carnero!

Veio aquele mundo de carnero, deu cabeçada e deu cabeçada e deu cabeçada e quebrô aquela caixa de ferro. Nisso, o porco-espinho pulô pra fora, e a carnerada entrô nele também de cabeçada, uma atrás da otra, e a pombinha branca voô de dentro.

O rapaz gritô:

- Me vala, Rei dos Gavião! O Rei dos Gavião veio e pâl!, pegô a pombinha e troxe na mão dele.

Nessas artura, a véia já tava lá no porão já muito má, pra morrê.

Então ele pegô a pombinha e foi lá pra casa da véia. Chegô lá e falô assim pr'a irmã dele:

- A vida da véia tá aqui, na minha mão.

Agora eu vô pedi pra ela te libertá. Se ela num te libertá, eu vô matá a pombinha e apago a vela. E aí ela vai direto pr'o beleléu.

A véia apareceu e falô:

- O que que é isso? Eu vô te comê é agora.

Então, o moço apertô a pombinha e

com isso matô a véia.

Então, ele pegô a irmã dele, que era de criação, e falô pra ela:

- Ocê vai embora comigo pra casa. Ocê é a mais bonita das minhas irmã de criação. Eu vô levá ocê pra casa e dizê que ocê é minha namorada e que a gente vai se casá.

Ele já tava apaxonado pela moça.

Pediu proteção pr'o Rei dos Gavião pr'a levá eles e pediu também que ele arrumasse muito dinheiro.

Chegando na cidade, ele falô pr'a moça:

- Ocê fica aqui nessa mina de água, e eu vô lá em casa trocá de ropa e vô trazê ropa pr'ocê tamém.

Enquanto ele foi, ela subiu num pé de arve, perto da mina. E nisso vinha vino uma negrinha, muito feia, com um pote na cabeça, pra pegá água na mina.

Quando ela foi coiê água, ela viu a image de otra refretida nas água, e falô:

- Eu, bonita do jeito que eu sô, não vô andá co'esse pote de barro na cabeça. Óia a minha image na água! Como eu sô linda! Quebrô o pote e vortô pra casa sem nada, falano: Num vô mais buscá água.

Chegô em casa de mão abanano. Então, a mãe e o pai dela falô:

- Pega otro pote e vai buscá água.

Resmungano, nervosa, e falano que era bonita, ela teve que vortá lá.

Chegano lá na mina, enquanto ela pegava água, a moça que tava em cima da arve, quando viu a pretinha abaxá pra enchê o pote, deu risada. Ela pegô e oiô pra cima e viu a moça.

Aí, ela falô:

- É ocê que tá aí?

- Sô eu mema.

A pretinha subiu na arve, agradô a moça, passô a mão na cabeça dela, porque ela tinha um cabelo muito bonito, e nisso ela achô um carocinho.

Aquele carocinho já era que a véia diaba tinha encantado ela. Foi só a negrinha apertá o carocinho, na cabeça da moça, ela virô uma pombinha. E a negrinha ficô segurano a pombinha na mão.

Nisso, o namorado da moça chegô e viu aquela negrinha em cima da arve. E o que ficô mais sem graça foi que ele levô o pai, a mãe e uma porção de colega pra vê a irmã de criação com quem ele ia se casá, que era a coisa mais linda do mundo.

O rapaz, muito envergonhado, não sabia aonde botá a cara, mas pediu pra ela descê.

Ela desceu. Parecia um toco queimado, servino de polero para a pombinha branca.

O moço falô:

- O que aconteceu? Num é ocê a minha namorada!

A moça afirmava que sim, que tinha tomado muito sol, mas que era ela memo.

Parecia coisa enfeitçada. O moço tentava fugi da negrinha, mas o pai e a mãe dele, muito severo, exigiro que ele levasse ela pra casa e fizesse o casamento.

Foro pr'a casa, mas a pobre da negrinha não se separô da pombinha branca.

Casaro, muito contra a vontade do rapaz. A negrinha, arrumô uma gaiola e prendeu aquela pombinha, no quarto deles.

Num dia, o rapaz, entrô no quarto e resorveu brincá co'aquela pombinha presa na gaiola.

Tirou ela de lá, e quando tava coçano a cabeça dela encontrô um carocinho. Era que a véia já tinha encantado ela. Começo a querê a curá aquele carocinho e a pombinha, naquele momento, se transformô na moça bonita que ela era.

O rapaz quase desmaiô de tanta emoção. Passada a emoção, ele discutiu com a negrinha e prometeu vingança.

Disse que ia mandá matá ela. Mas nisso, o poder de encanto passô na negrinha.

Ele foi lá no currá, arrumô dois burro brabo, amarrô cada perna dela numa perna do burro, até dá fim na mentirosa.

Ele vortô, todo alegre, e preparô a festa pr'o casamento dele co'a moça. Na hora que ela tava se preparando pra i pr'o artá e foi penteá o cabelo, ela tornô a se encantá em pombinha.

Aí ela deu uma passada no artá onde tava o noivo, e foi sentá num poste muito arto, do lado de fora da igreja, e falô:

- Eu vim e passei aqui

Pra procurá meu tesoro,

Como robaro meu tesoro, Pra me pegá agora

Só se fô com laço de oro.

E a pombinha saiu voano.

Como o moço tava muito rico, tinha muito dinheiro, então ele mandô fazê um laço de oro e ficô muito tempo sondano essa pombinha.

Pegô a pombinha, desencantô ela, e casô com ela. Teve três dia de festa de casamento. Ele chamô todos os amigo, os conhecido, as otras duas irmã, o Rei dos Carnero e o Rei dos Gavião. Eu também fui na festa. Nunca vi tanta fartura. Comi e bebi tanto que fiquei quase um mês sem podê trabaiá."

Contado por Jesus Carlos Batista (Fio), 31 anos (1994), residente na Rua da Penha, nº 210, Bairro de São José, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

4 - OS TRÊS LADRÕES

“Era uma vez três ladrões muito perigosos que viviam nas estradas só praticando grandes roubos. Matavam até as pessoas para delas tirarem tudo que tinham.

Certa vez planejaram um roubo na casa de um fazendeiro muito rico, que guardava toda a riqueza numa grande mala de couro. Fizeram o roubo e saíram com a mala,

escondidos, para o meio de uma grande mata. Combinaram que a riqueza seria dividida igualmente para os três.

Eles se chamavam: Joaquim, João e José.

Quando anoiteceu, Joaquim estava muito cansado e se deitou, ali mesmo no mato, e logo dormiu.

Enquanto isto, João e José, para não dar a parte que pertencia ao dorminho-



co, cortaram a cabeça dele, com uma faca muito afiada.

Continuaram a fuga pela mata, mas um já pensando em como eliminar a vida do outro. Não tinha coragem nem de descansar, de tanto medo que um tinha do outro. E, em pensamento, um matutava uma maneira de dar fim ao companheiro.

No segundo dia, a comida já estava acabando e, com muita cautela, João envenenou a pouca comida que restava e deixou no embornal, com a intenção de matar o amigo.

Mas o tiro saiu pela culatra. João com pouca força para caminhar, sentando-se debaixo de uma árvore, dormiu imediatamente. José, então, realizou o sonho:

cortou a cabeça de João.

Ficou, a partir daquele momento, o dono de uma grande riqueza, sem nenhum sócio.

Com dificuldade, retirou a mala dali, caminhou um bom trecho e sentiu muita fome. Foi ao emboral da matula, e engoliu, com muito apetite, o restante da comida. A comida que estava envenenada.

Momentos depois, sentia insuportáveis dores.

Antes que o sol se escondesse, José também era um cadáver abandonado na mata.

A mala de couro, recheada de grande riqueza ficou ali também, na mata, à espera de que fosse encontrada pelo dono ou por outras mãos, de pessoa honesta".

Contado por Riolando Irâni, 43 anos (1979), residente na Rua Bernardino de Campos, nº 900, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

5 - AS CONFUSÕES DE DIUFÁ

“Havia um moço de nome Diufá que morava em companhia de sua mãe. Eram só os dois que viviam na casa. Tinha boa saúde, mas não trabalhava, porque era muito tolo e em tudo se atrapalhava.

Numa tarde, a mãe dele ao sair para a igreja, lhe disse:

- Diufá, eu vou assistir à missa, vou um pouco mais cedo para a igreja. Você ponha uma roupa um pouco melhor e vá à igreja também. Quando sair de casa não se esqueça de cerrar a porta.

Não levou muito tempo, entra na igreja o bobalhão carregando a porta serrada e vai sentar-se junto da mãe.

A mãe então falou para ele:

- Diufá, quando o pessoal da igreja cantar, você canta também. Se os hinos forem tristes, você chora, para mostrar que você tem bom sentimento.

Um dia ele foi à casa de uma família que estava lidando com um porco, ele falou assim:

- Deus que proteja ele. Que leve ele para o céu. Que dê um bom lugar para ele.

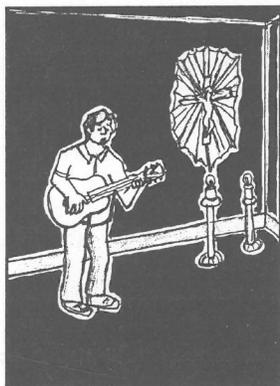
Apanhou das pessoas e saiu chorando.

Chegando em casa, contou à mãe.

A mãe, muito aborrecida, ensinou que não era assim.

Diufá, você faz tudo errado. Você não deveria ter falado isto. Você deveria ter falado assim:

- Que fartura! Que bom! Deus queira que cada vez aumente mais a fartura.



teza. Então foi à casa dele, pegou uma viola, e voltou ao velório, e começou a tocar e a cantar umas músicas alegres, para quebrar aquela tristeza.

Os parentes do morto deram-lhe uma surra e expulsaram ele de casa.

Ele contou à mãe. A mãe, então, ensinou que não era assim. Quando ele fosse a um velório era para dizer:

- Deus que dê o conforto à família e leve este cristão pr'ó céu.

Ele entendeu, e disse:

- Está bom, mãe, numa outra vez eu faço assim.

Um dia ele foi à casa de uma família que estava lidando com um porco, ele falou assim:

- Deus que proteja ele. Que leve ele para o céu. Que dê um bom lugar para ele.

Apanhou das pessoas e saiu chorando.

Chegando em casa, contou à mãe.

A mãe, muito aborrecida, ensinou que não era assim.

Diufá, você faz tudo errado. Você não deveria ter falado isto. Você deveria ter falado assim:

- Que fartura! Que bom! Deus queira que cada vez aumente mais a fartura.

Ele respondia:

- Está bom, mãe. Da outra vez eu falo.

Daí ele foi para uma outra casa. Lá estava um senhor muito mal, com uma enorme ferida na perna. Ele logo foi dizendo:

-Nossa! Que ferida! Deus queira que nunca há de faltar. Que cada vez aumente mais. Que nunca há de secar.

Apanhou outra vez e foi contar à mãe.

A mãe disse:

- Diufá, não sei mais o que vou fazer com você. Você faz tudo errado. Você deveria ter falado assim: Deus queira que isto seque. Que seque cada vez mais. Que nunca há de voltar. Que esturrique tudo.

Ele respondia:

- Está bom, mãe. De outra vez eu falo.

- Diufá, pegue uma sacolinha e vai à horta comprar verdura.

Pegou a sacolinha, chegou na horta, viu aquelas verduras tão bonitas, e falou:

- Ah! que horta tão bonita. Tomara que esturrique tudo. Que nunca mais há de voltar.

Apanhou novamente.

A mãe, então, inconformada e cansada de tantos conselhos, resolveu a não dar mais conselhos.

- Diufá, vai à cidade buscar um porquinho que a mãe comprou.

Ele pegou o porquinho, pôs nas cos-

CONTOS FOLCLÓRICOS

tas e chegando em casa o porquinho estava morto.

A mãe disse que ele deveria ter arrumado uma cordinha, amarrar no pescoço dele e vir puxando.

- Está bom, mãe. Da outra vez eu faço.

Um dia a mãe mandou ele ir à cidade comprar um pote.

Foi. Comprou o pote, amarrou uma cordinha no pescoço do pote, e veio puxando para casa.

Chegando em casa, só restava a cordinha, porque o pote ficou todinho quebrado pela estrada.

Um dia mandou ele ir à cidade comprar agulha, que ela queria costurar.

Ele comprou a agulha e vinha vindo, quando passou uma carroça com palha de arroz. Ele pediu beira, colocou o embrulhinho de agulhas na palha de arroz e perdeu. Chegou em casa sem nada.

Aí a mãe disse:

- Meu filho, não é assim. Você deveria ter colocado o pacotinho de agulhas debaixo do seu boné, para não perder.

Mandou ele novamente na cidade para comprar manteiga.

Pegou o pacote de manteiga, pôs debaixo do boné e chegou em casa com o rosto todinho melecado, sem manteiga, pois tinha derretido tudo.

A mãe então resolveu inverter os papéis.

- Diufá, agora eu vou à cidade e você vai ficar. Tem uma galinha chocando. Você não deixa a galinha sair do ninho para não esfriar os ovos.

A galinha saiu. Ele ficou com medo que os ovos esfriassem, foi sentar sobre eles.

A mãe chegou, bateu muitas vezes na porta, chamando por ele:

- Abre a porta, Diufá.

- Não posso, mãe. Estou no ninho.

De tanto a mãe insistir, ele se levantou e foi abrir a porta, mas estava com o traseiro todinho sujo com os ovos que se quebraram..."

Narrada por Brígida Charaba de Sousa (Anésia), 59 anos (1994), residente na Rua Veiga Miranda, n° 7, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

VARIANTE

AS BARALHADAS DE JOÃO BOBO

"Era uma senhora muito velhinha que vivia na companhia de um único filho, atrapalhado, chamado João. Ela fazia de tudo pra ele. E tinha muito medo de morrer e deixar o coitado sozinho, sem ninguém que cuidasse dele.

Um dia ela se lembrou dum compade que morava um pouco distante e que tinha uma filha da mesma idade que o João.

Então pensou em ajeitar o casamento dos dois para que o João ficasse amparado, depois da morte dela.

Aí, ela falou assim:

- João, você fica aqui em casa. Não sai pra parte nenhuma que hoje eu vou lá na casa do compade pra ver se consigo arranjar o seu casamento com a filha dele.

- Está bom, mamãe. Pode ir. Eu não saio de casa.

A velha foi a pé. Chegando lá, cumprimentou o compade e a comade e depois de ter tomado uma xicrinha de café, explicou o motivo da visita que ela estava fazendo. Não queria que o filho ficasse sozinho e ela já sentia que não demoraria muito tempo para morrer.

Rosa, filha do compade, era uma moça boba também, só enxergava de um olho e tinha um defeito na perna direita.

Depois da conversa da velha com os compades, tudo ficou acertado.

- A senhora manda o João aqui para conhecer a Rosa e tratar o casamento.

No outro dia, logo de manhã, o João se arrumou e disse pra mãe:

- Mãe, eu já vou indo na casa do seu compade e vou levar a minha violinha.

- Leva sim, meu filho. Diverte um pouco o pessoal de lá.

Ele tocava viola muito mal, mas dava para quebrar o galho.

Mas acontece que a Rosa tinha comido muita carne de porco e banana ainda meio verde e morreu de congestão.

João Bobo chegou todo alegrão. Encontrou a namorada morta sobre uma mesa, coberta com um lençol, e pouca gente ao redor, fazendo o velório. Ajeitou a violinha, tocou e cantou: Oi lari, lari, larai.

O pai da moça ficou muito nervoso e disse:

- Ó seu cachorro, sem-vergonha, assim é que você vem visitar a sua namorada que está morta?

E deu-lhe uma surra de chicote de deixar marcas.

João Bobo saiu a toda, vendendo azeite, e foi direto para casa, aborrecido. Chegando em casa, maltratou muito a mãe: Boiota, por sua causa apanhei muito, lá na casa da Rosa. E contou o que tinha acontecido.

A mãe, com muita calma, explicou:

- Você errou, João. Você deveria tirar o chapéu, guardar a viola num canto e rezar, pedindo para a alma dela ir para o céu.

- Então, amanhã eu volto lá.

O homem tinha matado um capado.

João chegou, viu aquele capado sobre a mesa e falou:

- Deus ajude que vá pr'o céu!

Apanhou de chicote novamente.

Voltou, nervoso, para casa e fui brigar com a mãe, contando o que tinha acontecido.

A mãe outra vez esclareceu:

- Você tinha que dizer assim: Deus que abençoe, que dê muita fartura, que aumente sempre.

É assim mãe? Amanhã eu volto lá de novo.

O homem estava fazendo curativo numa grande ferida, na perna.

João Bobo falou:

- Deus ajude que aumente sempre.

Levou outra surra de deixar sinal.

Voltou, voando, para casa, para discutir com a mãe, xingando ela e dizendo que não tinha dado certo.

A mãe, sempre pacenciosa, disse pr'o João que ele devia ter falado assim:

- Tomara que sare, que seque tudo e não dê nunca mais.

- Está certo mãe, amanhã eu volto lá.

No outro dia João Bobo voltou e o homem estava aguando uma horta muito viçosa: alface, couve, almeirão, repolho.

João disse:

- Tomara que seque tudo e não dê nunca mais.

O homem caiu sobre o João com chicotadas de fazer gosto.

João saiu com uma quente e duas ferendo e foi parar em casa.

Outra vez maltratou a mãe, falando que ela era a culpada de tudo.

A mãe esclareceu:

- Meu filho, nesse caso, você devia dizer:

Deus que abençoe, que dê bastante verdura, que aumente mais, para nosso alimento.

João Bobo disse:

Amanhã, então, eu vou lá outra vez.

Chegou, encontrou o homem atrás de um chiqueiro de porcos, fazendo necessidade.

Ele falou:

- Deus que aumente mais, que sirva de alimento.

O homem ia se levantar para bater nele, mas se atrapalhou e enquanto isso, João Bobo saiu correndo e não conseguiu ser pegado.

E assim terminou a história".

Contada por José Rodrigues, 51 anos (1994), residente na Avenida Júlio Ferrânti, n.º 235, Bairro de São José, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

6 - O CORTADOR DE LENHA E A MORTE

“Havia um homem muito pobre, casado, pai de muitos filhos, que durante a sua vida só rachou lenha e carregava os grossos feixes nas costas.

Ele já estava velho, muito cansado, com os ombros cheios de calombos. E a pobreza foi a companheira que nunca o abandonou.

O homem se queixava da vida o tempo todo. Lamentava a miséria em que vivia, o pouco que ganhava, o preço das mercadorias, as cobranças que recebia, os impostos que pagava, e reclamava:

- O meu Deus, tenha dó de mim. Já não agüento mais trabalhar. Estou velho, muito cansado e muito pobre tam-



bém. Nunca pude ter uma semana, pelo menos, para descansar, para passear, para nada.

Um dia, ele estava muito doente, mas não podia deixar de ir ao trabalho, senão não podia nem dar um prato de arroz purinho para a família.

Mesmo assim, ele pegou as ferramentas e se dirigiu, muito contra a vontade, para o serviço.

Com muita dificuldade, ele cortou a lenha, fez o feixe e sentou-se um pouquinho, à sombra de uma árvore, para descansar, e desconsolado, ele falou:

- Eta vida malvada! Assim não vale a pena viver. É preferível a morte a sofrer tanto assim. Aonde você está,

morte, que não vem me buscar?

Nisto, ele levantou os olhos e viu, diante dele, em pé, uma figura muito esquisita, um esqueleto, com uma roupa preta transparente de foice na mão que disse para ele:

- Você me chamou? O que você quer comigo?

O homem levou um susto tremendo. Encarou firme, mas com muito medo, aquela visita ali inesperada e com voz muito frouxa, respondeu:

- Chamei sim. Eu quero que a senhora me ajude a colocar este feixe de lenha no meu ombro”.

Contado por Luís de Miranda (Luisinho), 44 anos (1994), residente na Rua Duque de Caxias, n.º 65, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

7 - ANTÔNIO MENEGOTE

“Antônio Menegote era um sapateiro muito preguiçoso. Um dia ele levantou cedo e num tinha o que fazê, então começou a batê o martelo no pé de ferro. E foi daí que ele levô uma martelada no dedão, de vê estrela. Xingô demais e ficou oiando no dedo. Nisso sentô no dedo dele sete mosquito. Ele matô os sete com um tapa só e continuô a oiá no dedo. Sentô mais sete mosquito. Deu outro tapa e matô os outros sete também, de uma só vez.

Aí ele pensô:

- Eu num tenho mais nada que fazê memo, então eu vô saí pr'o mundo.

Comprô um chapeuzão, dobrô a aba dele pra cima e escreveu nele assim:

- Antônio Menegote
Mato sete num tapa,
Mais sete no outro gorpe.

E saiu pr'o mundo andando. Andô, andô, andô. Passô por muitos lugares e chegou numa cidade e um dos encarregados do rei leu aquelas palavras e disse:

- O home é valente memo. Mata sete num tapa e mais sete num gorpe. Vô agradá e contratá esse home imediatamente pra matá as duas serpentes que anda fazendo dano na cidade.

Chegô perto dele e falou:



- O rei qué a sua presença no palácio.

Ele respondeu:

- Pode dexá! Amanhã eu vô lá.

No outro dia, de chapéu na cabeça, foi no palácio. Lá ele foi apresentado pr'o rei pelo encarregado.

Ele disse pr'o rei:

- Meu nome é Antônio Menegote. Mato sete num tapa e mais sete no outro gorpe.

O rei pensô consigo: O home é valente memo. E falou pra ele:

- Aqui pra baxo, mais ou meno dois quilômetro, mora um casal de serpente e toda a noite elas vêm pegá uma pessoa aqui da cidade pra mode comê. E come memo.

Vários caçadô eu já pus aqui pra matá elas, homes valente e elas comero eles. Então vai assuntano: Já que o senhor é Antônio Menegote, que mata sete num tapa e mais sete no outro gorpe, o senhor vai matá elas pra mim.

O senhor vai ficá quinze dia aqui no palácio, comeno do bô e do mió. Depois de quinze dia, o senhor vai matá as duas.

Se o senhor num conseguiu matá e elas comê o senhor, o problema é do senhor. Agora, se o senhor não conseguiu matá, nós vamo degolá o senhor.

Antônio Menegote respondeu:

- Eu vô. Eu vô lá matá essas duas danadas.

E pensava com ele memo: Eu num tenho nada a perdê na vida. Tanto faz ficá vivo ou morrê. Deve sê umas cobrinha à toa. Eles tão é com medo. E eu já tenho garantido quinze dia da mió comida.

Antônio Menegote ficou os quinze dias sendo tratado como rei, com criados abanando ele, dando tudo na mão, balançando ele pra lá e pra cá.

Passado os quinze dia certinho, bem cedinho, o criado falou pra ele:

- O rei mandô ocê i lá no quarto de arma e escoliê a mió arma que tem lá dentro que hoje ocê vai matá uma das serpentes.

Ele foi no quarto de arma e disse pr'o criado:

- Pode dá essa aí memo.

Era uma garruchinha. Ele num entendia nada de arma. E ainda falou:

- Cum essa aqui, eu atiro nos óio dela e acabo cum ela.

O criado acompanhô ele até certo ponto, ainda longe, pra ensiná o lugar onde elas morava e falou pra ele:

- Quando ocê chegá mais perto, ocê bate o pé aqui, que ela vai vim. Ocê atira nela, mas espera eu i embora primero.

Antônio Menegote tremia de medo e dizia:

- Ai, meu Deus! Reserva um lugar pra mim aí, porque chegô a minha hora.

E começou a batê o pé. E a serpente veio. Era muito comprida e grossa, grossa memo. Os dentes grande e afiado.

À hora que ela foi chegado, ele bateu os óio e despencô numa carrera. Pé pra

CONTOS FOLCLÓRICOS

quem tem. E a serpente atrás. Então ele passô num corguinho que tinha uma pinguela. Conforme ele passô, ele bateu o pé na ponta da pinguela, que era seca, e quando a serpente ia passá, ela vinha c' a boca aberta, e a pinguela entrô interinha na boca dela. E a bicha morreu na hora.

Ele vortô, a nado, puxô a cabeça da serpente, e foi, alegrão, avisá o rei que a primeira ele já tinha dado fim. Tava morta lá. Que ele tinha pegado a garruchinha e dado um tiro na boca dela e não precisô mais nada.

O rei falô:

- Eu não aquerdito.

Mas mandô um carro de boi lá pra baixo e carregô aquela serpente, grande demais. Pôs ele com a mió arma que tinha, na frente, com o chapéu "Antônio Menegote mata sete num tapa e mais sete notro gorpe". Passeô a cidade intera com ele, foi pra todo lugá.

Depois o rei falô pr'o Antônio Menegote:

- Agora ocê tem mais catorze dias pra descansá. Pra comê só coisas boa. E no de quinze, ocê vai tê que matá a otra serpente.

Antônio Menegote pensô:

- Co' a primeira eu tive sorte. Eu tropiquei naquela pinguela e deu certo. E essa otra como é que eu vô fazê? Ah! meu Deus, guarda um lugazinho aí pra mim.

Quando chegô o dia, cedinho, chegô o enviado do rei e falô:

- Ocê vai lá no quarto comigo e escói a arma que ocê quisé pra matá a otra serpente.

Ele foi e falô pr'o criado do rei:

- Me dá quarqué uma dessas arma. Cum quarqué uma eu mato a otra.

O criado deu pra ele uma cartuchera.

O rei, então, falô pra ele:

- Ocê vai lá, se ocê consegui matá a outra serpente, ocê vai casá com a minha fia. Eu vô te dá a metade do meu tesoro pr'ocê. Eu sô viúvo.

Ele respondeu:

- Oba! Eu vô sim.

Mas antes, ele foi lá naquele memo corguinho, cortô um pau verde, bem grosso, mediu direitinho, e colocô no memo lugá onde tava aquela pinguela que tinha caído. Planejô tudo certinho. Punha a pinguela, tirava a pinguela, pra nada faia, pra podê matá a otra.

Depois botô a cartuchera nas costas e foi lá pr'as banda da morada da serpente. Desta vez, o criado num quis i. Só falô pra ele que meia hora depois aparecia lá pra vê o resurtado.

Ele falava sozinho: eu mato a outra tamém.

Antônio Menegote chegô perto do esconderijo da cobra e bateu o pé.

De repente a serpente vem fazeno aquele bafafá miserave. E ele saiu numa corrida feito um serelepe pra pinguela do corguinho. Pisô na pinguela, mas ela nem aluiu, porque era de pau verde, pesada. Então ele atravessô e subiu o morro e a serpente atrás. Ele achô uma casa véia, com a porta meio aberta e do jeito que ele chegô, blufe!, entrô dentro da casa. A serpente entrô pela porta da sala e ele saiu pela porta da cozinha; bateu a porta e a porta ficou trancada. Deu a vorta num segundo e fechô a porta da sala e dexô a serpente fechada, e saiu correno. Chegô na cidade quase sem forgo.

Então o rei perguntô pra ele:

- Matô a danada?

- Não! Deixei ela fechada dentro de um rancho, perto do corgo. Briguei com ela uma meia hora, no tapa. Tô muito cansado. Podia arguém matá ela lá pra mim.

Então o rei escolheu uma arma e a fia pediu pra i junto.

Descero pra lá. A serpente tava dentro da casa véia. Tava quebra-não-que-

bra a prisão.

Então a fia falô pr'o pai:

- Dixa que, por honra, eu atiro nessa serpente.

Atirô, matô a serpente e ficô muito feliz.

Tornô a ponhá de novo naquele carro de boi e a passeá por todos os canto da cidade: o rei, a princesa e o Antônio Menegote.

Como recompensa o rei fez uma festa de casamento que aturô uma semana. Veio gente de tudo quanto é banda.

O rei mandô construí um otro palácio pra ele e deu a metade do tesoro pra ele. Antônio Menegote passô a sê respeitado por todo mundo. Até o rei, que era sogro dele, passô a tê receio dele.

Passado um mês, o rei ficô doente e morreu. Antônio Menegote passô a sê o rei daquele palácio.

É uma estória interessante, né, um home pobre, preguiçoso, medroso e acabô virano rei".

Contado por Jesus Carlos Batista (Fio), 31 anos (1994), residente na Rua Penha, n.º 210, Bairro de São José, Olímpia.

8 - O QUE CURA TEIMOSIA É PAULADA

"Diz que tinha uma mulher que batia no marido e fazia ele sair de casa. Um dia ela deu tantas cacetadas nele e fez ele sair, pra valer, da sua companhia, dizendo pra ele:

- Vai procurar rato no meio do mato.

Chegando na beira de um rio, ele parou, para comer uma matula que tinha levado e ficou pensando no que ele deveria fazer. Por ali estavam passando tropeiros, tangendo uma tropa, quando uma mula refugou a ponte e não quis atravessar. O homem, ali sentado, ficou observando o que se passava com a mula.

O tropeiro, nervoso, disse:

- Espere aí, que você vai passar.

Entro no mato, cortou um feixe de varas, chegou a madeira, amaciou bem o lombo dela e ela teve que atravessar.

O tropeiro virou e disse:

- Eu não disse que mulher e mula é pau que cura?

O tropeiro seguiu viagem.

O homem ali, solitário, ficou meditando sobre as palavras que o tropeiro disse e já planejou a cura da mulher.

Juntou aquele feixe de varas que o tropeiro deixou e disse:



- Vou levar ele para casa. Assim também estarei com a minha mulher curada.

Quando a mulher viu ele, caiu sobre ele de cacetada. Mas como ele estava prevendo aquilo, serviu daqueles pedaços de madeira, sovando muito bem o corpo dela e quebrou uma perna dela.

Aí, ele teve que tomar as providências, pois ti-

nha quebrado uma perna dela. Então teria que chamar o médico.

O médico veio, examinou e engessou a perna da mulher.

O homem perguntou:

- Quanto é o seu trabalho?

- Cinquenta mil.

Nesta hora o marido disse:

- Leva já cem mil, porque se ela voltar a fazer isto, fica pago o tratamento da outra perna.

Dizem que dali para cá, viveram muito bem. Nunca mais ela brigou com o marido".

Contado por Gumercindo Moreira da Silva (Nego), 69 anos (1994), residente na Rua Caetano Gotárdi, n.º 958, Vila Di Marco, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

9 - A RÃ ENCANTADA

“Era uma vez um rei que tinha muitas filhas muito bonitas, mas a mais nova era a mais linda.

Perto do palácio tinha um bosque muito fechado, um lugar maravilhoso e, no meio dele, tinha um poço fundo demais, de água muito fresquinha.

A princesa mais nova adorava ir brincar perto do poço, nos dias de muito calor. Ficava sentada e jogava para o ar uma linda bola de ouro.

Num dia, enquanto ela brincava, a bola de ouro rodou e foi direto para o fundo do poço.

A moça ficou desesperada, mas não podia fazer nada para tirar lá de dentro a bola que ela tanto adorava.

O consolo dela foi aprontar um berreiro daqueles. Abriu o bué. Chorava de fazer dó.

Nisto ela ouviu uma voz muito bonita que dizia:

- Por que você chora tão triste assim, filha do rei?

Ela procurou com os olhos, por todos os cantos do bosque, mas não viu ninguém.

Ficou muito assustada e chorava mais ainda.

De novo ela ouviu a mesma voz, mas desta vez percebeu que a voz vinha de uma rã que estava na beira do poço, com o corpo dentro da água e a cabeça para fora. Então ela respondeu:

- É você, bondosa rã? Choro, porque minha bola de ouro que eu estava brincando, caiu neste poço, e desapareceu bem lá pr'o fundo.

- É por isso, linda princesa? Então não precisa continuar chorando. Eu vou buscar a bola para você, mas o que você vai me dar em troca desse serviço?

A princesa respondeu:

- O que você quiser, minha querida amiga.

Posso dar os meus vestidos, as minhas jóias e até esta minha coroa de ouro.

A rã disse para ela:

- Não quero nada disso: nem seus vestidos, nem as jóias e nem a sua coroa de ouro. O que eu quero é que você me leve junto com você para ser sua companheira dos brinquedos, comer no mesmo prato e deitar na sua cama.

A princesinha como estava doida pela



bola de ouro, respondeu que prometia tudo o que a rã queria, se ela trouxesse aquele brinquedo.

A princesinha prometeu, mas com muito medo que a rã depois cobrasse a promessa.

A rã rápido foi ao fundo do rio e trouxe a bola de ouro.

A filha do rei depois de receber a bola, saiu correndo, com muita alegria, para casa.

A rã gritava:

- Espera, espera, filha do rei! Eu não consigo andar tão depressa como você.

Mas a princesa nem ligava para os gritos da rã, estava com medo e tinha até nojo dela. E corria sem tomar fôlego.

No dia seguinte, quando a princesa estava almoçando com a família, comendo num prato de ouro, ouviu um barulhinho de alguém que pulava os degraus da escada do palácio. E logo depois alguém batia na porta do palácio, chamando:

- Abre a porta, filha mais nova do rei.

A princesinha levantou e foi ver quem era.

Quando viu que era a rã, bateu a porta e voltou para a mesa, com muito medo.

O rei percebeu que a filha estava muito nervosa, e lhe perguntou:

- Quem é, minha filha? É algum gigante que está procurando você?

- Não meu pai, não é gigante, mas uma rã muito feia.

- E o que quer essa rã?

Então a moça, muito desapontada, contou o que tinha acontecido no dia anterior.

- E a rã, do lado de fora, continuava batendo na porta e chamando a filha mais nova do rei.

O rei, com voz muito firme, disse à menina:

- Se você prometeu, agora você tem que cumprir. Levanta e vai abrir a porta.

A menina, com muito receio, foi abrir a porta, obedecendo às ordens do pai.

A rã disse pra ela:

Me levanta daqui e leva para onde você estava.

A menina, com má vontade, apanhou a rã e levou para a cadeira, junto à mesa de refeições.

De repente, a rã saltou da cadeira para a mesa e falou pra princesinha:

- Agora põe o seu prato bem pertinho

de mim que eu quero comer.

A princesinha atendeu o pedido, mas contra a vontade dela.

A rã comeu demais, mas a princesinha perdeu por completo o apetite.

A rã depois de ter comido bastante, pediu para ser levada ao quarto da princesa, que ela queria dormir um pouco na cama de seda, para descansar um bocadinho.

A filha mais nova do rei começou a chorar, estava ainda com muito medo daquela rã que queria dormir na cama dela, tão bonita e limpa.

Mas o rei insistiu que a filha atendesse o pedido da rã, que tinha sido tão boa para ela.

Aí, a princesinha pegou a rã, botou-a no canto do quarto e foi-se deitar.

Daí, a rã saltou para cima da cama e falou:

- Eu também quero dormir um pouco aqui nesta cama. Deixa eu ficar aqui se não eu vou contar ao seu pai.

A princesa ficou desesperada. Agarrou a rã e jogou-a com toda força na parede, dizendo:

Agora pode descansar, sua nojenta!

Quando a rã caiu no chão, transformou-se num príncipe, um moço muito bonito.

A princesinha foi depressa contar ao seu pai. E o rei, na hora, achou que ele deveria ser o companheiro de sua filha.

O príncipe, então, narrou a história dele, dizendo que tinha sido encontrado por uma feiticeira maldosa que o transformou numa rã.

E que graças a menina, foi encontrada num poço, para ser desencantada.

- Agora, senhor rei, peço a mão de sua filha em casamento. Quero casar, se possível, amanhã.

No dia seguinte, pela manhã, já estava preparada uma bela carruagem puxada por oito cavalos brancos, enfeitados com muitas plumas na cabeça. As rédeas eram correntes de ouro.

Voltaram para o palácio onde morava o pai do príncipe e foram recebidos com uma linda festa.

Estão vivendo felizes até hoje.

A feiticeira quando soube que o príncipe foi desencantado, de tanta raiva, suicidou naquele mesmo dia.

Acabou a estória e quem quiser que conte outra”.

Contado por Antônio Aparecido de Miranda (Toninho), 42 anos (1994), residente na Rua Dr. Otávio Lopes Ferraz, n.º 241, Bairro de São José, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

10 - CHICO POBREZA

“Era uma vez um homem muito pobre, mas de muito bom coração, que morava num ranchinho, perto de uma lagoa.

Era pescador, mas quando alguém precisava de algum serviço de carpintaria, lá ia ele fazer.

Chico Pobreza, apesar de muito pobre, praticava a caridade, sempre sabia repartir o pouco que tinha.

Era viúvo. Os poucos filhos que tinha, quando moços, saíram de casa para lugares distantes e nunca mais deram notícias. O coitado vivia só.

Quando chegava do serviço, à noite, ficava algumas horas, sentando num toco, olhando para o céu e acariciando a cabeça de seu cachorro, único companheiro, enquanto sentia imensas saudades.

Numa noite, por lá chegaram dois homens, barbudos, de roupas bem estragadas. Estavam com muita fome e pe-



diram hospedagem. Um homem era ainda moço e o outro já velho.

Chico Pobreza, nem em pensamento, podia imaginar que eles eram Nosso Senhor e São Pedro. Deu aos homens a pouca comida que tinha e ofereceu sua cama pobrezinha aos dois e foi dormir no chão limpo.

No dia seguinte, os hóspedes agradeceram muito ao Seu Chico e, ao se despedirem, Nosso Senhor deu uma semente para o velhinho plantar, dizendo:

- É a semente de uma grande árvore, muito bonita. Plante e verá.

Os dois se retiraram. Chico Pobreza, com a semente na mão, falava sozinho:

- Pobrezinhas! São mais pobres do que eu. Esta semente era tudo o que tinham para me dar.

Chico Pobreza plantou a semente. Em pouco tempo a árvore cresceu. Ele olhava a árvore e dizia:

- Alguma pessoa deu a semente desta árvore pr'aquele moço dizendo ser de uma árvore muito bonita, mas ele foi enganado. Esta aqui é uma árvore só para encher o quintal.

E a árvore foi crescendo. À medida que Chico Pobreza envelhecia, a árvore crescia um tanto mais.

Um dia Seu Chico ficou muito doente, já não se levantava mais da velha caminha. E a árvore cresceu tanto que alcançou o céu.

Chico Pobreza morreu, abandonado, naquele pobre ranchinho.

Um anjo, de roupa branquinha, entrou no humilde casebre e foi à cama de Seu Chico. E, depois, pelos galhos daquela enorme árvore, que serviram de degraus, levou, nos braços, ao céu, a alma daquele que tão bem tratou Nosso Senhor e São Pedro.

Acabou a história tão linda de Chico Pobreza”.

Contato por Luís de Miranda (Luisinho), 44 anos (1994), residente na Rua Duque de Caxias, n.º 65, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

11 - AS SANDÁLIAS ENCANTADAS

“Era uma vez um moço pobre chamado Tito. Ele não tinha pai nem mãe e nenhum parente. Ele queria trabalhar, mas não havia jeito de arrumar um serviço.

Andava muito nervoso, porque devia trinta cruzeiros numa padaria e o padeiro vivia ameaçando ele, porque ele não podia pagar a conta.

O coitado do moço só possuía três cruzeiros e não gastava esse dinheiro de jeito nenhum, pensando numa hora de muita precisão.

Um dia ele foi ver uma feira onde se vendia de tudo e, chegando perto de uma banca, o vendedor anunciou:

- Um par de sandálias por apenas três cruzeiros!

Tito não tinha nenhum calçado. Via só de pés no chão e isto maltratava muito o pobre coitado.

Pensou em comprar aquele par de sandálias, mas ficou com medo de gastar o dinheirinho e depois passar fome.

O vendedor percebeu que Tito estava muito interessado nas sandálias e insistiu tanto com ele, que ele acabou comprando elas para proteger os pés dele.



Depois que pagou o vendedor, ainda quis arrependido do negócio que fez, mas por fim se convenceu que devia ficar com as sandálias que, apesar de não ser novas, estavam bem conservadas.

Chegou em casa, lavou bem os pés, e calçou as sandálias que eram bem confortáveis, mas não abotoou as correias. Elas ficaram soltas nos pés dele.

Nisto chegou na casa dele o padeiro gritando:

- Se este infeliz não pagar hoje, eu arrebeno ele de pancadas.

Tito ficou com muito medo e correu para o quarto onde tinha um espelho de tamanho bem grande.

O padeiro entrou, revistou a casa inteirinha, mas não viu o infeliz Tito. E saiu, resmungando:

- Eu espero ele aqui fora. Na hora que ele chegar nós vamos acertar as contas.

Tito ficou admirado, pois o padeiro tinha entrado no quarto e ele estava lá em pé e não foi visto.

Enquanto pensava no ocorrido, ele olhou no espelho e não se viu. Chegou a pensar que o espelho estava estragado, mas na mesma hora ele observou que

tudo o que tinha no quarto era visto no espelho. Só ele que não aparecia.

Mesmo assim, ele pulou de contente. Deu um pulo tão alto que as sandálias escaparam do pé. Nesse momento ele viu a imagem dele no espelho e gritou:

- Só podem ser as sandálias que me deixam invisível.

Aí ele ficou mais contente ainda e disse:

- Daqui pra frente eu não passo mais fome.

O padeiro, que estava pr'o lado de fora, cansou de esperar o devedor e foi embora.

Tito calçou novamente as sandálias e saiu para a rua pra ver se conseguia almoçar em qualquer lugar, porque ele estava com muita fome.

Passou em frente da padaria, mas o padeiro que estava na porta nem percebeu que ele passava.

Andou muito e chegou no palácio do rei.

Tinha muitos guardas na entrada, mas Tito foi entrando apressado e não foi esbarrado por nenhum deles.

Era a hora do almoço. O rei estava recebendo a visita de outros reis e tinha mandado preparar um banquete especial. Tito ficou em pé no salão.

O rei anunciou que o primeiro prato a ser servido era sopa de ovos de rolinha,

CONTOS FOLCLÓRICOS

uma comida gostosa demais.

O criado entrou com uma sopeira de ouro e Tito tirou ela da mão dele misteriosamente e engoliu toda a sopa em um minuto. Depois, sem que ninguém visse, colocou a sopeira vazia em cima da mesa.

O rei e os convidados ficaram de boca aberta e o criado chegou até a perder a cor. Parecia até coisa de feitiçaria.

Então o rei, meio desapontado, disse que o segundo prato eram ovas de tainha.

O criado entrou com o prato e quando o rei foi se servir, Tito estendeu o braço e fez a mesma coisa. Devorou tudo e pôs o prato vazio sobre a mesa.

Todos continuaram indignados.

Então, para servir o terceiro prato, que eram codornas assadas, o rei determinou que fosse vigiado por dez guardas, para que fosse descoberto o segredo do desaparecimento das comidas. Não adiantou nada. Tito, em poucos segundos, engoliu tudo sem ser visto pelo criado, pelos guardas e por todos. Parecia coisa do outro mundo.

Depois disto tudo, Tito saiu correndo para casa.

No dia seguinte, todo o povo ficou sabendo daquele acontecimento misterioso.

O rei, inconformado, mandou chamar todos os adivinhadores da cidade e também os sábios para dar explicações. Tudo foi em vão, ninguém conseguiu explicar.

Então o rei mandou espalhar a notícia de que quem conseguisse esclarecer o desaparecimento dos principais pratos da comida do almoço, ele daria a filha em casamento.

Tito ficou sabendo, correu para o palácio, mas antes de entrar, tirou as sandálias e colocou no bolso e disse aos guardas que queria falar com o rei sobre a adivinhação daquele mistério.

Ele foi levado para o salão, onde estavam o rei, a rainha, a princesa e uns guardas. Pediu pr'o rei que trouxesse uma bandeja com alguns pedaços de pão.

O rei achou esquisito o pedido que o moço fez, mas não deixou de atender.

Tito calçou rapidamente as sandálias e fez os pedaços de pão desaparecer, comendo todos eles muito rapidamente e sem ser percebido.

Depois tirou depressa as sandálias e explicou todo o segredo para o rei. E completou: agora eu ganhei a mão de sua filha.

O rei, bufando de raiva, falou pr'o Tito:

- Então você era o ladrão do jantar? Muito bem! O que você vai ganhar é a morte. Eu vou mandar enforcar você.

Tito respondeu ao pé da lata:

- Isto não, senhor rei. Não acredito nessa decisão. O senhor é rei e é rei de verdade. E desde que um homem é rei a palavra dele não volta atrás, a não ser que seja um rei de mentirinha. O senhor prometeu a mão de sua filha em casamento pra quem conseguisse explicar os acontecimentos daquele dia do almoço. Eu consegui explicar e provei. E agora, senhor rei verdadeiro?

O rei ficou até envergonhado e, muito sem graça, disse:

- Está certo: minha palavra não volta atrás, eu sou rei. Eu vou cumprir minha palavra, mas com uma condição: você terá que me dar as sandálias.

Tito concordou em dar pr'o rei as sandálias. E marcou o casamento com a princesa.

Tito convidou, como padrinhos de casamento, o homem que vendeu as sandálias pra ele e o padeiro que lhe vendeu fiado. Foi uma festa que chamou a atenção do mundo inteiro.

O rei morreu pouco tempo depois e Tito passou a ser o rei Tito. Ele é rei até hoje. Trata muito bem a todo mundo. Ajuda demais as pessoas pobres, porque ele sofreu muita fome e miséria.

Ele ficou novamente com as sandálias, mas só para fazer o bem: evitar o crime, o roubo, a violência.

Esta é a história de Tito, que era pobretão e hoje é rei".

Contado por Antônio Aparecido de Miranda (Toninho), 42 anos (1994), residente na Rua Dr. Otávio Lopes Ferraz, n.º 241, Bairro de São José, Olímpia.

12 - A ÁRVORE DE OURO

"Conta que certa vez um velho muito pobre, sem parentes e sem amigos, vivia de esmolas e não tinha nem uma choupana onde morar. Vivia no mundo sozinho.

Era um homem muito educado e de voz muito meiga.

Num dia, à tardezinha, ele estava com muita fome e bateu palmas numa casa onde estavam só dois irmãos ainda pequenos, um menino e uma menina.

Eles atenderam o pobre velho e pediu que ele esperasse um pouco que iam preparar um lanche para ele, porque os pais não estavam em casa.

Era uma família também pobre, mas os meninos já tinham aprendido que se deve repartir com os pobres o pouco que se tem a mais. Cortaram um pedaço de pão e rechearam com um ovo frito e deram pr'o velho.

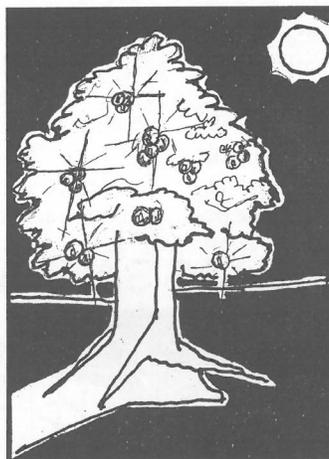
O mendigo agradeceu os meninos, pediu que Deus abençoasse eles e disse:

- Eu não tenho nada para dar pra vocês, mas trago aqui no bolso, duas sementes, nada mais. Vou dar uma para cada um. Você plantam, e cuidem bem delas e vão ver que árvores bonitas que elas vão virar.

As crianças receberam as sementes e o velhinho despediu-se e foi-s'embora.

Quando o velhinho já estava um pouquinho distante, a menina falou pr'o irmão.

- O que eu quero fazer com árvore?



Não vou plantar isso não!

E arremessando a semente, jogou ela para bem longe.

Já o menino não pensou assim. Cavou um buraco, num canteiro da porta da sala da casa, e depositou aquela semente e jogou um pouco d'água para ajudar a germinar.

O tempo foi passando, aquela árvore crescia forte e muito bonita, e o menino cuidava dela com

todo o carinho.

Um dia a árvore já era grande e deu a primeira carga de flores. Eram flores muito bonitas e diferentes de todas as flores que se conheciam. A família toda ficou encantada com a beleza que a árvore representava.

No dia seguinte, o menino levantou à hora que o sol estava nascendo e foi admirar sua árvore encantadora.

Mas o menino ao encarar a tão querida árvore, ficou surpreso. Quase não pôde olhar muito firme para ela. Com os raios do sol batendo, ela refletia um brilho amarelo tão forte que quase cegava as vistas.

O menino correu a chamar o pai para ver a árvore. Quando o pai do menino foi apalpar um dos frutos, para ver o que era, quase caiu de costas, de tanta emoção. A árvore estava carregadinha de ouro".

Contado por Riolando Irâni (Nenzão), 43 anos (1979), residente na Rua Bernardino de Campos, 900, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

13 - A TOALHA MÁGICA

“Diz que era uma vez um home muito pobre que tinha muitos fio. Vivía na maió infelicidade. A famia andava toda doente, passava muita fome. A muié infernava o dia intero a vida do pobre coitado. Um dia, não suportando mais o sofrimento, saiu de casa pricurando algum recurso para sarvá os coitadinho, que padecia muito, por falta de comida.



Andô, andô, andô e não arrumô recurso e nem um empreguinho pra resorvê a situação.

Numa tarde, muito cansado, parô sobre um tronco seco de arve e, sozinho, lamentava a vida. Nisto, aparece perto dele, como por encanto, um veinho (velhinho), de voz muito macia, que perguntô:

- Por que está assim tão triste, meu ami-gu?

- Estô triste porque não consigo resorvê os problema da minha casa. Minha famia é grande. Nós é muito pobre. Os fio está muito doente, quase morreno de fome. Só por milagre de Deus é que posso dá vorta nessa situação.

O veinho, que era Nosso Senhor, ficô com tanta pena do coitado e disse pra ele:

- Meu fio, eu vô dá pra você uma toaia poderosa que é só estendê ela e pedi pra produzi comida, qu'ela fica cheinha de prato de sargado e de doce. É uma beleza! Só que tem uma coisa. Na hora que você vortá pra casa, se você passá na casa daquele seu compadre rico, não fala nada pra ele. Ele tem uma toaia simples, que é igualzinha esta, e pode trocá, tapeano você.

O veinho ficô muito satisfeito, despediu de Nosso Senhor e foi embora. Já era noitinha e ameaçava chuva.

Quando ele foi passano perto da casa do compadre rico, o compadre chamô ele pra tomá uma xicra de café. Ele foi. Tava tão contente que acabô contano pr'o compade que tinha ganho uma toalha milagrosa e pediu pra comade estendê ela.

Foi uma beleza a comida que apareceu. Aí, a comadre falô pra ele:

- Compadre, posa aqui em casa hoje. Já é noite e vai chovê. O pobre do bobo aceitô o convite.

Quando ele tava dormino, a comade trocô as toaia. Ficô com a toaia milagrosa e botô a toaia simples no lugá.

Quando o dia amanheceu, ele se levantô, pegô a toaia e foi pra casa. Chegano em casa, falô pra muié:

- Agora nós não vai mais passá fome. Eu truce uma toaia que ganhei que é só pedi que ela produz tudo quanto é comida que há. A mulher, com ar de alegria, ajuntô uns caixote e estendeu a toaia. E disse:

- Produz toaia.

E nada. Falô muitas vez e a toaia ficava do mesmo jeito.

Aí, a muié ficô co'os nervo na flor da pele. Xingô o marido de mentiroso, de vagabundo, de sem-vergonha e deu uma surra nele, de cabo de vassora, e falô pra ele:

- Ajunta seus trapo e some daqui de casa. Você não vale nada. Desaparece da minha frente.

O coitado do home, saiu de casa, dormiu

pr'os mato e comia só arguma fruta que encontrava nos pastos.

Um dia, muito aborrecido, ele resorveu vortá naquele lugá onde tinha encontrado Nosso Senhor. Mal ele chegô, Nosso Senhor apareceu.

Ele contô o que tinha sucedido co'ele. Nosso Senhor disse pra ele:

- Você desobedeceu. Não falei pra você tomá cuidado com os seus

compade que eles podia tapeá você. Foi isso que aconteceu. Mas não fica triste que eu vô te dá um reio mágico. É só você falá pra ele assim:

- Desanda, reio! E ele vai batê na pessoa que te fizê quarquê má ação.

Outra vez o pobre agradeceu Nosso Senhor e vortô pra casa. No camim, parô na casa do compade e a comade foi logo priguntano. Que reio é esse, compade?

- É um reio mágico.

- O que ele faz, compade?

- Ele surra, sozinho, as pessoa má.

- Como assim, compade?

- A senhora qué vê?

- Quero sim.

O pobre disse:

- Desanda, reio!

Foi só guascada no corpo dela e no corpo do compade. Eles gritava:

- Pára com isso, compade.

O pobre respondeu:

- Só paro, se a senhora devorvê a toaia que a senhora trocô naquela noite que eu posei aqui.

- Tá bom, compade. Eu vô devorvê.

E entregô a toaia pra ele.

Ele foi embora, com a toaia milagrosa e, chegano em casa, foi falano pra muié:

- Ajeita os caixote que agora a toaia que eu truce vai produzi todas as qualidade de comida.

A muié, ainda muita nervosa, respondeu:

- Você vortô e vem co'a mesma mentira? Você tá quereno uma surra de pau de te deixá moidinho.

- Não é isso, muié. Essa toaia é a verdadeira.

A muié, meio desconfiada, arrumô os caixote.

Ele ordenô:

- Produz toaia!

Apareceu de tudo, do bom e do mió. Chamaro a fiarada e eles comero até não podê mais. Depois, o home ordenô que aparecesse a sobremesa. Todos eles comero até estufá a barriga.

A muié não se cabia de contente. E tratava o home de maridinho querido.

Nisso, ele falô, tem mais uma novidade.

Ela perguntô:

O que é, meu bem?

- É este reio. Ele é mágico. Ele travaia sozinho.

Ela ficô toda curiosa, e disse:

- Quero vê.

Ele só disse:

- Desanda, reio!

A mulher enquanto apanhava, dizia:

- Você tá ficano loco, marido. Pára co'isso.

Ele deu orde pr'o reio pará e falô pra ela:

- Isso é pra você nunca mais me batê e tamém não falá que vai batê ni mim.

Depois disso, a muié de tanta sastifação de pensá que nunca mais ia passá fome, nem ela, nem os fios e o marido, acho que nem sentiu a dor das chicotada.

Daí pra frente, a famia indireitô a vida. Nunca mais fartô comida. Todos ficaro com saúde. E com o tempo ficaro rico.

Acabô a história.”

Contado por Narcisa Batista de Miranda, 74 anos (1994), residente na Avenida Júlio Ferrânti, n.º 237, Bairro de São José, Olímpia.

14 - AS SETE MENTIRAS

“Era uma vez um home que pegou um machado pra ir tirar mel de jataí no mato. Saiu com o machado nas costas e quando passou numa palhada, viu uma porção de pombas que não acabava mais. Tinha tantas pombas que estava forrado o chão. Aí ele pensou:

- São tantas pombas e eu não tenho nem uma pedra pra matar, pelo menos, uma delas. Eu devia ter trazido uma espingarda que eu matava trinta pombas com um só tiro.

Mas logo pensou no machado. Jogou o machado com tanta força nas pombas que depeinou todas elas. Elas voaram e só deixaram as penas. E no meio de tantas penas estava difícil achar o machado. Aí ele teve uma idéia:

- Eu ponho fogo nas penas e fica fácil pra achar o meu machado.

Riscou um fósforo e num instante tudo ficou queimado, até o cabo do machado. Encontrando o machado sem o cabo, ele pensou:



- O que eu faço com esse machado sem cabo?

Como ele era ferreiro, levou o machado para casa e com ele fez dois anzóis. Pegou uma vara e um dos anzóis e foi pr'o rio pescar. Chegando na beira do rio, pôs o anzol na água e espera que espera, e peixe nenhum vinha morder a isca. Mas chegou uma hora que a coisa físgou feio. Então ele puxou o anzol e físgou um baita de um cavalo castanho, bonito pra chuchu. Aí ele falou:

- Puxa vida! Que cavalo bonito!

Então ele arreou o cavalo, montou e saiu passeando nele. Passeou uns sete dias, mais ou menos, e não desarreava o pobre do animal, nem mesmo pra dar comida. O dia em que tirou o arreio do lombo do animal, havia uma pisadura tão feia, que dava medo. Ele falou, indignado:

- E agora, o que vou fazer pra arrear esse animal? Estou vendo que tão cedo não vou poder arrear ele.

CONTOS FOLCLÓRICOS

15 - O PADRE VIAJANTE

Um camarada que viu o homem assombrado com o ferimento no lombo do cavalo, ensinou um bom remédio.

- O senhor pega sete favas e torra elas bem torradinhas.

Mói bem moidinhas e joga o pozinho na pisadura e solta o animal no pasto que em poucos dias ele ficará são.

O cavaleiro fez como o amigo mandou. Pediu licença pra um fazendeiro amigo e soltou o cavalo no pasto. Passado uns seis ou sete dias, ele saiu pr'o pasto procurando o seu belo animal castanho, e nada de encontrar. O pasto que era limpo, numa semana estava num mato de fazer dó. Ele passava perto de uma mata imensa, mas não conseguia encontrar o cavalo de estimação. Andava pra lá e andava pra cá, perguntando sempre: Cadê o meu cavalo? Cadê o meu cavalo? Enjoado de tanto procurar, ele disse:

- Vou lá pra aguada. Quando o cavalo for beber água eu pego o danado.

Foi pra aguada. Quando o cavalo abaixou a cabeça pra beber água, ele muito alegre, disse:

- Ele está aqui! Vamos embora, meu lindão!

Amarrou uma corda no pescoço do cavalo e saiu puxando, mas aquela mataria toda ia acompanhando o animal. O cavaleiro, muito assustado, perguntou:

- Que desgrama é essa?

Mas logo percebeu o que era aquilo. Aquele pozinho de fava torrada que ele havia jogado no lombo do cavalo, pra curar a pisadura, tinha nascido, e formou uma moita muito grande de favas, que já estavam no ponto de colher. Já estavam todas secas. E logo falou:

- Estão no lombo do meu cavalo, logo estas favas me pertencem. Vou colher.

Pediu a um fazendeiro amigo o terreiro da fazenda, encostou o cavalo de um lado, caçou uma foice e roça pra cá e roça pra lá, colhe fava de todos os lados. Bate que bate fava. Ensaca fava daqui, ensaca fava dali. Vende fava pra uns, vende pra outros. Caminhão de transporte que chega e caminhão de transporte que sai lotadinho de sacas de fava. Quando estava terminando a fartureta colheita, viu uma porca no terreiro comendo as favas que estavam ajuntadas num monte. O homem, enfezado, jogou uma foice na porca. O cabo da foice entrou na barriga da porca e a foice ficou pr'o lado de fora, virada de lado.

A porca, doída de dor, subiu correndo, num serrado muito sujo da fazenda. E, quase louca, corria pra cima e corria pra baixo. Parecia uma roçadeira. Quando a porca cansou de correr, já tinha roçado mais de trinta alqueires de serrado da fazenda.

Então o dono da propriedade, vendo o terreno todinho roçado, foi perguntar pr'o homem quanto era o preço do trabalho dele.

Ele respondeu, bem inchado:

- Não é nada não. É uma gratificação para o senhor.

Vocês viram, coisas que parecem impossíveis, mas aconteceram."

Contada por Antônio de Sousa, 53 anos (1983), residente na Rua Júlio Ferrânti, n.º 243, no Bairro de São José, Olímpia.

"Era um padre que fazia a missão pelas fazendas. Um dia, ele viajando, passô num lugar, numa casa na beira da estrada e ele parô para pedi informação sobre um caminho e vê se o rio dava passagem de um lado para o outro.

Encontrô um menino em cima do fogão, com um garfo na mão e o caldeirão de feijão destampado.

Com a fervura do fogo, o grão de feijão subia e ele tentava pegar com o garfo.

O padre então perguntô:

- Que que você está fazendo?

Ele respondeu:

- Como o que espeto e espero o que sobe.

Aí o padre disse:

- Cadê seu pai?

Ele respondeu:

- Meu pai foi trabalhá.

E o padre perguntô:

- E a sua mãe?

- A minha mãe foi cortar lenha.

O padre perguntô.

- Ela volta já?

- Volta, porque tem que fazê o almoço.

O padre então disse:

- Filho, esse rio aí é raso?

Ele respondeu:

- Claro que é raso. O gadinho do meu pai passa pra lá e pra cá todos os dias.

O gadinho que ele dizia era os patinhos do terrero.

O padre tocô a mula e jogô no rio e se afundô. Com muito sacrifício conseguiu saí do outro lado.

À tarde aconteceu a mesma tragédia.

Chegô todo molhado na casa do pai do menino e disse ao homem:

- Senhor, como o senhor tem um filho inteligente!

É um pecado ele se criar aqui. Este menino tem que estudar, porque acontece que ele é um sábio e está perdendo o tempo aqui no mato.

O homem respondeu:

- Como, seu vigário? Eu não tenho parente na cidade. Não tenho recurso pra deixar o menino no estudo.

O padre disse:

- Se o senhor quisé, eu levo o menino e dô educação pra ele. Ponho na escola. E você será um pai feliz mais tarde.

O homem conversô com a mulher, juntô toda a ropinha do menino e mandô que ele fosse com o padre.

Chegando na casa do padre, o padre mandô que ele tomasse banho, trocasse de roupa e depois jantaram. Depois o padre falou:

- Amanhã nós começamo a sua lição.

No outro dia, depois do café, o padre pegô uma palmatória e disse ao menino:

- Venha aprendê a lição da vida.

O menino chegô perto do padre, o padre segurô ele pelas mãos e disse:

- Como eu chamo?



O menino respondeu:

- Padre.

- Eu não sô padre, sou papa-hóstia.

E deu-lhe uma pancada.

Depois mostrô a cama e perguntou:

- O que é isto aqui?

Ele respondeu:

- É cama.

- Não é cama. É forgazona.

O padre lhe deu duas panca-

da.

Depois mostrô a calça e perguntô:

- É o que é isto?

- É calça.

- Não é calça. É tiras e vira.

E tornô a batê de palmatória.

Depois mostrou-lhe o chinelo.

- É esse aqui, o que é?

- É chinelo.

- Não é chinelo. É chuchurumelo.

Apanho outra vez.

Nisto um gato ia passando, e o padre perguntô:

- O que é isso aqui?

- É um gato, respondeu o menino.

- Não é gato, é papa-rato.

Mais palmadas no menino.

Mostrô o fogo, no fogão, e perguntô:

- O que é aquilo ali?

O menino respondeu:

- É fogo.

- Não é fogo. É rasa-mundo.

E continuô batendo nele.

Mostrô um balde d'água e perguntô o que tinha dentro:

O menino respondeu:

- É água.

- Não é água. É abundância.

Bateu de palmatória nele, de novo.

Depois ele mostrô a casa e perguntô:

E isto aqui, que nós tamo dentro, como chama?

E o menino, desesperado, respondeu:

- É casa.

- Não é casa, menino. É tranfincança, casa feita de pau-a-pique e coberta de sapé.

Bateu outra vez nele. E depois deu um banho de salmora nele. E disse pra ele:

- Você vai ficar quietinho. Eu vou deitar e à tarde nós continuamo a lição.

O padre deitô, pegô no sono e começô a roncá.

O menino teve uma idéia: Pegô um punhado de palha, marrô no rabo do gato, pôs fogo, jogô em cima da casa e disse bem arto pr'o padre:

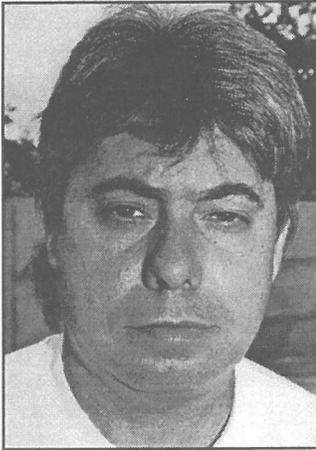
- Acorda seu papa-hóstia, do braço da forgazona, veste as tiras e vira, carça seu chuchurumelo, venha ver o papa-rato que vem com a rasa-mundo no rabo. Acorda com abundância que vai lá vai ao diabo a tranfincança".

Contada por Antônio Miranda Sobrinho (Tô), 59 anos (1994), residente na Rua Manuel Loureiro, n.º 164, distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

CONTOS FOLCLÓRICOS

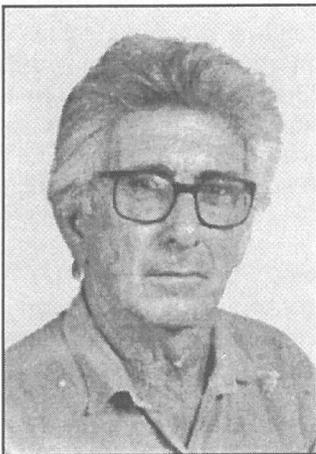
NARRADORES DOS CONTOS

1



1 - **Antônio Aparecido de Miranda (Toninho)**, casado, servidor municipal, instrução primária: **A Rã Encantada (9)** e **As Sandálias Encantadas (11)**.

2



2 - **Antônio de Sousa**, casado, barbeiro, instrução primária: **As Sete Mentiras (14)**.

3



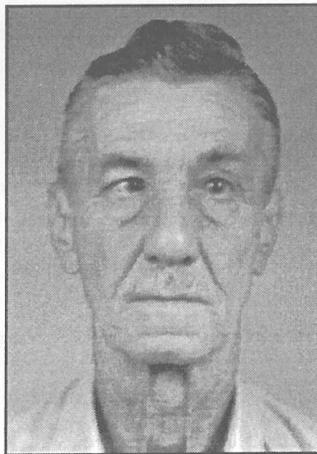
3 - **Antônio Miranda Sobrinho (Tõi)**, casado, servidor municipal, instrução primária: **São Longuinho (2)** e **O Padre Viajante (15)**.

4



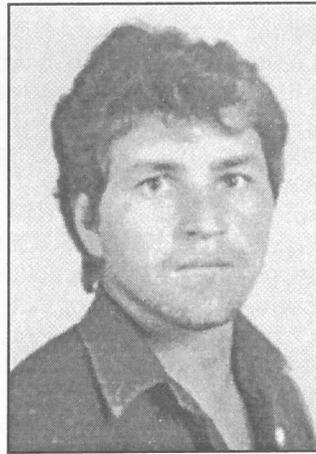
4 - **Brígida Charaba de Sousa (Anésia)**, casada, do lar, instrução primária: **As Confusões de Diufá (5)**.

5



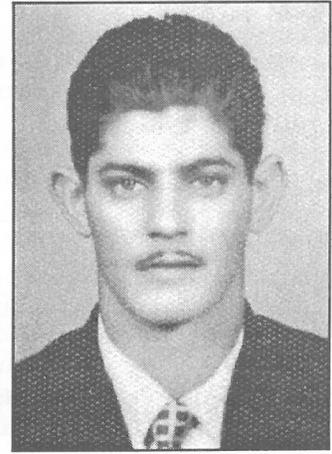
5 - **Gumercindo Moreira da Silva (Nego)**, casado, servidor municipal, instrução primária: **O que Cura Teimosia é Paulada (8)**.

6



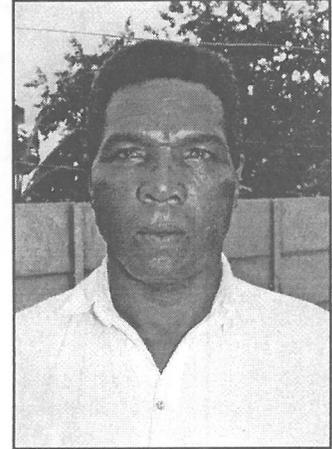
6 - **Jesus Carlos Batista (Fio)**, casado, trabalhador rural, pouca instrução: **O Laço de Ouro (3)** e **Antônio Menegote (7)**.

10



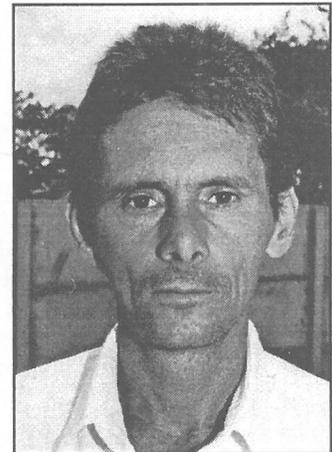
7 - **José Rodrigues**, casado, aposentado, instrução primária: **Joãozinho Borracheiro (1)** e **As Baralhadas de João Bobo**, variante de **As Confusões de Diufá (5)**.

7



8 - **Luis de Miranda (Luisinho)**, casado, pintor, instrução primária: **O Cortador de Lenha e a Morte (6)** e **Chico Pobreza (10)**.

8



9 - **Narcisa Batista de Miranda**, casada, do lar, pouca instrução: **A Toalha Mágica (13)**.

10 - **Riolando Irâni (Nenzão)**, casado, agricultor, instrução primária: **Os Três Ladrões (4)** e **A Árvore de Ouro (12)**.

A chupeta do capeta

- e outras mais tabaquices e baforadas -

ANDRÉ LUIZ NAKAMURA

Departamento de Folclore - Olímpia

“... Após dos vapores do vinho os vapores da fumaça! (...) O fumo é a imagem do idealismo, é o transunto de tudo quanto há mais vaporoso naquele espiritualismo que nos fala da imortalidade da alma!”

Álvares de Azevedo

FUMO: - do latim *fumus* (fumaça), veio a ser sinônimo de *tabaco* em decorrência da fumaça produzida por esta planta quando em combustão; tabaco pronto para se fumar; o próprio vício de fumar, tabagismo; vapor de desagradável cheiro que emana dos corpos em ignição ou decomposição; qualquer vapor ou fumaça; torrefação; fuligem. Em sentido figurado: espuma; faixa de crepe que se usa em sinal de luto; mal-estar provocado pela ação de supostos vapores que subiriam do estômago para o cérebro: “os fumos do álcool”; aquilo que é efêmero, transitório, o “nada”; ilusão; cheiro; reputação; jactância, cabotinice, vaidade, soberba, presunção; maconha; o órgão sexual masculino; *fumos*: laivos, vestígios, suspeitas.

TABACO

Étimo: do árabe *tabbâq* ou *tubbâq* (entorpecente, erva embriagadora e narcótica), “... e os portugueses (...) têm por grande vício estar todo o dia e noite deitados nas redes a beber fumo, e assim se embebedam dele como se fora vinho” (Fernão Cardim); outra versão, porém, considera o termo originário do vocábulo taino *tobacco* (instrumento em forma de Y pelo qual os ameríndios inalavam o tabaco em pó); outra, ainda, diz haver a palavra se formado sob influência do topônimo Tobago (nas Antilhas inglesas), onde os espanhóis teriam encontrado a planta que em Portugal a chamariam “erva santa”.

Os brasileiros preferem o termo *fumo*, em sentido amplo, a *tabaco*, sendo este mais usado para designar o ra-

pé. Em sentido conotativo, *tabaco* significa também: substância amarelada que cobre a superfície marítima durante as calmarias; órgão sexual feminino; “Não vale uma pitada de tabaco” (não vale nada); “Não ganhar para o tabaco” (ter remuneração ínfima ou insuficiente).

Conceito: espécie vegetal da família das solanáceas pertencente ao gênero *Nicotiana*, ao qual se filiam dezenas de outras espécies; as principais utilizadas na atual indústria fumageira são *Nicotiana rustica* e *Nicotiana tabacum*. A primeira, com alto teor de nicotina, está restrita a países asiáticos. A seguinte tem prevalência mundial no cultivo para industrialização, a qual hoje se especializou quanto aos tipos de fumo empregados nas diversas formas de se consumi-lo: mascado, aspirado e fumado. O tabaco para fumar tem na atualidade padronizada e criteriosa produção, dividindo-se em *fumo de cigarro*, *fumo de charuto*, *fumo de cachimbo* e *fumo de corda*. Das 450.000 toneladas de fumo produzidas no ano passado, 390.000 foram destinadas ao fumo de cigarro, e o restante para os demais. A cultura do fumo, que se foi aperfeiçoando cada vez mais a partir do método rudimentar aprendido com os índios, é hoje desenvolvida em praticamente todo o mundo, haja vista que não requer condições especiais de clima, e que vários tipos de solo são a ela propícios, contanto que não apresentem problemas de encharcamento. O sociólogo cubano Fernando Ortiz (informa Jean Baptiste Nardi) diz que com o fumo ocorreu um dos maiores fenômenos de transculturação no mundo.

BREVE RELATO HISTÓRICO

Oriundo do “Novo Mundo” e considerado por muitos um legado de vingança amerígena, o fumo também foi descoberto em algum ponto da América Central pelos tripulantes da desencontrada embarcação expedici-

onária de Colombo. Eles observaram os nativos a sorver e expelir fumaça de um canudo feito de folhas secas acesas, em ocioso deleite, ou ainda em ritual, quando reunidos em torno do fogo, aspirando o *fumo* que subia do tabaco em combustão por uma “pepeta” comprida. As outras formas de se consumir o fumo (cheirado, sugado, mascado e até ingerido), hoje todas elas tidas como nocivas, também foram verificadas entre os indígenas, em diferentes regiões das terras então desbravadas.

Ao regressarem, gostosos da novidade, os aventureiros provavelmente resolveram levar consigo algumas mudas e sementes da exótica planta. Mas o frade carmelita André Thevet, que, segundo consta, foi um dos primeiros a descrever o tabaco e a dissertar sobre o uso que deste faziam os aborígenes, reivindicou a proeza em seus escritos afirmando que partiu dele a iniciativa de levar o fumo à Europa. Outra versão diz que o responsável por isso teria sido o português Luís de Góis, que viveu durante vários anos no Brasil. Jean Nicot, porém, embaixador da França em Portugal, é considerado o principal difusor do fumo no Velho Continente, auferindo para si toda a fama ao presentear a Rainha Catarina com tabaco em pó. Há, inclusive, documentos provando a sua cultura com sementes levadas do Brasil, em 1559, no jardim do diplomata de cujo nome deriva o vocábulo *nicotina* (alcalóide líquido encontrado no fumo).

A partir daí, o consumo do tabaco, a princípio apresentado para uso medicinal, propagou-se por todo o mundo, sob a tácita e sedutora coercitibilidade da moda, que em torno dele se fez, começando pelos marinheiros e soldados. No início, era mais comum o rapé, seguido de perto pelo cachimbo e o charuto, que posteriormente cresceram em popularidade; até clubes para se fumar foram criados, tamanha a volúpia que causou.

O FOLCLORE DO FUMO

Entrementes, em meio a índices ascensionais de fumantes, e a empíricas evidências de que o fumo era nocivo à saúde, registram-se casos hediondos de tortura e morte envolvendo o fumo, já em meados do séc. XVII, quando monarcas absolutos, mormente na Ásia e no Oriente Médio, infligiam aos súditos fumantes horrores que variavam da força à castração, da decapitação ao sádico requinte de derramar-lhes chumbo derretido na garganta, além de outras mutilações. Concomitantemente, os Papas Urbano VIII e Clemente XI ordenaram que se excomungassem todos os fumantes, pois o fumo era obra do Diabo.

Tais (des) medidas punitivas, mais repugnantes que qualquer moléstia associada ao tabagismo, mostraram-se espetacularmente ineficazes, e o governo francês, seguido por quase todos os outros, revogou quaisquer atos coercitivos atinentes ao fumo, percebendo os lucros que resultariam de uma alta tributação incidente sobre ele. Na ocasião, o enorme êxito dessa política chegou a fazer da produção e comercialização do tabaco monopólio estatal em alguns países.

Posto isso, lembremos, enfim, que, após ter o uso do fumo se consolidado mundialmente, convencionou-se denominar os séculos que se sucederam segundo a forma predominante de se consumir o tabaco em cada qual. Destarte, o século XVIII foi o século da tabaqueira, por causa do rapé, o séc. XIX, o do charuto, e o séc. XX, que ora se finda, o do cigarro.

No Brasil, onde já se fumava há muito tempo, o fumo foi cultura ancilar da cana-de-açúcar, a grande estrela da economia agrícola do período colonial. Mas, ainda assim, teve então considerável valor econômico, servindo como moeda na aquisição de escravos (o escambo africano), juntamente com a cachaça e a rapadura. Os portugueses no início utilizavam o fumo produzido pelos índios, até que, visando à exportação, comesçassem a cultivá-lo, no Recôncavo Baiano. No século XVIII deu-se o paroxismo mercantil do fumo no Brasil Colônia, o qual sofreria certo declínio nos primeiros tempos do século XIX, quando se principiou a arrefecer o tráfico escravista. Entretanto, com o advento da Independência e a ascensão comercial defluente da abertura dos portos brasileiros, a cultura do fumo revigorou-se plenamente, expandindo-se para outros pontos

além da Bahia, tais como Minas Gerais, São Paulo, Goiás e, principalmente, o Rio Grande do Sul.

A importância mercantil e cultural do fumo em nosso país foi de tal significação que chegou ele inclusive a figurar na Bandeira do Reino do Brasil, ao lado do café, “como emblemas de sua riqueza comercial”, conforme registra o Decreto de 18 de setembro de 1822, assinado por D. Pedro I. Pouco depois, não obstante à mudança que se operou na Bandeira com a substituição da Coroa Real pela Imperial, as folhas de fumo continuaram a coroar, junto com os ramos de café, o símbolo da nacionalidade, mantendo-se até hoje nas Armas Nacionais.

A indústria brasileira do fumo começou pelo rapé, no século XIX, com a chegada de D. João VI ao Brasil. Antes, como a corte proibia que aqui houvesse fábricas, o rapé era então proveniente de Portugal, embora fosse lá produzido com fumo brasileiro. As primeiras fábricas teriam surgido no Rio de Janeiro, provavelmente em 1817 (os dados são imprecisos).

Conta-se que no início do século XIX houve na sociedade do período um certo conflito estilístico entre os consumidores de rapé e os adeptos do charuto, do qual este sairia vencedor, vindo a ter amplo predomínio entre 1803 e 1930 (o início efetivo da hegemonia do cigarro).

O charuto, a princípio inteiramente manufaturado, era produto de fabricação caseira, empreendida pelas famílias dos lavradores. As fábricas foram surgindo paulatinamente, em 1850, na Bahia, Rio, São Paulo e no sul do Brasil.

No século XX, apareceram finalmente as fábricas de cigarro, sobretudo no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, sendo que em 1903 o imigrante Alberico Souza Cruz fundou a primeira companhia brasileira de cigarros, a “Souza Cruz”.

Desde meados deste século, a geografia do fumo no Brasil está assim definida: a região Sul, pelos fumos claros para cigarros; o Nordeste (mormente Bahia e Alagoas) pelos fumos escuros para charutos; e os demais estados (sobretudo Minas, Goiás e São Paulo) pelo fumo em corda.

Atualmente, em que pese ser o terceiro na produção mundial, o Brasil é o maior exportador de fumo (em folhas), superando os E.U.A. a partir de 1993 (275500 toneladas para exportação de um total de 450000 toneladas produzidas em 1994).

A FABRICAÇÃO CASEIRA DO FUMO DE CORDA

Em Olímpia, Capital Nacional do Folclore, sempre se produziu fumo, ainda que para consumo local, envolvendo pequenos negócios. Mas houve aqui uma época, entre 1965 e 1980, que o cultivo e o comércio do fumo de corda tiveram grande importância na economia do Município.

Para melhor ilustrarmos esse fato, colhemos o depoimento de Antenor Recco, 58, filho de José Recco, cuja família foi a grande expoente da lavoura fumeira em Olímpia. José Recco, descendente de italianos, e seus sete filhos (duas mulheres) começaram a cultivar fumo em 1950, numa pequena propriedade rural. A produção, no entanto, expandiu-se proporcionando-lhes considerável prosperidade, com a ampliação de suas terras, simultânea à das áreas plantadas. Eles produziram fumo até 1980, quando passaram a dedicar-se à laranja.

Tratemos agora, com as informações de Antenor Recco, da fabricação caseira do fumo, ressaltando que o vasto vocabulário e os métodos empregados no cultivo e no preparo do fumo divergem de um fabricante para outro. Lembremos ainda que no Brasil, onde a produção de fumo se verifica em todas as regiões, está havendo certa tendência para o desaparecimento do fumo de corda (de uso maior no interior dos estados).



O plantio do fumo inicia-se, segundo Antenor, em dezembro, com a semeadura em canteiros. Quando os brotos tiverem altura média de 20 cm, são transplantados para a roça, onde os pés devem ficar a uma distância aproximada de 1 m². Para que a planta não perca a força, e para que as folhas engrossem, oferecendo maior rendimento, opera-se a *capação* e a *desbrota*, ou seja, cortam-se as flores que brotam, renovando-se o procedimento a cada quinze dias. Quanto ao controle das pragas (*marandová* - *mandarová do fumo*, o “purgão”, a *lagarta rosca*, etc), Antenor diz que não usavam in-

O FOLCLORE DO FUMO

seticidas; retiravam-nas à mão, visando à pureza do produto. A colheita processa-se em julho, com a retirada das folhas maduras (quando pintadas), que são então levadas a um estaleiro de bambu para murchar. Passados três ou quatro dias, as folhas são *destaladas* (destalar = extrair-se o *talo*, a nervura central que divide a folha), após o que são fiadas num aparelho semelhante ao sarilho de cisterna, que o chamam "roda de fiar", resultando numa corda que se vai torcendo - o chamado "cochar". Duas ou três cordas são novamente acochadas para formar as definitivas, que depois são colocadas ao sol, no "pau de virar fumo" (assa-peixe, madeira que não exala cheiro), virando-as e transferindo-as de um pau para outro, diariamente, para não "azedar," e para que escorra do fumo o *melado* (substância viscosa), "cochando" toda vez que esse exercício for efetuado (de oitenta a noventa dias). "É algo realmente trabalhoso", finaliza Antenor, dizendo que, depois de pronto, o fumo é encapado com folha de bananeira, que o conserva por bom tempo.

O RAPÉ, OU "TABACO"

"Homens há que parece não podem viver sem este quinto elemento (o tabaco); cachimbando a qualquer hora em casa, mascando suas folhas, usando de torcidas, e enchendo os narizes deste pó".

Antonil

Também conhecido por *amostrinha*, *areia-preta*, *esturrinho*, *pó de fumo*, *pó*, *simonte*, *torrado*, *tabaco de caco*, simplesmente *caco* ou até mesmo *tabaco*, o rapé - fumo moído para aspiração nasal - já era vício coletivo entre os ameríndios de algumas tribos, que o produziam triturando as folhas ressecadas de fumo em pilões de pau-rosa (pitima cui, petingui, na língua tupi-guarani).

Divulgado a partir de Portugal, o rapé já experimentava o sabor da fama em princípios do século XVII, acondicionado em luxuosas tabaqueiras, e consumido tanto popularmente - inclusive pelas damas - quanto por celebridades como Napoleão Bonaparte, que, dizem, trazia-o no bolso. Era, além disso, atitude de muita elegância expargir-se o "pó aromático" nas roupas.

O rapé, hoje costume restrito (de

proporções estatísticas quase insignificantes, a exemplo do fumo para mascar), já teve grande popularidade, tendo sido até objeto de "campeonatos" realizados entre crianças, para ver quem espirrava mais. Usava-se também, por precaução, cheirar rapé na primeira chuva do ano, para evitar gripe.

Hodiernamente, apesar da industrialização, ainda se encontra "tabaco" (como é mais conhecido entre nós) feito pela mão do povo. Em Olímpia, por exemplo, entrevimo-nos com alguns "rapezeiros" (raros), que gentilmente nos passaram suas receitas de rapé - puro ou composto para fins terapêuticos.

RECEITUÁRIO

1 - Rapé puro

Picar o fumo, esfrelá-lo bem na palma da mão e torrar numa caixeta, tomando muito cuidado para não deixá-lo queimar. Torná-lo a pó com o auxílio de uma garrafa ou pau de macarrão. Guardá-lo num recipiente bem fechado para não derrancar.

2 - Contra Gripe, Sinusite, Cefaléia

Ingredientes:

Fumo picado, 3 emburanas, meia noz-moscada, 3 cravos, 3 galinhos de hortelã, um punhado de erva-de-santa-maria, um punhado de alecrim, 1 colher (de café) de Vick Vaporub, 3 folhas de laranja e alcânfora (alcanfor).

Preparo:

Torrar separadamente o fumo, a noz-moscada com a emburana, os cravos e as ervas. Tomar cuidado para não deixar passar do ponto. Transformar tudo em pó, com o auxílio de uma garrafa, sobre uma superfície lisa, até ficar bem fininha. Depois de pronto, acrescentar uma pequena quantidade de alcânfora (raspada), juntamente com o Vick Vaporub, misturando-o com o dedo até ficar bem dissolvido.

3 - Contra Resfriado, Irritação de garganta

Ingredientes:

3 galinhos de alecrim (sem haste), fumo picado (4 dedos), meia noz-moscada, 1 colher (café) de canela em pó, 3 emburanas.

Modo de fazer:

Colocar todos os ingredientes, exceto a canela em pó, numa assadeira, no forno, para torrar, cuidando para que não passe do ponto. Após isso, colocar tudo numa superfície lisa, moer com uma garrafa e acrescentar pitadas de canela. Guardar num recipiente fechado para não derrancar.

4 - Outra contra sinusite

Ingredientes:

Fumo moído, alcânfora, emburana, folha-de-são-caetano, noz-moscada, folha-de-alecrim, semente de ipu (batata de pulga), folha de hortelã, óleo de copaúba, folha de arruda.

Modo de fazer:

Torrar separadamente todos os ingredientes, à exceção da alcânfora e do óleo. Mói-se primeiramente o fumo, adicione os demais adjuntos, deixando para o final a alcânfora - que deverá ser raspada - e o óleo de copaúba, os quais serão acrescidos à mistura enquanto esta estiver ainda meio aquecida. Mói-se novamente e guarda-se em vasilhame bem fechado para conservar o aroma.

5 - Contra frieza que dá no osso e Contra feitiço

Ingredientes:

3 dentes de alho, aproveitando-se apenas a metade de cada um *, 3 lascas de fumo, metade de cada, 3 sementes de sucupira - apertadas com um alicate para minar o óleo.

Modo de fazer:

Picar o fumo e torrar todos os ingredientes ao mesmo tempo até o ponto. Retira-se a parte dura da semente e bote fora. Mói-se muito bem. Coa-se em peneira fina.

*As metades restantes devem ser lançadas ao fogo para espantar o Capeta, que detesta alho, diz o povo.

6 - Outra para dor-de-garganta

Ingredientes:

3 emburanas, fumo picado e mentol.

Modo de fazer:

Torrar o fumo com a emburana. Moer. Acrescentar o mentol.

7 - Contra fadiga e dor-de-cabeça (mais suave)

Ingredientes:

1 colher de fumo picado, 1 colher de pó de mamica de cadela, 3 emburanas, meia noz-moscada, 1/2 colher (sopa) de erva-doce.

Modo de fazer:

Torram-se todos os ingredientes. Moém-se muito bem. Coar.

8 - Contra taquicardia

Ingredientes:

3 galinhos de alecrim, 3 folhas de limão bravo ou galego, 3 folhas de mexerica enredeira (sem as hastes) e 1 colher (sopa) de fumo moído.

Preparo:

Torra-se primeiramente o fumo. Depois os adjuntos, de uma só vez. Pila-se muito bem, adicione-os ao fumo. Coar. Guardar em vidro bem fechado.

O FOLCLORE DO FUMO

9 - Para curar gripe e resfriado

Ingredientes:

Alfavaca, alfavaquinha, casca de burlé, mastruz, alecrim-do-campo, hortelã, poejo, folha de eucalipto, cânfora, cravo, canela, emburana, noz-moscada, buchinha, fumo.

Modo de fazer:

Levar ao sol, para secar, todas as folhas. Depois de secar, misturar com o cravo, canela, emburana, noz-moscada, buchinha e fumo e torrar. Não deixar passar do ponto. Transformar em pó com o auxílio de uma garrafa. Cheirar durante algumas vezes ao dia.

10 - Para curar sinusite

Ingredientes:

Fumo picado, noz-moscada ralada e paulistinha.

Modo de fazer:

Torrar e moer bem fininho.

Nota: As receitas foram cedidas por: Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), Maria da Conceição Basso, Narcisa Batista Franzin, Osório Batista Rodrigues (Baiano) e Waldevino Alves Pimenta.

O MASCAR FUMO

"A mascadeira não abandona a masca nem para comer, e muitas dormem com o fumo na boca".

Belisário Pena

O costume de mastigar o fumo sem o engolir ("mascar fumo"), a exemplo do que se faz com os hodiernos chicletes, também foi aprendido com os índios americanos, que mascavam folhas de tabaco.

Em termos internacionais, teve difusão quase tão ampla quanto o rapé e as demais formas "quentes" de se consumir o fumo. Na Europa, foi acatado principalmente pelos marinheiros, que o faziam para entreter-se e distrair os enjões, prática esta que duraria até princípios deste século.

No Brasil há vastos relatos acerca do mascar fumo, mormente nos sertões de Goiás, do Nordeste, e no norte de Minas Gerais, onde era de uso generalizado no início do nosso século, registram Artur Neiva e Belisário Pena, observando que os adeptos iniciavam-se ainda crianças, por incentivo dos próprios pais, a fim de que se evitasse a geofagia.

O jesuíta Antonil, documenta Câmara Cascudo, no século XVIII opinava que esse não era um hábito mui-

to saudável, mas, em jejum e logo pela manhã, "serve para dessecar a abundância dos humores do estômago".

Até hoje, em meio a outras qualidades folquemedicinais (V.pg.65), persiste a crença de que "é bom para os dentes" - outro estímulo à "mascação".

O mascar fumo, assim como o rapé e o tabaco para fumar, é também considerado nocivo por estar associado ao câncer da cavidade oral. No entanto, recente pesquisa norte-americana com mascadores de fumo (publicada no jornal *Gazeta Mercantil* - 22/07/94) revela que a "masca" e o rapé são muito menos perigosos que o tabaco fumado, sendo nesses casos pequeno o risco de se desenvolver o câncer oral.

O CACHIMBO

*"Sinh'Aninha bebe fumo
No seu cachimbo de prata;
Cada fumaça que bota
É um suspiro que mata".*
(Quadrinha popular)

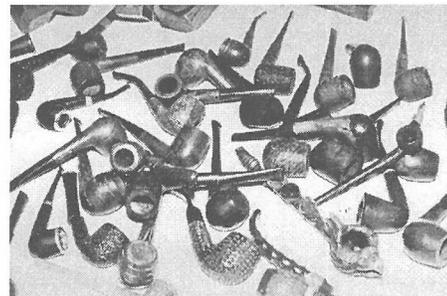
Do vocábulo quimbundo *Kixima* (poço fundo, coisa oca), o cachimbo "brasiliense" foi apresentado aos espanhóis pelos portugueses, antes de cuja presença no Brasil os europeus ainda não o haviam experimentado, registra Câmara Cascudo. Diz-se também dos cachimbos, tal como estes se propagaram, terem sido criatividade dos ingleses a partir do aprimoramento dos toscos modelos indígenas vistos nas então colônias inglesas da América.

Há, entretanto, registros de que o cachimbo e, por extensão, o próprio hábito de fumar, precedem o advento do tabaco, antes do qual "fumavam-se" folhas de batata, de hortelã, das figueiras, e de inúmeras outras ervas. "O cachimbo percorreu todas as partes do mundo em todas as épocas, desde as imemoriais (...) variando na forma e material de lugar para lugar", declara o especialista Carlos Alberto de Ranieri, em "Sua Excelência o Cachimbo".

Na mencionada obra encontram-se descritos os principais tipos de cachimbo usados pelo mundo afora, quais sejam: o **cachimbo de forno** - de argila, representando uma miniatura de um verdadeiro forno, encontrado entre as mais primitivas tribos da África; **cachimbo de tubo** - que consiste de um tubo e um forninho, feito com vegetais como folhas de bananeira e cana da Índia (África Central); **cachimbo a água** - o *narguilé* dos ára-

bes e *tchibuk* dos turcos, cuja principal característica é um recipiente com água montado entre a haste do cachimbo e o vaso de fumo, pelo qual o fumo passa sendo por ele resfriado; **cachimbos de câmara de ar**, como o *calabash* árabe; e, enfim, o **cachimbo tradicional**, o mais conhecido no Ocidente, cuja fabricação hoje requer esmerado rigor no que tange à qualidade da madeira e dos demais componentes, bem como no processo de produção. Constitui-se de: **cabeça** - a parte mais importante em termos estéticos; **forninho** - onde se deposita o tabaco e se processa a combustão (situado dentro da cabeça); **cabo** - o condutor da fumaça (ligado à cabeça); **câmara de condensação** - (localizada no interior do cabo) responsável pelo resfriamento da fumaça; **filtro** (situado entre a piteira e o corpo) e **piteira**.

Existe atualmente uma multiplicidade de formatos e modelos de cachimbos, podendo-se dizer que há um cachimbo apropriado para cada tipo de personalidade.



Cachimbos da coleção do artista olímpense Willian A. Zanolli.

O aficionado do cachimbo é bem mais do que um "fumante", pois cachimbar é uma arte que dele exige requintado paladar na apreciação do *blend* (a mistura do fumo) e um metódico ritual na preparação e no ato de fumar. Há isqueiros, cinzeiros e materiais de limpeza próprios para o cachimbo, além de acessórios especiais, sendo indispensáveis o amassador, o desentupidor e o limpador, que geralmente se encontram reunidos numa só peça. E quanto ao fumo para cachimbo, resultado de uma mescla aromatizada de vários tipos de fumo, seja industrial, comercial ou pessoal, ele "é como o perfume: deve-se experimentar vários até encontrar o que mais agrade".

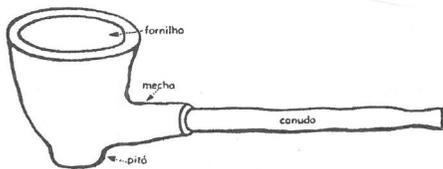
Com as informações de Carlos Alberto, diretor-presidente da Cachimbos P. de Ranieri Ind. e Com. Ltda. e da Ranieri Pipes, que até fundou o Clube do Cachimbo, na capital, vejamos algumas recomendações: o cachim-

O FOLCLORE DO FUMO

beiro deve escolher um cachimbo que se adapte bem à sua mão, para que o prazer de fumar se alie à sensibilidade do tato; é recomendável besuntar o cachimbo virgem com mel, a fim de precipitar a formação daquela crosta de carvão que funciona como isolante térmico; a combustão deve-se processar de baixo para cima, colocando-se o fumo até a metade do forninho, aumentando gradualmente a carga; nunca destaque a piteira do cabo quando ainda quentes, e ao retirá-la não o faça "como se ela fosse uma rolha de garrafa"; a piteira foi feita para ser *mordida* e não *mastigada*; tenha vários cachimbos, para revezamento (não reutilize o mesmo cachimbo mais do que três vezes; deixe-o descansar); fume calma e ritmadamente, para não esquentá-lo; e sem tragar, pois "o sabor do *blend* é degustado na boca".

Paralelamente ao lado chique, digno de nota também é o lado erudito desse exótico instrumento para se fumar, que pode oferecer ao cachimbeiro 'fumos' ou ares de sóbria e classuda intelectualidade, como estivesse o fumador absorto em grandes reflexões, numa sisuda elegância - daí deve ter surgido o verbo "cachimbar", na acepção de "meditar".

Por outro lado, essas características não são únicas, visto que o cachimbo também evoca a figura do preto velho, do índio, do caboclo, etc., sendo ainda de grande uso e importância em cerimoniais místicos, mormente nas seitas afro-brasileiras (V.p. 69) Tratemos, pois, do cachimbo da mão do povo...



O mais popular é o de barro, feito pelos próprios usuários ou por louceiras, quer sob encomenda, quer vendido em feiras e mercados, em vários pontos do Brasil, especialmente no Norte e Nordeste. É também objeto de artesanato, haja vista que nos forninhos habitualmente se encontram imagens e ilustrações as mais variadas, numa prática que remonta à época pré-colombiana. Constitui-se de duas partes: o *forninho*, junto ao qual fica a *mecha* (a "asa" do forninho), em que se encaixa a parte suplementar: o *canudo*, por onde se chupa a fumaça. Geralmente o forninho tem na base o chamado *pé* ou *pitó* ("calço" acessório),

que ampara o cachimbo caso seja este pôsto numa superfície qualquer, em especial quando aceso, para que o fumo em ignição não entorne.

"CACHIMBO DA PAZ"

"Fumar o cachimbo da paz" quer dizer: entrar em acordo, conciliar divergências, apaziguar ódios ou malquerenças, renunciar a disputas armadas, resolver pacificamente os conflitos.

A expressão, oriunda dos costumes dos índios norte-americanos, popularizou-se através do primeiro canto do poema de Henry Woodsworth Longfellow, "The Song of Haiawatha", em que era celebrado um herói indígena. O poema descrevia uma cena em que um grande cachimbo passava de mão em mão, para que cada uma das personagens dele tirasse uma fumaça, como sinal de que todos se sentiam iguais, irmanados e satisfeitos.

O cachimbo da paz era o *calumet*, de caulimita ou de madeira, adornado com variegadas penas, na forma de um machado, simbolizando a guerra ou a paz.

O CHARUTO

"O charuto não se fuma só com a boca, mas com as mãos, com os olhos, com o espírito (...) Nos gestos demorados, calculados do fumador de charutos, vejo mais que um hábito: uma cerimônia".

Zino Davidoff

Charmoso, aristocrático, elitista, um meio mais requintado de fumar, ...o charuto tem muitos pontos em comum com o vinho, pois ambos requerem o mesmo tratamento especial, tanto no que se refere a cultivo, fermentação e envelhecimento em sua produção, como no "ritual" do ato de serem consumidos.

São três os tipos de folhas usados na confecção dos charutos, as quais devem proceder de solo e clima apropriados para que assim possam oferecer os peculiares aroma e textura ao bom charuto, já que sua safra também se lhe faz caracterizadora, assim como a cinza, que, se branca e uniforme, é determinante de boa qualidade.

As folhas são rigorosamente selecionadas, para depois serem adocicadas e fermentadas (a fim de minimizar-se a quantidade de compostos amargos e ásperos), acondicionadas em caixas de

madeira, a temperaturas determinadas e variáveis, num processo cuja duração pode oscilar de um a três anos.

Em que pese a produção industrializada, muitas vezes o charuto ainda é elaborado manualmente. Constitui-se de *tripa* ou *bucha* (o miolo, ou enchimento), *subcapa* ou *contracapa*, e *capa*. Esse processo manual inicia-se com a "destalação" das folhas, cujas metades resultantes devem ser enroladas firmemente, compondo-se a bucha, que será então envolvida pela contracapa - cortada em forma de meia lua -, que, por sua vez, o será, finalmente, pela capa - um pouco mais estreita.

Do tâmil "churutu" (enrolar), o charuto é descendente direto do primitivo modelo de folhas secas enroladas feito pelos ameríndios, denominado *cangueira*. No século XIX, iniciou-se a tradição de se trocar um bom charuto em encontros importantes, como que numa representação de boa acolhida, de se receber bem. Teve seu período de máxima expressividade pouco após a I Guerra Mundial. O mais famoso ainda é o charuto cubano, apesar da anacrônica e persistente estatização pós Castro (ele também um símbolo do charuto) que lhe teria reduzido a qualidade. Mas o brasileiro não deixa de ser muito bem conceituado.

Quanto ao "ritual" do charuto, segundo Ranieri, em primeiro lugar, existe um cortador apropriado para cortar-se-lhe a ponta por inteiro e por igual, para que o fumo não se concentre, no caso de uma abertura menor, prejudicando a degustação (sem desmerecimento do "charme" viril de arrancá-la com os dentes cuspendo-a); recomenda-se acendê-lo com uma folha de cedro, sentir-lhe o perfume e fumá-lo, com calma e devagar. Não se usa "tragar" o charuto, para se permitir melhor e mais prolongado proveito do aroma e do "sabor", e para não esquentá-lo, porque o charuto não deve ser um vício, mas, sim, um prazer. Outra recomendação, de Zino Davidoff, um dos maiores "charutólogos" do mundo, é a de que não se deve fumar trabalhando, pois o charuto, "fiel à sua vocação aristocrática, é um luxo; requer atenção e bom gosto".

O charuto representa a fineza máscula, tendo uma presença machista tão carregada quanto sua fumaça. É nele que a conotação fálica que marca o fumo mais se evidencia; lembra "poder". No Brasil, por exemplo, foi um dos símbolos do coronelismo, que eclodiu com a Proclamação da República e ainda hoje possui remanescen-

O FOLCLORE DO FUMO

tes. Outro motivo está na estereotipada imagem do mafioso, que ficaria incompleta sem um charutão preso entre os dentes, a enfumaçar-lhe a face sombria.

Entretanto, considerando-se o reduzido número de fumadoras de charuto, entre as quais a imortal Carmen, de Mérimée, existe para elas uma versão feminina do charuto, a cigarrilha, que envolve o mesmo conteúdo do charuto num invólucro mais fino, menos fático.

Por fim, não obstante a todos esses luzentes predicados, ou justamente por causa deles, visto que o fumo tem algo de devaneios, o charuto transita no contexto popular; - ele é também um instrumento de "trabalho" nas seitas afro-brasileiras, especialmente a Umbanda e o Candomblé, cujos adeptos estão entre os maiores consumidores no Brasil. (Veja mais em "A mística do fumo", pg.69).

No ano passado, a indústria do charuto movimentou cerca de US\$ 5 milhões no mercado interno e US\$ 14.700.000,00 em exportação, segundo estimativa da ABIFUMO.

OS CIGARROS

"Não sou a favor do fumo (...) mas ouvi, de fonte muito bem informada, que morre muita gente de infarto, só de tensão - pela falta de um cigarro".

Danuza Leão

- do vocábulo maia *Sik'ar* = pequeno cilindro de papel ou palha de milho recheado com partículas de fumo.

Acerca da origem do cigarro existem informações altamente discrepantes e descontraçadas.

Há uma versão segundo a qual os cigarros foram levados à Europa, em 1518, pelos espanhóis, que aprenderam com os extintos astecas a prática de fumar o tabaco picado e envolto em palha de milho; daí, então, originar-se-ia o cigarro de papel. Outra versão, porém, (ignorando o "palheiro") relata que o cigarro surgiu numa guerra travada entre egípcios e turcos, em 1832 (três séculos depois!), quando um integrante da artilharia egípcia concebera a original idéia de enrolar a pólvora num papel, para carregar o canhão que atacava uma fortaleza turca, recebendo por isso, como prêmio e recompensa, certa quantidade de tabaco, com o qual teria feito exatamente o mesmo.

Algumas publicações, outrossim,

dão como incerta a origem do cigarro.

O PALHEIRO

O cigarro de palha, ou *palheiro*, *crioulo*, *baio*, é o pito do caboclo, do gaúcho, do sertanejo. A este último, sobretudo, está mais vinculado o uso do palheiro no Brasil - tão intensamente que, até hoje, alguns sitiante fumantes, quando vêm à cidade, compram um maço de cigarros de papel, "para não ficarem reparando". Registre-se ainda, corroborando a idéia, que nas quadrilhas juninas a palha no bolso é suplemento de caracterização indispensável nos tipos masculinos, visto que o matuto é sempre descrito portando um palheiro.

Entretanto, em razão do êxodo rural, do alto preço dos cigarros industrializados, por excentricidade ou por se acreditar que ele seja menos prejudicial, o palheiro migrou para a vida urbana, da mesma maneira que na zona rural se fumam cigarros de papel, em concomitância com o de palha.

Na plácida e às vezes tediosa vida bucólica, fumar palheiro era uma prática quase hereditária, cujos adeptos a justificavam dizendo que o faziam para espantar os insetos. E quanto ao ritual de fazê-lo manualmente, este constitui um passatempo, uma distração que complementa o próprio prazer de fumar. Uns preferem deixar vários cigarros prontos, para não perder tempo na hora em que a vontade bater, e, como o palheiro se apaga facilmente, costumam ainda guardar a metade no bolso ou por sobre a orelha, "para depois". Outros, porém, o fazem no momento em que decidem "pitar", explicando que a preparação deve anteceder imediatamente o ato de fumar porque lhe aumenta o "sabor".

Vejamos, agora, como é que se faz o cigarro de palha:

Traia (tralha) para fazer o cigarro - Geralmente há em casa em lugar determinado, ou então é carregada no bolso traseiro da calça do fumante, ou numa canguinha. Consta de: uma cabeça de palha (das boas), aproveitando-se as do meio, um bom pedaço de fumo (dos bons), um canivete ou faquinha (afiados), uma caixa de fósforo ou um isqueiro.

Modo de fazer: Toma-se a cabeça de palha, escolhe-se uma palha ideal e, com cuidado, a retira. Com o canivete, alise-a bem, tendo-a dobrado, na horizontal. Cortam-se os extremos. Alise a palha novamente, lambe-a, colocando-a atrás da orelha direita. Re-

tira-se o pedaço de fumo e pica-se uma quantidade suficiente. Fecha o canivete e o guarda. Esfarela bem o fumo na palma da mão. Pega-se a palha e enrola o cigarro. Para ficar bem firme, lambe-se também a orelha da palha para fechar bem o invólucro. A seguir, dobra-se um pouco o extremo do cigarro, por onde será aceso, e lambe-se o extremo por onde será fumado, passando-o, por diversas vezes, na boca, arredondando-o. Para acender o cigarro, leva-o à chama do fósforo e chupa, por alguns segundos, a fumaça, para ficar bem aceso.

O CIGARRO DE PAPEL

Feito também manualmente, a princípio, o cigarro mecanizado parece ter surgido em 1870, sob os auspícios da evolução tecnológica que em alto grau iria prosperar no século seguinte. Dez anos depois, James A. Bonsak requereu a patente para uma máquina de fabricar cigarros, que serviria de modelo para as inúmeras sucessoras.

Quando o cigarro apareceu foi visto com certo desprezo, considerado vulgar por ser mais consumido pela classe pobre; os elegantes preferiam o charuto e o cachimbo. No entanto, não tardou que desbancasse seus congêneres, em termos de consumo e popularidade, tendo sido adotado pelas damas da corte e dos salões, ou seja, o público feminino que nos princípios deste século começava a fumar, introduzindo as piteiras.

No Brasil, quando do surgimento da indústria cigarreira, em fins do século XIX, o cigarro era pouco consumido em relação ao charuto e ao palheiro. No século XX, todavia, o consumo de cigarros cresceu espantosamente, incidindo de modo decisivo no arrefecimento do charuto, que reinou por aqui entre 1808 e 1930.

Hoje, enquanto o mundo produz em torno de 5,4 trilhões de cigarros (1992), os brasileiros fumaram no ano passado cerca de 109 bilhões (54 bilhões foram exportados) desse produto que ainda é o maior arrecadador de fundos para a União (2,6 bilhões de dólares só de IPI, num total de 4,8 bilhões de dólares de tributos recolhidos, em 1994).

Os cigarros são produzidos mediante a mistura de diversas qualidades de fumo, num processo que obedece à "hierarquia" das marcas; as mais caras têm maior quantidade dos fumos melhores e vice-versa. O sabor definitivo é determinado pela adição de

O FOLCLORE DO FUMO

adoçantes, como cacau, mel e outras substâncias.

Depois das piteiras, dos baixos teores de alcatrão e nicotina, dos mentolados, a Reynolds lançou em 1988 nos E.U.A. o *Premier* - o cigarro sem fumaça, que continha um pequeno carvão isolante; ao aspirar, o fumante forçava a passagem do ar quente por uma cápsula de aromatizantes e uma mistura de água e glicerina que não produzia fumaça. Mas, sem sucesso, acabou sendo retirado do mercado; parece que, para os fumantes, sem fumaça, não tem graça.

No mesmo ano, a Philip Morris lançou o cigarro "desnicotizado", e três anos depois patenteou o cigarro "elétrico", que através de uma pequena bateria (aperta-se um botão em vez de usar isqueiros) aciona fios finíssimos, que, agindo como fusíveis, em vez de queimar, aquece o tabaco.

Novamente a Reynolds, tentando aperfeiçoar o malogrado *Premier*, anunciou em dezembro de 94 que lançaria agora em 95 o *Eclipse*, o cigarro com pouca fumaça, que faz arder um tipo de carvão, sem produzir chama, eliminando 90% do alcatrão (jornal O Estado de São Paulo - 2/12/94).

Outras novidades, além dos importados da Holanda, com sabor de frutas, e dos cigarros de alface americanos, são: um super filtro para cigarros desenvolvido pela Filtrona International, da Alemanha, com potencial de retenção 10% maior que os convencionais; e os cigarros sem fumo criados pelos chineses (*Jim Shenbao*) que conservam o cheiro e o sabor do tabaco, e também são ótimos no tratamento da asma, segundo os médicos de Pequim.

O TABAGISMO

"Fumar não é apenas um ato físico - também é um discurso, uma forma sem palavras, mas eloqüente, de uma pessoa se expressar (...) com um vasto repertório de convenções bem entendidas".

Richard Klein

A princípio, diz-se que o ato compulsivo de fumar desavaliza quaisquer considerações espirituais que se venham a fazer acerca desse hábito aparentemente tão simples e comum -: o fumante fuma impelido pelo vício a que sucumbiu, um gesto automático, irrefletido. Mas não é sempre assim, pois decerto que há também algumas

motivações, mesmo inconscientes, e, além disso, mais do que uma dependência física, um vício dominador, o fumo representa um modo de vida, um padrão cultural, especialmente o cigarro - o mais popular (e o de maior potência "viciosa"). Fumar, inegavelmente, é um costume mundial. Só no Brasil existem em torno de 30 milhões de fumantes (no mundo há cerca de 1 bilhão), de todas as classes sociais, de todas as etnias e de quase todas as idades; até crianças eventualmente são vistas fumando. Sendo assim, o cigarro assume variadas formas e características em meio aos diversos contextos em que é aceso. Por isso torna-se difícil tentar qualificá-lo, já que é ele que caracteriza, que oferece predicados. Podemos dizer que o cigarro se adapta ao estilo do fumante, que ele ressalta qualidades pessoais preexistentes. A exemplo da cachaca, cujos efeitos geralmente amplificam e escancaram o estado emocional da pessoa antes de ter começado a beber, o cigarro realça, no âmbito do comportamento, sem contudo alterá-lo, o estilo próprio do fumante. Posto isso, assim como uma pessoa deprimida, durante a bebedeira, ou depois de beber demais, cairá em prantos, o cigarro, nas mãos de uma pessoa vulgar, fará com que ela fique ainda mais vulgar, do mesmo modo que nas mãos de uma mulher meiga, o cigarro pode estar fumegando sem ferir-lhe a meiguice.

É bem verdade que fizemos uma comparação extravagante, e que, naturalmente, gritarão exceções. Mas, de qualquer maneira, para falar do fumo, precisamos das exceções e das possibilidades, porque ele é extremamente multiforme e subjetivista.

O tabaco em combustão, sob qualquer forma, revela-se, a um só tempo, refúgio dos tímidos e acessório da vaidade arrogante, exibicionista. O que seria de uma cinematográfica mulher "fatal" sem ostentar uma longa e luxuosa piteira? E em se tratando de uma pessoa inibida, logo se pode notar que sua primeira atitude em público (se puder) será acender um cigarro assim que aparecer.

Outro cigarro é aceso em momentos de ócio, de tédio, de solidão. Não há nada para se fazer, fuma-se. O próprio ritual que precede o fumar faz parte desse polêmico prazer; constitui uma preparação, um rompimento da situação estagnada, um modo de se achar entretido, fazendo alguma coisa. Por semelhante motivo, acende-se

mais um, para ganhar tempo numa conversa difícil. Parece que a fumaça engolida pode preencher um vazio interior, um quer quer seja que às vezes se faz sentir. O fumo tem um maiúsculo quê de saudade, de nostalgia, de fantasia. Ao mesmo tempo que aumenta a capacidade de concentração, é inspirativo, ajuda a devanear, segundo a vontade dos fumantes. Inúmeras canções já louvaram esse "companheirismo" do cigarro, como sendo um paliativo naquelas horas de fossa em que os fumantes vêem na fumaça alguém cuja imagem trazem fixa no pensamento. Ele representa ainda uma satisfação vicária, algo que substitui a de outros desejos; por exemplo, além de integrar a boa mesa, visto que após as refeições o fumo tem ainda mais sabor, ele engana até a fome.

Fumar também é considerada uma atitude elegante, charmosa, distintiva, como que um ornato complementar dos dândis e das "socialites". Tanto é assim que a preconizada elegância de que se revestem os produtos combustíveis do fumo está provada no mais convencional traje de gala: o *smoking* (do inglês *smoke* = fumaça), que quando apareceu, na segunda metade do século passado, era um paletó de seda, veludo ou brocado, que os homens usavam especialmente para fumar.

Entretantes, há uma série de reações a que o cigarro está ligado: tensão, preocupação, insegurança, medo, etc. As principais são a ansiedade e o "nervosismo". Dizem que o fumo acalma, relaxa, ajuda a refletir. Muitos atribuem essa reconfortante sensação de segurança a uma inadvertida regressão às primeiras sensações orais: o seio materno, a chupeta. Aliás, é baseado nessa idéia o título deste trabalho, haja vista que o povo hama o cigarro de **chupeta do capeta**.

Daí, chegaremos à conotação fálica que aplicam ao fumo, que de tão forte passou o termo a ser sinônimo do órgão sexual masculino, evocando, por extensão, o próprio ato sexual, após o que, outrossim, é inevitável, entre amantes fumantes, independentemente do desempenho; se for excelente, serão suspiros enfumacados e satisfeitos; do contrário, revoltadas baforadas de desculpas e de ódio: "Isso nunca aconteceu comigo...". Diz o povo que entregar um cigarro aceso a quem pedir é sinal de uma cantada, e que soprar fumaça no rosto de uma pessoa significa o pedido de um beijo, ou um convite para ir a um

O FOLCLORE DO FUMO

O FUMANTE

“Desconfia dos que não fumam: esses não têm vida interior, não têm sentimentos. O cigarro é uma maneira disfarçada de suspirar...”

Mário Quintana

motel. Ademais, uma cantada pode vir implícita naquela brincadeira usual manifesta na resposta para “Tem fogo?” - “Sim, mas não dá para acender cigarro”.

De mais a mais, além de erótico, os produtos do fumo podem estabelecer, no aspecto sociológico, um meio de interação, um pretexto para contatos sociais, pois, embora nem sempre os que pedem “fogo” tenham outras intenções, muitas vezes eles têm (fora a sexual); acender o cigarro de uma mulher é atitude cavalheiresca, galante; oferecer derivados do fumo (contanto que não o seja a um antitabagista fanático) é regra da boa educação - pedir cigarros a estranhos ou pouco conhecidos, todavia, não é um bom começo, um trago, então, nem pensar - e, entre mais, fumar do mesmo cigarro demonstra grande intimidade ou romantismo, conforme seja entre amigos ou enamorados.

Quanto ao vício - algo como a urgência da sede, que o fumador identifica ser de fumar - é ele de fato dominador; uma carência que desespera os fumantes quando estes se vêem sem cigarro. Se não encontram um bar aberto ou estão sem dinheiro, pedem a qualquer um, sem se importar com a marca. Se não há ninguém, vão a extremos, à cata de bitucas. Contudo, vale enfatizar, não é apenas a necessidade física que faz fumar; fuma-se, por exemplo, para chamar a atenção (em sentido plural), mesmo sem a vontade premente. Às vezes, alguns fumantes (não “chaminés”), embora tenham fumado há pouquíssimos minutos, querem fumar novamente, recorrendo para isso à **boca de pito** (V.p. 71). Outro provável corolário que de encontro vai à tese sobre a exclusividade do vício em nicotina na determinação do ato de fumar está na muito utilizada técnica de “não fumar” o cigarro, que consiste em se limitar a manter o cigarro apagado, nas mãos e na boca, executando-se todos os movimentos que se fazem enquanto se fuma - até jogar a “cinza”. Essa técnica serve tanto para se tentar livrar do cigarro, como para consolo dos que foram obrigados a abandoná-lo, tendo perdido no perigoso jogo de fumar.

Finalmente, reiterando o que dissemos, no início deste capítulo, sobre o fato de o fumo se acomodar à personalidade dos que o consomem, o cigarro, e também seus afins, podem ser, portanto, rebeldes, elegantes, chulos, festivos, sensuais, românticos, etc., só depende do fumante.

O hábito de fumar inicia-se na simplicidade do sertanejo, que fuma para espantar insetos, e em meio às múltiplas implicações sociais da vida urbana. Muitas crianças e adolescentes aprendem a fumar acendendo o cigarro dos pais (ou parentes mais velhos), à frente de quem considera-se um desrespeito portar cigarros, pois, mesmo os que fumam, seja por razões de ordem moral ou salutar, coíbem esse vício a seus filhos. “Faça o que eu mando; não faça o que eu faço”. Ainda hoje, posto que raro, há fumantes adultos que evitam fumar diante de seus pais; é por isso que o ato de se oferecer um cigarro, pela primeira vez, a um filho, tem a força de um primitivo ritual de transição, como bem ilustra Guimarães Rosa, em “Sagarana”: “Quando dei fé (...) meu pai estava me dando um cigarro (...) o primeiro que eu pitei na vista dele”. Porém, antes disso ocorrer, ou quando não ocorre, os vocacionados ao tabagismo decidem fumar secretamente. Ou apenas querem crer nisso, porque, na maioria das vezes, todos os familiares dos fumantes clandestinos sabem; menos eles. Conheço uma pessoa, que “fumava escondido”, cuja mãe, quando se via sem cigarro, pegava-lhe um emprestado, nos “esconderijos”...

Muitos fumantes precoces, já na infância, brincavam de fumar acendendo broto de laranjeira, ramo de vasoura, ou de bambu, imitando gente grande - pessoas que admiravam, professores, ídolos e heróis da TV e do cinema. A indústria, inclusive, chegou a produzir cigarros de chocolate, atenta a essa inclinação, num convite ao vício.

Sob tantas influências do meio social - o prazer da transgressão, a rebeldia; a “moçada” que fuma; o sabor adicional daquilo que é proibido; a propaganda; a tão propalada auto-afirmação; a busca de um gesto que demonstre virilidade, maturidade ou elegância; a emancipação que se acredita obter por meio do cigarro, e muitos outros fatores - está pronto o fumante, ou fumador, fumista, cigarrista; dragão, chaminé, maria-fumaça, etc.

Um fato curiosíssimo verifica-se na

“iniciação” dos agentes poluentes, em especial entre os jovens, que “sabem fumar” e que o “ensinam” aos pretendentes: não se admite fazer gênero com o cigarro, ou seja, não tragar. “Não fuma; só estraga o cigarro”. Destarte, para desmascarar os que fumam “da boca pra fora”, os iniciadores propõem uma prova de fogo, ou melhor, de fumaça, que consiste em fazer o “suspeito” aspirar o fumo e dizer: “Quem é bom fumante fala dez palavras sem soltar fumaça”, soltando a baforada em seguida.

Depois, então, de começarem a tragar, os fumantes enfrentam as náuseas, vertigens, tosses e as ressacas dos primeiros tragos, como as dos primeiros copos, já que ambos são prazeres que se adquirem a médio prazo. Mesmo assim, confiantes de que as resistências iniciais do organismo serão vencidas, os neófitos do fumo prosseguem, resignados e perseverantes.

Vale lembrar, entretanto, que a iniciação não acontece só na adolescência; muitos resolvem fumar até bem depois, talvez por ímpetos juvenis, para “valorizar-se”, entre outras razões. E sobre as mulheres fumantes, que teriam aparecido no início deste século, há quem diga ter havido nesse processo forte motivação dos ideais feministas de igualdade entre os sexos. Alguns antitabagistas machistas, mais envenenados, nele incluem também a imagem fálica do fumo e aquela famosa inveja que o Dr. Freud atribuiu às mulheres. No início, era um escândalo uma mulher fumando; chegaram a ser presas por isso na América do Norte. Até hoje ainda persistem alguns tabus em torno da mulher que fuma. Muitas, por exemplo, não fumam na rua, ou andando em local público.

Mas vejamos agora os tipos de fumantes, que são vários: há os que fumam “socialmente”; os que fumam para não engordar; os que só o fazem quando bebem (esses geralmente fumam demais); os politicamente corretos, que, traidores, até apóiam os antitabagistas - têm vergonha de fumar, revoltam-se dizendo-se vítimas da nicotina; os que fumam até ao filtro, com a ajuda de um grampo; os dragões inveterados, que só usam o isqueiro ao acordar e após as refeições, pois que acendem um cigarro no outro, e um atrás do outro; há cigarristas que não tragam, só fazem cena, e outros que, aficionados mas temerosos, optam pelo charuto ou cachimbo (não tragados); existe também o fumante

O FOLCLORE DO FUMO

"serrador", que fuma "Se-me-dão", e que sempre está parando de fumar, mas só pára de comprar (contra esses alguns fumantes precavidos costumam andar com dois maços no bolso, um de sua preferência e outro de marca ordinária, para oferecer aos "serrotes"); há fumantes que se sentem tão culpados e dependentes que, em momentos de grande adversidade, a primeira "promessa" que lhes ocorre é a de parar de fumar; temos ainda aqueles que não querem ficar fora da geração "saúde é o que interessa" e, portanto, praticam "levantamento de copo (de cachaça)" e "arremesso de toco (de cigarro)"; enfim, há fumantes de todos os tipos, até aqueles que fumam por alguma estranha razão que nem mesmo eles saberiam explicar.

Existe uma teoria popular segundo a qual o jeito de fumar, a maneira como seguram o cigarro, pode revelar algumas características da personalidade dos fumantes. Os que fumam sustentando o cigarro no meio dos lábios são calmos, educados, simpáticos; os que o prendem no lado direito são pessoas expansivas, animadas e otimistas; no esquerdo, inseguras, melancólicas, desconfiadas. Os fumadores que seguram o cigarro entre os dedos indicador e médio são sinceros, equilibrados, decididos e firmes em seus princípios; entre o médio e o anular, são tímidos, inibidos, emotivos, sentimentais; entre o polegar e o indicador, pessoas falsas, frias, de maneiras afetadas, de atitudes ensaiadas, forçadas; já os que têm por hábito fumar mantendo o cigarro na boca, são realistas, corajosos, ponderados.

Sejam como forem, diz a sabedoria popular, você mesmo poderá descobrir os segredos dos fumantes, fumando de seu cigarro.

A PROPAGANDA...

...que entre outras coisas pode ser considerada a "arte" que promove o desejo de imitar, talvez seja também a técnica que mais utiliza o folclore verbal (provérbios, frases feitas e afins) naquele mesmo sentido, adaptando-o ao objeto do anúncio, no momento da "criação".

No que se refere ao cigarro, a indústria do fumo investiu no Brasil, em 94, aproximadamente US\$ 55 milhões, nos diversos meios de comunicação (80% em TV), onde os artífices da "mídia" fazem espetaculares apologias do cigarro, apresentando-o em contextos que evocam as idéias favorá-

veis e sociabilizantes do ato de fumar, em meio a cenas amorosas, aventureiras, esportivas, enfim, saudáveis - de acordo com o *target* (público alvo), pois há marcas caras e baratas, para homens e mulheres, etc.

No encantador mundo da propaganda, o cigarro é "o sucesso", "um luxo", "um raro prazer", "uma classe a mais", "a decisão inteligente". Outra dessas, que celebrizava o "jeitinho brasileiro", acabou transformada em lei tácita - que os "politicamente corretos" ainda lutam para revogar - a lei de Gérson (protagonista do comercial), de "levar vantagem em tudo", Certo?

Nos anos 40 e 50, a propaganda era ainda mais apologética, nos E.U.A., segundo Russel Mokhiber, em "Crimes Corporativos": "o objetivo era incutir na mente dos americanos que o cigarro não somente não era prejudicial à saúde, mas o inverso: que contribuía de certa forma para a saúde"; havia então "o cigarro testado para a garganta"; "não provoca tosse nem se fumar um caminhão", e outra que proclamava: "mais médicos fumam..... do que qualquer outra marca".

A indústria e os publicitários sempre argumentaram que a publicidade visa apenas persuadir os que já fumam a optar pela marca anunciada. Um recente levantamento da Indicator revela que comerciais de cigarro detêm os maiores índices de lembrança e impacto (86%), e os menores (13%) em termos de persuasão. Mas nada convence a patrulha antifumo, que quer varrer o cigarro dos veículos de comunicação.

No final do ano passado, o Ministério da Saúde baixou uma severa portaria que além de restringir o horário para os comerciais de cigarro, proibia que entrevistados e personagens de programas ao vivo da TV fumassem, entre mais proibições. Mas, após acirrada controvérsia, abrandaram o teor da portaria. Agora, limitou-se a propaganda do cigarro entre 21 e 6 horas, e a tradicional advertência, que desde 1990 os maços e os anúncios foram obrigados a apresentar, será variada e sonora, na TV, feita por um locutor "in off". Como se vê, não abrandaram tanto a portaria. Aguardemos, pois a polémica persiste.

De outro lado, existe a propaganda contra o fumo promovida pelo governo, que diz arrecadar com os impostos sobre o fumo bem menos do que gasta com saúde pública, em razão de enfermidades relacionadas ao tabagismo. Todavia, uma pesquisa re-

alizada nos EUA, onde desde 1970 foi banida da TV a propaganda de cigarros, revelou que os fumantes tendem a bloquear esse tipo de informação, e que tais campanhas só serviriam para atizar ainda mais os antitabagistas. Assim sendo (já que "o que é bom para os E.U.A. é bom para o Brasil"), as campanhas funcionariam de maneira indireta, pois a gritaria antifumo está cada vez mais estridente; não podemos, destarte, afirmar que o governo desperdiça o dinheiro do contribuinte na publicidade contra o fumo.

Um pequeno parêntesis: (Em agosto de 81, o Jornal da Associação Médica Brasileira informou que o então secretário da Receita Federal convocara, a Brasília, dirigentes das indústrias fumageiras para sugerir-lhes que promovessem uma campanha publicitária maciça, a fim de aumentar o consumo de cigarros e, conseqüentemente, a arrecadação do IPI. "Enquanto 40 países proíbem terminantemente a propaganda do cigarro, o Brasil, só o Brasil, a incentiva", dizia a reportagem).

Contudo, talvez mais forte do que a publicidade explícita seja a propaganda não comercial, feita na ficção (sem falar no "merchandising"). O cinema, e depois a TV, celebrizaram de tal maneira a prática de fumar, que o cigarro e seus similares se tornaram um recurso quase imprescindível na caracterização de cenas e personagens - em que pese o talento dos grandes atores em expressar o que a cena exige sem o auxílio de artifícios tais. A Rede Globo inclusive chegou a baixar uma determinação interna, quando da novela "Tieta", facultando o cigarro apenas aos vilões - determinação esta que certo tempo depois acabou passando.

De qualquer forma, vem sendo sensivelmente reduzida a presença do cigarro no cinema (americano, sobretudo) e nas telenovelas; há um esforço evidente dos meios de comunicação em propagar a idéia de que fumar está fora de moda.

CONTRA O FUMO



Como todo mundo já percebeu, uma guerra total contra o fumo vem sendo travada, conquanto que numa versão até "politicamente correta", se comparada ao desvario de séculos

O FOLCLORE DO FUMO

atrás (V.p. 53).

Cuidado, fumantes, por toda parte se acham os antitabagistas (não fumantes que odeiam ativamente o fumo e os que fumam), e em cada vez mais lugares encontra-se afixado o símbolo que encima esta seção. Acender um cigarro num ônibus ou em qualquer recinto fechado, e lotado, equivale a acender um barril de pólvora. Casamentos e noivados promissores desfizeram-se como fumaça, justamente por causa dela. Potenciais relações amorosas nem chegaram ao prelúdio com a descoberta de que uma das partes era fumante. Incêndios são provocados por cigarro, e até mortes resultantes de uma briga iniciada por causa dele os jornais já registraram.

O atual prefeito de São Paulo no início deste ano também desencadeou grande polêmica ao tentar (sem conseguir) proibir o fumo em bares, restaurantes e similares mediante um decreto que estipulava violenta multa aos infratores - julgado inconstitucional porque excedia a lei, de 1990, que obrigava a criação de espaço para não fumantes (50%) aos referidos estabelecimentos paulistanos. Em março, o Senado aprovou um projeto de lei, que desde 1991 tramitava no Congresso, que proíbe o fumo em locais de uso público fechados e em veículos de transporte coletivo municipal, intermunicipal, interestadual e internacional. Mas, por enquanto não é lei, e muita controvérsia ainda haverá.

No entanto, é relativamente recente a artilharia antifumo; há cerca de dez, quinze anos, faziam até piadas com as restrições ao cigarro: "É proibido fumar em ônibus, mas eles já saem das fábricas com cinzeiro". E quanto aos antitabagistas, estes provavelmente começaram a proliferar após as reiteradas publicações sobre os males de que também poderiam ser vítimas os fumantes passivos (que não fumam, mas convivem com fumantes); se fosse apenas uma estratégia, teria sido perfeita.

O crítico literário Richard Klein atribui o êxito parcial dos inimigos do fumo à ausência de uma guerra iminente (e de verdade), tendo por base os pormenorizados relatos que fez em "Cigarros são sublimes" sobre a importância do hábito de fumar durante as guerras, quando este é valorizado a tal ponto que chegam a considerá-lo quase indispensável, especialmente para os soldados. Ele diz ainda não acreditar que se consiga abolir o fumo dos E.U.A. (onde praticamente só se pode fumar em casa e na rua) em vir-

tude do crescimento de seu consumo entre jovens, negros e mulheres, grupos que, segundo ele, estão em guerra.

Voltando ao ataque, a OMS (Organização Mundial da Saúde) promoveu em 31 de maio a 8.ª edição do "Dia Internacional sem fumo", sugerindo aos fumantes que não fumassem naquele dia, "para experimentar", enquanto no Brasil data de 1986 a lei federal que decreta todo dia 29 de agosto o "Dia Nacional de Combate ao Fumo".

Um levantamento feito pela OMS aponta que no mundo ocorrem 3 milhões de mortes por ano em razão de doenças associadas ao cigarro, representando gastos anuais em torno de 2 bilhões de dólares.

Mas, enfim, vejamos os riscos presentes nas 4000 substâncias químicas contidas no cigarro.

De acordo com matéria publicada no jornal Folha de São Paulo, em 28/05/95, o cigarro pode causar:

- * nos pulmões: bronquite crônica, enfisema pulmonar e câncer de pulmão;

- * no sistema nervoso central: arteriosclerose dos vasos que irrigam o cérebro, maior chance de derrames;

- * no sistema respiratório alto: câncer de nariz, boca e traquéia, maior predisposição a infecções respiratórias;

- * no coração: arteriosclerose, problemas nas coronárias e aumento de chance de angina e infarto;

- * no que se refere à gravidez, abortos espontâneos, bebês com menor peso... e vários outros problemas de saúde são atribuídos ao cigarro.

Em julho deste ano, a FDA, órgão que regula o uso de drogas e alimentos nos EUA, e que tem acusado as indústrias fumageiras de controlar os teores de nicotina nos cigarros, classificou, pela primeira vez, a nicotina como sendo uma droga, que deve ser regulamentada.

MEDIDAS PARA REDUZIR O PERIGO

Segundo os médicos o melhor seria parar de fumar de uma vez, mas para aqueles que tentam de todas as maneiras e não conseguem, e para os fumantes convictos, mas preocupados, eis algumas recomendações:

- * Vitamina C - cientistas dinamarqueses revelam que antioxidantes como a vitamina C e Beta Caroteno podem prevenir a oxidação do material genético do fumante, que pode causar câncer; um outro estudo feito na Universidade de Washington revela que a vitamina C é capaz de evitar al-

guns efeitos danosos do cigarro nos pulmões e no coração.

- * A opção pelo cachimbo e pelo charuto - tendo em vista que do mesmo modo que é difícil fumar o cigarro sem tragar (pois mesmo os que começam fazendo "gênero" provavelmente acabarão tragando), é ainda mais difícil tragar o fumo forte e desagradável do cachimbo e do charuto. Os que por isso recorrem a estes - acostumados que estão a tragar o cigarro - devem fazer o possível para não tragá-los; do contrário, estarão inalando um fumo mais "pesado" que o do cigarro.

- * Dê preferência a cigarros e charutos finos e longos, pois quanto maior a distância entre a boca e a zona de "destilação" menor será a quantidade de nicotina a ser absorvida.

- * Para diminuir os riscos da nicotina do cigarro é preciso jogá-lo fora a tempo: fume-o até a metade, ou pouco abaixo da, visto que charutos e cigarros tornam-se mais fortes à medida que se vão queimando.

- * Jamais reutilizar um cigarro que já foi apagado; se o fizer, ele se queimará mal, aumentando a toxidez.

- * Evite o hábito de manter o cigarro ou o charuto acesos na boca, se não está fumando.

- * Não solte a fumaça pelo nariz; a quantidade de nicotina a penetrar no sangue é duas vezes maior com esse procedimento.

- * Tente não tragar, ou o faça menos vezes.

O consagrado ator Jofre Soares é um caso à parte. Estando em Olímpia para apresentação da peça "Retrato de Drummond", falou-nos de sua paixão pelo cigarro. Jofre, 76, fuma desde os quinze anos de idade; acende um cigarro atrás do outro, dizendo que adora fumar. Ele tem participado frequentemente de debates televisivos sobre o fumo, representando como que um contraponto à unânime condenação do cigarro nesses programas. Entretanto, com a "marcação" dos médicos de sua família em Alagoas, Jofre chegou a um "acordo" com eles e passou a tomar uma série de remédios, para a circulação e para as vias respiratórias, por exemplo, para poder continuar fumando - sob o argumento de que largar o cigarro agora seria pior em vista da "revolta de seu organismo, que está nadando em nicotina, contra a falta dela".

EM DEFESA DO FUMO

Sob o bombardeio dos ferrenhos antitabagistas, os fabricantes de fumo

O FOLCLORE DO FUMO

e os fumadores decididos - vítimas de um crescente preconceito - contra-atacam.

Em novembro de 91 (registra a Folha de São Paulo), a indústria fumaqueira começou o contra-ataque promovendo um congresso em Bariloche, Argentina, onde reuniu especialistas de diversas áreas para questionar os dados contra o fumo. Na ocasião, doutores e PhDs esmeraram-se em rebater as evidências que associam o cigarro a uma série de moléstias, utilizando as próprias pesquisas científicas antifumo para reagir contra elas e denunciar que há manipulação dos dados (o que ainda fazem). Sharon Boyse, psicóloga e PhD em farmacologia, consultora científica da British American Tobacco (Souza Cruz no Brasil) disse então - e reitera até hoje em outros seminários - que "existe um risco associado ao cigarro, sem relação de causa e efeito". O advogado americano Paul Dietrich, que fez severas críticas à OMS, reverberou o silogismo: "os japoneses, que fumam mais que outros povos, (- e entre os quais é baixa a incidência de problemas cardíacos-) também têm a maior expectativa de vida. Assim sendo...

Vejamos os principais argumentos em defesa do fumo que resultaram desse congresso.

* O cigarro está estatisticamente relacionado ao câncer; não há uma prova cabal de causa e efeito. O mesmo ocorre com referência a doenças cardíacas.

* O fumante passivo é uma invenção; as evidências que correlacionam a exposição ao fumo a problemas de saúde são frágeis. Há divergências entre os cientistas e resultados contraditórios nas pesquisas.

* A diferença de peso entre bebês de não-fumantes e de fumantes, considerados prejudicados, não se mantém durante o crescimento.

* A poluição é insignificante; o fumo pode ser o elemento mais visível de poluição do ar, mas, segundo estudos feitos na Europa e nos EUA, sua influência é insignificante na composição do ar em recintos fechados.

Ponderemos ainda que a poluição dos carros e das grandes indústrias das metrópoles também devem ser consideradas na determinação de doenças pulmonares, cuja incidência, aliás, é baixa entre os muitos fumantes das zonas rurais. Outra descoberta recente é a de que o cigarro, comprovadamente, protege os fumantes contra o mal de Alzheimer (Inf. ABIFUMO, nº 80).

De outro "front", os fumantes determinados reagem.

A atriz Cláudia Raia, mesmo tendo deixado de fumar, continua fazendo apaixonadas defesas do cigarro e dos fumantes; é a musa do tabagismo brasileiro.

Na Espanha, existe a Associação de Defesa dos Interesses dos Consumidores de Tabaco (ADICTA), um clube para fumantes, cujo fundador, Moncho Alpuente, compôs até um hino, que diz, entre outros versos: "Se somos uma espécie em extinção, queremos subvenção (...) fumar é um prazer sensual, fumar é um direito natural".

Richard Klein afirma que são cíclicas as perseguições ao fumo, e que não conseguirão acabar com ele porque "não há no mundo uma sociedade sem cigarros".

E, cá entre nós, alguns antitabagistas são realmente "intragáveis", muito mais chatos do que os fumantes poderiam ser. Os mais radicais, então, invariavelmente pertencem àquela categoria de pessoas que não conseguem "se aparecer" sozinhas; precisam de um alvo.

E agora, sem mais delongas e digressões, tratemos finalmente da participação do fumo no concurso de fatos folclóricos, que, como veremos, é riquíssima.

O FUMO NA BOCA DO POVO

A única questão que certamente não se discute, sobre o fumo, é a de que ele provoca acaloradas discussões, sendo tema de inflamáveis falatórios, debates, celeumas, controvérsias, alterações, polêmicas, etc. e tal. Isso porque o fumo, sempre, e agora cada vez mais, está na boca do povo - tanto mal falado quanto fumado.

Para jogar, então, mais lenha nessa fogueira, mantendo acesa a falação, reunimos sob aquele título genérico algo do muito que se diz do fumo, seja a favor, contra, ou muito pelo contrário, seja em provérbios, ditos, frases feitas, anexins, enfim, qualquer modo de expressão, prosaica ou versificada, onde o fumo figura no sentido literal ou conotativo, fazendo-se-lhe objeto principal ou elemento de metáforas e comparações.

Vejamos:

- Não há fumo sem fogo.
- O cigarro adverte: Governo faz mal pra saúde. (adesivo de carro)
- O uso do cachimbo entorta a boca.

- Quem não bebe e não fuma... morre em perfeita saúde.

- Quem não bebe, não fuma e não mente não é filho de boa gente.

- Beijar um fumante é o mesmo que lambar um cinzeiro.

- O cigarro é um tubo cheio de fumo que tem uma brasa numa ponta e um idiota na outra.

- Conselho e rapé só se dá a quem pede. (anexim)

- Cochilou, o cachimbo cai.

- Não vale uma pitada de fumo macaio. (frase feita)

- Que importa ao cachimbo se o fumador tem ou não bigode? (disparate).

- Uns gostam de sarro de pito, outros de morrão de candeia.

- Mexe mais do que cachimbo em boca de velha. Variante: mexe mais do que charuto em boca de bêbado. (dito)

- Agora é que a cobra vai fumar.

- Pobre é que nem cachimbo, só leva fumo.

- Amor de mulher traidora é que nem uma tragada de cigarro; acaba em fumaça. (caminhão)

- Cigarro apagado não acende outro.

- Onde há fumaça há fogo, ou há um fumante. (antiprovérbio)

- Sofre que nem couro de pisar fumo. (dito)

- Casamento é igual rolo de fumo; quanto mais enrolado, mais fumaça sai.

- Paixão de Carnaval é igual cigarro - começa de fogo e acaba em cinzas.

- A mulher que fuma e bebe, que o diabo a leve.

Variante:

- De mulher que fuma e bebe, que o diabo se encarregue.

- Não tenho nenhum vício, só bebo e fumo quando jogo (caminhão).

- ... pode fumar tomando banho que o cigarro não apaga (Tem o nariz tão grande que...)

"Pito, pitô, o cachimbo da velha arrebentou". (insulto zombeteiro usado contra quem "levou um "pito" ou "caiu do cavalo")

"Adão foi feito de barro. Amigo me dê um cigarro". (Modo de pedir cigarro)

"Purrutaco-tataco,

A mulher do macaco,

Ela pula, ela fuma

Ela cheira tabaco".

(Copa muito divulgada)

Fórmula de Escolha:

Uma velha muito velha
Que pitava no **cachimbo**

O FOLCLORE DO FUMO

Foi dizer pra minha mãe
Que eu pitava no **cigarro**
Minha mãe me deu uma surra
Me jogou no taquaral,
Lá havia muito bicho
Me mordeu no cal...ca...nhar.

PARLENDIA

“Hoje é domingo,
Pede **cachimbo**.
O **cachimbo** é de barro,
Bate no jarro
O jarro é de ouro,
Bate no touro.
O touro é valente,
Bate na gente.
A gente é fraco,
Cai no buraco.
O buraco é fundo,
acabou-se o mundo”

QUADRINHAS FOLCLÓRICAS

Recolhidas pelo Prof. José Sant'anna aqui mesmo, na Capital do Folclore.

Dizem que o **cigarro** tira
A mágoa que a gente tem,
O **cigarro** queima tudo
E a alegria nunca vem.

Mulher que **pita cigarro**
Na minha cama não deita,
A catanga do cigarro
Meu coração não aceita.

Variante:

Moça que **fuma cigarro**
Em minha cama não deita,
A catanga do cigarro
O meu coração rejeita.

No arto daquele morro
Tem uma véia dando grito,
Tão tirando o dente dela
Pra fazê **cabo de pito**.

Cigarro de pobre é palha
E de rico é **charuto**.
Rico é sempre seu fulano,
Pobre é sempre um matuto.

O coitadinho do pobre
Não pode comprar **cigarro**,
Se ele quiser **fumar**
Há de ser **pito de barro**.

O **cigarro** é um veneno
Ensina velho ditado:
Mata moço, mata velho,
Destrói o pobre coitado.

O gosto de muié véia
É um gosto muito esquisito,
Senta na bera do fogo:

Meu véio, cadê o meu **pito**?

Quem **pita** só em **cachimbo**
Vive cuspiendo no chão,
Parece cano estragado
Que não tem arrumação.

Gente que **cheira tabaco**
Leva a vida espirrando,
Parece um bode velho
Que dá berro engasgando.

O **fumante de charuto**
É um cara atrevido,
Faz lembrar esgoto velho
Soltando cheiro fedido.

Todos que **fumam cigarro**
Valei-me São Barnabé!
Parece fogão de lenha
Que tombou a chaminé.

Essas geralmente se encontram afi-
xadas em escritórios e estabelecimen-
tos comerciais em que predominam os
antitabagistas.

"FUMANTE,

A fumaça do seu cigarro é o resí-
duo do seu prazer. Porém, ela polui o
ar, meu cabelo, minha roupa e os meus
pulmões. Tudo isto sem o meu con-
sentimento. Acontece que eu também
tenho um prazer. Gosto de tomar umas
cervejinhas. O resíduo do meu prazer
é a urina. Você ficaria aborrecido se
eu fizesse xixi na sua cabeça?

Então, vê se te manca, ô cara!

(Ao que os fumantes retrucam: “E
daí; também bebo”)

NÃO FUME



“Ao entrar nesse local lembre-se
O mundo possui:
7 mares
3 oceanos
5 continentes
510 milhões de Km² de terra
E você vem fumar
justamente aqui!?! Pô!?!”

O FUMO NO CORDEL

De procedência portuguesa e ori-
ginariamente oral, a Literatura de Cor-
del encontrou fortíssima receptividade
no Brasil, onde logo proliferou, numa

incalculável produção, especialmente
no Nordeste. Chegou a ter sua morte
prevista e anunciada algumas vezes.
Mas, com certeza, nunca esteve doen-
te, e tampouco moribunda; continua
saudável, pródiga e inventiva, sobre-
vivendo, intacta e denodada, à era da
“informática”, da “multimídia”.

Grande exemplo disso há em Olím-
pia: Acedilo Novaes, o nosso maior
representante desta arte popular.

A cada Festival de Folclore, seus
folhetos ficam dispostos à venda, co-
mo manda a tradição, em varais de bar-
bante ou de corda.

Desta feita, Acedilo nos presenteia
com o agitadoíssimo

TUDO POR CAUSA DO FUMO

ACEDILO NOVAES
Olímpia, 18/1/1995

1 - Vou contar uma viagem
Que eu fiz pelo sertão
Não me lembro bem o ano,
Mas lembro da confusão
Primeiro a falta de troco,
Saiu pontapé e soco
Que ficou forrado o chão.

2 - Quando acabava uma briga
Brigavam então com outro
Não respeitavam nem velhos
Quanto mais um cara moço
Nego pulava a janela
Bravo, parecendo fera
Coçando olho e pescoço.

3 - Mas a maior das encrencas
Foi por causa dos fumantes,
Acendiam o cigarro
Não paravam um instante,
Um acendeu o cachimbo
Recebeu tapas e xingos
De uma senhora gestante.

4 - O esposo dela enfezou
E os dois irmãos também,
Jogaram o cara pra fora
Perto da linha do trem
O tempo estava de chuva
O trem apitou na curva,
Correndo a mais de cem.

5 - Quiseram descer depressa
Pra salvar o passageiro,
O motorista esqueceu
Brecar o ônibus primeiro
Fizeram uma baderna
Puxando-o pelas pernas
Virou aquele berreiro.

6 - Quando salvaram o homem

O FOLCLORE DO FUMO

Saiu o ônibus de fasto,
Uns pulavam no brejo,
Outros pulavam no pasto
Ainda tivemos sorte,
Não teve nenhuma morte
Por causa do Chico Basto.

7 - Ele entrou logo no ônibus
E pisou no desembréia
Quando foi fazer o câmbio
Pegou a perna duma véia
Ela, todinha contente,
Disse pra ele: tente
Inda sou uma tetéia.

8 - Chegou a mulher do homem
Que ia também na viagem
Dizendo: seu sem-vergonha
Como você tem coragem
De alisar véia tão feia?
Eu vou te por na cadeia
Por causa desta bobagem.

9 - Ele disse embaraçado:
Paciência, mulher minha,
Eu vim pra livrar o ônibus
Que ia parar na linha
Eu não penso em ninguém
Somente em você, meu bem,
Minha querida rainha.

10 - Depois daquelas encrencas
Tornamos seguir viagem
Uns estavam enfezados,
Outros estavam contentes
Gente cantava e sorria,
Mostrando imensa alegria
Por não haver acidente.

11 - Quando foi dali a pouco
Houve nova correria
Alguém jogou um cigarro
Num lugar que não podia
Ele voou com o vento
Foi nos olhos do Zé Bento
Que o pobre homem gemia.

12 - O cara todo enfezado
Ficou até meio louco
Todo lado que virava
Dava pontapé e soco
Pra acabar a confusão
Pegaram esse negrão
E amarraram num toco.

13 - Nós seguimos novamente
Rumo ao nosso destino
Avistamos a cidade
E o badalar do sino
Senti cheiro de fumaça
Era um tal de Zé Cabaça
Que estava em desatino.

14 - O cigarro dele caiu
E pegou fogo no banco

Incendiou num instante
Rápido como um relâmpago
Aí desceram novamente
Os de trás e os da frente
Só ficou o Pedro Franco.

15 - Ele ficou distraído
Procurando o seu pito
Estava c'o ele na boca
E o procurava aflito
Um cara falou sem medo
Está na boca, seu Pedro,
Ele disse: ó Benedito!

16 - Nisto chegou um trator
Que estava aguando café
Todos jogaram água:
Os homens e as muié
Cada um c'uma vasia
Um subia, outro descia
Rezando com muita fé.

17 - Depois de tudo apagado
Virou novamente festa
Mais então ficou provado
Que o tal fumar não presta
Por causa de um indecente
Que fuma perto da gente
Até pretejar a testa.

18 - Se você quiser fumar
Fume só na casa sua
Não fume perto dos outros,
Se possível, nem na rua
Fume sempre escondido,
Porque além de fedido,
Estraga a saúde sua.

19 - Se cada um brasileiro
Tivesse boa noção
Não fumava, nem bebia,
E não cuspiam no chão
Tratava bem os patrícios
E não tinha nenhum vício
Pra perturbar a nação.

CRENDICES, SUPERSTIÇÕES, SIMPATIAS

Semiconsciente, talvez, de que fumar representa um vício de alto risco, do mesmo modo que "viver é perigo", pode ser que o inconsciente popular (dos fumantes) tenha confeccionado com suas baforadas uma cortina de fumaça em torno do verdadeiro medo que sentia, pretendendo com isso minorar a lembrança dos perigos do fumo, desviando-lhe a atenção.

Não obstante, havemos de convir, também, que o forte misticismo contido no fumo - de que trataremos logo mais - sem dúvida, pode acarretar toda sorte de especulações supersticiosas.

À cata, então, desses fumos, na companhia sempre agradável e produtiva do Prof. José Sant'anna - cuja alta popularidade de mestre e folclorista lhe permite saber onde há fumaça e fogo, facilitando-nos a pesquisa - coletamos, mormente entre os jovens e mais especificamente sobre o cigarro, algumas superstições, crendices e simpatias (com o fumo de ingrediente):

* Se, ao tirar o maço de cigarro do bolso ou da bolsa, este cair ao chão, antes de apanhá-lo para fumar, deve-se fazer com o maço uma cruz no ar, para evitar a perseguição de ladrões.

* Jamais se deve acender cigarro na chama de uma vela. Dizem que quem fizer isso perderá a salvação.

* Nunca dar o primeiro cigarro do maço a quem quer que seja, pois se isto ocorrer a pessoa terá a noiva (o) ou consorte roubada por um rival. (Há uma variante que generaliza dizendo que dá azar.)

* Ao acender o cigarro, se acaso entrar fumaça no olho é sinal de que alguém está pensando em você naquele momento. Se for no olho direito, trata-se de uma pessoa querida; se, no esquerdo, de um inimigo.

* Quando um cigarro aceso não queima por igual, é preciso jogá-lo e pisar sobre ele para evitar encrenca e mau-olhado.

Há sobre esse caso uma variante segundo a qual quando isso ocorre é sinal de que o fumante é ciumento.

* No caso de um fumante acender o cigarro pelo lado errado (filtro, se houver), é bom não fumá-lo, para evitar a inimizade com pessoa querida.

* Quando um cigarro estiver sendo aceso e não pegar fogo, pela terceira vez que insiste, é preciso desistir e jogá-lo fora; alguém está tentando alguma perseguição.

* Se o fósforo se apagar, antes de acender o cigarro, significa o anúncio de má notícia;

* Acender cigarro numa lamparina de querosene - entra ramo (ataque de qualquer doença) no corpo.

* Acender os cigarros de três pessoas com um só fósforo ou no mesmo isqueiro antecipa a morte da terceira.

Outra versão:

- Se três pessoas fumarem do mesmo cigarro, será antecipada a morte da mais velha.

Variante: morrerá a pessoa mais moça dos 3 fumantes.

Para evitar tal coisa, arrumar, depressa, uma quarta pessoa para fumar também do mesmo cigarro.

* Quando duas pessoas estiverem

O FOLCLORE DO FUMO

fumando e utilizando-se de um mesmo cinzeiro, tomar cuidado para não deixar o cigarro descansando, em cruz, sobre o outro. O que colocar o cigarro nessa posição perderá alguém da família.

* Não se deve acender o cigarro no de uma outra pessoa. Se esta for amiga, perderá, na certa, sua amizade.

* Se estiver fumando e o cigarro amolecer, pelo excesso de saliva, deve abandoná-lo, para evitar algum mal contra a saúde.

* Evite fumar o cigarro até o filtro, ou acendê-lo no tição aceso de um fogo, porque, se isso ocorrer, afastará do fumante a prosperidade.

* Jamais fume numa igreja, para que as bênçãos não sejam levadas pela fumaça.

* Quando o maço de cigarro não for invólucro ou em forma de caixinha, ou seja, em envelope comum, ao abri-lo, tomar cuidado para que seja de um só lado. Isto é, não rasgue o papel dos dois lados, para que o vício de fumar não se exceda demais.

* Nunca pedir a outrem que lhe acenda o cigarro. Se for amigo, perder-lhe-á a amizade.

* Jogar toco de cigarro pela janela ou pela porta traz azar. Saia de casa para jogá-lo fora ou deposite num cinzeiro.

* Ao comprar um maço de cigarro, abra-o, vire um cigarro de ponta-cabeça e faça um pedido. Esse cigarro deve ser o último do maço a ser fumado. Não pode ser dado a ninguém, nem mesmo para uma tragada.

* Faça um pedido e tente fumar todo o cigarro sem deixar cair a cinza. Se conseguir, seu pedido será atendido.

* Dê três fundas tragadas e deposite a cinza na palma da mão, depois feche-a, espere alguns segundos e abra, soprando-a. A letra que encontrar é a inicial da pessoa que está apaixonada por você.

* Os fumantes costumam provocar, com a fumaça direta do cigarro, ou com baforadas lentas, círculos de fumaça ("fumaça de cigarro em caracol"), que aos poucos se desfazem. A letra que se formará no ar é a inicial da pessoa que está pensando no cigarrista.

Há uma variante: se a circunferência mantiver-se um pouco mais, alargando-se, um desejo há muito acalentado será satisfeito.

* No jogo do bicho, para obter um "palpite", ou quem sabe adivinhar o bicho que vai dar, acenda um cigarro, concentre-se durante umas duas ou três

tragadas, e mergulhe a ponta acesa numa xícara de café; uma figura se desenhará na superfície.

* Simpatia para curar cólica de criança

Pegar uma folha de fumo, cortar em forma de cruz, pegar uma parte e levar ao fogo para murchar um pouco, passar um pouquinho de óleo, colocar sobre a barriga do nenê, e depois pegar um pano de limpar fogão, porém limpo e seco, colocar sobre a folha, enfaixando a barriga da criança.

* Para se saber, entre algumas pessoas reunidas, mais perto de quem a sorte está, uma delas desfaz a tampa dos cigarros de caixinha ("box"), verifica o número que se encontra no verso e informa aos demais a casa decimal que aquele habita (por exemplo, de 10 a 20). Cada pessoa mentaliza um pedido e chuta um número; quem acertar terá seu desejo realizado. Se ninguém acertar, o terá o mediador.

* O povo diz que ganhar um cachimbo de presente traz boa sorte.

* Folha verde de fumo, colocada sobre a barriga serve para curar qualquer dor.

SIMPATIAS PARA PARAR DE FUMAR

É importante lembrar que o sucesso dessas simpatias dependerá muito também da determinação da pessoa em largar de fumar.

- À noite, colocar o fumo de dois cigarros num copo d'água. Na manhã seguinte, coar e tomar só dois goles, em jejum. (Esta simpatia deve ser feita uma vez).

- Fumar de 10 a 15 cigarros consecutivamente, numa sexta-feira de lua minguante.

- Pedir a um vizinho (ou a um parente) sete pedacinhos de pão durante sete dias. A cada ida, você tem que comer um pedacinho do pão, em jejum, e fazer este pedido: Jesus, dá-me todos os dias o pão, que é meu verdadeiro alimento. Tira, em nome de Deus, o meu vício de fumar, que é o meu tormento. Amém.

- Pegar sete pontas de cigarros, colocar num saquinho de papel, e juntar um punhado de sal. Depois, jogar em água corrente, e dizer em voz alta: Assim como a água corre e não volta, eu quero que esta água leve embora o meu vício e ele não volte mais. (Fazer três dias seguidos).

- Compre um maço de cigarros e fume normalmente, mas não dê nenhum a ninguém. Guarde os três últi-

mos filtros e ponha-os dentro de meio copo d'água. Depois de três dias, tome toda a água do copo. O vício desaparecerá.

- Fazer um furo num coco verde, numa sexta-feira, sem deixar cair nem um pingo da água do coco. Em seguida, escrever o nome do viciado num pedaço de papel branco, em forma de cruz. Colocar o papel dentro do coco e fechar com os pingos de uma vela acesa. Enterrar o coco debaixo de um coqueiro.

Quando estiver enterrado o coco, rezar três Pai-nossos e três Ave-marias e, depois, dizer: Ofereço estas orações ao Anjo da Guarda do (dizer o nome do viciado), para que o ajude a esquecer o vício de fumar. Amém. (Qualquer pessoa pode fazer esta simpatia, menos o viciado).

- Fume três cigarros e, das três pontas que sobraem, faça um embrulhinho com seda vermelha, entregando este numa encruzilhada fêmea, ofertando-o à Pomba-Gira dos fumantes. À noite, quando sentir vontade de fumar, masque cravo e casca de canela.

- Compre uma lata de marmelada branca. Toda manhã, em jejum, coma uma fatia de marmelada, tome uma xícara de café amargo e a seguir fume um cigarro. Repete durante vários dias. Você não suportará, depois, nem o cheiro do cigarro.

- Colocar o fumo de um cigarro num copo de água e ferver. Tome uma colher desse líquido em jejum; o restante tem que ser enterrado num lugar onde você nunca mais passará.

PROPRIEDADES SALUTARES DO FUMO

- folquemedicina -

O tabaco, como se sabe, foi inicialmente apresentado ao resto do mundo ostentando fortes atributos de valor medicinal, usado para curar uma multiplicidade de moléstias, desde simples machucados até asma e bronquite. Esse, talvez, tenha sido o principal motivo da grande e veloz publicidade que o fumo logo teve.

O próprio diplomata Jean Nicot, quando presenteou com rapé a Rainha Catarina, fê-lo apregoando tais virtudes do produto, visto que lho sugeriu justamente com o propósito de aliviá-la as enxaquecas. Na Inglaterra, inclusive, quando de uma devastadora epidemia de peste bubônica, fumava-se tabaco, como desinfetante.

Posteriormente, em meio à sangui-

O FOLCLORE DO FUMO

nária perseguição que ao fumo se perpetrou, os médicos também combateram-no, a princípio porque seu uso propiciava a automedicação e, por conseguinte, reduzia-lhe o número de consulentes.

Contudo, a despeito das violentas repressões e do alvissareiro progresso da ciência, a crença no poder medicinal do tabaco permaneceu, e ainda hoje ele e seus derivados têm a mais ampla e generalizada aplicação na terapêutica popular, como veremos.

Recomendamos, entretanto, aos que se dispuserem a acolher quaisquer das receitas que se seguirão, que o faça com parcimônia, restrita ao uso exterior; jamais ingerir o produto, sob qualquer fórmula.

* Contra cólica de vesícula: chá de raiz de fumo.

* Para evitar tétano - escaldamento com fumo cozido na cachaça alcanforada, aplicar no ferimento e enfaixá-lo.

* Contra picada de qualquer inseto venenoso - ferver o leite com um pedaço de fumo e passar nas picaduras.

* Contra frieira, coceira - aplicar fumo curtido em urina de criança, ou fumo de cachimbo, friccionando o local.

Outra contra frieira - colocar entre os dedos folhas de cabaceira aquecida no azeite de mamona, juntamente com umas lasquinhas de fumo.

Outra contra coceira - esfregar no local fumo embebido no álcool.

* Para evitar inflamação, conseguir cicatriz perfeita e ótima conformação, pôr sobre o umbigo cruento da criança azeite de mamona, ou óleo, com fumo.

* Em caso de hemorróidas, para curá-las, introduzir pele de fumo no local.

* Para curar sinusite e rinite alérgica, faz-se uma composição com buchinha torrada e moída com um pouco de rapé. Basta cheirar algumas vezes durante o dia.

O cigarro de palha "temperado" com raiz de mamona de cadela também é composição para combater sinusite.

* Contra picaduras de insetos em geral - passar fumo umedecido com álcool.

* Para combater dor de cabeça, aspirar rapé associado ao alho torrado, moído e coado em peneira bem fina.

* Para curar tumores, abscessos, furúnculos e panarícios - aplicar uma papinha feita com fumo, alho e farinha de mandioca.

* Quando se extrai um bicho-de-pé, põe-se, na cavidade restante, rapé, sarro de cachimbo ou cinza de cigarros para não infeccionar.

* Dá-se rapé em pitadas aos que sofrem de vertigens.

* Cura-se cólica de criança friccionando seu umbigo com azeite quente misturado com pó de fumo.

* Para evitar inflamação nos ferimentos, cicatrizar bem, prevenir tétano, esquentar o local com fumo fervido em urina de criança. Se já estiver inflamado é bom para desinchar.

* Como prevenção ao lidar com substâncias tóxicas, para atenuar mau-cheiro - aspirar fumo em pó.

* Para arrancar verruga - aplicar-lhe fumo, esfregando diversas vezes até que ela desapareça.

* Após mochar e/ou castrar o gado, é recomendável passar fumo.

* Para aplacar dor de barriga dos recém-nascidos - polvilhar rapé na região do umbigo, friccionando a parte dolorida do ventre.

* Aspirar rapé é remédio indicado para curar dor de cabeça.

* Se o globo ocular está sendo torturado por um argueiro, espalhar nele um pouquinho de rapé e abrir e fechar o olho, lentamente, que aquele será retirado pelas lágrimas.

* Para aliviar dor de dente - mascar lentamente uma lasca de fumo e depois deixar no local dolorido por alguns minutos. Se houver cárie dentária, introduzir no dente fragmentos de fumo embebido em cachaça.

A dor de dente também aliviar-se-á se a pessoa fumar no cachimbo. A "puxada" na direção do dente doído alivia a dor rapidamente.

* Cura-se a umbigueira de bezerro novo com fumo amolecido em azeite.

* Com o sarro que se deposita no tubo ou no canudo do cachimbo curam-se feridas rebeldes.

* Para combater panarício, aconselham que envolvam o dedo com gema de ovo misturada com rapé.

* Cinza apanhada de charuto ou cigarro é um grande remédio no tratamento de feridas.

* Para aliviar as dores produzidas pela mordida e picada de peçonhentos ou cachorro hidrófobo: mascar fumo e depositar a saliva sobre a mordedura.

Outras contra picadura de cobra:
- Aplicar o mel de fumo (substância que escorre da corda quando é passada de um sarilho ao outro) nas picadas.

- usa-se caldo de fumo amarrando um cordão acima da cesura.

- é muito bom também esfregar fumo mastigado na cesura.

- Mastigar um pouco de fumo (não se pode ter cárie), chupar o local da mordida para que o veneno saia e cuspir.

- Para curar a ofensa de serpente, dar ao doente um pedaço de tocinho cru que ficou de molho, alguns minutos, numa tigela com querosene, com um pedaço de fumo de rolo.

* A folha de fumo em infusão com camomila acalma as cólicas violentas.

* As folhas de fumo também são usadas em feridas e úlceras.

* Suco fresco de fumo-brabo é ótimo remédio para cálculos renais.

* As raízes de fumo-bravo são usadas contra febre.

* Fumo-bravo em cozimento e cataplasma é emoliente e resolutivo.

* Contra picada de marimbondo, lamber o lugar picado e, depois, aplicar fumo de corda.

* Contra o bicho berne - pegar um pedacinho de fumo em corda e pôr em cima do berne. Depois é só apertar com dois dedos que ele sairá facilmente, tanto em pessoas como em animais.

* "Pôr o pé de molho no fumo" - (contra unha infeccionada).

- Ferver o fumo na água. Quando esta estiver morna, põe-se o pé de molho, jogando em cima da unha infeccionada o fumo fervido. Esse é um procedimento muito usado pelas manicures para com suas freguesas.

* Banho de fumo cozido com cinza de fogão é bom para combater sarna.

* Melaço contra insetos peçonhentos: Ponha-se uma folha de fumo "de vez" para secar na sombra, aberta. Depois de 8 dias, quando ela já estiver relaxada, faça dela uma bucha dentro de um gomo de bambu. Decorridos doze dias, ela se transformará num melaço, o qual deverá ser depositado num vidro para ser utilizado contra picadura de insetos peçonhentos.

* Outra para curar panarício: ferver, numa panela de barro, folhas de fumo, dentes de alho, açúcar e sabão, num pouco d'água. Quando ficar pastoso, cobrir o dedo afetado.

* O mel de fumo (que escorre quando este é posto para secar) cura sarna de cachorro e qualquer ferida.

* Para curar conjuntivite, fazer uma mistura com um pouquinho de fumo, cebola, alho e sal. Macetar até formar uma massa, espremer num pano fino e pingar, em gotas, no olho do doente.

* Para curar unha encravada, fer-

O FOLCLORE DO FUMO

ver uma boa quantidade de fumo e es-caldar o local arruinado.

* Para combater o veneno de mor-dedura de cobra: apertar bem o lugar ofendido para expelir todo o sangue. Mascar um naco de fumo e pôr a sali-va sobre o local.

* Contra queimadura de taturana: derramar sobre o local ferido fumo embebido em cachaça.

* Para curar dor de dente, aplicar sobre o local um pouco de pó de fumo juntamente com um pouco de pó de pimenta; fumar um cigarro feito com um pouco de fumo, raspa de chifre de veado e raiz de rebenta-boi.

* Para acabar com mau-hálito é bom mascar uma lasquinha de fumo e um cravo-da-índia, em jejum ou ao deitar.

* Contra mordida de qualquer in-seto deve-se passar sobre o local fumo e salsa picada, da horta.

OUTRAS UTILIDADES DO FUMO

* Espalhar lascas de fumo numa Biblioteca, entre os livros, espanta os insetos.

* Para clarear os dentes - mascar lascas de fumo e esfregá-las em todos os dentes.

* Pontas de cigarros fumados, co-locados no pé de uma roseira, é um bom método para afugentar formigas cortadeiras.

* Para dar brilho aos olhos - jogar-lhes um pouquinho de rapé, o que provocará uma lacrimejação cujo efeito fá-los-á brilhar.

* Quando se põe galinha a deitar (chocar) é bom colocar no ninho uma folha de fumo já meio amarelada, a fim de evitar a criação de piolho.

* Deixar o fumo, em lascas, duran-te quatro dias, retira-se-lhe as "per-nas", e pulveriza laranjais, mamoiis, canteiros de verdura afetados por lar-vas, lagartos ("purgão").

* Diz o povo que também é bom plantar um pé de fumo junto à horta para espantar "purgão".

* Quem ainda se serve de candeia para iluminação é bom acrescentar las-ca de fumo ao azeite para que a cha-ma fique mais luminosa, mais clara e mais resistente ao vento.

* Para acabar com pulgas, basta colocar uma ou duas folhas de fumo no local que elas desaparecem.

* Colocar folhas de fumo nas por-tas de casa afasta as cobras.

* Dizem ainda que o fumo é exce-lente como anti-séptico e desinfetante.

* Para matar cobra - aprisioná-la

numa forquilha, abrir-lhe a boca colo-cando nela sarro de cachimbo, mel de fumo ou o próprio fumo que ela não resistirá por muito tempo.

MITOS FUMANTES

Desconsiderando neste capítulo os vínculos da Mitologia com a Religião, a Psicanálise ou o Cinema e seus as-tros e estrelas fumantes, atemo-nos, destarte, à acepção mais fantástica do vocábulo, enquanto situado no âmbi-to da Folclorística, para lembrar alguns mitos primários cujo vício de fumar - ainda que não integre as bases ideais de sua constituição - representa uma característica interessante.

O CURUPIRA

"E o Curupira vive no grelo do tucunzeiro e pede fumo pra gente".

Mário de Andrade

- entidade mítica de idealização folclórica e procedência tupi-guarani (de "curu" - corruptela de curumim + "pira" = corpo, corpo de menino), com ligações originárias ao homem primitivo

e de atributos heróicos na proteção da fauna e da flora; tem como principal signo a direção contrária dos pés em relação ao próprio corpo, o que constitui um artifício natural para despistar os caçadores, colocando-os numa perseguição a falsos rastros; possui extraordinários poderes e é implacável com os caçadores que matam pelo puro prazer de fazê-lo; há, entretanto, variantes, extremamente divergentes dessas idéias, onde o Curupira (e/ou o Caipora) é um ser medonho e perverso: "o demônio das florestas"; na concepção pictórica, "aparece" de várias formas: como um menino de corpo peludo, cabelos avermelhados e dentes verdes; como um curumim; como um duende sem cabelos e com o corpo coberto de pelos verdes; como um anão, um caboclinho, etc.

O Curupira tem para nós olimpi-enses uma peculiar importância por ser o Patrono do Festival do Folclore - durante o qual é incumbido de gover-nar a cidade após receber (personifi-cado) das mãos do prefeito a carta de mandatário e a chave simbólica do



Município.

Curiosamente, quando do Progra-ma das Atividades Folclóricas do 28.º Festival do Folclore de Olímpia (1992), ao dizermos que

"No ano internacional da ecologia, em que as preocupações com o meio ambiente estão em relevância e foram ainda mais evidenciadas na 'Rio 92' (...) o Curupira, pelo heroísmo que lhe é atribuído nas lendas, coloca o Festi-val do Folclore, do qual é Patrono, a sua Capital, Olímpia, e o próprio fol-clore em sintonia com o planeta"

esquecemo-nos de mencionar que o Curupira é um indefectível fumador, talvez porque o entusiasmo conta-giante daquela hora tenha-nos bloque-ado tal informação. Mas, ainda assim, não é tão relevante neste caso consi-derar a incompatibilidade ou a incoe-rência que possa haver entre militar na causa ecológica e fumar, mesmo porque os muitos méritos do Curupira relevam esse pequeno vício.

Finalizando, há uma superstição, que é também uma simpatia, colhida pelo Prof. José Sant'anna, que con-substancia um hipotético ponto vulne-rável deste herói: "dizem que o Cu-rupira atrapalha a caça, mas é só acen-der um cigarro ou um cachimbo para ele que a caça logo aparece".

O CAIPORA

- mito tupi-guarani, de "caá", mato, e "pora", habitante.

As inúmeras versões que con-tam o Caipora produzem uma di-versidade de con-ceitos tão ampla quanto sua propalada ubiqüidade no Reino Vegetal. Essas tantas e também desconstruídas versões possibilitam que se apresentem ele e o Curupira (sempre associados e confundidos) como mani-festações transformadas de uma só entidade, ao mesmo tempo que se ad-mite a coexistência de ambos.

O Caipora é descrito ora como sen-do o Curupira de pés normalmente constituídos, ora como um gigante coberto de pêlos negros montado num enorme porco, ora como um negro velho, um caboclo e muito mais. Ele e o Curupira, portanto, podem ser um do outro como que um complemento, o alter ego ou até mesmo a alma gêmea, visto que o Caipora também fi-gura como uma mulher unípede, uma indiazinha, uma caboclinha, enfim,



O FOLCLORE DO FUMO

uma imagem ideal feminina.

No entanto, o que mais vale, neste contexto, é o fato de que o Caipora ama a cachaça e o fumo, tanto que dele adveio a expressão “fumar que nem Caipora”, dirigida aos fumantes exagerados. Outra das suas, de acordo com a versão que faz dele um ser terrivelmente maléfico e ameaçador, está no costume de deixar-lhe em oferenda um rolo de fumo nalguma encruzilhada, para aplacar-lhe a raiva.

Uma lenda baiana reforça ainda mais o propagado gosto do Caipora pelo fumo, de um modo geral:

Certa ocasião, um intrépido caçador entranhou-se na mata em busca de suas presas e acabou se perdendo. Ficou a vagar durante muito tempo, sem conseguir achar a saída. Até que, quando começou a anoitecer, e ele a se desesperar, deparou-se com o Caipora, que lhe pediu um teco de pó (rapé) “para tomá uma pitada”, após ouvir suas lamúrias. Pediu-lhe também um pedaço de fumo “pra modi mascá”. Satisfeito, o Caipora disse-lhe que se quisesse ir embora para casa bastava cortar uma vara. O homem assim o fez e, de repente, ao dar por si, viu-se na porta de sua casa.

O SACI-PERERÊ

“Saci-Pererê
de uma perna só
pitou no cachimbo
da minha avó”.

(Quadrinha popular)

Esta entidade matreira, traquina e das mais conhecidas é também objeto de incontáveis e controvertidas interpretações, tendo atravessado uma sucessão de metamorfoses, sob a influência mística e supersticiosa de índios (o nome é de origem tupi-guarani), negros, brancos e mestiços.

Enredado em diversas lendas, em alguns rincões é uma assombração tenebrosa, um eufemismo do “capeta”, ou ainda um ser simpático e graciosamente assustador - terrível; em outros, tem uma imagem de benfeitor - o Negrinho do Pastoreio, que encontra objetos perdidos.

O Saci é apresentado até como fi-



lho do Curupira, numa fantástica concepção que, de alguma forma, pode até adquirir certa coerência se tomarmos as variantes em que o Curupira e o Caipora são seres distintos, sendo o segundo, numa delas, uma mulher unípede que anda aos saltos.

De acordo com a configuração mais popular, o Saci-Pererê é representado por um negrinho de uma perna só que usa uma carapuça vermelha cujo poder mágico lhe confere a prerrogativa de ficar invisível e de aparecer e desaparecer como fumaça. Ele se faz anunciar por um assobio astridente e *adora fumar* - aliás, essa é uma forte característica do Saci, visto que é difícil imaginá-lo sem seu cachimbo.

Ah!, e o Saci também é daqueles fumantes que nunca trazem consigo fósforos ou isqueiros e, por isso, sempre aterroriza os viajantes pedindo-lhes fogo.

LENDAS

Apresentamos duas, sobre a origem do fumo, onde ambas realçam os princípios contraditórios desta planta, dando-lhe elementos para que seja, a um só tempo, venenosa e abençoada.

A primeira delas diz o seguinte:

POR QUE O FUMO É VENENOSO

Num tempo em que nada precisava ser plantado e cultivado pela mão do homem, o fumo só possuía qualidades; era benéfico como todas as plantas da natureza criada por Deus.

Em certa ocasião, quando caminhavam juntos Jesus e seu amigo Pedro, este se cortou profundamente.

Tranquilizando-o, Jesus pediu-lhe que fosse até um pé de fumo, apanhasse uma folha e a espremesse muito bem, pingando-lhe o sumo sobre a ferida, que, assim, logo ficaria boa.

Mas acontece que o Diabo rondava o local e, sempre querendo desfazer os feitos de Jesus, logo tratou de lançar à erva os venenos que até hoje ela contém.

COMO NASCEU O FUMO

Há uma outra, similar à fábula da rã e do escorpião, segundo a qual...

O profeta Maomé, numa de suas muitas peregrinações, passava com seu séquito por uma estrada quando foi abordado por uma funesta víbora, que

lhe suplicou para aquecê-la, dizendo estar a morrer de frio.

Solícito, ainda que um tanto hesitante, o patriarca dos muçulmanos aconchegou a serpente no colo, envolvendo-a em suas vestes felpudas.

Passados alguns instantes, a medonha criatura, já aquecida e ainda nos braços do profeta, desferiu-lhe sua mordida mortífera, deixando-se cair em seguida.

Maomé, indignado com a atitude ingrata da peçonhenta, sorveu o veneno do braço picado e o deitou fora.

Algum tempo depois, nascia, no lugar em que o profeta cuspira, um pé de fumo, criado, portanto, a partir do veneno da víbora e da saliva do santo.

ONIROMANCIA

Os sonhos, sabemos, significam muito mais do que experiências vividas durante o sono, haja vista que, entre outras coisas, representam como que um oráculo íntimo e secreto, resultante de uma comunicação intrínseca entre os diferentes níveis de consciência de cada sonhador. São também intrincados, talvez por razões próprias da confusão e da volubilidade que quase sempre acompanham os pensamentos; é preciso decodificar os sonhos.

Em vista disso, lembrando que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos fumantes que pretendem deixar de sê-lo é sonhar que está fumando, e que o cigarro também ajuda a sonhar acordado, vão aqui algumas interpretações de sonhos relacionados com - ou envoltos em - fumo.

SONHAR

- com cigarro aceso: ódio infundado.
- com cigarro apagado: contrariedade.
- com cigarros: notícias inesperadas.
- que está fumando: prazeres passageiros; novos amores; indica que você é volúvel.
- que vê alguém fumando: rompimento de relações amorosas; ganhos inesperados.
- que está fazendo cigarro: bons negócios.
- que está comprando cigarro: sorte no jogo.
- que está vendendo cigarro: casamento ou noivado próximo.
- que está queimando cigarro: aborrecimento por questões envolvendo

O FOLCLORE DO FUMO

dinheiro.

- com charutos: melhoria de posição financeira; vitória sobre seus inimigos; sorte na vida afetiva.

- com cachimbos: sucesso nos negócios; riscos no amor.

- que está fumando cachimbo: velhice precoce.

- que planta fumo ou o está cultivando: aumento de riqueza; futuro promissor.

- que compra ou vende fumo: maus negócios.

- que está tomando tabaco (rapé): sensualidade.

A MÍSTICA DO FUMO

No que diz respeito ao uso do tabaco em práticas místicas, tudo teria começado com os indígenas americanos, que lhe creditavam valores mágicos, sobrenaturais, sendo de grande importância nas cerimônias de iniciação dos pajés e nos rituais em geral.

Sentados ao redor do fogo do fumo, considerado por eles purificador, os ameríndios afugentavam espíritos e forças maléficas; ante a ameaça de grave adversidade e perigo ou quando se deparavam com furiosas tormentas, pós de tabaco eram lançados ao ar em meio a cânticos e danças frenéticas. Havia também "poções" contendo, além do tabaco, vísceras de serpentes e outros bichos peçonhentos, com que se banhavam para proteger o corpo de tentações e más influências. Acreditavam, sobretudo, que o fumo representava um meio de se conectarem com os deuses, aos pés dos quais (personificados em ídolos) faziam o tabaco arder em chamas continuamente reabastecidas. Por esse mesmo motivo, os líderes espirituais, feiticeiros das tribos, pajés, caciques, mascavam, inalavam ou ingeriam o tabaco, por meio de beberagens, até que imergissem num êxtase que lhes permitiria obter premonições fatais e o contato transcendental com seus deuses. Todas essas práticas, entre outras, somavam-se ao próprio uso medicinal que do fumo faziam os índios, o qual, aliás, muito tem de magia.

Hoje, no Brasil, embora com menos veemência e extravagância, o fumo ainda conserva valores místicos nas seitas que aqui se desenvolveram resultando de misturas afro-ameríndias com alguma influência católica (sincretismo).

Nos catimbós nordestinos (catimbó = cachimbo), o cachimbo é o instrumento-mor desse cerimonial de quase

pura ascendência indígena, cuja mesa dos trabalhos ostenta também fumo e charutos. Nesse ritual, faz-se defumação terapêutica e profilática a maus-olhados com a fumaça do cachimbo que o mestre sopra nos consulentes. Câmara Cascudo informa que "nas macumbas do Rio de Janeiro, como nos catimbós, o ritual pede que a assistência fume sempre que puder".

Nas seitas afro-brasileiras, de um modo geral, o charuto usualmente inclui-se nos "despachos" (embrulho contendo ingredientes rituais, deixando em certos lugares, para feitiçaria, ou em oferenda a orixás). Há inclusive uma fábrica no recôncavo baiano especializada em produzir charutos, para esse fim, em que figuram símbolos e nomenclatura das magnas entidades do Candomblé.

Acompanhamos também algumas sessões realizadas nos Centros de Umbanda de Olímpia, onde *pombas-gira* e *exus* baixavam querendo de imediato cigarros (dos "bons") e charutos, respectivamente. Os "pretos-velhos" têm predileção exclusiva por cachimbos, e rapé. Os "caboclos", por charutos, e os "baianos", por cigarro de palha e "masca". No mais das vezes, os "guias" pedem algum produto do fumo porque o usa em "descarregos" e defumações; é ferramenta de trabalho que os médiuns já trazem consigo. Noutras, porém, entidades "menos evoluídas" (eguns) querem apenas pelo prazer de fumar. Esses o fazem por ainda estarem apegados às vicissitudes terráqueas, explicam a "ialorixá" Jesuína de Sousa e Silva e a "ogan" Maria Gertrudes, do Centro de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário, de Olímpia.

O "descarrego" processa-se da seguinte forma: os consulentes enfileiram-se diante dos "guias" corporificados para tomar um "passe" e consultá-los. Os "caboclos", com charuto, aspiram e sopram-lhes fumaça sobre a cabeça, na região do ventre, e em cada ombro. Mesmo procedimento têm os "pretos-velhos", só que com cachimbo. Existem ainda "banhos de defesa" (que os médiuns fazem antes da sessão) e "de descarrego" (contra "coisa feita"), à base de fumo, geralmente receitados pelos pretos-velhos.

Crenças há, contudo, que transcendem os terreiros revestindo-se de forma folclórica, e, por serem menos caseiras que as simpatias e mais forte que as superstições, serão exibidas neste capítulo:

- Para quebrar o encanto de um fei-

ticeiro, basta surrá-lo com fumo de corda.

- No lugar em que mulher urinar, colocar um pouco de rapé, proferindo seu nome reiteradas vezes, para que ela fique imediatamente apaixonada pelo agente.

- Banhos de fumo com urina servem para evitar ou tirar feitiçarias do corpo.

- Boneca de rolo de fumo colocada no quintal de casa afastam duendes perigosos e pássaros agourentos.

- Fazer uma cruz na testa com mel de fumo é defesa contra todos os males, principalmente contra arma de fogo.

- Quem entrar numa mata é bom levar, no bolso, um pedaço de fumo de rolo para espantar cobras e maus espíritos.

- Para evitar feitiçarias, recomenda-se o porte constante de um patuá feito com 3 lasquinhas de fumo, 3 dentes de alho e uma folha de guiné.

- O povo diz que quando o cigarro não pára no cinzeiro, deve-se acender outro novo e o deixar queimando de pé, para a "entidade desencarnada" que está querendo fumar.

Ao ensejo da conclusão deste capítulo, ressaltamos que dentre as muitas tipificações e motivações acerca do fumo, sobre as quais discorreremos no decorrer deste trabalho, o misticismo que o envolve, sem dúvida é dos mais interessantes, pois o tabaco tem forte e imediato vínculo com o elemento fogo; a própria fumaça é utensílio milenar de quaisquer atos que visem ao sobrenatural, e, finalmente, a história de engoli-la e soprá-la, com efeito, excitou sobremaneira o desejo de lidar com "forças", fazendo todos os fumantes um tanto feiticeiros.

PEGAS, BRINCADEIRAS, TRAQUINICES

O cigarro, além de tudo, tem largo uso em "sarros" e "coisa mal feita"; é essencial, por exemplo, na montagem das "bombas-relógios" juvenis (bombinhas atreladas a um cigarro aceso, pouco abaixo de cuja ponta), detonadas especialmente no período junino, muitas vezes nos banheiros das escolas, ou até na própria sala de aula pelos mais encapetados - que ficam incógnitas.

Vejam agora mais alguns casos, observando que os termos que intitulam este tópico acomodar-se-ão, de alguma maneira, nos contextos que se seguem.

O FOLCLORE DO FUMO

* Esse pega é dirigido aos fumantes serradores mais incautos. Deve ser feito com rodeios e expressões de surpresa e inocente curiosidade. A essência é:

“Fuma?...”

“Traga?...”

“Então traga da próxima vez”.

* Outra peça que se costuma pregar é a de colocar um palito de fósforo (inteiro ou só a cabeça) dentro de algum cigarro e guardar de volta no maço sem que o fumante perceba, ou então oferecer um já preparado a um “serrador”. A pessoa leva um baita susto com a chama súbita que saltará numa tragada.

* - Qual o contrário de “fumo”?

- “Vortemo”.

* De pescador:

- Agora eu pesco usando fumo?

- Mas como?

- A gente joga o fumo p'ros peixe mascarem, e quando eles sobem pra cuspir, a gente pega no pulo.

* De mal gosto, e um tanto sem sentido é essa:

“Já viu soltar fumaça pelo olho?”, pergunta o fumante, tragando o cigarro.

Enquanto o interlocutor observa, esperando, o fumante, sorrateiramente, encosta-lhe o cigarro nalguma parte do corpo.

* “Duvida que eu acenda um cigarro, dê dois ou três tragos e ele fique do mesmo tamanho?”, desafia o fumante, acendendo em seguida o cigarro pelo meio ou um tanto abaixo da ponta, dando as tragadas. (A ponta, evidentemente, cairá depois, mas durante os dois ou três tragos o cigarro não diminui).

* Para dar a impressão de que tragaram a fumaça pela orelha, alguns fumantes disfarçam, trazem fundamentalmente, “seguram” a fumaça alguns segundos, e aí colocam o cigarro na orelha, soltando a fumaça que vinham prendendo.

E lembremos, em tempo, que os fumantes fazem altos malabarismos com o cigarro, como os famosos caracóis de fumaça saídos de baforadas lentas, ou quando apagam o cigarro na boca, numa complexa acrobacia em que conseguem virá-lo, prendendo-o, ao contrário, entre os dentes, e enrolando a língua para trás, evitando tocar na brasa, até que, finalmente, acumulam saliva num canto da boca, onde apagam o cigarro e o cospem fora.

O JOGO DO ANEL NO COPO

Esta é uma brincadeira que acontece em bares e restaurantes (momento nos primeiros), quase sempre como um jogo para ver quem paga a conta.

Pega-se um copo de vidro, tampase-lhe a borda com o plástico da embalagem do cigarro, sobre o qual é colocado um anel.

Cada comensal (ou bebensal), mesmo não fumante, vai fazendo, de per si, um furinho no celofane com a brasa do cigarro, até um ponto em que o anel, não tendo mais suporte, cairá dentro do copo.

Quem deixar cair o anel, paga a conta.

PIADAS

* Em visita de cortesia a uma amiga, no interior, que há muito tempo não encontrava, uma senhora, admirando um vaso que enfeitava a peça da sala, viu que nele havia um certo pó cinzento.

- O que é isso aqui? - quis saber.

- Cinza do meu marido - respondeu a amiga.

- Ah! Você deve ter sofrido tanto...

- Pode crer. Meu marido, quando fuma, joga cinza em qualquer lugar.

* Dois médicos travavam uma inflamada discussão.

Um defendia o cigarro, afirmando que não fazia mal. O outro gritava que era um vício mortífero.

Resolveram, enfim, fazer uma pesquisa juntos.

Encontraram um senhor de 80 anos, não fumante.

- Está vendo?! Chegou a essa idade porque nunca fumou - disse o médico antifumo.

Pouco depois, descobriram uma mulher de 90, fumante desde criança.

- Isso é uma exceção - bradou aquele novamente.

Chegaram, depois de muitos fumantes e não fumantes, a um senhor de 103 anos, que não fumava.

- Agora não tem mais jeito. Acabou a discussão. Só quem não fuma pode chegar a essa idade.

De repente, um barulhão, dentro da casa.

- O que é isso? - perguntou o médico que defendia o fumo, ainda insatisfeito.

- É meu pai - respondeu o senhor - Quando ele não acha o cigarro, fica louco da vida.

* Num trem, um cavalheiro elegante oferece a charuteira a seu vizinho da direita:

- O senhor é servido?

- Obrigado, eu não fumo.

Volta-se para o da esquerda, e este agradece também:

- Obrigado, não fumo.

A esposa do cavalheiro:

Você não vai oferecer àquele senhor do canto?

- Não! Esse fuma.

ADIVINHAÇÕES

Popularíssimas e divertidas charadas, que fazem pensar enquanto se brinca e que têm grande receptividade especialmente entre a criançada, as adivinhações, ou adivinhas, mostram-se bastante oportunas neste trabalho, em razão das metáforas e das alegorias descritivas que se armam, nalgumas questões, em torno da imagem e da idéia da resposta - neste caso, o fumo e seus filiados.

Vejamos, então, algumas adivinhas, diretas ou em verso, que recolhemos em Olímpia junto a estudantes do 1.º grau, parte das quais extraímos do livro “O que é, o que é”, do Professor José Sant’anna.

O que é que o cigarro disse para o fumante?

- **Hoje você me acende, amanhã eu te apago.**

Em que mês do ano as mulheres fumam menos?

- **Em fevereiro.**

O que é que nasce grande e morre pequeno?

- **Cigarro.**

O que é, o que é: Ele morre queimado e ela morre cantando.

- **Cigarro, cigarra.**

O que é, o que é: Vinte irmãos morreram queimados e o pai morreu esmagado.

- **Os cigarros e o maço.**

O que é que nasce verde e, em tempo certo, fica preto e acaba em fumaça?

- **Fumo.**

O que é que quanto mais se puxa mais se enrolhe?

- **Cigarro.**

O que o cachimbo disse à boca?

- **Você acha pouco o fogo que me queima numa ponta e ainda me morde na outra?**

O que é preciso para acender um cigarro?

O FOLCLORE DO FUMO

- Que ele esteja apagado.

O que um cigarro disse para o outro?

- **Triste sina, companheiro, só sai de casa para morrer queimado.**

Branco por fora,
Preto por dentro (Não é o Michael Jackson)

Vermelho na ponta
E chupa pra dentro.

- **Cigarro.**

De cor verde fui nascido,
Cantando minha alegria,
Mas o homem me queimando
Me consome todo dia.

- **Fumo.**

Meus princípios foram verdes,
De luto me fui cobrindo;
Para dar gosto aos amigos,
Nos ares vou-me sumindo.

- **Fumo.**

Verde foi seu nascimento,
Mas de luto se cobriu,
Veio dar gosto ao mundo
E no ar se consumiu.

- **Fumo.**

No princípio eu era verde,
Mas de luto me vesti,
Para dar prazer ao mundo
Nos ar me consumi.

- **Cigarro.**

Verde foi meu crescimento,
Preto meu procedimento,
De luto eu me cobri
E em fumaça me sumi.

- **Cigarro.**

São coisas interessantes
Pra quem vive adivinhando:
Ele morre se queimando,
Mas ela morre cantando.

- **Cigarro e cigarra.**

Verde, cor que nasci
E de luto me cobri
Me revestiram de branco,
No ara desapareci.

- **Cigarro.**

Verde foi meu nascimento
Negra, minha mocidade,
E de branco me vestiram
Pra me queimar à vontade.

- **Cigarro.**

TERMINOLOGIA DO FOLCLORE DO FUMO

Excetuando os termos já comentados neste trabalho, arrolamos, para finalizá-lo, um breve vocabulário acerca do folclore do fumo, cujo teor com-

preende desde palavras estritamente relacionadas ao produto e seu uso até gírias e expressões derivadas dos muitos sentidos conotativos que dele se podem extrair.

arrebenta-peito = cigarro muito forte, de marca ordinária; cigarro sem filtro.

babão = o mascador de fumo.

baforada = fumaça expelida pelos fumantes no ato de fumar.

bagana = resto de cigarro, charuto ou maconha.

bago = toco de cigarro que ainda se pode reaproveitar; testículo.

benga = ponta de cigarro que ainda se pode reacender (bago), ou ainda acesa, quando próxima ao filtro, suficiente para mais uma ou duas tragadas: "Me dá o benga"; **estar no benga**: diz-se de uma pessoa que esteja "caindo de sono, ou de bêbada", ou seja, prestar a "apagar".

beber fumo = expressão que evoca a íntima parceria que há entre a cachaca e o fumo, é designativo arcaico do ato de fumar.

binga = isqueiro rudimentar, de chifre de boi, cabaça ou similares, que se recheava de estopa passada no fogo, cuja chama era obtida a partir do atrito da lima com uma pedra posta junto à borda da peça; isqueiro (industrializado); tabaqueira; chifre de boi que se usava para beber água.

bituca = ponta de cigarro, ou de charuto, inutilizável. Sinônimos: beata, ganso, guimba, piola, prisca, pucho, tinchá, etc.

boca de fumo = ponto de venda de maconha (Aurélio).

boca de pito (fazer uma) = tomar café antes de fumar cigarro.

A boca de pito atualmente é usada tanto para realçar o sabor do cigarro como para abrandar o impacto das fumaradas. No segundo caso, alargou-se a outros produtos além do café, como balas, chocolates, petiscos, cachacas, refrigerantes, etc. É curioso esse costume, pois, mesmo sabendo que o "pito" não lhe cairá bem, num dado momento, por alguma razão, o fumante, insistindo em fumar, recorre a esses expedientes para suavizar-lhe as tragadas.

bocó = alforje de couro cru em que se usa guardar os apetrechos para a confecção manual do palheiro, quais sejam: fumo, palha de milho, canivete, etc; idiota, imbecil.

boró = tolo, palerma; charuto ordinário, informa Hugo Moura.

brejeira = V. *masca*.

cachimbado = enganado, ludibriado, informa Câmara Cascudo.

cachimbar = sorver e baforar fumaça de cachimbo; meditar, conje-

turar, estar em devaneios nostálgicos.

cachimbo = instrumento para se fumar; bebida preparada com cachaca e mel de abelha; vulva; guarda à paisana, policial.

cachimbo aceso (estar de) = de mau humor, irascível.

careta = cigarro.

catimbau = cachimbo pequeno e velho (Aurélio).

chaminé = diz-se do fumante exagerado, que fuma um cigarro atrás do outro - dragão, maria-fumaça.

charutear = fumar charuto.

charuteira = caixa para charutos.

charuto = tubo feito de folhas de tabaco para se fumar; adjetivação depreciativa aplicada a pessoas de cor; bebida feita com vinho e mel de abelha; iguaria feita com folha de repolho, couve ou uva, recheada com carne e arroz.

cheirar pó = cheirar rapé, ou coaína.

chuspa = bolsa de borracha para fumo desfiado, informa Manuel Viotti.

cigarrear = fumar cigarro.

cigarreira = caixinha ou estojo onde se guardam cigarros; mulher que os fabrica.

cigarreiro = homem que faz ou trabalha onde são feitos cigarros.

cigarrista = fumante de cigarro.

cigarro de bêbado = diz-se do cigarro quando amassado e torto: "Tá que nem cigarro de bêbado".

dragão = chaminé; o fumante que tira grandes fumaradas do cigarro, soltando fumaça também pelo nariz.

destronca-peito = V. *arrebenta-peito*.

espanta-mosquito = cigarro de palha.

fumada = porção de *fumo* chupada de cada vez (Aurélio), tragada, trago: "Dê-me uma fumada"; **levar uma fumada**: sofrer grande derrota ou severa repreensão. - Sinônímia: **levar fumo, tomar para o seu tabaco**.

fumar = sorver e expelir fumaça de cigarros, cachimbo ou charuto; fazer fumaça; exalar vapores; evaporar-se; encolerizar-se: "O cabra **fumava**, mas a mulher não o deixou entrar."

fumarada = fumaça; usa-se para significar tanto a fumada como a baforada.

fumar como um turco = fumar excessivamente.

fumar de tapeação = fumar eventualmente; fumar cigarro sem o tragar, fazendo gênero; fingir que fuma.

fumar tapeação = relevar história mentirosa, fingir acreditar nalguma mentira ou em desculpas pouco convincentes.

fumegado = diz-se do cigarro, ou palheiro, quando não queima por igual.

O FOLCLORE DO FUMO

fumeiro = fumante, fumador - nesse sentido, é mais usado para designar o fumante de maconha; chaminé; cargueiro de fumo de rolo.

fumo de folha = As folhas de fumo, secas e preparadas abertas, para se fazer charutos, informa Valdomiro Silveira.

fumo de palha = aquilo que é de pouca valia, palavras vãs.

fumo de quilombo = fumo muito forte: "fumo de quilombo, cada tragrada um tombo".

fumódromo = local reservado para se fumar (quando há) em lugares onde tal ato não é permitido.

fumo macheiro = as folhas externas de pé de fumo que fornecem fumo fraco, registra Hugo Moura.

fumo macho = as folhas centrais (o olho) do pé de fumo que fornece fumo forte, idem.

gastar = fumar, tomar rapé, mascar fumo.

gruja = *masca*.

língua de vaca = fumo forte, feito com as folhas do broto.

macaia = tabaco ordinário. Sinônimos: pacaia, bamba, bazé.

mão-de-fumo = reunião entre viciados em maconha, na qual se usa apenas um "baseado", de forma comunitária.

masca = pedaço de fumo para mascar - também brejeira, gruja, mecha.

mecha = *masca*; uso repugnante de se introduzir nas narinas uma torcida de fumo de rolo (Câmara Cascudo); parte do cachimbo em que se encaixa o canudo.

migar tabaco = picar e desfilar o fumo para ser usado nos cigarros ou cachimbos, registra Manuel Viotti.

mortalha = pequena tira de papel ou palha em que se embrulha o fumo do cigarro (Aurélio).

nargada = pitada

pau-de-fumo = referência pejorativa a homem negro.

pé-de-burro = fumo de corda do brejeiro, informa Hugo Moura.

pegadeira = pinça com que os fumantes seguram o cigarro ou o charuto, informa Macedo Soares.

pica-fumo = avarento; canivete; registra Hugo Moura.

picar o fumo = além do óbvio, significa ir-se embora: "Já é tarde. Vou picar o fumo".

pitada = porção de rapé que se toma entre os dedos polegar e indicador para meter no nariz ao aspirá-lo. Por extensão, o vocábulo abrange quantidades equivalentes, na culinária, ou seja, pequenas porções "olhométradas" de edulcorantes ou temperos em pó: "uma pitada de sal

(ou açúcar)"; trago, fumada; pequena quantidade de maconha ou cocaína pulverizada.

pitár = fumar; padecer, passar maus bocados.

piteira = tubo em que se encaixa o cigarro para filtrar-lhe parcialmente a nicotina ou para efeito estético, - também *boquilha* ou *biqueira*; bebedeira; aguardente de figo.

pito = originalmente designava o cachimbo (em especial, o de barro), estendendo-se, mais tarde, aos cigarros; repreensão: "levou um pito da professora"; **estar no fim do pito**: em idade muito avançada, moribundo, à beira da falência; "**sossega o pito**": advertência dirigida à pessoa que esteja inquieta, nervosa ou inconvenientemente lasciva, assanhada; aférese de **apito**: "Ninguém sabe que **pito** ele toca (o que faz, o que pretende, de que lado está); **pito quebrado** ou **pito caído** (estar de ou sair com o): aborrecido, amuado, derrotado.

pito aceso (estar de) = diz-se de alguém que esteja excitado, eufórico, assanhado.

Em Olímpia, a região onde está situada a igreja de São Benedito, mesmo depois de se transformar em bairro residencial, ainda é chamada de "**Pito Aceso**", visto antigamente ali terem funcionado "casas de tolerância".

puxar fumo = fumar maconha.

quebra-queixo = cigarro grosseiro, feito à mão, informa Tomé Cabral.

queimar fumo = *puxar fumo*.

quilotar = enegrecer o cachimbo ou a piteira fumando-os (Aurélio).

regalia de balaio = charuto barato, vendido a retalho, em balaio, registram Edson Carneiro e Hugo Moura.

sarro = borra de nicotina que resta nos cachimbos ou nas piteiras; borra, fuligem; pessoa divertida, galhofeira: "Ela é um sarro"; aquilo que é risível; **tirar sarro de**: (fora o óbvio) fazer pilhéria, gracejar com outrem, çogar; **tirar um sarro**: saçaricar, sair com intenções libidinosas à procura de pessoas, "ficar" com alguém por farra, apenas por interesse físico.

tabacada = bofetada, tapa (Aurélio).

tabaquear o caso = fumar, tomar, pedir ou oferecer rapé a propósito de qualquer coisa a que não se liga importância, registra Câmara Cascudo.

tabaqueira = bolsa ou caixa em que se carrega rapé. Sinônimos: cornimboque, pataca, taroque, etc.

tabaquista = diz-se da pessoa que é dada ao hábito de fumar ou tomar rapé com grande frequência, tabagista.

taquari = cachimbo; o canudo do

cachimbo rudimentar; cachimbo indígena.

trabuco = charuto grande e grosseiro; palheiro ou "baseado" compridos.

tragada = o ato de "engolir" a fumaça do tabaco - trago, fumada.

vender fumo = querer que se creia em coisas sem fundamento.

ESCLARECIMENTOS FINAIS

O objetivo principal deste trabalho era o de retratar o folclore do fumo. No entanto, a grande celeuma que há sobre o produto em si e seus derivados, bem como o interesse que despertam, fizeram com que nos excedêssemos no tratamento de assuntos ilustrativos ao tema central, visando oferecer maiores informações.

Também não me propus a fazer apologia do tabagismo. Acredito que, a exemplo do que ocorre com a bebida, há organismos mais e menos vulneráveis ao potencial danoso do fumo, por mais que considerem uma exceção inexplicável a longevidade de muitos fumantes inveterados. Sendo assim, fumar é um risco, um perigo, um jogo alto - quem sabe esse não seja outro motivo para que fumem e continuem a fumar?

Aproveito a oportunidade para agradecer ao Prof. José Sant'anna, pela colaboração sempre orientadora e decisiva, estendendo meus agradecimentos, pela gentileza que demonstraram na prestação de informações, a Carlos Alberto de Ranieri, e a Ronaldo Costa, gerente de comunicações da ABIFUMO, assim como aos informantes folques, que atenciosamente nos prestigiarão com seus relatos.

BIBLIOGRAFIA

- A História do Fumo Brasileiro - Jean-Baptiste Nardi.
- A Morte Ronda o Fumante - Dr. Ajax Walter César Oliveira.
- O Fumo no Banco dos Réus - Culpado ou Inocente? - João Batista da Costa.
- Informativo ABIFUMO n.º 80.
- Perfil da Indústria Brasileira do Fumo 1995.
- Dicionário do Folclore Brasileiro - Luís da Câmara Cascudo.
- Folclore Nacional, V. III, Alceu Maynard Araújo.
- Vocabulário Folclórico do Fumo - Hugo Moura.
- Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda.
- Novo Dicionário da Gíria Brasileira - Manuel Viotti.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.
- Trópico enciclopédia ilustrada.
- O Corpo Humano - Dr. Fritz Kahn.
- Enciclopédia Médica da Família - Dr. Tony Smith.
- Jornal O Estado de São Paulo, edições de 5/11/91 e 2/12/94.
- Jornal Folha de São Paulo, edições de 10/11/91, 27/12/92, 23/01/95, 6/2/95, 14/07/95.

A magia das tisanas

ISEH BUENO DE CAMARGO
Departamento de Folclore - Olímpia

Para muitos entendidos, tisana significa qualquer líquido que é servido aos doentes. Tisana, poções curativas. Para outros, maneira de se preparar ervas com finalidades várias, ou seja, no linguajar brasileiro, fazer um chá. Chá, para nós, é todo líquido, quente ou frio, que se preparou com uma ou mais ervas.

Chá no entanto, é um arbusto de bonitas folhas de um verde escuro brilhante, cultivado em diversas regiões brasileiras, como o Vale da Ribeira, por exemplo.

No Brasil, popularizou-se o uso do chá para qualquer tipo de reunião social onde são servidas bebidas não alcoólicas, chá beneficente, chá dançante, chá de cozinha, chá de bebê, até chá da meia-noite. Assim temos:

- **Não ter tomado chá quando pequeno** - pessoa grosseira, mal educada.

- **Tomar chá de trepadeira ou de bananeira** - crescer depressa ou muito.

- **Chá dançante** - toda reunião onde se come e bebe, principalmente à tarde.

- **Chá de bico** - lavagem intestinal pelo reto, cristal.

- **Tomar chá de sumiço** - desaparecer de circulação.

- **Levar chá de casco de vaca** - apinhar, levar sova de relho, chicote.

- **Chá de cozinha (ou chá de panela)** - presentear a noiva com utensílios domésticos.

- **Chá da meia-noite** - fugirem os amantes às tantas da madrugada. Obs.: significa, também, morrer, desaparecer do meio dos vivos.

- **Chá de bebê** - reunião que visa enriquecer o enxoval de quem vai nascer.

Portanto, o chá da família das teáceas, o "thea sinenses" latino é usado no mundo inteiro. Entram na confecção de um "chá", ou seja, na sua composição, teofilina, cafeína, essências e taninos. Sua infusão é considerada tônica, digestiva e adstringente. Substituí o café, mas seu uso excessivo é também perigoso pois, como ele, tem forte teor de cafeína, podendo causar insônia e trazer outros distúrbios.

O VALOR MEDICINAL DOS CHÁS

Os chás vêm sendo usados desde tempos imemoriais. Os egípcios, muito antes de Cristo, utilizavam os chás curativos, enriquecendo seus vastos conhecimentos da farmacopéia natural. Os romanos preparavam chás medicinais para uso interno em tisanas e para uso externo em banhos tranquilizantes e relaxantes. Os jardins dos mosteiros medievais possuíam canteiros famosos pelas plantas apropriadas aos chás medicinais. O nosso homem comum, sem conhecer experimentos históricos, pela própria observação e experiência de vida, descobriu as propriedades curativas das plantas e partiu para o chá caseiro.

São milhares de plantas medicinais e as substâncias terapêuticas delas podem ser encontradas nas raízes, nas folhas, flores, frutos, sementes, bulbos e cascas.

A HISTÓRIA DO CHÁ

"A história da origem do chá se perde na antigüidade. Ninguém sabe com precisão a data e o local de origem, mas todos aceitam o chá como bebida que tem a sua gênese na China.

Assim, chá é vocábulo de origem chinesa, vem da língua dos mandarins e do dialeto cantão.

Uma das lendas mais estranhas sobre a origem do chá encontra-se na mitologia japonesa.

O Bodhiharma, um santo budista da China, dormiu, certo dia, depois de ter feito um voto de manter-se perpetuamente acordado. Ao despertar, ele se sentiu tão envergonhado do seu pecado, que cortou as pálpebras e jogou-as ao solo, onde elas tomaram raízes e se transformaram em plantas de chá.

Sabe-se que o chá é oriundo da Ásia, Índia e China e tem desempenhado um papel importante na sociedade. Em 1664, a rainha Catarina da Inglaterra, mulher de Carlos II, recebeu um presente de chá da Companhia Inglesa da Índia Oriental. Ela apreciou tanto o presente, que o introduziu na sociedade. Desde então o chá tornou-se uma bebi-

da elegante, cuja moda perdura até os nossos dias.

No Japão, o ato de beber chá representa um verdadeiro cerimonial. Os rusos também são grandes apreciadores do chá. Tomam-no com limão e adoçam-no com geléia. Às vezes acrescentam gotas de vódica."

Trecho extraído da Enciclopédia de Arte Culinária, Globo I, RJ, de Perpétua M. A. de Lemos, 1951.

COMO PREPARAR NOSSO CHÁ

1 - **Maceração.** Usada quando as plantas forem ricas em óleos aromáticos e possuírem substâncias mucosas. Macerar, esmagar, espremer para extrair o sumo, é processo que permite aproveitamento integral da planta usada.

2 - **Infusão.** Usada para partes mais delicadas da planta, como flores, brotos e folhas tenras. O tempo de preparo varia de 20 a 30 minutos e consiste em se jogar água fervente sobre as ervas a serem usadas.

3 - **Decocção.** (ou cozimento). Usada para partes mais rijas da planta, folhas duras, caule, raiz, sementes. Exige o trabalho de se picar bem o que será fervido e o tempo de fervura é variável.

4 - **Tisana.** Uma forma de decocção com tempo de fervura bem menor que o anterior. É o chamado chá dos doentes, é o nosso chá comum, chá com qualquer tipo de planta, aromática, curativa ou não, beberagem para toda hora e lugar.

PREPARANDO DIFERENTES CHÁS

Por **maceração** ou **amolecimento.** Em recipiente de vidro ou louça, coloque uma ou duas colheres (chá) de ervas secas para uma xícara (chá) de água fria. Pode usar álcool, vinagre ou vinho, conforme o objetivo. Deixe descansar por 12 a 18 horas, se houver tempo e paciência. Caso contrário, esprema bem e deixe repousar por uma hora no mínimo. Não deve ir para a geladeira. Pode ser aquecido para inge-

MEDICINA RÚSTICA

ri-lo, depois de coado ou peneirado.

Por infusão. Coloque uma ou duas colheres (chá) de ervas em recipiente adequado, despeje por cima uma xícara (chá) de água fervente, tampe e deixe descansar por alguns minutos. Coe a seguir. Pode, em vez de água, usar vinho, vinagre, álcool para uso interno, álcool de cereais, aguardente, vódica, rum.

Por decocção. Use uma panela pequena. Coloque uma ou duas colheres (chá) de ervas para cada xícara (chá) de água fria. Em fogo brando, cozinhe por cinco a trinta minutos, dependendo do que estiver usando. Retire do fogo, tampe, deixe descansar, coe e use. Segundo Jeremy Summers, autor de livros sobre plantas, para melhor aproveitamento, caules e raízes devem ser triturados e postos de molho, em água fria, por cerca de 12 horas. As ervas podem ser colocadas em ramas verdes, galhos, folhas soltas, sem medida certa.

Tisana. Coloque numa panela uma xícara (chá) de água fria, leve ao fogo até levantar fervura, acrescente uma a duas colheres (chá) de ervas, tampe, deixe ferver de novo, retire, deixe repousar, coe e sirva.

BEBERAGENS COM PLANTAS

1 - Abacateiro (Persea Gratissima)

a) Folhas. Servem para curar **atraso da menstruação, gases e problemas renais**. Fazer decocção, tomar 1 xícara (chá) três a quatro vezes ao dia, sem adoçar. Para curar **problemas estomacais, males da gengiva, náuseas**, macerar folhas frescas e tomar diversas vezes. Para **diarréia**, fazer decocção e tomar uma xícara (chá) quatro vezes ao dia.

b) Flores. Através de decocção, tomar uma xícara (chá) três vezes ao dia, a fim de **combater o atraso menstrual**.

2 - Abiu (Lacuma Caimito)

Fazer infusão com algumas folhas que servirão como **tônico**, além de ser **antidiarréico**. Cascas e raiz, sob a forma de decocção, são boas para **problemas pulmonares**.

3 - Abrunheiro (Prunus Spinosa)

Os frutos podem ser usados sob a forma de sucos, pois têm **propriedades laxativas**. Ingeridos diariamente, **consertam a flora intestinal**.

4 - Agrião (Nasturtium Officinale)

a) Infusão ao frio de folhas, talos e flores, por cerca de 12 horas, indicada para **estomatite e inflamação das gengivas**.

b) Maceração para **estômago e garganta infeccionada, gengivas inflamadas**.

5 - Alcachofra (Cynara Scolymus)

Folhas e raízes em infusão ou decocção são úteis contra **males dos rins e arteriosclerose**. Eficaz **diurético**. Tomar uma xícara (chá) três a quatro vezes ao dia. Contra **hepatite**, chá por decocção das folhas, três vezes ao dia. Com suco de limão e cenoura, cura **hemorróidas e asma**.

6 - Alecrim (Família das labiadas)

Também conhecido como alecrim - romarinho, alecrim-de-jardim ou libanotis. Gosta de muito sol. Para favorecer a digestão, basta fazer uma infusão com 1g de raminhos para cada copo de água e tomar uma xícara após as refeições.

7 - Alface (Lactuca Sativa)

Tem propriedades calmantes e ajuda na **cura da tosse e insônia, reumatismo e esgotamento nervoso**. Infusão das folhas e raízes, duas a três vezes ao dia.

8 - Alfavaca (Ocimum Basilicum)

Folhas, caule e flores em infusão, duas a três vezes ao dia, **combatem as febres**.

9 - Alfazema (Lavandula Officinalis)

Erva de origem européia, também dita lavanda. Infusão. Combate **neuralgias, excitação nervosa, insônia, vertigens, asma, faringite**; é **diurética e antitérmica**. Usam-se folhas, caules e flores. **Desintoxica o fígado**, combate **reumatismo e cefaléia**.

10 - Alho (Allium Sativo)

Dentes de alho macerados, usados **contra vermes e prisão de ventre**; com leite ou limão, pode ser tomado duas vezes ao dia. O dente esmagado e juntado ao leite morno, de manhã, **controla a pressão**. Pode-se extrair o óleo e usar, com um algodão no ouvido dolorido. Com mel, o óleo de alho **melhora a voz, cura a rouquidão**.

11 - Ameixa (Prunus Domestica)

Usam-se os frutos, sob a forma de decocção. É chá **digestivo, laxante**, bom nos casos de **prisão de ventre**.

12 - Anil (Indigofera Anil)

Chamado caá-chica na Amazônia, Timbó-Mirim no Mato Grosso e Guajaná-Timbó em outras regiões matogrossenses e Goiás. Infusão e decocção das folhas e raízes, é **antiespasmódico, diurético, purgativo, sedativo e febrífugo**. Usado com bons resultados contra **epilepsia e icterícia**.

13 - Anis (Pimpinella Anisatum)

Infusão e maceração (esta para confecção de cigarro contra asma). Efeito **calmante, evita cólicas dos bebês que mamam, bom contra gases intestinais e dor de estômago**. Protege **contra diarreias**.

14 - Arnica (Arnica Montana)

Usados os rizomas e as flores, sob forma de infusão ou decocção, a fim de **estimular os batimentos cardíacos e a circulação**. Contra **dores em geral**, principalmente dos membros inferiores. Sob a forma de maceração, contra **luxações, dores por quedas, torcicolo, dores lombares**.

15 - Arruda (Ruta Graveolens)

Folhas em decocção, raízes contra **hemorróidas**. É **diurética e emoliente**. Com vinho e açúcar, infusão, um bom chá para provocar a **vinda da menstruação atrasada**.

16 - Artemísia (Artemisia Vulgaris)

Também chamada erva-de-são-joão, urtimijo. Chá das folhas, flores e raízes, infusão **contra anemia, cólicas, diarréia, enterite, epilepsia, flatulência, gastrite, icterícia, lombrigas, nervosismo, gengivas inflamadas**.

17 - Avenca (Adiantum Capillus)

Uso das folhas, infusão, excelente **expectorante contra catarro pulmonar, tosse e rouquidão**, duas vezes ao dia.

18 - Baunilha (Vanilla Planifolia)

Contém cera, açúcar, resina e o princípio aromático, conhecido por vanilina. Infusão ao frio, dos frutos, por cerca de 5 a 10 horas, duas vezes ao dia. Serve como **estimulante do organismo e é afrodisíaca**.

19 - Beldroega (Portulaca Oleracea)

Infusão das folhas, 2 vezes ao dia, combatendo **afecções do fígado, bexiga, rins e vermes intestinais**. Na infusão das folhas, que são miúdas, podem passar talos e sementes sem prejuízo algum.

20 - Boldo (Peumus Boldus)

Também dito boldo-do-chile. Infusão ou decocção, tomar diversas vezes ao dia, como medicamento de primeira contra **males do fígado e do estômago**. É **sonífero suave**.

21 - Bucha (Da família das Cucurbitáceas)

Também chamada esponja vegetal, esfregão ou pepino-bravo. É considerada **purgativa**. Serve como **vermífugo** e combate **afecções hepáticas**. Usam-se as folhas, sob a forma de infusão, um copo, duas vezes ao dia.

22 - Cabeça-de-negro (Trianosperma Tayuyá Martius)

Também conhecida como tejuco.

MEDICINA RÚSTICA

Suas raízes são recomendadas **contra artrite, reumatismo, males dos rins**. Infusão ou decocção das raízes, dois copos ao dia.

23 - Cacau (Theobroma Cacao)

Infusão, decocção e extrato fluido, das sementes. Auxilia na **cura da angina, é diurético, estimula o sistema nervoso**.

24 - Café (Coffea Arabica)

Entram na composição destes chás a cafeína, taninos, ácido clorogênico, essência e ácidos graxos. As sementes, antes do processo da torrefação, são usadas em infusão ou decocção, **contra diabetes e males dos rins**. É considerado bom para os **músculos, excita o sistema nervoso, ativa o trabalho do cérebro e do coração**. É **antídoto contra embriaguez** e transtornos trazidos pela ingestão de ópio ou morfina.

25 - Calêndula (Calendula Officinalis)

Conhecida também como malmequer e maravilhas, pertence à família das compostas. Para **proteger e desintoxicar o fígado**, fazer infusão de um punhado de flores secas em um copo de água e tomar uma xícara ao dia. Para **regular a menstruação**, preparar um chá com 1g de flores secas para cada 100 ml de água. Uma xícara por dia **regulariza o ciclo menstrual e atenua as dores abdominais**.

Para pés fatigados, repousá-los, por uns 20 minutos em uma bacia com um chá na proporção de uma xícara (chá) de flores secas para cada litro de água. Contra **contusões, distensões e feridas**, macerar 20g de flores secas em 100 ml de álcool a 25° durante 5 dias. Diluir essa tintura em 10 vezes o mesmo volume de água e fazer compressas no lugar afetado. **Banhos perfumados e tonificantes** para hidratar e descongestionar o corpo; ferver uma xícara (chá) de flores secas em um ou mais litros de água e, morno, jogar sobre o corpo e deixar secar aos poucos. Pode ser usado em imersão com punhados generosos de flores secas.

26 - Cambará (Lanthania Camara)

Infusão das folhas picadas, duas vezes ao dia, considerada **antiespasmódica, anti-reumática** e usada como **expectorante**.

27 - Camomila (Matricaria Chamomilla)

É **calmante, tônico digestivo, antiespasmódico, antifebril, anti-reumático e antinevrálgico**. Fazer infusão de folhas e flores.

28 - Canela (Cinnamomum Zeylanicum)

cum)

Infusão de flores, 5g em um litro de água, usado como **tônico digestivo, contra anemia, debilidade orgânica**. Poderoso **fortificante**. Chá da casca da planta **contra gripe, tosse, rouquidão, dores musculares. Evita formação de gases intestinais em lactentes**. Pode-se usar vinho em vez de água para o chá.

29 - Capuchinho (Tropacolum Majus)

Conhecido como capuchinho-de-flores-grandes, capucina, chagas, cinco-chagas, mastruço-do-peru, agrião-maior-da-índia, agrião-do-méxico, flor-de-sangue. Trepadeira. Flores perfumadas, muitas cores, do branco ao vermelho-escuro. Combate **prisão de ventre**, macerando frutos secos e tomando o chá **purgativo**, 0,5g em meio copo de água.

30 - Carqueja (Baccharis Genistelloides)

Usada tanto em infusão quanto em decocção, sob a forma de chá, sabor amargo. Uso interno e externo, este, decocção para **curar feridas, chagas e inflamações na garganta** (gargarejo). Internamente, **combate anemia, cálculos biliares, diarreia, males da bexiga, rins, fígado, má digestão, até diabetes**. É **diurético e depurativo**, auxilia o **tratamento da gota, do reumatismo**, **minora problemas da lepra**. O chá pode ser tomado de três a cinco vezes ao dia, e no caso de feridas, sob forma de aplicações externas, diversas vezes ao dia.

31 - Cáscara sagrada (Rhamnus Purshiana)

Macerando as cascas da planta, usa-se como **tônico digestivo, contra males do fígado, do intestino, laxante** se tomada a infusão, dose uma vez ao dia, de preferência de manhã, em jejum - um copo médio. Para os demais casos, dois copos ao dia.

32 - Cevada (Hordeum Vulgare)

Considerada **refrescante, digestiva, diurética, depurativa e reconstituente**. Infusão - cerca de 70g de cevada picada ou moída, em um litro de água, cerca de 3 a 5 xícaras ao dia. Pessoa hipertensa deve evitar esse chá, apesar de não possuir a mesma composição do café, que substitui com certas vantagens.

33 - Chá (Thea sinensis)

Da família das teáceas, contém teofilina, cafeína, essência e tanino. Sob forma de infusão, é considerado **tônico, digestivo e diurético**. Duas vezes ao dia, não mais. Duas colheres (chá)

de folhas em um litro de água. Substitui o café que está caro.

34 - Chapéu-de-couro (Echinodorus Macrophyllus)

Planta de largas folhas, típica de brejos e orla de riachos pantanosos, tem grande uso na zona rural e periferia das cidades. Usado como chá, infusão ou decocção, **contra problemas renais, reumatismo, artrite e doenças do fígado**. Externamente, maceradas as folhas e raízes, usadas para **banhos contra coceiras, feridas de picadas de insetos**, e outras afecções cutâneas.

35 - Chicória (Chichorium Intribus)

É o nosso conhecido almeirão, com pequenas variações, amarga, folhas amplas e, às vezes, formando cabeças. Pode ser nativa, comum em cafezais. Suas folhas e raízes são **laxantes, diuréticas, depurativas**, tratam de **problemas do fígado e dos rins, curam cistites crônicas, aliviam coceiras da vagina e do ânus**. Podem ser tomadas em infusão, três vezes ao dia.

36 - Chuchu (Sechium Edule)

Também chamado caxixe, maxixe, indicado como **diurético**, usado na cura dos **problemas respiratórios**, especialmente **contra asma e tosse comprida. Baixa a pressão arterial**. Uso das folhas em tisanas, com certas reservas. O fruto fornece o xarope: um chuchu, com casca bem lavada, picado em quadradinhos, em recipiente de vidro. Sobre ele colocar 2 colheres de açúcar e, após alguns minutos, tomar às colheradas o dia todo. **Cura qualquer resfriado**. Excelente xarope.

37 - Confrei (Symphitum Officinale)

Embora quase divinizado há alguns anos como planta miraculosa, o confrei, de fácil aquisição, é **contra-indicado** para quem tem problemas cardíacos ou renais sérios. Indicado para **curar anemias, doenças pulmonares, infecções estomacais e intestinais**. Uso das folhas e raízes, sob forma de infusão, decocção, maceração.

38 - Couve (Brasica Oleracea)

Usa-se a couve comum de hortas, de folhas largas como a couve-de-bruxelas, esta bem mais concentrada. Para **problemas respiratórios, infusão**; tomar morno, sem adoçante. Contra **úlceras varicosas**, macerar por 3 horas com ácido bórico, limpar a ferida e aplicar, com compressa, 2 vezes ao dia. Pode-se mastigar as folhas verdes, ajudando a combater **mau hálito e dores estomacais**.

39 - Endro (Anethum Graveolens)

Da família das umbelíferas. Para

MEDICINA RÚSTICA

curar insônia: Um chá em infusão com sementes, 5g para cada litro de água. Tomar uma xícara (chá) ao deitar-se. **Contra cólicas, gases e acidez estomacal.** Fazer chá como o anterior, tomar 4 a 5 xícaras ao dia. Para **furúnculos**, ferver em azeite de oliva e aplicar quente sobre os furúnculos. O endro ajuda-o a “amolecer” aliviando a dor. Para **olhos inflamados**, compressas com chá das sementes.

40 - **Erva-cidreira** (Melissa Officinalis)

É mais conhecida como melissa, de largo uso doméstico. Na composição de suas folhas aveludadas entram tanino, óleo essencial, resina, ácido gálico, mucilagem. Usada contra diversas doenças: **nervosismo, males do fígado, dores nevrálgicas, disfunções do aparelho digestivo e do intestino, calmante para os nervos, combate insônia e inquietação infantil.** Infusão indicada, 3 vezes ao dia, embora o hábito brasileiro seja tomá-la o dia todo, como água fria adoçada ou quente como chá forte. Substitui o café. Existe a falsa erva-cidreira, planta de folhas (caule) finas e longas, comum em orlas de ferrovias, de largo uso caseiro, aromáticas e deliciosas. Propriedades quase idênticas, só menos oleosa que a verdadeira.

41 - **Eucalipto** (Eucalyptus globulus)

Infusão das folhas, considerado **bal-sâmico, febrífugo, sedativo, antiséptico, antiasmático, desinfetante e curativo de males estomacais.** Para **problemas respiratórios**, auxiliar o tratamento com defumações, à base de cerca de cem gramas de folhas para um litro de água fervente. Perfuma o ambiente e melhora a respiração. Pode ser tomado o chá frio ou quente, 2 vezes ao dia.

42 - **Goiabeira** (Psidium Guayava)

Planta típica de quintais, nativa, adapta-se a vários climas, espécies branca, amarela e vermelha. Dela são aproveitados os frutos, as raízes, as folhas, os brotos, a casca. É grande o aproveitamento dessas partes da planta para chás exceto o fruto que dá doces, geléias e ao natural é ótimo alimento. Sob a forma de chás, curam **gripe, diarreia, problemas dos rins, inflamação da garganta e úlcera do estômago.** Um pouco de casca, lavada e aferventada, resolve **problemas de intestino solto**, podendo usar-se brotos, junto ou separadamente. Chá da raiz é remédio bom para **gripe constante.** Não abusar dessa infusão.

43 - **Hortelã** (Mentha Piperita)

Planta aromática, facilmente encontrada em hortas e jardins, tem utilidades variadas. Suas folhas são alimentícias; maceradas, produzem óleo (óleo hetéreo), mentol e mentona. Dentre as várias propriedades, sabe-se que é **antiespasmódica, anti-séptica, possui qualidades calmantes, cura problemas estomacais, perfuma o hálito, combate vermes, acalma dores de dente, evita insônia.** Pode-se fazer chá só com hortelã (folhas e brotos) ou misturar um pau de canela e folhas de poejo. Excelente **refresco** para dias quentes. Com limão, o chá quente é delicioso e cura **gripe insidiosa.** Até 5 xícaras ao dia.

44 - **Jurubeba** (Solanum)

Planta nativa, caule espinhoso, flores azuis e brancas. típicas de barrancos e terreno inculto, produz cachos ou pencas de frutos amargos. Para chás, sob forma de infusão ou decocção, aproveitam-se as raízes, as folhas e os frutos. Curam **males do fígado, do estômago** e servem como **infallível diurético.** As folhas são mais usadas externamente, sob forma de extrato fluido ou tintura, para **cura de feridas. Cicatrizante.**

45 - **Laranjeira** (Citrus Aurantium)

A laranja, possui as vitaminas A, C, B12, Ferro, Fosfato, Cálcio, Óleo, Açúcar, Pectina, Citral... Considerada **anti-escorbútica**, foi muito difundido o seu uso no passado. É **antifebril, diurética, calmante, digestiva**, folhas e flores com rico perfume, fruto de excelentes qualidades. As folhas e as flores são usadas em chás perfumados, desde longas datas. Em vez de água ou com ela, ao fazer-se o chá, usar aguardente ou vinho, com **efeitos calmantes.** Cerca de 10 folhas ou um punhado de flores, bastam para um litro de água, podendo colocar-se bem mais do que isso. O caldo da laranja, além de rico alimento, é ótimo suco natural; amacia qualquer tipo de carne, enriquece a arte de cozinhar. Com ele faz-se o “súguli”, mingau açucarado, podendo acrescentar-se o sagu para diferente sabor. O chá das folhas pode ser enriquecido com cravo e canela, curando **tosses renitentes, gripe e coqueluche. Combate a insônia.**

46 - **Limão** (Citrus Limonum)

Do limão muito já falamos em artigo anterior, pois é fruto maravilhoso que possui **propriedades curativas** as mais variadas. Indispensável para curar **gripes renitentes, reumatismo, artrite, artrose, labirintite, gota, fe-**

bres, resfriado, hipertensão, insônia, arteriosclerose, males do estômago, do fígado. As folhas do limoeiro são usadas como **calmante e sonífero.** Chá da casca do fruto é de sabor agradável e cura muitos males. Usar 3 colheres (sopa) de açúcar em fogo brando; quando amorenar jogar um limão cortado em quatro e umas 5 folhas da planta, se houver. Deixar ferver e acrescentar 3 xícaras (chá) de água. Ferver bem. Tomar relativamente quente. Bom à noite. Aquecer sempre que for tomá-lo. Não haverá mais resfriados teimosos.

47 - **Losna** (Artemisia Absinthium)

Planta de folhas amargas, de um verde desbotado, muito comum em vasos e canteiros, com vasto uso doméstico. Considerada **vermífugo**, tomada sob forma de chá, ou mastigada. Maceradas as folhas, mistura-se em um copo de água, deixando repousar por meia hora e, gole a gole, ir bebendo tudo. Remédio infalível para **azia, dores de estômago e ressaca de bebida alcoólica.** Usada para fazer o campari caseiro, cuja receita vai aqui.

Campari - 1 garrafa de aguardente (pinga; melhor a de engenho), 3 xícaras (café) de açúcar; 1/2 litro de chá de folhas de losna (bem fervidas); 3 colheres (sopa) de Undemberg; 3 colheres (sopa) de Martine branco seco (se houver, opcional), anilina ou groselha para dar cor.

Faça o chá forte com a losna, deixe esfriar. À parte, faça uma calda com o açúcar. Misture a pinga com a calda e com o chá, acrescente os demais ingredientes. No final, pitadas de anilina ou groselha até dar ponto na cor bem vermelha. Tomar gelado.

48 - **Maçã** (Pirus Malus)

Não tão usada na nossa região como medicamento, nem como chá, devido ao alto preço do quilo da maçã. Porém, a infusão do fruto, com casca, cortado em pedaços grandes, com adoçante (mel, de preferência), é excelente remédio caseiro. É **diurético, calmante, digestivo, cura gripes e resfriados, minora dores reumáticas, descongestiona as vias respiratórias** e é delicioso e leve chá. São muitas as propriedades da maçã por conter fósforo, taniño, vitaminas e sais minerais. Tomar até 5 vezes ao dia.

49 - **Menta** (Mentha Piperita)

Planta herbácea da família das labiadas. Usada como digestivo: Preparar um chá em infusão, 1 a 2 folhas secas para cada ml de água. Uma xícara (chá) após as refeições. O chá **estimula a secreção gástrica e o processo digesti-**

MEDICINA RÚSTICA

vo, impede a fermentação intestinal, atenua espasmos e cólicas, acaba com náuseas e vômitos. Contra dor de cabeça. Macerar por 8 dias, 20g de folhas ou flores secas em 100 ml de álcool a 70°. Tomar 1 ou 2 colherinhas em água açucarada; 100 ml de vinho branco, substituem o álcool nessa receita e, nesse caso, tomar 1 cálice em vez de 1 a 2 colherinhas. Para **aumentar a secreção de leite:** Infusão com 10g de flores secas para cada litro de água. Tomar 4 a 5 xícaras por dia.

50 - Poejo (Mentha Pulegium)

Também chamado erva-de-são-lourenço, usado como planta doméstica para uso constante. Na infusão ou decocção empregam-se talos, folhas e flores, até raiz. Poejo **cura queimação do estômago, catarro, fraqueza orgânica, diarreia, enjôo, fermentação intestinal, insônia e menstruação irregular.** Infusão ou decocção, excelente e oloroso chá, ingerido até por bebês, substitui café ou refrigerantes. Não exagerar na dosagem: 3 xícaras no máximo ao dia.

51 - Primavera (Primula Officinalis)

Inúmeras variedades e cores, planta ornamental, arbusto de bela formação (tipo trepadeira), fornece flores, folhas e raízes para chás. Usada como **tônico do sistema nervoso, contra artrite, gota, reumatismo, palpitações, coqueluche, vertigem.** É **depurativo do sangue.** Preparar um chá comum com flores e folhas e tomar 5 vezes ao dia.

52 - Quebra-Pedra (Phyllanthus Niruri)

Planta nativa, comum em quintais, junto a muros e pedras, praga de vasos, de grande utilidade no lar. É excelente **diurético, chegando a eliminar cálculos renais.** Cozinha-se a planta com raiz e tudo e, esfriando, vai-se tomando como água, sem restrições.

53 - Rosas (Família das Rosáceas)

Um sem número de variedades e cores, muito utilizadas na confecção de chás desde distantes eras. As pétalas das rosas são utilizadas como **antiséptico local, contra mau hálito e diarreia;** são **calmantes, laxativas e digestivas.** Pode-se tomar a infusão como água fria ou quente; fervente, com adoçantes. São mais usadas as rosas brancas (punicas granatum) ou as vermelhas-vivas (rosa canninis), à vontade, sem exageros.

54 - Sabugueiro (Sambucus Nigra)

O sabugueiro possui óleo essencial, resina, ácidos voláteis, ácido málico, ácido tartárico e tanino. Em infusão,

usam-se as folhas para cuidados com o recém-nascido, **aumenta o leite, cura bronquite, erisipela, gota, hemorróidas, resfriado.** A casca é usada para **combater ácido úrico, artrite, males da bexiga; bom diurético.** Macerar as flores e folhas; coado o sumo obtido, pode ser usado **contra dor d'olhos, purulência matinal (ramela).** Com algodão, para **hemorragia nasal.** Pode-se usar a maturação em cataplasmas contra **machucaduras e dores localizadas.**

55 - Salsa (Petroselinum Sativum)

Planta comum em hortas, faz parte do "cheiro-verde" da culinária, possui folhas miúdas que têm grande aceitação na confecção de chás medicinais. É um **bom diurético, estimulante do fígado e da digestão, é sedativo e combate cólicas menstruais.** Usam-se folhas, flores, talo e raiz. O pé, com tudo, é usado para **combater as cólicas mensais e o corrimento feminino.** Tomar várias vezes ao dia, morno.

Uma amostragem pobre do rol das plantas usadas para os chás, tisanas ou poções caseiras, com finalidades medicinais. Jeremy Summers em "A Cura Pelas Plantas", 1ª edição pela Rio Condor Edições Ltda., apresenta 213 plantas que são usadas para chás. É há muitas que ali não estão, pois temos, no Brasil, mais de mil plantas que fornecem uma das suas partes ou todas para chás caseiros. Não é preciso ser botânico para conhecê-las e descobrir suas propriedades curativas. Com o preço de remédios de farmácia cada vez mais elevado, nada melhor que a retomada sistemática do hábito de preparar-se em casa o que cura as doenças.

CHÁS EXÓTICOS

Chamo de chá exótico àquelas bebedeiras estranhas que a superstição, os maus costumes e, talvez, o medo do desconhecido (no caso, os males de difícil cura), são feitas em casa, às claras ou às escondidas. São aberrações, não devem ser tomadas, apenas conhecidas.

Estes chás são da Ruth Guimarães em "Medicina Mágica", da Global Editora e Distribuidora Ltda.:

1 - Contra dor de barriga

Deixam-se cozinhar durante 30 minutos: 3 galhos de **marcelinha**, 3 galhos de **camomila** e 3 galhos de **hortelã** em meio litro de água. Esfriar, adoçar e juntar 3 gotas de vinagre. Tomar 3 vezes ao dia, sendo a primeira em jejum.

2 - Contra tosse ou coqueluche

Ferve-se leite com açúcar, colocam-

se 3 pedregulhos. Quando esfriar, coloca-se em um copo no sereno. Beber no dia seguinte, deixando os pedregulhos no copo para serem enterrados.

3 - Contra vermes intestinais

a) Fazer um chá de **alho cozido** no leite e dar para a criança tomar.

b) Chá feito com 3 folhas de erva-de-são-joão (Cinara Sylvestris)

4 - Contra bicha aguada ou desconfiada

Colocar 3 brasas em uma caneca de alumínio ou ágata e sobre elas despejar água fervente. Deixar amornar, dar para a criança beber. O tição de onde se retiraram as brasas, deve estar queimado só em uma das pontas. Enterrar as brasas.

5 - Contra asma

a) fazer um chá de **alfavacão**, colocar no mesmo a gema de um ovo. A clara é cozinhada à parte.

Depois de cozida, dar para o asmático tirar uma mordida na clara. Tomar o chá em seguida. O resto da clara e a sobra do chá, enterrar no fundo do quintal, dizendo:

Eu enterro este resto de ovo e

Este resto de chá, com a asma

Que o fulano (dizer o nome) tem.

b) Prepara-se uma infusão com **grãos ou pó de café.** Sobre ela, à meia-noite, numa sexta-feira da paixão, coloca-se uma gota do sangue da orelha que foi cortada de um gato preto. O asmático toma. Guardar o maior segredo sobre a simpatia feita, senão a asma voltará.

6 - Contra bronquite

a) Pega-se uma minhoca viva, corta-se em 3 pedaços, torra-se e joga o pó dentro de um chá já pronto. Dá-se para a pessoa que tem bronquite, sem que ela saiba o que está ingerindo.

b) Fazer a infusão de 3 pernas de cágado em certa quantidade de água e dar para o doente beber. Guardar segredo.

7 - Para trabalhos de parto

a) Chá para retardar o parto Chá de ferradura

Coloca-se uma ferradura, suja ou limpa, numa vasilha com água. Deixa-se ferver e a mulher em trabalho de parto deve beber, quanto agüentar. Dá para esperar a chegada da parteira ou do médico.

b) Chá para apressar o parto

Chá dos três três

Torram-se **3 galhos de arruda, 3 de alecrim e 3 de erva-cidreira.** Acrescenta-se ao pó obtido uma xícara (chá) de **infusão de sene.** A parturiente toma de uma só vez e resolve seu caso.

MEDICINA RÚSTICA

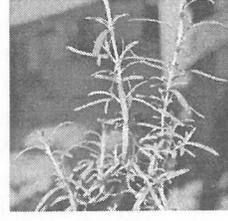
ALGUMAS PLANTAS QUE CURAM



Agrião



Alcachofra



Alecrim



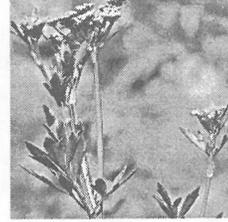
Alfavaca



Alfazema



Ameixa



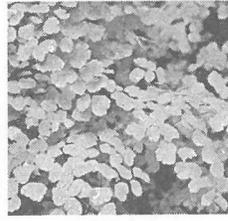
Anis



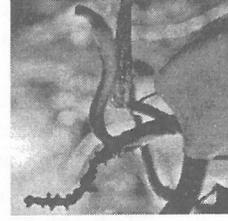
Arnica Silvestre



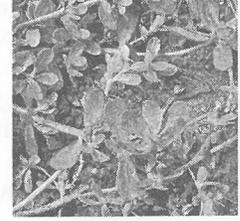
Arruda



Avenca



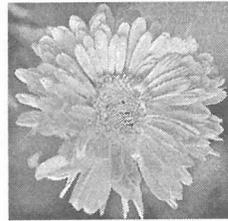
Baunilha



Beldroega



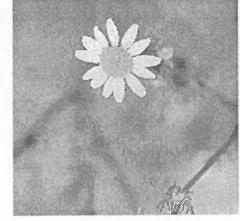
Cacau



Calêndula



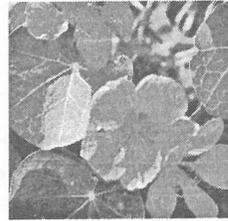
Cambará



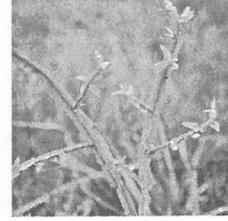
Camomila



Canela



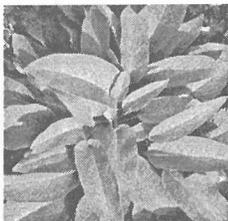
Capuchinha



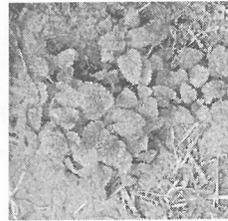
Carqueja



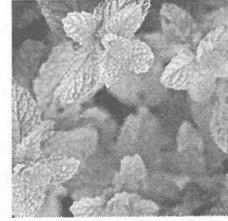
Chapéu-de-couro



Confrei



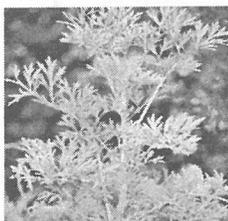
Erva-cidreira



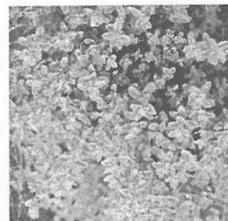
Hortelã



Jurubeba



Losna



Manjerona



Sabugueiro



Salsa

MEDICINA RÚSTICA

c) **Chá de tiro de espingarda**

Se a mulher estiver demorando para dar à luz, o marido atira para o ar com uma espingarda, lava o cano da arma e, com a água usada para isso, faz um chá para a mulher beber. A criança nasce logo.

8 - **Para todos os males**

a) Para qualquer doença, pega-se uma **folha de mamão** que tenha 5 pontas. No primeiro dia, corta-se a primeira ponta, faz-se um bom chá e toma-se. No segundo dia, outra ponta, até o quinto dia. Ao beber esse quinto chá a doença vai embora.

b) Fazer um chá de **pétalas de rosas** que foram benzidas no dia de Santa Rita de Cássia.

c) Fazer um chá bem forte das **flores-de-são-joão**, que foram usadas para enfeitar o andor de qualquer um dos três santos juninos: Santo Antônio, São João ou São Pedro. Coar e beber morno.

Simpatias curam todo e qualquer mal e a grande folcloróloga, Ruth Guimarães, em "**Medicina Mágica: As Simpatias**", demonstrou ser mestra no assunto. Simpatias contra todos os males, contra os que trazem doenças por terem "olho ruim", por serem invejosos, maldosos, contra males do corpo e da mente. E eu aproveitei muito do que ela pesquisou. Viva!

De "**Remédios Caseiros**", encarte do número 8 da revista do mesmo nome, da Ediuoro SA, RJ, final de 1994, retirei algumas sugestões para os meus chás curativos. Eis as que recolhi:

1 - **Cabelos**

Para obter reflexos dourados, prepare um **chá forte de camomila** (despeje água fervente, não cozinhe a planta), passe no cabelo, deixe secar ao sol. Repita a operação 3 a 4 vezes na semana. Preferindo reflexos acobreados, use **chá de cascas de cebola**, do mesmo modo.

2 - **Inflamações geniturinárias e dos olhos**

Tome 3 vezes ao dia **chá do fruto e semente da cabacinha**. Para os olhos, pingue uma gota do sumo do fruto machucado e bem coado. **Atenção:** O chá deve ser bem fraco para não ter efeitos tóxicos. Recomenda-se 1 g de fruto ou sementes por xícara de água.

3 - **Teníase**

Retire a casca de 50 g de **sementes frescas de abóbora** e esmague-as em um pilão com 20 ml de mel e 50 ml de água, na qual já tenha estado em repouso, por algumas horas, um pedaço

de **casca de limão ou laranja**. Jejue por 12 horas, coma a pasta e beba bastante chá de **casca de limão**. Tome um purgante. Pode repetir a dose logo no dia seguinte se a tênia não sair.

4 - **Diarréia**

Ferva por 10 minutos 30g de **casca de romã** em um litro de água. Adoce com mel e tome diversas xícaras ao dia.

5 - **Amamentação**

Para aumentar o leite, fazer uma xícara de **chá de folhas de funcho**, em infusão, e tomar diariamente.

6 - **Insônia**

Ferva uma pitada de **essência de alfazema** em uma xícara (chá) de água. Filtre, adoce com mel e beba antes de se deitar.

7 - **Digestão**

Prepare uma infusão de **camomila**. Coloque uma **fatia de limão** com casca e beba ainda quente.

8 - **Hemorragia**

Tome diariamente 4 ou 5 xícaras de **chá de cascas de barbatimão**, preparado por decocção.

9 - **Sífilis**

Prepare um chá com casca e **caule de escada-de-jabutí** e tome uma xícara 3 vezes ao dia.

(Nota: planta leguminosa, cesalpiniácea, também chamada cipó-escada)

10 - **Pressão alta**

Triture 2 colheres (chá) de **sementes de melancia** previamente ressecadas. Coloque o pó obtido em uma xícara de água fervente e deixe descansar por uma hora, coe e beba meia hora antes das refeições. Meça a pressão.

11 - **Má digestão e flatulência**

Coloque em infusão, por 5 minutos, uma **pitada de tomilho** em uma xícara de água quente. Beba após as refeições.

12 - **Febres e nevralgias**

Coloque em infusão uma porção de **flores de camomila** e um pedaço de **casca de laranja** em uma xícara de água fervente, por 5 minutos. Filtre, adoce com mel, beba quente, repita quando for preciso.

13 - **Ansiedade, Nervosismo e Histeria**

Macerar 350 g de **flores frescas de erva-cidreira**, 75 g de **casca de limão**, 40 g de **canela em pau**, 40g de **cravo**, 40 g de **noz-moscada**, 20g de **coentro** e 20g de **raiz de angélica** em 2 litros e meio de álcool a 70.º, por 4 dias. Filtre e conserve o líquido em um vidro. Para usar, colherinha (café) em xícara de água fervente adoçada. Beba. É calmante e não tem contra-indicação.

14 - **Agitação, Fadiga, Insônia, Dor de cabeça**

Raízes dissecadas de valeriana podem ser usadas de duas formas: ingeridas como infusão, na dosagem de uma xícara 3 vezes ao dia e em banhos de imersão, durante 10 minutos. **Infusão:** verter uma xícara (chá) de água fervente sobre uma colher (chá) de raízes e deixe em repouso por 8 horas. Beba, não por tempo indeterminado.

15 - **Depurativo**

Prepare por decocção um **chá de folhas e raízes de tanchagem**, na proporção de 30 g para um litro de água e tome 3 a 4 xícaras por dia.

16 - **Insônia**

Ferva algumas **folhas de alface** em um copo de água por 5 minutos. Deixe amornar, coe e adoce com mel. Beba meia hora antes de deitar-se.

17 - **Infecções respiratórias**

Verta uma xícara de água fervendo sobre 2 g de **flores de alfavaca-do-campo (manjeriço)**. Tome 4 xícaras (chá) ao dia...

Selecionei algumas receitas dos "**Remédios Caseiros**", deixei de lado chás para cataplasmas, emplastos, pomadas, uso externo de diversas doenças, poções e tinturas. São receitas comprovadas, enviadas por leitores do Brasil inteiro. E eu aproveito o que posso e passo, para todos que padecem de males curáveis, ou passíveis de cura caseira. Bem mais barato, e são tiro-e-queda. Curam mesmo, o povo que o diga.

DOSAGEM DE PLANTAS PARA OS CHÁS

Nosso chá caseiro é preparado com plantas verdes ou secas. Por isso é bom saber que uma mesma quantidade de material verde pesa, mais ou menos, o dobro do seco. Se tivermos que usar 20 gramas de planta verde para um litro de água, usamos 10 gramas da planta seca. Também, 20 folhas verdes, 10 folhas secas; 20 folhas por litro, 5 folhas por xícara, verdes ou secas. E o povo, na pressa de curar-se ou aliviar a dor, usa um "bom punhado" de erva por litro. Dá certo, se a planta não for tóxica, nem contra-indicada para certos males. Uma colher de erva seca pesa, mais ou menos, dois gramas; uma de erva verde, cerca de 5 gramas.

COLHENDO PLANTAS PARA OS CHÁS

Até o modo, o horário, o local onde se encontra a planta, tem influência na maior ou menor rapidez com que são notados os efeitos do chá sobre a doença a ser curada. Alguns conselhos do

MEDICINA RÚSTICA

“Guia Prático de Terapêutica Externa”, do Dr. José Maria Campos:

1) Não se deve colher plantas medicinais enquanto estiverem molhadas de chuva ou orvalho, pois o excesso de umidade retarda a secagem e favorece a decomposição das substâncias ativas.

2) Na colheita de folhas, flores e ramos, usar tesoura ou faca afiada.

3) Para a colheita de raízes, rizomas e bulbos, usar enxadas, enxadões ou pás.

4) Para colheita de cascas, facão ou, quando possível, as próprias mãos, nas horas mais secas do dia.

5) Para o transporte das ervas colhidas, usar balaios ou caixas ventiladas. Sacos plásticos não são recomendados, impedem a ventilação e favorecem a formação de fungos.

6) Ao colher, evitar plantas doentes, com manchas, cobertas de terra ou pó e partes deformadas.

7) Evitar colheitas à beira de estradas, devido à poluição por poeira ou gases expelidos pelos carros.

8) Evitar colheitas perto de áreas onde são usados defensivos agrícolas.

9) Evitar lavar as plantas após a colheita, para não danificá-las. Só as raízes devem ser lavadas.

10) Armazenar as plantas ao abrigo da luz direta, umidade e poeira.

11) O melhor horário para se efetuar a colheita é de manhã, após a evaporação do sereno.

12) Em dias de sol forte, colher à tardinha, principalmente plantas aromáticas que, devido ao calor, perdem seus princípios ativos.

13) Algumas ervas devem ser colhidas em noites de lua, pois a energia refletida por sua luz, pode acentuar certos aspectos ativos da planta e afastar alguns aspectos indesejáveis.

HORÁRIO PARA TOMAR CHÁ

- Os chás para despertar o apetite devem ser tomados meia hora antes das refeições.

- Os chás digestivos ou calmantes e os indicados para fígado, estômago, intestinos e vesícula, após as refeições.

- Os demais chás, antes, durante, ou depois das refeições, à hora mais conveniente.

- Os chás sociais à hora da visita ou da reunião, desde que o brasileiro comum não tem o hábito do “chá das cinco” inglês. Qualquer hora é boa hora para um chá aromático, tranquilizante. As idéias fluem mais leves e soltas quando uma chávena de chá acompa-

nha o desenrolar da conversa. Portanto, chá é refeição servida à tarde ou à noite e nessa refeição, o forte é o próprio dia que é apresentado.

PREPARAÇÃO DOS CHÁS

1 - Cozimento ou decocto

Basta colocar a quantia certa de erva no bule ou na chaleira com água. Deixa-se ferver por 5 a 20 minutos. Tapa-se, coa-se e pode ser tomado à temperatura desejada. Melhor quente quando para fins curativos. Lembrar que os chás podem fermentar de um dia para o outro, portanto, fazê-lo diariamente, jogando fora a sobra.

2 - Infusão

Despeja-se a água fervente sobre a erva, tampa-se bem, deixa-se descansar por alguns minutos. Esta é considerada a melhor maneira de preparar-se o chá, deixando que caule, sementes, raízes e cascas descansem por mais tempo que folhas e flores.

3 - Maceração

Pôr as ervas de molho em água fria, álcool, vinho, pinga, óleo, azeite, vinagre.

No caso da maceração, usar uma a duas colheres de sopa para uma xícara (chá) de água fria ou quente. Um cálice por dose, cerca de 3 vezes ao dia. Se for em gotas, 20 a 30 gotas por xícara (chá).

TEMPO APROXIMADO PARA MACERAR

1 - Em pinga: 9 dias

2 - Em vinho: 9 dias

3 - Em álcool: 4 a 6 dias

4 - Em vinagre: 4 a 5 dias

5 - Em óleo, azeite: algumas horas

6 - Em água: de uma hora a uma noite toda

Medidas e pesos (segundo o Irmão Cirilo José, do Rio Grande do Sul, nascido Vunibaldo Körbes)

- 1 colher de líquido equivalente a 25 gotas

- 1 xícara de líquido equivalente a 16 gotas

- 1 litro de líquido equivalente a 4 a 5 xícaras

- 1 colher de chá pesa 4 a 5 gramas

- 1 litro de chá por dia é DOSE

NORMAL

- 1 colher de erva verde pesa 5 gramas

- 1 colher de erva seca pesa 2 ou 3 gramas

- 1 colher de sopa com raízes esmagadas pesa 8 a 10 gramas.

PLANTAS EXÓTICAS PARA CHÁS

- **Abístua** (ou papo-de-peru), chá do cipó (ou caule) e raiz.

- **Açoita-cavalo** (ou ivitinga), folhas e flores

- **Agoniada**, substitui o quinino.

- **Agrimônia**, boa para os rins e inflamações das vias respiratórias.

- **Aipo-das-hortas** (ou céleri), depurativo, alimento, cura artrite, reumatismo.

- **Assa-peixe** (ou mata-campo) contra tosses, bronquites.

- **Barba-de-bode**, o pé todo em infusão é bom para os rins e bexiga.

- **Beijo-de-moça** (beijo-de-frade ou balsamina), flor de jardim, contra cólicas mensais, estomáquica.

- **Buva** (ou voadeira), boa no tratamento de doenças venéreas, corrimento feminino, diurético.

- **Cainca** (ou cipó-cruz), laxativa, diurética.

- **Cancerosa** (ou cancosa), analgésica, diurética, cura febres e males do fígado.

- **Caparrosa**, contra disenteria, diarreia, diurética.

- **Capuchinha** (ou chaga-de-cristo), purgativa, boa para circulação do sangue.

- **Casca-de-anta** (ou cataia), contra gripe, indigestão, cura sinusite e males de respiração.

- **Catinga-de-mulata**, contra varizes e úlceras, sua flor combate vermes intestinais.

- **Cerefólio**, remédio contra doenças dos nervos

- **Chá-de-bugre** (guaçatonga, carvalhinho, pau-de-lagarto, erva-de-bugre, diurético, combate obesidade, combate o colesterol, baixa a pressão.

- **Coronha** (ou olho-de-boi), evita derrame, usa-se a semente transformada em pó.

- **Curupιά** (ou esporão-de-galo), contra azia.

- **Dorme-dorme** (ou não-me-toques), depurativo.

- **Fenogregó** (alforva, pó-de-gado) para engordar, abrir o apetite, combate envelhecimento da pele, bom para diabetes.

- **Feto-macho**, adstringente, vermífugo.

- **Grandiúva**, para aumentar o leite materno, combate diabetes.

- **Mamica-de-cadela**, contra gases, azia, dor de dentes.

- **Marroio** (ou erva-das-mulheres), fortalece o organismo, combate febres; com mel, cura bronquite.

MEDICINA RÚSTICA

- **Mil-em-rama** (milefólia ou prouto-álvio), contra hemorragias em geral.

- **Mimo-de-vênus**, enfraquece a potência sexual violenta, é adstringente.

- **Oficial-de-sala** (paina-de-sapo ou capitão-de-sala), folhas e raízes para curar câncer do estômago, dos intestinos e rins.

- **Pata-de-vaca**, diurética.

- **Pasto-de-anta**, tanto a planta macho como a fêmea, curam males digestivos.

- **Pau-amargo** (ou Tenente-josé), contra fraqueza do estômago, gases, infusão da casca.

- **Pente-de-macaco**, depurativo.

- **Pervinca** (Congossa ou Manaia), dilata veias, melhora a respiração, previne angina.

- **Picão** (amor-de-mulher ou pego-pego), contra reumatismo, males da bexiga, pedras renais.

- **Verbasco** (Calças-de-velho ou branqueja), contra gripes e febres.

E há muito mais. Quis mostrar como nossa gente cria nomes inteligentes, bem de acordo com o jeito da planta e seu uso logo se difunde. Há nomes exóticos, nomes românticos, nomes bem ao gosto do brasileiro: **zabumba**, **escopeta**, **flor-de-são-jacó** para a Zínia, **tripa-de-galinha** para a Uva-japonesa, **erva-do-colégio** para Sussuaia, **boa-noite** para Bonina, **bago-de-veado** para o Malvão, **corda-de-viola** para Ipoméia, um rico vocabulário do nosso singelo homem que recorre às plantas, aos chás caseiros para curar seus males e sobreviver.

CHÁS INDIGESTOS

Há, como vimos, inúmeras infusões, poções ou tisanas a que denominamos, popularmente, chás e cujo sabor difere sensivelmente de um componente para outro. Há os que têm sabor amargo, agridoce, azedo, insosso, insípido, fétido, de aspecto repulsivo, olorosos, doces, saborosos... Depende da planta, depende do modo de se preparar a erva, a planta, a parte indicada da planta. Não se pode dizer que chá de boldo é delicioso. Ou que chá de erva-de-santamaria tem bom sabor ou cheira bem. Ou que tomaria chá de alho a qualquer momento. Não são tão aceitos pelo nosso paladar quanto o são a erva-mate, a hortelã, a cidreira, a folha de laranjeira. Mas fazem bem, curam, são engolidos, até saboreados.

Há, no entanto, chás que não curam. Trazem mágoas, dores, tristezas, ansiedade, raiva, não nos alegram, nem corremos atrás deles. São eles que nos perse-

guem, que azucrinam a vida do ser humano. São doídos, são doídos. Vejamos:

- Quem gostaria de tomar um **chá de cadeira**? Terrível para quem provou, irreversível o seu efeito. Geralmente a vítima é mulher, é jovem, sonha com dias gloriosos. Prepara-se com esmero para um baile, aguarda que um cavalheiro a convide para dançar. E a noite toda, nada. Sentada, sorrindo, esperando e se desesperando... Chá de cadeira! Ou: **Chá de banco!**

- Pobre daquele que toma **chá de baquice**. Fica bobo para sempre, é ridicularizado, os amigos o evitam, é o próprio "bobo da corte".

- E há os que, sem o querer, sem qualquer esforço, pelas próprias leis naturais, engoliam, quando pequenos, doses avantajadas de algo a que chamam, jocosamente, de **chá de trepadeira**, **chá de bananeira**, **chá de coqueiro**, **chá de espirradeira**. Significa que cresceram demais, dores de cabeça à hora de namorar, dançar, arrumar um par para a vida toda. O menos amargo de todos os chás intragáveis, porém azedinho.

- Para quem abusa do **chá de prateleira**, expressão de total agrado de locutor policial olimpiense, o final é sempre mau: cabeça quente, ressaca, ferimentos, brigas, prisão. Só o toma o amigo da cachaça, o alcoólatra, o que engole tragos que excedem os limites impostos pelo organismo.

- **Chá da meia-noite**, ruim para a família se a que o ingeriu for jovem fujona, ruim para a esposa ou marido se o fujão for o cônjuge. Talvez doce para quem o tomar com acerto e dose certa. Sair de cena, sumir, anoitecer, não amanhecer. Chá da meia-noite!

Significa também a morte de uma pessoa.

- E tomar **chá de dorme-dorme**, significando preguiça, moleza, fraqueza... Chazinho bem amargo... **Chá de moleza**. **Chá de bicho-preguiça**. **Chá de chifre de veado**... Há muitos chás assim marcantes, pouco amados, chegam, são engolidos, caem em desuso, são substituídos por outros. Sempre chás, porém... E o professor José Sant'anna registrou, em coletas efetuadas ao longo dos anos, o que aqui vai:

1 - **Chá** - hábito inveterado, mania. Exemplo: O **chá** dele é o futebol.

2 - **Chá das cinco** - refeição leve, com chá, às cinco da tarde.

3 - **Tomar chá** - gracejar, pilheriar.

4 - **Chá-biriba** - chá onde se joga biriba (carteado).

5 - **Chá-de-alecrim** - surra, sova.

6 - **Chá-de-bugre** - sem pêlos: Ele parece chá-de-bugre.

7 - **Chá-de-burro** - mugunzá (cânica).

8 - **Chá-de-dentro** - folhas secas e preparadas.

9 - **Chá-de-fora** - carne da parte exterior da coxa do boi.

10 - **Chá-de-garfo** - troça, brincadeira.

11 - **Chafé** - café muito fraco, "água de batata".

12 - **Chá de pau barbado** - expressão de sentido dúbio, maliciosa, baixaria.

13 - **Chá de espera** - demora de tempo para atendimento em qualquer lugar.

14 - **Chá de língua** - reprimendas, lições morais, conselhos.

15 - **Chá-de-campanha** - chapéu-de-couro.

Eis aqui 15 registros cedidos pelo Prof. Sant'anna para enriquecer o trabalho: **uma grande colher de chá**.

BRINCANDO COM CHÁ

Valer-se de todos os meios, de todas as oportunidades para suavizar a árdua caminhada, é próprio da índole do brasileiro. Brincar com chá, não como nos antigos carnavais ou entrudo quando, entre coisas piores, chá era lançado sobre foliões. Mas aproveitá-lo para preencher as horas, é algo saudável, e isso nosso povo sabe fazer.

Assim, vejamos algumas brincadeiras ou charadas:

1 - Planta aromática, 1 + material de construção, 1, é **um animal carnívoro**. Quem é ele?

R: **Chacal**

2 - Planta da família das teáceas, 1 + rosto, 2, é **área de terra cultivada**. O que é?

3 - Planta que fornece folhas para infusões, 1 + quem cobra muito, 3 é **igual aquele que administra a chácara**. Que é?

4 - Planta usada para remédio, 1, + talhar o leite, 3, é **o mesmo que vascolear, agitar**. O que é?

5 - Planta das teáceas, 1 + apelido feminino, 2, é **o mesmo que zombaria, caçoada**. O que é?

6 - Bebida saborosa, 1 + animal mamífero, doméstico, bovino, 2, é **aquele que foi martirizado**. Quem?

7 - Planta medicamentosa, 1 + canteiro de batata-doce, 2 é **vasilha para ferver o chá**. Qual é?

8 - Bebida doméstica, 1 + pequena mala, 3, é **tecido grosso de lã de camelo**. Qual é ele?

MEDICINA RÚSTICA

9 - Planta aromática, 1 + soco, 2 é igual a boi castrado depois de adulto. O que é?

10 - Planta das teáceas, 1 + instrumento de coveiro, 1 é a dentadura comum. Como é?

Dez para exemplificar. Basta. Agora, se não matou a charada, verifique as respostas: 2 = **chácara**; 3 = **chacareiro**; 4 = **chacoalhar**; 5 = **chacota**; 6 = **chagado**; 7 = **chaleira**; 8 = **chamalote**; 9 - **chamurro**; 10 = **chapa**.

AS ERVAS NA LITERATURA DE CORDEL

Como chá é produto de uma planta, de um arbusto, achei justo colocar aqui o que **Adelino Antunes Cordeiro** escreveu para prefaciar obra de **Irmão Cirilo**, defensor do uso de chás para cura de todos os males.

“As plantas medicinais
Combatem as doenças e as dores
Só temos de conhecer
Seus verdadeiros valores.
Quem entende bem dessa arte
Descreve parte por parte
Para explicar aos leitores.

As plantas podem transformar-se
Em valorosos medicamentos,
Têm seu valor, seu talento,
Presente na natureza,
Para evitar o sofrimento.
É plano de Deus também
Que exista alguém
Para dar esclarecimento.

Tudo o que Deus criou
Já nasce com seu valor
Não sou contra farmácia
Nem hospital, nem doutor.
Mas, se existissem as reservas
Das matas com suas ervas
Não havia assim tanta dor.

Vamos procurar conhecer
As plantas medicinais,
Seguindo um pouco do exemplo
Que deram os nossos pais,
Pra ver se sobram uns trocados,
Pois só com remédio comprado,
A gente não agüenta mais!

O Adelino Antunes, não o conheço, mas está certo, certíssimo. Nas plantas a nossa cura, nos chás caseiros a nossa esperança, quando nada der certo, depressa à farmácia, ao médico, ao hospital. Brasileiro não ganha para tanto, seu ganhar mal permite angariar produtos para tisanas domésticas, chazinhos milagrosos. Talvez, por isso, o Irmão

Cirilo apresentou:

ORAÇÃO PEDINDO SAÚDE

Ó Deus onipotente e misericordioso, que criastes as plantas e ervas com tanta sabedoria e amor, fazei que, usando-as como alimento e remédio, unidos aos frutos da redenção, alcancemos a saúde do corpo e da alma e a alegria de assim vos louvar, amar e servir sempre melhor. Isto vos pedimos pelo mesmo Cristo Nosso Senhor. Amém.

Nossa Senhora da Saúde, rogai por nós.

É isso aí, simples e vero. Nada se perde em recorrer aos meus, aos nossos chás. Saúde!

LENDA DO CAÁ (ERVA-MATE)

Já que nos habituamos a chamar de chá-mate à erva-mate, generalizando para chá toda erva que se presta a beberagem terapêutica, refrescante ou adstringente, é bom sabermos como começamos a usar o mate. Uma adaptação de “**Lendas e Mitos do Brasil**”, de Teobaldo Miranda Santos.

Piraúna e Jaguarê eram dois grandes guerreiros do sul do país. Beberam ao regressar de vitoriosa caçada, brigaram e Jaguarê acabou matando o amigo. Foi preso pela tribo revoltada, só não foi morto pois o sábio Curuaçu, pai de Piraúna o perdoou, lançando na bebida as pragas devidas. Assim o matador foi expulso da tribo, sem comida, sem armas para vagar pela mata. Anos se passaram, nem se lembravam mais da tragédia. Um bando de jovens guerreiros da taba, aventurando-se mata a dentro, deu de cara com um estranho forte e ainda belo. Era Jaguarê, que lhes contou ter sido avisado pela deusa CÁA-IARI, protetora das ervas, que se alimentasse das folhas de bonita planta da região. Ele obedeceu, alimentou-se fartamente com cáa, conseguindo deliciosa e nutritiva bebida que, restaurando-lhe as energias, o manteve vivo até aquele dia. E foi assim que os índios do sul aprenderam a usar a erva-mate, nosso chá de todos os dias e horas.

A **Enciclopédia de Culinária**, Editora Globo, 1951, amplia meu saber sobre chá, com o que segue:

A erva-mate é uma planta nativa do Paraguai (*ilex paraguariensis*) e muito plantada no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul. A infusão das folhas de mate, era muito usada pelos índios guaranis. O mate é bastante empregado como sucedâneo do chá da Índia e tem, sobre este, a van-

tagem de possuir propriedades medicamentosas. Sob a forma de chimarrão, é bebida típica dos pampas.

LENDA GAÚCHA SOBRE O MATE

Certa ocasião, tendo um velho cacique dado hospedagem a um homem misterioso - que outro não era senão um enviado de Tupã - este resolveu recompensá-lo, bem como à sua descendência, com uma planta que lhe pudesse, ao mesmo tempo, servir-lhe de alimento e dar-lhe alegria nas suas horas de tristezas. Esta planta é o mate, que é símbolo da hospitalidade. À Caa-Yara, o velho índio, e à sua formosa filha Caa-Yarii foi confiada, desde então, a proteção dos ervais.

CHÁS DA ENCICLOPÉDIA DE CULINÁRIA

1 - Chá da Índia (simples)

Para cada taça de água, 1 colherinha de chá. Escalde o bule e coloque em cima o coador com o chá. Logo que a água levantar fervura, despeje-a sobre o coador. Encha bem o bule para que o chá fique mergulhado na água. Abafe o bule por 2 minutos. Sirva o chá quente. Se for pequena quantidade, prepare o chá na própria xícara.

2 - Chá da Índia com leite

Para cada taça desta bebida, use 2 colherinhas de chá. Ponha o chá no coador ou diretamente no bule, deite-lhe por cima leite fervente. Deixe assim por 3 minutos e sirva-o depois de coado.

3 - Chá de erva-mate

Uma colher de erva-mate para cada xícara de água. Escalde o bule. Dentro coloque o mate, despejando-lhe por cima, água fervendo. Deixe pousar o chá, passe-o para outro bule, coe e sirva. Na mesma medida, pode-se fazer o mate com leite.

4 - Chá mate com leite

a) Para cada taça de leite, 2 colheres de erva-mate. Proceder como na receita anterior, com leite em vez de água.

b) Mate de feira

Misture mate com leite em proporções iguais, ou 2 partes de mate e uma de leite. Adoce e sirva quente.

c) Mate queimado

Ponha no bule uma porção de erva mate, sob ela uma colher de açúcar. Sobre o açúcar, uma ou 2 brasas bem vivas; deixe-as fumegarem e despeje por cima água fervente. Coe.

CHÁS BEM DOMÉSTICOS

Qualquer pessoa pode fazer estes chás. São os que nossas avós faziam, a

MEDICINA RÚSTICA

qualquer momento, sempre pensando na saúde e no bem-estar da família. Nada de luxos, nem taças, nem balança caseira, nem pesos ou medidas. A mão determinava a quantia da erva a ser usada, os olhos diziam o quanto iria de água, vinho, vinagre, pinga ou álcool. E pronto. Chá para tudo, para todos. Nossas mães retiveram, na mente as receitas, nós aprendemos e ensinamos aos que nos cercam. Oxalá nossos chás curativos façam para as novas gerações, o mesmo bem que a nós fizeram. Vamos a eles.

1 - Chá de botique

Ferva as folhas da planta botica inteira. Dê banho na pessoa contaminada (?) e por último enxágüe com este chá. Repetir 3 vezes por dia, até desaparecer os sintomas.

Inf.: Renata M.R. Santinon - Olímpia

2 - Chá de louro (Indigestão)

Faça um chá com um litro de água e 3 folhas de louro, 6 folhas de boldo (pequenas), 1 folha de eucalipto e uma de laranjeira. Ferva bem,coe e tome 3 vezes ao dia, durante 30 dias seguidos.

Inf.: Neuza M. Recco - Olímpia

3 - Chá para cólicas renais

Pegue cascas de um abacaxi e ferva em um litro e meio de água, até o líquido se reduzir a um. Tome esse chá gelado até sumirem as dores.

Inf.: Neuza M. Recco - Olímpia

4 - Chá de cajueiro (Para cortes, ferimentos)

Faça um chá bem forte com 21 pedaços de cajueiro. (casca ou caules). Depois de frio, banhe o local ferido e logo perceberá a rapidez da cura.

Inf.: Neuza M. Recco - Olímpia

5 - Chá de abóbora (Contra herpes)

Aquecer 3 folhas de abóbora e colocar na região afetada. Trocar as folhas, até vir a cura.

Inf.: Neuza M. Recco - Olímpia

6 - Chá de agrião (Contra anemia)

Junte algumas folhas de agrião, lave muito bem e bata em liquidificador com água e um pouco de mel. Tome meio copo desse suco pela manhã, em jejum, e mais meio à tarde. Repita até curar a anemia.

Inf.: Neuza M. Recco - Olímpia

7 - Chá de coco (Para bronquite)

Pegue um coco maduro, faça um furo e retire toda a água. Coloque mel pelo buraco, com um funil, até enchê-lo. Tampe com uma rolha, embrulhe o coco em um plástico e coloque dentro de um armário onde ninguém mexa. Deixe lá por 7 dias. Depois pegue o coco e coloque em uma panela com um pouco de água, deixe ferver para que o mel amoleça. Se uma criança estiver

com bronquite, dê uma colher (chá) do mel, quando despertar de manhã e ao deitar-se. Adultos podem tomar uma colher (sopa) nos mesmos horários.

Inf.: Neuza M. Recco - Olímpia

8 - Chá de azedinha (Contra gases)

Pegar um bom punhado de erva azedinha, ou trevo azedo e ferver. Tomar 3 vezes ao dia, uma xícara (chá) antes das refeições.

Inf.: Neuza M. Recco - Olímpia

9 - Chá de alho roxo (Contra gripe)

Faça um chá com alho roxo e tome 3 vezes ao dia, uma xícara (chá), sem açúcar. Três dentes de alho para um copo de água fervente ou leite. Repita esse chá a cada 3 meses, no período da lua cheia. Não conte a ninguém o que está fazendo.

Inf.: Maria Jesus de Miranda - Olímpia

10 - Chá de castanha de caju

Para aliviar uma crise de enxaqueca, queime 7 castanhas de caju. Em seguida, coloque um litro de água no fogo e prepare um chá com as castanhas queimadas e partidas. Adoce levemente e dê para o doente. Tomar morno.

Inf.: Neuza M. Recco - Olímpia

11 - Chá de vinho branco (Para menstruação)

Encha uma xícara (chá) com vinho branco. Coloque em uma vasilha pequena para ferver em fogo brando. Quando iniciar a fervura, junte um punhado de manjeriço e termine a fervura. Deixe esfriar e tome lentamente. As cólicas desaparecem.

Inf.: Neuza M. Recco - Olímpia

12 - Chá de maracujá (calmante)

10 folhas de maracujá; açúcar que dê para adoçar; 1 litro de água. Lave as folhas, junte tudo em uma vasilha, deixe ferver alguns minutos. Beber frio, de preferência à noite.

13 - Chá de erva-cidreira comum (calmante)

Um punhado de hastes e raiz; açúcar a gosto; 1 litro de água. Ferver tudo junto por alguns minutos, isto é, até a água ficar amarelada. Beber frio, quente ou morno.

14 - Chá de erva-cidreira baiana

Um punhado de folhas, açúcar a gosto, 1 litro de água. Ferver por 5 minutos e beber quente. Acalma e combate a insônia.

15 - Chá de alecrim (Calmante)

Um punhado de folhas, 1/2 litro de água, açúcar que adoce. Ferver por 5 minutos, beber quente ou morno.

16 - Chá de alfavaca (Gripe)

3 galinhos de alfavaca; açúcar que adoce; 1 litro de água. Ferver tudo jun-

to, tomar a seguir.

17 - Chá de manjeriço (Resfriado)

1/4 de litro de água; um punhado de folhas de manjeriço; açúcar ou mel para adoçar. Ferver por alguns instantes.

18 - Chá de poejo (Resfriado Infantil)

Algumas ramas da planta, mel e 1/2 litro de água. Ferver por 5 minutos, dar morninho para a criança.

19 - Chá de embaúba (Reumatismo, Rins, Bexiga) 10 minutos, deixar esfriar, colocar em um litro, na geladeira e tomar quando sentir sede. Beber como água.

20 - Chá de raiz de cancorosa (Infecções. Cura até câncer).

3 raízes de cancorosa em 1 litro de água. Ferver junto, deixar esfriar, guardar em um litro na geladeira. Tomar aos poucos, como água.

21 - Chá de Salsaparrilha (Depurativo do sangue e para os rins)

5 mandioquinhas de salsaparrilha e 1 litro de água. Corte as mandioquinhas, coloque em 1 litro de água, deixe curtir por algumas horas e tome frio.

22 - Chá de broto do chuchu (Pressão alta)

Pegar alguns brotos - folhas tenras da ponta das ramas, colocar em vasilha com um litro de água fervente, abafar. Beber durante o dia todo.

23 - Chá da folha de lima (Gastrite e rins)

Lavar bem umas 10 a 15 folhas de lima. Ferver em 1 litro de água açucarada. Tomar algumas vezes ao dia. É também calmante.

24 - Chá de cambará do campo

Um punhado de flores em meio litro de água adoçada. Ferver até engrossar, ficando como um xarope. Tomar uma colher ao deitar-se, para curar gripe e bronquite.

25 - Chá de folhas de laranjeira (Gripe)

5 folhas de laranja; 3 de eucalipto; 3 brotos de sabugueiro; uma imburana; 1/2 litro de água; 1 copo de açúcar. Junte todos os ingredientes, deixe ferver por cerca de 5 a 10 minutos, deixe descansar e tome aos poucos.

26 - Chá de cabelo de milho (Bexiga, Depurativo)

Um punhado de cabelo de milho em 2 copos de água. Ferver até que esses dois copos se reduzam a um. Beber 3 colherinhas (chá) ao dia.

27 - Chá de milho-pipoca (Catapora, Sarampo)

1 xícara (chá) de milho pipoca; 2 co-

MEDICINA RÚSTICA

pos de água. Ferver juntos. À noite, mornar e dar 1 xícara (café) à criança doente. Alivia o mal-estar.

28 - **Chá de umbigo de bananeira** (Bronquite)

1 umbigo de bananeira, cortado em cruz; 2 copos de açúcar; 1/2 litro de água. Juntar tudo, deixar ferver até engrossar como xarope, tomar morno.

29 - **Chá de flor do mamão macho** (Bronquite)

1/2 litro de água; 50g de flor de mamão macho; 2 copos de água. Ferver tudo até consistência de xarope. Tomar 3 colherinhas por dia.

30 - **Chá de jaca** (Cólicas renais)

5 folhas de jaca; 1 litro de água. Ferver junto, deixar esfriar e tomar pouco a pouco.

31 - **Chá de confrei** (Dores em geral)

Ferver 3 folhas de confrei em 1 litro de água. Esfriar e tomar algumas vezes ao dia.

32 - **Chá de folha de caqui** (Pressão)

10 folhas de caqui; 2 litros de água. Ferver e, frio, tomar como água.

33 - **Chá de mentrasto** (Tirar a friagem do corpo)

Um punhado de mentrasto, 1 litro de água. Ferver por alguns minutos, esfriar; uma xícara (café) ao dia.

34 - **Chá de artemíje**, Artemísia, (Menstruação)

Um punhado de artemísia, fervida por 3 minutos em 2 copos de água. Tomar uma xícara (chá) quente.

35 - **Chá de marcelinha galega** (Cólica Infantil)

Esmagar uns 3 brotos de marcelinha em uma xícara (chá) de água. Ferver, coar e dar cerca de 3 colherinhas ao dia ao bebê.

Nota: Os chás, desde o número 12 até o 35, foram receitas de **Teresinha B.H. Teixeira**, do B. de São José, Olímpia.

ALGUMAS PUÇANGAS

(do Pará)

São as mesmas que nós usamos e destinam-se à cura dos mesmos males que quebrantam o ânimo, que enfraquecem o corpo e abatem o espírito. Porém, algumas de nomes estranhos ao Sul, ou para curar estranhas doenças, levam-me a inseri-las neste trabalho. Foram coletadas de "**Rezadores, Pajés e Puçangas**", de Napoleão Figueiredo, Editora Boitempo Ltda., Belém, PA.

1 - **Alfavaca-de-cobra** (Jaborandi-do-pará, jaborandi-de-três-folhas ou alfavaca-brava) - *Miniera trifolia*.

O chá das folhas e raízes é usado contra moléstias da bexiga, uretra e

rins. Usa-se, inclusive, como banho contra o reumatismo.

2 - **Anabi** (Pau-de-cobra) - *Potalia Amara*

O chá das raízes é usado como antidoto de veneno ofídico. A infusão das hastes novas é anti-sifilítica. Das folhas cozidas são feitos banhos contra uretrites e oftalmia e o chá forte das folhas é usado contra o envenenamento por ingestão de mandioca-brava.

3 - **Anaurá** - *Licania Macrophylla*
Da casca faz-se infusão contra amebíase.

4 - **Angelim-da-mata** - *Hymenolobium excelsus*

O chá de raízes e folhas maceradas são anti-espasmódicas, sedativas, febrífugas, diuréticas e purgativas. O chá das raízes é também usado contra icterícia e epilepsia.

5 - **Aracá** - *Psidium Araca*

A infusão das folhas e botões novos é adstringente. O chá da raiz é antidiurético e diurético.

6 - **Barba-de-paca** - *Nepsera Aquática*

O chá das folhas é usado como diurético e para combater hemorragias internas. A fórmula: 50g de raiz de açai; 50 g de raiz de mucajá; 10g de raiz de barba-de-paca, equivale às penicilinas no tratamento das blenorragias. Tomado em quantidades elevadas é tóxico.

7 - **Barba-de-velho** - *Tiliandisia recurvata*

A resina é usada como anti-reumático e anti-hemorroidico e empregada no combate às hérnias e males do fígado. O chá das raízes é diurético.

8 - **Capim-navalha** (Capim-tiririca ou tiririca) - *Scleria Pratensis*

O chá das raízes é usado contra diabetes

9 - **Carucaá** (Cauaru - Caá) - *Cordia Multispicata*

A infusão de folhas é usada como tônico contra as gripes pulmonares, bronquites e tosses rebeldes.

10 - **Catinga-de-mulata** (Cordão-de-frade) - *Leucas Martinscensis*

O cozimento da planta toda é usado em banhos contra o reumatismo. O chá é usado contra asma e dores artríticas.

11 - **Jambuú** - *Piper*

Apontado como tendo virtudes extraordinárias na conservação da virilidade. Fórmula: 30g de raiz de jambuú, 20g de jiriqui - rasteiro, 10 g de raiz de marapuama, 20g de folha de abacateiro, 1 litro de água fervente.

12 - **Lima** - *Citrus Aurantifolia*

Da casca faz-se chá para as doenças cardíacas. Usado contra a insônia.

13 - **Mucajá** - *Acrocomia Sclero-*

carpa

O chá da raiz é tido como mantenedor da virilidade.

14 - **Mucuracaá** - *Petiveria Alliceae*

O cozimento das folhas e raízes é usado contra a paralisia, o reumatismo e inchaço das pernas.

15 - **Mulungu** - *Erythrina Corali-dendrolo*

O cozimento da casca é usado contra a inflamação do fígado e do baço.

16 - **Oficial-de-sala** (Seda vegetal ou Suspiro) - *Asclepias Curassávica*

O chá da raiz é purgativo quando usado em doses pequenas, porém tóxico em doses elevadas.

17 - **Patchuli** - *Andropogon Squarrosus*

Infusão de raiz contra histeria e enxaqueca. Chá forte da raiz contra tosse.

18 - **Pega-pinto** (Solidônia ou Celi-dônia) - *Boerhavia Paniculata*

Infusão da raiz usada como diurético.

19 - **Pião-roxo** - *Jatropha Gossipifolia*

O chá das folhas é usado como purgativo e contra o reumatismo.

20 - **Quina** (Quinarana, Aquática Branca, Pau-pereira) - *Geissospermum sericeum*

O chá das folhas e o da raiz é usado contra o impaludismo.

21 - **Rabo-de-guariba** (Gogô-de-guariba) - *Polypodium decumamum*

O chá da raiz combate a coqueluche

22 - **Sucuriju** - *Mikania*

O chá das folhas usado contra hepatite.

23 - **Unha-de-morcego** - *Bignonia unguiscati*

O chá das folhas é usado contra doenças hepáticas.

24 - **Urucu** - *Bixa orellana*

Raiz como digestivo e as sementes como expectorante.

Assim, misturando conhecimento comprovadamente científico a conhecimentos populares, andamos longo caminho pelo mundo do chá brasileiro. Espero que possamos, com a ajuda de muita força, vontade e fé, termos alguns dos males que nos afligem curados ou, pelo menos, minorados. Não vamos utilizar os chás como panacéia milagrosa completa, pois há limites que a planta sozinha não consegue ultrapassar. O médico, nessa hora, é o "curador", é o "chá" mais indicado. Com um pouco de sorte, da sorte que faz parte da vida do povo brasileiro, não gastaremos além das nossas posses. Milagres podem acontecer. Aproveitemos, pois, as nossas plantas e vamos ao chá caseiro. Que o Senhor nos abençoe. Amém!

ADIVINHAÇÕES

Ginástica para a inteligência

ANALI DE OLIVEIRA

Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos - Olímpia

Um enigma é um desafio à nossa mente. O decifrador tem que ser paciente e também malicioso. A pessoa deve estar motivada para o jogo e concentrar-se para encontrar a solução. Há muita ambigüidade contida nas questões formuladas. Por isso, quando a pessoa der a resposta e sentir-se insegura, não deve sentir-se diminuída.



A maioria das adivinhas é organizada para confundir a mente do receptor das perguntas.

Há pessoas que, por não conseguirem dar corretamente as respostas, descontrolam-se emocionalmente, e, às vezes, se tornam motivo de gargalhadas.

Quando o enigma é muito complicado, a nossa melhor atitude é divertir-nos com a nossa resposta errada, porque as respostas, muitas vezes, exigem amplo conhecimento das coisas. Por exemplo, a pessoa que não conhece Geografia e recebe esta pergunta: **Qual a cidade do Estado do Pará que não dorme?** Se a pessoa nunca ouviu falar na cidade de **Vigia**, é claro que ela nunca acertará a resposta. Ou esta: **Qual o Estado brasileiro que ama ser ferramenta?** Se a pessoa não se lembrar de que pá é uma ferramenta, jamais responderá **Amapá**. Ou ainda: **Qual o país sul-americano que se come assado?** Até recordar os países sul-americanos e refletir que **Peru** encerra as condições propostas para a resposta, a pessoa se desanimará ou perderá muito tempo.

A pergunta "**O que é que tem dentes, mas não pode comer?**" poderá deixar o respondedor, de início, em grande confusão, pois primeiramente ele irá buscar sua resposta nos seres humanos ou nos irracionais e se desligará, por completo, do sentido figurado da palavra dente. De momento não

lhe vem à mente uma das respostas: pente, garfo, alho, serrote, tesoura denticulada, etc.

Numa brincadeira com enigmas, os mais nervosos querem desistir já de início. Mas o participante não deve ser assim. É preciso ser entusiasmado, porque o entusiasmo é a alegria dos fortes. Enquanto o desalento estolda a esperança e abate o espírito, o entusiasmo é a força prestigiosa que move as criaturas e as incita aos triunfos mais difíceis.

Que idéia se pode fazer de uma criatura inteligente que se mostra desanimada?

É certo que numa maratona de **O que é, o que é?** Ou de **probleminhas embaraçosos**, a pessoa pode ter dificuldade para responder a tudo acertadamente.

Por quê? Porque as respostas além de demandarem raciocínio, demandam um bom conhecimento de gramática, história, geografia, ciências, botânica, zoologia, sociologia, agricultura, etc. Dificilmente encontramos adivinhas formuladas para uma resposta ao pé da letra.

Os artífices na formulação dos enigmas revolucionam muito o cérebro dos respondedores, deixando-os confusos e embaraçados. Além do mais, muito deles são organizados especialmente como pegadas; induzem as pessoas a dar respostas bem diferentes daquelas propostas no conteúdo da questão.

1 - Qual o fogo que não se apaga com água?

- ?

2 - Que é maior que o mundo, menor que um grão de areia; os mortos comem, mas se os vivos comerem, morrerão?

- ?

3 - O que é que nunca se vê quando se come?

- ?

4 - O que é que se joga

fora para comer?

- ?

5 - Que quanto mais quente, mais fresco?

- ?

6 - Se o pai de Célio é filho de Pedro, qual o parentesco entre Pedro e Célio?

- ?

7 - Qual é, neste mundo, a pessoa que nada faz senão comer?

- ?

8 - O que é que vai e vem sem sair do lugar?

- ?

9 - Que é feito para andar e não anda?

- ?

10 - Que anda a cavalo, mas anda a pé?

- ?

11 - O que é que sempre anda na sua frente?

- ?

12 - O que é que quanto mais se puxa mais se encolhe?

- ?

13 - O que é: Uma casa de porta só com vinte pessoas dentro, vestidas de branco.

- ?

14 - O que é que come tripa e ainda chupa o sangue?

- ?

15 - O que é que tem dentes, mas se perder os dentes nunca vai ao dentista?

- ?

ADIVINHAÇÕES

16 - O que é que cru não há e cozido não se come?

- ?

17 - O que é que com gordura não presta e sem gordura não se faz?

- ?

18 - O que é que tem quartos e não tem sala, tem meias e não tem pés?

- ?

19 - O que é que andam sempre juntos e nunca se encontram?

- ?

20 - Quando o pára-quedista cai no mar o que acontece?

- ?

21 - O que foi feito para andar e não anda nunca?

- ?

22 - O que é feito para comer e nunca se come?

- ?

23 - Quando é que o pato começa a nadar?

- ?

24 - Entre gato e rato qual a diferença?

- ?

25 - Quando é que um homem cai de uma escada de 100 degraus e não se machuca?

- ?

26 - Qual a mãe da misericórdia?

- ?

27 - Qual a semelhança entre a luva e o embaraço?

- ?

28 - Qual a semelhança entre o trapezista e o badalo?

- ?

29 - Qual a semelhança entre o cabide e o caloteiro?

- ?

30 - Qual a semelhança entre o bêbado e a serpente?

- ?

31 - Qual a semelhança entre o político oportunista e o alfaiate que reforma roupas?

- ?

32 - Qual a semelhança entre um pirata e uma cadeira?

- ?

33 - Qual a semelhança entre o pedreiro e o padeiro?

- ?

34 - Qual a semelhança entre uma gestante e um bêbado?

- ?

35 - Qual a semelhança entre a lâmpada e o vaga-lume?

- ?

36 - Se você caminha para frente ou para trás, quem é que vai na frente?

- ?

37 - O que é que com a boca para cima está vazio, com a boca para baixo está cheio?

- ?

38 - Qual o nome que todo homem gostaria de ter?

- ?

39 - O que está na cozinha, na orquestra e no automóvel?

- ?

40 - O que é que está sempre cheio quando a gente dele se serve e está sempre vazio quando se guarda?

- ?

41 - O que é que se quebra antes de ser servido?

- ?

42 - O que é: As duas têm um nome só: uma é gostosa e a outra perigosa?

- ?

43 - O que é que está no começo da sala, no meio da asa e no fim das vidas?

- ?

44 - O que é que as pessoas tiram antes de nos dar?

- ?

45 - Qual o legume formado pela parte mais baixa do homem e pelo ponto mais quente do sol?

- ?

46 - O que o poste disse para o cachorro irreverente?

- ?

47 - O que a lagartixa disse para o jacaré?

- ?

48 - Qual o país cuja metade se transforma em utensílio de viagem?

- ?

49 - Qual o país da Ásia que, suprimindo a primeira sílaba, é um alimento indispensável?

- ?

50 - Qual o nome de homem que, se tirarmos a primeira letra, se transforma em dois animais?

- ?

51 - Qual o nome de homem que, aumentando 100, em caracteres romanos, se transforma em um antropófago?

- ?

52 - Qual o nome de mulher que, aumentando 100, em caracteres romanos, se transforma em flor?

- ?

53 - Qual o nome masculino que, tirando-lhe 50, em caracteres romanos,

se transforma em avarento?

- ?

54 - Qual a cor preferida pelos valentes?

- ?

55 - Qual a cor que vive dependurada nas janelas?

- ?

56 - Qual a cor que dorme de dia e passeia à noite?

- ?

57 - Qual o nome de mulher que com a inicial trocada é fruta?

- ?

58 - Qual o nome de família (sobrenome) que é animal lanígero?

- ?

59 - Qual o nome de homem que tem um ar muito bonito?

- ?

60 - Qual é a estação mais fria do ano que se trocarmos uma letra, se torna o lugar mais quente?

- ?

61 - Qual a fruta que sem a primeira sílaba se torna parte do braço?

- ?

62 - Qual a fruta que sem a mão diz que já leu?

- ?

63 - Qual a fruta que, sem as duas primeiras sílabas, passa a uma qualidade de abóbora?

- ?

64 - Qual a fruta que, sem a primeira sílaba, se torna parte do chapéu?

- ?

65 - Qual o legume que, sem a primeira sílaba, dá ordem para matar?

- ?

66 - Qual o legume que sem a última sílaba dá ordem para bater?

- ?

67 - Qual o legume que se forma com o nome de um peixe e a casa de índio?

- ?

68 - Qual o condimento que sem a primeira sílaba vira uma espécie de hortelã?

- ?

69 - Qual a planta que sem as duas primeiras sílabas se torna cobertura de pele de carneiros?

- ?

70 - Qual a verdura que sem a primeira letra dá ordem para ouvir?

- ?

71 - Qual o animal que sem a primeira sílaba diz ser coisa imprestável?

- ?

ADIVINHAÇÕES

72 - Qual a fruta que, sem uma sílaba, é nome de batráquio?

- ?

73 - Qual a fruta que, sem a primeira sílaba, é instrumento musical cordofone?

- ?

74 - Qual o nome de uma fruta que ao mesmo tempo é título de nobreza?

- ?

75 - Qual a fruta que sem a primeira sílaba é uma peça do vestuário indígena?

- ?

76 - Qual o animal que, sem a primeira sílaba, se torna nobre?

- ?

77 - Qual o animal que sem a última sílaba é fruta?

- ?

78 - Qual o peixe que sem a mão é tempero?

- ?

79 - Qual o peixe que, sem a primeira sílaba, se torna fragmento de rocha dura?

- ?

80 - Qual o animal que, tirando a primeira letra, dá ordem para abrir?

- ?

81 - Qual o animal que sem a primeira sílaba é o mesmo que queixo?

- ?

82 - Qual a ave que tirando a segunda sílaba se torna a maior autoridade religiosa?

- ?

83 - Qual o animal que perdendo a primeira sílaba, perde o seu valor?

- ?

84 - Qual a parasita que, sem a primeira sílaba, passa a ser órgão da visão?

- ?

85 - Qual o inseto que, sem as duas primeiras sílabas, se torna uma ave?

- ?

86 - O que pesa mais: um quilo de leite ou um quilo de nata?

- ?

87 - Depois de quantas voltas o cachorro se deita ?

- ?

88 - O que é: nasceu no Brasil, vive no Brasil, é brasileira, mas não anda no Brasil?

- ?

89 - O que é, o que é: Corre no mato e esbarra no caminho?

- ?

90 - O que é, o que é: Tem cabeça chata, é curto ou comprido e intrometi-

do. Para se tornar útil, tem que apauhar?

- ?

91 - O que é, o que é: Não tem qualquer asseio, nunca toma banho, porém ninguém vive sem ele?

- ?

92 - Um avião leva 1h30 minutos para fazer a ligação entre duas cidades. No retorno, efetua o mesmo trajeto em 90 minutos. Como isso é possível, se as condições e a velocidade do vôo eram as mesmas?

- ?

93 - Quantos pães alguém é capaz de comer em jejum?

- ?

94 - O que é, o que é: Quem tem procura, quem não tem, evita ter?

- ?

95 - Qual a matéria que é nossa parente?

- ?

96 - O que é, o que é: No feminino é inseto e no masculino é risco?

- ?

97 - O que se tira de quem não tem para dar a quem tem?

- ?

98 - É um torto resistente, Vive vestindo de morto Só para pegar os vivos Que vivem andando soltos.

- ?

99 - Tudo tem começo e fim, Logo as coisas se consomem: Que começa co'a mulher E termina com o homem?

- ?

100 - Este tipo de pergunta É um pouco diferente: Tem coroa, não é rei, Tem cara, mas não é gente.

- ?

30 - Não andam em linha reta. / 31 - Estão sempre virando a casaca. / 32 - Ambos têm perna de pau. / 33 - Ambos estão sempre com a mão na massa. / 34 - A gestante quer "bebê" e o bêbado quer beber. / 35 - Os dois ascendem. / 36 - O primeiro passo. / 37 - Chapéu. / 38 - Henrique. / 39 - Bateria. / 40 - Sapato. / 41 - Ovo. / 42 - Bala de chupar e bala de revólver. / 43 - A letra esse. / 44 - Fotografia. / 45 - Pepino. / 46 - Não me regue senão eu dou flor. / 47 - Exagerado! / 48 - Guatemala (mala). / 49 - Japão. (pão) / 50 - Pantaleão (anta e leão). / 51 - Aníbal (canibal). / 52 - Amélia (camélia). / 53 - Álvaro (avaro). / 54 - A coragem. / 55 - A cortina. / 56 - A coruja. / 57 - Eva (uva). / 58 - Carneiro. / 59 - Arlindo. / 60 - Inverno (inferno). / 61 - Mamão (mão). / 62 - Limão (li). / 63 - Abacaxi (caxi). / 64 - Goiaba (aba). / 65 - Tomate (mate). / 66 - Batata (bata) / 67 - Mandioca (mandi + oca). / 68 - Pimenta (menta). / 69 - Hortelã (lã). / 70 - Couve (ouve). / 71 - Macaco (caco). / 72 - Sapoti (sapo). / 73 - Graviola (viola). / 74 - Conde. / 75 - Pitanga (tanga). / 76 - Tubarão (barão). / 77 - Jacaré (jaca). / 78 - Salmão (sal). / 79 - Bacalhau (calhau). / 80 - Cabra (abra). / 81 - Jumento (mento). / 82 - Papagaio (papa). / 83 - Javali (vali). / 84 - Piolho (olho). / 85 - Carrapato (pato). / 86 - A mesma coisa. / 87 - Depois da última. / 88 - O sapo (não anda, pula). / 89 - Fogo. / 90 - O prego. / 91 - O dinheiro. / 92 - O avião levou o mesmo tempo: 1h30 min. = 90 minutos. / 93 - Um só. A partir do 2.º não está mais em jejum. / 94 - A pulga. / 95 - A matéria-prima. / 96 - Traça e traço. / 97 - Razão. / 98 - O anzol. / 99 - A letra eme. / 100 - Moeda.

RESPOSTAS

1 - O fogo da paixão. / 2 - Nada. / 3 - O paladar. / 4 - A casa de algumas frutas. / 5 - Pão. / 6 - Pedro é avô de Célio. / 7 - Cozinheiro. / 8 - A porta. / 9 - Rua. / 10 - Ferradura. / 11 - O caminho. / 12 - O cigarro. / 13 - Maço de cigarros. / 14 - Lampião, lamparina. / 15 - Pente. / 16 e 17 - Sabão. / 18 - Relógio. / 19 - Trilhos da estrada de ferro. / 20 - Ele se molha. / 21 - A estrada. / 22 - Garfo, colher. / 23 - Quando entra na água. / 24 - As letras gê e erre. / 25 - Quando ele cai do primeiro degrau. / 26 - Salve-rainha. / 27 - Ambos são cheios de dedos. / 28 - Balançam, mas não caem. / 29 - Vivem pendurados. /

As crianças se interessam muito mais pelas adivinhas que os adultos. As adivinhas são ritos de iniciação, não elementos de escolha. Fazem parte dos fatos sociológicos e podem ser explicados através da literatura oral.

Este passatempo é divertido e também um pouco enervante. Exige muito conhecimento e raciocínio. Se você tentou responder, mas não conseguiu, lembre-se de que o silêncio também é resposta. Na oportunidade apresento meus agradecimentos aos que colaboraram, cedendo algumas adivinhas, e especialmente ao Prof. José Sant'anna, pelo incentivo dado para a elaboração deste trabalho.

O DOIS

Dois, número símbolo do equilíbrio e do antagonismo

JOSÉ CARLOS ROSSATO
Departamento de Folclore - Olímpia

O mundo é construído sobre o poder dos números. Esta afirmação foi atribuída ao matemático e místico Pitágoras, que viveu na antiga



Grécia no século XV a.C. "A partir dessa teoria os números universais foram reduzidos aos algarismos de 1 a 9, como os números primitivos que dão origem a todos os demais" (1). Vinte séculos depois, em 1533 d.C., Cornélius Agripa revelava, em sua Filosofia Ocultista, o significado simbólico dos números.

A Humanidade sempre foi dividida. Nos primórdios: "romanos e bárbaros". Com o Cristianismo acrescentaram-se "cristãos e pagãos".

Mais tarde, os conflitos de "civilizados e selvagens". Outras divisões ocorreram ao longo da História. Eis alguns lampejos, à guisa de considerações gerais. Depois da Primeira Guerra Mundial, surgiu a separação entre "países pobres e nações ricas". Houve a divisão entre países de economia dominante e nações de economia dominada." Há quem preferiu "países imperialistas e países coloniais". Ocorreu a postura: "países de economia líder e países de economia reflexa". É comum a classificação em "países capitalistas e países socialistas". Não é incomum a separação entre "oriente e ocidente". É vulgar a divisão em "desenvolvidos e subdesenvolvidos".

Em relação ao Brasil, a situação não difere. Persiste. O nosso país tem sido visto sob prisma dualista: os dois Brasis - litorâneo e interiorano - ou como Belíndia (arquipélago de ilhas de riqueza, cercadas de enorme pobreza). Os discursos oficiais mostram a estratificação quantitativa, também dual: um moderno e desenvolvido, o

País das elites representado por 10% e o outro pobre e atrasado, o Estado dos pés-descalços ou dos descamisados, patenteado pelos restantes 90%. É o Brasil das enormes disparidades, onde o rico, nas últimas **duas** décadas, tornou-se mais opulento e o pobre, simplesmente miserável.

"Até a política passou a imitar o futebol. Agora tem dois turnos" (2). Essa referência ao **segundo** turno é recente. A Justiça Eleitoral, a partir da eleição presidencial de 1989, adotou o **segundo** turno para as eleições referentes ao Poder Executivo, em todos os níveis, inclusive no plano municipal, nas comunas com mais de duzentos mil eleitores, quando no primeiro, o vencedor não obteve mais da metade dos votos válidos. Em outras palavras: há necessidade de conseguir maioria simples. Nota-se que, por coincidência ou não, duzentos é derivado do **dois**.

O dia é dividido em **duas** partes: noite e dia propriamente dito, nem sempre iguais em duração. Não são **dois** os sexos? Não são **duas** as dentições da espécie humana? Como a massa assalariada teme os **dois** dígitos na inflação mensal, pelos malefícios que ela traz, sobretudo às classes média e crescente. É novamente a presença do **dois**. O setor **secundário** é formado pelas pessoas que labutam nas seguintes atividades econômicas: minas, energia elétrica, construções, indústrias de produção, etc.

Não é a **segunda** edição que consagra o livro?

E o espaço **dois**, o intervalo de espaçamento nas entrelinhas dos trabalhos datilografados da quase totalidade dos serviços executados pelos escriturários e assemelhados. É utilíssimo.

Os **dois** traços, paralelos entre si,

que utilizamos, freqüentemente, para cruzar os cheques, condicionando o desconto ao tácito depósito.

O número em epígrafe é também usado para exprimir concordância com o que o interlocutor acaba de falar. Para exemplificar: não gosto de feijoada. A outra pessoa do diálogo responde: **dois** (ou **duas**, entre as mulheres).

Os matemáticos, especialmente na Álgebra, ocupam a palavra **binômio** para designar o polígono ou expressão algébrica composta de **dois** termos, separados pelos sinais mais (+) ou menos (-). Mas a palavra binômio significa muito mais: **dois** assuntos, **dois** elementos, **dois** objetos, etc.

Todos nós sabemos que para todo fato existem **duas** versões. Também, desde que as **duas** partes entrem em acordo, qualquer demanda se encerra.

Sua Santidade, o Papa João Paulo II, não esteve **duas** vezes no Brasil? Em 1991, durante a **segunda** visita do Pontífice, aconteceu um terrível equívoco. Ele afirmou que "o Brasil é país em desenvolvimento, ou seja, de 2.º mundo"(I).

No que tange à língua falada, não é diferente. Não só no nosso vernáculo, como em outro idioma qualquer, deparamos com aspectos de **dualidade**. É o caso dos **antônimos**: bem-mal, criar-destruir, dia-noite, dar-receber, odiar-amar, rir-chorar, paz-guerra, nascer-morrer, começo-fim e incontáveis outros. O **homônimo** - palavra que se pronuncia da mesma forma, porém, de diferente significação, também mostra o **dualismo**. Exemplificamos: Amazônia forma do topônimo; Amazônia - planta herbácea da América do Norte. **Vasa**-fundo lodoso de um lago, lagoa, mar ou curso d'água; **vaza** forma do verbo vazar. **Sem fim** - incessantemente, ininterruptamente, sem término, que

O DOIS

não tem fim; **Sem-fim** pássaro brasileiro que recebe outros nomes, entre os quais Saci e Martim-pererê. Os **parônimos**, vocábulos de grafias e sons semelhantes, marcam presença. Exemplos: **acensão** (acendimento), **ascensão** (subida); **cozer** (cozinhar), **coser** (costurar); **pelado** (despido, nu ou sem pêlos), **pilado** (pisado, triturado no pilão). Não é só. Se verificarmos no seio de qualquer língua viva, depararemos com situações que fazem lembrar o **dois**.

O **segundo** domingo do mês de maio é dedicado às mães, o **segundo** domingo de agosto, aos pais e o **segundo** domingo de dezembro à Bíblia.

Quem é capaz de manter-se equilibrado sobre **duas** rodas: bicicleta ou moto, sem movimentar-se?

Dois é o número do contraste e das coisas que se opõem, como o preto e o branco. Ele simboliza o equilíbrio, o qual é conseguido por meio da divisão de forças positivas e negativas.

Após essa generalização ao redor do **dois**, o enfocaremos sob a visão estritamente folclórica, a que vive no seio da população, de toda as classes sociais.

FOLCLORÍSTICA

A presença do número **dois** está patente na cultura espontânea da nossa gente, nas mais diferentes facetas. Eis algumas, dentre as mais comuns:

Frases feitas

Ao longo das décadas e séculos, o povo criou frases que são passadas no cotidiano de boca a ouvidos, das gerações mais velhas às mais jovens. Elas carregam conhecimento que é ensinado e aprendido de forma sistemática, isto é, informalmente. Eis alguns exemplos:

1 - A mulher que ama **dois** engana ambos.

2 - Cada uma que parece **duas**.

3 - Caminhando-se a **dois**, encurta-se o caminho.

4 - Cantando-se a **dois**, o serviço torna-se mais fácil.

5 - Das **duas**, uma: ou ata ou desata; oito ou oitenta; ou ovo ou a galinha; ou pau ou pedra; ou dá ou desce; ou vai ou racha; ou tudo ou nada.

6 - Difícil é ficar **dois** dedos abaixo do rabo do cachorro.

7 - **Dois** e **dois** é sempre igual a

quatro.

8 - **Dois** prazeres: cachorro de caça e mulher de raça.

9 - **Dois** é pouco, três é demais.

10 - **Dois** prazeres: cavalo gordo e mulher magra.

11 - **Dois** crianças juntas sempre fazem artes, travessuras.

12 - **Dois** crianças sempre fazem diabruras, quando estão juntas.

13 - **Dois** cabeças pensam mais que uma.

14 - **Dois** cabeças pensam melhor que uma.

15 - É mais caro sustentar um vício que educar **dois** filhos.

16 - É mais difícil manter um vício que criar **dois** filhos.

17 - É mais difícil manter um vício que ter **duas** crianças.

18 - Entre **dois** caminhos, escolha sempre o terceiro.

19 - O Diabo tem **duas** capas, uma preta, outra vermelha.

20 - Para o trabalho se chama **duas** vezes, para comer, uma só.

21 - Perdido por **dois**, perdido por mais.

22 - Quem não exige recibo paga (ou guarda) **duas** vezes.

23 - Quem tem **dois**, tem um.

24 - Um é pouco, **dois** é bom, três é demais.

É conveniente observar que o povo ao criar orações e expressões, além de ensinar, de forma mais fácil, procura educar as pessoas.

Ainda neste aspecto, a propaganda comercial tira ou leva vantagens. A mídia, essa desconhecida força do mundo atual, tida como sendo o quarto poder, utiliza o **dois** para atrair a atenção da população, do público consumidor, mais especificamente, dos eventuais compradores e notadamente dos fregueses, habituais ou não. Observe alguns exemplos: Compre três e pague **dois**; **Dois** pelo preço de um.



Dois latas de óleo pelo preço de uma



Às vezes, essas frases são também usadas como propaganda, nas portas,

quando não nas prateleiras, balcões e outros locais nos estabelecimentos comerciais: armazéns, lojas, mercearias, etc., no afã de divulgar os produtos que comercializam.

O número **dois** é muito explorado para atrair os que procuram um teto pra residir. Além disso, a comunicação verbal e escrita utilizam o número que é objeto deste trabalho em propaganda mais penetrante, promovendo comerciais do próprio órgão informativo.

É curioso notar que os meios de comunicação utilizam o algarismo enfocado, não só nos textos, muitas vezes no afã de destacá-lo, como nos títulos. Os jornais estão repletos de exemplos na utilização desse número em manchetes. Isto é muito comum. Eis alguns exemplos ocorridos em três órgãos de imprensa, no dia 08/11/91. A escolha foi aleatória, não obstante, intencionalmente por um jornal de circulação nacional, outro de âmbito regional e, finalmente um que atende, praticamente, apenas o município onde está instalado. Ei-los, na seqüência citada. O Estado de São Paulo, da capital do nosso estado; Diário da Região, sediado em São José do Rio Preto, SP, e, por último Diário de Votuporanga, também no torrão bandeirante. Por coincidência, a ordem representada dá a seqüência cronológica do surgimento deles:

Caminhão mata 2 em Campinas

Araçatuba fica sem dois titulares para domingo

O Exterminador do Futuro 2 - O Julgamento Final

É natural que em todos os informativos do porte do "Estadão": O Globo, RJ; Folha de São Paulo, SP; Jornal do Brasil, RJ ou outros; a situação não difere. É raríssimo o número 2 (**dois**) não marcar presença, pelo menos numa das manchetes, de um desses matutinos, no dia-a-dia.

Ditados

Embora haja quem não distinga frase feita dos ditos, existem diferenças. Ambos são transmitidos, via de regra, verbalmente. No entanto, os di-

O DOIS

tados ensinam e muito através da experiência vivenciada. Exemplos:

1 - Cantar e assoviar, não se faz os **dois** ao mesmo tempo.

2 - Com **dois** paus se faz uma cruz.

3 - Com **duas** pedras, quebra-se coco.

4 - **Dois** bicudos não se beijam,

5 - **Dois** tatus machos não moram no mesmo buraco.

6 - **Duas** vezes dá quem entrega depressa.

7 - Empregado e bois, de um ano até **dois**.

8 - Homem prevenido vale por **dois**.

9 - Gato que corre atrás de **dois** ratos, fica sem nenhum.

10 - Mais vale um pássaro na(s) mão(s) do que **dois** voando (ou no ar).

11 - Matar **dois** coelhos com uma só cajadada. (ou paulada)

12 - Não existem **dois** morros, sem uma baixada entre eles.

13 - Não há **dois** altos, sem um baixo no meio.

14 - Não se amansa animal em **dois** repassos.

15 - Não se amansa burro com **duas** montarias.

16 - Ninguém pode servir a **dois** senhores ao mesmo tempo.

17 - O homem que bebe e joga, a mulher que errou uma vez, coitado dos **dois**.

18 - Onde comem **dois**, comem três.

19 - Onde vive um, vivem **dois**.

20 - O **segundo** prato não tem o mesmo sabor do primeiro.

21 - Pessoa previdente vale por duas.

22 - Pra viver a **dois**, tem que fazer por donde.

23 - Quem não quer barulho de cabaça, não carregue **duas** ou mais.

24 - Quando pobre come frango, um dos **dois** está doente.

25 - Quando um não quer, **dois** não brigam.

26 - Segredo entre **dois**, só matando um.

27 - Toda moeda tem **duas** faces.

28 - Um raio não cai **duas** vezes no mesmo lugar.

29 - Uma mão lava a outra, as **duas**, o rosto.

Na vida cotidiana, o povo, na eterna sapiência, faz uso desses e de outros adágios, anexins ou provérbios populares.

Termos e expressões

Ao longo do tempo - independente do espaço - o povo cunhou termos e expressões, que são utilizadas, freqüentemente, no processo de comunicação entre as pessoas. Exemplificamos com:

1 - Andar a **dois** caminhos - situação oposta. (3) Equivale a dizer acender uma vela a Deus e outra ao Diabo. (20) É o mesmo que demonstrar simpatia, simultaneamente, a situações **opostas**. É servir a **duas situações** antagônicas.

2 - Andar em **dois** caminhos - equivale ao anterior.

3 - Arma de **dois** gumes: recurso não recomendável, pois pode atingir quem a usa, inesperadamente. (25)

4 - A três por **dois**: aproximadamente. (7) 2 - desordenadamente, de qualquer jeito. (1)

5 - Baião-de-**dois**: prato da culinária folclórica olímpense, oriundo do Nordeste brasileiro, em função da migração, que ocorreu especialmente nas últimas **duas** décadas e que continuam acontecendo, sobretudo em decorrência das disparidades regionais. É composto de arroz, feijão e charque ou toicinho.

6 - Bandeira **dois**: auxiliar de juiz, em jogo de futebol, que utilizando a bandeira de cor amarela, acompanha ao jogo, atentamente, pela lateral, notadamente próximo à região da área. (14) É o **segundo**, na eventualidade de substituir o árbitro. (9) 2 - Dispositivo existente nos taxímetros para ser utilizado em horário noturno e que cobra o dobro do período diurno. (23)

7 - Café de **duas** mãos: é a rubiácea servida acompanhada de iguarias. (19)

8 - Certo como **dois e dois** são quatro - indubitavelmente, sem dúvida, com toda probabilidade, certamente.

9 - Casar nas **duas** leis: civil e religioso. (17)

10 - Casar nos **dois**: matrimônio completo: no civil e no religioso.

11 - Com os pés em **duas** canoas: indeciso, mas com a idéia fixa de levar vantagens, em qualquer circunstância.

12 - **Dois** arrancos: inesperadamente, sem qualquer motivo, de repente, subitamente, sem motivo, sem justificativa. (18)

13 - **Dois** amores: arbusto ornamental das Euforbiáceas (*Pedilanthus tithymaloides*), com folhas vermelhas, pequenas, dispostas em circunferência, reunidas em cimeiras, sendo o fruto uma cápsula larga, com várias sementes. (3)

14 - **Dois** dedos de gramática: indivíduo metido a culto. 2 - Profissional literalmente medíocre, mas demonstra ser o que não é.

15 - **Dois** dedos de gramática na cabeça: embriagado. (28)

16 - **Dois** dedos de pinga: significa o conteúdo de um copo duplo cheio de aguardente, ou seja, o equivalente à distância entre os dedos extremos da mão, do polegar ao mínimo. (26)

17 - **Dois** dedos de prosa: poucas palavras, conversa rápida, ligeira conversação. (20)

18 - **Dois** de paus: pessoa insignificante, sem valor, especialmente o incapaz para qualquer iniciativa.

19 - **Dois-dois**: carta ou pedra do jogo de Dominó com dublê, ou seja, a figura dupla. (6) Gêmeos. (8) Alusão à personificação africana Ibeji. (10) Referência aos santos **gêmeos** Cosme e Damião (19), comemorados pela Igreja Católica a 26 de setembro. (24) Entretanto, "os umbandistas cultuam no dia seguinte", com farta distribuição de doces, balas, bolachas e caramelos às crianças que vão aos terreiros.



Eles são venerados, no mundo todo, como padroeiros dos médicos, farmacêuticos e das faculdades de Medicina. No Brasil, são venerados como protetores das crianças, sobretudo das desamparadas, dos meninos e meninas de rua.

20 - **Dois** em um: denominação dada a certa variedade de doce industrializado e portanto enlatado, onde pareciam **dois** diferentes sabores, numa só lata. (13) 2 - Sorvete com **dois** sabores diferentes, numa mesma unidade. (22) É também conhecido por saia e blusa. (31)

O DOIS

21 - **Dois** irmãos: arbusto ornamental, da família das Euforbiáceas (*Euphobia splendens*), cultivado em jardins e para cercas vivas, armado de numerosíssimos espinhos, e cujas flores são vermelhas, pedunculadas, com brácteas vermelho-vivas e dispostas em cimeiras terminais, bem-casados, coroa-de-cristo, **dois** amigos e **dois** amores. (17)

22 - **Dois** minutos: tempo insignificante, porém, indeterminado. (2) Exemplo: perdi o trem por **dois** minutos.

23 - **Dois** (um mais um): locução dirigida à mulher grávida ou em relação a ela.

24 - **Dois** passos: indeterminado, porém, insignificante. (4) Exemplo: com **dois** passos chegarei lá.

25 - **Dois** patinhos na lagoa: forma alegre de se ler, por quem "canta" a sorte, ou melhor, retira as pedras e diz o número 22, no jogo de Víspera ou Tômbola. (16) Diga-se de passagem, que este último nome é mais comum na área geocultural de Olímpia.

26 - **Dois** pesos e **duas** medidas: inexistência de critério, o que provocará, por certo, injustiça. (5)

27 - **Dois** portugueses numa só porta: forma divertida de se ler, para quebrar a monotonia do ambiente e alegrá-lo, no jogo de Víspera ou Tômbola, a pedra 55, ao retirá-la do saquinho. (30)

28 - **Dois** - sem: modalidade, em competição de remo, onde não há comandante ou timoneiro.

29 - **Dois** tempos: rápido intervalo, pouco tempo, poucos minutos. 2 - motor de veículo ou estacionário onde há apenas **dois** tempos: compressão e explosão.

30 - **Dois** toques: forma de treinamento existente na prática do futebol, onde o atleta, obrigatoriamente, deve tocar a bola **duas** vezes para passá-la a outro companheiro.

31 - Doze vezes **dois**: sodomia. (II)

32 - **Dois** dúzias: pederasta (III). ...**Dois** dúzias é também forma eufêmica de se ler, no jogo de Tômbola, o número 24, que carrega forte carga de preconceito por uma gama de pessoas.

33 - **Dois** irmãs gêmeas: nádegas.

34 - **Dois** linhas: insignificante, mas indeterminado. Exemplo: escreverei **duas** linhas...

35 - **Dois** meias num pé só: diz-se,

no jogo de Tômbola também conhecido por Víspera, para anunciar o número 66.

36 - **Dois** peças: denominação dada ao biquíni.

37 - Ficar como **dois** de paus: permanecer parado, praticamente estático, na expectativa, quase inerte, aguardando algo.

38 - Indivíduo de **duas** caras: pessoa de dupla personalidade. (12)

39 - Ir aos **dois** pés: defecar.

40 - Ir com os **dois** pés: maltratar, ofender.

41 - Melhor de **dois**: sistema de disputa, outrora muito utilizado no futebol e no basquetebol, onde os dirigentes de **duas** equipes combinam jogar **duas** partidas. Cada vitória equivale a **dois** pontos e o empate, a metade. O vencedor será o conjunto que alcançar a melhor vantagem, a maior quantidade de pontos positivos. Em outras palavras: será considerado vencedora a equipe que apresentou melhor desempenho nos **dois** jogos efetuados.

42 - Não é um, nem **dois**: muitos, vários, diversos.

43 - Não foi uma, nem **duas** vezes: diversas, muitas, várias vezes. (17)

44 - Não penso **duas** vezes: agir de imediato, de forma incontinente. (21)

45 - Não sei se era **dois** ou um: diz-se quando um casal está demonstrando, perante ao público, comportamento considerado inconveniente, tendo em vista a moral tida como vigente.

46 - Não sei se era um dos **dois**: idem ao anterior. (23)

47 - Ovo com **duas** gemas: algo raro, muito disputado.

48 - Pau de **dois** bicos: equivale a arma de **dois** gumes.

49 - Pau de **duas** pontas: é o mesmo que arma de **dois** gumes. (11)

50 - Pé **dois** ou "P" **dois**: andar a pé, caminhar.

51 - Pensar **duas** vezes: refletir, meditar de forma breve. (29)

52 - Pisar nos **dois** pés: perseguir insistentemente.

53 - Prato para **dois**: pequena refeição para um casal ou, com menor frequência, para uma dupla de pessoas do mesmo sexo, geralmente moças.

54 - Quatro por **dois**: indica veículo motorizado de quatro rodas, sendo **duas** com tração dupla, ou seja, as dianteiras. (16)

55 - **Segundo** abraço: aquele recebido pelo atleta que passou a bola para que o colega marcasse o gol.

56 - **Segunda** intenção: vontade dissimulada ou camuflada.

57 - **Segunda** mão: objeto ou artigo e, muitas vezes, à disposição do público para ser comercializado.

58 - **Segundo** sexo: feminino.

59 - **Segundo** tempo: diz-se quando o indivíduo come demasiadamente. (25) Exemplo: vou começar o **segundo** tempo agora.

60 - Tomar conta dos **dois** pés: estar consciente. (27)

61 - Três por **dois**: freqüentemente, sempre. (4) 2 - clássica dimensão de fotografia para documento pessoal.

62 - Um quente e **dois** fervendo: situação difícil.

Topônimos

Consultando algumas folhas editadas pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Carta do Brasil ao Milionésimo, encontramos, com facilidade, inúmeros topônimos - nomes próprios de lugar - fazendo alusão ao **dois** ou ao feminino **duas**. Exemplos: **Dois** Antas, rio do Maranhão; **Dois** de Novembro, cachoeira de Rondônia; **Dois** Irmãos, serra, do Piauí; São João das **Dois** Pontes, núcleo urbano paulista, etc.

Antropônimos e Cognomes

Acreditamos que todos sabem que antropônimo é nome próprio de pessoa. Alguns pré-nomes, masculinos e femininos, portanto substantivos próprios: **Secundina**, **Segundo** e **Segundina**, lembram o original, do qual tiveram origem. O mesmo se dá em relação ao nome, que é comumente dito sobrenome, pelo povo. É o caso de **Segundo**, que aparece também nesta acepção.

Os algarismos arábico 2 e o romano II, assim como o ordinal **segundo** são utilizados para diferenciar homônimos. É comum, as agências bancárias e repartições públicas fazerem uso desse artifício para diferenciar os nomes iguais, de pessoas diferentes, mesmo que conste a existência de documentação formal. Eis alguns exemplos: Sebastião de Oliveira 2; Moacir Vivaldi II; e Paulo Roberto dos Santos **Segundo**.

O DOIS

Situação semelhante ocorre com alguns futebolistas, da mesma equipe. Usa-se o artifício do algarismo romano para diferenciá-los, para a torcida, a imprensa e o público em geral. Assim eles passam a ser chamados, por exemplo, Tonho I, Tonho II..., respeitando, evidentemente, a primazia da antiguidade, na agremiação.

O apelido "dez para as duas" (31) é colocado nas pessoas em duas situações. Naqueles que andam com as pernas semi-abertas, de modo análogo ao dos ponteiros de um relógio, portanto não digital que esteja marcando essa hora. Também serve para os indivíduos que são portadores de fisionomia tida como anômala, ou seja, não condizente com as normas pré-estabelecidas, para a nossa cultura. É também a posição das mãos do motorista quando dirigem seus veículos.

Influência em outros nomes

Determinados substantivos comuns, próprios e concretos receberam a influência do número estudado. São Produtos industrializados, empresas comerciais e títulos de obras.

NOMES DE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS

Alguns produtos manufaturados, surgidos graças ao progresso cultural do homem ao longo do processo civilizatório levam, como marca registrada, o número estudado. É o caso dos seguintes, para ilustrar: Enxada, Enxadao, Foice e Machado "Duas Caras", Biscoito Dois Meninos, etc.

NOMES DE EMPRESAS COMERCIAIS

Diversos estabelecimento tomaram o dois para acrescentar aos nomes de fantasia. Lembramos dos seguintes: Casa dos 2\$000, São José do Rio Preto, SP; Bazar dos 2 Mil Réis, Magazine 2 M, Oficina Dois Irmãos, Olímpia, SP; Droga Dois, Votuporanga, SP; Duas Rodas Comércio de Veículos, Ribeirão Preto, SP; Livraria Duas Cidades, São Paulo, SP e Super Atacadão Duas Rodas, Fernandópolis, SP.

TÍTULOS DE OBRAS

Existe considerável volume de publicações que portam o número, que

é o escopo deste enfoque, no título. Eis alguns exemplos:

1 - Cascudo em **Dois** Tempos: de Veríssimo de Melo - Natal, A República, 1979.

2 - **Dois** anos sem Câmara Cascudo: de nossa lavra - Votuporanga, A Cidade, 1988.

3 - Os **Dois** Brasis: de Jacques Lambert - São Paulo, Nacional, 1970.

Tanto o cinema, quanto o teatro, utilizam o **dois** ou seu feminino nos títulos de filmes e das peças, com muita frequência. Eis alguns exemplos relativos à sétima arte.

1 - As **Dois** Vidas de Mattia Pascal.

2 - Uma Vida Quase a **Dois**.

3 - **Dois** vidas, **dois** amores.

Quanto aos textos teatrais levados à ribalta, ilustramos com:

1 - Céu e Terra: **Dois** Mundos.

2 - **Dois** Noites.

3 - O céu uniu **dois** corações.

Quadras Anônimas

As quadras anônimas, é lógico, pertencem ao povo. São frequentemente encontradas nas bocas dos populares. São compostas de quatro versos, heptassilábicos e rimados, geralmente o **segundo** com o **quarto**. São facilmente encontradas nas quermesses, onde os jovens trocam quadras, no afã de conseguirem estabelecer namoros. Exemplos:

1 - Uma vela não consegue
Iluminar **dois** salões,
Você também não consegue
Comandar **dois** corações.

2 - **Dois** coisas neste mundo
Já gostei, não quero mais:
Mulher que corre o mundo,
Sogra que fala demais.

3 - Moça dos olhos tão grandes,
Sobrancelhas de veludo,
Dois faróis que me iluminam
Pra ver se enxergam tudo.

4 - No mundo não há **dois** céus,
No céu não tem **dois** senhores;
Quem não tem **dois** corações,
Não pode ter **dois** amores.

5 - Lá no céus tem três estrelas,
Todas elas cor de prata.
Aqui neste belo bairro

Tem **dois** olhos que me mata.

Variante:

Lá no céu tem três estrelas
Todas as três cor de prata.
Aqui, nesta Cosmorama,
Tem **dois** olhos que me mata.

6 - **Duas** vidas todos temos
Muitas vezes sem saber,
A vida que nós vivemos
E a que sonhamos viver.

7 - Tenho **dois** anéis no dedo
Um de ouro, outro de prata;
Na cidade de Olímpia
Tem um moço que me mata.

8 - Uma escada de **dois** lados
Toda enfeitada de flor,
De um lado sobe a saudade,
Do outro desce o amor.

9 - Em cima daquele morro
Tenho **dois** pilões de vidro;
Um bate, o outro responde:
Meu bem está mal comigo.

10 - A lua mandou ao sol
Uma fita e **dois** lencinhos,
Eu mando para você
Um abraço e **dois** beijinhos.

11 - Da limeira nasce a lima
Da semente que ela tem,
Não pode haver desavença
De **dois** que se querem bem.

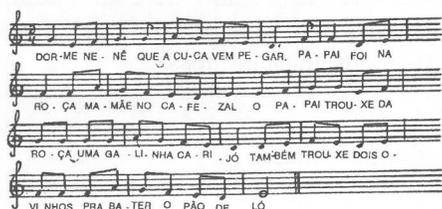
Nota: Quadras recolhidas em **Olímpia**, com exceção da variante da n.º 5, que foi recolhida em **Cosmorama** e as de n.ºs 6 e 8, recolhidas em **Parísi**, todas do Estado de São Paulo.

Cancioneiro Folclórico

Na interpretação da variada temática nacional, na singela execução do cancionero folclórico, não só nas cantigas de roda, cantos de trabalho, cantigas de ninar também conhecidas por dorme-nenês e a música folclórica propriamente dita, notamos com frequência, a presença do **dois**. Talvez por mera coincidência. Elas foram compostas e executadas, via de regra, em compassos binários. À guisa de exemplificação citamos esta melodia recolhida pelo folclorista conhecido além fronteiras, um dos líderes da Folclorística Nacional, o Professor José Sant'anna, em 1957,

O DOIS

na cidade de Olímpia-SP. Trata-se de uma cantiga de ninar.



Dorme nenê
Que a Cuca vem pegar,
Papai foi na roça,
Mamãe, no cafezal.

O papai trouxe da roça,
Uma galinha carijó,
Também trouxe **dois** ovinhos
Pra bater o pão-de-ló.

Literatura de Cordel

No amplo universo da Literatura de Cordel, que é fonte perene para inúmeras teses de mestrado e doutorado, encontramos a presença marcante do número enfocado. Eis, à guisa de ilustração, alguns títulos de folhetos, que anotamos:

1 - Discussão de **dois** glosadores, Zé do Bode e Chico Pança - José Costa Leite.

2 - Encontro de **2** bêbados - João Vicente Emiliano.

3 - O encontro de **dois** cachaceiros e a Briga de um sacristão - Inácio Francisco da Silva.

Convém apresentar **duas** observações: primeira: respeitamos como sempre fizemos, a grafia utilizada. **Segunda:** embora a região Nordeste do País seja a grande produtora dessa modalidade de literatura folclórica, ela aparece disseminada pelo Brasil afora, sendo Olímpia um desses focos que dão criações literárias autênticas nascidas da alma do povo.

Folquemedicina

Medicina Folclórica, às vezes, chamada de caseira, é tão sabiamente transmitida através da sucessão de gerações, pela persistente sapiência do povo, nos exemplos que se seguem:

Contra Ácido Úrico (19)

Ferver **dois** copos de folhas de sabugueiro, bem picadas, em **dois** litros de água, por alguns minutos. Coar e tomar diariamente, em substituição à água, com intervalo mínimo de **duas**

a três horas.

Contra Gripe (32)

Lavar, muito bem, com água e sabão de barra, preferencialmente feito em casa, **dois** corações de bananeiras. Enxugá-los com um pano de prato. Cortá-los em fatias finas. Colocar essas fatias numa vasilha de vidro ou de louça. Encobrir com um litro de mel. Tapar a vasilha. Depois de **dois** dias, coar. Está pronto o xarope. Deve ser tomado, uma vez ao dia uma colher, das de sopa, enquanto não desaparecer a doença.

Observação: coração de bananeira é a parte terminal do cacho, de cor roxa.

Contra Tosse (17)

Ferver **duas** colheres (chá) de folhas secas do calção de velho, também conhecido por verbasco, com **duas** xícaras (chá) de leite, por dez minutos. Coar e beber, quente, **duas** vezes ao dia.

Observação: também auxilia na melhoria dos brônquios, pulmões e a congestão nasal.

Tônico e Digestivo (32)

Esmagar, até formar pó grosso, duas colheres (sopa) de absinto, **duas** colheres (sopa) de manjerona, também conhecida por "mãe-jerona", **duas** colheres (sopa) de salva, chamada também por sálvia e **duas** colheres (sopa) de tomilho. Colocar esses vegetais em uma vasilha que não enferruge: vidro ou louça. Despejar **duas** garrafas de vinho clarete. Tampar e deixar em repouso durante **dois** dias. Coar e engarrafar em vasilhames limpos e secos. Esse líquido aromatizado com ervas medicinais deve ser tomado **duas** vezes ao dia, antes das refeições principais, **duas** colheres, das de sobremesa, cada vez.

Simpatias

O termo simpatia é oriundo do grego. Para Domingos Vieira, "é a relação que existe entre **dois** ou mais órgãos, mais ou menos afastados uns dos outros, e que faz com que um deles participe das sensações descobertas, ou das ações executadas

por outra".

A simpatia é uma ação supersticiosa, empregada por muitas pessoas, para tentar resolver inúmeros problemas existentes no cotidiano, tais como: curar doenças, aumentar a afinidade entre **duas** pessoas, afastar perigos, propiciar facilidade em negócio, expulsar maus espíritos, obter fidelidade conjugal.

O numeral **dois**, ou o seu correspondente feminino **duas**, não está ausente das simpatias. Eis alguns exemplos:

Para conquistar uma namorada virgem

Juntar **duas** fitas de cor azul claro com **duas** amarelas. Com cuidado amarrá-las entre si, pensando na moça que pretende conquistar. Nos próximos dias, a donzela surgirá para aceitar a proposta de namoro. (15)

Para diminuir o ciúme da esposa

Pegar um pedaço de cipó, um pouco de água da chuva, um pouco de sal grosso e **dois** caroços de pêssego. Ferver tudo junto. Molhando as pontas de dois dedos: indicador e médio, respingue no quarto do casal, numa sexta-feira, **duas** vezes, sendo uma pela manhã e outra à noite. O restante, sem ninguém ver, deverá ser atirado em água corrente ou em encruzilhada. (12)

Para o rival desaparecer

Prepare cola de polvilho com vinagre, mexendo bem, no fogo. Quando estiver pronta, cole a foto da pessoa que ama, com a sua, uma de frente, para a outra. Esconda essas **duas** fotos unidas, num lugar que ninguém será capaz de encontrá-las. (20)

Técnicas e Artes Populares

Para efeito de didatizar, subdividimos este tópico, a princípio, em **dois**: cubagem de maneira e forma de lazer.

Cubagem de Madeira

É interessante notar um processo deubar, de calcular, medir ou avaliar a quantidade ou volume cúbico que

O DOIS

possa existir em certo espaço. Esse método de mensuração, usado na região noroeste do estado é conhecido por **dois** e meio em face. Ei-lo:

Medem-se **dois** diâmetros perpendiculares, na ponta mais fina e na outra, a oposta, a mais grossa. O produto desses **dois** diâmetros em centímetros, é multiplicado pelo comprimento da tora. Se ela for lavrada deduzem-se cinco centímetros de cada diâmetro. A essa técnica dá-se a denominação "**dois** e meio em face"(24). Outro foi muito usada na área geocultural de Olímpia, quando as matas deram lugar aos cafezais. Na atualidade não deixou de ser usada, porém em escola ditada pelo espaço desflorestado.

Formas de Lazer

Dentre as formas de entretenimento desenvolvidas pelo Homo sapiens ao longo do tempo, com o enfoque do **dois** e derivados temos: adivinhas, jogo de dados, o papel da cartomante, diversão com dominó e a interpretação de sonhos.

Adivinhas

As adivinhas ou adivinhações são exercícios mentais que favorecem o desenvolvimento do raciocínio. Elas ensinam a pensar, o que vem suprir uma das várias deficiências das escolas de nossos dias. É fato que nem sempre as respostas são lógicas, mas nem por isso deixam de atingir o objetivo educacional e cultural. O **dois** não ficou ausente nas adivinhações, quer no enunciado, quer na solução. Eis algumas adivinhas, como exemplos, para patentear o que enunciamos:

1 - Qual o vivente que nasce **duas** vezes para poder viver?

- **Pintainho.**

2 - **Duas** mães e **duas** filhas vão à missa com três mantilhas. Quem são?

- **Avó, mãe e neta.**

3 - Quando **dois** e **dois** são mais que quatro?

- **Quando formam 22.**

4 - O que é que sozinho já é um par?

- **O número dois.**

5 - Sou demais para um e suficiente para **dois**. A partir de três, deixo de existir. Quem sou?

- **Segredo.**

6 - O que é que tem **dois** pés redondos e faz rastros compridos, quando anda?

- **Motocicleta ou bicicleta.**

Baralho

As cartomantes utilizam as cartas do baralho para produzir um clima de expectativa para predizer o futuro da clientela. Essa forma de previsão é chamada pelo povo de "tirar a sorte". O **dois-de-paus** é a carta mais baixa do naipe e portanto a mais fraca, ou de menos valor, nas mãos da consulente. Eis os significados que constatamos, visando exclusivamente, a ótica deste estudo, segundo a cartomante "Madame Malu", consagrada pelo povo que a procura com insistência:

Dois-de-paus: não conte com o auxílio de parentes, amigos, vizinhos, conhecidos ou colegas.

Dois-de-copas: espere pelo sucesso que aparecerá, em breve.

Dois -de-espadas: carta que indica maus presságios: separação, morte, perda ou prejuízo.

Jogo de Dados

No secular jogo de dados procura-se descobrir a sorte. Existe um significado para o número **dois**, que é o que nos interessa: cuidado com as futuras amizades, pois trarão, em breve, dissabores.

Dominó

Em relação ao Dominó, pois força usar oraciocínio, não é diferente. Nesse jogo composto de vinte e oito pedras ou peças de madeira, massa ou outro material, com vários pontos marcados, de zero a seis. Tal qual ocorre com o baralho e o dado, todas as pedras do dominó possuem significado místico.

Após misturar bem as peças do referido jogo, de face para baixo, ou seja, oculta, o interessado retira uma. Ouve a leitura. Mistura-se novamente. Retira-se outra. Proceda-se à leitura. Se sair repetida, isto é, se parecer pela **segunda** vez, a resposta será reforçada. No entanto, nesta hipótese, não é lida novamente e será colocada de lado. Eis os significados, em relação ao **dois**, consoante as palavras

da "madame Zulu", muito conhecida na cidade de Votuporanga, na região noroeste do Estado de São Paulo, inserida na área geocultural de Olímpia, denominação nossa:

- Seis - **dois:** um desentendimento levará a mudança que acontecerá nos próximos dias.

- Cinco - **dois:** outra pessoa deverá ocupar o seu lugar, no campo amoroso.

- Quatro-**dois:** reencontros com antigas amizades, mas tenha cautela, pois uma delas não é leal.

- Três - **dois:** distanciamento da pessoa amada trará benefícios a ambos, caso consigam deixar esse imprescindível espaço.

- **Dois - dois:** bons augúrios, porém, aproveite logo, porque serão breves e a oportunidade não voltará logo. Um - **dois:** seus planos dificilmente serão colocados em prática, porque você é precipitada (o).

- Zero - **dois:** não seja precipitada (o) para resolver os problemas existentes, pois eles começarão logo a desaparecer.

INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Os sonhos fazem parte da vida humana, servindo, segundo os entendidos, como imprescindível válvula de escape. Todos nós devaneamos, todas as noites. Contudo, nem sempre eles são lembrados, após o despertar.

A simbologia onírica é extremamente longo e está inserida no contexto folclórico. O **dois**, como é natural, a integra, indicando "união, noivado, casamento, restabelecimento de amizades, negócio realizado ou amores refeitos"(19). Também revela a "junção entre o macho e a fêmea, entre o homem e a mulher, entre a matéria e o espírito, entre o céu e a terra"(11).

Para só aficionados ou simpatizantes pelos jogos baseados em numeração: Loteria, Sena, Loto, Bicho, etc. prática tão arraigada na vida dos brasileiros-no cotidiano das mais diferentes classes sociais, o grupo **dois** representa a Águia. esse belo animal é uma ave robusta. De cor parda escu-

O DOIS

ra, do gênero Aquila, é nativa da Europa. O substantivo águia, por outro lado, tem a princípio, na nossa gíria, o significado de pessoa esperta em raciocínio. Posteriormente, com a inversão de valores que existe na nossa cultura, passou a ter sentido explícito, claro, também de velhaco, indivíduo que, de propósito, procura ludibriar o próximo. Os que jogam nesse bicho arriscam-se apostando nas dezenas cinco, seis, sete e oito.

EPÍLOGO

Dois, número nefasto, representa o dualismo entre o ser e o não ser. A Escritura Sagrada não acentua esse caráter de imperfeição, mas o **dois** está presente: os **Dois Testamentos, as duas Tábuas da Lei, os Dois Reis de Judá e Israel, as duas Colunas do Templo, os dois Ladrões Crucificados com Cristo** (Dimas e Gestas, nomes dados pela tradição), os **dois Anjos do Sepulcro...**

Na Bíblia ocorrem diversos versículos (1):

Dois de cada espécie. Gênesis 6,19

Divide em **duas** partes o menino vivo. I Reis 3,25

Melhor é serem **dois** do que um. Eclesiastes 4,9

Contra um, os **dois** resistirão Eclesiastes 4,12

Andarão **dois** juntos, se não houver entre eles acordo? Amós 3,3

Então **dois** estarão no campo Mateus 24,40

Depositou **duas** pequenas moedas Marcos 12,42

Serão os **dois** uma só carne I Coríntios 6,16

Se **dois** dentre vós se unirem na Terra para pedirem qualquer coisa, obterão de meu pai que está nos Céus Mateus 18,19.

Não é só. Esse fantástico número pode estar presente em outras facetas do Folclore, em outros aspectos da Literatura Oral. Nos contos do povo é comum o aparecimento do **dois**. É o caso: **dois** brincos de rubi ornamentava as duas orelhas. **Duas** tranças, como **dois** buquês de cravos" embelezaram a rosada face, onde as **duas** maçãs do rosto...(22)

O extraordinário Câmara Cascudo (1898 - 1986) afirmou: "comprar é sempre mais cômodo porque estabelece a referência e com ela a compre-

ensão". Ora, para compararmos, torna-se indispensável, pelo menos **dois** elementos, valores ou objetos. Aliás, esta é a função do perscrutador, de quem investiga a cultura do povo.

É evidente que o meio representado pela fração 1/2, é o inverso do algarismo **dois**. Entretanto, preferimos não adentrar nesse aspecto, deixando-o para outro estudo específico.

Não é demais lembrar que o numeral **dois** insinua os termos eruditos: ambos, casal, dilema, dual, dualidade, dualizar, dublagem, dúbio, dublê, duelo, dueto, duo, duodécimo, duplicidade, dupla (o), dúplice, dessençação, divergência, dúvida, duzentos, gêmeo, par, etc. O prefixo latino bi(s) equivale a mais uma vez, outra, repetição ou **duas** vezes, permitiu originar outras palavras, tais como: bianual, bicicleta, bicolor, bienal, binário, bípede, bisar, etc. Do prefixo grego di(s), com o significado de duas vezes, surgiram os vocábulos: diálogo, diedro, dissílabo, dístico, ditongo, etc.

Duas é o alfa e o ômega de todas as coisas, tendo em conta o alfabeto grego. Isto é, Deus é o princípio e o fim, portanto bipolaridade, a junção de **dois** polos. A bipolaridade está também na concordância de algumas datas. O ano de 1995 corresponde a 1995 anos da Era Cristã, iniciada em 1.º de janeiro do ano 1 d.C.

O **dois** é o símbolo da separação do antagonismo, da duplicação, da discórdia, do conflito, mas também do equilíbrio.

O **dois** simboliza o movimento que aciona o progresso. Dá a visão dualista, como as oposições entre luz e sombra; espírito e matéria; terra e água; direita e esquerda; masculino e feminino; vida e morte; ativo e passivo; macho e fêmea; e céu e terra.

Para finalizar, lembramos que o numeral, chamado **dual**, a palavra **ambos**, pode ser reforçada em: ambos os dois, ambos de dois, ambos e dois, ambos dois, ambos a dois.

NOTAS

(I) Diário da Região, São José do Rio Preto, SP, ano 42, n.º 11 405, 17-10-91, Segundo Caderno, página 2.

(II) de nossa lavra, Achegas ao Vocabulário Lupanar, 2.ª edição, Porto Velho, Saci, 1990, página 13.

(III) Idem, ibidem

FONTES INFORMATIVAS

Somos gratos às dezenas e dezenas de valiosos informes indispensáveis para a realização deste empreendimento, cuja meta, é perpetuar mais esta faceta da Cultura Brasileira. Alguns nomes já foram mencionados, por força de circunstâncias. Outros não. A numeração entre parênteses representa a contribuição dos que seguem, embora nem sempre textual. Quando assim for, ou seja, *ipsis litteris*, literalmente, os parênteses foram colocados em prática, conforme praxe. Eis a relação nominal dos participantes:

1 - Antônio Aparecido Bortuluzi/ 2 - Antônio Delgobo/ 3 - Aparecida Vieira/ 4 - Arcídia da Silva Brito/ 5 - Carlos Alberto Sóssio (Bertinho)/ 6 - Célio José Franzin/ 7 - Dalva /Luíza Balton (Gata)/ 8 - Edeli Raposeiro/ 9 - Élcio Gomes Ferreira/ 10 - Geny Alberini/ 11 - Gercino Davanço (Artista)/ 12 - Ignácio de Oliveira Pereira/ 13 - Iseh Bueno de Camargo/ 14 - Luís Carlos Rossato/ 15 - Madalena Jacinto dos Santos Reganin/ 16 - Maria Jesus de Miranda/ 17 - Maria Lúcia Rossato Ricci/ 18 - Marino Domingos da Silva/ 19 - Maria José Rowies/ 20 - Natal Antônio Rosa/ 21 - Nivaldo Antônio Pereira (Vardo)/ 22 - Nelson Marthos/ 23 - Pedro Clóvis Nogueira (Pecê)/ 24 - Sebastião Almeida Oliveira/ 25 - Sebastião Gonçalves do Carmo/ 26 - Sebastião Luís Zuchetti (Tião do Gás)/ 27 - Sérgio Alexandre Di Marco/ 28 - Sérgio Gibin Ortega (Poeta)/ 29 - Sílvia Canheu Marques Teodósio/ 30 - Vera Cristina Cherubini Scopel/ 31 - Zaida Maria Ferraz Arruda/ 32 - Zilda Ulian Rossato.

Precisamos explicar que além dos mencionados, existem outros. São anônimos porque nós os ouvimos no interior de coletivos urbanos e intermunicipais em campos de futebol, nas portas de estabelecimentos comerciais e até transitando pelos logradouros públicos, dos núcleos urbanos da área pesquisada.

Para encerrar, torna-se indispensável, afirmar que os grifos ocorridos são de responsabilidade deste pesquisador, para atrair a atenção do leitor.

Cai chuva, cai lá do céu!

JOSÉ SANT'ANNA

Departamento de Folclore - Olímpia

O chão está uma fornalha, nu, limpo, sem pastagens, sem alegria e sem ânimo para a vida, onde se levanta um pó com nuvens vermelhas e sufocantes. A terra, em fogo, exala calor. Tudo se torna triste, diante dos olhos do observador desolado. A seca apavorante asfixia o lavrador.

Enquanto grande parte da população, agastada pelo sofrimento, pelo sol abrasador, pelo calor insuportável, blasfema contra o céu, outros integrantes dessa mesma população, almas simples, corações dotados de sentimento religioso, buscam a Deus, através de promessas e sacrifícios, para suplicar-lhe bênçãos sobre a terra.

Quando na época da preparação do terreno para o plantio, há a ausência da dadivosa chuva para fazer germinar a semente, o lavrador chega a desesperar-se. Analisa a natureza e percebe que a paineira, a mangueira e as orquídeas produziram poucas flores, os urubus estão voando, sem motivo essencial, ou que o sabiá deixou de cantar. Tudo isto indica seca brava, seca duradoura.

Aí começam as promessas, celebração de terços, recitação de orações feitas e de outras práticas populares: crianças lavam os pés dos santos; mulheres deixam Santo Antônio de cabeça para baixo no sol quente; mudam este Santo de lugar, no oratório; dão banho na imagem de São Benedito; ou a trocam entre amigos, sempre na esperança de que a chuva possa vir. Outras práticas são realizadas: Fazer, no quintal, uma cruz com cinzas colhidas no fogão a lenha. Matar um sapo e deixá-lo no quintal, de barriga para cima.

O homem teme o castigo do Alto. O homem agrícola principalmente. Vendo todo o seu esforço prejudicado, por um longo período da seca, sente a sua pequenez diante do Criador e, reunindo-se a amigos devotos, demonstram sua submissão diante do castigo divino. Considera castigo do céu, porque "a humanidade faz pouco da religião, é desonesta, egoísta e se sente todo-poderosa." Mas os que têm fé a têm em profundidade: Deus tarda, mas não falha; Deus deita, mas não dorme;

Deus é pai, não é padraço, são provérbios consoladores, a todo instante repetidos. A fé é perspicaz, pois ela vê e antevê. O mesmo que as raízes são para as árvores, assim é a fé dos que crêem. E sucedem promessas e mais promessas. É tradição religiosa, católica, muito antiga, levar água à cruz, para suplicar chuva à terra comburida.

A CRUZ

A história da cruz, instrumento inventado para o suplício, punição, após o triste episódio da crucificação de Cristo, passou a símbolo de respeito e, no cristianismo vigora, fortemente, como representativa da fé.

No Brasil as cruzes foram colocadas em torno das aldeias e nas margens das estradas pelos missionários católicos romanos, para afastar os maus espíritos, como faziam crer aos indígenas.

Mais tarde, as cruzes fincadas às margens das estradas ou em outros logradouros, passaram a marcar pontos onde crimes foram realizados, ou a lembrar desastres de caminhões ou de outros veículos, com mortes. Mas nem sempre estes símbolos de religião e piedade atestam um homicídio ou comemoram o desaparecimento por morte acidental. Muitas delas são plantadas no ermo como a oferenda de uma promessa milagrosamente cumprida.

Muitas dessas cruzes corroem-se com o tempo. Outras tornam-se milagreiras, enchem-se de promessas, de cera derretida de velas que ali foram acesas; de fitas, de santos quebrados, de ex-votos e de outras lembranças. Algumas merecem tão profundo respeito dos devotos que ficam protegidas sob telheiro, e outras, guardadas dentro de quatro paredes, cobertas com telhas, tendo, apenas, uma porta para entrada, lembrando miniaturas de igrejas - as **capelinhas**.

Capelinhas de beira de estrada em Olímpia



A mais antiga



A mais recente

É costume de nossa gente reverenciar uma cruz onde quer que ela esteja. Pessoas de todas as classes sociais têm esse sentimento místico.

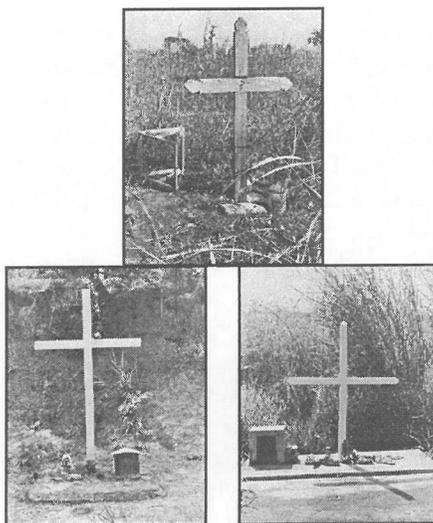
O homem simples quando se defronta com uma cruz, tira o chapéu, perigna-se. Muitos até rezam ajoelhados diante dela.

De Portugal nos veio essa crença de se reverenciar uma cruz, porque nela morreu o Redentor.

Não é outra a razão por que esta quadrinha popular é constantemente repetida por muitos cristãos:

A cruz de Nosso Senhor
Ela foi feita em mim,
Pra afastar os inimigos
Por este mundão sem fim.

Há cruzes de tamanho médio e pequeno que são chantadas às margens das estradas. A cruz de tamanho grande que fica em frente de uma igreja ou na estrada ou final de uma rua do cemitério, ou aquela que passa a ter um culto especial, toma a designação de

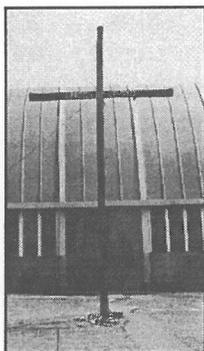


Cruzes fincadas nas estradas de Olímpia

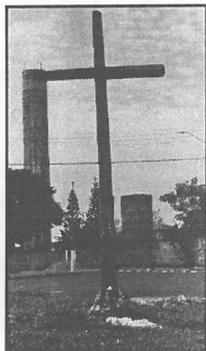
FOLCLORE DEVOCIONAL

cruzeiro. No mês de maio o povo comemora a festa da invenção da Santa Cruz.

Cruzeiros fincados, antecedendo a construção de uma igreja - Olímpia



No Bairro de São José



No COHAB Antônio José Trindade

Mas há pessoas que a temem e não têm sequer a coragem de passar diante dela, sozinhas, nas noites escuras, sobretudo quando ela é o marco do desaparecimento de alguém, resultante do impulso de selvageria ou de vingança torpe. Ou se ao seu pé foi sepultado alguém, como era costume de outrora em nosso país.

Embora passar em frente dela na solidão quase sempre amedronta o cristão, é verdadeiramente poética a cruz que borda as beiras do caminho e tem um quê de solene e triste.

A poesia **A Cruz da Estrada**, de Castro Alves, abolicionista da época, faz menção à cruz de um ex-escravo e solicita aos caminheiros passarem pela estrada, em demanda ao sertão, sem perturbarem a cruz abandonada, da beira do caminho. Ela assinala a sepultura de um homem que nunca foi livre. Ali dorme o escravo, liberto para sempre das cadeias que o prendiam, livre para sempre do pesadelo que o atormentava. O poeta não quer que perturbem o sossego daquele que há pouco se casou com a liberdade.

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a dormir em paz na solidão.

Que vale o ramo de alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura;
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz:
Deixa-o dormir no leito de verdura
Que o Senhor, entre as selvas, lhe compôs.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme por ele à tarde no sertão,
E a juriti, do taquaral no ramo,

Povoa, soluçando, a solidão.

Entre os braços da cruz a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu;
Chora orvalhos a grama que palpita;
Acende o vago-lume o facho seu.

Quando à noite o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus...
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado:
Há pouco a liberdade o desposou.

(Do livro: **Os Escravos**, in grandes poetas românticos do Brasil, edições Lep Limitada, São Paulo, 1949, página 1125).

Assim como nesta **toada**, composição de Zé Carreiro e Tião Carreiro, página musical sertaneja das mais emocionantes: **Pai João**.

Caminheiro! que passar naquela estrada
Vê uma cruz abandonada
Como quem vai pr'o sertão
Há muitos anos, neste chão foi sepultado
Um preto velho e erado
Por nome de Pai João.

Pai João, na fazenda dos Coqueiros
Foi destemido carreiro
Querido do seu patrão
Sua boiada: O Xibante, o Brioso
Nos morros mais perigosos
Arrastava o carretão.

Numa tarde, Pai João não esperava
Que a morte lhe rondava
Lá na curva do areão
E numa queda embaixo do carro caiu
Do mundo se despediu
Preto velho, Pai João.

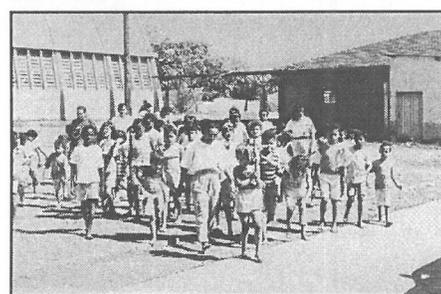
Caminheiro! aquela cruz do caminho
Já contei tudo certinho
A história de Pai João
Resta a saudade daquele tempo que foi
Do velho carro de boi
No fundo do mangueirão.

(Gravada pela dupla Tião Carreiro e Pardinho, LP 1-71-703-574 - "**Rancho dos Ipês**", gravadora Continental (Chantecler) de São Paulo - SP, em 1967)

OS MOLHA - CRUZES

Ainda nos dias atuais, à época da seca brava, ao meio-dia ou às quinze horas, penosas horas de sol punidor, mulheres, poucos homens e muitas crianças, crençes e devotos, formam uma considerável procissão para levar água à cruz. Grande parte dela participa, de pé no chão, so-

bre o solo aquecidíssimo e sem nenhuma proteção na cabeça. Transportam alguns andores de santos, enfeitados com flores naturais ou artificiais, trabalho de responsabilidade das mulheres. Os andores ocupam lugar de destaque no cortejo, ou seja, iniciam a procissão. Geralmente este séquito é rural, mas às vezes é visto também na periferia da cidade.

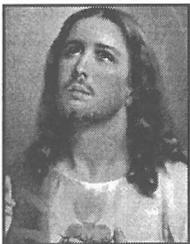


FOLCLORE DEVOCIONAL

SANTOS DE CHUVA

Muitos são os santos invocados para fazer chover. Dependendo do local onde se realiza essa prática religiosa, os santos protetores geralmente são os padroeiros das igrejas, dos bairros, das capelas ou os da devoção da família que organiza a novena.

Os santos de maior prestígio ao lado de Nosso Senhor, em Olímpia, são: Sant'Ana, Santa Bárbara, Santa Gertrudes, Santa Luzia, Santa Madalena, Santa Teresa, Santo Antônio, São Barnabé, São Benedito, São Fermino, São João Batista, São Joaquim, São José, São Pedro, São Rafael, São Sebastião, São Serafim (?), Nossa Senhora...



Nosso Senhor



Sant'Ana



Santa Bárbara



Santa Luzia



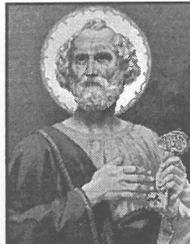
Santa Teresa



São Benedito



São José



São Pedro



São Sebastião



Nossa Senhora

PONTO DE SAÍDA DA PROCISSÃO

A procissão tem por ponto de partida a capela da fazenda ou a casa do organizador da novena da chuva.

O ritual assume aspectos diferentes. É escolhida a cruz que mais se distancie do local de partida dos devotos. Na inexistência de várias cruzes, a novena pode ser realizada em qualquer outra, até mesmo no cruzeiro do adro de uma capela. Se no trajeto a ser percorrido existe algum córrego, antes que os novenistas se desloquem à busca da cruz, dirigem-se a esse córrego e, às margens dele, descem o andor. Todos colhem água com a concha da mão e a atiram sobre a imagem do santo, no andor. A seguir, lavam o rosto e os braços, nas águas correntes. Feito isto, aqueles que não carregam o andor, apanham em vasilhas, previamente preparadas, garrafas ou litros, água do córrego para ser despejada na santa cruz. Do córrego também levam algumas pedrinhas para serem colocadas ao pé dessa cruz.

Quando não há nenhum córrego, as vasilhas já são cheias de água, antes do início da procissão. Além das vasilhas de água, muitos devotos levam imagem dos santos da devoção.

PENITENTES

Como dissemos, a procissão é realizada à hora em que o sol é mais ardente. E, nessa hora de sol causticante, por estradas longas ou em meio a pastos secos, seguindo por estreitos trilhos sinuosos, em cantoria sempre melancólica, segue a procissão rumo à cruz. Algumas pessoas, por penitência, carregam peças pesadas (pedras), na cabeça, no ombro, ou nos braços, demonstrando sacrifício em troca da preciosa chuva para salvar a lavoura.

O QUE BUSCAM OS DEVOTOS?

Com invocação muito sincera aos santos protetores das chuvas, seguem os devotos, rezando e cantando em conjunto, pedindo a Deus para fazer chover sobre a terra, para plantarem ou porque os mantimentos plantados estão morrendo ao sol.

Todos padecem o mesmo castigo, mas não perdem a esperança, um segundo sequer, no Criador de todas as coisas.

QUEM CANTA REZA DUAS VEZES

(Súplicas cantadas pedindo piedade ao Criador do mundo)

Durante todo o percurso, de ida e de volta, as toadas ecoam sugestivas, chei-

as de sentimento, cantaroladas com música apropriada, na certeza de que chegarão ao trono da graça do Todo-Poderoso.

Os cânticos entoados suplicam eternamente chuvas beneficiadoras para encher a terra de fartura.

Muitas são as orações cantadas aos santos, mediadores entre o céu e a terra, composta de versos simples, e com toadas comovedoras.

HINOS PARA CHOVER

(Cantados nas procissões)

SANTA ISABEL



Santa Isabel
Que morava lá na serra,
Pedimos pr'o Senhor
Pra mandar chuva na terra.

Chuva na terra
Pedimos por esmola,
Chuva na terra
E o pão que nos consola.

Período da seca - 1990 - Bairro da Capituva (rural) - Olímpia.

SÃO JOSÉ



Meu divino São José
Com o seu filho na mão
Nem de fome, nem de sede
Não matai seus filhos não. bis

Meu divino São José
Aqui estou em vossos pé
Manda chuva em abundância
Bom Jesus de Nazaré. bis

Ponha seu joelho em terra
Para Deus dar o perdão,
Quando foi dali a pouco
A chuva desceu no chão. bis

Período da seca - 1990 - Bairro de São José (urbano) - Olímpia.

NOTA: No ano de 1990 ouvimos este mesmo hino, numa procissão para supli-

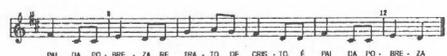
FOLCLORE DEVOCIONAL

car chuva, no **distrito de Ribeiro dos Santos** (Olímpia), com pequeníssima variante:



Meu divino São José
Pela cruz que estais na mão,
Nem de sede, nem de fome,
Meu Jesus,
Não matais seus filhos não.

SÃO FRANCISCO



Viva São Francisco
Com toda grandeza
Retrato de Cristo
É pai da pobreza. bis

Senhora Sant' Ana
Nos livre da peste,
Da fome, da guerra,
Dai chuva na terra. bis

Período da seca - 1990 - Fazenda Santa Luzia - Olímpia.

SÃO BARNABÉ

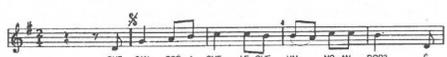


São Barnabé
Que morreu lá na serra,
Vai pedir Nosso Senhor
Que manda chuva na terra. bis

A chuva por esmola
É o pão que nos consola. bis

Período da seca - 1990 - Jardim Paulista - Olímpia.

SÃO BENEDITO



- Que Santo é aquele
Que vai no andor?

- É São Benedito
E Nosso Senhor.

- Que Santo é aquele
Que vai lá pra fora?

- É São Benedito
E Nossa Senhora.

- Que Santo é aquele
Que vai no jardim?

- É São Benedito
E São Serafim.

- Que Santo é aquele
Que vai lá pra dentro

- É São Benedito
Que vai pr'o convento.

- Que Santo é aquele
Que vai indo embora?

- É São Benedito
Que vai para glória.

Meu São Benedito
Já foi cozinheiro,
Hoje é um Santo
De Deus verdadeiro.

Meu São Benedito
Pedimos também,
A chuva na terra,
Pedimos, amém.

Período de seca - 1990 - Jardim Paulista - Olímpia.

NOTA: No ano de 1988 recolhemos o hino de São Benedito, na procissão de levar água à cruz, da **Vila Santa Geneveva**, em Olímpia, com esta variação musical:



- Que santo é aquele
Que vem no andor?

- É São Benedito
E Nosso Senhor. bis

- Que santo é aquele
Que vem na charola?

- É São Benedito
E Nossa Senhora. bis

Etc.

A PORTA DO CÉU



Santa Teresa, no céu,
Em sua capela chorava,

Pedia água a Jesus
Porque na terra faltava.

Abre, ó porta do céu,
Não deixa a terra secar;
Abre, ó porta do céu,
Não deixa a chuva faltar.

Período da seca - 1990 - Jardim Santa Ifigênia - Olímpia.

SÃO SEBASTIÃO



São Sebastião dos ares,
Morador dentro do mar
Suspende sua bandeira,
Deixa a chuva derramar. bis

Eu vi o Sol gemendo,
Vi a Lua suspirar,
Suspende sua bandeira,
Deixa a chuva derramar. bis

Vamos fazer penitência
Com nossos joelhos no chão,
Quando foi dali a pouco
A chuva de Deus no chão. bis

Período da seca - 1990 - Vila Mouco - Olímpia.

REZA, PECADOR



Por aqui passou um Homem
Com uma cruz muito pesada,
Cada passo que Ele dava,
Pingava sangue suada. bis

Atrás ia uma Senhora,
Rezando mais que podia,
Rezando pelo seu Filho,
Pois culpa Ele não teria. bis

Reza, reza, pecador,
Põe o joelho no chão
Para ver daqui a pouco
A chuva de Deus no chão. bis

Período da seca - 1992 - Bairro da Santa Cruz (rural) - Olímpia.

FOLCLORE DEVOCIONAL

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

SE-NHO-RA DA CONCEI-ÇÃO, SENHORA DA CON-SO-LA-ÇÃO, CON-SO-
LAI AS-NOS-SAS AL-MA-NOS-SO TRIS-TE CO-RA-ÇÃO CON-SO-LAI AS-NOS-SAS
AL-MA-NOS-SO TRIS-TE CO-RA-ÇÃO

Senhora da Conceição,
Senhora da consolação,
Consolai as nossas alma,
Nosso triste coração.

bis

Senhora da Conceição,
Nossa grande protetora,
Bençoi nossos trabalho,
Protegei nossa lavora.

bis

Vós que está triste e aflito,
Chegará ao pé da cruz,
Assim como me vejo aflito,
Valei-me, Mãe de Jesus.

bis

Período da seca - 1992 - Bairro de São José (urbano) - Olímpia.

SANTA MADALENA

LÁ VEM SAN-TA MA-DA-LE-
NA VEM FA-ZEN-DO A DE-VO-ÇÃO
QUE CHO-VA NA TER-
RA QUE COR-RA NO CHÃO

Lá vem Santa Madalena,
Vem fazendo a devoção:
Que chova na terra,
Que corra no chão.

bis

Minha Santa Madalena
Que não nos falte o pão
Também água pra beber
E molhar a plantação.

bis

Período da seca - 1992 - Bairro do Tamanduá (rural) - Olímpia.

SENHOR DO BONFIM

SE-NHOR DOSS BON-FIM A-CHU-VA PRA MOLHAR AS NOSSAS PLAN-TAS,
SE-CA-ES-TÁ DE MAN-TEM DÓ DE NÓS-SAS CRI-AN-ÇAS A-SE-CA-ES-TÁ DE
MAN-TEM DÓ DE NÓS-SAS CRI-AN-ÇAS

Senhor Deus mandai a chuva
Pra molhar as nossas plantas,

A seca está demais
Tem dó de nossas crianças.

Eu pus meu joelho em terra
E a boca pelo capim,
Estou cumprindo a promessa
Do meu Senhor do Bonfim.

Vamos fazer penitência,
Todos de joelhos no chão,
Para ver de hoje em diante
A chuva de Deus no chão.

Período da seca - 1992 - Fazenda Nossa Senhora Aparecida - Olímpia.

SÃO BENEDITO

SÃO BE-NE-DI-TO DE NÓS TENHA DÓ QUE A SECA É TÃO GRANDE VIROU TUDO EM PÓ

São Benedito
De nós tenha dó
Que a seca é tão grande
Virou tudo em pó.

Vós sois um jardim
Que no céu floresceu,
Senhora Sant'Ana
De grande louvor.

Senhor São José
Senhor São Joaquim,
Na vida e na morte
Lembrai-vos de mim.

Período da seca - 1992 - Jardim Cisoto - Olímpia.

SÃO SEBASTIÃO

SÃO SE-BAS-TIÃO MI-LA-GRO-SO DO AL-TO DA SER-RA MAN-
DAI CHU-VA NA TER-RA, CHU-VA QUE NOS MOLHA O
PÃO QUE NOS CON-SO-LA, QUE NÓS SO-MOS PE-CA-DO-RES, MOR-
REN-DO DE SE-DE, MOR-REN-DO DE FO-ME

São Sebastião milagroso
Do alto da serra,
Mandai chuva na terra,
Chuva que nos molha
O pão que nos consola.
Que nós somos pecadores,
Morrendo de sede,
Morrendo de fome.

Período da seca - 1992 - Jardim Cisoto - Olímpia.

SÃO SERAFIM

LÁ E VEM SÃO SE-RA-FIM, E-LE
VEM NOS VI-SI-TAR, E-LE VEM E
VER A SECA O-LHA TER-RA COMO ES-TÁ
VAMOS FA-ZER PE-NI-TÊN-ÇA, PÕEM SEU
JO-E-LHO NO CHÃO, QUANDO FOI DA-

bis

LÁ A POUCA A CHU-VA DE DEUS NO CHÃO

Lá evém São Serafim,
Ele vem nos visitar,
Ele vem é ver a seca
Olha a terra como está.

Vamos fazer penitência,
Põem seu joelho no chão,
Quando foi dali a pouco
A chuva de Deus no chão.

bis

Período da seca - 1992 - Jardim Paulista - Olímpia.

Variante: (mesma música)
Ai lá evém o São Fermino
Ele veio nos visitá,
Ele veio vê a seca,
Olha a seca como está.

bis

bis

Vamo fazê a penitência
Com seu joelho no chão,
Quando foi daí a pouco
A chuva de Deus no chão.

Período da seca - 1992 - Jardim Santa Ifigênia - Olímpia.

SANTA MADALENA

SAN-TA MA-DA-LE-NA, MA-DA-LE-NA SAN-TA, MAN-
DAI CHU-VA NA TER-RA PRA MOLHAR AS PLAN-TAS
EO FEI-JÃO NÃO NAS-CE, O MI-LHO, NÃO CRES-CE,
OS AN-JI-NHOS CHO-RAM OS PÁS-SA-ROA-BOR-RE-CEM
Á-GUA MEU JE-SUS Á-GUA MEU SE-NHOR
A-NU-VEM FOIEM-BO-RA A-QUI NÃO CHO-VU-

Santa Madalena
Madalena santa
Mandai chuva na terra
Pra molhar as planta.

E o feijão não nasce,

FOLCLORE DEVOCIONAL

Mandai chuva na terra
Eu peço por caridade,
Tenha dó de nós,
Ó meu Deus, por piedade.

Período da seca - 1994 - Bairro de São José (urbano) - Olímpia.

SANT'ANA E SÃO JOÃO



Senhora Sant'Ana,
Senhora tão bela,
Os anjos do céu
Bebem água dela.

Senhor São João
Com a cruz da mão
Manda água na terra
Para a plantação.

Período da seca - 1994 - Fazenda Nossa Senhora Aparecida - Olímpia.

SÃO JOSÉ



Meu divino São José
Aqui estou em vossos pés,
Mandai chuva por esmola,
Meu Jesus de Nazaré.

Quem tiver sua devoção
Se apegue com São José,
Ele é um santo de milagre,
Tendo a boa e santa fé.

Pela cruz que vós estais na mão,
Meu divino São José,
Nem de fome nem de sede
Não matai seus filhos não.

Eu vos ofereço este Bendito,
Ao divino São José,
Mandai chuva por esmola,
Meu Jesus de Nazaré.

Período da seca - 1994 - Jardim Cisoto - Olímpia.

SANTA BÁRBARA



Vai Santa Bárbara, vai.
Vai buscar chuva pra nós,
A seca está tão grande
Oh, meu Jesus!,
A terra está toda em pó. bis

Período da seca - 1994 - Jardim Cisoto - Olímpia.

Variante: (mesma música)

Vai, Santa Bárbara, vai,
Vai buscar chuva pra nós,
Nos livre de chuva brava,
Nos livre de trovoada. bis

Período da seca - 1990 - Bairro de São José (urbano) - Olímpia.

SÃO SEBASTIÃO

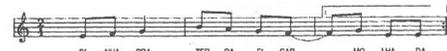
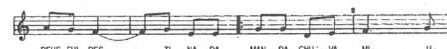


São Sebastião poderoso
Que mora no fundo do mar, bis
Levante a sua bandeira bis
E deixa água derramar. bis

Eu vi o sol gemendo
E a lua suspirar, bis
Levante a sua bandeira bis
E deixa água derramar. bis

Período da seca - 1994 - Jardim Cisoto - Olímpia.

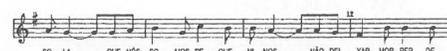
SANTA BÁRBARA VIRGEM



Minha Santa Bárbara
Eu vim aqui
De Deus fui destinada
Manda chuva miudinha bis
Pra terra ficá molhada. bis

Período da seca - 1994 - Jardim Santa Ifigênia - Olímpia

MISERICÓRDIA



Senhor Deus, misericórdia,
Misericórdia, Senhor.
Dai-nos chuva por esmola,
Dai-nos pão que nos consola
Que nós somos pequeninos
Não deixar morrer de sede,
Que nós somos pecadores,
Não deixar morrer de fome.

Período da seca - 1994 - Vila Júlia - Olímpia.

MÃE SANTÍSSIMA



Minha mãe santíssima
Do altar do céu
Dai uma gota d'água bis
Pelo amor de Deus. bis

Vós que estais no céu,
Cheia de alegria,
Dai uma gota d'água, bis
Pão pra cada dia. bis

Período da seca - 1994 - Vila Júlia - Olímpia.

FOLCLORE DEVOCIONAL

SENHORA DA PIEDADE



Nossa Senhora da Piedade
Entre as estrelas e a virgindade
Chuva na terra, por piedade,
Tem dó dos pobres, por caridade.

Período de seca - 1994 - Vila Maria - Olímpia.

PIEIDADE



Piedade, Senhor, piedade,
Piedade de nós pecadores
Oh! que nuvem tão bonita
Que nos dê, ó Senhor,
Chuva na terra.

Chuva, ó meu Deus, por esmola
Também o pão que nos consola
Que o sol que alumeia
É tão forte, meu Senhor,
Ora pro nobis.

Período de seca - 1994 - Vila Maria - Olímpia

SÃO BENEDITO



São Benedito
De nós tenha dó
Que a seca é tão grande,
Virou tudo em pó.

Estava na serra,
Fazendo oração,
Chegou Madalena,
Senhor São João.

Dai-nos chuva que nos molha,
Dai-nos pão que nos consola,
Que nós somos pecador,
Senhor Deus, misericórdia.

Período da seca - 1994 - Vila Mouco - Olímpia.

31º FESTIVAL DO FOLCLORE

SENHOR DO BONFIM



Ninguém viu o que eu vi hoje
Num galho de alecrim,
Duas pombinhas cantando,
Meu Jesus,
Meu bom Jesus do Bonfim.

Todos que trazer na glória
Cravo, rosa e jasmim,
Chuva nunca há de faltá,
Meu Jesus,
Meu bom Jesus do Bonfim.

Período da seca -1994 - Vila Santa Teresinha - Olímpia.

AO PÉ DA CRUZ

Chegando à cruz, o andor é colocado
no chão, ao seu redor.

Os que transportam água, enquanto a
despejam sobre o madeiro, entoam um
dos hinos:

CRUZ BENTA



Vamos molhar esta cruz,
E molhar com devoção,
Esta cruz está benzida
Da Virgem da Conceição.

Graças a Deus,
Louvado seja Deus,
No céu e na terra,
Ó Virgem Mãe de Deus.

BENDITA CRUZ



Bendita e louvada seja
Do céu a divina luz;
E nós também cá na terra
Louvamos a santa cruz.

Louvemos, sempre louvemos,
Louvemos a santa cruz,
Para que não falte a chuva,
Pedimos, ó bom Jesus.

CHEGAI, CHEGAI



Chegai, chegai,
Chegai pecador,
Lavando a cruz,
Louvando o Senhor.

BEIJAMENTO DA CRUZ



Chegai pecador, chegai,
Chegai em nome do Senhor
Beijai esta santa cruz
Com muita fé e amor.

Jesus Cristo prometeu
Que haveria de salvá
A todos os devoto
Que a santa cruz beijá.

CRUZ BENDITA



Deus nos salve cruz bendita
Que está no campo sereno,
Estou rezando em seus pés,
Neste bendito terreno.

Estou rezando as preces,
Pedindo de coração,
Estou molhando seu corpo
Cumprindo uma devoção.

Por ser pobre pecador,
Tenha de mim companhia.
A água que eu te jogo

FOLCLORE DEVOCIONAL

Faz virar chuva pr'o chão.



A seguir, acendem algumas velas, e todos ajoelhados, formam um círculo em torno da cruz e das imagens, e ardendo em fé, celebram um terço oferecido a Deus onipotente, para mitigar os sofrimentos causados pela falta de chuva.

Na cruz, as mãos de Deus do amor sangraram pelos pecados humanos. Com plena confiança, crêem não suplicarem em vão.

Entre um e outro mistério do terço, certos do auxílio divino, entoam a estrofe de um hino de mais de século e que não perde o sentido inspirador de sua proporção, a um tempo leve e profundo.



O meu coração
É só de Jesus,
A minha alegria
É a Santa Cruz.

bis

Ou este:



São Pedro desceu do céu,
Encheu o mundo de luz,
Oração de São Francisco
Louvemos a Santa Cruz.

bis

Ao pé da cruz podem vicejar algumas plantinhas silvestres que sustentam o viço, mercê ao poder da água ali derramada, dando boas esperanças aos devotos que, dos altos céus, cairão chuvas em quantidade suficiente para a lavoura.

Algumas pedras pequenas são apanhadas ao pé da cruz para serem atiradas num córrego e, na inexistência deste, serem conservadas, em casa, numa vasilha com água.

SINAIS DE CHUVA

Durante ou depois da realização da novena para chover, os novenistas ficam em permanente observação de alguns acontecimentos indicativos de chuva. Daí, muitas crendices ganham vulto:

Choverá: Quando as folhas das laranjeiras e limoeiros estiverem se enrolando. / - Andorinhas em alvoroço, voando baixo. / - Anu pousando em árvore verdejante. / - Aranhas abandonam as teias. / - Ausência de orvalho pela manhã. / - Bode espirrando demais. / - Burro mexendo muito as orelhas. / - Cigarra cantando constantemente. / - Dor nos calos, nos cortes de operações, nas quebras, nos dentes cariados. / - Folhas viradas ao contrário pelo vento. / - Formiga içá voando. / Fumaça das chaminés, em vez de subir, desce. / - Galinhas a beliscar-se. / - Galinhas se refestelando na terra, tomando banho de areia para refrescar. / - Gato lambendo as patas e lavando a cara. / - Grilo cantando dentro de casa. / - Gavião cantando sobre árvore verde. / - Grito de tucano nas matas. / - Halo em torno do sol ou da lua. / - João-de-barro se resguardando na casinha. / - Macaco gritando no mato. / - Macuco cantando em árvore verde. / - Mosquito voando irrequietamente. / - Nuvens baixas e escuras. / - Pato nadando e abrindo o bico para o ar. / - Quando um apito qualquer soar oco. / - Rãs e sapos coaxando demais. / - Saracura, seriema ou batuirão cantando. / - Sol quente amarelado. / - Vôo rasteiro e entrecortado do anu. E tantas outras.

Incluem-se às previsões que deram origem a este **adagiário** dos lavradores:

- Bugio ronca na serra, chove na terra. / - Céu pedrento, chuva ou vento. / - Céu coalhado, chão molhado. / - Céu nublado, chão molhado. / - Céu fechado, chão molhado. / - Círculo fechado, chão molhado. / - Círculo aberto, chuva perto. / - Círculo na Lua, lama na rua. - Lua

com círculo, água traz no bico. / - Lua Nova trovejada, trinta dias de molhada. / - Manhã ruiva, vento ou chuva. / - Sol ruivo de tarde, chuva de manhã.

Muitas previsões de tempo dão certo e o povo agradece e se sente consolado nesse tempo de aflição. Prefere chuva mansa e continua pedindo chuva fininha, para molhar bem a terra porque esta chuva, no dizer do lavrador, é a salvação de mais da metade da lavoura. E tem mais: chuva miúda não mata ninguém.

Sobressai esta quadrinha:

A chuva é muito boa,
Da fininha, não da grossa,
Pra molhar os mantimentos
Que plantamos lá na roça.

FATOS CURIOSOS

Numa procissão para molhar a cruz, numa época em que a terra estava abrasada com o calor muito forte, organizada por duas senhoras, os participantes, além das organizadoras, eram apenas crianças. Todas com garrafinhas d'água e algumas delas com imagens de santo. Durante o trajeto, enquanto as senhoras rezavam os Pai-nossos e Ave-marias em alta voz, algumas crianças as acompanhavam em coro e outras, divertida e descontroladamente recitavam a estrofe: Vem chuva do céu / Pra terra molhá / Minha alegria / É vê água derramá. Nisso encontraram pelo caminho alguns animais.

Os meninos, transportadores das imagens, corriam em direção aos animais para que estes beijassem as imagens.

A vaca, sempre mais mansa, tem por hábito lamber tudo quanto lhe oferece, quando o cheiro não lhe é nauseante, logo era tachada de animal católico. Já o cavalo, sempre rebelde, e assustado, rejeitava a oferenda e punha-se a correr. De imediato era chamado de animal protestante. Aproveitando a fuga do cavalo, jogavam, no ar, a quadrinha: Corre, corre, cavalinho / De São Sebastião / Vai buscar a chuva / Pra molhar a plantação.

Esse foi o único dia da novena. No cruzeiro, enquanto despejavam a água e cantavam "Senhor Deus, Misericórdia", o sol que o chão aquecia, mais parecia uma terrível fogueira, foi logo encoberto por nuvens escuras e mal houve tempo para se ajoelharem para o cumprimento final da obrigação, quando desabou uma forte pancada de chuva. Todos tomaram um prolongado banho, involun-

FOLCLORE DEVOCIONAL

tário, de roupa e tudo, voltando para casa ensofados de água.

Houve brincadeiras, inocentes, no transcorrer da peregrinação, mas, ao mesmo tempo, muita firmeza nos sentimentos.

RETORNO AOS LARES

Após o molhamento da cruz e a celebração do terço, com a mesma disposição e respeito, carregando o andor (quando utilizado) e entoando os mesmos hinos, intercalados com ensalmos, regressam aos lares.

Agem assim durante nove dias (uma novena). Mas se a vontade dos homens não for atendida nesse curto espaço de tempo, em que foi exaltada a cruz, fortalecidos na crença de que o amparo de Deus não falhará, permanecem, redimidos, em constantes orações. Às vezes cuidam de nova novena.

Em alguns casos o sacrifício empregado se reveste de conseqüências desagradáveis: ferimentos nos pés e formação de doloridas bolhas, constatando-se até casos de insolação. O restabelecimentos da saúde se torna demorado e dispendioso.

O MILAGRE

E quantas vezes ainda quando nem retornaram ao ponto de partida, o céu vai escurecendo, tornando-se em nuvens sombrias, arredondadas, inquietas, denunciadoras de que a chuva vai cair.

É que Deus ouviu as preces dos crentes e devotos, cantaroladas com o coração.

E se cai a chuva, põem-se de joelhos. É o milagre do céu.

A cidade raramente vê o espetáculo dessas procissões, cantadas mais na periferia e nas roças.

Quando caem as primeiras chuvas, o lavrador reanima-se. Alguns dias depois, um verde-esperança veste, como um lençol extenso, todo o campo.

A chuva para o homem agrícola tem um poder de fascinação extraordinário. Quando chove, todos ficam contentes. Parece haver alguma coisa de sobrenatural, que lhe vem do céu, mandada por Deus.

É a chuva que faz a terra abrasada cobrir-se de relva, as aves cantarem alegremente e uma brisa agradável soprar sobre os campos.

A terra se enche de plantinhas e de

vida, de alegria e de esperanças, reverdecendo os campos e os corações dos agricultores angustiados.

É o verde e o belo cobrindo o seco e o triste no tapete da terra-mãe.

QUANDO O PERÍODO DAS CHUVAS É LONGO

Mas se a chuva prossegue por muitos dias, trazendo dificuldades para as donas de casa secarem suas roupas, prejudicando muitas atividades domésticas, impossibilitando-as de saírem às ruas, ou trazendo prejuízos à lavoura pela sua constância, aí há o descontentamento pelo excesso de águas e têm início as práticas para suplicar o bom tempo, isto é, o fim das chuvas:

- Jogar sal na chuva. / - Pôr, sobre um esteio da cerca de arame, ou sobre qualquer local elevado, um ovo para Santa Clara. / - Desenhar, com o dedão do pé direito, ou com o auxílio de um pedaço de madeira, um sol no chão. / - Colocar a imagem de São José na chuva. E muitas outras.

Renasce a alegria do bom tempo, vendo-o melhorar, se forem vistos: - Minhoca saindo fora da terra. / - Seriema gritando sobre um cupinzeiro. / - Urubu, sobre a árvore, abrindo as asas. E outros sinais. Vem o Sol!

QUANDO HÁ TEMPESTADE

Depois de um período de seca, é muito provável que a primeira chuva seja perigosa, um temporal danificador.

As criaturas medrosas lançam mão de algumas magias para aplacar a tempestade:

* Queimar ramo (palma) bento. - Acender vela benta num oratório.

* REZAR A ORAÇÃO DE SANTA BÁRBARA

Santa Bárbara deitou-se, levantou-se, vestiu-se e calçou-se. Saiu com São Jerônimo e encontrou com Jesus Cristo. Jesus Cristo perguntou:

- Aonde vai, Bárbara Virgem?
- Senhor, para o céu me vou.

- Então, levei esta chuva brava para o deserto, onde o galo não canta, o bezerro não berra e a vaca é maninha. Onde não há o pão nem o vinho e nem o bafo do menino. Com os poderes de Deus, da Virgem Maria, do Divino Espírito Santo e de Jesus de Nazaré. Amém.

* REZAR, COM FÉ, A ORAÇÃO DO MISTÉRIO DE REGULAR.

* DIZER AS PALAVRAS SANTAS CONTRA RAIO E TEMPESTADE:

Cristo rei veio em paz. Deus se fez homem. O verbo se fez carne. Cristo nasceu da Virgem Maria. Cristo andava sossegado entre seus amigos. Cristo foi crucificado. Cristo foi morto. Cristo foi sepultado. Cristo ressuscitou. Cristo subiu ao céu. Cristo governa. Cristo nos defende de raio e tempestade. Cristo está conosco. Parai, suspendei-vos. Amém. (Pai-nosso, Ave-maria e Creio Apostólico).

* RECITAR, COM MUITA FÉ, UMA DAS QUADRINHAS:

1 - No céu tem a Santa Cruz
Da divina majestade,
Me livrai, ó Cruz bendita
E a Santíssima Trindade.

2 - Santa Barba que ilumina,
São Jeromo de bondade,
Livra nós de todo mal
Dos raio e tempestade.

3 - Santa Bárbara bendita
Que no céu está escrita,
Uma pia de água benta
Me livrai desta tormenta.

4 - Santa Barba, Santa Virge,
Lá no céu tem três escrito
Com um ramo e água benta
Bota fim nessa tormenta.

* CANTAR UM BENDITO

(Os benditos são facilmente reconhecidos, pois a sua ingenuidade e singeleza ressaltam dos seus escritos).

SANTA MARIA ETERNA



A SAN - TA - MA - RI - A - E - TER - NA QUAN - DOE - LAN - DA - VA NO MUN - DO EM



FLOR DI - VI - NA EM FLOR DI - VI - NA FOI NA FOR - CA SEN - FOR - COU EM FLOR DI - VI - NA EM



FLOR DI - VI - NA FOI NA FOR - CA SEN - FOR - COU

A Santa Maria Eterna
Quando ela andava no mundo
Em flor divina, em flor divina,
Foi na forca e se enforcou. bis

Quando ela pediu a corda

FOLCLORE DEVOCIONAL

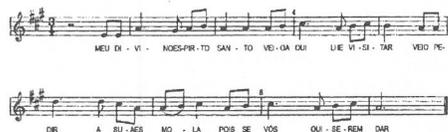
Ela mesma se amarrou
Em flor divina, em flor divina,
Foi na forca e se enforcou.

Quando ela pediu a corrente
Ela mesma se acorrentou
Em flor divina, em flor divina,
Foi na forca e se enforcou.

Quando ela pediu algema
Ela mesma se algemou
Em flor divina, em flor divina,
Foi na forca e se enforcou.

Ofereço este bendito
Ao Senhor daquela cruz
Livra-nos das tempestades
Para sempre, amém Jesus.

DIVINO ESPÍRITO SANTO



Meu Divino Espirto Santo
Veio aqui lhe visitar
Veio pedir a sua esmola
Pois se vós quiserem dar.

Eu peço sua esmola,
Eu peço por caridade
Para repartir com os pobres
E a minha necessidade.

Quem souber o que é o divino,
O Divino Espirto Santo
É uma pombinha celeste
Toda vestida de branco.

Essa pombinha branquinha
Dos pés e bico vermelho
É uma das três pessoas
É o Divino verdadeiro.

Quem souber o que é o Divino
Conseguir a sua doutrina
Há de ser abrasado
Com o fogo do amor divino.

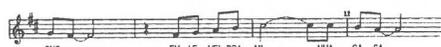
Quem souber o que é o Divino,
Divino Consolador,
Consolai as nossas almas
Quando deste mundo eu for.

Quando o sol já vem saindo
Licença peço ao Senhor,
Quero repartir seu raio

No seu rico resplendor.

bis Ofereço este bendito
Pr'o Senhor daquela cruz
Livra-nos das tempestades
Par sempre, amém Jesus.

LAVRADOR DOURADO



bis

Lavrador dourado
Foi andando pr'um caminho
Encontrei co'o pobrezinho,
Meu bom Jesus.

Eu levei pra minha casa
No melhor salão que eu tinha,
Meu bom Jesus.

Perguntei se tinha fome,
Ele me disse que tinha,
Meu bom Jesus.

Mandei arrumar a mesa
Do melhor manjar que eu tinha,
Meu bom Jesus.

Perguntei se tinha sono,
Ele me disse que tinha,
Meu bom Jesus.

Mandei arrumar a cama
Do melhor chambra que eu tinha
Meu bom Jesus.

A chambra branca por baixo,
A chambra azul por cima,
Meu bom Jesus.

A chambra roxa por cima
Do melhor roxo que eu tinha,
Meu bom Jesus.

Quando foi à meia-noite,
O pobrezinho gemia,
Meu bom Jesus.

Mandei levantar Maria
Para ver o que o pobre tinha,
Meu bom Jesus.

Era uma cruz do ouro fino

Se eu soubesse quem era ele
Na minha casa ele eu tinha
Meu bom Jesus.

Ofereço este bendito,
Pr'o Senhor daquela cruz,
Meu bom Jesus.

Livrai-nos de tempestade
Para sempre, amém Jesus,
Meu bom Jesus.

O BARQUINHO



Vamos todos camaradas,
Camaradas.
Vamos na praia rezar,
Vamos na praia rezar.

Vamos ver a barca nova,
Barca nova.
Que do céu caiu no mar,
Que do céu caiu no mar.

Nossa Senhora vai dentro,
Nossa Senhora.
Os anjinhos a remar,
Os anjinhos a remar.

Ofereço este bendito,
Este bendito.
Pr'o Senhor daquela cruz,
Pr'o Senhor daquela cruz.

Leva-nos até no céu,
Até no céu.
Para sempre, amém Jesus,
Para sempre, amém Jesus.

Benditos cantados por Rosa Pereira dos Santos.

PERSISTÊNCIA

Mas basta que escasseiem as chuvas e que as plantações comecem a estorricar-se, vencidas pelo sol, para que a alma impressionável do povo agricultor volte às suas preces e aos seus cânticos para o alto: Cai chuva, cai lá do céu!

NOTA: A pentagramatização das melodias deste trabalho, coletadas em Olímpia por José Sant'anna, foi realizada por Jailton Teixeira de Oliveira, aluno-pesquisador do Departamento de Música da UNICAMP, supervisionado e

FOLCLORE DEVOCIONAL

diagramado no computador pelo Prof. Dr. Jônatas Manzolli, coordenador de pesquisa em Música Computacional, do Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora, da Universidade de Campinas - SP.

INFORMANTES

Deram sua colaboração para a feitura deste trabalho: Alice Augusto de Melo, Antônia do Carmo Batista de Carvalho, Durvalina dos Santos Garcia, Elvira Martins de Castro, Ernesta Maria da Silva, Francisca de Miranda Nogueira, Jesuína de Sousa Silva, Josefa Delomodarmo Valeriano, Judite Batista de Carvalho, Luzia Borges, Maria Aparecida Bignardi Bido, Maria Baltazar, Maria Dias da Silva, Maria Francisca da Conceição, Maria Gertrudes da Silva de Araújo, Nair de Lima, Narcisa Batista de Miranda, Rosa Pereira dos Santos, Sebastiana Aparecida de Oliveira Silva, Sebastiana de Miranda, Sebastiana Maria da Silva Arruda, Sebastiana Matos, Teresinha de Miranda Vidoti e Teresinha Henrique Batista Teixeira. Nossos sinceros agradecimentos a todas as informantes e especialmente aos colaboradores Valdemar de Oliveira (Umarajá) e Zenir Garret.

ANEXO:

CHUVA NAS QUADRINHAS

Chuva, água que cai das alturas, como consequência da condensação de vapores, ora alegra os homens, outras vezes provoca-lhes tristeza. Mas sem chuva não há condição de vida sobre a terra. É uma bênção recebida das mãos divinas, bênção de eternal valor. A água pluvial é fonte de poderosas realizações. Segundo algumas crenças afro-brasileiras, é utilizada quanto à saúde e consiste em curar a fraqueza e os pés. O assunto não se relaciona com o nosso trabalho, mas faz menção a chuva.

A quadrinha (ou quarteto), encerra um pequeno discurso em apenas quatro versos. Nas quadrinhas folclóricas, a rima igualdade de sons das sílabas finais dos versos - se opera entre o segundo e o quarto, ficando soltos o primeiro e o terceiro. Recebem, então, o nome de trovas. Seu esquema rimático é abcb. Quanto ao número de sílabas poéticas, os versos recebem o nome de heptassílabos ou redondilha maior.

Vejamos algumas quadrinhas com **chuva**.

1 - **Chuva**, se não quer chover
Deixe de estar peneirando:
Ou me ames com firmeza,
Ou me vais logo deixando.

2 - A **chuva** mal cai na terra
Logo se põe a rolar;
Morena, sem teus carinhos,
Sei que não posso ficar.

3 - A **chuva** é bença de Deus
Faz crescê a prantação;
Pobre gente deste mundo
Sem chuva moiando o chão.

4 - Chove, **chuva** miudinha,
Na copa do meu chapéu,
Um dia hei de ser noiva
Para cobrir com meu véu.

5 - Chove, **chuva** miudinha,
Com certeza não me molha,
Onde tem rapaz solteiro
Pr'os casados não se olha.

6 - Chove, **chuva**, miudinha,
Na fita do meu chapéu;
Chove moça nos meus braços,
Mulher velha no mundéu.

7 - Chove, **chuva** miudinha
Na copa do meu chapéu,
Padre-nosso de mulher
Não leva homem pr'o céu.

8 - Chove, **chuva** miudinha,
Aos poucos nos molhará
Quem não tiver guarda-chuva
Que vergonha não terá.

9 - Chove, **chuva** miudinha
Lá na banda donde eu vim
Pra tampar o meu rostinho,
Pra ninguém saber de mim.

Variante:

Chove, **chuva** miudinha,
Lá pr'o lado donde eu vim,
Pra apagar todos os meus rastros
E ninguém saber de mim.

10 - Chove, **chuva** miudinha
Na copa do meu chapéu,
Antes chuva miudinha
Do que castigo do céu.

Variante:

Cai a **chuva** miudinha
Por cima do meu chapéu,
Antes chuva bem miúda
Que castigo lá do céu.

11 - Nuvem branca indica **chuva**,
A escura ventania,
A verde a esperança
De eu ter você um dia.

12 - Eu queria que chovesse
Uma **chuva** bem fininha
Pra molhar a sua cama
E você passar pra minha.

13 - Alembrei de lá de casa
Quando fui da minha terra,
A **chuva** choveu no rio,
A água correu da serra.

14 - Seca tudo que é verde
Quando chega o verão,
Com **chuva** tudo renasce
Dentro do meu coração.

15 - Tudo o que é verde seca
Com o calor do verão,
Com a **chuva** tudo nasce,
Só a mocidade não.

16 - Da Lua eu quero a luz,
Do Sol eu quero o calor,
Da **chuva** eu quero a água
De você eu quero amor.

17 - Oi moça, esse nosso amor
Não tem nem comparação,
Parece uma **chuva** brava
Que tem raio e tem trovão.

18 - No céu está trovejando
Lá no campo da peúva,
No cacho do teu cabelo
Quero me esconder da **chuva**.

19 - Em cima daquele morro
Corre água sem **chover**,
Eu namoro um mocinho
Sem papai, mamãe saber.

20 - Em cima daquele morro
Corre água sem **chover**,
Moço que tapeia moça,
Vergonha devia ter.

21 - Lá fora está trovejando,
Mas não é para **chover**;
Meu benzinho está doente,
Mas não é para morrer.

Recolhidas por **José Sant'anna** com a colaboração de alunos do Colégio Estadual e Escola Normal de Olímpia, hoje E.E.P.S.G. "Capitão Narciso Bertolino", de 1964 a 1967.

REGISTRO

NOTICIÁRIO DA ISEH

As notícias que marcaram o 30º Festival do Folclore...



ISEH BUENO DE CAMARGO
Departamento de Folclore - Olímpia

Cartazes, convites e capas do Anuário

30º FESTIVAL DO FOLCLORE
14 a 21 de agosto/1994

CONGADA CHAMBÁ
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO, MG

JUBILEU DE PÉROLA

OLÍMPIA/SP
Capital do Folclore

Colaboração **BRADESCO**

Caiapó

Folguedo popular com 40 ou 50 pessoas, fantasiadas de índios, vestidas com roupa de capim, barba-de-bode e muitos enfeites, inclusive penas de aves, peru ou galinha.

O rosto e o corpo são pintados de azul, exceto do nariz para roupa ou da tinta xadrez. A figura do cacique ou a do pai camoná as evoluções executadas ao som de culcas, tambores, pandeiros, matracas, violas, violões, etc.

O grupo, ao ouvir estouro de fogos de artifício, cai, na hora, por terra. Alguns grupos apresentam um arreio, sem cantoria, que se refere ao rapto de uma bugrinha, filha do cacique, que é escondida, às vezes, por um dos assistentes.

A procura, a busca e o encontro final da raptada constituem os pontos principais dos bailados, muito vivos e bastante apreciados. Há danças de regozijo. O grupo nada canta.

Existem grupos de Caiapó em São Paulo e Minas Gerais.

Clávis Salgado
Ministro da Educação e Cultura - 1959

Caiapó - Campeste - MG - 21º FEFOL

Colaboração **BRADESCO**

Como é costume do Prof. Sant'ana, idealizador e coordenador dos trinta Festivais do Folclore de Olímpia, no último deles, isto é, em 1994, prestou-se homenagem às Congadas brasileiras, destacando-se a Congada Chambá de São Sebastião do Paraíso, MG. Assim estão elementos da Congada na 1.ª Capa do anuário, em cartazes que viajaram para todos

os rincões brasileiros, nos convites que ultrapassam as fronteiras pátrias. A segunda capa, partindo da foto de Olímpia, salta para o estande do Bradesco na Praça das Atividades Folclóricas e viaja, através de brilhantes instantâneos, por regiões encantadas do Brasil e seus característicos grupos folclóricos. A 3.ª capa é todinha destinada ao Bradesco, em

honrosa homenagem a quem muito faz pelo folclore pátrio. E a 4.ª capa destaca um caracterizado caiapó de Campeste, MG, com explicações sobre o folguedo desse grupo mineiro e palavras do Clóvis Salgado, Ministro da Educação e Cultura em 1959. Justas homenagens a justos representantes da grande aventura popular brasileira.

REGISTRO

A Missa dos Violeiros

Na noite de 13 de agosto de 1994, na Igreja Matriz de Nossa Senhora Aparecida, Olímpia, celebrada pelo frei Lázaro José da Silva, realizou-se, como preâmbulo ao início do 30.º FEFOL, a já consagrada missa dos violeiros. Cerca de 60 violas deram seus acordes, tangidas por hábeis tocadores e cantores, enquanto sinceras preces se elevavam aos céus, rogando bênçãos para o grande evento que começaria no dia seguinte. Comoventes instantes de religiosidade pois que, na liturgia, os hinos foram cantados pelo Coral de Violeiros, segundo os gêneros musicais folclóricos brasileiros. Uma beleza que buliu com as emoções dos presentes, especialmente de Inezita Barroso que chegou às lágrimas. E Laura Della Mônica que, com muita fé, seguiu o ritual. Os céus ouviram as preces, o festival foi sucesso. Obrigado, Senhor! Parabéns, violeiros que nos encantaram.



O hasteamento das bandeiras

Às 8 horas do dia 14 de agosto de 1994, na Esplanada das Bandeiras, situada no Recinto das Atividades Folclóricas, com a presença marcante do Sr. Prefeito da cidade, José Carlos Moreira e sua esposa dona Anita, 1.ª dama olímpense, realizou-se o hasteamento solene dos pavilhões nacionais, comemorando o 30.º FEFOL. Manhã ensolarada, brisa amena, um cenário perfeito para evento de tal envergadura. Solenes e entusiasmados ali estavam, também, o Prof. José Sant'anna, criador e coordenador dos Festivais de Folclore em Olímpia, a Prof.ª Laura Della Mônica, representando a Comissão Paulista de Folclore, as Prof.ªs Muriel Nóbrega da Cunha, Iseh Bueno de Camargo, Ineh e Iseh Bueno de Camargo, Cidinha Manzolli, Vereador Oswaldo da Silva Mello e esposa, Vereador Dr. Luís Fernando Rímoli e esposa, Dr. Aldo Casarini, Prof. Néder Nadruz, Prof. Ademir Antônio de Freitas, funcionários das escolas estaduais e municipais, autoridades militares e, condignamente trajados, o Tiro de Guerra da cidade a quem coube, no ano, o hasteamento das bandeiras. A abertura, palavras da autoria desta noticiarista, é lida por Sílvio Roberto Mathias Netto (Bibi) e a programação é a que aqui está.

1994! Trigésimo Festival do Folclore de Olímpia!

Trinta anos de lutas, de glória, de encantamento...

Festivamente tremularam ao vento olímpense os garridos pavilhões brasileiros, anunciando sempre um novo encontro de grupos ligados ao folclo-



re pátrio.

Jamais estivemos tão unidos, tão próximos uns dos outros como neste ano. Unidos para chorar a falta de Ayrton Senna. Unidos para cantar o tetra no futebol. Unidos para dar modesta ajuda à UNICEF e à criança carente. Unidos para dizer ao mundo todo que somos irmãos, que amamos o que é nosso, que nos orgulhamos dos símbolos representativos da nossa cidadania. Por isso, com mais orgulho ainda, apreciaremos o hasteamento dos pavilhões nacionais aqui, na Esplanada das Bandeiras, no palanque da Praça das Atividades Folclóricas, "Prefeito Wilson Zangirolami". Esse emocionante evento marca a abertura oficial do 30.º Festival do Folclore de Olímpia. Por toda a próxima semana, agitados pela aragem amena, pelo vento

frio, sob o cáldido céu que nos abriga, agitar-se-ão os pavilhões nacionais, declarando a quem nos procura que amamos nossa cultura popular, que preservamos nossas tradições, nosso folclore. A jovem musicista olímpense, **Denise Batista dos Santos** executará, durante todo o cerimonial, músicas do cancionero folclórico do Brasil.

1 - **Brasil...** O verde-amarelo de sua bandeira foi visto e reverenciado por milhões de pessoas espalhadas pelo mundo todo. O Brasil viu sua bandeira hasteada em locais inusitados, viu suas cores impressas em jornais do mundo todo, sentiu o poder desse rico verde-amarelo-azul e branco quando fazia tremer campeões mundiais, uma glória que jamais será superada. Aí, Bandeira do Brasil, cubra nosso 30.º Festival de bênçãos, de glórias, de alegrias. Cabe a honra de hastear a bandeira brasileira ao senhor prefeito municipal de Olímpia, José Carlos Moreira.

2 - **São Paulo**, reduto da mais variada e arrojada mistura de povos que, através do trabalho firme, da fraternidade espontânea, depressa se tornam irmãos e batalham coesos pelo engrandecimento do nosso "estadão". A bandeira de São Paulo será hasteada pela Sr.ª Dr.ª Laura Della Mônica - Comissão Paulista de Folclore.

3 - **Olímpia**, querida cidade paulista que há 30 anos é sede de um dos mais esplendrosos acontecimentos pátrios, - o Festival do Folclore. Sua bela e tão colorida bandeira será, com muita honra, hasteada pelo Prof. Ademir Antônio de Freitas, DD. De-

REGISTRO

legado de Ensino de Olímpia.

4 - **Acre**, importante marco divisório das fronteiras brasileiras, terá seu pavilhão hasteado por Alexandre Gustavo Madureira Squiapati - Monitor 06.

5 - **Alagoas**, fabuloso rincão de destinos que reverenciam e perpetuam costumes pátrios, terá seu pavilhão hasteado por Alexandre Saviolo Egydio - Monitor 09.

6 - **Amapá**, jovem porção do Norte brasileiro, ainda sem o pavilhão oficial em nossas mãos, terá sua bandeira simbolicamente hasteada por Fábio Alessandro Alves Marinho - Monitor 024.

7 - **Amazonas**, miraculosa reserva vegetal da humanidade, terá sua bandeira hasteada por Fábio Henrique Baldan da Silva - Monitor 026.

8 - **Bahia**, eternamente jovem por sua alegria contagiante, vai ter sua bela bandeira hasteada por Sóstenes Martins Soficier - Atirador 067.

9 - **Ceará**, o mais admirável reduto daqueles que amam e que preservam tradições pátrias, terá seu pavilhão hasteado por Luciano Marques Bruniera - Monitor 039.

10 - **Distrito Federal**, sede do nosso governo, radicado na cidade símbolo de beleza universal, Brasília, terá sua bandeira hasteada por Márcio Rogério Reginaldo - Monitor 046.

11 - **Espírito Santo**, ponto de encontro de ilustres amigos do folclore brasileiro, terá seu pavilhão hasteado por Sheider Alex do Valle Ramon - Monitor 065.

12 - **Goiás**, rica porção do Brasil Central, verá sua bandeira hasteada por Adilson José Alves - Atirador 02.

13 - **Maranhão**, escrínio de acirradas lutas pela perpetuação do civismo e da brasilidade, terá sua bandeira hasteada por Alexandre Quatti - Atirador 08.

14 - **Mato Grosso**, pujante representante do Centro-Oeste brasileiro, honrosamente terá seu pavilhão hasteado por André Augusto dos Santos - Atirador 012.

15 - **Mato Grosso do Sul**, digno espelho dos campos grandes pátrios, verá a sua bela bandeira ser hasteada por Carlos Cesar Quilles Rodrigues - Atirador 015.

Minas Gerais dos belos horizontes perenes poderá ver, a partir de agora, sua bandeira tremular sob os céus olímpicos, hasteada por Claudinei José da Silva - Atirador 017.



17 - **Pará**, do Norte brasileiro, esplêndida região, terá seu pavilhão hasteado por Flávio Feltrin - Atirador 029.

18 - **Paraíba** dos arcaicos dias das Filipéias, dos esplêndidos dias dos viris paraibanos, verá hastear o seu pavilhão por Gustavo Marco Reginaldo - Atirador 031.

19 - **Paraná**, refúgio sempiterno de europeus em busca do mítico Eldorado, terá sua bandeira hasteada por Lisandro Cândido Borges - Atirador 038.

20 - **Pernambuco**, região que há pouco foi agraciada com a visita dos nossos tetracampeões, verá sua bandeira ser hasteada por Júlio César dos Santos - Atirador 036.

21 - **Piauí**, da aconchegante Teresina que guarda no seu Parque Nacional a comprovação da ancianidade da nossa terra, verá sua bandeira ser hasteada por Lúcio Roberto Bertolucci - Atirador 041.

22 - **Rio de Janeiro** do carioca, do fluminense, dos que amam o belo e o belo preservam, terá seu pavilhão hasteado por Ricardo Alexandre Bonesconto - Atirador 055.

23 - **Rio Grande do Norte**, região dos invictos potiguares de ontem, dos iminentes cientistas de hoje, verá sua bandeira hasteada por Rodrigo Abe - Atirador 060.

25 - **Rondônia**, do Norte brasileiro pujante e verde pedaço, verá seu jovem pavilhão ser hasteado por Rogério Luiz Damim - Atirador 063.

26 - **Roraima** das boas vistas tão ambicionadas, ainda sem bandeira oficial à nossa disposição, será simbolicamente homenageada por Sérgio Ale-

xandre Bonadio Marson - Atirador 064.

27 - **Santa Catarina**, ancoradouro do europeu trabalhador e do alegre barriga-verde, terá seu pavilhão hasteado por Marcon Antônio Boscon - Atirador 047.

28 - **Sergipe**, escrínio que encerra tesouros do sergipano operoso, terá seu pavilhão hasteado por Edinaldo Alexandre Sousa Silva - Atirador 023.

29 - **Tocantins**, imensa nesga de verde rasgada do solo goiano, terá seu pavilhão hasteado por Rodrigo Marreto - Atirador 061.

30 - **Bandeira do Folclore**, símbolo das lutas, sonhos e anseios de um povo que ama o seu passado, que preserva com carinho tradições, usos e costumes, ostentando a figura do patrono dos festivais - o Curupira, será hasteada por Carlos S. Pascoaletti - Diretor-executivo.

Trinta pavilhões, física ou simbolicamente adejando ao vento das terras olímpicas, dizem aos da terra e aos visitantes que, oficialmente, começa agora o 30.º Festival do Folclore de Olímpia. Salve, Brasil! Encerrando esta cerimônia, vamos acompanhar com muito respeito, a execução do Hino à Independência.

Cantemos, respeitosamente, o Hino Nacional Brasileiro, símbolo auditivo deste país, acompanhando a gravação oficial da música.

Agora, feliz 30.º Festival do Folclore para todos.

Nossos agradecimentos ao Chefe Instrutor do TG 02-025, 1.º Sargento Inf., Valdeci Henrique Durans e a todos os jovens do referido Tiro de Guerra.

QUARTO MOTO-PASSEIO DO FOLCLORE

Sob a égide da Olímpia Motos Honda, no domingo, abertura do 30.º FEFOL, dia 14/08/94, às 10 horas, teve início o 4.º passeio de motoqueiros pela cidade. O itinerário previsto precisou ser ampliado, dado o imenso número de veículos de duas rodas que surgiram - segundo os organizadores, mais de 2000! E a terra tremeu... Saudando Olímpia por ser a Capital do Folclore, vibrando pelo Jubileu de Pérola do Festival, a moçada, seguindo o trio-elétrico, foi a grande sensação da manhã festiva do 14 de agosto de 1994. Público imenso aplaudindo, buzinas e rojões enchendo os ares de estrídulos sons, os toques característicos do carro dos Bombeiros locais, tudo uma festa para os olhos, para os ouvidos, para os corações de todos que vibram quando se trata de folclore brasileiro. Nossos agradecimentos ao Diretor da Olímpia Motos Honda, Sr. José Baroni Júnior. Parabéns, aguerridos motoqueiros!

A VOZ E A VEZ DO BIBI

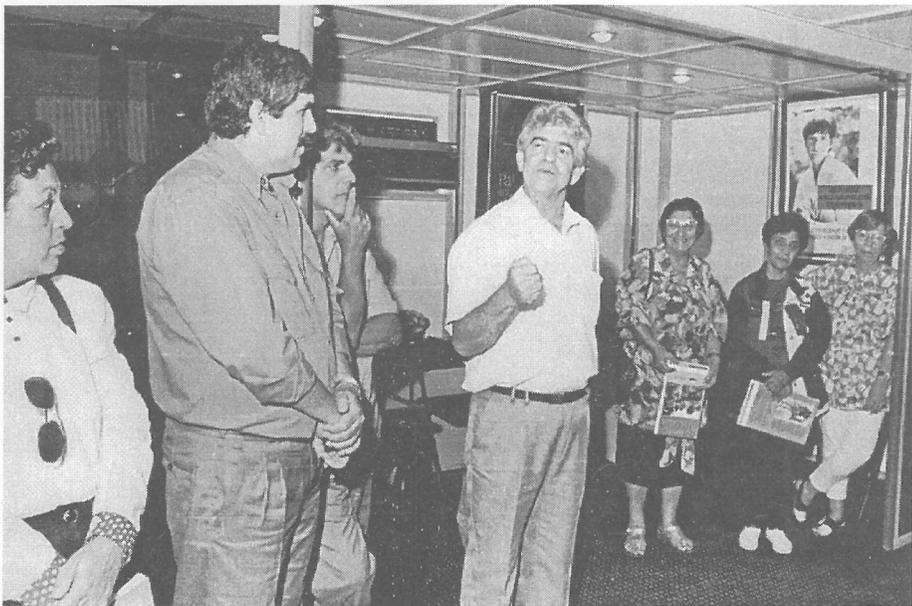
Bibi para os amigos, para políticos e política, Bibi da Difusora, da **Rádio Menina**, Sílvio Roberto Mathias Netto, doutor, radialista, locutor de voz possante, rica em timbres e entonações voltou, depois de muitos anos, a ser o apresentador do Festival do Folclore. Sem desmerecer os que o substituíram nesses muitos anos, foi grande a diferença. De volta o Bibi pontual, excessivamente pontual eu diria, jovem que cresceu acompanhando os nossos festivais, grande conhecedor do trabalho do Sant'anna, coordenador dessa soberba festa, Bibi, dono da bela voz que Deus lhe deu (ou a herdou de Dona Ione e Prof. Rothschild - seus pais). Tudo correu fácil, tudo correu bem. Raramente um papel nas mãos; velha sabedoria sobre Folclore à tona, Sílvio Roberto Mathias Netto soube engrandecer o 30.º FEFOL. Fez-se ouvir sem alterações, sem correrias, sem inúteis divagações. Deu todos os recados com o garbo que o caracteriza, marcou o festival do jubileu de pérola, se estou certa. Como é bom ouvir quem fala bem a língua pátria! Como nossos ritmos cardíacos se harmonizam com o colorido e calor dos festejos! Como tudo corre em paz para o apogeu de tal festividade! Que o Senhor o proteja, doutor Bibi, e permita sua permanência nos palanques de todos os festivais que virão. Amém!



REGISTRO

ACONTECEU NO ESTANDE DO BRADESCO

Lançamento do Anuário/94



No dia 14 de agosto, logo depois do hasteamento das bandeiras, no Estande do BRADESCO, situado no centro da Praça das Atividades Folclóricas, um evento de grande importância teve lugar.

Como acontece há vários anos, o Anuário do Folclore, revista que tem total apoio do BRADESCO, é lançado para conhecimento do público que se preocupa e se interessa pelas manifestações populares brasileiras. Contando com a presença amiga do gerente local, Carlos Porto, o prefeito José Carlos Moreira e esposa, Prof.ª Anita; o vereador Nego de Melo e esposa, Cida de Melo; Sr. Carlos Paschoaletti e membros da Comissão de Folclore: Nelson e Dagmar Caversan, Clarice Queiroz Guariente, João José Abra, Toninho Clemêncio,

Midori Sato e Valdemar Balbo. O Prof. José Sant'anna, com orgulho e felicidade, autografou os primeiros exemplares do Anuário que, usemos de franqueza, está belíssimo e rico em detalhes.

O prof. Sant'anna foi o primeiro a discurrir sobre o anuário que, ininterruptamente, vem a lume no festival. Amigos do mestre falaram sobre o valor da obra e seu autor maior: Prof.ªs Laura Della Mônica, Cidinha Manzolli, Iseh Bueno de Camargo, José Abra e o gerente Carlos Porto.

Um requintado coquetel foi o ponto alto de tal acontecimento. Nossos calorosos cumprimentos ao BRADESCO, pelo apoio; ao Sant'anna, pela obra; aos estudiosos do folclore, pelo rico conteúdo do Anuário. Salve, BRADESCO. Parabéns, José Sant'anna.

REGISTRO

A abertura do 30º Festival de Olímpia

Como vem acontecendo há alguns anos, a belíssima abertura do Festival do Folclore de Olímpia, momento de grande importância nas solenidades programadas, vem sendo entregue a escolas locais, especialmente à EEPSPG “Dona Anita Costa”. Coube-lhe, portanto, o relevante encargo, no 30.º FEFOL e, com esta rica introdução, as festividades tiveram início:

“Começamos a vivenciar o 30.º Festival do Folclore. Estamos orgulhosos, certos de que tudo vale a pena se a alma não é pequena. TRIGÉSIMO FESTIVAL. É o idealismo sobrepondo-se ao comodismo, o entusiasmo vencendo a indiferença, os valores da alma impondo-se aos da matéria, o homem - ser histórico, envolvendo o homem - ser folclórico.

A trajetória do nosso Festival caracteriza-se pelo espírito participativo da gente olimpiense, pelo desprendimento do coordenador do Festival, Prof. JOSÉ SANT’ANNA, pelo entusiasmo de nossa juventude.

Talvez seja este um dos nossos segredos: o impulso que os jovens dão à festa, seja pela sua espontaneidade nas danças, seja pela sua vibração no aplauso aos grupos folclóricos que se apresentam, seja seu interesse em pesquisar e manter vivas nossas tradições. Para tanto, a presença das escolas no Festival reveste-se de grande importância. Assim a EEPSPG. “DONA ANITA COSTA” participa desta abertura, como resultado do trabalho conjunto escola-comunidade. Houve envolvimento de setores do comércio, de pessoas ligadas à área cultural, bem como da Academia Exercício & Cia., na pessoa da Professora ALESSANDRA APARECIDA FURLAN MAGALHÃES NASSER, da Prefeitura Municipal de Olímpia. A coordenação das atividades esteve sob a responsabilidade da Professora ANTONIETA VICENTE NADRUZ, coordenadora de educação Artística da EEPSPG. “DONA ANITA COSTA”. A professora contou com a pronta adesão dos alunos, com o apoio dos pais, com a colaboração dos demais coordenadores da Escola bem como de supervisores, professores e funcionários.

O sentido da apresentação é o destaque aos nossos mitos e lendas, conhecidas por todo o país e representando uma das maneiras de se conservar as tradições e assim manter a união de todos os Estados delineando um dos traços da identidade de nossa Pátria. Nossas crianças já aprendem esta lição e apresentam-se agora divulgando mitos que po-



voam a imaginação do brasileiro autêntico, aquele que, em criança, assustou-se com o LOBISOMEM, com o BOITATÁ, encantou-se com as estripulias do SACI e confia no CURUPIRA como responsável pela vida harmônica entre o homem e a Natureza. Por isso a apresentação de tais mitos. A música das cirandas ligada intrinsecamente a nossa infância traz para a arena do Recinto o encanto

de nossas crianças”.

Momentos de grande empolgação foram vivenciados quando os pequenos do Anita Costa apresentaram personagens míticos do nosso folclore: Saci-pererê, Boitatá e Lobisomem, trouxeram o verde das árvores para o palanque, a lenda do Negrinho do Pastoreio, O Uirapuru, a Criação da Noite, tudo o que de mais belo a natureza legou ao homem, a luta

REGISTRO

dos ecologistas para a manutenção do pouco que resta das matas e dos animais selvagens. Uma apresentação que dignifica aqueles que organizaram a abertura, que honra a meninada (cerca de trezentas crianças) que se esmerou em trajes de brilho e cor, que dançou, que cantou, que vibrou. Nossos cumprimentos a todos que se envolveram nessa manifestação, aplausos aos mestres, aos alunos, aos pais.

Após a dramatização da lenda "A Criação da Noite", a mensagem continuou: Assim nasceu a noite. E pela noite perambulam animais que habitam as matas e florestas. Para estar a salvo da maldade dos homens, contam com um defensor. É o protetor da caça em toda a parte: o gênio cheio de poder, misterioso, de fórmulas diversas, e várias disposições de espírito, vive perambulando entre as árvores, morando nos troncos ocos, alimentando-se de folhas, raízes e frutos. Faz ressoar bem forte o tronco das árvores e assim avisa os animais para que se escondam o quanto antes dos caçadores. Antes das grandes tempestades, percorre a floresta, batendo fortemente nos troncos. Quer certificar-se da resistência deles. Quer saber se vão resistir aos ventos e às tempestades. Conhece,



como ninguém, os mistérios do ecossistema. Só ajuda os homens que não agredem ao meio ambiente. Este é outro aspecto a ser destacado nesta abertura: a conservação e proteção de nossos recursos naturais para que gerações vindouras possam tê-los e não reclamam da inércia dos antepassados. Portanto, é ao

guardião da floresta e da fauna que devemos recorrer para que o homem não destrua o que não criou: a Terra em que vivemos. A presença do Curupira é a mensagem de um povo que diz NÃO à destruição. Assim, pedimos ao Prefeito de Olímpia, senhor José Carlos Moreira que seja o portador de nossa mensagem.

Prefeito e Curupira frente a frente

Como parte do início dos eventos que marcam cada festival do folclore de Olímpia, há sempre a solenidade que culmina com a entrega da chave da cidade ao seu patrono: o Curupira. Quem entrega a chave é o prefeito, é claro, nesse ano, 1994, o senhor José Carlos Moreira. Em síntese, eis o que "conversaram" no palanque, na noite de 14 de agosto, data da abertura do 30.º Festival do Folclore:

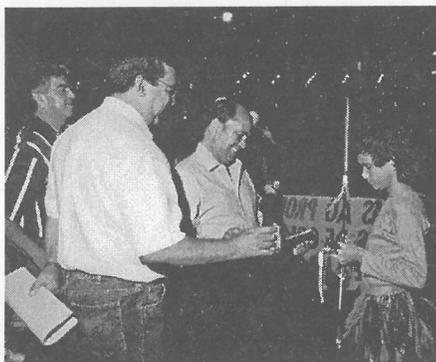
Prefeito: Curupira! Curupira!

Curupira: Quem me chama?

Prefeito: Sou eu, o Prefeito de Olímpia. Estamos no mês de agosto e hoje iniciamos nosso Festival do Folclore. Você, como patrono permanente dos Festivais, deve estar conosco desde o primeiro momento.

Curupira: Isto muito me alegra. Sei que sou o patrono do Festival porque esta cidade tem a preocupação de administrar corretamente o potencial da flora e fauna e, para tanto, conte comigo para proteger nossas matas, nossos bosques e jardins.

Prefeito: É exatamente esta a razão pela qual confiamos em você, senhor dos animais, protetor das árvores. Que-



remos que durante o Festival você administre nossa cidade, reative nos homens o respeito à natureza. Entregolhe a chave da cidade na certeza de seu empenho na manutenção do verde que cobre nosso solo.

Curupira: Não decepcionarei os que em mim confiam. É claro que preciso da ajuda de todos. Nossa união garantirá a harmonia dos homens e isto fará com que a natureza seja preservada. O reflorestamento virá. Os rios voltarão a ser povoados de peixes e plantas aquáticas. O ar puro nos garantirá vida saudável. Os pássaros encherão os ares com seu canto melodioso.

Prefeito: Conte conosco! Nestes

dias do Festival, sob sua administração, que Olímpia possa oferecer um exemplo de defesa da flora e da fauna, bom como de nossas tradições. Que haja alegria e paz em nosso Festival.

Curupira: Assim será!

Pronto, assim, por uma semana, o mítico Curupira governou a cidade, sensatamente, festivamente, com a alegria que o caracteriza, com os cuidados ecológicos que fazem parte das suas funções. No último dia do 30.º FEFOL, devolvidas as chaves ao senhor prefeito, retornam, cada um, para seus respectivos cargos. Tudo na santa paz do Senhor.

REGISTRO

Um busto ao professor Sant'anna

A olimpiense Lúcia Arlene Fonseca apresentou ao Sr. Prefeito Municipal, José Carlos Moreira, ofício especial, acompanhado de exposição de motivos, com cerca de 10 mil assinaturas, solicitando que, através de recursos municipais, um busto de bronze imortalizasse a figura do Sant'anna, criador do Festival do Folclore olimpiense. Eis, na íntegra, o ofício de Lúcia Arlene Fonseca:

Olímpia, aos 14 de agosto de 1994.

OFÍCIO ESPECIAL

Excelentíssimo Senhor
JOSÉ CARLOS MOREIRA
DD. Prefeito Municipal de
Olímpia - SP

Senhor Prefeito.

Com o presente, os abaixo-assinados, respeitosamente requerem se digne VOSSA EXCELÊNCIA de determinar a confecção de um Busto, feito de bronze, que retrate a fisionomia do **PROFESSOR JOSÉ SANT'ANNA**, a ser colocado em lugar especial e de destaque na Praça de Atividades Folclóricas, com placa alusiva ao seu respeitado estudo sobre o folclore, principalmente à comemoração pela realização do 30.º Festival do Folclore - JUBILEU DE PÉROLA -, como prova do reconhecimento do povo de Olímpia à sua incomensurável cultura e plena dedicação ao conhecimento e à divulgação dos costumes tradicionais.

Requerem mais, e por fim, Senhor Prefeito, que por ocasião da solenidade de inauguração, estejam presentes, obrigatoriamente, todas as escolas de Olímpia, enaltecendo, assim, a figura e a obra do Ilustre Homenageado, que escreveu o seu nome na história de Olímpia e do Brasil, perpetuando-o de maneira a mais humilde, mas repleta de sabedoria, de dignidade e honradez.

Respeitosamente,
Lúcia Arlene Fonseca

O senhor Prefeito, munido de boa vontade e entusiasmo, após tomar conhecimento do ofício, acompanhado

da exposição de motivos e da lista de assinaturas dos muitos mil olimpienses, baixou o Decreto n.º 2.643-A, de 14/8/1994 que, na íntegra, é o seguinte:

DECRETO N.º 2643-A, DE 14 DE AGOSTO DE 1994

- Dispõe sobre confecção e colocação de erma em homenagem ao Professor Doutor José Sant'anna.

José Carlos Moreira, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., no uso de suas atribuições legais, e

Considerando que por sua formação técnica e por suas qualidades, o Professor Doutor **José Sant'anna** enriquece o patrimônio histórico, cultural e educacional do Município de Olímpia, do qual é filho ilustre;

Considerando que o referido mestre, um dos mais ativos defensores da cultura popular brasileira, desfruta de inegável prestígio e renome no âmbito nacional, extravasando, pois, não só as fronteiras do Município como do próprio estado paulista;

DECRETA:

ARTIGO 1.º - A Prefeitura Municipal providenciará a confecção de uma erma do Professor José Sant'anna, criador do Festival do Folclore de Olímpia, como homenagem do Município a seu filho ilustre.

ARTIGO 2.º - A erma do Professor José Sant'anna ficará sobreposta em pedestal a ser assentado na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", localizado à esquerda da entrada do prédio da administração daquele próprio municipal.

ARTIGO 3.º - Caberá à Secretaria Municipal da Educação e Cultura a organização do programa e das solenidades de inauguração da erma do Professor José Sant'anna, conforme o disposto no artigo 2.º, a serem realizadas no dia 20 de agosto de 1994, às 16 horas, como parte da programação do 30.º Festival do Folclore de Olímpia.

ARTIGO 4.º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Registre-se e publique-se.-

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 14 de agosto

JOSÉ CARLOS MOREIRA

Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 15 de agosto de 1994.

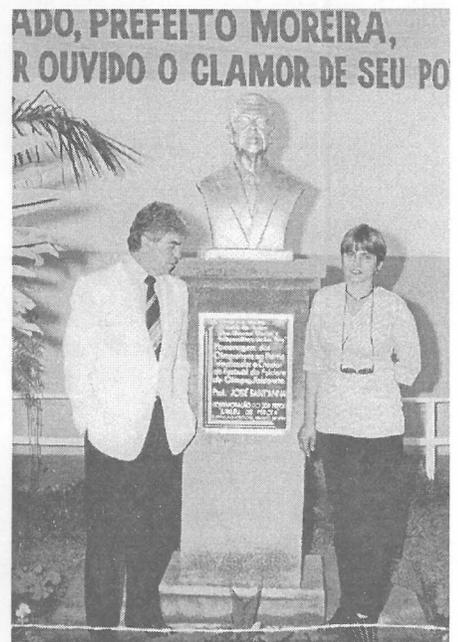
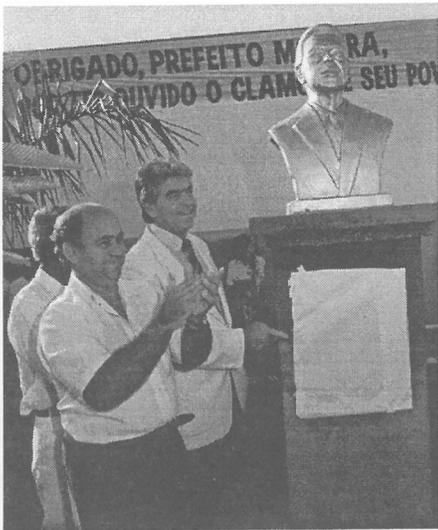
SIDNEY CARLOS SCHALCH
Diretor Geral do Expediente

E, no mesmo dia, abertura do Festival, após a belíssima apresentação da EEPSPG "Dona Anita Costa", no palanque oficial, o magnífico apresentador, Dr. Sílvio Roberto - o Bibi, atendendo à solicitação do senhor prefeito José Carlos Moreira, chama ao palanque oficial o Prof. José Sant'anna, que é, para grande surpresa sua, acompanhado de numeroso grupo de autoridades: prefeito, Dr. Uebe Rezeck (deputado estadual), Dr. Luís A. Moreira Salata (presidente da Câmara) Vereadores: Oswaldo da Silva Melo (e esposa), Dr. Vicente A. B. Pascoal, Osterno de Oliveira Braz, Dr. Fernando A. Cunha (Secretário Adjunto dos Transportes Metropolitanos - SP), e muitas outras autoridades, a Sr.ª Lúcia Arlene Fonseca (idealizadora da homenagem), e muitos alunos das escolas locais portando faixas de gratidão ao Sant'anna. Bibi fala sobre o motivo de estarem ali. Lê os documentos que lhe foram apresentados. O prefeito discursa, enaltecendo o valor do folclo-



rista para a Capital do Folclore. O vereador Vicente A. B. Pascoal também discursou sobre o assunto.

REGISTRO



A multidão aplaude. Sant'anna, sensibilizado e surpreso, só pode dizer: Obrigado. E o espetáculo continuou.

No dia 19 de agosto, sábado, às 16 horas, tudo estava preparado para o grande acontecimento. Autoridades,

políticos, folcloristas, familiares e amigos do homenageado, escolares, famílias olimpienses e visitantes estavam apostos, no local das homenagens ao folclorista Sant'anna. Grupos folclóricos e parafolclóricos de quase to-

dos os estados brasileiros presentes ao 30.º Festival do Folclore, e o professor conduzido por um grupo de congada, chega ao local. Bibi, apresentador do cerimonial, dá início à grande festa, dizendo: "No início desta cerimônia, quero dizer, representando toda a população, que há um certo tipo de pessoa que, depois de algum tempo, em razão da sua atuação, pare-

REGISTRO

ce levitar, deixa de ser um simples mortal para se transformar em mito. Nós nos lembramos dos primeiros festivais, aquela criatura cansada, esgotada, que logo após os dois ou três primeiros festivais se tornou figura lendária. Pouco depois, a mesma figura, como acontece com os mitos, recebeu a denominação de Zé do Bambu, Zé da Festa, Zé do Folclore. Esta criatura, mais adiante, se transformou em mito. Tenho certeza de que em poucos anos, quem sabe uma década, 50 anos, 100 anos, quando alguma pessoa passar por aqui, acompanhada, quem sabe, por uma criança, esta pergunta: quem é esse aí? - É um mito que teve várias denominações em diferentes épocas, mas é um mito que, um dia, bem distante, lá atrás, um século, quem sabe, segundo a mitologia, defendia com unhas e dentes, com ardor, com dedicação, com doação da sua própria saúde e da sua vida, a cultura de um povo que, em essência, representa a defesa, não apenas desse povo mas do território que esse povo habita. Esta cerimônia que ora assistimos, vai transformar alguém que parecia ser uma simples pessoa, num mito, numa lenda: uma lenda chamada José Sant'anna, que teve a denominação de Zé do Bambu, Zé da Festa e Zé do Folclore, mas que vai continuar sendo uma lenda. E, justamente neste instante, ouvindo o clamor do povo e daquele que nos governa, o Prefeito José Carlos Moreira, que acelerou de forma mais rápida do que era de se esperar para que esta homenagem justa se transformasse em realidade, ainda neste 30.º Festival do Folclore que se realiza sob o signo da harmonia, da alegria, da paz. Convidando para o descerramento da placa e busto em homenagem à lenda chamada Prof. José Sant'anna, o Prefeito José Carlos Moreira, o vereador Nego de Melo que, historicamente, tem ligações afetivas com o professor, o deputado estadual Dr. Uebe Rezeck, líder do governo na Assembléia Legislativa, o Diretor-Executivo da Comissão do Festival do Folclore, Carlos Severino Paschoaleti e, também, conduzido por eles, esta lenda chamada José Sant'anna."

Descerrada a placa, sob um estrondoso espetáculo pirotécnico, e apresentado o busto, falaram, homenageando o mestre, os vereadores Dr. Vicente B. A. Paschoal (representando a Câmara Municipal), Dr. Luís F.



Rímoli (representando os ex-alunos), deputado estadual Dr. Uebe Rezeck e o prefeito José Carlos Moreira. Finali-

zando, o Prof. José Sant'anna, emocionado, agradeceu em discurso breve, rogando a Deus paz e saúde a todos.

O Curupira atrás das grades

O nosso "amado" Curupira, Patrono dos Festivais do Folclore de Olímpia, não foi para a prisão, como pode parecer. Jamais! Esse índio ou caboclinho de pés virados para trás, orelhas de abano, peludo, é apenas uma personagem mítica, é de paz. Quando o Sant'anna conseguiu transformar o Curupira no Patrono do Festival, quando criou o Troféu Curupira que é reservado a insígnias personagens relacionadas aos eventos folclóricos, nada mais fez do que dar vida a um Mito que de longe veio. Que Protege nossa fauna, nossa flora. Que desorienta o caçador predador. Que parte o machado de quem abater árvores sem necessidade. Um belo mito. Assim, para não ser abandonado à fúria dos destruidores de tudo que significa cultura popular, foi colocada uma



proteção de ferro ao redor da sua estátua, ali ao lado do palanque das atividades folclóricas. Protegido do assédio de vândalos, na sua humilde pracinha verde, descansa o Curupira atrás de grades. Descansa mas não se furta à função que lhe é destinada: permite que, através da preservação da natureza, se preserve, pelo maior tempo possível, a espécie humana. Bela idéia, Sant'anna. Assim, o nosso indiozinho travesso nos aguardará, incólume, até o 31.º FEFOL.

proteção de ferro ao redor da sua estátua, ali ao lado do palanque das atividades folclóricas. Protegido do assédio de vândalos, na sua humilde pracinha verde, descansa o Curupira atrás de grades. Descansa mas não se furta à função que lhe é destinada: permite que, através da preservação da natureza, se preserve, pelo maior tempo possível, a espécie humana. Bela idéia, Sant'anna. Assim, o nosso indiozinho travesso nos aguardará, incólume, até o 31.º FEFOL.

TRABALHO DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE OLÍMPIA

Sem muito alarde, sem toques de clarins, as nossas escolas vêm realizando meritório e imensurável trabalho por ocasião dos festivais do folclore. É um trabalho sutil e constante, que demanda paciência e persistência. Refiro-me às escolas públicas e privadas às quais compete, entre outras atividades, alojar os grupos parafolclóricos e folclóricos que aqui permanecem, às vezes por mais de dez dias. Manter escolas limpas e com exposições permanentes de trabalhos feitos pelos alunos, relativos ao folclore pátrio. Organização de equipes para desempenho em Brinquedos Tradicionais Infantis, participação em Minifestivais do Folclore, visitação a Museu, Concursos de trabalhos escritos, desenho e pintura sobre temas folclóricos, membros para abertura do FEFOL com danças e coreografia adequadas, enfim, um árduo trabalho anônimo. Por isso, pelo empenho com que essas escolas colaboram para a grandiosidade dos festivais, queremos deixar gravados para a posteridade a nossa admiração por todos que na surdina agem, nossos quilométricos agradecimentos a diretores, professores, a todos que labutam nos bastidores escolares, aos alunos que cooperam. Sem eles, nosso 30.º FEFOL e os que o antecederam não teriam a fama que têm. Mil vezes agradecemos, mil bênçãos rogamos ao Senhor para todas essas escolas: E.E.P.G. "Prof.ª Alzira Tonelli Zaccarelli"/ E.E.P.G. "Dr. Elói Lopes Ferraz" (Baguaçu) / E.E.P.G. "Comendador Francisco Bernardes Ferreira" (Ribeiro dos Santos) / E.E.P.G. "Joaquim Miguel dos Santos" / E.E.P.G. "Prof.ª Maria Ubaldina de Barros Furquim" / E.E.P.G. "Prof. Maurício César Alves Pereira" / E.E.P.G. "Theodomiro da Silva Melo" / E.E.P.G. "Santo Seno" / E.E.P.G. "Dr. Wilquem Manoel Neves" / E.E.P.S.G. "Dona Anita Costa" / E.E.P.S.G. "Dr. Antônio Augusto Reis Neves" / E.E.P.S.G. "Prof.ª Dalva Veira Ítavo" / E.E.P.S.G. "Capitão Narciso Bertolino".

31º FESTIVAL DO FOLCLORE

REGISTRO

Quinto Concurso de Pintura "Óleo Sobre Tela"



Profa. Zeca Scura e Profa. Odete Coradini; ao centro, Dr. Aldo Casarini



REGISTRO



Alguns quadros julgados no 5º Concurso de Pintura "Óleo Sobre Tela"

Criação de Maria Giuseppe Scura, Zeca, o Concurso de Pintura "Óleo sobre tela" tem atraído artistas de toda a região, e os de Olímpia têm se revelado como gênios dessa modalidade artística. A exposição que, após coquetel de abertura é mostrada ao público, é digna de figurar nos anais dos grandes eventos culturais do país. O tema central é sempre o folclore. Por isso, o colorido das telas, as ricas pinceladas em cores sóbrias, o branco e preto se destacam em personagens do folclore brasileiro. Com bastante sucesso, quadros infanto-juvenis se fizeram presentes. Assim ficaram os prêmios:

Categoria Acadêmia: Romeu Tamelini, 1.º lugar

Fernando de Freitas Luís (de São José do Rio Preto) 2.º lugar

Odete Coradini, 3.º lugar

Prêmio Especial: Maria de Lourdes Alessi

Categoria Contemporânea: Maria Cristina Pedroso Manfrin (de Catanduva), 1.º lugar

Marlene Pagotto, 2.º lugar

Maria Aparecida Pereira Santim, 3.º lugar

Assim, mais uma vez, Zeca Scura e seu diligente trabalho aí estão, demonstrando que os festivais do folclore só podem eternizar-se, enquanto artistas se desvelarem como os acima mencionados. E outros que concorreram, venceram pelo belo, sem os três principais lugares, embora. Parabéns aos concorrentes, parabéns a Zeca, parabéns aos premiados.

Curso sobre Folclorística

Comemorando o 30.º FEFOL, sob comando da emérita folcloróloga, **Prof.ª Laura Della Mônica**, realizou-se, nas dependências da EEPSPG "Capitão Narciso Bertolino", o 12.º Ciclo de Palestras sobre Folclorística. O evento foi do dia 15 ao 20 de agosto de 1994, contando com a participação efetiva de 85 alunas do Magistério que, após alegre aprendizagem das principais manifestações

folclóricas do Brasil, deram sua colaboração para a montagem de Exposição sobre os trabalhos realizados, exposição que ficou à disposição do público por dias além do término do 30.º FEFOL.

Os comentários positivos sobre o curso foram unânimes. Está de parabéns a Prof.ª Laura Della Mônica e de parabéns aqueles que participaram desse avançado ciclo de palestras.

6ª Peregrinação Folclórica

Sucesso que começou há seis anos e que, incentivando os grupos folclóricos e parafolclóricos, anima a população do centro de Olímpia, procurando levar uma nesga do festival àqueles que, presos aos locais de trabalho, pouco podem apreciar do que o recinto apresenta, a peregrinação folclórica é um acontecimento ímpar. Movimentou o "Shopping", o seu saguão ficou pequeno para que o Grupo "Cidade Menina-Moça" de Olímpia, o Grupo das pastorinhas de Chã Preta, AL; o Xangrilá do Rio Grande do Sul, a turma de Fortaleza, CE; os jovens de Maringá, PR; a turma de Mato Grosso e outros ali dançassem e cantassem.



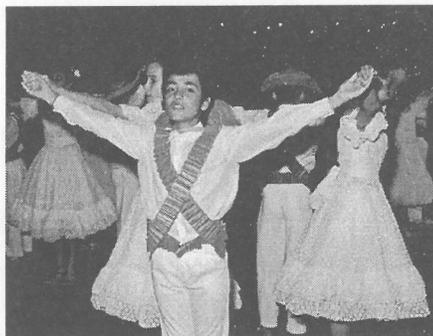
Chamando a atenção da cidade, agradando sempre, dançaram na Prefeitura Municipal, na Caixa Econômica Estadual, no Banespa, no Itaú, no **BRADESCO**, não podia deixar de ser. O encerramento, isto é, o pré-encerramento foi no adro da igreja de São João Batista. Todos os grupos já presentes no dia 19 de agosto apresentando-se de manhã, uma ou duas danças, trajes belíssimos e, depois, com acompanhamento de folcloristas locais, espalharam-se pela cidade, cada grupo a um destino certo. Além das doze horas, sob sol forte e calor ardente, todos passaram

pelo **Bradesco**, um rápido cantar, um bater de palmas ou tamancos, leve sapateado, rumo ao destino previsto.

REGISTRO

Décimo Minifestival do Folclore

Para aqueles que podem escapar de suas atividades comuns no período da tarde, nada melhor do que apreciar alguns dos eventos que fazem parte das manifestações folclóricas que são apresentadas. Geralmente a Barraca da FOSAC, onde a 1.ª dama e sua equipe recebem a todos, é o ponto de encontro. Alunos das creches e escolas locais unem-se a alunos que vêm de um número enorme de outras cidades visitantes e, com professores e acompanhantes apreciam danças folclóricas, recebem explicações sobre instrumentos musicais e artesanato, participam mesmo. É muito bom olhar o rosto feliz da criançada que vibra, que aplaude, que julga e seleciona. E, 1994, ano de eleições não só para presidente da República, mas para governador, senadores e deputados, trouxe, para juntar-se aos assistentes-mirins, verdadeiro pelotão de políticos em disfarçadas campanhas. Tiveram que participar, alguns acho que assistindo a algumas danças pela vez primeira na vida. Assim o Minifestival ficou mais movimentado, as diversões mais animadas, as barracas sempre lotadas. Acho que a criançada vai, por longos anos, lembrar-se do que viu, do que ouviu no 30.º FEFOL. Portanto, mais uma vez parabéns ao Prof. Sant'anna pela criação desse "Mini" que se torna Grande Festival e que tem, em síntese, o objetivo de iniciar pequeninos no conhecimento folclórico. Missão muito bem cumprida.



21º CAMPEONATO DE MALHA

O disputado encontro dos "malhadores" olimpienses, durante o 30.º FEFOL, realizado no Ginásio de Esportes "Olinto Zambon", no dia 14/8/1994, teve seu início às 14 horas e a coordenação esteve a cargo de Alcides Daroz, ferrenho aficionado dessa modalidade esportiva. Todos os participantes foram agradecidos com o certificado que os designa como partícipes, e aos três primeiros colocados, troféus como prêmio. Eis as duplas que alcançaram a premiação:

1.º lugar - Dupla: Alcides Daroz e Elson Mendonça / **2.º lugar** - Dupla: José Luis Nardéli e Frederico Sanches / **3.º lugar**: Dupla: Severino José dos Santos e Osvaldo Lourenço Miller Donato.

A todos os que participaram e, especialmente aos vitoriosos, nossas congratulações e votos de que retornem por anos sem conta, firmes e valentes na "malhação". Parabéns a todos.

23º Campeonato de Truco

Graças aos membros da Barraca "Santa Casa - Demolay", montada em área da Praça do Festival do Folclore, pôde ser realizado o 23.º Campeonato do Truco, esse alegre evento esportivo, que atrai gente de todas as idades, homens, geralmente. Coordenado o evento pelo Sr. Waldemar Aparecido Domingos, no domingo, 14 de agosto de 1994, contando com a presença de olimpiense e gente da região, além de alguns "truqueiros" que de longe vieram, atraídos pela disputa acirrada de sempre, o Campeonato do Truco classificou esta turma:

1.º lugar: Charles Recco e Edison C. Recco / **2.º lugar**: Carlos Brás Alves e Gilberto das Graças Albino / **3.º lugar**: João de Oliveira Filho e Geová José de



Matos / e **4.º lugar**: Francisco Adriano Batista Ferreira e José Antônio R. Aguilar.

A todos os participantes foram concedidos certificados pela presença e troféus aos vencedores. A todos que se esforçaram no Truco festivo, nossos agradecimentos e cumprimentos efusivos. Parabéns, jogadores, coordenador e turma do Demolay.

29ª GINCANA DE BRINQUEDOS TRADICIONAIS INFANTIS



Organizada e dirigida pelo Prof. Wayne Bergamasco, a 29.ª Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis foi lindamente realizada, para felicidade dos petizes locais, para alegria de pequenos visitantes e deslumbramento para adultos que, pacientes e saudosos acompanharam tudo.

A equipe do mestre, com ajudantes firmes, Sandra Maria, Heráclito, Antônio Alberto, Silvana Maria, Paulinho, Leny Aparecida e Roberta, coadjuvados pela Prof.ª Carmem Moro, mostrou a todos que a união faz a força. E, pintalgando os céus, centenas de pipas e papagaios revoltearam pelos ares. Gargalhadas para botar o rabano-porco, para quebrar-o-pote, alçar-se ao topo do pau-de-sebo, vencer a corrida-de-três-pernas, pintar-o-sete, enfim. Valeu. Foram dias de grande alegria, e elas, velhas brincadeiras infantis, não serão esquecidas jamais. Prêmios e certificados de participação foram entregues aos participantes.

Parabéns, dirigentes da Gincana, parabéns, participantes em geral.

REGISTRO

Grupo Parafolclórico de Olímpia

“Cidade Menina-Moça”, esse brilhante grupo parafolclórico, organizado e dirigido por Maria Aparecida de Araújo Manzolli, a Cidinha Manzolli, vem crescendo junto aos festivais do folclore. Crescem os ágeis dançarinos em idade, em tamanho, em desempenho. Cresce o grupo em número de danças impecáveis, em quantidade de jovens de ambos os sexos que o compõem, cresce no esplendor dos trajes com que se apresentam. Já a postos antes da abertura oficial do 30.º FEFOL, a Cidinha e o seu grupo abrilhantando eventos. No palanque quase todos os dias. Nas barracas, vezes sem conta. Na peregrinação folclórica pela cidade, pelos Bancos, mais de uma vez. Impressionante o fôlego desses dançarinos, o dinamismo dos que tocam acompanhando o grupo, da Cidinha sempre presente. Suas gentis auxiliares se esmeram e se tornam perfeccionistas. Merece des-



taque esse grupo de danças parafolclóricas “Cidade Menina-Moça”, do Centro de Tradições Noiva Sertaneja, de Olímpia, pois, além de seu estupendo trabalho local, leva tanta magia e beleza para as cidades vizinhas, engalana desfiles de festas alheias, viaja para plagas distantes, como Ubatuba, litoral norte, levando o nome de nossa cidade. Parabéns a todos vocês que de uma ou outra forma participam do Grupo “Cidade Menina-Moça”; especiais parabéns à Cidinha Manzolli por tanto denodo e encantamento.

Sonhada Xangrilá do Rio Grande do Sul

Xangrilá, o refúgio dos sonhadores, lugar da eterna juventude é, também, o nome da cidade onde o G.T.C. “Vinte de Setembro” tem seu quartel-general lá no Rio Grande do Sul. Um grupo de tradições que divulga a cultura gaúcha, que preserva o folclore riograndense do sul e que traz para Olímpia, ano após ano, um pouco da beleza de tudo que possui de belo.

Prendas encantadoras, gaúchos que sapateiam, dançam e laçam, até corações deixam presos. Um rico Grupo que tem, como Patrão, o Sr. Leodorino Brogni, de cuja Diretoria constam nomes de dedicados gaúchos como o de Tarcísio Freitas Espíndola que compõe, a cada festival, canções sobre pessoas presentes e fatos recentes. O Grupo gaúcho atrai pela beleza dos trajes, pela coreografia perfeita que apresenta como dançarinos eméritos, meninos e meninas que mal entram na adolescência e dançam como famosos



astros do balé mundial. Além de suas apresentações públicas, recebem, com muito calor, a todos que os procuram nos alojamentos da E.E.P.S.G. “Dalva Vieira Ítavo”, da COHAB.

Um bom churrasco faz parte das recepções, um bom vinho com que nos presenteiam, carinho a todos dispensado. Belo grupo, bela gente, gente que não pode deixar de conosco estar. Nós os cumprimentamos calorosamente e agradecemos pelas belezas que aqui os fazem perpétuos.

REGISTRO

O grupo Cazumbá do Maranhão

Um dos mais ricos e coloridos grupos de danças que se apresentaram nos palanques dos festivais olímpicos foi, sem qualquer dúvida, o **Grupo Cazumbá de Teatro e Dança de São Luís, MA**. Não há palavras para enaltecer o deslumbrante espetáculo que os perfeitíssimos dançarinos deram, durante o 30.º FEFOL. Além da beleza coreográfica, da riqueza do inigualável visual, os jovens da Universidade do Maranhão mais se valorizam pelo fato de, ferrenhamente, preservar manifestações do folclore regional. Depois do Bumba-Meu-Boi, que deu iní-



cio aos estudos do Grupo, sob a direção geral de Américo Azevedo Neto, resgatam “ritmos e danças já praticamente extintos da rica cultura popular

maranhense”. - Bogi-Buá, colagem de danças do folclore do Maranhão, encantam tanto ou mais do que o Bumba-Meu-Boi. Ritmos diversos, instrumentos vários, coreografia e trajes deslumbrantes mostram ao público Tambor de Crioula, Tambor de Mina, Dança do Carroço, Baralho, Dança-de-São-Gonçalo, Bambaê de Caixa, Pela-Porco... Beleza demais. Nossos profundos agradecimentos a esses jovens que vieram de tão longe para iluminar o palanque das atividades folclóricas do 30.º FEFOL. Deram um lindo recado.

Tropeiros da Borborema

Grupo parafolclórico, dirigido por Gérson Brito, riquíssimo conjunto de jovens que dançam incansavelmente, que se trajam de maneira colorida, que apresentam repertório folclórico diversificado, os Tropeiros têm-se apresentado nos Festivais do Folclore de Olímpia nos anos de 89, 90, 91, 93 e 94. Gostam do que fazem, gostam de estar entre nós, dançam a qualquer hora que deles se necessite. Neste 30.º FEFOL trouxeram, dentre outras, Bumba-meu-boi ou Boi-paraíba; Cambindas da Paraíba, Dança do Índio, Dança-de-são-sebastião, dos tropeiros, do baião, da araruna, do camaleão, caninha-verde, xote nordestino e xaxado. É contagiante a alegria desse Grupo. O ritmo é vibrante, rica

a coreografia, belos os trajes, magicamente tangidos os instrumentos musicais. Espetáculos dignos de serem apreciados, de onde a explicação do sucesso alcançado em todo o país, na Espanha, na França, nos palcos onde o folclore está presente. E, em carta enviada ao prefeito José Carlos Moreira, Gerson afirma ser o FEFOL o que de melhor os Tropeiros viram em matéria de folguedos e danças. Cremos nele e gratos ficamos. Mais encantados, ainda, por ver, em livreto de 12 páginas, lindamente impresso com a história do Grupo, textos em francês, inglês e português para divulgação internacional, foto e escritos do Prof. José Sant’anna referindo-se à pre-



sença desses ágeis dançarinos nos nossos festivais. Não podemos dispensá-los jamais, são a doce pimentinha da festa máxima de Olímpia. Que o Senhor os acompanhe pelas estradas que palmilham.

Chã Preta do Professor Pedro

Sem entender “travar línguas”, aqui estamos para falar dos maravilhosos jovens que, comandados pelo Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos vêm, sempre que possível, abrilhantar o Festival do Folclore de Olímpia. Aqui estiveram no 30.º FEFOL. Encantaram. Dançaram muito, apregoaram através de rica coreografia o que é Alagoas, especialmente Chã Preta, da região da mata, preserva em matéria de folclore. Assim, pudemos assistir, mais uma vez, ao que há de movimento e sedução no Reisado, no Guerreiro, no Presépio, num Pastoril, no



Quilombo, nas Caboclinhas e nas Cheganças, em Taieiras, Coco e Roda. Danças e folguedos no palanque das atividades folclóricas, nas ruas da cidade, na Prefeitura Municipal, no sa-

guão da Nossa Caixa, do Banespa, do Bradesco, do Itaú, no Curso sobre Folclorística da Laura Della Mônica. Muita vivacidade dos integrantes do grupo que veio nos ver em 1994. Impressora a energia desse ferrenho guerreiro que é o Prof. Pedro. Sua meninada, adolescentes muitos, tem um desempenho de autênticos dançarinos. Vale a pena vê-los, ouvi-los, pois todos cantam... E como! E jornada após jornada, lá se vão as pastorinhas alegrando o festival. Milhares de jornadas felizes, Prof. Pedro, Grupos Folclóricos de Chã Preta, AL.

REGISTRO

Fogança de Maringá

Mais uma vez, para alegria de quem vem apreciar o que Olímpia procura apresentar durante o Festival do Folclore, aqui esteve o Grupo Universitário Parafolclórico "Fogança", de Maringá, PR. Dirigidos e coordenados pela Prof.^a Sueli Alves de



Sousa, essa plêiade de jovens que cantam e dançam e que preservam o belo folclore paranaense demonstraram que cresceram, que se reuniram para perdurar. E, o que é mais importante, disseram, através das suas ruidosas danças e alegres tamancos que entendem de folclore e que hão de preservar nossas mais lídimas tradições. São incansáveis os dançarinos da mestra Sueli. No palanque do FEFOL, nas ruas, nos Bancos, em todo recanto

olimpiense, com seus trajes típicos, podiam ser vistos os dançarinos executando lindas danças e folguedos e muito mais. É excelente o Grupo de Maringá. É excelente o trabalho desses jovens universitários que, além de estudarem o folclore pátrio, procuram, com sacrifícios, sabemos, com alegria, preservar o acervo das tradições da sua terra. Nossos cumprimentos a Sueli e a todos que compõem o seu alegre Grupo.

Sarandi na ciranda do Fefol

Mato Grosso do Sul, ou melhor, Campo Grande, mandou-nos, por ocasião do 30.º FEFOL, sob a coordenação e direção da Prof.^a Marlei Sigríst, um Grupo de Danças Parafolclóricas, o **Sarandi**. Sarandi, por inspirar-se na dança folclórica do mesmo nome, um grupo de alegres dançarinos



da Universidade Federal de MS. Em Olímpia, com muita graça e perfeição, fizeram-se presentes em diversos locais onde o povo os aplaudia e com suas danças vibrava. Pelas ruas da cidade passaram, foram vistos e elogiados. Nos Bancos, como **Bradesco**, **Banespa** e **Nossa Caixa** um recado de sons, música e ritmo. No palanque das manifestações folclóricas, toda beleza que se possa imaginar de um punhado de jovens tão bem orientados. As me-

ninas de saias amplas, os rapazes com sóbrios trajes, ao som de pés atacando tábuas ou cimento ou asfalto e palmas sonoras, apresentaram o Caranguejo, Catira, Cobrinha, Cururu, Engenho de Maromba, Engenho Novo, Sarandi, Siritiri... Muito bom mesmo. De parabéns está a Marlei Sigríst e todos que colaboraram para o formação e divulgação desse feliz grupo de danças parafolclóricas. Parabéns, Mato Grosso do Sul.

INEZITA BARROSO NO 30º FEFOL



Ela, a inigualável voz dourada do cancionero popular brasileiro, severa guardiã da música folclórica, **Inezita Barroso**, cidadã olimpiense, não podia faltar ao 30.º FEFOL. Acompanhou o Prof. Sant'anna desde o despertar dos primeiros festivais, falhando poucas vezes nesses 30 anos e, é claro, teria de trazer sua voz imensa em data tão significativa. Esteve a postos já na noite da abertura do Festival e, quer acompanhando o Grupo Flor do Mato ou solando, Inezita nos brindou com seu repertório popular. Este ano, mais voltada para a música sacro-folclórica, apresentou músicas novas, novas no contexto do que canta sempre, porém amadas, conhecidas de folcloristas, seresteiros e cantores populares. Não se livrou, porém, do velho Lampião de Gás e da Marvada Pinga; o público exige, ela atende. Dedilhando violão ou fazendo gemer a viola, que beleza de voz!

Cada vez mais pujante, cada vez mais abrangente! Uma presença sempre esperada, uma voz que faz parte das nossas festividades de agosto. O Brasil agradece ao Senhor por nos dar a honra de ouvi-la. Olímpia agradece a sua presença constante.

REGISTRO

Desfile dos Grupos Folclóricos

30.º FEFOL chegando ao seu final. Dia 21 de agosto de 1994. Marcado para começar às 8 horas, como é hábito olímpense, atrasou-se e, perto das nove, começamos o deslumbramento que foi o mesmo. Verdadeira multidão, um grande número de estudantes de cidades próximas e distantes de Olímpia, em todo o percurso, aplaudia e não economizava elogios. Sob um sol ameno de manhã, e depois, lá pelo final, muito quente, dirigidos pelo Professor José Sant'anna e seus auxiliares costumeiros: Toninho, Célio,

Midori, Valdemar, Fátima, Clarice, Débora, entre outros, desfilaram pela Aurora Fórti Neves num esbanjamento de ritmos, sons e coloridos, grupos folclóricos e alguns poucos parafolclóricos, prestando homenagem aos trinta anos de festivais. Assim passaram alagoanos, cearenses, goianos, sergipanos, maranhenses, mineiros, mato-grossenses, paraibanos, paranaenses, gaúchos, capixabas, paulistas a mais não poder. Caiapós em belas caracterizações, bacamarteiros com seus tiros ensurdecedores, bumba-meu-boi

riquíssimo do Maranhão, catireiros de Minas e São Paulo, cangaceiros do Sergipe, prendas do Rio Grande do Sul, congadas, moçambiques, fandangos, pastorinhas, folias de reis, coco, reisado, cirandas, vaqueiros, capoeiristas, tropeiros, moçambiqueiros, ilimitados os grupos e suas apresentações.

O Sant'anna está de parabéns por proporcionar a todos um grandioso espetáculo como esse. Olímpia e o Brasil inteiro agradecem por terem visto o belo em todo o seu esplendor.



Folia de Reis - Olímpia - SP



Congada - Olímpia - SP



Capoeira - Olímpia - SP



Moçambique - Olímpia - SP



Caiapó - São José do Rio Pardo - SP



Moçambique - Taubaté - SP



Cordão de Bichos - Tatuí - SP



Congada - Sto. Antonio da Alegria - SP



Batuque - Piracicaba - SP



Reisado Sergipano - Guarujá - SP



Pastoria - Campinas - SP



Catira - Ituiutaba - MG

REGISTRO



Congada - Pratapolis - MG



Congada - São Seb. do Paraíso - MG



Congada - Uberlândia - MG



Congada - Passos - MG



Moçambique - São Seb. Paraíso - MG



Moçambique - Uberlândia - MG



Moçambique - Uberlândia - MG



Catupé - Uberlândia - MG



Caboclos - Belo Horizonte - MG



Baianas - Chã Preta - AL



Taieiras - Chã Preta - AL



Bacamarteiros - Carmópolis - SE



Parafusos - Lagarto - SE



Quadrilha - Lagarto - SE

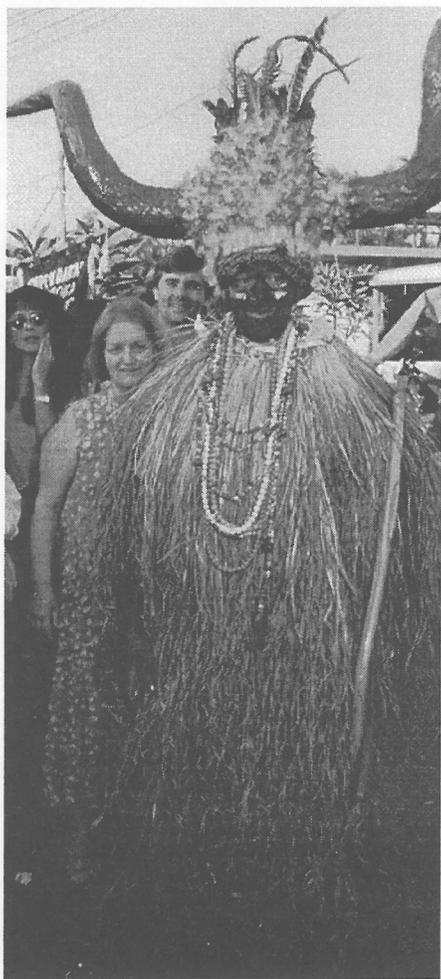


Boi-de-Mamão - Florianópolis - SC

REGISTRO



Caboclinhos - Guarujá - SP



Caiapós - Campestre - MG



Fandango (Tamancos) Capão Bonito - SP



Fandango (Chilenas) Capela do Alto - SP

Chovem Estudantes no 30º Fefol

Bem, chover não foi bem o termo, pois as chuvas não queriam nada com a nossa região. Mas eles chegaram, desde a véspera do início do Festival, em carros particulares, em ônibus fretados, caravanas de estudantes das mais variadas idades e séries, acompanhados por mestres conscientes do valor dessa visita. Alegres, cantando sempre, felizes e brincalhões, aplaudindo os grupos folclóricos, fazendo entrevistas, filmando, e, relutantemente retornando às suas cidades. Cidades próximas: Palmares Paulista, Monte Azul Paulista, Altair, Icém, Guaraci, Cajobi, Embaúba, Barretos, Guapiaçu, Jales, Fernandópolis, José Bonifácio; de longe: Americana, Andradina, Campinas, Rancharia, Marin-gá, Frutal, Uberaba, e centenas de ou-

tros que vimos. Registradas 138 caravanas. Um autêntico mar de ônibus no estacionamento, um número incontável de alunos e professores nos prestigian-do do começo ao fim. À hora do desfile dos grupos folclóricos, no final do festi- val, a cidade fica pequena para acom-odar a quantidade de ônibus que aqui aportam.

Agradecemos a presença de toda essa gente, destaque Pirangi, minha terra, que não falha nunca. E desta feita, além da meninada das escolas, na 5.ª feira à noi- te, trouxe o Grupo da Terceira Idade e dirigentes que saíram deslumbrados, não queriam partir antes do término e, livres fossem, acampariam até o último dia. Parabéns, vocês nos comovem, vo- cês saem mais ricos em experiências.

Olímpia em exposição na paulicéia

Acontece há alguns anos essa expo- sição, graças à gentileza da direção da **Livraria Teixeira**, centro de São Pau- lo, e toda Rua Marconi, n.º 40 e, nas suas vitrinas, durante todo o mês de agosto, os passantes podem ver e se encantar com os Cartazes que anunci- am o novo festival do folclore de Olím- pia. Em 1994 ali estavam muitos car- tazes, convites, diversos anuários dos Festivais que antecederam o 30.º, al- gumas peças do artesanato folclórico. Até os telegramas de congratulações e

agradecimentos do prefeito José Car- los Moreira e do coordenador do Fes- tival, José Sant'anna, ficaram expostos na vitrina. É claro, rua por onde verda- deiro formigueiro humano passa, rua de calçada ajardinado e bancos para descanso, uma vitrina assim chama a atenção, todos param, procuram ler e saber o porquê de tais mostras, divul- gam Olímpia e os seus festivais. É pro- fundo o nosso agradecimento à dire- ção dessa centenária Livraria Teixeira e à Prof.ª Laura Della Mônica.

O alagoano José Teixeira da Silva

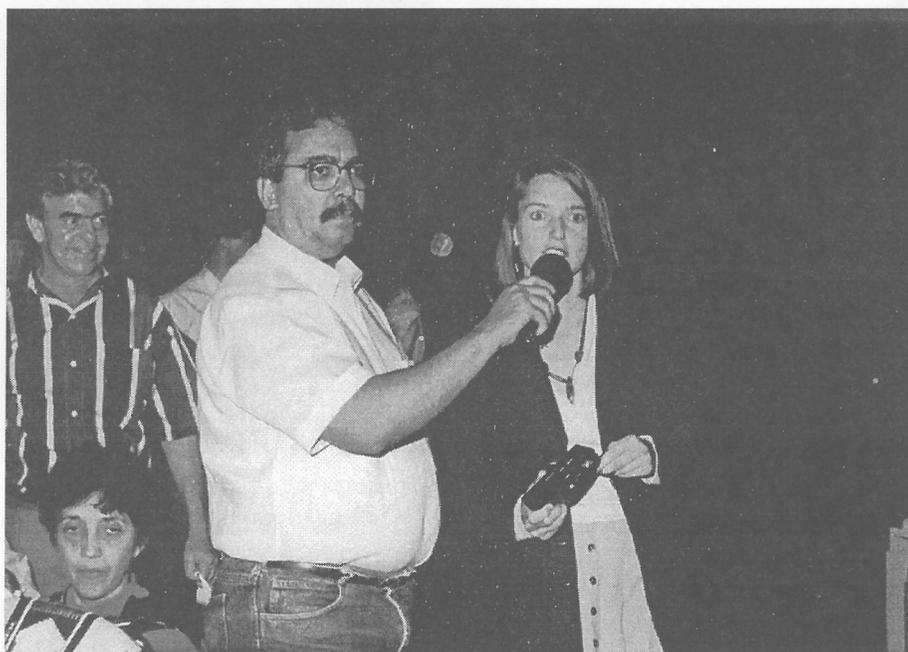
Alagoano e emérito folclorista, de Palmeira dos Índios, AL, José Teixeira da Silva é o fundador do **Bando Flor do Mato**, grupo que se vale do aprovei- tamento do canto folclórico brasileiro e que tanto sucesso tem alcançado por esses rincões distantes. E seu trabalho não diz só respeito à formação de gru- pos vocais. Pesquisa todas as manifes- tações populares: Folias de Reis, Fes- tas do Divino, Congadas, Cururu, Va- quejadas; faz palestras para rádios, jor- nais, televisão, compõe músicas do re- pertório brasileiro. Vive em Santa Bár-

bara D'Oeste, SP, onde tem programa na Rádio Santa Bárbara FM e escreve coluna no jornal local. Assim, um in- cansável lutador que veio de longe e aqui ficou e que, sem alardes, preserva o que é nosso, divulga a riqueza do folclore brasileiro, estimula a pesquisa folclórica, dedica-se aos valores pá- trios. Nossos votos de louvor a José Teixeira da Silva, cumprimentos pelo seu labor, desejos de que o Bando Flor do Mato se perpetue e cumpra sua mis- são divulgadora das nossas raízes. Um abraço amigo.

REGISTRO

Veio da Holanda e quase ficou

Marijike Reuvers, nome difícil de ser escrito, de difícil pronúncia, pertence à bonita jovem holandesa, da capital daquele país, Haia, estudante que já percorreu diversas regiões do globo atrás do folclore de cada povo. Veio para Olímpia por indicação de Jônatas Manzolli; hospedou-se na residência dos pais do jovem músico olimpiense e, durante o 30.º FEFOL, acompanhou, passo a passo, todos os eventos. Com um português relativamente bom, (viveu tempos em Portugal e em Moçambique) era incansável perguntadeira, por tudo se interessava e argüia sem fim. Encantou-se e ao Sant'anna afirmou: "O Folclore do Brasil é muito vivo. Não sabia que tudo isso ainda existe. A cidade ofereceu-me a imagem do Brasil inteiro. Infelizmente, Holanda não tem esse interesse." Filmou tudo, preparou farto material para a escola que em Haia cursa e ensina e, sabe-



mos, fará sucesso com o acervo coletado. Não queria nem mais voltar para seus moinhos de vento, preferindo, é claro, os ventos do folclore brasileiro. Parabéns, Marijike. Leve

nossas belezas para os seus que, de certa forma, conjugaram-se nos primórdios da colonização para tanta riqueza do nosso folclore. Parabéns.

Coimbra veio ao 30º Fefol

Dois estudiosos coimbrãos, sabedores da importância do Festival do Folclore de Olímpia, não tiveram dúvida: organizaram-se e, munidos de câmaras fotográficas e gravadores vieram assistir às festividades finais do 30.º FEFOL. Encantados, lépidos, estavam a postos a todos os eventos, filmando os grupos folclóricos, detalhes mínimos, perguntando a quem os pudesse orientar dúzias de questiúnculas que

viesses a enriquecer o trabalho que seria levado ao Museu de Imagem e do Som da velha Coimbra. Embora não tenhamos tido oportunidade de com eles contatar, esperamos que tenham levado material suficiente para que Portugal, tão rico em tradições, receba um acervo novo de danças e folguedos que, na sua maior parte, têm por lá suas raízes. Nossos cumprimentos aos estudiosos de além-mar. Retornem.

FOLIAS DE REIS NA FLÓRIDA

Olimpiense, filho do saudoso amigo olimpiense, o jovem Welson Alves Tremura, radicado nos Estados Unidos, estudante universitário da Florida State University, Departamento de Música (Etnomusicologia), de Tallahassee, Estado da Flórida, estagiou por muitos dias em nossa cidade, a fim de aprofundar-se no estudo das Folias de Reis. Sua tese de doutorado versará sobre o tema e ele, bom aluno, veio direto às suas origens onde, ao lado de Sant'anna, pôde estudar, analisar funções e finalidades das Folias em nossa cidade e região levando, para a Flórida, material de primeira sobre o assunto. Ouvindo-o discorrer sobre a coleta já feita, pudemos sentir o entusiasmo do jovem estudante e avaliar o quão profundo é o seu conhecimento sobre Folias e seus integrantes. Assim, seu mestre, Dr. Dale Olser, além de avaliar seu trabalho, acabará por ser mais um admirador dessa velha e bela manifestação folclórica, a Folia de Reis. Nossos votos de boa sorte ao Welson e cumprimentos pela feliz escolha do assunto. Parabéns...

O Bradesco almoça nos "Feras"

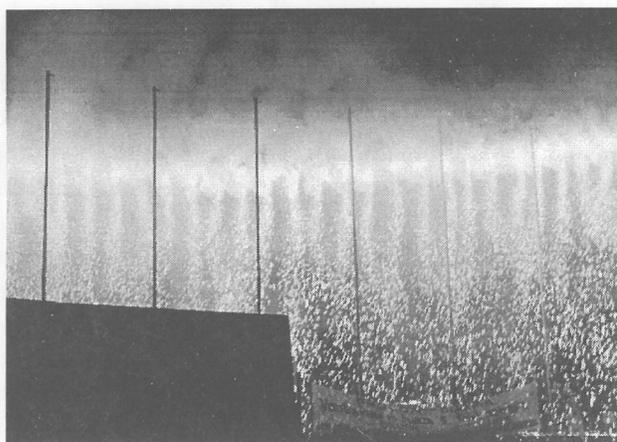
Como vem acontecendo há alguns anos, o **Bradesco**, ao término de mais um FEFOL, aproveita o ensejo e reúne a família bradesquina. São belas homenagens às altas autoridades do Banco, a autoridades locais, aos que lidam no Bradesco no seu dia-a-dia, sendo convidadas pessoas envolvidas nos festivais, alguns membros destacados da Comissão de Folclore. O Prof. Sant'anna é presença obrigatória. É um almoço festivo, alegre, descontraído, rápidos discursos. Em 1994, um coquetel na Barraca "Feras" antecedeu

ao almoço musicado, notando-se a presença dos diretores executivos Firmino Fernandes Sobrinho, Mário da Silveira Teixeira Jr., o diretor regional Antônio Ducatti, o gerente de Marketing Carlos Fabris, recebidos pelo agente local, Calos Aparecido Porto. Além dos bradesquinos, estavam José Carlos Moreira, prefeito; José Sant'anna, Carlos Paschoaletti, Eurides Zangrolami, Dionésio Barbosa e políticos. Muita música, excelente comida, confraternização fácil e festiva. Coisa boa, Bradesco!

REGISTRO

Brincando com fogos no 30º Fefol

O povo de Olímpia adora fogos. Tudo é motivo para um festivo espoucar de rojões. Imaginem, então, como brindar o grande festival da terra! Só com muita, muita luz! Assim, sob o mais deslumbrante céu noturno, espantando o folclórico balé dos curiangos urbanos, um espetáculo pirotécnico, de proporções faraônicas, clama para todos os recantos de Olímpia e seus arredores que o 30.º Festival do Folclore está começando. As pessoas daqui e de fora já se habituaram a tais manifestações de regozijo. Quem esperou não se arrependeu. Uns pequenos sustos, alguns foguinhos fora



do projetado, uma beleza inenarrável para os olhos, para os corações que já haviam presenciado um pouco do que viria a ser o presente festival. Espetá-

culo de tal natureza não se descreve. Assiste. Vibra-se. Como-se com lágrimas. Aplaudese. É uma luminosa forma de começar algo tão belo quanto o é um 30.º Festival do Folclore. Ao Prof. Sant'anna que faz tudo para que vejamos tal maravilha, a todos que colaboram para que isso seja possível aos bombeiros que prontos acorrem, evitando danos de grande monta, aos encarregados da execução de músicas folclóricas acompanhando a queima, o agradecimento de milhares de pessoas que viram, que ouviram, que se entusiasmaram. Viva o foguetório!

A conquista do centro-oeste pelo Bradesco

Conquista pacífica, conquista cultural, social e patriótica que, através da Revista Bradesco de 1994, ficamos conhecendo melhor e mais profundamente, apesar de bem sabermos do que o povo bradesquino é capaz. Belo trabalho que tem 130 mil exemplares espalhados por aí afora, levando a escritórios, bibliotecas, escolas e lares amigos a beleza da apresentação e a riqueza do conteúdo que tal Revista possui. O Festival do Folclore de Olímpia ali está registrado às páginas 38 e 39 sob o título: "30.º Festival do Folclore de Olímpia - Jubileu de Pérola" com fotos belíssimas do bumba-meu-boi do Maranhão, do Terno de Congada de Saiote, Santo Antônio da alegria, SP, do Palhaço da Folia de Reis de Bebedouro, SP e pessoa do Banco ao lado de olimpienses, entre eles o Sant'anna. A Revista mostra a Canuanã, escola das barrancas do Javaé, Tocantins, junto à Ilha do Bananal, escola que conhecemos e com tudo que vimos nos deslumbramos. Uma Revista que deve ser conhecida por todos os brasileiros, por ser o retrato vibrante de um vibrante Banco - Bradesco!

Gratos pelos exemplares enviados aos olimpienses e a mim, Iseh Bueno de Camargo, nossos leais cumprimentos e votos de progresso constante no panorama econômico, social e educacional, metas de sua direção. Parabéns, Bradesco.

31º FESTIVAL DO FOLCLORE

REVISTA BRADESCO

EDICAO TRIMESTRAL Nº 4 - 1994

Boladeiro, personagem típico do Pantanal

A CONQUISTA DO CENTRO-OESTE

CANUANÃ: 21 anos de Pioneirismo

REGISTRO

22º FESTIVAL DE FOLCLORE E ARTESANATO DE GUARUJÁ

A ABRASTI (Associação Brasileira da Terceira Idade), unindo-se à Comissão Municipal de Folclore e Artesanato e Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá promoveram, de 14 a 28 de agosto de 1994, seu 22.º Festival. Do convite-programa que recebemos constatamos que a Terceira Idade de lá é atuante, com apresentação de Banda e Coral, e isso é bom. Interessante, também, a venda de plantas ornamentais e medicinais em exposição. Muita música e cânticos de Capoeira, Encontro de Quadrilhas, Baile à fantasia e apresentação de áudio-visuais com "Os tambores da África" e os "Tambores do Caribe." Nunca pudemos estar lá, pela ocorrência concomitante ao nosso FEFOL, mas esperamos tenha sido tão brilhante, alegre e proveitosa quanto a nossa festa maior. Parabéns aos organizadores, especialmente à folclorista Baronesa Esther de Almeida Karwinsky, e nos votos de que nada os impeça de continuarem firmes em tal evento. Guarujá merece. O país merece.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS DE FOLCLORE - IBEF

Sob essa denominação, foi fundada, a 6 de janeiro de 1995, na Capital do Estado de São Paulo, mais uma entidade civil sem fins lucrativos e que visa atingir os objetivos:

a) Promover a pesquisa, estudos e divulgação do folclore; b) Estimular integração entre a teoria e a prática profissionais; c) Contribuir para o aperfeiçoamento e a revitalização dos sócios; d) Colaborar com eventos folclóricos e culturais em geral; e) Valorizar atividades profissionais; e) Estimular a preservação dos bens e valores culturais do país; e f) Manter intercâmbio com organismos congêneres.

Esperamos que seja sucesso pleno e que o IBEF alcance e ultrapasse os seus objetivos, fortalecendo o folclore nacional em suas mais belas manifestações. Nossos parabéns à Comissão Organizadora e à Diretoria que, em breve, estará em pleno funcionamento. Esperávamos por essa entidade. Fomos atendidos. Parabéns.

Ao prefeito de Olímpia

Um voto de louvor... um voto é muito pouco! Centenas, milhares de votos de louvor a **José Carlos Moreira**, Prefeito Municipal de Olímpia, por suas atitudes, cívicas eu diria, tomadas durante o 30.º FEFOL. Nem um senão nos momentos de aperturas - e como os há! Nem uma palavra intempestiva ante as tempestades que teimam em tentar empanar a placidez dos festivais. Calma e ponderação, boa vontade, ajuda constante dentro do possível, um ar sofrido junto ao sofrido que nada poderia ser feito. Amigo para as horas certas, para as

incertezas dos acontecimentos. O Prefeito demonstrou que sabe conduzir um rebanho rebelde ou ordeiro, que aprecia o trabalho dos que elevam o nome do seu Município através de um festival de tal medida, acalmou com sua calma, botou nos eixos máquinas prontas a mostrar avaria, não se furtou a enfrentar problemas que surgem todos os anos. Foi um grande colaborador, não só do Prof. Sant'anna, mas de todos que se envolveram com o festival. Nossa gratidão será perene, José Carlos Moreira, prefeito Municipal de Olímpia!

A anfitriã perfeita: Anita Ferreira Moreira

Anfitriã perfeita é pouco para dimensionar o trabalho constante executado pela primeira dama olimpense, **Prof.ª Anita Moreira**. Incansável, ágil em centenas de decisões, presente onde se fizesse necessária, calma, ponderada, bem humorada, ela desvelou-se nesse 30.º FEFOL.

Recepcionou com sabedoria e agrado a todos que demandaram a sua Barraca da FOSAC, uma multidão de autoridades civis e militares, políticos em quantidade, artistas de várias modalidades, pessoas comuns, amigos, conhecidos, visitantes. Uma boa refeição

a qualquer hora do dia e noite adentro, pratos variados da variada cozinha brasileira, atendimento de primeira por pessoas de sua confiança e juvenzinhos das creches, uniformizados, educados, entendidos. Nossa primeira dama merecia, quando não por outros eventos, a coroa de louros que aos verdadeiros obreiros do Senhor se destina. Não a tendo em mãos, contentamo-nos, D. Anita, em louvar-lhe a capacidade administrativa demonstrada e parabenizá-la pela facilidade com que recebeu a todos na Barraca da FOSAC.

A festa da beleza acontece em Olímpia

São estas as palavras de **Cáscia Frade**, eminente folclorista que faz parte da Comissão Nacional de Folclore, palavras que viajarão pelo país todo, que irão transpor fronteiras nacionais, impressas no verso dos envelopes para o 31.º Festival do Folclore de Olímpia. Admiradora dos nossos festivais, Cáscia Frade esmerou-se nos seus dizeres que contarão aos convidados o que se faz em Olímpia em prol do folclore brasileiro. Eis o que diz a grande folclorista, a quem registramos nossos agradecimentos: "Para se perceber com maior vivacidade os matices da cultura popular brasileira, independentemente dos recursos que a moderna tecnologia coloca ao nosso alcance, há que se visitar Olímpia, no mês de agosto. Por iniciativa de pessoas idealis-

tas e apoio da Prefeitura Municipal, aliadas à sensibilidade do BRADESCO, nesta época realiza-se ali o Festival de Folclore. Com o de 1995 contabiliza-se 31 anos de realização! Neste evento reúnem-se as mais diversas expressões do Folclore Nacional, cuja exuberância nos leva à perplexidade e nos transporta a um estado de graça. Não se concebe que existam pessoas que ainda hoje não estiveram no Festival de Folclore de Olímpia. Se você é um desses, não se desespere, ainda há tempo para sanar a defasagem. E, tenho certeza, voltará inebriado da beleza.

Cáscia Frade

Comissão Nacional de Folclore
Universidade do Estado do Rio de Janeiro"

DO RIO CÁSCIA ESCREVE AO SANT'ANNA

Apesar dos seus múltiplos afazeres, da sua ainda intensa atividade em torno do folclore brasileiro, Cáscia Frade, nossa querida amiga, consegue tempo para escrever àqueles a quem admira e quer bem. Com rápidas pinceladas dá o seu recado, que é sempre sucinto e completo, minúsculo e imensurável. Eis o que, a 19 de novembro de 1994, através de lindo cartão com motivo folclórico, escreveu ao Prof. José Sant'anna:

"Enquanto a maioria proclama queixas acomodativas sobre dificuldades financeiras, administrativas ou de que outra ordem sejam, você prossegue, sobrepujando todos os problemas, demonstrando competência. Para reafirmar o que digo, aí está o Anuário do 30.º Festival do Folclore. Trinta anos, ininterruptos, de celebração de nossa cultura. Uma glória!

Desejo-lhe muita saúde para poder nos brindar com seu, já histórico, projeto cultural.

Abraço amigo da
CÁSCIA FRADE"

Nossos sinceros agradecimentos, amiga Cáscia, nossa perene admiração e, de coração, retribuimos votos de muita saúde, muita paz e felicidade. Há de, com o mestre, brindar o projeto referido, se Deus quiser. Nossos abraços amigos.

SANT'ANNA PRESIDENTE DE HONRA

Presidente de Honra de Aruanda, Cia. de Danças Folclóricas de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Este o título mobiliárquico com que o Prof. Sant'anna foi agraciado a 22 de agosto de 1991, admitido como Presidente de Honra desse espetacular grupo de danças parafolclóricas brasileiras.

É uma honra ser portador de tal título, pois esse grupo, além de brilhar nos festivais olimpienses, leva o folclore brasileiro a todos os recantos do país e a diversas regiões do exterior. O realismo que os dirigentes do Aruanda exigem das danças, demonstra que o folclore pátrio está sendo corretamente difundido e preservado. Repito: é um honroso título e, por mais essa gentileza da "Cia. de Danças Folclóricas" de Minas Gerais, nossos aplausos e agradecimentos.

31º FESTIVAL DO FOLCLORE

REGISTRO

Um grande aficionado do folclore

Neste ano de 1995 entra para valer nas lides folclóricas da Capital do folclore, o vereador **Sr. Oswaldo da Silva Melo**, muito conhecido dos olimpienses por Nego de Melo, como diretor-executivo do Festival do Folclore. Nego de Melo, há muitos anos, ou para melhor esclarecer, desde o início das atividades folclóricas em Olímpia é atuante colaborador

da nossa festa maior. Dinâmico, sério, corajoso, honesto, e ao lado de todas estas qualidades essenciais a um homem exemplar, é também folclorista. Nego de Melo é vereador e conta com a amizade e simpatia de todos os companheiros que compõem a Câmara Mu-



Sant'anna entre o casal Nego (Cida) de Melo

nicipal de Olímpia. É o porta-voz do movimento folclórico olimpiense na Câmara. Quem está muito feliz com o seu trabalho é o coordenador de sempre, o criador do Festival do Folclore, Prof. José Sant'anna e sua equipe de trabalho, pois Nego de Melo é firme no que diz: uma só palavra. Parabéns, Nego!

Visita do governador Covas



Por ocasião da visita do governador de São Paulo a Olímpia, o diretor-executivo do 31.º Festival do Folclore, sr. Oswaldo da Silva Melo e coordenador, Prof. José Sant'anna, entregaram a Sua Excelência, o Dr. Mário Covas, uma estatueta do Curupira, esculpida em argila, em caixa especialmente confeccionada, com os dizeres:

"Curupira é o patrono do Festival do folclore de Olímpia. Apresenta os pés voltados para trás, pois a esta entidade mítica atribui-se a missão de protetor da flora e da fauna, utilizando-se para bem cumprir sua tarefa variados artifícios:

engana os caçadores, persegue-os e até vinga-se deles quando observa que matam animais pelo simples prazer da caça; bate nos troncos das árvores quando presente a aproximação de tempestade para alertá-las quanto à intempérie que se aproxima."

Com a outorga da imagem do Curupira, Olímpia distingue pessoas que colaboram na concretização do Festival do Folclore.

Capital do Folclore, 10-6-1995

José Sant'anna
Oswaldo da Silva Melo

REGISTRO

Láureas ao Sant'anna

UMA PEQUENA HISTÓRIA DE FÉ

Num momento em que todo o país fala em crise, em que grande parte dos cidadãos sentem-se apenas capazes de lamentar a sorte e lançar críticas ao vento; vale mais lembrar um exemplo de vida bem próximo, aqui mesmo em Olímpia.

Há 40 anos, um simples professor teve um sonho e juntamente com seus alunos começou a preparação de um evento, que ano a ano cresceu e, nove anos depois, tornou-se nacional.

Sonhou em realizar um Festival que reunisse numa semana grande amostra do Folclore Nacional, e assim o fez.

O Festival cresceu. Vieram grupos de várias cidades paulistas. Vieram grupos de todo o Brasil. O nome de Olímpia correu todo o Estado e varou todo o território nacional.

O turismo cresceu. A economia cresceu. Olímpia cresceu! Hoje estamos celebrando o 31.º Festival do Folclore, em nossa cidade.

Os sonhos são sementes da História.

E o nome desse sonhador, a quem todos devemos glória, é professor José Sant'anna.

FEFOL É TEMA DE SAMBA ENREDO

Desde o Carnaval de 1994, a famosa Escola de Samba da COHAB III - Acadêmicos do Samba III - do Conjunto Habitacional "Hélio Casarini", de Olímpia, colocou o folclore local como tema dos enredos de seu samba. No ano passado, na composição musical do samba-enredo escolhido, destacou-se a estrofe:

Olímpia, tem no folclore

As lindas danças

Do nosso país

O samba foi da autoria de Pita e Laércio. Fez sucesso: boa música, ritmo, cor local.

Neste ano, 1995, novamente Pita e Laércio compuseram seu samba-enredo com olhos e ouvidos presos ao folclore. Não se esqueceram de destacar o Prof. José Sant'anna como folclorista, criador e coordenador do Festival do Folclore.

Bem lembrado nesta estrofe:

Lembrança que ficou no coração

Lembrança que até hoje não morreu

Sant'anna refez uma casa pobre

E hoje transformou em um museu.

Ficamos felizes por ver que nossos artistas populares estão valorizando o folclore pátrio, destacando aqueles que batalham por sua preservação. Isso é história local. Isso é história nacional. Parabéns, compositores olímpenses.

São incontáveis as homenagens que o professor Sant'anna recebe durante a realização dos festivais do folclore. Muitas e diversificadas, todas cultuando seus feitos na longa caminhada de trinta festivais brilhantemente realizados, por ele criados e coordenados. São justas homenagens. São tocantes, às vezes belíssimas pela simplicidade dos Grupos Folclóricos que homenageiam, outras muito ricas pelo esplendor com que se realizam. Dentre as muitas que recebeu, por ocasião do 30.º FEFOL, destacamos:

1 - Placa de Prata que o Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", sob coordenação de Cidinha Manzolli (na foto, ao lado do professor Sant'anna), entregou na noite de 18 de agosto de 1994, em meio à pomposa cerimônia festiva, com os seguintes dizeres:

Olímpia, agosto de 1994

Professor Sant'anna

A trajetória do Festival do Folclore em Olímpia e de sua vida fundem-se num mesmo caminho.

A história de Olímpia também passa por esse caminho, reveste-se de idealismo, ajudando a manter as tradições que compõem a identidade do país.

Com admiração

Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça"

E o grupo da Cidinha Manzolli ainda surpreendeu o homenageado, Prof. Sant'anna, com o oferecimento de caríssimo e útil mimo, rica caneta toda dourada. De ouro? Não sei. De ouro foi o gesto dessa menina que dança tão bem, dessa grande mestra que é Cidinha Manzolli. Parabéns, moçada. Todos os nossos agradecimentos.

2 - Iridescente Placa do Senhor Prefeito Municipal de Lagarto, SE, que assim foi redigida:

Honra ao Mérito

A José Sant'anna, coordenador do 30.º Festival do Folclore, no município de Olímpia, Estado de São Paulo, nossa homenagem pela incansável luta no resgate das tradições folclóricas do Brasil.

José Raymundo Ribeiro

Prefeito Municipal

Lagarto - SE, agosto de 1994.

Essa láurea foi entregue no dia 17 de



agosto de 1994 ao Prof. Sant'anna pelo Sr. Gérson Santos Silva, da Secretaria da Cultura Municipal, em nome de José Raymundo Ribeiro, Prefeito de Lagarto e dos lagartenses em geral. Uma digna homenagem, partindo de onde veio um dos primeiros folcloristas brasileiros, Sílvio Romero, esse nosso inesquecível historiador e estudioso das lides pátrias. Enquanto se apresentavam os ma-

gistrais Parafusos e se desenvolvia a diferente Quadrilha Junina sergipana, a homenagem foi prestada ao Sant'anna, adquirindo um brilhantismo inusitado.

3 - Veio daquele enorme e ruidoso grupo folclórico, Batalhão de Bacamarteiros de Carmópolis, SE, a entrega de mais uma placa, também de prata, onde está gravado:

Carmópolis, SE, agosto de 1994

Ao Dr. José Sant'anna

Coordenador do 30.º FEFOL

O Festival do Folclore de Olímpia é uma prova incontestável de um dos mais gratos privilégios da cultura popular, um laço de união entre brasileiro e uma fonte de sadia alegria.

O Batalhão de Bacamarteiros se insere no contexto das festividades oferecendo, também, a oportunidade para que todos possam compreender melhor nosso país. Parabéns, Sant'anna.

Nossa gratidão,

Idelfonso Cruz Oliveira

Secretário da Administração.

Esta foi, sem qualquer contestação, uma sonora homenagem, culminando com o presente de um chapéu de bacamarteiro, uma cartucheira e um bacamarte, passeio pela arena que circunda o palanque onde se apresentam as danças e algumas outras manifestações folclóricas e, com pompa e garbo, alguns tiros de bacamarte. Um deles desferido, com certa dificuldade, pelo homenageado, Prof. Sant'anna. São, pois, estas loas, gravadas em ouro, prata, bronze, mármore que, de certo modo, amenizam as agruras da jornada em prol da preservação do folclore regional e nacional e aquecem o coração de quem as recebe. Por isso tudo, e por tanto carinho dos amigos que dele se lembram, o Sant'anna agradece, sem saber como retribuir. Que Deus a todos cubra de bênçãos, amém!

REGISTRO

Honra ao Mérito a Sant'anna

Homenagem que a Comissão Catarinense de Folclore, de Florianópolis, presta ao Prof. José Sant'anna pelos muitos serviços prestados em prol do Folclore brasileiro. O ofício, assinado pelo Sr. Doralécio Soares, presidente da entidade, tem o seguinte teor:

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Florianópolis, 23 de agosto de 1994

Ilmo. Sr. Prof.

Dr. José Sant'anna

Olímpia - SP

Prezado Professor

Tem esta por finalidade, encaminhar ao ilustre Prof. o título de HONRA AO MÉRITO, outorgado pela Comissão Catarinense de Folclore, em sessão realizada no dia 22 de agosto do corrente ano, por proposta do signatário desta.

É uma pávida homenagem, pelo muito que o ilustre professor tem realizado na área da cultura popular brasileira, com a realização anual do Festival Nacional de Folclore, em Olímpia.

É nossa intenção que esta nossa homenagem seja extensiva a todos seus companheiros que anualmente não medem sacrifícios para manter viva a chama que acende a "pira", que tributa a homenagem, que se estende por todo território nacional em louvor a nossa cultura popular.

Com cumprimentos e admiração, abraça-o

Doralécio Soares

E este é o título, o diploma que o Mestre recebeu:

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

HONRA AO MÉRITO

A Comissão Catarinense de Folclore, de conformidade com que estabelece a Letra C do Artigo 3.º dos seus Estatutos, concede ao **PROF. JOSÉ SANT'ANNA, fundador do Festival de Folclore de Olímpia, pelo muito que tem feito**

pelo Folclore Brasileiro, o reconhecimento da Comissão Catarinense de Folclore.

Florianópolis, 22 agosto de 1994

Myriam B. Carvalho - Secretária

Doralécio Soares - Presidente

Assim, mais uma vez, nossos agradecimentos a esse reconhecido povo do Sul do país e nossos sinceros votos de que tão íntimos laços de amizade perdurem por anos sem conta. Somos gratos a vocês.

Vereadores cumprimentam o professor Sant'anna

Os trabalhos do **Prof. José Sant'anna** em prol do folclore brasileiro têm sido exaustivamente reconhecidos por toda a gama da sociedade nacional. No entanto, quando esse carinho parte de atarefados elementos da Câmara Municipal de Olímpia, tem sempre um cunho de proximidade, de sinceridade, de real amizade. E devem ser apontados. Foi, pois, com prazer, que destacamos os cumprimentos dos senhores vereadores olimpienses através de **requerimentos** unanimemente aprovados pelo Plenário: **Dr. Nilton Roberto Martinez**, ("um voto de aplauso ao emérito folclorista, pelo

contínuo e excelso trabalho desenvolvido no decorrer dessas décadas, que justificam, inclusive, as mais excessivas lisonjas"); do **Dr. Luiz Alberto Zaccarelli**, moção ao mestre e à Comissão Organizadora do 30.º FEFOL e do **Dr. Luiz Fernando Rímoli** ("Considerando que nossa festa maior tem na figura do Prof. José Sant'anna seu grande idealizador, propulsor e incentivador, "...), cumprimentos merecidos e meritórios. Aos três ilustres representantes da edilidade olimpiense, nossos agradecimentos, esperando estejam sempre conosco nesse festivo caminhar.

O dia do professor na Escola Dalva Ítavo

A E.E.P.S.G. "Prof.ª Dalva Vieira Ítavo", do Conjunto Habitacional Antônio José Trindade, de Olímpia, dirigida por Claudete M. Gemigniani Correia, resolveu, em 1994, prestar ao professor uma homenagem diferente. Ex-alunas de antigos e queridos mestres deviam escolher um para ser homenageado no Dia do Professor. Muitos aposentados da cidade foram enaltecidos na festa organizada pela Prof.ª Maria Alice A. B. Savareli: Deodato Pereira, Dines D. Zambon, Diva Thomé, Helena Célia de A. Castro, Jaime L. C. Neves Filho, José Sant'anna, Julieta B. Pereira, Leila R. Tojeira, Lourice A. Sgorlon, Maria Luci M. Netto, Maria T. de Castro, Rothscild Mathias Netto (também historiador), Tereza Coletto Sousa e Valdecir Casagrande.

O corpo docente da casa foi homenageado juntamente com os mestres aposentados. O nome do Prof. Sant'anna foi escolhido pela ex-aluna, atual professora da Escola, Ceres Regina Garcia.

A cerimônia revestiu-se de um colorido todo especial: serem os aposentados escolhidos por alunos que por eles passaram em dias idos e talvez belamente vividos. Acredito que jamais serão esquecidas as homenagens prestadas, especialmente ao Sant'anna que, aposentado embora, atua junto a ex-alunos e seus filhos e seus netos em incansáveis lições sobre folclore. À direção da Escola, aos seus mestres, ao corpo discente, a todos da E.E.P.S.G. "Dalva Vieira Ítavo", os agradecimentos dos homenageados e dos olimpienses em geral.

REGISTRO

Sant'anna, Personagem Cultural

De acordo com pesquisa realizada pela "Muito Exclusivo Assessoria & Marketing e coluna "Acontece", contando com o apoio da Prefeitura Municipal de Olímpia, Associação Comercial e Industrial desta cidade, Folha da Região (jornal local) e Rádio Difusora, diversas pessoas, entidades, firmas, setores da indústria e comércio olimpiense deveriam, por seus feitos, receberem homenagens específicas. Assim é que o Prof. José Sant'anna, por seu desempenho na organização do festival do folclore, pelo seu trabalho literário na confecção dos Anuários do FEFOL e outras tantas lides culturais, foi indicado para receber o "Premium Desempenho 94", o que aconteceu no clube de Campo "Álvaro Brito", no dia 25 de novembro próximo passado, em meio a requintada festa, congregando cerca de 80 homenageados. Um coquetel bem elaborado precedeu ao jantar festivo quando, a cada escolhido, foi entregue diploma, sendo que na láurea que coube ao Sant'anna, lê-se:

Premium

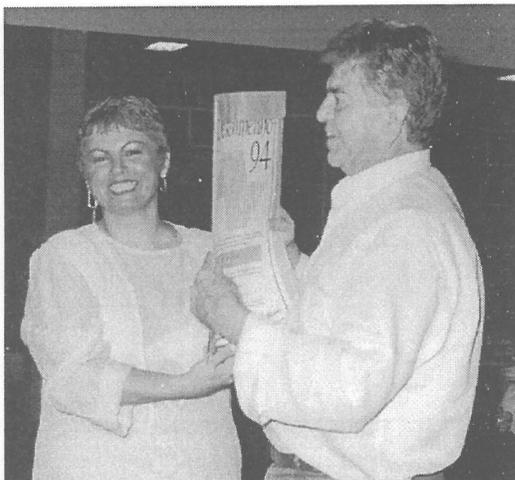
Desempenho 94

A Muito Exclusivo Assessoria e Marketing e Coluna "Acontece", de acordo com pesquisa desenvolvida nos diversos segmentos sociais e empresariais da cidade e região, resolve homenagear

Prof. José Sant'anna

Personalidade Cultural

outorgando-lhe esta áurea como



reconhecimento público por seu brilhante desempenho em suas atividades junto à comunidade.

Olímpia, novembro de 1994

Muito Exclusivo Assessoria e Marketing

Sérgio Martins

Coluna Acontece

Marilei Barssalho

Apoio: Prefeitura Municipal de Olímpia

Associação Comercial e Industrial de Olímpia

Folha da Região

Rádio Difusora

Creemos que a seleção foi perfeita, especialmente quando "Personagem Cultural" coube a um mestre merecedor de todas nossas loas, de todas homenagens que se lhe façam no tocante ao mister "Cultura". Estão, pois, de parabéns, todos os homenageados; está de parabéns o Prof. José Sant'anna. Olímpia está de parabéns. Aos outorgantes do título, nossos cumprimentos.

Sant'anna em Ribeiro dos Santos

Em 9 de dezembro de 1994 a E.E.P.G. "Comendador Francisco Bernardes Ferreira", de Ribeiro dos Santos (Olímpia), escola dirigida pela Prof.^a Maria Helena Dionísio do Espírito Santo, encerramento do ano letivo, homenageou o folclorista José Sant'anna que, naquelas salas de aula, fez todo o antigo curso primário.

Hoje, o Grêmio Estudantil de Ribeiro dos Santos tem, como patrono, seu ex-aluno, Prof. José Sant'anna. Coordenando a programação, a Prof.^a Maria Lucrecia da Silva Miranda, apresentou números de danças, canto, poesia, dublagens, bem como danças

do Grupo Parafolclórico de Olímpia, "Cidade Menina-Moça", dirigido por Cidinha Manzolli. Prof.^a Mirtes Helena Cisotto Viana, vice-diretora, não poupou esforços para maior brilho da festa. Lembrança dos alunos da escola, membros da jovem agremiação, veio aumentar os troféus do mestre. A alegria maior do professor, segundo expôs em discurso de agradecimento, foi recordar que todas as professoras envolvidas na solenidade tinham sido suas alunas no magistério. Viva, pois, Ribeiro dos Santos. Nossos cumprimentos pela festa, nossos agradecimentos pelas homenagens. Parabéns.

TOADA AO PROF. SANT'ANNA

Pois é. A dupla Cláudio e Claudinho, no programa radiofônico "Ditinho Sertanejo" da Rádio Difusora Olímpia, às 21 horas do dia 9 de dezembro de 1994, com a presença do Prof. José Sant'anna, interpretou a música **Capital do Folclore**. Tanto a letra quanto a música são da autoria dos jovens, bem como acompanhamento de viola e violão. Boa voz a dos moços, voz que lembra Tonico e Tinoco pelo timbre e entoação, a música conta o que é o Festival do Folclore de Olímpia, o que o Sant'anna fez e faz para a preservação da cultura popular brasileira; canta o que é a Capital do Folclore em agosto. Com um LP gravado pela Chororó de São Paulo, esses jovens irão longe. Nossos cumprimentos a eles, gratos pela lembrança, que o futuro lhes seja promissor. Eis a **Capital do Folclore** de Cláudio e Claudinho:

1 - Todo ano realiza
Em Olímpia um grande evento
É a Festa do Folclore
Lindo acontecimento
É o professor Sant'anna
Mostrando garra e talento
Proporcionando ao nosso povo, ai
Cultura e divertimento.

2 - Por Capital do Folclore
Assim é Olímpia chamada
Hoje, até no estrangeiro
Esta festa é afamada
Graças aos seus dirigentes
Pessoas conceituadas
Na sociedade olimpiense, ai
São figuras destacadas.

3 - Por isso é que convidamos
Com toda a sinceridade
Para assistirem à festa
É para qualquer idade
O Folclore Brasileiro
É rico em qualidade
Nós falamos com franqueza, ai
Ela deixará saudade.

4 - Agosto é o mês da festa
Que encontro animado!
A cidade se prepara
Vem gente de todo lado
Na verdade, é muito bela
Em tudo há um agrado
O Folclore une o povo, ai
Deste meu país amado.

CONGADAS DE SÃO SEBASTIÃO

Aconteceu no dia 30 de dezembro de 1994, em São Sebastião do Paraíso, MG, a festa das Congadas da cidade, velha tradição local. José Sant'anna e Antônio Clemêncio da Silva fizeram-se presentes, atendendo ao convite do Sr. Zovan Bicego, presidente da Congada Chambá, nossa velha conhecida. Hóspedes oficiais da cidade, foram grandemente homenageados. Sant'anna foi entrevistado pela Rádio Difusora Paraisense e pela Rádio Ouro Verde visitou rapidamente o prefeito Lair Furtado e o vice Jaime Antônio de Sousa e, de corrida, os capitães dos grupos folclóricos que participam anualmente dos Festivais do Folclore de Olímpia. As boas vindas aos visitantes olímpenses ficaram a cargo do historiador local, Dr. Luís Ferreira Calafiori. E, para grande satisfação do Sant'anna, durante o desfile dos grupos, quase todos teciam loas a Olímpia. Os capitães do "Terno de Moçambique do Diamante" e dos Congos "Angola", "Canários do Paraíso" e "Ipiranga" ofereceram os seus bastões ao Prof. Sant'anna. A Congada "Chambá", com 250 participantes desfilando, homenageou a cidade de Olímpia através de música, entregando placas de prata aos visitantes. Gravadas estão nas placas:

**São Sebastião do Paraíso - MG
30-12-1994**

Sr. Antônio Clemêncio da Silva
Nossos agradecimentos pela hospitalidade durante nossa participação nos festivais de folclore realizados em Olímpia - SP.

Terno de Congo Chambá

**São Sebastião do Paraíso - MG
30-12-1994**

Prof. José Sant'anna
Nossos reconhecimentos pela sua dedicação ao folclore nacional e atenção especial (30 anos de participação) de nosso Terno no Festival do Folclore de Olímpia.

Terno de Congo Chambá

Culminando as homenagens, os olímpenses ainda foram recepcionados após os desfiles, às 4h30min. Parabéns, São Sebastião do Paraíso, parabéns, Congadas e congadeiros.

As Folias de Itaú

Itaú, MG, apresentou, no dia 5/2/95, na Praça Nossa Senhora das Graças, o 9.º Encontro das Companhias de Santos Reis. Para tal, a Prefeitura Municipal local, através do ofício n.º 1/95 da SEC, convidou a Comissão de Folclore de Olímpia e, representando-a, lá estiveram o Prof. José Sant'anna e Antônio Clemêncio da Silva. Lá chegando antes do raiar do sol, sendo recebidos pelo Sr. Benedito Salviano de Paula, um dos organizadores do Encontro. Após rápida visita ao prefeito, Dr. Clézio Antônio Alves, assistiram à chegada das sessenta e oito Companhias mineiras. Em espaçoso pátio, as Folias puderam-se apresentar

em todo o seu esplendor e sabedoria.

Nesse ritmo festivo, segundo o Prof. Sant'anna, decorreram as apresentações e o almoço: cada Companhia dando o seu recado, à entrada do ambiente onde se comia e, agradecida, deixava o recinto. E, almoçando com autoridades e membros da Comissão Organizadora, deixou o Prof. Sant'anna os seus cumprimentos a cada Folia de Reis na forma de um compacto simples, disco da Companhia de Reis "Estrela da Guia", da família Miranda, Olímpia. Nossos parabéns a Itaú de Minas, aos organizadores do Encontro, às mais de sessenta Companhias. Que tal evento se perpetue.

Sant'anna pelo nordeste

Em fevereiro de 1995, José Sant'anna e Antônio Clemêncio da Silva viajaram por quase todo o Nordeste brasileiro, contatando folcloristas e dirigentes de grupos folclóricos, visando o 31.º FEFOL.

Pouco tempo em Imperatriz, MA, depois São Luís, capital, diversos dias. Ali assistiram ao Carnaval, visitaram museus; a principal visita foi ao museu do Centro da Cultura Popular "Domingos Vieira Filho" onde foram recebidos pela folclorista Maria Michol Pinto de Carvalho, entusiasta estudiosa do folclore maranhense. O professor teve oportunidade de pesquisar sobre o Tambor de Crioula, participante dos festejos carnavalescos e travou conhecimento com o Prof. Sérgio Figueiredo Ferretti, presidente da Comissão Maranhense de Folclore, na Casa da Mina, de dona Celeste. Ali puderam conversar com a prefeita de São Luís, Conceição de Andrade. Foram recebidos pelo casal Dr. Carlos Lima e Prof.ª Zelinda M. de C. Lima, recebendo os livros "Bumba-meu-Boi", "Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, MA" e "Histórias do Maranhão", todos da autora do Dr. Carlos. Hospedados pelo Grupo Cazumbá, foram recepcionados pelo Dr. Américo de Azevedo Neto, ex-secretário da Cultura do Maranhão.

Depois foram para Teresina, Piauí, visitando o Prof. Manoel Paulo Nunes, presidente da Academia Piauiense de Letras.

Chegam a Fortaleza, CE, onde assistem à apresentação de grupos folclóricos e parafolclóricos, sendo homenageados pelo grupo "Terra da Luz", dirigido pelo Prof. Francisco Silva Freitas. Dali trouxeram peças artesanais para Olímpia. O Prof. Sant'anna manteve contato com o folclorista Dr. Florival Seraine.

De Fortaleza para Natal, RN, em visita ao grande amigo do Sant'anna, Veríssimo de Melo, que doou diversos livros aos amigos: "Literatura de Cordel", 2.ª edição, "Síntese Cronológica da UFRN (1958-

1988)", "Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, "Faça-se Luz" (contribuição à História da Energia no Rio Grande do Norte).

Daí foram para Campina Grande, PB, mantendo contato com grupos folclóricos, acompanhados pelo Prof. Gérson de Oliveira Brito. Seguiram para João Pessoa, capital, hóspedes de Altimar de Alencar e Francisca Neuma Fechine Borges. Para Olímpia trouxeram as obras: "Estórias de Cabedelo" e "Estórias de São João de Sabugi" (de Altimar) e "Uma voz feminina no Mundo do Folheto", (tese de mestrado), de Maristela Barbosa de Mendonça, autora de escritos sobre Maria das Neves Batista Pimentel (mãe de Altimar) e trouxeram também o livro "Presença de José Américo na Literatura de Cordel", de Francisca Neuma.

De Paraíba, rápida passagem pelo Recife, PE, e, a seguir, Maceió, AL, hóspedes do folclorista Pedro Teixeira de Vasconcelos. De passagem por Aracaju, SE, de onde seguiram para Feira de Sant'Ana, BA com destino a Macaúbas para estar com o Prof. Ático Vilas-Boas da Mota, presidente da Comissão Nacional de Folclore, que reside em soberba mansão. Nesse paraíso permaneceram por diversos e produtivos dias, conhecendo a cidade e suas atrações típicas, desde feiras à Fundação Prof. Mota. Algumas cidades baianas foram visitadas: Brejinho, Carabas, Livramento. Livros doados por Ático Vilas-Boas: "Poetas de Macaúbas" (de Allan José Figueiredo) e "Vésper" (Mestre Manole, tradução de Luciano Maia), bem como peças artesanais para o nosso Museu. Um mês viajando, conhecendo o Nordeste, pesquisando o rico folclore pátrio, revendo folcloristas, fazendo novos amigos. É claro, muitas novidades para o 31.º Festival do Folclore de Olímpia. Nossos cumprimentos ao Prof. Sant'anna por sua bela viagem, esperando que outras regiões do país o receba em breve. Parabéns.

REGISTRO

LITERATURA DE CORDEL DE JOSÉ AMÉRICO

Francisca Neuma Fechine Borges, de João Pessoa, PB, enviou ao Prof. Sant'anna, março de 1995, seu livro

"**Presença de José Américo na literatura de cordel**". Interessante que um Ministro brasileiro houvesse, de alguma forma, enriquecido as páginas literárias do folclore pátrio e, entre outros autores, Neuma isso demonstra cabalmente. E no seu livro, o Ministro é cantado e decantado em versos bem dosados, cantada a sua vida pessoal, política e social, literatura de cordel, bem ao gosto do nordestino, do paraibano, do folclorista que há dentro de cada um de nós. É um meio feliz de conhecermos melhor José Américo, sempre mencionado nos meios jornalísticos apenas como político. Neuma apresenta o valor do ilustre homem e isso é bom. Parabéns, Francisca Neuma e muito gratos lhe somos.

A VIDA NOSSA DE CADA DIA

Obra que a autora, **Dalva Soares Bolognini**, enviou, através do Prof. Sant'anna, para a Biblioteca da Comissão de Folclore de Olímpia, no início do corrente ano. Uma história real, onde todo o passado de uma família italiana emerge, desde o século anterior aos dias atuais, deliciando o leitor com o dia-a-dia difícil e alegre de gente unida, um autêntico atestado de que o folclore está presente em nossas vidas. Rossini Tavares de Lima e Julieta de Andrade coordenaram os escritos de Dalva, dando-lhes autenticidade e valor. Nós nos envaidecemos de possuir tal obra entre nossos pertences e agradecemos a autora pela lembrança, cumprimentando-a pela bonita idéia. Não pare de relatar fatos tão singelos e ricos, fazemos votos.

OBRA DE ALEIXO LEITE FILHO

Com a dedicatória, "Ao estudioso do folclore, José Sant'anna, com a esperança de ver este livro nas bancas escolares", chega-nos às mãos a obra de **Aleixo Leite Filho**, "**Noções de Folclore**". Vai desde o conceito de folclore às necessárias conclusões folclóricas, passando por manifestações populares várias, linguagem acessível, trabalho de fôlego. Parabéns ao autor e os agradecimentos do Sant'anna. Que suas esperanças se realizem, fazemos votos.

Estórias populares de São Paulo

O folclore é preservado através de uma série de manifestações, dentre as quais ressaltamos sempre a importância dos contos. Por isso, quando uma obra impressa surge, sabemos que mais jóias folclóricas estão sendo divulgadas e perpetuadas. É o caso do livro de **Waldemar Iglésias Fernandes**, de Sorocaba, SP, "**Estórias Populares de São Paulo**", com 82 estórias coletadas na sua cidade e arredores: Piracicaba, Botucatu e Sorocaba. Um agradável prefácio de Hernâni Donato abre as páginas do livro e, por amenas sendas,

lá vai o leitor descobrindo a magia das "estórias que o povo contava". Estórias do Malazartes, de animais, de santos, de gente boa, de gente ruim, estórias que o povo guardou, recolheu e o Iglésias divulga, agora. Para enriquecer nossas bibliotecas, para ampliar nossos conhecimentos folclóricos. Isso é muito bom. Parabéns ao dinâmico escritor por sua coletânea e os agradecimentos do Sant'anna pelo recebimento da obra. Continue a coletar e divulgar o que é nosso. Vale a pena, amigo. Parabéns.

Momento Legislativo

Desta feita, Legislativo como revista da União Parlamentar Interestadual, de setembro de 1994, editada em Araras, SP, distribuída para todos os Estados brasileiros. Saulo Gomes é o seu Diretor Responsável e Marleine Cohen, Diretora de Redação. Por sua ampla divulgação, pela excelente apresentação visual da Revista, pelo conteúdo variado e seletivo é que nos sentimos honrados por vermos nosso 30.º Festival do Folclore ocupar duas páginas centrais da mesma. Sob o título, "Todas as Notas do Folclore Nacional" e ilustração de quatro belas fotos sobre eventos folclóricos, Olímpia e seu 30.º

Festival foram homenageados, foram divulgados. Ali estão, com explicações de Marilei Barsalho, do jornal "Folha da Região", fotos do Terno de Moçambique de Uberlândia, MG; Terno de Congada Chambá, de São Sebastião do Paraíso, MG; Bumba-meu-boi de São Luís, do Maranhão e Caiapós de São José do Rio Pardo, SP. É uma honra para os olimpienses receber um tal destaque e, não só o Sant'anna, criador e coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia, como toda a população local agradecem à direção da Revista e a todos que selecionaram a matéria. Aqui estamos, gratos e às ordens.

Marcelo Tupinambá - obra musical de Fernando Lobo

(sob o prisma de Benedito Pires de Almeida)

Benedicto Pires de Almeida (Zico Pires), velho estudioso das coisas nossas, da nossa gente, amigo do Sant'anna, amigo de Olímpia, enviou-nos exemplar do seu "Marcelo Tupinambá", obra que faltava nos arquivos do histórico nacional. Nessa obra, o engenheiro, músico, compositor, folclorista, tieteense de escol, Marcelo Tupinambá, ou melhor, Fernando Álvares Lobo, seu nome verdadeiro, é apresentado ao leitor em todas as nuances da sua agitada vida de brasileiro do início do século. Aí está ele casando-se, em Barretos, com jovem de família da região, Irene Ferreira de Menezes, fixando residência em Olímpia, cercado de amigos, medindo terras na zona rural e aí "colhendo melodias

sertanejas" e assistindo a muitos cate-retês. Na cidade, projetou a antiga Igreja Matriz de São João Batista de Olímpia, construída sob sua orientação, e é, também, autor do plano do jardim do largo circundante da igreja. Em Olímpia nasceu-lhe o primeiro dos sete filhos do casal e, em 1921, por motivo de saúde, foi residir em São Paulo, sem, no entanto, esquecer-se desta terra, desta gente. Muito gostoso de ler o seu livro, amigo Benedito. Brilham em suas páginas as fagulhas do seu amor à terra, ao povo simples, aos que, de alguma forma, engrandecem a nação. É com orgulho que agradecemos a dádiva da obra que ao Sant'anna dedicou e, esperamos, outros tupinambás sejam lembrados pela sua pena mágica. Que Deus o conserve sadio, lúcido e tão nosso amigo. Amém.

REGISTRO

RECEITAS DA TIA GUIDINHA

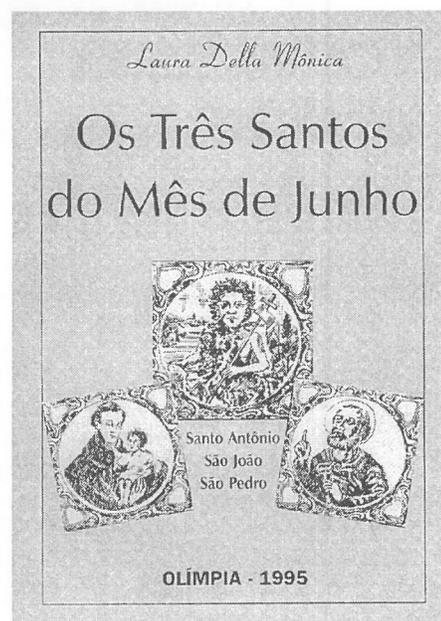
Das mãos de **Margarida Diniz Bastos**, (Tia Guidinha para os amigos) chegou, para o Prof. Sant'anna, a pequena jóia da culinária brasileira, "Receitas da Tia Guidinha", obra bem ao gosto popular, lembretes folclóricos de uma cozinha do passado. Para quem aprecia doces com cheirinho do que se foi, doces ricos em ovos e pequenos segredos gastronômicos, nada melhor que essa amostra do que foi a cozinha da "Vó Isabel", da "mãe Umbelina" ou da "amiga Antônia Pegã". Bolo espera-marido, bolo de fécula, de fubá, de mandioca, biscoito lamparina, biscoito "alma de padeiro", broas, pudins, cremes, pé-de-moleque e outras delícias trazem uma doce Tia Guidinha para dentro dos nossos lares, para a nossa mesa. E tudo é festa. E é muito bom. Pela feliz lembrança, cumprimentos à Tia Guidinha e agradecimentos à Dadá, sua querida filha, que trouxe pessoalmente o livro. É essa, também, uma forma de, preservando o que é nosso, transmitir às futuras gerações o gosto doce da cozinha brasileira de ontem. Nossos agradecimentos.

FOLCLORE SÃO-CARLENSE

Lígia Temple Garcia Gatti publicou o livro intitulado "Aspectos do Folclore São-Carlense" e, agradecendo ao Prof. Sant'anna pelas gentilezas recebidas, outro são-carlense, Sérgio Albertini, fez questão de enviar um exemplar para enriquecimento da biblioteca do mestre. É obra que mostra São Carlos, cidade paulista, crescendo, atraindo colonos que vão povoando as férteis terras e trazendo, de diferentes regiões, o folclore regional. A autora caminha pelo desenrolar da cultura popular são-carlense, levando o leitor a conhecer, de forma histórica, o evoluir dessa cultura, o folclore de sua terra, de sua gente. Uma pesquisa de fôlego, um volver os olhos para a história, enriquecendo os estudos atuais, engrandecendo os estudos folclóricos da terra brasileira. À autora nossos parabéns, ao Sérgio os nossos agradecimentos. Não vamos esquecer-lo, amigo.

Os três santos da Laura Della Mônica

Nossa querida cidadã olimpiense, professora, folclorista, escritora e amiga destas plagas, acaba de ver o lançamento de seu livro, "**Os três santos do mês de junho**", em 12 junho de 1995, obra que dedica ao Prof. Sant'anna. Embora de cunho essencialmente religioso, o livro é uma preciosidade para estudos folclóricos, sociológicos e lingüísticos. Constantemente visitando nossa cidade, Laura se transformou em ferrenha defensora do título de Capital do Folclore para Olímpia, admira o trabalho do Sant'anna, pesquisa, estuda, colabora. É, pois, com muito orgulho que cumprimos a **Prof.ª Laura Della Mônica** por sua nova obra, desejando-lhe pleno e imorredouro sucesso. Que os três santos estejam com você, escritora brasileira, cidadã olimpiense.



Índice do folclore capixaba

De Renato Pacheco e Luiz Guilherme Santos Neves, o livro com título acima chegou ao endereço do Prof. Sant'anna, enriquecendo sua vasta biblioteca folclórica. Caracteriza-se por fina seleção de verbetes do que os autores consideram essencial para o estudo

do folclore. Passando por todo o alfabeto, é uma jóia de bem elaborada condensação, transformando-se em obra essencial para o estudo do folclore pátrio. Aos autores, nossos cumprimentos e votos de pleno sucesso no trabalho encetado. Gratos pelo envio da obra.

Antônio, João e Pedro na Noiva da Colina

Piracicaba, a Noiva da Colina, tem, na pessoa de Maria Célia Crepschi Coimbra, mais uma firme batalhadora da divulgação dos ritos e rituais que envolvem a trilogia religiosa dos três santos juninos. Esmiúça, neste livro, o fascínio e encantamento das festas e devoções dedicadas a Santo Antônio, São João

e São Pedro. Um importante trabalho de pesquisa folclórica, de estudos religiosos, sociais e educacionais de Piracicaba e região. Nossos cumprimentos a Maria Célia, desejando seja sua obra bem divulgada e conhecida, pois é veio manancial para estudos antropológicos. Parabéns, gratos pelo envio do trabalho.

Encontro nas Laranjeiras

Falo do **20.º Encontro Cultural de Laranjeiras, SE**, uma verdadeira concentração de folcloristas brasileiros que concorrem, assim, para a feitura de uma Revista que contém o melhor do que se escreve no país sobre cultura popular. Ali se fazem representar, entre outros, Aglaé Fontes de Alencar, Bráulio do Nasci-

mento, Luiz Beltrão, Hildegardes Vianna, Laura Della Mônica, Saul Martins, folcloristas que conhecemos e admiramos. Pela bela obra pedagógica que recebemos, nossos agradecimentos e efusivos cumprimentos, com votos de que não cessem as Laranjeiras de produzir tão ricos frutos. Parabéns.

REGISTRO

OS NORDESTINOS DA LAURA DELLA MÔNICA

Sob o título "O Nordeste no Brás: uma questão cultural", a Prof.^a e folclorista **Laura Della Mônica** apresentou sua dissertação de Mestrado junto à Escola de Comunicação e Artes, USP, em 1992. É uma obra de imenso valor pedagógico, pois a autora envereda, com fôlego, pela migração nordestina em busca do bairro italiano de São Paulo, o famoso Brás do início do século. Com Laura percorremos a Avenida Pestana, a Celso Garcia, as ruas Carneiro Leão, Visconde de Parnaíba, revemos o que restou dos italianos, dos espanhóis, caminhamos pela história paulistana. Belo trabalho da cidadã olimpiense, merecedor, pois, dos nossos profundos cumprimentos e agradecimentos pelo envio de original que enriquecerá nossa biblioteca. Gratíssimos.

LIVRO DO PROF. SANT'ANNA

Com o título "História dos Símbolos do Município de Olímpia", uma obra de amplo alcance educativo, eis o livro que o **Prof. José Sant'anna** conseguiu, após profundas pesquisas, fazer publicar. Esse livro beneficiará, com certeza, todos os estudantes olimpienses, sempre carentes de material para pesquisa, prestará grande auxílio aos mestres como fonte de estudos sobre Olímpia. Nossos parabéns ao Sant'anna por esse feliz acontecimento de junho de 1995, justificando o que está no final da excelente obra: Símbolos de Olímpia.

Trabalho em torno da decodificação e da organização cronológica dos Símbolos Visuais e Auditivos do Município de Olímpia.

É um estudo aprofundado dos Símbolos que envolvem a cidade, dos revogados aos vigentes. Uma pesquisa completa, de grande importância para a história de Olímpia, pois os símbolos, com adequada interpretação, podem traduzir lemas e ideais, e contribuir para a elucidação de alguns fatos através da força da imagem.

É com grande alegria e profundo respeito que, mais uma vez, cumprimentamos o Prof. José Sant'anna, esperando sucesso pela recém - terminada obra. Parabéns, mestre.

Manual do Folclore

Editado pela Global Universitária, SP, recebemos da folclorista, cidadã olimpiense, **Prof.^a Laura Della Mônica** o seu livro "Manual do Folclore" 3.^a edição. É livro básico para estudos do folclore, proporcionando aos estudantes e professores a condensação magnífica que Laura fez ao percorrer os caminhos floridos da pesquisa da cultura popular brasileira. Nas palavras do Prof. José Sant'anna, 4.^a capa do livro, estão as justificativas do trabalho da companheira de lutas e amiga pessoal, autora da mencionada obra: "A preocupação dominante deste Manual do Folclore reside, pois, em levar os alunos a compreenderem não só valor das manifestações folclóricas, mas ainda o mérito de sua contribuição ao estudo da sabedoria popular.

Laura Della Mônica, evocando o que é puramente nosso - as vibrações da alma brasileira -, soube, como mestra incomparável que é, afastar todos os elementos que nos são prejudiciais ao plano educacional para engenhar este trabalho de cunho didático.

Trata-se de uma obra de amor, tecida de vasta matéria que lhe imprime forma de muita beleza e exatidão, para emitir sua mensagem, testemunhando, destarte, a fonte inesgotável de cultura transmitida pelo folclore, adensando idéias, planos e atividades.

José Sant'anna
"professor e folclorista"

Nossos efusivos cumprimentos à autora e votos de que a 3.^a edição seja apenas o vestíbulo das várias dezenas de edições que virão. Parabéns, Laura.

Recortes de Folclore

Sugestivo nome do livro de **Adelino Brandão**, "Recortes de Folclore", terá agora a sua segunda edição. O autor foi, segundo o Prof. Sant'anna, o primeiro companheiro de lutas folclóricas que conheceu, amizade que se formou desde aqueles distantes dias (1956) em que o mestre olimpiense nem sonhava em coordenar os festivais de folclore que criaria. Por isso,

pela amizade que atravessa os anos, pela mútua admiração que os liga, a obra de Adelino Brandão será sempre bem recebida, seus livros sempre bem-vindos, lidos e estudados. Merecidos os elogios que vêm recebendo seus "recortes de folclore", mestre Adelino, merecidos os prêmios e as menções. Boa sorte para a nova fase, são nossos votos.

O "Diabo" do Altimar

Estórias do Diabo, livro de contos que acabo de receber do emérito escritor, folclorista de Cabedelo, Paraíba, **Altimar Pimentel** é, sem dúvida, obra que enriquecerá nossas bibliotecas escolares. Contos bem selecionados, o demo à solta, cínico, matreiro, esper-

to, conquistador. Um livro que diverte, que agrada, que amplia conhecimentos. Valeu a pena, Altimar. Nós lhe agradecemos pela feliz lembrança e o cumprimentamos com orgulho, esperando por inúmeras outras obras que virão. Parabéns, amigo.

Aroreira de Minas Gerais

Não uma planta mineira, mas uma publicação da **Comissão Mineira de Folclore** que nos chega às mãos trazendo notícias do Folclore do Estado vizinho, dos difíceis trabalhos dos companheiros de lutas, um pouco das lutas de folcloristas das terras de Tiradentes. No seu ano 1/n.º 0 de agosto de 1994, Domingos Diniz fala

sobre o mês do Folclore, folcloristas apresentam "Reflexões sobre cultura, folclore e escola", traz artigo sobre Congado, Brinquedos Infantis, Artesanato, Mito e Lenda no Folclore e Calendário Folclórico. Que não fique no ano 1/n.º 0, que se perpetue e que nos procure sempre, fazemos votos.

REGISTRO

Voz feminina no Cordel

BOLETIM DE FOLCLORE

A Comissão Nacional de Folclore mantém em dia seus Boletins que, pelo país todo levam amostragem do que se faz em prol da preservação do patrimônio cultural brasileiro. Nesses Boletins, um pouco de tudo o que vai pela nação inteira, encontros, pesquisas, publicações, menções a Olímpia e ao seu festival, sempre o Folclore em primeiro plano e os folcloristas em destaque. Nossos cumprimentos à Comissão Nacional de Folclore, a Ático Vilas-Boas da Mota, Bráulio do Nascimento, Paulo de Carvalho-Neto, Cáscia Frade, Delzimar Coutinho, Maria Luiza Figueira de Melo, gente que preserva o que é nosso. Parabéns e os nossos agradecimentos pelo Boletim n.º16.

BOLETINS FOLCLÓRICOS QUE NOS CHEGARAM

São muitos os que vêm ter às nossas mãos. Contam o que cada Estado, cada região, sofredamente, faz em prol da preservação do folclore brasileiro. Trazem-nos os nomes daqueles que preservam a cultura popular. Estes dois não falham nunca: o "Boletim da Comissão Paraibana de Folclore" e o da "Comissão Maranhense de Folclore". O 1.º sob a presidência de Altimar de Alencar Pimentel e o 2.º de Sérgio Figueiredo Ferretti. Desta feita, o maranhense trouxe tudo sobre o seu decantado Bumba-Meu-Boi: enredo, etapas, personagens, estilos. Muito bom. O paraibano, a vida e "obra" de "Severino". Borges, pernambucano por nascimento, poeta que viveu por muito tempo na Paraíba, autor de folhetos de literatura de cordel, conhecidos por todo nordestino. E o amigo Veríssimo de Melo fala sobre "Repentes Antológicos". E Teresa Aquino fala de "Santos e Santeiros". Muito, muito bom mesmo. Agradecemos a lembrança, esperando contar com Boletins sobre o folclore nordestino e nortista por anos sem conta. Somos gratos.

VERÍSSIMO DE MELO
TRIBUNA - Natal, 25.12.1994

Livro importante na bibliografia da literatura de cordel foi publicado agora: "Uma Voz Feminina no Mundo do Folheto", de Maristela Barbosa Mendonça - Ed. Thesaurus, Brasília, 1944. Trata-se da revelação da autora de cordel Maria das Neves Batista Pimentel - que teve papel saliente nos idos de trinta no Nordeste.

Vemos, agora, que Maria das Neves está ligada à saga dos Nunes Batista - família de poetas e cantadores desde 1950, na serra do Teixeira, na Paraíba. Vejam como ela se apresenta em face de sua ascendência: "Eu sou filha de poeta / e neta de repentista / meu avô era Ugolino / e meu pai Chagas Batista / também faço poesia / o poeta é um artista."

Brava e extraordinária a luta de Maria das Neves - numa época em que a mulher era discriminada e proibida de competir com os homens em qualquer ramo de atividades. Conhecendo seus pendores poéticos e a tradição de família, seu marido desafiou-a escrever um folheto, que ele o venderia na rua. Maria das Neves ponderou que ninguém compraria folheto escrito por mulher. O marido sugeriu então que usasse um pseudônimo - Altino Alagoano. E assim foi feito. E os folhetos de Maria das Neves foram aparecendo, com o pseudônimo de Altino Alagoano: "O CORCUNDA DE NOTRE DAME", "O AMOR NUNCA MORRE" E "O VIOLINO DO DIABO" - dramalhão ao gosto da época. E tanto sucesso teve o folheto que aconteceram várias edições. Mais tarde, a editora Guajarina se apossou do folheto, publicando outras tantas edições, sem dar a menor satisfação à autora.

Com a morte do marido, Maria das Neves redobrou sua luta para criar os fi-

lhos - entre os quais o mais velho é o ilustre dramaturgo e folclorista Altimar de Alencar Pimentel. Maria das Neves tentou viver e trabalhar no Rio de Janeiro, mas não teve chance. Regressou a João Pessoa, onde passou a viver com pequeno salário de funcionária do Estado. A Prof.^a Maristela Mendonça fez análise percuciente da obra poética de Maria das Neves, mostrando o seu processo de criação, influência e alto poder de transposição de romances em folhetos de cordel.

No mundo do cordel, aliás, são raras as vozes femininas que apareceram e se firmaram - sobretudo naquela época. Maria das Neves foi uma exceção - resultado tanto do seu talento quanto das influências que recebeu do grande Chagas Batista, seu pai, e tantos outros seus antepassados. Lembremos que, entre os seus parentes, estão alguns dos mais notáveis cantadores da atualidade, como os irmãos Batista - Lourival, Dimas e Otacílio. Como ainda o poeta Paulo Nunes Batista, que reside em Goiás, além de outro saudoso estudioso do cordel: o ensaísta Sebastião Nunes Batista, autor de uma Antologia da Literatura de Cordel.

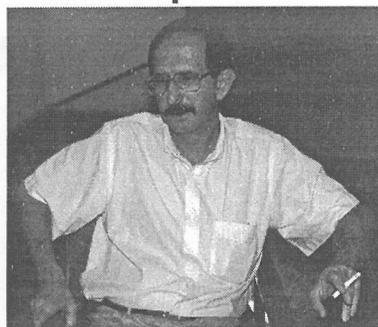
O ensaio da Prof.^a Maristela Barbosa de Mendonça resgata uma voz poética de incontestável merecimento, que desde muitos anos vivia no anonimato e que agora ressurgiu para a honra e glória da árvore genealógica dos Nunes Batista.

NOTA - Através de carta de 14.11.94, Altimar nos comunicou, lamentavelmente: "... devia ter-lhe comunicado o falecimento de minha mãe, ocorrido no dia 15 de outubro, (81 anos), e dizer-lhe que o seu artigo, que ela o leu no original, foi, possivelmente, a sua última alegria."

VERÍSSIMO DE MELO é presidente do Conselho Estadual de Cultura/RN.

Mudando para melhor

O Prof. Neder Nader, Secretário de Educação, Cultura, Esportes, Turismo e Lazer, no entusiasmo de bem participar de eventos que dizem respeito não só ao aprimoramento cultural da população, mas ao brilhantismo cultural dos festivais do folclore, inova e se desdobra em atividades. Vibra com a reforma da Casa da Cultura que será, em breve, o canto privilegiado que abrigará exposições



artísticas, que será o centro cultural da cidade e região. Junto à Educação, esmera-se em atividades que beneficiam os alunos e os mestres e os leva ao conhecimento mais apurado do Folclore Brasileiro.

Queremos, Professor Neder, contar sempre com seus préstimos, ficando os nossos festivais a lhe dever consideráveis agradecimentos. Que Deus o abençoe!

REGISTRO

Fortaleza sempre a postos

Por especial graça do Senhor, temos, nos nossos Festivais do Folclore de Olímpia, a presença confortadora e certa do Prof. Francisco da S. Freitas e o seu belo grupo parafolclórico. Vem o Freitas do distante Ceará, atravessa longa distância para nos encontrar, sofre percalços na dura viagem, mas, aqui chegando, é só festa, é brilho, é alegria, é conagração ideal. **O Grupo Parafolclórico "Terra da Luz"**, do Prof. Freitas se faz presença constante no desenrolar do festival, suas danças fazem balançar o palanque das atividades folclóricas e o coração dos apaixonados pela coreografia vibrante de quem sobe o que faz. O elenco de danças do Freitas é inimitável, é coreografia perfeita, é ritmo penetrante, é o desfilar do passado para alegria do presente. Prof. Freitas, nossos respeitosos cumprimentos. Não deixe de comparecer com seus vibrantes dançarinos nos nossos festivais. Que Deus os ampare.



Os vôos do Aruanda

Aruanda, esse riquíssimo grupo de danças que procuram preservar o nosso folclore vem, há alguns anos, trazendo cor e brilho aos Festivais do Folclore de Olímpia. Vem de Belo Horizonte, Minas Gerais, traz com o grupo a magia das cores, o frenético ritmo das danças folclóricas nacionais, o som inebriante dos instrumentos de percussão. No palanque das atividades folclóricas, deixa o seu recado inesquecível, recado que



a todos conta como é belo, como é vivaz o folclore pátrio. Fundado em 1961 por Paulo César Vale, profes-

sor, diz que aruanda significa terra de luz, terra de paz. E é assim que nos sentimos ante esse esfuziante grupo mineiro. Nem sabemos como seria um festival sem eles. **Alexandre Vieira Mesquita** é o timoneiro de **Aruanda - Companhia de Danças Folclóricas**. Temos pena de quem não foi vê-los no ano passado, dó de quem não os verá no 31.º FEFOL. Aruanda é gente que sabe agradar. Parabéns, jovens das Minas Gerais.

A grande travessia de Núbia

Através da Comissão Mineira de Folclore, recebemos bem elaborado artigo de Domingos Diniz que, sob o título acima, presta suas homenagens póstumas à grande folclorista brasileira, Núbia Pereira de Magalhães Gomes, morte ocorrida no dia 26/10/94, em acidente automobilístico. Diz o insigne Presidente da Comissão Mineira de Folclore: "Núbia fez opção pela cultura tradicional do povo, levada por sua in-

tuição superior, por sua consciência do valor da cultura tradicional, do valor do folclore para um povo, para uma nação. Seguiu os passos dos mestres João Ribeiro, Renato Almeida, Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo, Aires da Mata Machado Filho e Saul Martins, para ficar só nestes." E arrola as obras de Núbia: "Negras Raízes Mineiras: Os Arturos", "Assim se benze em Minas Gerais", "Mundo Encaixado",

"Do Presépio à Balança", este no prelo quando da sua morte. E nós, que conhecíamos seu trabalho em prol do folclore pátrio, como seu admirador, colega e "irmão", Domingos Diniz, lamentamos essa perda irreparável, perda que acarreta imensa cratera nas fileiras dos que pelejam pela preservação da cultura popular brasileira. Que nos braços do Senhor se encontre em casa, façamos votos.

REGISTRO

AMÁLIA GIFFONI PARTIU

A emérita professora **Maria Amália Correia Giffoni**, nascida em Santa Rita do Passa Quatro, faleceu, em São Paulo, no dia 14 de dezembro de 1994. Grande pesquisadora das belas manifestações populares brasileiras, a dança folclórica, Amália Giffoni foi professora titular da Faculdade de Educação Física da USP e também da Faculdade Makenzie. Dentre suas publicações destacamos: Danças Folclóricas Brasileiras e suas aplicações educativas, Danças Tradicionais das Américas, Danças Folclóricas da Europa; Danças da Ásia, África e Oceania, Danças Miúdas do Folclore Paulista, Reinado do Rosário de Itapicirica, Zequinha de Abreu e muitos outros. Amiga pessoal do Sant'anna, visitou Olímpia diversas vezes, deixou impressa na parede da sala da diretoria do Museu a sua mão, como prova do elo de amizade que aos olimpienses e à brilhante folclorista seriam eternos. Colaborou neste Anuário de Folclore. E eterna será sua lembrança para aqueles que a conheceram, para aqueles que a admiraram e a queriam imorredoura. Saudades, Maria Amália Correia Giffoni. Nossos amigos que já partiram, com certeza, receberam-na felizes. Tristes ficamos nós. O senhor a proteja.

O ADEUS A MAIS UMA FOLCLORISTA

Aos vinte e seis dias do mês de outubro do ano passado, recebemos, compungidos, a notícia do desaparecimento de nossa companheira e amiga **Zilda Mendes Rangel**. Zilda, professora e ativa folclorista, teve atuante vida acadêmica, participando, de modo contumaz e determinado, das lides folclóricas. Foi presidente da Associação Brasileira de Folclore (ABF) e Diretora do Museu de Folclore, de 1987 e 1990, entre outras atividades correlatas. Autora de diversas obras, o trabalho de Zilda permanece, a nos estimular a seguir seu grande exemplo.

31º FESTIVAL DO FOLCLORE

Adeus, Capitão Protázio

Faleceu no dia 28 de maio de 1995, em Uberlândia - MG, o Sr. Protázio da Mata de Sousa, capitão do Terno de Moçambique Branco "Nossa Senhora do Rosário", que há duas décadas vem participando do Fefol de Olímpia: Pressentindo o seu passamento, o capitão Protázio, ainda no ano de 1994, passou o bastão do Terno de Moçambique de Uberlândia ao seu natural herdeiro, o filho Lebenites Rubens que, tendo muito aprendido com o pai, e dele herdado também a energia e o carisma, por certo dará continuidade ao belíssimo trabalho até hoje realizado. No Fefol de 1994, o ex-capitão também compareceu fardado como mandam as regras da tradição, e parecia despedir-se de nossa cidade: chorou muito, no Museu, onde tem alguns trabalhos expostos, e bem como durante todas as apresentações de seu



O capitão, à esquerda

grupo em nossa cidade. Ao denodado líder do Terno de Moçambique Branco "Nossa Senhora do Rosário", sempre muito aplaudido em nosso Festival do Folclore, nossa perene saudade.

Foi-se embora a Rosinha

Rosa Pereira dos Santos, Rosinha, para todos, figura querida dentre aquelas que faziam parte da "turma do Sant'anna", foi-se embora. Deixou-nos, falecendo no dia 24 de julho de 1994. De repente. Preparando os trajes com os quais desfilaria no 30.º FEFOL, à frente da Congada de Pratópolis, MG, seu lugar de destaque.

Uma pessoa singela, exigente com o que fazia para os festivais do folclore; viúva há poucos anos, nascida em Monte Azul - SP, em 1913, faleceu, pois, com 81 anos. Lúcida, brigando com o Sant'anna, trabalhando para o 30.º FEFOL. Nunca mais suas perfeitas flores de papel crepom, suas toalhas finamente amarradas (abrolhos), nunca mais um conto para ampliar as dezenas que narrou ao mestre, nem uma oração segura ou benzimento para alheios padeceres.

As folias de reis e congadas de



Olímpia, como nós, sentem a falta dessa graciosa figura popular e conosco, lhe dizem apenas: adeus, Rosinha. Conte "causos" aos anjos do Senhor. Merecidas homenagens lhe prestou a Comissão de Folclore de Olímpia. E, no cemitério local, repousa em paz.

NATALINA TAMBÉM PARTIU



Natalina Carvalho de Oliveira, viúva há muito tempo, já com lúcidos 87 anos de idade, lépida e pequenina, no dia 10 de outubro de 1994 lá se foi ela para outros planos. Uma sorridente colaboradora do Prof. Sant'anna, especialmente no decorrer dos primeiros festivais do folclore, aonde o imprevisto era previsto. Natalina fazia de tudo para ajudar: biscoitos, doces, pães-de-queijo, também chapéus de crochê, tocava violão e dirigiu, por muito tempo, o "Grupo das Pastorinhas". Muitos contos narrou a fim de aumentar o acervo dos que o Prof. Sant'anna preserva. Muitas orações, rezas, benzimentos, simpatias, chás e remédios caseiros nos foram legados pela Natalina. Pena que tenha que partir um dia... Nosso adeus a ela que, depressinha, deve estar descobrindo o que fazer lá pelas outras bandas. Justas homenagens lhe prestou a Comissão de Folclore de Olímpia e, no cemitério de São João Batista, ficaram seus restos mortais. Adeus, Natalina.

REGISTRO

A Comissão Executiva do 31º Festival do Folclore de Olímpia

DECRETO Nº 2719, DE 11 DE MAIO DE 1995

- Constitui a Comissão Executiva do 31º Festival do Folclore, a ser realizado na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", de Olímpia (13 a 20 de agosto de 1995) e dá outras providências.

José Carlos Moreira, prefeito municipal de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

DECRETA:

Artigo 1º - Fica constituída a Comissão Executiva do 31º Festival do Folclore a ser realizado de 13 a 20 de agosto de 1995, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, os seguintes membros:

Coordenador Geral: José Sant'anna. **Diretores Honorários:** Carlos Severino Paschoaletti e Mauro Pimenta. **Diretor-executivo:** Oswaldo da Silva Melo. **Vice-diretor:** Osterno de Oliveira Braz. **Departamento de Secretaria:** Néder Nadruz Filho e Clarice Aparecida Queiroz Guariente. **Departamento de Tesouraria:** Odonel Serrano e Eurípedes Barbosa da Silva. **Departamento de Relações Públicas:** Prefeitura e Câmara Municipal de Olímpia (prefeito, secretários e vereadores). **Departamento de Divulgação:** Orlando Jacaré Moço, imprensa e emissoras de rádio locais. **Departamento de Locação de Terrenos e Barracas:** Sidney Carlos Schalch e Fausto Vieira Marcondes Filho. **Departamento de Material e Equipamento:** Olímpio Mendes Neto e Pedro Massola. **Departamento de Hospedagem e Alimentação:** Carlos Recildo de Oliveira e José Carlos Canevarolo. **Departamento de Trânsito e Assistência:** Capitão Sílvio Carlos Silva Mendonça, Tenente Afonso de Jesus Borges e Sargento Valdeci Henrique Durans. **Departamento de Estacionamento:** Fundação Olímpense de Serviços Assistenciais e Comunitários - FOSAC. **Departamento**

de Transporte de Grupos Folclóricos Locais: Ascânio José Carvalho Almeida. **Departamento de Apresentação do Evento:** Sílvio Roberto Bibi Mathias Netto. **Departamento de Apoio:** (concursos, cursos, danças, desfiles, difusão, exposições, folguedos, gincanas, palestras, registros, torneios e outras atividades relativas ao Festival): Alcides Daroz, Aguiamar Alves de Mello, Ana Alexandrina Guariente Canevarolo, André Luiz Nakamura, Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, Débora Aparecida Vicente, Felipe Antônio Zacharias, Eliana A.D. Bertencelo Monteiro, Guiomar Midori Sato, Iceh Bueno de Camargo, Ineh Bueno de Camargo, Iseh Bueno de Camargo, João José Abra, Laerte Alcebiades Guariente, Luciane Maia Caputo, Luís Eugênio Machado, Luiz Fernando Cintra, Maria Jesus de Miranda, Maria A. A. Manzolli, Maria Giuseppe Scura, Maria de Fátima S. Clemêncio da Silva, Nelson Carlos Antunes, Nereu Nadruz, Roberto Caieiro da Costa, Sebastião Barbarelli, Valdemar Balbo, Valdemar Aparecido Domingos, Wayne Bergamasco, Willian Antônio Zanolli.

Parágrafo único - fica a critério do coordenador e do diretor executivo desta Comissão, a constituição de subcomissões.

Artigo 2º - Os membros da Comissão (e subcomissões) prestarão serviços ao Município, não acarretando ônus aos cofres públicos, mas farão jus ao Certificado de Louvor ao Mérito, nos termos do Decreto nº 1524, de 9 de junho de 1982.

Artigo 3º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 11 de maio de 1995.

José Carlos Moreira
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 11 de maio de 1995.

Sidney Carlos Schalch
Diretor Geral do Expediente

31º FESTIVAL DO FOLCLORE

Manifestações recebidas

As comunicações que chegaram de todo o Brasil, tendo em vista as atividades folclóricas de Olímpia.

CÉLIO JOSÉ FRANZIN
Arquivista

Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá

Guarujá - SP, 26-7-1994

Prezado Prof. Dr. José Sant'anna:

Saúde.

Acabo de receber o convite-programa para o 30º Festival do Folclore de Olímpia. Mui grata e parabéns.

Mais uma vez nossos festivais coincidem nas datas.

O nosso 22º inicia-se no dia 14 e termina em 28 de agosto p. futuro.

Vejo a minha impossibilidade de participar da grandeza e magnificência do Festival de Olímpia.

Sinto-me frustrada. Estou triste em não poder comparecer a tão grandioso evento, importante para a nossa cultura folclórica.

Um grande abraço extensivo a Iseh, Laura e amigos folcloristas de sua cidade.

Votos de grande sucesso.

Da amiga

ESTHER S.A. DE A. KARWINSKY

☒ ☒ ☒

**Prefeitura Municipal de Taubaté
Estado de São Paulo**

Taubaté - SP, 26 de julho de 1994

"CONVITE"

Prof. José Sant'anna

O Departamento de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal de Taubaté, através de sua Área de Cultura, tem a honra de convidar Vossa Senhoria e família para participar das festividades em comemoração à "34ª FESTA DO FOLCLORE DA IMACULADA", que estará sendo realizada no período de 20 a 28 de agosto do ano em curso, no Bairro da Imaculada - Taubaté.

Assim sendo, encaminha para conhecimento o folheto com a programação elaborada pela comissão organizadora do evento e o cartaz.

PROF. BENEDITO OSVALDO SALGADO

Diretor do Departamento de Educação, Cultura e Esportes

☒ ☒ ☒

Jales-SP, 4 de agosto de 1994

Excelentíssimo senhor
José Carlos Moreira
DD. Prefeito de Olímpia

A Prefeitura Municipal de Jales e a Comissão Organizadora farão realizar, no período de 6 a 11 de setembro, a "IV Festa da Uva e do Mel da Região de Jales".

Para maior êxito do evento, solicitamos de Vossa Excelência a liberação de um grupo folclórico para se apresentar no dia 3/9 (sábado), às 19 horas.

Aproveito o ensejo para convidar V. Ex.ª e família para participarem do evento.

Contando com sua resposta favorável, antecipamos nossos agradecimentos.

Atenciosamente,

JOSÉ AUGUSTO GUISSO
Prefeito

JOSÉ APARECIDO LOPES
Presidente da Comissão

☒ ☒ ☒

Belém - PA, 11 de agosto de 1994

Ilmo. Sr.
Prof. José Sant'anna

Prezado Professor

Mais um ano Olímpia prepara-se para o Festival do Folclore, completando seu Jubileu de Pérola. Parece que faz tão pouco tempo que Napoleão participou de um desses festivais; infelizmente foi somente num ano que ele esteve presente, mas voltou encantado com tudo, com os folguedos, palestras e principalmente com o carinho a ele dispensado pelos senhores.

Mais um ano também recebo com grande satisfação e, por que não dizer, gratificada pela atenção que o senhor, professor Sant'anna, tem me proporcionado, enviando-me a cada ano, infalivelmente, o programa da semana do Folclore.

Desejando o sucesso de sempre, parabenizo ao seus companheiros da Comissão e, certamente ao Sr. Prefeito, pelo estímulo que ele e seus antecessores têm dado a esse grandioso Festival do Folclore.

Que Deus os guarde e proteja sempre para que com o mesmo ânimo de hoje possam comemorar o Jubileu de Ouro desse Festival.

Fraternalmente,

MARIA CÉLIA DE FIGUEIREDO

☒ ☒ ☒

Lagarto - SE, 17 de agosto de 1994

Ofício nº 384/94
Exmo. Sr.

José Carlos Moreira
MD. Prefeito Municipal de Olímpia

Senhor Prefeito:

Cabe-me agradecer o honroso convite formulado a esse confrade e, sabedores que somos da importância do folclore regional no contexto nacional é que estamos enviando a essa próspera e hospitaleira cidade dois importantes grupos folclóricos do nosso município, que certamente abrilhantarão ainda mais o XXX Festival do Folclore do seu município.

Confiando na hospitalidade do povo e das autoridades olímpias, renovo os meus votos de sucesso no referido evento e, ao mesmo tempo, agradeço-lhe a oportunidade de poder mostrar um pouco das nossas tradições folclóricas.

Cordialmente,

DR. JOSÉ RAYMUNDO RIBEIRO
Prefeito Municipal

☒ ☒ ☒

**Prefeitura Municipal de Taubaté
Estado de São Paulo**

Taubaté - SP, 17 de agosto de 1994

Ao Prof. José Sant'anna

A Prefeitura Municipal de Taubaté, através de seu Departamento de Educação, Cultura e Esportes, tem grande satisfação de enviar a Cia. de Moçambique do Belém, pertencente a Taubaté, para, dessa maneira, abrilhantar ainda mais as festividades que ocorrerão nesta cidade.

Na oportunidade, gostaríamos de parabenizá-los por tão bonita festa que, em todos os anos, se realiza nesta cidade.

Sem mais.

PROF. BENEDITO OSVALDO SALGADO

Diretor do DECE

☒ ☒ ☒

GRAFFIT - Assessoria, Planejamento e Projetos Turísticos Ltda.

São Paulo - SP, 17 de agosto de 1994

Prof. José Sant'anna

Prezado Senhor:

Sabedores que somos do empenho dedicado anualmente para a realização de um evento grandioso e de tanta representatividade para a cultura, a arte e o turismo deste País, estendemos nessa oportunidade nossos votos de pleno êxito e sucesso na passagem do 30º Festival do Folclore.

Atenciosamente,

CARLOS A. SILVÉRIO

☒ ☒ ☒

São Paulo - SP, 22 de agosto de 1994

Querido e respeitado mestre
Prof. José Sant'anna

Meus humildes, mas sinceros cumprimentos pelo espírito de luta em prol da cultura popular... espontânea.

Apesar de não gostar da data de hoje, pois oficialmente se comemora aquilo que fazemos todos os dias, não só do ano, mas de nossa vida, não como pesquisador mas muito mais do que isso, ou seja, como homem integrante dessa riquíssima página cultural que é o povo com os seus costumes, suas raízes, sua tradição oral e, em particular, o que mais me fascina, que é o seu canto. Mas, tratando-se de que a intenção desta missiva é agradecer ao companheiro de luta e ideal, pela revista que me enviou, e que me será muito útil nas minhas "incomodações" (ainda não as considero pesquisas) culturais, só poderá responder e agradecer no dia em que pelo menos vejo alguém fazer jus ao 22 de agosto, reunindo durante uma semana numa festa "divina" (que Deus continue iluminando cada vez mais, festa e festeiro, no caso, o Prof. Sant'anna e equipe) grupos e pesquisadores de várias regiões do país para render as homenagens ao que há de mais belo no mundo: a cultura popular espontânea e o seu principal mestre que é o "homem" simples, porém, fonte de inspiração e sabedoria onde nós, eternos aprendizes, vamos beber da água da fonte.

Já tanto cantaram:

- Deus salve a América,
por que não cantar:
Deus salve Olímpia
e... o Brasil.

Espero que o canto do meu, do nosso povo, que levamos através do Bando Flor do Mato e Inezita Barroso tenha agradado todos, organizadores e ao público e, desde já, como porta-voz dos meus companheiros de cantoria, nos colocamos à disposição para qualquer batalha nessa guerra.

Parabéns, em nome da cultura do meu, do nosso povo, e que Deus ilumine os palcos onde sempre, como Olímpia, se coloca em prática aquela frase do imortal Solano Trindade - "A nossa função é de pesquisar na fonte e devolver ao povo em forma de arte."

Um abraço caboclo de
Eliezer Teixeira
porta-voz do Bando Flor do Mato

☒ ☒ ☒

Juazeiro - BA, 22/8/1994

CORRESPONDÊNCIA

Telegrama

Dr. José Sant'anna
Coordenador do FEFOL

Parabéns grande amigo e extensivo ao Senhor Prefeito José Carlos Moreira, presidente Carlos Paschoaletti e demais membros da Comissão vitoriosa pela realização do 30º FEFOL. Abraçando os olímpenses, rogo a Deus abençoá-los sempre. Felicidades.

MARIA ISABEL MUNIZ FIGUEIREDO

☒ ☒ ☒

FUNDAÇÃO DE ARTE E CULTURA DE UBATUBA

Ubatuba - SP, 22 de agosto de 1994

Ofício Especial

Prezado Senhor José Sant'anna

A FUNDART - Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba, tem o prazer de convidar V. S^a e digníssima família para participar das solenidades da IV FESTA DA CULTURA POPULAR, que será realizada nos dias 23, 24 e 25 de setembro próximo, no Terminal Turístico localizado na Praia do Perequê-Açu, tendo conhecimento do honroso trabalho que V. S^a desenvolve nesse município com a realização do Festival de Folclore da cidade de Olímpia.

Contando com sua indispensável presença renovamos nossas cordiais saudações.

JOSÉ ROBERTO SEGANTINI
Diretor Cultural

☒ ☒ ☒

Descalvado - SP, 24 de agosto de 1994

Prezado colega e amigo Sant'anna

Cordiais abraços:

Certo de que você já esteja recuperando as forças consumidas na execução do 30º Festival do Folclore, ao qual não pude comparecer, gostaria que enviasse o Anuário à Escola Integrada "Canarinho", de Itatiba - SP, à E.E.P.S.G. "José Ferreira da Silva", de Descalvado - SP, ao amigo Dr. Antônio Froilano Melo de Carvalho e família.

Os cartazes e os programas, que me entregara, foram devidamente distribuídos.

Meus filhos Benedito José e Maria Estela estiveram visitando o 30º Festival, de 6ª feira a domingo. Gostaram muito.

Sem mais, recomendações e abraços nossos, meus e da Cidinha.

Cordialmente,

JOSÉ CONSTANTINO FERRATTO

☒ ☒ ☒

PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA
Estado do Paraná

Londrina - PR, 24 de agosto de 1994

Ilustríssimo Senhor
José Sant'anna

Prezado Senhor:

Parabenizo-o, assim como a toda a sua equipe, pelo excelente trabalho na defesa, promoção e divulgação do folclore brasileiro.

Privilegiada a cidade que possui pessoas assim tão entusiasmadas com cultura.

Tenho recebido sua revista do Folclore e agradeço impressionado com seu conteúdo e apresentação.

Creio que seria fundamental para a divulgação e para nossa ilustração, se a Secretária da Cultura de Londrina pudesse receber também esta vossa produção.

Um abraço do amigo, esperando uma hora a gente se encontrar de novo ao redor da cultura.

Cordialmente,

PROF. ALCIDES VITOR DE CARVALHO
Secretário Municipal da Cultura

☒ ☒ ☒

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
GABINETE DO VICE-REITOR

Ofício GVR n.º 051/94

São Carlos - SP, 25 de agosto de 1994

Caro Professor Sant'anna

Tendo sido fundada a 30ª edição do Festival do Folclore de Olímpia, na qual estive presente, é imperativo que me manifeste a V. S.^a no sentido de parabenizá-lo pelo trabalho realizado e de considerar justas e oportunas as homenagens que lhe foram prestadas.

O significado que possui o Fefol em âmbito nacional e sua importância em relação à preservação da cultura popular são decorrências nítidas da dedicação, do esforço e do conhecimento que V.S.^a sempre emprestou a este evento.

De minha parte, pelo fato de ter tido o privilégio de testemunhar esses 30 anos de luta e honra, de ter sido seu aluno, cabe simplesmente exarar minha constante admiração e a perene gratidão pelo que me foi ensinado pelo inesquecível mestre.

Em meu nome e da instituição que ora represento, expreso votos de elevada estima e consideração.

Sendo o que se me cumpria para o momento, despeço-me,

Cordialmente,

Prof. Dr. José Rubens Rebelatto
Vice-Reitor

☒ ☒ ☒

Indaiatuba - SP, 25/agosto/1994

Prezado Prof. JOSÉ SANT'ANNA

Recebi o convite da Prefeitura Municipal de Olímpia para participar das festividades do 30º Festival do Folclore de Olímpia e, lamentavelmente, por razões imperiosas, não pude estar presente.

Assim é que parabenizo o ilustre professor que tanto tem se dedicado às expressões populares e pelo êxito desse evento que ultrapassa as fronteiras do estado.

Segue, para a sua apreciação, um pequeno e modesto trabalho que realizei em 1978, em Capivari, sobre o BATUQUE, mas que sofreu interrupção em mais largo estudo, em razão da falta de continuidade nesta manifestação que se acabou na cidade. Mas precisamos retomar.

Abraços sinceros, amigos e admiradores do

JOSÉ ROBERTO GUEDES DE OLIVEIRA

☒ ☒ ☒

São José dos Campos - SP, 26/8/1994

Ao Departamento de Folclore
de Olímpia

Prezados Senhores

Gostaria de receber o Anuário do Folclore e assim como outro material, para concluir um trabalho com os alunos de minha escola, para apresentar um painel sobre o assunto. Estive na Biblioteca da cidade, consultando alguns livros, mas meu tempo é curto e gostaria de que esse material estivesse na biblioteca da nossa Escola. Razão pela qual faço essa solicitação.

Aguardando ser atendida, subscrevo-me com agradecimentos.

IVONE G. DA SILVA

☒ ☒ ☒

Valença - RJ, 27-8-1994

Estimado Prof. Sant'anna

É tempo de reconhecimento. Retornei ao Rio "com a alma retemperada de brasilidade." Cheguei a Valença (cidade vizinha a Rio das Flores, torrão natal) para assistir à festa folclórica do mês de agosto.

Valença, engastada num contraforte da Mantiqueira, era povoada pelos índios coroados e concentrava o maior número de escravos negros do Estado.

Marujadas e congadas desapareceram, restando, no entanto, 40 folias de reis.

Grato por tudo: anuário, discos, ensaios, títulos, etc. principalmente cordialidade mais distinguida.

Um abraço sincero estendível à equipe.

AFONSO FURTADO SILVA

☒ ☒ ☒

Festival do Folclore
Prof. José Sant'anna

Prefeitura Municipal de Olímpia
15400-000 - Olímpia - SP
Braziliê

Den Haag, 29 augustus 1994

Geachte Prof. Sant'anna

Mijn brief is aan u gericht, maar in werkelijkheid zijn myn woorden voor Olímpia bestemd. Olímpia heeft mij met open armen ontvangen, met interesse en zelfs met dankbaarheid voor mijn aanwezigheid. Zij betaalde mijn initiatief met vriendschap, hartelijkheid en gastvrijheid.

Behalve dat alles heeft de stad me een onvergetelijk spektakel geboden, een kleurrijk feest van muziek en dans. De stad gaf me een beeld van Brazilië in zijn geheel, in al zijn culturele rijkdom en in met al zijn liefde voor decultuur van zijn volk.

De Braziliaanse folclore is springlevend. Ik had niet gedacht datik alles (en meer) in werkelijkheid aan zou treffen waarover ik heb gelezen en gehoord in mijn lessen Cultuur van Brazilië. Ik had me niet gerealiseerd dat dit alles in Brazilië nog steeds bestaat. Het Festival do Folclore bracht me beelden uit het verleden. Maar de presentaties, de authenticiteit en de toewijding van de groepen die optraden maakten me duidelijk dat dit alles tegelijkertijd ook het heden is. Dat folclore, in Brazilië, een belangrijk onderdeel van het leven is.

Wat ik heb gezien en gehoord tijdens het Festival do Folclore is voor mij van groot belang geweest en zal me helpen en stimuleren bij het vervolg van mijn studies.

Professor Sant'anna, ik wil u bedanken voor de stimulans die u voor deze groepen geweest bent, voor de aandacht en toewijding die u ze gegeven hebt.

Het is dankzij mensen zoals u dat ons het belang van de werkelijke cultuur van het Braziliaanse volk duidelijk wordt.

Van harte gefeliciteerd met dit 30ste Festival do Folclore.

Marijke Reuvers

TRADUÇÃO:

Prefeitura Municipal de Olímpia
15400-000 Olímpia - SP
Brasil

Haia - Holanda, 29 de agosto de 1994

Exm.º Sr. Prof. Sant'anna:

Endereço a minha carta ao senhor, sabendo que de fato é a Olímpia que as minhas palavras deveriam ser dirigidas. Olímpia acolheu-me de braços abertos, com interesse e até com gratidão pela minha presença. Pagou a minha iniciativa com amizade, cordialidade e hospitalidade.

Além disso, a cidade ofereceu-me um espetáculo inesquecível, uma festa de música e dança cheia de cores e de alegria. A cidade ofereceu-me a imagem do Brasil inteiro, com toda a sua riqueza cultural e o seu amor pelas tradições do povo brasileiro. Sinto-me grata porque me deram a possibilidade de assistir ao evento mais formoso e mais brasileiro do país.

O Folclore do Brasil é muito vivo. Nunca imaginei que ia ver ao vivo aquilo (e muito mais) que já li e ouvi nas aulas de Cultura Brasileira. Não sabia que tudo isso realmente existia (ainda). O Festival do Folclore trouxe-me as imagens do Passado. Mas as apresentações, a autenticidade e a dedicação dos grupos folclóricos mostraram-me que isto é, ao mesmo tempo, o Presente. Que folclore, no Brasil, faz parte importante da vida. Quero que saibam que tudo o que eu vi e ouvi no Festival do Folclore me vai ajudar e estimular nos meus estudos de língua e cultura portuguesa.

Professor Sant'anna, quero agradecer ao Senhor, por estimular estes grupos, dando-lhes toda a sua atenção e a sua dedicação. É graças a pessoas como o senhor que a cultura verdadeira do povo recebe a importância que merece.

Parabéns

MARIJKE REUVERS

☒ ☒ ☒

Miguelópolis - SP, 29 de agosto de 1994

Ofício nº 122/94
Assunto: Agradecimento

Prezado Senhor José Sant'anna

Sou Coordenadora da EEPSP "Dr. Willian Amin" (Escola Padrão) de Miguelópolis - SP.

Em primeiro lugar, quero agradecer, e parabenizar o

CORRESPONDÊNCIA

seu esforço em prol da cultura do folclore da cidade de Olímpia em todo estado brasileiro.

Que o Senhor abençoe sua vida, seu trabalho de amor e perseverança tão importantes para Olímpia, para o Brasil e para o mundo.

Os alunos da minha escola que foram visitar Olímpia estão maravilhados. Sempe fui vidrada em lendas, contos, adivinhações, cantigas de roda e quando vi o trabalho de vocês, fiquei encantada.

Gostaria de receber o exemplar 29º se for possível. Mande pelo correio; se tiver outras anteriores, gostaria de receber, pois vai ser de muita importância para nossa escola, na parte literária, etc.

Obrigada, espero ser atendida.

PROFESSORA EUNICE SOUZA SANTOS
Coordenadora EEPGS "Dr. Willian Amin"

✉ ✉ ✉

Campinas - SP, 31 de agosto de 1994

Prof. José Sant'anna
Prefeitura Municipal de Olímpia
Museu de História e Folclore Maria Olímpia

Prezado Professor:

Acredito que o 30º Festival do Folclore de Olímpia tenha sido um sucesso, com a apresentação de inúmeras atrações.

Campinas também resolveu ressuscitar o folclore e promoveu um festival na semana dessa ciência.

Gostaria de receber um exemplar do Anuário de Folclore nº 24, como sempre, acredito, repleto de artigos interessantes.

Grato pela sua atenção, aproveite o ensino para enviar-lhe as minhas cordiais

Saudações

PROF. DR. HITOSHI NOMURA

✉ ✉ ✉

Belo Horizonte - MG, 1º de setembro de 1994

Ao Ilmº Sr.
Folclorista José Sant'anna

Prezadíssimo Sant'anna:

Como foi de festa aí? Uma beleza, como sempre? Você faz a coisa com a seriedade que o Folclore requer.

Infelizmente ainda desta vez não me foi possível ir participar da programação dos eventos, aí acontecidos.

Cá, fizemos a 30ª Semana de Folclore e o IV Painel sobre o Folclore em Minas Gerais.

A programação foi boa. Ao lado dos eventos, das apresentações e das manifestações folclóricas, realizaram-se palestras, debates e estudos sobre o assunto.

Alcançamos os objetivos. Houve êxito. A Comissão não fez sozinha.

Contamos com a ajuda (90%) da Secretaria Municipal de Cultura de BH, SESC/MG, SENAC/ ARMG, SESI/ MINAS e Federações dos congadeiros e dos espíritas umbandistas.

A missa Conga no domingo, 21, foi uma beleza, celebrada por Frei Chico, com a participação de mais de 600 congadeiros - guardas, reis, rainhas e princesas. Um conagração dos irmãos em Nossa Senhora do Rosário.

Para a Semana foi editado um tablóide pela Prefeitura (20 mil exemplares) sobre Folclore. Alguns exemplares em anexo.

Nossos cumprimentos pelo trabalho seu aí em Olímpia, sem dúvida uma vasta folha de serviços prestados à nossa cultura popular.

DOMINGOS DINIZ

Presidente da Comissão Mineira de Folclore.

✉ ✉ ✉

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DE BEBEDOURO

Bebedouro - SP, 02 de setembro de 1994

Prezado Sr. José Sant'anna

Venho através desta solicitar a V. Sª o envio à nossa biblioteca do ANUÁRIO DO FOLCLORE - 29º Festival do Folclore e se possível, o Anuário deste ano, pela qualidade e quantidade de informações neles contidas.

Desde já, agradeço, visto que esta obra muito enriquecerá nosso acervo e será útil nas pesquisas escolares de nossos alunos. Esta publicação será para nossa biblioteca de um valor incalculável.

Termino esta, subscrevendo-me,

Atenciosamente,

BIBLIOTECÁRIA - CRB-8º/ 2795

✉ ✉ ✉

Turiúba - SP, 2 de setembro de 1994

Ilustre Prof. Sant'anna

Escrevemos-lhe esta para prestar agradecimentos ao senhor e aos demais que trabalharam pelo engrandecimento do Festival.

Este Festival de Olímpia já ultrapassou os limites de uma festa singela e se transformou num ponto obrigatório de participação e pesquisas.

Quantas homenagens o senhor recebeu neste Festival! Queremos também nos juntar aos homenageadores e pedirmos ao senhor que permaneça firme, dirigindo os destinos dele.

Parabéns a Olímpia pelo Jubileu de Pérola.

Alunos da 7ª série "A" da E. E. P.S. G. "Otaviano Cardoso" que assistiram ao 30º FEFOL. Escrita por Anderson de Freitas Bonfim.

NOSSA HOMENAGEM

ESPETÁCULO PARA O MUNDO VER

Num espetáculo de cores,
Homenagem que se esparrama
A um grande brasileiro
O mestre José Sant'anna.

Olímpia é bela cidade
Nesses dias transformada.
Deixará sempre saudade
Esta terra abençoada.

Relembrar nosso folclore
É como distribuir paz
Pôr à tona a liberdade
E a alegria se faz.

No toque de uma viola,
No chorar de um cavaquinho,
O amor se desenrola
Como a ave aquece o ninho.

Na esquina, uma congada,
A vida se manifesta.
Vou dormir de madrugada
Ao som de uma seresta.

Deus dê força ao "Curupira"
Pra conseguir governar,
E durante o festival
Bela paz venha a reinar.

Anderson de F. Bonfim, 7ª série, 13 anos

Finalizando, Prof. Sant'anna, gostaríamos que a nossa Escola fosse inserida na lista dos convidados, para tomarmos conhecimento de tudo o que acontece na Capital do Folclore.

Felicidades ao senhor, ao Festival e a Olímpia.

Nosso agradecido abraço

Anderson e seus colegas de classe

✉ ✉ ✉

Três Lagoas - MS, 08 de setembro de 1994

Professor José Sant'anna - coordenador da festa do Folclore em Olímpia - SP.

Meu nome é Pedro Antônio Agostinho, sou Acadêmico do Curso de História pela U.F.M.S. - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Centro Universitário de Três Lagoas - CEUL.

O motivo pelo qual escrevo-lhe, é na tentativa de conseguir informações relativas ao Encontro Nacional do Folclore, realizado do dia 14 a 21 de agosto de 1994. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o "Folclore Brasileiro", com intuito de mais adiante escrever uma Monografia. Assim sendo não poderia deixar de fora a cidade de Olímpia, que sem dúvida é o mais rico ponto de referência para minha pesquisa, em função do Encontro Nacional do Folclore que aí se realiza.

Estive nesse ano de 94 em Olímpia, mas para ser mais correto nos dias 20 e 21 - desfile no Domingo. Fotografei alguns grupos no desfile e peguei alguns dados, adquirei, também o Anuário do 30º Festival do Folclore que com certeza me ajudará, mas mesmo assim o meu acervo de informações ainda continua muito pobre. Peço-lhe que envie mais dados em relação aos grupos Folcló-

ricos e Parafolclóricos que se apresentaram nesse ano, se possível fotos dos mesmos com as legendas respectivas às costas. Sei que para o Departamento De Folclore e Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos de Olímpia isso terá algum custo. Sendo assim, o meu telefone/contato, para me passar os custos irá junto com a carta, e o meu endereço para receber o material futuramente. Ainda em tempo, as fotos do Museu e seus trabalhos expostos. Professor Sant'anna, se eu estiver sendo um pouco chato, por favor me desculpe, agradeço de todo coração a ajuda que me puder enviar.

Sem mais para o momento e certo de que poderei contar com a colaboração dos organizadores desses encontros, agradeço desde já.

Atenciosamente,

PEDRO ANTONIO AGOSTINHO

✉ ✉ ✉

São Paulo - SP, 12 de setembro de 1994

Caro Prof. Sant'anna

Saúde em primeiro lugar.
Depois, parabéns pelo Anuário.

Como sempre, o amigo preza pela qualidade, bom gosto e informações seguras.

Reitero as palavras do ano anterior, considero a sua publicação uma das mais sérias que se tem produzido no Brasil, e que deve constar dos catálogos das principais bibliotecas.

Por estar fora de São Paulo, não participei do Festival, mas obtive informações de amigos que estiveram presentes, que foi magnífico. É uma pena que os "iluminados" políticos de nosso país não vejam o quanto o folclore é importante para a conscientização da unidade nacional.

Temos um país tão lindo com uma cultura diversificada e que poderia ser utilizada pelo turismo, a exemplo dos países do primeiro mundo.

Mas, como a "Esperança é a última que morre", eu tenho ainda a esperança de que um dia veremos as nossas danças, comidas e festas, enfeitando a nossa terra, dando possibilidade a todos os visitantes de, extasiados, vibrarem com as nossas músicas, ritmos e cores.

Parabéns, professor Sant'anna, e que Deus o ilumine e lhe dê forças e coragem para cumprir sua sina, de defender a nossa cultura.

Um beijo com carinho

NEIDE RODRIGUES GOMES

Presidente do IEFOLC

✉ ✉ ✉

Pompéu - MG, 13 de setembro de 1994

Caro Prof. Sant'anna

Cumprimento-o pelo 30º Festival do Folclore de Olímpia. Lamento não ter podido comparecer, conforme desejo ardente. Quem sabe no próximo... O coração já começa a se alegrar para o ano que vem.

Louca para receber a Revista, acompanhar de perto este seu magnífico trabalho, divertir o espírito e enriquecer coração e mente.

Com profunda admiração, o meu abraço e fraternal ternura

EDMÉIA FARIA

✉ ✉ ✉

ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE JUAZEIRINHO

Juazeirinho - PB, 20 de setembro de 1994.

Caríssimo Prof. José Sant'anna

Venho através desta lhe comunicar sobre a existência aqui no interior do estado da Paraíba, de um grupo folclórico do qual faço parte, e do qual sou fundador. Tenho participado de outros grupos. Mas este novo grupo procura mostrar a cultura da nossa região, do estado e do país. Intitulado de GRUPOS DE DANÇAS POPULARES DO SERTÃO, dançamos o boi-da-paraíba, congos da paraíba, danças de salão, como: camaleão, araruna, xote, galope, caninha-verde, cateretê, dança das cocotinhas, etc... Sendo portanto V. Senhoria um apaixonado pelo folclore e sendo eu, sabedor da existência do festival folclórico, aí de Olímpia, e do seu enorme sucesso, venho demonstrar-lhe o nosso desejo de participar desse tão famoso e importante Festival, onde poderemos mostrar um pouco da cultura nordestina e aprendermos muito com os demais grupos presentes. Acho que o referido festival não ocorrerá agora, em vista de que há cerca de um mês foi realizado, mas gostaria de manter contato com V. Senhoria, para que no 31º festival, pu-

CORRESPONDÊNCIA

déssemos estar presentes.

Já apresentamos em nosso estado e nos estados vizinhos. Hoje, desejamos partir para outras regiões, e o tempo que precisar estaremos nos preparando assiduamente para assegurarmos nossa participação nesse festival. Certo de contar com seu apoio, elevo votos de estima, dedicação e apreço.

Atenciosamente,

JOSEILTON MANUEL DOS SANTOS
Secretário

☒ ☒ ☒

FUNDAÇÃO NACIONAL DE TROPEIRISMO

Caçapava - SP, 22 de setembro de 1994.

À
Revista do 30º Festival do Folclore
A/T DD. Sr. José Sant'anna

Referente: Parceira

A Fundação Nacional do Tropeirismo, centrada na figura do tropeiro, desenvolve uma série de atividades didático-culturais há vinte anos. O público alvo são escolares, grupos sociais, famílias, idosos, executivos e estrangeiros...

Excursões didáticas, calendário de atividades culturais, assessoria de assuntos pedagógicos: Adolescência e Sexualidade - prevenção da AIDS, Cultura Indígena e Ciclos Históricos...

Cursos sobre hortas/quintais e pomares; projetos sociais como Tecnologia da Escassez e Auto-estima e um projeto de turismo cultural e ecológico para o Vale do Paraíba chamado "Trilha da Independência" têm sido as nossas lidas.

Outra atividade é a publicação de "Cadernos Culturais do Vale do Paraíba" em parceria com o Centro Educacional Objetivo e instituições públicas (algumas prefeituras municipais), bem como instituições privadas (Leite Paulista, Papéis Simão...). Trata-se da alma do Vale do Paraíba derramada em "Causos", festas populares, arte, talentos...

Encantou-nos a publicação da revista dos festivais de folclore, editoradas pelo senhor. É a alma do nosso povo derramada em tanta simplicidade e beleza. É uma obra maravilhosa, resgate das nossas mais arraigadas tradições. Chegaram até os números 29 e 30.

Quando se bebe de uma fonte de águas tão puras há uma sede que se torna insaciável. Assim, gostaríamos muitíssimo de receber toda a coleção. Seria preciosíssima para os nossos trabalhos. Aliás, vivemos do folclore, das tradições, causos, curiosidades e magia consolidada pelo índio, negro, tropeiro, cesteiro, benzedor e tantos heróis anônimos do nosso povo.

Gostaríamos então de propor-lhe uma "breganha": a nossa coleção e a do senhor. Como essa "breganha" é autêntica, nos enriqueceríamos mutuamente, sem qualquer perda ou dano!

Ademais, o nosso rancho está de portas abertas, com um fogo sempre aceso no fogão de lenha e esperando pelo senhor. Venha nos visitar!

Na certeza de estarmos irmanados num mesmo ideal e na esperança de consolidarmos uma parceria,

Aguardando manifestações,

OCÍLIO JOSÉ FERRAZ
Presidente

☒ ☒ ☒

MUSEU DE FOLCLORE
ROSSINI TAVARES DE LIMA
da Associação Brasileira de Folclore

São Paulo - SP, 30 de setembro, 1994.

Ilmo Sr.
José Sant'anna
Coordenador Geral da Comissão Executiva do Festival do Folclore de Olímpia
Coordenador de Folclore do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia"
Olímpia, São Paulo

Prezado Sr. José Sant'anna

Agradecemos sensibilizados a compreensão, apoio e pronta resposta, quando recorremos ao Senhor, no episódio do despejo do Museu de Folclore, em maio último.

O empenho de todos foi fundamental para demonstrar que folclore é fator cultural da mais alta importância e que o nosso Museu tem tradição de estudo e pesquisa, e mais, em devolver ao público o conhecimento adquirido. Precisa ser respeitado.

A demora em agradecer a atuação do amigo e da

Comissão que preside, deve-se ao fato de desejarmos enviar notícias boas e concretas. Como ainda não chegou a isso, vamos adiantando os acontecimentos.

A situação atual é a seguinte: temos a informação verbal de que continuaremos neste espaço. Entretanto, a pressão continua por parte da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, que administra o Parque Ibirapuera, onde está a nossa sede. Foi retirada a linha telefônica que há quarenta anos servia ao Museu; determinaram cortar água e luz do prédio para que assumamos as despesas. Curioso é que há dois museus no edifício e ao outro não foi solicitado. Para uma entidade sem fins lucrativos, é uma situação complicada.

Mas a luta continua, agora com suporte de um advogado. De nossa parte, tivemos a constatação de que "mais vale um amigo na praça do que dinheiro na caixa." Agradecemos e à disposição, aqui ficamos.

Atenciosamente,

NIOMAR DE SOUZA PEREIRA
Pres. Assoc. Brasil. Folclore do Museu de Fol. Rossini
T. Lima.

☒ ☒ ☒

Petrópolis - RJ, 3/10/94

Mestre José Sant'anna

Recebi o programa do 30º Festival de Olímpia. Senti-o magrinho, bem diferente dos anos anteriores. Que estará acontecendo? Efeitos do Real?

E a revista, sempre alentada e alvissareira? Ainda não chegou às minhas mãos. Aguardo-a com a expectativa de sempre.

Estou atrasado na minha remessa de jornais. Ai vão alguns com o meu grande e fraternal abraço.

F. DE VASCONCELLOS

☒ ☒ ☒

PREFEITURA MUNICIPAL DE PENÁPOLIS

Ofício 208/94

Penápolis - SP, 26 de outubro de 1994

Prezado Prof. J. Sant'anna

Vimos, através desta, solicitar a colaboração de V. Sª, no sentido de enviar-nos o Anuário do 30º Festival do Folclore, lançado no dia 14/8/1994.

O Anuário, recebido no ano passado, foi-nos de grande proveito, tendo em vista a pesquisa que vínhamos realizando na pré-escola, envolvendo o folclore, culminando com uma exposição em dezembro.

Contando uma vez mais com a colaboração de V. Sª, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente

ARLETE DE O. MANZATI
Diretora da DEC

LUZIA A. AUGUSTI
Chefe - Pré-escola

☒ ☒ ☒

Estância Balneária de Ilhabela - SP, 30 de outubro de 1994.

Caro amigo José Sant'anna

Recebi seu convite para o 30º Festival do Folclore. Parece que foi ontem que vi você começando os Festivais que resultaram nessa grandeza. Ainda pretendo revê-los mais uma vez.

Estou esperando você para conhecer a Congada de Ilhabela. Nossa casa está ao seu inteiro dispor.

Muita saúde é o que mais lhe desejo para poder enfrentar o próximo Festival.

Abraços da

IRACEMA FRANÇA LOPES CORREA

☒ ☒ ☒

Sorocaba - SP, 14 de novembro de 1994.

Prezadíssimo amigo José Sant'anna

Mais uma vez agradeço ao amigo, efusivamente, a gentileza da remessa do Anuário de Folclore, desta vez o de 1994.

Gostaria de saber se lhe chegou às mãos o meu último livrinho "Estórias Populares de São Paulo (Piracicaba-Sorocaba - Botucatu)" que lhe foi remetido há mais ou

menos um mês.

Grato pela dedicatória amabilíssima. Retorno-lhe triplamente os meus desejos de paz e felicidade!
Um abraço do amigo e muito admirador.

VALDEMAR IGLÉSIAS FERNANDES

☒ ☒ ☒

Secretaria da Cultura da Presidência da República
Instituto Brasileiro de Arte e Cultura
Coordenação de Folclore e Cultura Popular
Rua do Catete, 179
22.220 - Rio de Janeiro - RJ

Rio de Janeiro - RJ, 16.11.94

Agradecemos o Anuário do Folclore - 1994.

LÚCIA YUNES
Difusão - CFCP

☒ ☒ ☒

Vitória - ES, 17/11/94

Professor Sant'anna

Vosso Anuário, este relativo ao 30º ano do Festival de Olímpia, onde os deuses do povo se encontram, está cada vez melhor.

Agradeço a remessa. Agradeço os gentis votos. Espero mandar-lhe, em breve dias, por certo antes do Natal, o Índice do Folclore Capixaba que estamos editando com L. G. Santos Neves.

Parabéns, mais uma vez.
De pé e à ordem nós saudamos o seu trabalho ímpar.

Atenciosamente,

Renato José Costa Pacheco

☒ ☒ ☒

Passos - MG, 17 de novembro de 1994

Prezado Senhor José Sant'anna

Saudações

Pela presente, venho agradecer e acusar o recebimento da revista do 30º Festival de Olímpia. Fico feliz por mais uma vez ser agraciado com este presente, que considero de grande valor sobre a nossa cultura folclórica e também muito interessante sobre todos os assuntos abordados.

Aproveito a oportunidade para também agradecer o convite para a solenidade dessa tradicional festa, mas, infelizmente estava impossibilitado de aí comparecer. Entretanto, gostaria de estar presente a esse evento numa outra oportunidade.

Cito abaixo algumas anedotas e curiosidades como simples colaborador:

Curiosidade:

Conta-se que Jesus a caminho do Calvário em seu sofrimento, para dar ensinamento aos homens, deixou cair sobre uma ramagem, à beira dos trilhos por onde passava, gotas de seu sangue; que mais tarde produziram frutos, que quando maduros tinham cor avermelhada e passou a ser utilizada pelo homem, como bebida aferventada, que posteriormente denominou-se Café, bebida de rico sabor, hoje apreciada em todo o mundo.

Anedota:

Dois amigos inseparáveis trabalhavam numa mesma fábrica e ao apito do final do expediente, dirigiam-se a um boteco e tomavam uma dose de cachaça cada um. Este ritual seguiu-se por muitos anos, até que um belo dia um deles teve que se mudar para outra cidade. O amigo que ficou em solidariedade ao outro, passava todos os dias no mesmo boteco e tomava uma dose de cachaça para si e outra para o amigo. E o tempo passou e certo dia o companheiro solitário chegou ao boteco e como de costume o dono do bar colocou as duas doses de cachaça sobre o balcão. Não, de agora por diante somente uma dose.

Todos os frequentadores daquele lugar, sabedores da história dos dois amigos, se aglomeraram ao seu redor e surpresos indagavam o que havia acontecido, e seu amigo tinha morrido?

Não, respondeu o outro; é que eu deixei de beber.

Felicidades e um grande abraço.

ATAÍDE NATALINO DE REZENDE

☒ ☒ ☒

COMISSÃO PARAENSE DE FOLCLORE

CORRESPONDÊNCIA

Belém - PA, 18 de novembro de 1994.

Prezado confrade José Sant'anna:

Com muita satisfação recebi exemplar do Anuário do Trigésimo Festival do Folclore, realizado de 14 a 21 de agosto do corrente ano; recebi também, enviado por você, o convite para participar do citado evento, e que não comparei em virtude de estar comprometida com a festa anual que realizamos em Belém no dia Nacional e Internacional do Folclore, a 22 de agosto, quando fui agraciada pela Academia Paraense de Letras com a medalha vestida "JOSÉ VERÍSSIMO", conferida a pessoas que pertencem a esta ou a outra Academia de Letras.

Faço votos que esta entidade continue cada vez mais prestigiada.

Com votos de apreço e estima.

MARIA BRIGIDO
Presidente

☒ ☒ ☒

Rio - RJ, 19/11/1994

Prezadíssimo Sant'anna

Enquanto a maioria proclama queixas acomodativas sobre dificuldades financeiras, administrativas ou de que outra ordem sejam, você prossegue, sobrepujando todos os problemas, demonstrando competência. Para reafirmar o que digo, aí está o Anuário do 30º Festival do Folclore. Trinta anos, ininterruptos, de celebração de nossa cultura. Uma glória!

Desejo-lhe muita saúde para poder nos brindar com seu, já histórico, projeto cultural.

Abraço amigo da

CÁSCIA FRADE

☒ ☒ ☒

Maceió - AL, 20 de novembro de 1994

Caríssimo Prof. Sant'anna

É preciso dizer que em todo agosto estou aí? Creio que não. Estou, e estarei sempre, porque, enquanto o som do pandeiro tocar, enquanto a velha sanfona ranger e tirar melodias dolentes, enquanto o violão plangente fizer trinado de matar saudade, aí estarei pelos sons, pelas cores, pelos salões... vendo vocês, aplaudindo vocês e desejando que essa festa tome gosto cada vez mais, para não acabar nunca; nem o Anuário, que está bonito pra peste!

Abraços

JOSÉ MARIA TENÓRIO DA ROCHA

☒ ☒ ☒

Curitiba - PR, 21 de novembro de 1994

Prezado amigo José Sant'anna

Acabo de receber o Anuário do Festival de Folclore de Olímpia, mais apropriadamente, do seu 30º Festival de 1994, quando comemoram o seu jubileu de Pérola. Não há palavras para enaltecer essa bela promoção da Prefeitura Municipal de Olímpia e a edição dos anuários do seu Departamento de Folclore, onde nosso prezado e preclaro amigo José Sant'anna responde pela direção. Renova-se a cada ano o meu desejo de presenciar o Festival de agosto, que mais se aguçava quando recebo o seu Anuário. O material é esplêndido! Passa de mãos em mãos para todas as pessoas que consigo contatar, com especialidade os membros da Comissão Paranaense de Folclore.

Agradeço esta oportunidade que temos de ampliar nossos conhecimentos, conhecendo mais um pouco da nossa cultura popular. Particularmente sou grata às delicadas palavras do querido amigo, contidas no seu oferecimento, aproveitando o ensejo para desejar felizes realizações do ano vindouro.

ROSELYS VELLOZO RODERJAN
Presidente da Comissão Paranaense de Folclore

☒ ☒ ☒

Juiz de Fora - MG, 21 de novembro de 1994

Prezado Prof. José Sant'anna

Recebi, com inteiro agrado, o Anuário do 30º Festival do Folclore, dessa cidade de Olímpia, o qual penhoradamente lhe agradeço.

São páginas e mais páginas de rico material folclórico,

co, que muito engrandecem os seus pesquisadores e dignificam a todos nós que lutamos pela preservação e utilização pedagógica de nossa cultura popular.

Muito bem elaborados todos os seus artigos e a composição primorosa de toda a revista.

Rogo-lhe, pois, aceitar os meus agradecimentos e os meus cumprimentos.

Atenciosa e gratamente,

ANTÔNIO HENRIQUE WEITZEL

☒ ☒ ☒

Jundiá - SP, 21 de novembro de 1994

Prezadíssimo amigo, colega ilustre, José Sant'anna:

Acabo de receber o Anuário do 30º Festival do Folclore, que sua tradicional amizade e gentileza fizeram chegar às minhas mãos. Brinde maravilhoso, que exige agradecimentos repetidos, tanto mais que este número traz uma dedicatória honrosa e gratíssima que muito me comoveu.

Sou-lhe eterno devedor. Não sei, no momento, no Brasil, quem se lhe avanteje no idealismo pelas coisas da nossa cultura popular espontânea e por uma persistência invejável nessa promoção, hoje, de fama nacional e internacional.

Meu **Recortes de Folclore** (lembra-se dele?) está para sair em 2ª edição, após 40 anos, naturalmente atualizado e melhorado. Os originais estão na editora, que me promete o livro para 95. Quem sabe, em tempo de ser lançado em Olímpia, junto ao 31º festival. Continuo escrevendo e muito, inclusive sobre a ciência de William John Thoms, em artigos que andam espalhados por aí, em revistas e jornais do Brasil. Qualquer dia nos veremos. Se Deus quiser. Obrigado pela transcrição de minha carta. Parabéns à cidade de Olímpia, aos colaboradores da revistas e um grande abraço a todos os colegas folcloristas.

Com admiração,

ADELINO BRANDÃO

☒ ☒ ☒

Aracaju - SE, 21 de novembro de 1994.

Meu caro Sant'anna:

Mais uma vez acabo de receber, por seu intermédio, o ANUÁRIO de Olímpia, pertinente ao 30º Festival do Folclore. Desnecessário salientar a importância de tal publicação, uma espécie de termômetro cultural da cidade de Olímpia, através do qual se pode visualizar à distância o fecundo trabalho que aí se realiza em defesa do folclore e a pingue messe dos frutos teóricos colhidos ao longo dos anos.

Encontra-se nas páginas do Anuário verdadeiro tesouro científico das tradições populares olímpenses, e eu tenho o privilégio de possuir parte da coleção - do nº 18 ao 30, atual, além de um número avulso - 9. Bem que merecia um índice geral por assuntos ou temas (além dos índices por autor e título) em face da abrangente área de coleta e de estudos, trabalho esse que facilitaria sobremaneira a consulta dos pesquisadores interessados. Aí fica a idéia: quem já fez 99 pode, naturalmente, completar 100. Meus parabéns por sua atuação em particular, pelo muito que tem feito em prol da cultura do povo em Olímpia.

Gostaria de merecer um favor especial do amigo: se houver algum exemplar disponível dos números 1 a 8, ou de 10 a 17, me presenteie nesse fim de ano, que ficaria muito grato e feliz com a preciosa dádiva.

Com o testemunho da minha velha amizade e sincera admiração, firmo-me cordialmente.

JACKSON DA SILVA LIMA

☒ ☒ ☒

INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - IBCEC
(Comissão Nacional da UNESCO)

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

Rio Janeiro - RJ, 22 de novembro de 1994

Ilmo. Sr.
José Sant'anna
Olímpia - SP

A Comissão Nacional de Folclore/IBCEC/UNESCO agradece o envio do material bibliográfico abaixo discriminado, que doravante passará a integrar o seu acervo e se constitui numa importante e enriquecedora contribuição à sua biblioteca:

- Anuário do Folclore - 30º Festival do Folclore - 14 a

21 de agosto de 1994

Atenciosamente,

DELZIMAR COUTINHO
Sec.-Adj.

☒ ☒ ☒

EEPSG "BAPTISTA DOLCI"

Dolcinópolis - SP, 23 de novembro de 1994

Ofício nº 59/94

Assunto: Agradecimento

Senhor Professor José Sant'anna

Através deste, venho comunicar-lhe que recebi os exemplares da revista do "Folclore de Olímpia". Informo, ainda, que foram apreciadas pelos professores no H. T. P., desta manhã. E as revistas receberam inúmeras considerações e observações como um material enriquecedor à biblioteca escolar.

Com isso, neste momento, a comunidade escolar manifesta seu protesto de elevada gratidão pela doação efetuada.

Atenciosamente,

NEUZA TAKAKI
Diretora de Escola

☒ ☒ ☒

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Belo Horizonte - MG, 23 de novembro de 1994

À
Prefeitura Municipal de
Olímpia - SP

Prezados Senhores:

Temos a satisfação de acusar o recebimento de um exemplar da publicação "30º Festival do Folclore", editada por essa Prefeitura.

Agradecendo-lhes pela gentileza da remessa do exemplar, somos,

cordialmente

ROBÍNSON CORREA GONTIJO
Diretor Regional

☒ ☒ ☒

Araras - SP, 27-11-1994

Ao professor e amigo
José Sant'anna

Parabenizo-o pelo seu devotado amor à cultura brasileira, pelos nossos valores sociais e simbólicos e pelo incansável trabalho na defesa do folclore.

Envio-lhe o meu trabalho: Antônio, João e Pedro na "Noiva da Colina", editado pelo Departamento de Ciências Sociais - Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos.

Cordialmente,

MARIA CÉLIA CREPSCHI COIMBRA
- antropóloga -

☒ ☒ ☒

São Paulo - SP, 28 de novembro de 1994

Caro Prof. José Sant'anna

Recebi e muito agradeço a revista comemorativa do 30º Festival de Folclore de Olímpia, em boa hora e mais uma vez editada pelo Bradesco. É uma pequena enciclopédia do folclore brasileiro, digna de figurar nas boas bibliotecas do mundo. Grato também pela dedicatória.

Por falar nisso, acabo de doar minha biblioteca à Prefeitura Municipal de Bom Jesus dos Perdões. Com cerca de dois mil volumes, muitos de Folclore, penso que é um bom início para uma biblioteca pública numa pequena cidade no Interior.

Tanto mais agora, caro Sant'anna, que o livro parece estar perdendo o desafio para o disquete, mas não o lugar indispensável que ocupa na cultura humanística.

Também eu, se Deus quiser, devo mudar-me para minha cidade e assim terei a biblioteca à mão. Apesar de meus achaques não pude ir à reunião das comissões

CORRESPONDÊNCIA

estaduais de Folclore em Divinópolis, MG (terra da Adélia Prado, que gostaria de conhecer) e assim a Comissão de São Paulo continua acéfala - mas espero realizar, ao menos, as anotações ao Dic. de Folclore do Cascudo, de que falei em minha carta publicada por V. no boletim do Fefol.

Olimpia, graças ao seu abnegado trabalho e de sua equipe, não é só a capital do Folclore Brasileiro, como a batizei há tantos anos, mas o reduto inexpugnável da nossa cultura popular. Como Canudos, digamos, **mutatis mutandis**, cujo centenário está perto e dará a V. muito trabalho para comemorá-lo em Olímpia.

Fico por aqui, caro José Sant'anna, com meu grande e cordial abraço e sinceros votos de feliz Natal e Ano Bom.

HÉLIO DAMANTE

☒ ☒ ☒

Cabedelo - PB, 1º de dezembro de 1994

Meu caro José Sant'anna

Agradeço-lhe penhorado o envio do ANUÁRIO do 30º FESTIVAL DO FOLCLORE de Olímpia. A cada número do Anuário melhor ainda é a sua qualidade. Este atual, por exemplo, traz trabalhos primorosos como FOLCLORE E RELIGIÃO, de André Luiz Nakamura; os seus trabalhos sobre casos e contos populares, indispensáveis para mim, que me tenho dedicado à coleta e estudo do conto folclórico e me louvo no seu material para cotejo com os exemplares encontrados na Paraíba. Também a professora Iseh Bueno de Camargo dá-nos preciosos ensinamentos com o seu longo (seria mais apropriado dizer completo) estudo O FOLCLORE DOS OLHOS. Pesquisa paciente e fecunda e excelente exposição, resultando em trabalho exemplar.

Tomiei conhecimento de sua passagem aqui por João Pessoa e lamentei não hever sabido a tempo de encontrá-lo. Teria sido um grande prazer.

Parabenizo-o pelo belo trabalho que realiza em defesa da cultura popular, expresso sobretudo na excelente edição de nº 30 do Anuário, e desejo-lhe muitas felicidades neste Natal e um Ano Novo repleto de conquistas.

Com um abraço fraterno do

ALTIMAR PIMENTEL

☒ ☒ ☒

Tietê - SP, 3 de dezembro de 1994

Meu querido Amigo
Escritor José Sant'anna

Olimpia

Minhas efusivas saudações.

Venho comunicar ao meu ilustre Amigo que recebi sua última carta de 29 de novembro. Bem como os documentos que me enviou antes e informo que com o folheto de anúncio das festividades anuais, agora no fim do mês vou encadernar os Anais das festas deste ano. Tudo em ordem por mim. Muito obrigado.

Sem mais por hoje, meus agradecimentos e o abraço de despedida deste seu dedicado amigo.

BENEDICTO PIRES DE ALMEIDA

☒ ☒ ☒

Piracicaba - SP, 5 de dezembro de 1994

Prezado amigo José Sant'anna

Peço-lhe desculpas, mas, por motivo de saúde, só hoje lhe posso agradecer a remessa do 30º Festival de Folclore e apresentar os meus parabéns pelo Jubileu de Pérola. Estou lendo página por página com o prazer de sempre, tendo começado pela sua coleção de **contos**, avançando agora pelo Folclore dos **Olhos** e, assim, pretendo caminhar por dentro do belo volume.

Desejo-lhe toda a felicidade pessoal e o contínuo entusiasmo que tem revelado até hoje pelo folclore.

Do amigo e admirador sempre muito grato.

FLÁVIO MORAES DE TOLEDO PIZA

☒ ☒ ☒

Belo Horizonte - MG, 7 de dezembro de 1994

Ao Ilm.º Sr.
Folclorista José Sant'anna
Olimpia - SP

Prezadíssimo Sant'anna:

Recebemos o exemplar da revista do 30º Festival do

Folclore/94. Publicação completa do princípio ao fim. A começar pela bonita capa onde se mostra em policromia um aspecto da "congada chamba", de São Sebastião do Paraíso. O conteúdo do miolo é de alto nível. Cada matéria tratada com muita competência e conhecimento do assunto. O fecho não poderia ser melhor. A transcrição do pronunciamento do ex-ministro da Educação e Cultura (1959) Clóvis Salgado foi de rara felicidade. Parece que vocês da redação tiveram um lampejo de premonição. Pois a fala do Dr. Clóvis Salgado mostra claramente a importância do Folclore para caracterizar e definir a alma da Nação. Vocês adivinham a grande mancha do atual ministro da cultura (?) - ministro com letra minúscula mesmo - ao se referir à bienal do livro em Frankfurt disse textualmente: "a bienal é coisa séria, não é folclore" (caderno B do JB em princípio de novembro ou fim de outubro). Para quem sabe ler...

O Seminário em Divinópolis foi muito bom. Reuniram-se quase todos os presidentes das comissões estaduais de Folclore e mais outros folcloristas. Constituiu-se de dois módulos: 1) encontro dos presidentes para um debate sobre as próprias comissões; 2) um curso de introdução ao Folclore, para a comunidade. 16 horas/aulas. Mais de 70 alunos. Na maioria professores de 1º e 2º graus. Valeu a pena. Todos que foram se manifestaram satisfeitos. Em 95 será em Salgado em comemoração dos 100 anos de nascimento do mestre Renato Almeida, ou em Guarujá. Parece-me que não ficou definido se na Bahia ou em Guarujá.

Não sei se você já sabe. A nossa mestra e folclorista Núbia Pereira de Magalhães Gomes teve uma morte estúpida, prematura, em desastre de ônibus na dia 26 de outubro próximo passado, quando, com o marido, Dr. Jonas, ia para São Paulo. O ônibus deslizou na pista, desgovernou-se e bateu forte contra uma árvore. No choque a nossa mana/mãe/mestra/ menina Núbia se foi. Está lá no céu, mais uma estrela a brilhar no firmamento. De lá está olhando para nós todos. Guia-nos e guia os seus queridos irmãos humildes e pobres congadeiros, foliões de Santos Reis, artesãos e quantos outros tantos agentes das manifestações folclóricas. Uma perda irreparável para a Comissão Mineira de Folclore, para a cultura de Minas e do Brasil. Ficou sua obra, seu exemplo, sua força em se dedicar às pesquisas das coisas sagradas da cultura tradicional. Cumpriu seu papel de mulher, de mãe, de esposa, de professora, de cientista do Folclore. Agora, frente à irreversibilidade da morte, cumpre-nos seguir os passos de Núbia, irmos fundo nas pesquisas e continuar na luta em defesa, no estudo, na preservação do Folclore. Antes de tudo o respeito aos simples agentes do fato folclórico.

No fim de outubro fomos a São Paulo ver a Bienal e, como não poderia deixar de ir, fomos visitar o Museu de Folclore "Rosini Tavares de Lima". Fomos muito bem recebidos pela diretora. A prefeitura de São Paulo está fazendo tudo para tirar o museu do lugar onde vem prestando inestimável serviço à cultura brasileira. Antes tentaram arrancá-lo. A reação foi imediata. A Comissão Mineira de Folclore deu o grito em ofício de solidariedade à direção do museu e um telegrama ao prefeito (?) Maluf. Agora, tiraram o telefone e ameaçam não pagar água e luz além do remover do museu os funcionários. Um crime de lesa-cultura. Um terrorismo cultural. Nós folcloristas não podemos ficar de braços cruzados. Hoje nos levam o museu de São Paulo. Amanhã, o "Edson Carneiro", do Rio de Janeiro. Depois de amanhã, o de Recife e assim por diante. Para um Ministro que acha que Folclore não é coisa séria, é bobagem, trem de negro e pobres, o que esperar deles? A cultura é mal vista pelos políticos, pela classe dominante. Cultura não dá voto. É crítica, é subversiva. Não se curva aos prefeitos, governadores, presidentes, ministros de plantão. A cultura popular resiste. Tem suas raízes fincadas na ancestralidade. Daí sua força, sua resistência. Enquanto houver uma criatura humana na terra, o Folclore existirá.

Nossos aplausos pelo Festival do Folclore e pela publicação da revista.

Folcloricamente,

DOMINGOS DINIZ
Presidente da Comissão Mineira de Folclore

☒ ☒ ☒

Maceió - AL, 07 de dezembro de 1994

Prof. José Sant'anna
DD. Coordenador do Festival de Olímpia

Prezado Senhor:

Recebemos o Anuário de Folclore/1994. Permita-nos cumprimentá-los pela sua extraordinária perseverança em prol do Folclore brasileiro, ao tempo em que auguramos votos de pleno êxito nos próximos Festivais.

Sendo o que se apresenta para o momento, firmamos-nos cordialmente,

RANILSON FRANÇA DE SOUZA

Presidente da Asfopal

☒ ☒ ☒

Belo Horizonte - MG, 7 de dezembro de 1994

Senhor Sant'anna:

Venho agradecer-lhe meu livro à Câmara Municipal dessa cidade, através do Vereador Osvaldo da Silva Melo. Este, por sua vez, solicitou constasse em ata voto de aplauso à minha pessoa.

Minha filha Dadá, quando esteve aí com o Grupo Aruanda, deu-lhe um exemplar do livro de receitas.

Muito obrigada. Fiquei feliz demais da conta.

Vim lá das barrancas do São Francisco, Pirapora, onde aprendi com minha mãe, minha avó e com muitas cozinheiras, fazer doces, bolos e quitandas. Tenho na cabeça, na memória, estas receitas. Por insistência de amigos e amigas e com a colaboração do Café Três Corações me animei e fiz o livro RECEITAS DA TIA GUIDINHA. Fiz o lançamento no encerramento da 29ª Semana de Folclore de Belo Horizonte, em agosto de 1993. O livro já não me pertence. Corre mundo. É do povo.

Além dos doces e quitandas, gosto muito de folias de Santos Reis, dos congadeiros, dos dançadores de lundu, carneiro, recortado. Desde menina convivo com este universo das coisas do povo. Nas fazendas da Marambaia, Coqueiro e Manguera, em Pirapora, vi muitas folias; dancei lundu e quadrilha, nas noites de São João.

Aqui em Belo Horizonte, juntamente com amigas e amigos do bairro, temos uma folia de Santos Reis. Sai todo ano de 1º a 6 de janeiro.

A gente canta nas igrejas, nas casas do bairro. Uma beleza!

O meu muito obrigada. Sei que você é um folclorista de mão-cheia, como me fala meu irmão Domingos Diniz. Dadá também me diz que a sua festa aí em agosto é uma beleza.

Desejo a você e à família um Natal feliz em Cristo. Um natal de reflexão espiritual.

Quando vier a Belo Horizonte, não deixe de vir tomar um café gostoso em nossa casa.

MARGARIDA DINIZ BASTOS
"Tia Guidinha"

☒ ☒ ☒

São Paulo - SP, 9 de dezembro de 1994

Amigo Sant'anna:

Não sei quem escreveu estes versos que abaixo transcrevo, porém, eles expressam o que penso da vida:

"Se não houver frutos,
Valeu a beleza das flores.
Se não houver flores,
Valeu a sombra das folhas.
Se não houver folhas,
Valeu a intenção da semente."
Pois é, recebi, com muita alegria o tão valoroso e espedado Anuário do Folclore - 1994.

Está elegantíssimo, muito completo. Os assuntos tratados estão perfeitos.

Olimpia, sem dúvida alguma, é a capital do Folclore, no Brasil, pelo trabalho grandioso e importante que vocês realizam anualmente.

Continue firme na direção desses trabalhos. Envio-lhe os melhores votos de Boas Festas e um Ano Novo pleno de felicidades.

CÁRMEN BEATRIZ PITTIGLIANI

☒ ☒ ☒

Rio - RJ, 9-12-94

Prezado Prof. José Sant'anna

Desculpa pela demora de resposta. Recebi o Anuário dia 8-12 e, por isso, só agora escrevo. Acontece que me aposentei, em setembro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e a publicação foi trazida, por uma colega, para minha casa. Como todos os Anuários, este também será incorporado ao acervo do Centro de Pesquisas Folclóricas, possibilitando assim a consulta dos interessados.

O próximo exemplar poderá ser endereçado ao Centro, pois não tenho certeza de quem ficará responsável pelo setor.

Parabenizo a todos por mais esta realização, esperando que possam prosseguir por muitos anos.

Um grande abraço.

ROSA MARIA ZAMITH

☒ ☒ ☒

31º FESTIVAL DO FOLCLORE

CORRESPONDÊNCIA

Guarujá - SP, 11/12/1994

José Sant'anna:

Recebi o convite para o 30º Festival do Folclore de Olímpia. Coincidiu com o nosso de número 22. Ainda desta vez foi impossível eu me deslocar e ir participar de sua belíssima e inigualável festa do folclore brasileiro.

Aqui também chegou o Anuário do 30º Festival do Folclore. Muito me enviaiçou e emocionou a dedicatória com que o amigo me presenteou.

Muito grata e parabéns a vocês todos pelo labor a que se dedicam: pesquisa e divulgação da cultura popular de nosso país. Estou preparando o número 20 de nossa revista Folclore.

Você e/ou Iseh poderiam nos dar a honra de um artigo.

Abraços

ESTHER S. A. DE ALMEIDA KARWINSKY

☒ ☒ ☒

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Campo Grande - MS, 12 de dezembro de 1994

Prezado Prof. Sant'anna

Volto a lhe escrever, mais uma vez, para parabenizá-lo e à Prefeitura Municipal de Olímpia, pelo belíssimo Festival de Folclore, comemorando seus 30 anos de brilhantismo e perseverança em prol das raízes culturais do nosso povo.

Participante desse Festival, na condição de coordenadora do Grupo Sarandi e orientadora dos alunos da UFMS, que aí estiveram para pesquisar, eu só tenho a agradecer a bela acolhida do povo olimpiense e dos organizadores do Festival à nossa delegação de Mato Grosso do Sul.

Não tome esta afirmação como bajulação ou favor, pois trata-se de expressiva admiração pelo trabalho desenvolvido pelo Município de Olímpia, principalmente através de sua pessoa, Prof. Sant'anna. Como prova disso, anexo apenas um relatório, dentre tantos outros, feito por aluno do curso de Artes, quando do nosso regresso.

Quero destacar o incansável trabalho do Museu do Folclore, na figura de Maria Miranda, que resiste em organizar os objetos ali expostos, apesar das dificuldades.

Também sei que vocês têm pronto um estudo de estruturação de Curso de Graduação em Folclore. Quando poderemos contar com ele? A procura é bastante significativa!

Uma sugestão, se é que me permite fazê-la, no pavilhão onde estão expostos os artesanatos e os objetos folclóricos, se possível, acrescentar livros da área, as publicações atualizadas, etc., para que os alunos universitários possam adquiri-los, pois sempre vão sedentos por obras pertinentes ao assunto.

Para encerrar, mais uma vez agradeço, em nome do Grupo Sarandi e da Pró-Reitora de Extensão da UFMS, pelo convite e acolhida.

Aproveite o momento para lhe desejar um Bom Natal e um Feliz ano de 95, seja ele coroado de êxito.

Um abraço amigo

MARLEI SIGRIST
Prof.ª do Dep. Com. e Artes
CCHS/UFMS

Segue este relatório de minha aluna Luciane de Gonzale Pache, do 2º ano (bacharelado) do curso Artes Plásticas, disciplina Folclore Brasileiro, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

RELATÓRIO DESCRITIVO - VIAGEM A OLÍMPIA

Falar sobre Olímpia é no mínimo recordar um sonho, pois para mim, esta viagem teve esta sensação. Quando saímos de Campo Grande, em direção a Olímpia, tinha em mente um festival como outro qualquer, onde haveria dança e música folclóricas, porém nada de excepcional. Ledo engano, pois lá chegando, encontrei uma cidade e uma população que por duas semanas no ano, bebem, comem, dormem e respiram FOLCLORE.

Para nós, meros turistas, foi um presente dos Deuses, pois além da enorme gama de culturas que lá vivi e aprendi, pude estar em contato com pessoas do país inteiro e cada vez mais sinto orgulho de ser brasileira.

Foram dias de muita informação e diversão, onde conheci os folguedos e danças do Ceará, de São Luís do Maranhão, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, de Minas, de Goiás, do interior de São Paulo, do Paraná e de tantos outros lugares, que não sobriaria espaço para citá-los em meu relatório.

Encantei-me com a dança-de-são-gonçalo do Cea-

rá, quase morri de susto com os bacamarteiros de Sergipe, revli minhas raízes com as danças do Rio Grande do Sul, descobri novos ritmos e novas danças com o grupo de teatro e dança de São Luís, emocioniei-me com os catireiros e os fandangueiros de tamanco de São Paulo (Estado) e de Minas, aprendi mais sobre a colonização do Sul do país com o grupo de Maringá; em suma, vivi dias de verdadeira beleza e de enorme cultura neste paraíso chamado Olímpia.

Resta, ainda, ressaltar a visita ao Museu do Folclore de Olímpia, onde tivemos uma aula de resistência e persistência feita pela administradora do museu e pela população de Olímpia.

Em suma, Olímpia significou, para mim, um enorme aprendizado, pois lá tive condições de descobrir um Brasil novo, cheio de cultura popular, onde a máquina pasteurizada de tendências chamada Mídia ainda não conseguiu destruir a cultura do povo.

Quisera eu não fazer um relatório tão apaixonado e romântico, porém só quem esteve em Olímpia no 30º Festival de Folclore é que entenderá tanta paixão.

Agora, só me resta dizer: Muito obrigada Marlei, por me proporcionar tal presente.

☒ ☒ ☒

Niterói - RJ, 14 de dezembro de 1994

Sr. Dr. José Sant'anna:

Quero agradecer-lhe, em nome de meu marido, Rubens Falcão, a oferta do anuário "30º Festival do Folclore". É um belo trabalho, que demonstra o cuidado e competência de Olímpia nas pesquisas de nossas tradições populares.

Olímpia merece, com muita justiça, o título de "Capital do Folclore".

Falemos agora do Rubens. Ele, infelizmente, não anda bem de saúde. Acamado há algum tempo, não tem podido beneficiar-se desses prazeres literários.

Assim, espero que receba, com os meus parabéns, os agradecimentos pela sua distinção e gentileza.

Atenciosamente,

ANETE FALCÃO

☒ ☒ ☒

Franca - SP, 15 de dezembro de 1994

Querido sobrinho José,

Recebi o Anuário de Folclore de 1994. Achei-o lindo e muito interessante. Os contos de "Quem Quiser Que Conte Outro" são engraçadíssimos. Lembro-me de muitos deles contados pela mamãe, a sua avó querida.

Venha a Franca para eu contar-lhe alguns deles.

Tenho uma vontade louca de assistir ao Festival do Folclore de Olímpia, mas penso que isso não será possível. Estou com 85 anos e já não consigo viajar, canso-me facilmente.

Nas férias, venha passar alguns dias aqui em casa. Ficaria muito feliz com a sua presença. Você é uma pessoa amável, nunca se esqueceu de mim.

Desejo a você e a todos os nossos familiares um Natal muito alegre, cheio de louvores e gratidões e o Ano de 95 com muita paz, saúde e harmonia.

Sua tia

MARINA SANT'ANNA

☒ ☒ ☒

Juiz de Fora - MG, 16 de dezembro de 1994

Prezado Professor
José Sant'anna

Cordais saudações

Gostaria de agradecer-lhe o envio da belíssima edição da revista do 30º FESTIVAL DO FOLCLORE/94. Este número da revista tem um significado muito especial para mim. O caro amigo, ao publicar a carta que Núbia e eu lhe enviamos em 04 de novembro de 1993, nos prestou uma comovida homenagem. Isto em função do falecimento de Núbia, ocorrido no último dia 24 de outubro.

Infelizmente, minha amada companheira de vida e de trabalho partiu em direção às paragens divinas. Deus queira que ela possa estar conosco no coração. Sinto muitas saudades e ainda me sinto abalado: foram dez anos consecutivos de convivência diária, com o entusiasmo e a harmonia de duas pessoas que dividiam o amor pela mesma realidade: a cultura popular.

De agora para diante, em homenagem a Núbia, espero ter forças e inspiração para prosseguir o trabalho de pesquisa e de publicações no Projeto Minas & Mineiros, o qual sempre desenvolvemos em parceria.

Termino desejando ao amigo um FELIZ NATAL E UM PRÓSPERO ANO NOVO. Que os sucessos do ano que se encerra se repitam em dobro no ano que se inicia!

Com estima e apreço, o amigo

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

☒ ☒ ☒

Recife - PE, 28 de dezembro de 1994

Meu caro Sant'anna:

Mais uma vez, com o recebimento da revista do 30º Festival do Folclore, renovo o meu contentamento em saber que o prezado amigo e sua equipe continuam à frente dos movimentos ilustrativos da Cultura Popular.

Destaco as pesquisas sobre "Pau-de-fita" e "Quem quiser que conte outro", pela importância que estudos de tal caráter revelam ao pleno conhecimento de dois aspectos fundamentais da presença da gente simples no eixo de nossa tradições culturais.

Permaneça do seu afã de fazer sempre o melhor. Com um abraço do seu amigo

ALCIDES NICÉAS

☒ ☒ ☒

Rio de Janeiro - RJ, 29 de dezembro de 1994

Prezado José Sant'anna

Com os meus cumprimentos coridais, os melhores votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo.

BRÁULIO DO NASCIMENTO

☒ ☒ ☒

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Florianópolis - SC, 30 de dezembro de 1994

Prof. Dr. José Sant'anna
Olímpia - SP

Caro Professor

Cumprimentar-lhe na passagem para 1995, é um prazer dos maiores, fazendo votos para que no decorrer do mesmo, as suas realizações sejam superiores às de 1994. Estendo esta minha manifestação a toda sua valiosa equipe de trabalho, que faz com que Olímpia se projete no Cenário Nacional pela grandeza do seu Festival de Folclore, que fechou com chave de ouro o seu trigésimo, com o magnífico registro no seu Anuário. Nossos cumprimentos.

Como a Comissão Catarinense de Folclore o agradeceu com o Certificado de "Honra ao Mérito" pela sua relevante contribuição ao Folclore Brasileiro, na sua sessão histórica de 22 de agosto último, que contou com a presença de Cásia Frade, da Comissão Nacional, aprovada pela unanimidade dos seus membros, solicitamos portanto informar se o Certificado em referência chegou às suas mãos.

Com admiração e respeitosa amizade, abraça-o

DORALÉCIO SOARES

☒ ☒ ☒

JOSÉ SANT'ANNA - O ENCICLOPEDISTA

Natal - RN, 1º/1/1995

Meu caro amigo José Sant'anna: meu abraço.

Recebi o volume dedicado ao "30º Festival do Folclore" de Olímpia - um sonho grande do seu idealismo e amor à cultura.

Passando a vista nos diversos volumes que possuo do "FESTIVAL DE FOLCLORE" de Olímpia, (SP), não tenho outro qualificativo para denominá-lo senão o de enciclopedista do folclore brasileiro.

O acervo que se contém nesses volumes é extraordinário. Acervo de ensaios, artigos, pesquisas - suas, de sua equipe e de colaboradores diversos. O que o antigo Instituto Brasileiro do Folclore não pôde fazer - você o faz praticamente sozinho com sua equipe de pesquisadores.

Isso, meu caro, é tarefa de enciclopedistas. Graças ao seu esforço destemido e à sua liderança incontestável nesse campo de estudos científicos.

Louvo o seu trabalho ingente e dos seus auxiliares. Você é um benemérito da nossa pátria. Vi, pessoalmente, num dos congressos que aí se realizou, quanto vale o seu trabalho e sua fé nos destinos do nosso país e da nossa cultura.

No livro de ouro que algum dia se escrever sobre o Brasil e seus líderes de ação cultural - seu nome não

CORRESPONDÊNCIA

poderá faltar. Seu nome já reside lá - na idéia deste resgate dos homens que merecem a nossa admiração e gratidão perenes.

Abraço afetuosos do seu amigo velho natalense

VERÍSSIMO DE MELO

✉ ✉ ✉

Guarujá - SP, 1º/1/1995

Prezado Dr. José Sant'anna,

Agradeço a gentileza de sua mensagem para 1995. Peço a Deus que continue a iluminá-lo e lhe dê saúde e coragem para continuar na tarefa grandiosa que realiza em sua querida Olímpia.

Receba um grande abraço e saudades da sua admiradora e amiga

ESTHER KARWINSKY

✉ ✉ ✉

PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTESANATO E FOLCLORE

Sete Lagoas - MG, 2 de janeiro de 1995

Prezado Senhor José Sant'anna:

Com a presente desejamos externar a V.S.^a os melhores agradecimentos pelo apoio que concedeu ao Departamento de Artesanato e Folclore da Secretaria de Cultura de Sete Lagoas durante o ano de 1994. Seu estímulo e compreensão, é-nos grato reconhecer, foram fundamentais para que atingíssemos nossos objetivos.

Nesta oportunidade, estamos tendo o prazer, ainda, de passar às suas mãos um breve relatório de nossas atividades de 1994, bem como um esboço do planejamento que submetemos ao Prefeito de nossa cidade e que se desdobrará nas metas que procuraremos no corrente ano de 1995.

Mais uma vez, desejamos contar com a indispensável colaboração de V. S.^a, pelo que, desde já, formulamos os nossos agradecimentos.

Cordialmente,

FRANCISCO TIMÓTEO PEREIRA
Secretário Municipal de Cultura

MÁRCIO VICENTE SILVEIRA SANTOS
Diretor do Departamento
de Artesanato e Folclore

✉ ✉ ✉

Fortaleza - CE, 03 de janeiro de 1995

Caro amigo Sant'anna:

Recebi o Anuário do Folclore de 1994. Li-o com muita atenção. Quanta coisa importante para o conhecimento do folclore nacional. Olímpia, a cidade celeste, não hesita em realizar o maior festival folclórico do país, bem como em manter, com regularidade, uma revista, excelente ponto de apoio aos que pretendem conhecer o folclore da nossa gente.

Sinto muita saudade do festival de Olímpia, quando dele participei, algumas vezes, como coordenadora do Grupo de Danças Folclóricas do SESI, aqui de Fortaleza. Esperando em Deus, num dia retornar a essa cidade, apresento a todos os organizadores do Festival e da revista, votos de plenos sucessos.

MYRIAN CÂMARA PEREIRA LOPES

✉ ✉ ✉

Petrópolis - RJ, 4 de janeiro de 1995

Mestre José Sant'anna

Recebi a revista do último festival. Grato pela remessa. Excelente conteúdo em roupagens condizentes com o empreendimento. Parabéns!

Com os votos de um feliz 1995, seguem os últimos jornais até a edição de nº 74, que veio a lume no dia 10 de novembro de 1994.

Até uma próxima oportunidade. Grande e fraternal abraço.

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

✉ ✉ ✉

Olinda - PE, 6/1/1995

Meu caro José Sant'anna
Recebi o magnífico e excelente exemplar da publicação do 30º FESTIVAL DO FOLCLORE de Olímpia, referente ao ano de 1994. Como sempre inserindo farto e excelente material folclórico de várias partes do país, mostrando que o nosso folclore está sempre vivo e fazendo parte da cultura brasileira.

Você está prestando um grande e inestimável serviço ao folclore brasileiro, Sant'anna. Aceite meus parabéns extensivos a todos os que trabalham com você na realização dessa obra maravilhosa que é o festival de Olímpia.

Um abraço bem grande

MÁRIO SOUTO MAIOR

✉ ✉ ✉

Salvador - BA, 8 de janeiro de 1995

Meu caro Sant'anna:

Estou lhe devendo dois agradecimentos. Um é pelo cartão de Boas Festas que você gentilmente me mandou. Os correios merecem cumprimentos. No envelope há um carimbo do dia 4. Pois não é que ontem, dia 7, cá chegou! Agradeço e retribuo os votos formulados.

O dois é a remessa do Anuário do Festival. Acredito que tenha chegado meses atrás, pois estava na pilha de publicações que recebo, mas lá embaixo. Esqueci de lhe dizer que andei fora da Bahia durante alguns meses e só agora estou retornando.

O Anuário, como sempre, está ótimo. Vocês aí dão a impressão de almoçarem, jantarem e cearem pesquisas. Quanto material vocês têm reunido! Parabéns e mais parabéns. O inesquecível Renato Almeida dizia que o folclore precisava de gente moça e também, principalmente, de quem pesquisasse, de quem recolhesse o material que anda se perdendo por aí por falta de coletadores.

Renato acrescentava que já havia gente demais repetindo, transcrevendo, interpretando pesquisas já publicadas por outros. Meus parabéns, Sant'anna. E nunca se esqueça de ser sincero.

Um abraço

HILDEGARDES VIANNA

✉ ✉ ✉

LIBRARY OF CONGRESS OFFICE

Rio de Janeiro - RJ, 10/1/95

Ao
Museu de História e Folclore Maria Olímpia
Olímpia

Recebemos e agradecemos o Anuário do Folclore ano 21, nº 24, 1994.

Atenciosamente,

JAMES C. ARMSTRONG
Field Director

✉ ✉ ✉

Natal - RN, 13/1/1995

Velho amigo José Sant'anna: meu abraço. Recebi sua amável mensagem de feliz ano novo. Retribuo dizendo que desejo um ano de 1995 que faça jus à sua inteligência e ao seu talento.

Afetuosamente,

VERÍSSIMO DE MELO

✉ ✉ ✉

Guarujá - SP, 21/1/1995

Caro amigo José Sant'anna, saúde. Recebi ontem seu trabalho, obra-prima de um erudito como você. Muito obrigada. Pretendo publicá-lo na íntegra. É uma pesquisa importante e magistral. Parabéns. Sentimo-nos honrados com sua colaboração.

Estamos organizando o III Festival de Seresta, 20-30 maio p. futuro.

Quer enviar um conjunto e/ou um solista? Daremos hospedagem e alimentação.

E enviarei regulamento.

Favor dizer a data de seu 31º Festival. Gostaria de comparecer. Preciso da data para não coincidir com o nosso.

O abraço amigo e cumprimentos de

ESTHER KARWINSKY

✉ ✉ ✉

Araçuaçu - SE, 30 de janeiro de 1995

Caro amigo José Sant'anna, recebi o material que lhe solicitei e lhe fico ainda mais agradecido. É uma pena que não o tivesse à mão anteriormente, pois teria feito referência às duas versões que você colheu do "Marido Preguiçoso" (agosto de 1971) nos meus trabalhos sobre o Romancelheiro (1977 e 1991) em Sergipe. Mas oportunamente o farei quando de uma reedição ou de novas achegas nessa área.

Remeto-lhe os Anais dos 20 Anos do "Encontro de Laranjeiras", colocando-me, como sempre, à sua disposição em Aracaju.

Com meu abraço fraterno e testemunho da minha sincera admiração.

JACKSON DA SILVA LIMA

✉ ✉ ✉

Pompéu - MG, 30 de janeiro de 1995

Caro Prof. Sant'anna:

Em cordial visita, agradeço-lhe mensagem de Ano Novo e remessa do Anuário do 30º Festival do Folclore, bem como os votos de "plena paz, paz interna, paz externa e paz eterna".

Dia desses, volto com mais vagar.

Que em 1995, sua vida seja marcada por esse ato de amor e de generosidade tão característicos de seu espírito.

Afetuosamente,

EDMÉIA FÁRIA

✉ ✉ ✉

Boa Vista - PR, 30 de janeiro de 1995

Estimado Prof. Sant'anna,

Agradeço a distinguida atenção pelo envio do Anuário do 30º Fefol, incluindo dedicatória que muito me sensibilizou. Esse Anuário me foi reenviado do Rio para Boa Vista onde presentemente estou envolvido num projeto de integração energética com a Venezuela.

Tenho me esforçado em divulgar seu perseverante trabalho à frente do Festival de Olímpia nas minhas andanças pelo Brasil, como o faço aqui em Boa Vista, junto à Casa da Cultura. Essa instituição conta com mínimos recursos para dinamizar suas atividades nessa região tão rica de folclore e de predominância indígena, sobretudo o acervo dos Macuxis.

Um fraternal abraço

AFFONSO FURTADO SILVA

✉ ✉ ✉

São José dos Campos - SP, 20 de fevereiro de 1995

Prezadíssimo Professor José Sant'anna:

Faço contato para encaminhar cartazes do Festival Culinário do Vale do Paraíba, evento promovido pelo Museu de Folclore Valdomiro Silveira e organizado pela empresa que dirijo.

O evento se destina a reunir, no Centro Recreativo Municipal de Cachoeira Paulista, amostras da culinária típica do Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Litoral Norte do Estado de São Paulo, assim como o artesanato voltado para a culinária, numa festa que condiz com as tendências mais espontâneas da brasilidade. Uma festa em que a programação privilegiará a essência mais profunda da identidade cultural do povo desta região, revelando não somente o seu aspecto alimentar mas os hábitos e costumes expressos na dança, na música, no fazer folclórico.

A idealização é da escritora e folclorista Ruth Guimarães, fundadora e supervisora do Museu de Folclore Valdomiro Silveira, sediado em Cachoeira Paulista.

Durante os dois dias do evento, expositores de 25 cidades (de um total de 37 da região administrativa do Vale do Paraíba paulista) exibirão seus quitutes, artesanato e grupos folclóricos a um público previsto de 20.000 pessoas. Toda a comida apresentada será preparada durante a exposição, para que seja possível aos visitantes observar inclusive as técnicas de preparo.

Detalhamos a seguir a participação das cidades convidadas:

Aparecida: comidas típicas e grupos folclóricos.

Arapeí: comidas típicas e artesanato em barbante.

Aréias: grupos folclóricos e artesanato em barbante.

Bananal: artesanato em crochê e doces.

Barra Mansa: artesanato em cerâmica, representant-

CORRESPONDÊNCIA

do do Vale do Paraíba sulfuminense.

Cacapava, com a Fundação Nacional do Tropeirismo: comida tropeira ("escardado", sopa de pato, "mingau levanta-defunto"). Josias, um velho tropeiro remanescente das tropas da Serra do quebra-Cangalha, vai estar cozinhando a comida viajeira num fogão de tucuruva, e tecendo peneiras e cestos de taquara.

Cachoeira Paulista: trinta pratos típicos, além de artesanato utilitário em crochê, madeira, pano e palha.

Cruzeiro: grupos de catira e desafio.

Cunha: ceramistas e um grupo de folia do Divino Espírito Santo.

Guaratinguetá: doces de frutas e artesanato em barro, além de grupo de jongo.

Ilhabela, com a Divisão de Apoio às Comunidades Isoladas: "peixada azul-marinho", pescadores para tecer redes e grupos de bailados folclóricos.

Lavrinhas: artesanato em tear.

Lorena: doces, biscoitos, compotas e cerâmicas.

Monteiro Lobato: "leilão à pururuca" e artesanato em tecido.

Paraibuna: "fogado" e o pastel de farinha, além do artesanato em cobre.

Piquete: artesanato em madeira e comidas típicas.

Queluz: artesanato em couro e comidas típicas.

Redenção da Serra: vai ser representada pelo artista Toninho Mendes, exibindo e confeccionando durante o evento exemplos de standartes usados nas festas populares do Vale do Paraíba.

Roseira: artesanato em palha.

São José do Barreiro: "filé à Barreiro" e o artesanato da Serra da Bocaina.

São José dos Campos, com a Fundação Cultural Cassiano Ricardo: "ditodeitado" (uma espécie de pastelão de farinha de milho cozido e depois assado em folha de bananeira), uma oficina que ensina a produção de material em madeira, e um dos repentistas mais famosos do país, Ernesto Vilela. Um médico da cidade vai apresentar um trabalho de fitoterapia, com ervas medicinais usadas como condimentos.

São Luís do Paraitinga: pastel de angu e "fogado", e grupo de Folia do Divino.

Silveiras: desfile de tropa de burros, e artesanato da Serra da Bocaina.

Taubaté: será representada pela pesquisadora Maria Morgado, com uma extensa e bem cuidada pesquisa sobre a culinária tradicional da região, livro que vai estar autografando durante a exposição.

Ubatuba, com a Fundart: pescadores que escavaram canoas de madeira durante o evento, e peixadas típicas do Litoral Norte de São Paulo.

A Lira Silveirense fará apresentações no melhor estilo das bancas de coreto.

A Orquestra de Violeiros de São José dos Campos vai abrilhantar a missa cabocla de abertura do Festival Culinário do Vale do Paraíba.

Agradecemos divulgar esta iniciativa, que promete ser um verdadeiro encontro das pessoas com a sua própria cultura, a dança, a música, a comida, um encontro com outras pessoas e um encontro consigo mesmas. Acreditaram no evento e participam com apoio cultural as seguintes empresas: Petybon Massas Alimentícias, do Grupo Moinho Santista, sediada em São José dos Campos; Minalba Alimentos e Bebidas, que possui uma fonte de água mineral em Campos do Jordão; e Sebrae (Serviço de Apoio à Micro e à Pequena Empresa), escritório regional de Guaratinguetá.

Para maiores informações, fineza contatar o telefax constante do presente impresso.

Antecipadamente grato,

Joaquim Maria Botelho
Diretor
PALAS COMUNICAÇÃO SOCIAL

☒ ☒ ☒

São Paulo - SP, 28 de fevereiro de 1995

À Comissão de Folclore de Olímpia

Prezados Senhores:

Estou interessada em obter um exemplar do livro do Prof. José Sant'anna, intitulado O que é, o que é?, Caderno de Folclore I - Folclore Verbal.

Conheci esse ótimo trabalho na Biblioteca do Museu de Folclore, pois faço parte da diretoria do Museu e da Associação, e linguagem é assunto que muito me atrai no folclore. Além disso, meu neto de 6 anos já folheou o livro, copiou algumas quadrinhas e sempre me pergunta quando teremos o nosso próprio exemplar. Como não sei se está à venda nas livrarias em geral, resolvi escrever diretamente para Olímpia.

Aproveito para juntar um exemplar do meu A Vida Nossa de Cada Dia, que acredito seja interessante para a biblioteca desse Conselho e Comissão.

Aguardando sua resposta e colocando-me à disposição aqui em São Paulo, subscrevo-me

cordialmente,

DALVA SOARES BOLOGNINI

☒ ☒ ☒

São Luís - MA, 1º de março de 1995

José Sant'anna

Acuso o recebimento do ANUÁRIO DO 30º FESTIVAL DO FOLCLORE, realizado na cidade de Olímpia (SP).

Agradecendo a gentileza da oferta, apraz-me consignar minha alegria pela comunicação que me fez de que no Anuário do corrente ano de 1995 dedicará especial atenção e dará destaque ao folclore do Maranhão. Sensibilizada pela deferência ao meu Estado, desejo a V.Sa. crescente êxito no seu louvável empreendimento e, grata a V.Sa., subscrevo-me

Atenciosamente

ZELINDA M. DE CASTRO E LIMA

☒ ☒ ☒

Academia Piauiense de Letras

Ofício nº 37/95

Teresina - PI, 02 de março de 1995

Prezado Senhor
Prof. José Sant'anna

Apraz-me agradecer-lhe a remessa do "Anuário do 30.º Festival do Folclore de Olímpia", o qual fará parte do acervo bibliográfico desta Academia.

Sirvo-me do ensejo para apresentar-lhe protestos de alta estima e particular apreço.

MANOEL PAULO NUNES
Presidente

☒ ☒ ☒

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

Of. 137/95

Rio de Janeiro - RJ, 03 de março de 1995

Senhor Prefeito:

Valho-me do ensejo para desejar a Vossa Excelência os melhores votos de êxito em todas as suas atividades administrativas. Recebi da Comissão Coordenadora do 30º Festival de Folclore, um exemplar do respectivo Anuário, o repositório de admiráveis trabalhos de coleta e análise, somados a um amplo noticiário sobre o principal evento e demais assuntos que interessam sobremaneira à Folclorística.

Gostaria imenso que essa Municipalidade continuasse prestigiando as promoções que acabam de atingir a sua maioridade, isto é, os seus 30 anos, fato inédito e inaudito, em nosso País.

Este exemplo enaltece o Brasil e Vossa Excelência, na qualidade de Prefeito Municipal, está convidado a não deixar apagar a chama até agora tão bem alimentada pelo dinâmico Prof. José Sant'anna, Presidente da Comissão de Folclore de Olímpia e por sua equipe.

Com esperança de que Vossa Excelência continuará brindando a Cultura Brasileira com a sua colaboração, apresento-lhe os meus respeitosos cumprimentos.

PROF. DR. ÁTICO VILAS-BOAS DA MOTA
- Presidente -

Ao Excelentíssimo
Senhor JOSÉ CARLOS MOREIRA
Digníssimo Prefeito Municipal de Olímpia - SP

☒ ☒ ☒

São Luís - MA, 07 de março de 1995

Prezado Prof. Sant'anna

Foi um prazer tê-lo encontrado pessoalmente em São Luís durante o Carnaval. Pena que o tempo tenha sido pouco para trocarmos algumas idéias sobre interesses comuns. Espero que o Sr. tenha gostado da parte do Carnaval que viu em São Luís, que é modesto porém simpático.

Na oportunidade quero agradecer ao Sr., à Prefeitura Municipal de Olímpia, ao Departamento de Folclore

do Museu de História e Folclore de Olímpia e ao BRADESCO, a gentileza com que temos sido brindados na Comissão Maranhense de Folclore, recebendo regularmente suas publicações, especialmente o Valioso Anuário do Festival de Folclore de Olímpia. Tanto o do 29º festival em 1993, quanto o do 30º realizado em 1994. O material apresentado e realmente valioso e de grande utilidade.

Todas as publicações encaminhadas à Comissão Maranhense de Folclore são doadas à Biblioteca Rodão Lima do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, órgão da Secretaria de Estado de Cultura do Maranhão, onde se encontra sediada nossa Comissão de Folclore. Lá as publicações ficam mais acessíveis ao público estudioso e interessado. Lamentamos e pedimos desculpa se algumas vezes deixamos de acusar o recebimento de suas publicações e esperamos que este fato não se repita.

Parabenizamos o prezado confrade pelas atividades em prol do Folclore que são desenvolvidas na Cidade de Olímpia, Capital do Folclore e pelo elevado nível de suas publicações, que servem de modelo para outras Comissões Municipais e Estaduais.

Atenciosamente,

SÉRGIO FIGUEIREDO FERRETTI
Presidente da Comissão Maranhense de Folclore

☒ ☒ ☒

GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

OF. N.º 007/95-C.E.C./RN

Natal - RN, 09 de março de 1995

Exmo. Sr.
JOSÉ CARLOS MOREIRA
DD. Prefeito de Olímpia (SP)

Senhor Prefeito:

Por intermédio de escritores de São Paulo e outros Estados estamos sabendo que o Festival de Folclore de Olímpia, coordenado pelo Prof. José Sant'anna, poderá estar ameaçado em sua continuidade vitoriosa por falta de apoio incondicional das autoridades estaduais e federais.

Vimos apelar a V. Exma. para enviar todos os seus esforços no sentido de não permitir que um Festival de repercussão nacional, que há mais de trinta anos se realiza em Olímpia de forma exemplar - sofra qualquer solução de continuidade.

Olímpia dá exemplo memorável ao Brasil com a realização desse Festival de Folclore. Deixá-lo morrer seria um flagrante desmerecimento à cultura nacional.

Tendo participado de um desses Festivais, podemos observar o ingente trabalho ali desenvolvido pela valorização de cultura popular em São Paulo e no Brasil. Seu Boletim é contribuição inestimável aos estudos e pesquisas de folclore no Brasil.

Desta forma, respeitosamente, vimos solicitar a V. Exa. seu apoio integral à realização dos Festivais do seu município - pela extraordinária importância desse evento cultural.

Muito atenciosamente grato pela sua compreensão em torno do assunto, firmamo-nos com os protestos de alto apreço e agradecimento.

VERÍSSIMO DE MELO
Presidente do Conselho Estadual de Cultura

☒ ☒ ☒

Natal - RN, 10 de março de 1995

Ilustre Sr. José Sant'anna

Manifesto sincero agradecimento pelo recebimento do excelente anuário referente ao 30º Festival do Folclore de Olímpia.

A capa, com os demais anuários, é de muito bom gosto e o conteúdo rico, bem disposto e apresentado, é ótima contribuição ao estudo do folclore brasileiro.

Parabéns a todos os organizadores do festival e do anuário, em especial ao senhor. Que em 95 o evento continue sendo grandioso como tem sido.

ULISSES PASSARELLI

☒ ☒ ☒

Fundação Cultural Professor Mota

Of. 136/95

Macaúbas - BA, 11 de março de 1995

CORRESPONDÊNCIA

Do: Presidente da FUNDAÇÃO CULTURAL PROF. MOTA

À: Prefeitura Municipal de Olímpia - Estado de São Paulo

Assunto: Ressalta a importância dos Festivais de Folclore como grandes vetores de brasilidade.

Senhor Prefeito

Em nome desta FUNDAÇÃO e da pessoa do seu presidente, apresento a Vossa Excelência, e a todos os membros de sua equipe técnico - administrativa, votos de saúde, paz e prosperidade.

A finalidade principal deste ofício é chamar a atenção de Vossa Excelência para a relevância e alta significação dos trabalhos que, há três décadas, vêm sendo desenvolvidos em Olímpia/SP. Refiro-me, de modo especial aos Festivais de Folclore, muitos deles superdocumentados por meio de registros mecânicos sonoros e imortalizados nos respectivos Anuários, fontes preciosas para todo e qualquer estudo que se pretenda realizar no campo cultural brasileiro e jamais seriam obtidos de forma milagrosa ou de simples mão beijada. Tudo isso só foi possível graças ao idealismo, à força de vontade, à persistência e ao devotamento do Prof. José Sant'anna, personalidade invulgar, pois nunca soube deixar o arado no meio do campo, porque sempre pôde contar com a total compreensão dos olímpenses e de brasileiros de outros rincões que souberam ver no trabalho desse singular animador cultural o melhor exemplo para as gerações hodiernas e futuras.

Ora, algumas vezes, somos surpreendidos com hiatos de desânimo na carreira do Prof. José Sant'anna. Será que os responsáveis pelos destinos da vida pública de Olímpia atentaram bem para a importância do que esse confrade vem realizando a favor de nossa cultura?

O Brasil, infelizmente, é um país de cultura surgente e, portanto, muito vulnerável aos atropelos da modernidade nem sempre muito atenta para os verdadeiros valores da Cultura Nacional tão necessitada de nossa cooperação desinteressada.

Gostaria de chamar a atenção do ilustre executivo municipal para a ressonância do que hoje se pratica em Olímpia, com a esperança de que Vossa Excelência, na qualidade de principal condutor da vida pública local, reserve em sua agenda - preciosa fonte do progresso de Olímpia - um lugar de destaque para as atividades desse ilustre estudioso e animador cultural, no sentido de que todas as realizações por ele programadas não sofram interrupção, e sejam em progresso crescente, os melhores testemunhos da administração de Vossa Excelência que será lembrada nas futuras páginas da história da Cultura Brasileira, como um passo a frente, e nunca como simples gesto de retrocesso.

Valho-me da oportunidade para pedir a Vossa Excelência o seguinte: Faça tudo o que lhe for possível para que o próximo Festival de Folclore seja mais uma efeméride em favor de município tão caro a nossa afetividade e tão presente em nossa lembrança, pois várias vezes, pude verificar, in loco, ser Olímpia, mediante suas promoções culturais, a melhor mensagem aos demais recantos brasileiros para que não se perca a capacidade de cultivar o otimismo e a capacidade de lutar pelo bem comum.

Com a palavra sensibilidade de Vossa Excelência!

Respeitosamente,

PROF. DR. ÁTICO VILLAS-BOAS DA MOTA
- Presidente -

Ao Excelentíssimo
Senhor JOSÉ CARLOS MOREIRA
Digníssimo Prefeito Municipal de Olímpia
Estado de São Paulo

☒ ☒ ☒

Secretaria de Estado do Maranhão
Coordenadoria de ação e difusão cultural

OFÍCIO Nº 035

São Luís, Maranhão, 15 de março de 1995

Senhor Professor Sant'anna

Vimos pelo presente, agradecer a doação do "Anuário do 29º Festival do Folclore, viabilizada pelo Prof. Sérgio Figueiredo Ferretti, através da Comissão Maranhense de Folclore, para a Biblioteca Roldão Lima do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho.

Outrossim, informamos que a referida Biblioteca é especializada em Folclore e Arte Popular e é de grande importância às atividades culturais do seu Estado e em particular da sua Cidade.

Aqui, colocamos ao seu dispor, o nosso ainda pequeno acervo, para quaisquer informações, sobre a Cultura Popular do Estado do Maranhão.

Atenciosamente,

MARIA MICHOL PINTO DE CARVALHO

☒ ☒ ☒

São Luís - MA, 20 de março de 1995

Prezado Sant'anna

Envio-lhe a matéria que publiquei no jornal "O Debate", aqui de São Luís, edição de 19/3/1995, que diz aqui o que achamos de ti e de teu trabalho.

Um grande abraço

UMA VISITA ILUSTRE

No carnaval - sabe-se - as cidades ficam mais desatentas e levianas. Por isso, talvez São Luís não tenha recebido, com o carinho que ele merece, ao ilustre professor José Sant'anna que, nestes últimos dias de Momo, esteve em nossa cidade, acompanhado de nosso querido amigo Antônio Clemêncio da Silva.

O Prof. Sant'anna, como é comumente chamado, é basicamente, um estudioso. Se, por acaso, leciona direta ou indiretamente é por simples e inevitável evasão de conhecimentos. É mais ou menos como uma represa cheia: não há como reter o conteúdo por muito tempo.

Assim, o que é, de fato, é um estudioso. Saber e saber mais. Essa é a sua preocupação. E isso, não pela vaidade de saber, mas pelo prazer de conhecer. E conhecer, principalmente, o Brasil e seu povo.

Foi em Sant'anna que eu vi, pela primeira vez, o cuidado quase carinhoso na observância do português popular brasileiro, na sua forma real, considerando o que deveria ser e o que, na verdade é. E tudo isso apoiado na mais rigorosa ótica da etimologia e da semântica.

Foi em Sant'anna que eu vi - e isso há mais de 20 anos - a mais criteriosa preocupação antropológica na simples observação de uma roda de samba.

E foi tudo isso - e mais um amor exacerbado pelo Brasil e suas coisas - que fez com que, há 30 anos, Sant'anna criasse, em Olímpia, São Paulo, o Festival de Folclore, transformando essa cidade na Capital Nacional do Folclore.

Fez isso, ininterruptamente, nesses 30 anos. Às vezes com apoio oficial, às vezes sem apoio nenhum e, às vezes, com oposição. Mas fez. Sempre fez. Logo a cidade se apaixonou pelo sonho do poeta e se ofereceu como participante nessa realização. Hoje o festival é da cidade, mas todos sabem, e reconhecem, que sem Sant'anna todo esse sonhar seria muito difícil em realidade se tornar.

AMÉRICO AZEVEDO NETO

☒ ☒ ☒

Betim - MG, 7 de abril de 1995

Caro Prof. José Sant'anna e toda a sua equipe

PAZ E BEM

Mais uma vez fiquei agradecido por ter sido lembrado na distribuição generosa do anuário do 30º Festival do Folclore em Olímpia.

Só posso desejar que vocês por muitos anos possam realizar o Festival e a publicação dos seus resultados.

Quanto aos olhos: vai aqui um verso registrado em Pernambuco pelo saudoso colega Pe. Geraldo Leite. É um pedaço de um canto da Semana Santa:

Três pancadas dei na caixa
Outras três no coração
Me correu água dos olhos
Que fez um poço no chão,

Chora, olho, chora, olho,
Que chorar não é desprezo
Que a Virgem também chorou
Quando viu seu filho preso.

Um grande abraço com votos de uma Feliz Páscoa!

FREI FRANCISCO VAN DER POEL OFM.

☒ ☒ ☒

Taubaté - SP, 19 de abril de 1995

Ao Museu de História e
Folclore "Maria Olímpia"
A/c do Sr. José Sant'anna

A Divisão de Museus, patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté, instituição cultural sem fins lucrativos, vinculado ao Departamento de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal de Taubaté, possui uma biblioteca com cerca de vinte mil volumes, especializada, dentre outros temas, em Folclore nacional.

Recentemente chegou até o nosso conhecimento, a existência de uma interessante publicação realizada por essa instituição, que nos despertou interesse.

Trata-se da "Revista do Festival de Folclore", da qual soubemos através da Prof.ª Maria Morgado de Abreu, ex-funcionária em nossa instituição, atualmente já aposentada.

Tais publicações são de grande interesse, configurando um importante acréscimo ao nosso acervo bibliográfico.

Por esta razão, vimos por meio deste solicitar doação não apenas do exemplar mais recente, mas de todos aqueles que estiverem disponíveis para esse fim.

Na expectativa de sermos atendidos em nossa solicitação, antecipadamente agradecemos.

Atenciosamente,

PROF. ANTÔNIO CARLOS DE A. ANDRADE
historiógrafo

ARQ. JOSÉ ERNANI PEREIRA
chefe do D.M.P.A.H.

☒ ☒ ☒

CENTRO EDUCACIONAL COLMEIA

São Luís - MA, 17-5-1995

Sr. Diretor do
Anuário de Folclore - Olímpia

Tomamos conhecimento de uma publicação excelente sobre o Festival do Folclore de Olímpia e, considerando nosso interesse pelo folclore e cultura popular, pensamos em escrever recorrendo à equipe de edição.

Nossa escola realiza durante todo o ano letivo estudo de manifestações folclóricas da cultura popular do Maranhão. Este ano, resolvemos estender este estudo para os outros estados do país. Assim, é nosso interesse conhecer danças folclóricas de outros estados, especialmente as típicas do período junino.

De já agradecemos a atenção e nos colocamos à disposição do senhor para trocar experiências e informações.

Atenciosamente,
DEBORAH DE CASTRO LIMA BAESSE
diretora

☒ ☒ ☒

COMISSÃO PARAIBANA DE FOLCLORE

João Pessoa - PB, 5 de maio de 1995

Exmo. Sr. José Carlos Moreira
M.D. Prefeito Municipal de Olímpia

O interesse pelos estudos do Folclore vem crescendo consideravelmente, não apenas no nosso país mas também no exterior.

A cidade de Olímpia projeta-se, no cenário nacional e internacional, como um dos centros importantíssimos de estudos do Folclore e festas folclóricas, tendo realizado, com grande sucesso, 30 Festivais de Folclore, comemorando o seu "Jubileu de Pérola", contando com a participação do Prof. José Sant'anna e assessores, o apoio da comunidade e, com patrocínios da Prefeitura Municipal de Olímpia e do Banco Bradesco. Na realidade, os seus dirigentes vêm dando exemplos de verdadeiros "Mecenas" modernos, patrocinando a realização de análises desses eventos, sensivelmente enriquecidos pelos trabalhos apresentados por vários pesquisadores, pelas belíssimas fotos de grupos folclóricos, enfim, com excelente feição gráfica.

Efetivamente, os famosos Festivais Folclóricos de Olímpia constituem-se excelentes veículos de divulgação dessa cidade, no contexto dos municípios brasileiros.

Aproveitamos o ensejo, para agradecer o envio dos Anais do 30º Festival do Folclore, ocorrido em agosto de 1994 e desejamos a continuidade de sucesso para o próximo.

Com elevada estima e propósitos de intercâmbio cultural permanente, subscrevemo-nos atenciosamente,

ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL
Presidente da Comissão Paraibana de Folclore

FRANCISCA NEUMA FECHINE BORGES
Secretária da Comissão Paraibana de Folclore



Prefeitura Municipal de Olímpia
Estado de São Paulo

31º FESTIVAL DO FOLCLORE

Jubileu de Badana

A Capital do Folclore será eternamente grata

Não podemos ser omissos. Não podemos silenciar.

O **Bradesco**, na sua brilhante trajetória, continua difundindo a cultura, continua incentivando as atividades folclóricas, continua servindo com idealismo e fé, levando para os quatro cantos da Nação a defesa e difusão do folclore pátrio.

Olímpia é grata ao **Bradesco**

Por que **Olímpia** é grata?,
Por que é grata e por quê?
Porque só pelo **Bradesco**
É que se explica o porquê.

Realmente o **Bradesco** proporciona condições aos que estudam, que pesquisam, que observam, que procuram conhecer um pouco do nosso povo, da nossa gente e faz com que nossos trabalhos sejam presididos de entusiasmo e otimismo.

Entusiasmo para funcionar como força incentivadora de esforço e disposição para encetar novas empreitadas.

Otimismo para tomar consciência, de maneira positiva, das manifestações culturais do povo, a fim de estimular no sentido da continuidade.

O **Bradesco** está trabalhando para o Brasil.

Que Deus o ilumine e não lhe falte nas grandes caminhadas, como poderoso Guia. E, para seguir ortodoxamente no caminho divino, sua sede está chantada na Cidade de Deus.

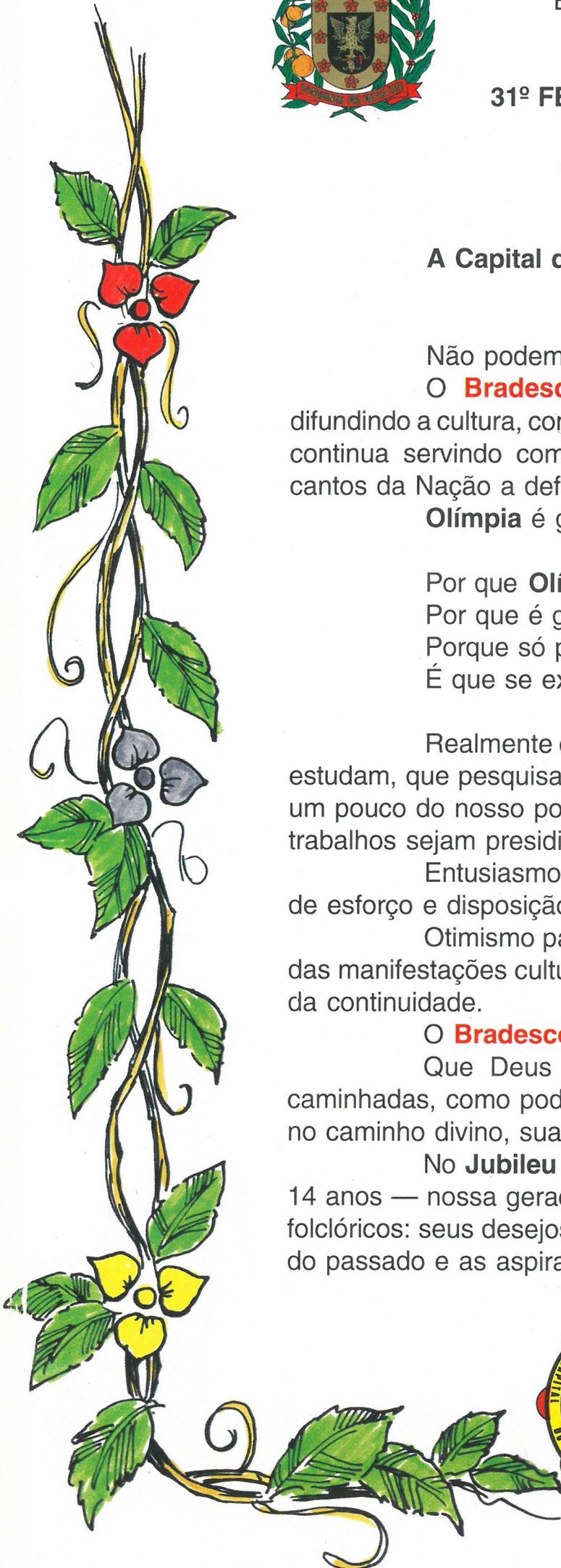
No **Jubileu de Chumbo** da colaboração **Bradesco** — 14 anos — nossa geração ainda pode ver a feição dos folguedos folclóricos: seus desejos e sofrimentos, suas expressões gloriosas do passado e as aspirações do futuro.

Olímpia, agosto de 1995.



José Sant'anna
Coordenador do Festival

Bradesco é cultura





Terno de Congada "Chapéu de Fitas" do Jardim Santa Ifigênia - Olímpia - SP

CONGADA

Congada, Congado ou Congo é folguedo de formação afro-brasileira, onde se destacam, de uma maneira geral, tradições históricas e costumes tribais de Angola e Congo. Somam-se influências ibéricas, tanto de ordem profana como religiosa. É reminiscência da antiga coroação dos "Reis do Congo" no Brasil e constam de um desfile "real", dançado e cantado, com coreografias e manobras guerreiras, principalmente com espadas. Muitas congadas apresentam, ainda, uma parte representada: as célebres embaixadas. Seus padroeiros principais são Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

A Congada de Olímpia, denominada Terno de Congada "Chapéu de Fitas", dirigida pelo capitão José Francisco Ferreira, cuja grande festa se celebra no mês

de maio, no dia 13 - Libertação dos Escravos - tem aparecido como bailado, e se resume no desfile cantado e dançado. É congada de fama e esplendor pela sua beleza. É rico o colorido das indumentárias que constituem um soberbo espetáculo cromático. Sobressaem os chapéus coloridos de flores e fitas ornados com um espelhinho, que devolve algum mau-olhado. En-

quanto dança, o conjunto executa música caprichada, ao som de violões, cavaquinho, viola, reco-reco, pandeiros, bumbos e sanfona. Muito entusiasmo, capricho e brilho.

Foto colhida no dia 21/8/1994, encerramento do 30º Festival do Folclore de Olímpia, por **Clodoir de Oliveira**, fotógrafo do Departamento de Marketing do BRADESCO - Osasco, SP.

"Graças à atividade dos grupos folclóricos, mantêm-se ou revivem preciosos costumes. Por isso, é nosso dever louvar aqueles que, com competência e dedicação, se prestam a auxiliá-los, a dirigir-lhes o esforço, a estimular-lhes as iniciativas, bem como todos aqueles que lhes oferecem diretamente a sua colaboração. Oxalá consigais abranger todo o alcance do vosso papel social: proporcionar aos homens, saturados de divertimentos tantas vezes falsificados e mecanizados, o gosto dum desafogo rico dos mais autênticos valores humanos."

Papa Pio XII
1953

Colaboração

BRADESCO